



DEZEMBRO

Avante Mulher!

Approxima-se o termino das injustiças vexatorias e acabrunhadoras da autocracia masculina.

Em verdadeiro extase vê a mulher des-pontar, em transparencia crystallina, a aurora refulgente do seu direito real na sociedade. Persuadidos da manifesta evidencia do egualamento da capacidade feminina e do seu real prestigio, revelado em grande intensidade na phase cruciante em que as fêras humanas se degladiaram, na maldade sanguinaria das suas ambições, sem um ideal dignificado, sem um alvo de beneficencia qualquer, alguns espiritos superiores pelo senso, pelo caracter, pela ponderação, impressionaram-se vivamente ante a grandeza excelsa do valor e da abnegação da mulher. Um vislumbre de justiça, um vestigio de remorso transpareceram então no confuso entendimento da parte *mais fragil* e impenitente da humanidade, alvejando por fim a aureola redemptora para aquella que, forte de espirito e altaneira de idéas, luctou, sempre soffrega e sedenta da sua liberdade, em pról da implantação do seu direito e da validade das suas acções.

E, enquanto o homem amesquinhado, aniquillado, confundia-se desvairado na carnificina inapulsiva que a sua infernal imaginação forjára, agitando indeciso o estandarte bruxoleante de uma paz ficticia e provisoria, a mulher victoriosa e sublime erguia-se soberana e altiva diante do mundo inteiro, desfaldando, intrepida, o padrão edificante do seu valor incontestavel. "La femme vaut bien l'homme, elle vaut souvent plus" bem diz J. Finot no seu excellent opusculo "Prejugé et Problème des sexes".

Não é sem fundamento que assim se exprime "Schopenhauer":

"O homem só tem um desejo absoluto — conservar a existencia, eximir-se a qualquer

dôr, a qualquer privação; o que quer é a maior somma possível de bem estar. é a posse de todos os gozos que é capaz de imaginar e que se esforça por variar e desenvolver incessantemente.

Qualquer obstaculo que surja entre o seu egoismo e as cobiças incita-lhe a raiva, a colera, o odio: é um inimigo que é preciso esmagar. Desejaria tanto quanto possível gosar tudo, possuir tudo, não o podendo quereria pelo menos dominar tudo: tudo para mim, nada para os outros — é a sua divisa. O egoismo é colossal, o universo não pode contel-os.

A mulher hodierna não é mais a que geitosamente amoldou o homem ás suas phantasias e necessidades tornando-a servil, pusillanime, inapta, inerme e irracional até.

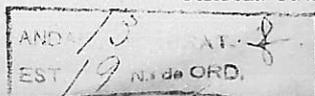
A mulher hodierna é a reacção viva e inevitável dos dominios desorientados e violentos, é a reivindicadora energica e resoluta de um passado humilhante e angustioso.

Que venha de logo o direito da liberdade que necessita e que se impõe; que cesse de vez essa tutoria persistente e intoxicante que a opprime e asphyxia!...

Avante, pois, mulher, avante! Deixae aos vossos infantigaveis antagonistas o material incisivo e mortifero do seu egolatrismo imperante e impenitente; luctae sempre com discrição e tenacidade empunhando as armas vehementes da vossa fidalguia, sem odio, sem hostilidade, sem immoderação e, como um facto consummado e necessario, vereis conquistado em breve praso, o vosso direito social com o triumpho da vossa personalidade!

Bahia — Outubro de 1922.

PRAGUER FRÔES.



BIBLIOTHECA DA REVISTA FEMININA

As nossas leitoras e assignantes não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias na estante de uma senhora. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, curiosas, altamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluido o registro do correio.

Acceptamos, pois, pedidos das seguintes obras:

ESCRAVA OU RAINHA, lindo romance publicado nos paginas da "Revista Feminina", e que tanto exito alcançou. E' edificante pela concepção altamente moral, e ao mesmo tempo delecta o espirito pela sensação, cada vez mais crescente, dos seus episodios. O entrecho desse magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa suavemente arrastar através das suas paginas, vivendo a vida dos seus personagens e transportando-se para o logar onde a acção se passa. E' uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume nitidamente impresso. — Preço 4\$800.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta 16 traduccões, para quatro idiomas, o que fãe bem em evidencia o seu valor. E' um romance moral, e cujo enredo decorre de uma maneira empolgante. Um volume preço 4\$800.

COLLECÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA FEMININA", referentes aos annos de 1918, 1920, 1921 e 1922. As pessoas que não collocionam a nossa revista ou aquellas que têm a curiosidade de conhecê-la, devem adquirir as nossas collecções, que formam grossos e luxuosissimos volumes encadernados em percaline a cores diversas com dizeiros a letras douradas. Volumes proprios para presentes de anniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê de sua variada e interessantissima leitura. — Preço 2\$800 cada collecção.

NOVA SEIVA, o melhor livro de contos que ha para creanças. Contos instructivos, interessantes pelo enredo, e escritos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume "in-quarto", encadernado, com varias centenas de nitidas e graciosas gravuras. Edição luxuosa propria para presentes ou para premio ás creanças estudiosas. — Preço 6\$800.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e luxuosissima polyanthia offercida á Superioria Provincial das "Irmãs de S. José de Chambéry". Precioso volume, de cerca de seiscentas paginas, cheias de lindas gravuras impresso em finissimo papel glacé. — Preço 1\$800.

A ESPOSA DO SOL, romance de Gastão Leroux, traduzido pela distincta patricia Nykota Sampaio, que vem despertando ruído successo, graças ao seu estylo e enredo. A traducção feita rigorosamente estylizada é simplesmente impecavel e põe em evidencia os meritos da intelligente patricia. Gaston Leroux é um nome universalmente conhecido e a sua obra "A Esposa do Sol", recommenda-se principalmente as familias, pelo seu alto conceito moral, de modo que pôde ser lido sem escrupulos. Vende-se nesta redacção; — pelo correio, registado 5\$500.

A JANGADA, linda comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registada, 3\$800.

AS SENSITIVAS, magnifica comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registada, 3\$800.

HELOISA. Este romance de d. Augusta Franco de Sá vem fazendo um ruído successo, mercê do seu estylo claro, da curiosidade que o seu enredo desperta e de numerosos episodios que se passam em Paris, Londres, Roma e outras capitães. Heloisa, é uma creatura perversa filha

mã, cheia de odios e intrigante, vai pouco a pouco perdendo esses defeitos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem não se deixe impressionar fundamente ao ler este romance.

E' um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e solida encadernação. E' um livro proprio para apresentar uma moça.

Um volume, 6\$800. Pedidos nesta redacção.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. E' este um dos romances mais interessantes da grande escriptora allemã baronessa Ferdinande von Brackel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha episodios de amor tratados com tal profundidade, que deixam n'alguns recordações inapagaveis. O enredo é cariosissimo, e todo elle baseado na vida real.

A traducção portugueza é excellente.

Um grosso volume de cerca de 300 paginas, lindamente encadernado e nitidamente impresso, proprio para presente, 6\$500.

Pedidos nesta redacção.

O IAR, lindo romance de Paulo Keller. Somente o nome do seu autor é o sufficiente para impôr, dada a sua vasta notoriedade na Alemanha, sua patria e em todo o mundo onde os seus trabalhos têm sido traduzidos. A traducção portugueza de Justino Mendes é bem cuidada e representa fielmente o pensamento do romancista. O seu enredo simples, attraente é bastante commovente. Encadernação luxuosa, preço pelo correio, registado, 4\$800.

AVENTURAS DE UMA ABELHA. Este precioso livro, de Waldemar Bourel, alcançou na Alemanha cerca de 400 edições, e traduzido por Humberto Kohden, vem despertando um ruído successo. E' uma obra recommendada não só como um compendio de moral, como tambem uma obra didactica de alto valor. Linguagem clara, accessivel ás crianças. Como o seu lindo titulo indica, é o desdobramento de uma série de aventuras pelas quizes passamos uma abelha que se põe a correr mundo. Volume luxuosamente encadernado, preço 4\$800, registado pelo correio.

O TERROR DO REI. Romance da Baronesa von Kran, (Anna). Um das mais bellas romances; instructivo, recreativo e de uma moralidade incorruptivel. "O terror do rei" transporta o leitor aos tempos de Herodes, o sanguinario soberano da Gallicia, nos primeiros annos da era christã. Recommendam-se principalmente ás familias pelo seu alto conceito moral, de modo que pôde ser lido sem escrupulos e de um enredo cariosissimo. Elegante volume, com uma rica encadernação, pelo correio, registado, 4\$800.

A CASA ASSOMBRADA, notavel trabalho do jesuita P. Francisco Finn, S. J., que vem causando o mais justo successo, graças ao seu estylo claro e ao modo curioso que despertam numerosos episodios. Livro de grande moral de empolgantes suggestões e fundamente impressionante. Traducção portugueza de Humberto Kohden, escrupulosamente feita. Um bello e luxuoso volume 6\$800, remetido registado pelo correio.

JOSEPHINA, é um lindo romance de Franz von Seeburg, traduzido para o portuguez por Lyrio do Valle. De um modo empolgante, contem essa bella obra paginas da mais escrupulosa moral e de suggestões que bem aproveitadas, servem para pôr de alacai muitos espiritos que se deixam influenciar pelo meio. E' um dos melhores romances editados presentemente e mesmo podemos affirmar, indispensavel em uma estante dos gabinetes de leitura das nossas casas. A traducção, feita rigorosamente, estylizada, é simplesmente impecavel e põe em evidencia os meritos de Lyrio do Valle, nome bastante conhecido entre nós. Artistico volume, luxuosamente encadernado, 5\$800, registado pelo correio.

SUNSET

AS MARAVILHOSAS TINTURAS QUE, NUMA OPERAÇÃO RÁPIDA, TINGEM QUALQUER TECIDO EM QUALQUER MATIZ.



PRODUCTOS SIMILARES TÊM IMITADO NA FORMA E NO PREÇO, POREM NUNCA SE APPROXIMARAM DA QUALIDADE DO "SUNSET".

NÃO INUTILIZE SEUS VESTIDOS FAZENDO EXPERIÊNCIAS COM PRODUCTOS INFERIORES COMPRADOS POR MENOR PREÇO. TENHA CUIDADO, EXIJA SEMPRE O VERDADEIRO.

NÃO FAÇAS EXPERIÊNCIAS COM A VIDA DE VOSSOS FILHOS

DAE · LHES



Evita muitas das dificuldades inerentes á alimentação das creanças.

Facilmente modificado para atender ás peculiaridades de cada creança.

Um poderoso estimulante da produção de leite, para as mães que amamentam.

Um alimento sem igual para creanças doentes ou anêmicas, robustecendo-as durante o periodo de crescimento.

Um alimento seguro e de toda a confiança, aconselhado pela classe medica ha mais de trinta annos.

Unicos Agentes para o Brasil:

Pauli J. Christoph Company

Rio de Janeiro,
Rua da Quitanda, 115.

São Paulo
Rua São Bento, 45.

BACILLO DA LOUCURA

Sonhei; e no meu sonho eu era anatomista,
Mui cuidadoso e sério,
Escalpava um corpo em vasto necroterio,
Como perfeito artista.

Tratava-se dum moço, o qual ficara louco
Sem motivo aparente;
Rico, estimado, forte e talentoso um pouco,
Tornou-se, de repente,
Misanthropo, revel, calado, pensabundo,
Tendo febre no olhar;
E se poz a viver qual vive um vagabundo.
Dormindo á luz do luar.

Os orgãos separei-lhe, e no cerebro inchado,
Naquella massa impura
Sangrando em partes mil, julguei ter encontrado
A causa da loucura...

— Esses poros de sangue exprimem muitas dores,
Queixumes em repressa,
Pensamentos cruéis e contrações de horrores,
Infundavel tristeza,
Mas, o germen do mal, sem duvida ha de ser.
Nesta chaga de rosa,
O nitido perfil que vejo, esta formosa
Imagem de mulher!

FIRMO ANTONIO

ANJO ENFERMO

Para Targino e Noiv.

Padece a linda e candida creança
Presa ao leito de dor e de agonia...
A molestia cruel, prosegue, avança,
Indifferente e fria.

Desertaram do lar — o doce ninho —
O encanto, o prazer...
Fenceram as rosas, mas, o espinho
Existe — o do soffrer.

O triste pae, em lagrimas banhado.
Com amoroso geito,
Aperta, docemente, contra o peito
O corpinho febril,
Do filho idolatrado,
Tão meigo, tão gentil,
E, agora, tão desfeito!
Comprehendem aquelles que são paes,
Seu amargo tormento.

Sobre as pallidas faces maternas
Corre o pranto de dor...
E a joven mãe — a voz como um lamento,
Dirige-se ao Senhcr;
"O' suprema esperanza de minh'alma,
Amigo e Protector dos pequeninos,
Curae o meu Djalma!
Olhos misericordiosos e divinos
Vêde a minha afflicção!

Não transformeis um berço em atáude,
As flores em cypreste,
Sagrado coração!
Tantos anjos no Céu! deixae-me este!
Como um favor celeste,
Concedei-lhe a saúde!"

.....
Grande poder do amor! Grande poder da prece!
Salvou-se a creancinha. O anjo convalesce.

Affonso Penna, 26-3-922.

HONORINA GALVAO ROCHA.

SAUDADE

(A' minha mãe, no 20.º anniversario de sua morte)

Fallece a tarde. No horizonte infindo,
Que o arrehol tingiu de viva cor,
Surge uma estrella e o plenilunio lindo
Sobre a Natura espargue tenue alvor.

E eu que no peito vinha já sentindo
De atroz saudade, tetrico amargar...
Fitei a estrella que no céu luzindo,
Me saturava de extranha dor!

Daquella estrella que esquccer não pude,
Será que minha mãe me contemplava
Com terno amor e com solicitude?...
.....

Inexhoravel morte — anjo trahidor —
Que arrebatste o ser que tanto amava...
De minha mãe a vida, o doce amor!

S. José da Matta, 29-7-921.

C. S. DE CASTRO LIMA

QUERER BEM

Querer bem é velar eternamente
A' sombra de um castello demolido,
Rogando a Deus, em uma prece ardente,
Por quem o peito nos deixou ferido.

Querer bem é pensar, a sós, silente,
No destino de um ente estremecido,
E' idolatrar uma alma indifferente,
E' crêr-se bem feliz, desilludido.

Querer bem é o phanal da santidade,
Um sorriso no campo da tristeza,
Um soluço da grimpa da saudade.

Querer bem é sentir alheia sôrte,
E' amor, amor penumbra, amor nobreza,
E' ó verdadeiro amor, o amor do forte!

FRANCISCO FABIANO ALVES

SANTA

Quando ella passa todo o mundo para,
E estatico de pasmo e de doçura,
Os olhos crava nessa estrella rara,
Nessa esgalga e divina creatura.

Quando ella passa — fresca illumina
Sorrindo sempre desta vida amara,
Quando ella passa, branca, da bancrura
Do marmore precioso de Carrara,

Toda a gente invejosa diz: Demonio,
E ella passando vae serena e linda,
Sem um rasto deixar, como o favonio.

Então, eu, sob o amor que me supplanta,
Smente eu, que a amo com loucura infinda,
Digo em surdina e com respeito: Santa.

FRANCISCO FABIANO ALVES.

Amor heroico

M. ME THIERRY.

Quando, depois de tantos dias de inconsciência, Jacquelina se sentiu reviver, seu olhar enfraquecido dirigiu-se machinalmente para a parede em frente a cama e extranhou qualquer cousa.

Primeiramente, como estava fraca, nada compreendeu. Depois, a realidade se lhe impoz: Seus olhos, a cada despertar, se tinham acostumado a mergulhar nesta profundidade dos espelhos, creadores de illusorios espaços. Agora, apenas a parede. Um lugar oval mais escuro em cima da commoda, marca o lugar antes occupado. A's perguntas da moça, sua mãe respondeu que o cordel, gasto, se tinha partido.

— Os espelhos quebrados trazem desgraça, suspirou Jacquelina.

— Desta vez o presagio mentiu, querida, pois que estás curada.

— E' verdade... Sinto-me melhor...

Mas eis que, virando-se, outra cousa lhe chama a attenção: O armario de espelhos de tres partes, aonde antes se reflectia a cama, foi afastado. Desta vez, Mme. de Juvier não espera a pergunta da filha.

— Teu armario mudou de lugar. Uma idéa de tua enfermeira, que o achava incommodo.

— Estive muito doente?

— Sim, perigosamente, minha filhinha.

E, fingindo ralar, enquanto os soluços lhe estremecem a voz, Mme. Juvier continuou:

— Não me consolo por ter cedido, creança caprichosa, quando á primeira ameaça de epidemia te recusaste a vacinar novamente.

— Nos primeiros dias ouvi falar em varicella.

— Para não te aterrorizar. Mas desde que estás fóra de perigo...

— A variola! Um tremor apossou-se do pobre mocinha. Com gesto mal seguro, levantou as mãos para o rosto.

— Deixa, supplica a mãe! Tens ainda... Não estão completamente cicatrizadas... Com docilidade, Jacquelina abaiçou as mãos. Olhou ainda o armario afastado, a parede nua em frente a ella, e se poz a chorar: comprehendia emfim!

— Minha querida! minha adorada filhinha, tem paciência, o que sentes? Acalma-te. Vaes assim comprometter a cura? Jacquelina! Por tua mãe... pelo amor de Pedro?

— Ah! Pedro!... Pedro! gemeu a moça através das lagrimas.

— Teu noivo veio todos os dias, recommçou Mme. Juvier. Apesar de todas suas supplicas, não commoveu teu pae que se oppoz a que elle entrasse em teu quarto.

— Papae teve razão... Calou-se e fechou os olhos. Dentro de poucos minutos parecia adormecida; com precaução Mme. Juvier deixou o aposento. Então, Jacquelina estirou fóra as cobertas. Cambaleando, com a agonia de vertigem que se apossava della, deixou a cama. Agarrando-se aos moveis, conseguiu chegar deante do armario de espelhos, tão cuidadosamente afastado. Um minuto — que longo! — contemplou seu rosto inchado, costurado, horrivel! Turbou-se-lhe a vista, estendeu os braços e cahiu pesadamente ao chão.

*
*
*

— "Meu pobre amigo; com o coração dilacerado, obedeço a minha infeliz filha, e lhe peço que não procure mais vel-a. Jacquelina sabe agora o que a molestia fez deste rosto que tanto lhe agradava. Recusa-se ella a um casamento que só por piedade seria realiado. Eis o que estou encarregada de lhe escrever e, apesar do que soffro vendo

a dor da minha querida, approvo-a. O mal foi excessivamente cruel. Eu mesma — sua mãe — não posso olhar, sem estremecer, esta physionomia devastada. Os medicos são unanimes: o tempo não trará senão uma pequena melhora ao seu aspecto. Não venha mais, Pedro! Jacquelina quer ficar bella em seu pensamento; vencer sua resolução, não conseguirá nunca, e eu, dei minha palavra que não o receberia."

Pedro soluçava. Seu amor, seu enorme amor, ha pouco triumphante, recusa-se a perdê-la. Elle acaba de voltar á casa, de encontrar esta carta tão cruelmente justa; o envelope, aberto, acha-se na escrevaninha. Mme. de Juvier, na sua perturbação, esqueceu-se de lacral-a.

Intacta... Eis que reparando isto, um pensamento o penetra, tão terrivel, que elle o repelle com uma revolta de todo o seu ser. Mas o pensamento, o seu pesar, impõe-se. Numa moldura, a brilhante reprodução de Jacquelina sorria, e parecia dizer: "Tal como estou aqui e me quizeste, é preciso que continues a me amar sem admittir o que sou actualmente. Teu coração é fraco assim?"

*
*

— Como sois boa, por terdes vindo, Madame! Recostado na poltrona, Pedro estendia as mãos á Mme. Juvier.

— Quantas desgraças! Meu Deus! Como-lhe aconteceu isto?

Uma tira branca cerca a cabeça de Pedro, cobrindo todo o alto do rosto. Com uma voz em que estremece uma alegria dolorosa, elle conta:

— Oh! Foi muito simples. Uma experiencia com polvora tendo o cigarro descuidadamente acceso; tenho os olhos queimados. Nenhuma esperanza de cura...

— Mas é horrivel!

— Eu vos chamei, respondeu o ferido, para vos encarregar de uma penosa incumbencia. E' preciso dizer á Jacquelina que eu devolvo a sua palavra, não a posso condemnar a desposar um aleijado... Dizei-lhe que nunca deixarei de a adorar, que sua lembrança illuminará minha escuridão. Guardarei della a eterna impressão que me encantou, tão linda, e alegre... dizei-lhe, e que eu a vejo ainda, não vejo senão a ella.

— Pedro! Tenho a certeza que Jacquelina ainda o querera mais, agora que é infeliz... mas, não recebeu minha carta?

— Vossa carta?... ah! sim... O que continha? Vede-a... deve estar na escrevaninha. Não a abri... o accidente deu-se antes que pudesse saber o que dizia.

— O accidente?... repetiu Mme. de Juvier.

Elle conservava o envelope, e immediatamente uma cousa chamou-lhe a attenção; collando-o de novo, Pedro não teve o cuidado de conferir si o carimbo do Correo estava certo e assim uma metade ficou distante da outra. E ella ao reparar nisso quasi exclamou: — Oh! que mentira. Elle leu esta carta, e para que Jacquelina pense que para si, ella será sempre o que foi, para que ella possa ainda ser feliz, por amor della sacrificou mais do que a vida!"

Mas Mme. Juvier calou-se! Cumplice da mentira sublimada, piedosa e maternalmente, beijou o rosto do cego e disse somente:

— Como terá ella que amal-o agora!...

(Trad. de Cecilia Trompowsky).

NOVA SEIVA

UM LIVRO INTERESSANTE — A MORAL NA ARTE

CONTOS

COMEDIAS

MONOLOGOS

RECITATIVOS

É o mais interessante, é o mais util, é o mais instructivo dos livros destinados ás nossas escolas.

"Nova Seiva", é uma linda collecção de novellas moraes e recreativas, é a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos affirmar sem temor de engano nem medo de sermos immodestos, que a "Nova Seiva" é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jámais tiveram similares no paiz.

A literatura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a rectidão do character, perverte a arte da linguagem. E os brasileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidado, pelo seus pedagogos, da organização de livros da especie deste que hoje annunciamos; entre nós esse cuidado falhou e é por isso que nos nossos lares, o que se lê, são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não são os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Aleitada com taes trabalhos, a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitos em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executados, mais pareciam garranchos e borrões.

"Nova Seiva" é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos cuidadosamente escriptos são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Paim, é uma esplendida trichromia, executada por mão de mestre.

Além de contos e novellas, contém o livro monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamãe amorosa, ao vêr o seu terno filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá, bellas historias, com sua vozinha clara e ingenua; o bem que d'ahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

Se os contos da "Nova Seiva" são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

A edição é da "Revista Feminina", que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes tem merecido.

De resto "Nova Seiva", pela correcção da linguagem, pelo interesse que despertam os seus contos e novellas, pela graça das suas narrações, pelos ensinamentos que contém, é um livro que pôde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

Preço: 5\$000 — Correio, registrado, mais 1\$000

Peçam á "Revista Feminina" a "Nova Seiva". Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.

Preparados que se vendem nesta redacção

DIGESTIVO PICARD é um tónico digestivo incomparavel em todas as formas da dispepsia. Produz bem-estar gastro-intestinal em todos os casos de má digestão, azia, prisão de ventre, acidez, má halito e outras enfermidades do tubo digestivo. É de resultado absolutamente eficaz.

Vende-se nesta redacção. Um frasco, 68000, registado pelo correio.

RECEITAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS. Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, usando, principalmente para os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismuto, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens, que só mais tarde são percebidas. As tinturas americanas tem por base o sulfato de camium e o sulphidrato de ammoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvície. As tinturas com base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção toxica, lenta e fatal. Ha, porem, alguns productos vegetaes innocuos que, infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se póde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a Petalina, com a qual se póde obter, graduando as cores, todos os tons, do castanho claro ao negro azeviche. Infelizmente esse producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente só pode vir com difficuldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podem obtel-a por intermedio da nossa "Revista", enviando a importancia de 10\$000 e mais \$500 para a remessa.

PASTILHAS AMERICANAS DO DR. MALCOM — O maior prodigio do especifico moderno — A cura tricacica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em mtubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhe eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros productos que custam aparentemente menos: são porem vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a reptir a despeza cada semana. Demais as *Pastilhas Malcom* não são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Tratad-se de um producto de medico, preparado com todo escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverião ser empregadas: Rachitismo, má dentição de crianças, pernas tortas (das crianças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as **PASTILHAS MALCOM** são extraordinarias, e temos em nosso poder centenas de atestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescência das molestias debilitantes e para o uso continuo de pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exarientes e que necessitam de phosphoro, bem como para a fraqueza de qualquer outro orgão.

Durantes o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da criança. — Preço: Tubo de 100 pastilhas, 20\$000 — Dose: — Para adultos; começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como o cansaço cerebral, fraqueza dos mecos é bastante metade da dose acima. — Para crianças: Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para crianças de mecos de 4 annos, começar por 1/2 pastilha e continuar por uma. Pedidos á "Revista Feminina". — Avenida São João, 87-altos. — S. P. Mig. Drugg. Co.

NOS TOUCADORES ELEGANTES. Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o creme **BERMINA**, ultima palavra, em materia de creme para amaciar a pelle e para curar **INFALIVELMENTE** todas as erupções de pelle, espinhas, cravos, manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Chegam-nos diariamente atestados entusiasticos de sua efficacia. — Podemos enviar ás nossas leitoras, por \$3000 um pote. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de \$500 réis para o porte do correio.

Avenida São João N.º 87 — São Paulo

MAGNESIA CARMINATIVA, é o mais energico preparado para combater a acidez do estomago. De effeito rapido e seguro, ainda tem a vantagem de não contribuir para as dilatações, tão communmente provocadas pela quasi generalidade dos anti-acidos. Preço 7\$000, registado pelo correio.

PASTILHAS RINSY, especifico ideal para todos os incommodos dos rins e outras molestias derivadas do seu mau funcionamento. Preço \$3000, registado pelo correio.

DYSPEPSIA, maravilhoso preparado americano para a cura da dyspepsia e excellent preventivo contra todas as molestias intestinaes provenientes da insufficiencia gastrica. Pelo correio, registado, preço \$5000.

COMPOSTO RIBOTT, é universalmente conhecido. Dispensa toda e qualquer apresentação, pois como é um fortificante geral não ha outro. Preço \$5000, registado pelo correio.

CONSELHOS MEDICOS

A QUEDA DOS CABELLOS

Corre como certo, como demonstrado que a queda do cabelo é uma enfermidade para a qual não ha medicamento eficaz. A experiencia vem, de ha muito, provando isso. Mas não. São multiplicas a doencas do couro cabeludo, apontando-se como as principaes a pellicula, a alopecia, a caspa, a seborrhéa, a tricophytia, a folliculite, a tinea e a sycose. A mais commun é a seborrhéa, que se enfraquecendo o bulbo piloso, fazendo progredir, dia a dia, a calva. Mas tanto a seborrhéa como as demais enfermidades são

curaveis. Ha um especifico que aconselhamos ás nossas leitoras, cuja efficacia tem sido innumeradas vezes comprovada: É o *Piogênio*, do chimico brasileiro Francisco Giffoni. Trata-se, não de tónico vulgar, como ha muitos por ali, annunciados em jornaes e placards vistosos, mas de uma verdadeira descoberta. Claro está que um individuo deprimido pelo lymphatismo, pela anemia, pela chlorose, pela cachexia, pelo arthritismo ou por affecções do systema nervoso é em vão que tentará obstar a queda do seu cabelo por meio de loções. Nesse caso é aconselhavel o *Vinho Biotônico*, rico em phosphatos biologicos, todo organico e tónicos vegetaes; e juntamente com esse vinho deve-se usar o *Piogênio*.

Doenças do Utero e dos Ovarios

E o meio seguro de combatel-as

MUITAS senhoras, nos seus trabalhos domesticos, nas suas lides caseiras, se sentem, de repente, atacadas de cansaço, dôres nas cadeiras, nas costas, nas pernas, peso na cabeça, perturbações da vista, dormencias, palpitações do coração, dôres no ventre e no estomago, sem que possam atinar com a origem de tantos males que as acabrunham. Não conhecendo a causa de taes padecimentos, as senhoras os attribuem logo a fadigas phisicas ou a excesso de trabalho. Entretanto, não é assim. Todos esses males provêm de uma cousa unica: Doenças do Utero e dos Ovarios.

O uso d'A SAUDE DA MULHER é o melhor tratamento que uma senhora pôde fazer em beneficio do Utero e dos Ovarios todos: esses padecimentos desaparecem.

A Saude da Mulher

que ha 15 annos vem confirmando as suas extraordinarias virtudes therapeuticas, é um remedio seguro para as flores brancas, as colicas uterinas, as hemorragias uterinas, as suspensões, as regras dolorosas, a falta e a escassez das regras, o rheumatismo tão commum na idade critica e nas senhoras arthriticas, emfim, todas as doenças do Utero e dos Ovarios.

Assinatura annual para todo o Brasil 16\$000
Assinatura com registro 20\$000
Idem para o estrangeiro 30\$000

Revista Feminina

Redacção
AVENIDA S. JOAO N. 87
Primeiro andar
Telephone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcoverde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO IX

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1922

NUM. 103

DEZEMBRO

Dez annos de vida... De luctas continuas e sacrificios, de esperanças e desillusões, de esforço e abnegação, de conquista e victoria! Animadas por uma ferrea vontade de vencer, vontade inspiradora e dignificadora das grandes causas, transpuzemos barreiras difficilissimas, obstaculos tremendos, impeditos colossaes e eis nos chegadas ao decimo anno de publicação, com uma bellissima copia de laureas, na defesa e propaganda de um ideal nobre e elevado qual é o programma da "Revista Feminina", traçado pela inolvidavel Virgínia de Souza Salles.

Dez annos de vida... Para quem conhece a marcha e o desenvolver de uma imprensa como a nossa e que portanto pode avaliar a somma de energias dispendidas e os sacrificios empregados, por certo se admirará da maneira pelo qual se manteve este organo, desde o seu inicio, modesto, mesmo um modesto e grandioso no presente, revelação maxima do esforço da mulher brasileira e que ainda muito promette para o futuro.

Sem duvida podemos affirmar ter atingido o maior expoente do jornalismo brasileiro. Jamais uma revista nacional se apresentou tão bella e tão rica como a que temos o prazer de oferecer ás nossas patriotas. Si no Norte America ou na Europa as suas congêneres têm a vantagem de apresentar um material graphico mais perfeito, o que ainda é bastante contestavel, entretanto nunca deram um exemplar tão rico de materia escolhida e mais pleno de ensinamentos úteis e preciosos.

Leitora amiga. Está em suas mãos uma verdadeira encyclopedia; folheia de principio a fim, encontrará innumeras secções, e querer uma delias é um repositório completo no genero; tudo nella é seleccionado e vasto, servindo em qualquer tempo para a consulta. Orgulhosamente apresentamos a mulher patriota um trabalho digno de sua cultura e opeiosidade.

É uma victoria e não pequena, porém não esmorecamos em nossa labuta; não sejam esses louros colhidos que encandeando os nossos corações venham impedir o caminho do progresso material e intellectual da "Revista Feminina", fazendo esquecer que a nossa jornada ainda não está terminada e que muito ainda temos que trabalhar, preparando e alargando a estrada que nos levará á conquista final.

Vencemos! Sim, vencemos, amparadas pela sympathia da mulher brasileira que pressurosa se dispoz a nos auxiliar nesta campanha ardua. Hoje, mais que nunca temos a satisfação de constatar que o trabalho heroico de Virgínia não foi inutil e que a boa semente medrara, florida e pujante na terra barrada da boa causa. E, da a dia a sua obra crescia avolumou-se, deitou raizes, ramaria e hoje é grande, forte e potente, qual o carvalho de Zeus que affronta borrascas e desafia zandaras.

Do alto da nossa alcova, que hoje assignala com mais um marco luminoso o caminho por nós trilhado, é com intenso jubilo que entre nós mesmas, entre as paredes desta casa de trabalho, commemoramos as agruras e contrariedades passadas, o affecto e as compensações que sempre nos acompanharam e nos deram animo durante a penosa batalha de dez annos.

É bem verdade que não lutamos sozinhas; muitas meras são as patriotas que nos auxiliaram toda a via da abnegação o esforço exaustivo das nossas companheiras, que espalhadas por todo o Brasil trabalham pela diffusão da "Revista Feminina". A essas dedicadas amigas devemos nós, ao melhor, a deve a mulher brasileira a maior parte das conquistas alcançadas. É mesmo commovente o seu interesse carinhoso em pró da causa comarica e não moendo sacrificios, vão de lar em lar fazer propaganda da Revista e defender o seu programma. Já estas os nossos melhores amateiros.

Plenamente correspondendo a expectativa que se a de todas as assignantes e leitoras quando promettemos para o Natal de se achar um escripto completo dos mais bellos e preciosos ensinamentos, alhinho á riqueza, ao luxo e a phantasia, o útil, o pratico e o recreativo. Innumeros são os sacrificios, patrioticas as despezas, formidáveis as despesas feitas para a confecção deste numero do Natal e Contorno.

Pois bem; a todas as possivel que nos lerem e que se interessam pela boa causa da mulher patriota, pelas suas honrosas tradições, verdadeiro apanajão de gloria, lancamos um apello para nos auxiliar nesta lucta até a conquista final, e esse auxilio consiste tão somente que cada uma se lembre de engrajar pelo menos uma assinatura entre as suas amigas. Isso feito, teremos quasi que resolvido o fim que logramos alcançar. E depois, mais um pequenino esforço, de nossa parte, eis tudo vencido.

PREÇO DESTE NUMERO — 8\$000

Um factor de incultura

Com a estação estival augmenta, a meu ver, o perigo de um funesto factor de incultura publica, que seculares os maiores escriptores dos espiritos mais dedicados.

Sua influencia a descobrimos onde quer que nos detenhemos a observar um pouco, em todos os tempos, ainda que, como acima deixamos expresso, o verio é a estação que maior campo de acção offerece.

Nos theatros, como nos lojas e passagens das ruas, e até mesmo nas salas das crendas, esse factor penetra sob o encanto da arte que o criou, da curiosidade que desperta e até da occasião que offerece para passar as horas mortas do descanso. Sabe accommodar-se em todo o luxo de talheres accessorios ou sem humilde ingenuidade pastora; vigia sem occupar muito espaço e basta-lhe para produzir sua deletéria influencia, um pouco de luz artificial por dentro e a maior ausencia de luzes por fora.

No diminuto espaço de milímetros guarda um mundo de impressões, e na quietude do seu plano, ao meio da multiplicidade rotativa, em toda a apparencia do movimento da vida que se reflecte.

É uma sensível lamina transparente, como si quizesse dar a sensação da ephemeridade da vida que se produz, ponda ante os olhos humanos a illusão de um momento, que não seria mais sem que lhe antecederem e que lhe seguem, sem o foco que o illumina, a lente que o avoluma e a obscuridade externa que o assignala. É isso, que mais de uma vez nos tem feito pensar na imagem da vida humana, desde que o homem não é nada sem a razão que o illumina, e este de toda lhe serviria si não tivesse a corrente divina que lhe vem do Creator; e isso porque as circumstancias que tanto nos preocupam não são mais que momentos no largo desenvolvimento sem explicação possível si não se tem em conta os momentos anteriores e os posteriores; que só os actos resplandecem quando as sombras das luzes que nos rodeiam envolvem o ambiente em que nos agimos, porque sem ellas passaríamos despercebidos que a cadeia de todas as nossas accões não reclamam para ser reproduzidas mais que a impressão em uma ephemera lamina transparente que o menor atropelamento pode cortar; isso que o engenho só descobriu para o bem, como todos os inventos que ao mundo tem sido e serão revelados, a malidade humana o transformou no instrumento mais fatal a moral e a dignidade da especie.

Éis ahí porque o cinematographo é hoje o factor de incultura por excellencia.

Mais de um leitor protestará contra a affirmação que deixo assentada. É e neste momento que encontro a melhor das razões para affirmar o que affirmado fica. Vejamos como o porque.

Entramos, leitores, na primeira sala de cinematographo que se nos depara ao passo.

Antes de chegarmos ao salão detenhemo-nos no vestibulo. Por elle vão passando muitas senhoras e meninas que conhecemos e estimamos. São das que mais respeito nos inspiram, das que maior apreço gostam na sociedade. De menor falta fazemos de accordo.

Mas, tambem, passam outras das quaes nem tu, nem eu diríamos o mesmo. Já não é significativo o contraste? Embora, passemos adiante! As paredes do vestibulo ostentam grandes photographias e cartazes a cores, com artistas e scenas das pelliculas. Ha ahí exhibições de cartolina, — Atravezemos, leitor amigo, a transportados, tal qual cada retratados, a casa da tua mãe, de tua esposa ou de tua filha? E todavia a porta dessa sala, estão expostos indecorosamente aos olhos daquellas senhoras e meninas irreprehensíveis, que vimos passar em primeiro lugar e que, si te fixas um pouco, verás que, emquanto seus paes ou esposos compram os bilhetes, se detem ante essas mesquinhas e mal feitas, e de gosto de flores humanas. Todas estão ahí, desde a violeta à rosa purpurina, da canieira a quebra, do jasmim ao cravo, da margarida a trepadeira. Mirasos hem! Não te deixas captivar nem pelos pedós, nem pelo perfume; chegado ao edo de detenção, não te deterras a examinar, agora, o que te fará, sobre o que te tem, o quanto, o quanto, ou em si quizeses, em cada uma das successivas illuminações da sala. Agora, quando a luz, e começa a exhibição da fita. Seja um drama ou uma comedia, pouco importa. A orquestra toca tangos...

Poltrona? Essa rapariga que passa miserica no tiquinho paterno, e de lá bella. Não merece ser poltra. A poltrona é uma das affrontas que o cinema dá. Não te queira esse simples pensamento? Não? Pois ouça. Teu filho está aprendendo isso, ahí na tela. E o está aprendendo com o teu benfiteado, como de sua mãe, de suas irmãs e da sociedade inteira. Não te alteras? Pois, pens. no que poderá estar passando pela mente de tua esposa, de tua filha ou de tua mãe diante dessa exhibição. Estranemos, sena, tremos? Choras? Mas homem não es o unico. Olha; no illumina-se a sala, a maior parte das mãos levam aos olhos os lenços. Concordemos. Essa gente não é má. Tem coraço. Commo-se. Sente o prazer da felicidade alheia.

Ah! minha boa amiga e leitora! Como vêes o cinema é um factor de incultura. Não apenas apresentam a teus seres queridos e respeitáveis, lugares indignos, mas desprezíveis ainda de indecor de sentimentos e do caract. da dignidade.

Como? Uma alma digna pôde envilecer-se a ponto de desconhecer a represa ao vicio? Uma alma digna pôde deixar sem a sanção moral a obra da impudicidade? Por isso que ninguém no mundo seria capaz de ensinar de uma cathedra, e a lição miseravel que acabo de deixar no fundo de todas as consciencias que se acham nessa sala. Si amanha te acontecer alguma desgraça moral na tua familia, não te queixes de ninguém, mas amaldiçoate a ti mesmo, que a levaste a essa escola de corrupção que se chama — cinema.

Supponhamos que nada te aconteça, seja pelo contragolpe de tuas observações, pela atmosphera do teu lar... e pela graça de Deus, sem a qual não te valeriam todos os precedentes.

Ainda, e mesmo assim, leitor amigo, o cinema resultará fatalmente um factor de incultura.

Deixemos de lado — o quanto seja deixar de mais — a incitação ao crime e ao vicio, que significam a maioria dos fitas e passemos a outro terreno, onde a sua acção não deixa de ser menos funesta.

Observa a insipida inverosimilhança de outra serie de pelliculas, nas quaes a falta de argumento, o irracional da trama, o vulgarissimo dos episodios combinam o obscuro com o grotesco, o brutal com o imbecil, o ridiculo com o barbaço. E dizem em consciencia, si me podes negar o effeito deprimente que tudo isto tem que produzir nos gostos, inclinacões e costumes da plebe. Quantas vezes não te diverteste, na rua, nas reuniões, nos salões, com assombrado, ante a res que se embuteem intellectualmente pelo contacto das fitas e personagens da scena munda? Em quantos espiritos simples todas essas coisas vestis, não adquiriram contornos de realidade positiva? Desde a gangulhada insipida, ao riso mesco; desde a assuada franca ao desafio estulto; desde a calindada classica a attitude grosseira; quantas e quantas ganhas de imbecilidade não tem sido geradas pela frequencia ao cinema?

Convençete agora, leitora amiga? Pois hem, falta-me espaço para desenvolver este specto, como te exhibi o outro; que te porçim, que se vêem nos muitos greguezos e dios das passagens que frequentam o cinema, pensando no que aqui te deixo annotado, e verás como terminas por comegar o mesmo.

Quer isto, então, dizer que se deve prohibir o espectáculo da tela?

Não; o que quer dizer todo o exposto, sinceramente é que é intoleravel que se prosiga como está, sem se tomar um abastado no abito, indicando outros meios, que, por vezes, já contra os perigos que d'ahi podem advir, chegaram a estabelecer em sua constituição, fa actual da Alemanha é um exemplo disso), a censura previa para a exhibição dos fitas ao publico.

É que dizer que a censura não se applica ao mal assignado, nenhuma pessoa que se pressa deve respirar a espectaculo que corrompem, e nodosam e offendem a dignidade e a decencia?

Oh! si todas as paes de familia abandonassem ás moças os cinemas que não exhibem fitas moraes, não promptamente se corrigiria o mal!

De: "in-tes, leitora amiga? Talvez que o teu exemplo bastaria! Melite nisso!

MARIO GOROSTARZU.

HOMENAGENS DAS SENHORAS ARGENTINAS AS SENHORAS BRASILEIRAS

No salão do Palacio das Festas da Exposição Internacional commemorativa da nossa emancipação politica realio-se, no dia 28 de Setembro ultimo, á noite, imponente reunião das senhoras brasileiras agremiadas nas associações que compõem a Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino, afim de solenemente receberem a placa de bronze, commemorativa do Centenario da nossa Independencia, offerecida pelas senhoras argentinas que fazem parte da Bibliotheca do Conselho Nacional de Mulheres de Buenos Aires.

Essa significativa homenagem das senhoras argentinas é especialmente dedicada á memoria da Princesa Izabel Redemptora, como a expressão maxima da mulher brasileira que num gesto de infinita bondade assignou em 1888 a Lei Aurca, durante o seu governo interino.

Foi interprete do sentimento das senhoras associadas da Bibliotheca do Conselho Nacional de Mulheres Argentinas, o sr. dr. Mario Sáenz, decano da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, que pronunciou eloquente discurso. Primeiramente referiu-se ao programma de cultura social que a agremiação argentina, aos trabalhos por ella realizados com o apoio da collectividade.

Continuando, o orador disse que a preocupação das senhoras argentinas em favor da communhão geral das senhoras de todos os países, aproveitaram a data do centenario brasileiro, occasião para exteriorizar seus sentimentos de sympathia e fraternidade, mandando fundir, no Arsenal de Marinha da grande Republica irman, uma placa de bronze symbolizando a abolição dos escravos e tendo ao centro a figura angusta da emancipadora.

O sr. professor Mario Sáenz occupando-se da actuação da Princesa Izabel, no Governo do Brasil, estabeleceu o ponto de vista historico o quanto significou como acto de governo a abolição da escravatura, e depois de recordar que já em 1858, Teixeira de Freitas havia resistido, na sua obra de consolidação das leis civis, incluir disposições a respeito da escravatura, afirmou que sua alteza imperial demonstrara com sua resolução ter a clarividencia de estadista, tempera de juiz, intrepidez de heroína e coração de mulher.

Salientou o orador que se os interesses do regimen da escravatura precisavam de amparo transitorio na legislação, não foram sufficientes para impedir o triumpho dos ideaes de liberdade que vieram dos sentimentos de misericordia da mulher brasileira.

Terminando o sr. professor Mario Sáenz disse que em nome da Bibliotheca do Conselho Nacional de Mulheres fazia entrega da alludida placa e da mensagem formulando votos para que as associações femininas brasileiras e argentinas constituam indissolúveis laços da mais fecunda oração para os dous povos.

A oração do illustre professor argentino foi muito applaudida.

Em seguida a escriptora senhora Julia Lopes de Almeida, que presidia a reunião, deu a palavra á senhora Bertha Lutz, que agradecendo a homenagem das senhoras argentinas pronunciou um substancioso discurso, abordando assumptos de palpante importancia.

Perorando, assim terminou aquella nossa distincta patriota e collaboradora.

A propria educação feminina tem que ser modificada, devemos mais ampla e mais generosa a nossa orientação. O amor e a amizade não são mais sufficientes, a mulher deve ao homem a sua collaboração, deve ser não só a sua companheira de ideias mas de relações. Façamos em nosso seculo como fez Izabel de Bragança a esposa e Mãe admiravel, a soberana Redemptora no seu. Prestemos o juramento e assumamos na sua plenitude o nosso país.

Não digamos entretanto, que tudo está por fazer. Como a Izabel de Bragança, façamos justiça a Rio Branco e João Alfredo. Façamos justiça á grande obra de civilização executada pelo homem sem o auxilio directo da mulher. Resta-nos entretanto muito a fazer. Está abolida a escravatura da raça africana, mas ha outra escravatura como a guerra e a miseria a abolir. Izabel a Redemptora emancipou os escravos por que era de todo emancipada de egoismo e interesse pessoal. Emancipemo-nos da mercia e das ambições que nos prendem, trabalhemos para o progresso geral. Teremos uma luta mais suave porque os direitos necessarios e a solução dos deveres que pleiteamos não lesam a ninguém. Não teremos que fazer o grande sacrificio que a Redemptora fez. Registraremos entretanto victoria.

Traz esta obra de arte que a generosidade das mulheres argentinas nos offerece hoje inscriptas duas linhas do Hymno Argentino:

Oid el ruido de rotas cadenas.

Vel en trono a la noble igualdad.

Ouvi o romper das correntes. Vede no throno a nobre igualdade.

Trabalhemos. Romper-se-ã as correntes que pesam o progresso da humanidade e a igualdade. no throno tomara seu assento, pela equiparação nos deveres e nas responsabilidades do homem e da mulher.

As ultimas palavras da senhora Bertha Lutz foram coroadas por estrepitosa salva de palmas.

Saudações de Miss Garrett Hay, Presidente da Liga de Mulheres Eleitoras de Nova York.

Em nome dos milhares de socias da Liga de Mulheres Eleitoras de Nova York envio as mulheres do Brasil e as mulheres de todos os países sul-americanos cordiais saudações e calorosos votos de exito em todos os movimentos de progresso e de edificação social.

As mulheres dos continentes americanos são devidas congratulações, pois recentemente fo-lhes dado formar mais um elo na grande corrente em prol da Paz e confiabilidade que cedo ou tarde envolverá todas as Nações. Pois qualquer movimento que conduz á aproximação das mulheres das diferentes nações é um poderoso elemento na aproximação dos povos, uma forte arma contra as rivalidades e inimidades antigas que forçosamente terão que ceder.

As mulheres dos Estados Unidos tem caminhado mais-vante na rota que conduz a liberdade individual, tem adquirido direitos legaes, politicos, civicos, industriaes e educativos. Estão prontas a tornar extensivos as outras mulheres os resultados da sua experiencia na luta que ainda tem estas que enfrentar. Solicitam de vós que não deixeis de chamar-nos se de nós necessitardes para vos auxiliar. Temos entretanto a certeza que estaes esplendidamente apparelhadas para o trabalho que deveis executar e que será sufficiente persistirdes em vossos esforços para que obtenhaes o direito de collaborardes com o homem no progresso da civilização. Estaremos sempre ao vosso lado, não fallaremos nunca se nos quizerdes chamar. Desde agora enviamos-vos as nossas saudações commovidas e as nossas antecipadas felicitações.

Na segunda parte do programma a senhora Margarida Lopes de Almeida recitou com muita graça versos de poetisas brasileiras, logrando applausos por parte da numerosa assistência.

Continuando no programma f'ram empossadas as directorias da Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino e das Ligas do Distrito Federal, do Estado de S. Paul, e do Estado do Rio, constituídas pelo desdobramento da antiga Liga para a Emancipação da Mulher.

xando o arcabouço geográfico da nacionalidade através da incerteza e do alarme, alargando a expressão territorial da terra pátria independente, do Amazonas ao Prata, desafiando-a contra a cubaça tarastica. So um milagre de energia e de esforço capaz, por si só de immortalisar uma raça, poderia conservar intacto esse colossal património, consistente de fillos de ouro, fardante de garrampas, com uma flora fantasmagórica e coligada, abríndose numa terra fértil, d'alvura e lava.

Desafiada na immensa extensão da terra, cuja propria fecundidade era um inimigo a vencer, a tempera ferrea da colónia brasileira ergueu instigando o fardo da sua árdua batalha de conquista, conservando suas fronteiras marcadas pela sua amálgama, e em o sacrificio das suas vidas ao rechazar as invasões do norte e do sul.

Os nativos, transformados na sua índole por um amor entranhado a patria, que construíam e m seu suor e com seu sangue, começaram a sentir que bem fundas eram as raízes de amor que infundavam na terra em que haviam nascido; a cultura portuguesa fervava, espiritualmente, de ser um acclimamento do reino, formando a sua própria estrutura nua a autonomia das zonas erodidas pelos rios da terra americana, nada tendo de comum com a metropole, e não a gloria memoria do descobrimento.

A raça nua pela influencia do ambiente melhora a sua própria essência, sendo diversa de Portugal, na sua índole, nos seus costumes, nos seus hábitos.

Uma corte servia nacional se formava, precisa, viva, amando sempre os domos que politicamente ligavam o Brasil as cortes portuguesas. A atmophera separatista saturava os espiritos rebeldes, integrados já na intuição dos novos destinos da patria, que haviam feito os nativos por seu esforço proprio, com seus proprios recursos e in clativa. No novo clima ethico e social, formado no continente sul-americano, pulsava-se o núcleo de uma nacionalidade autonoma, que se delimitava, moça e formidável, defendendo-se e destacando-se nos tons da sua matriz originaria com um caracter proprio, que nada mais tinha de semelhante a metropole, suau o patrimonio comum da lingua.

Um dia porém o Brasil tom a sua compleção de patria livre. Pequenos laços unia o prendiam a Portugal.

Brados de revolta, rebeldias suffocadas em sangue, consciências esmagadas, nada porém detinha o movimento.

Dos meados do século XVII em diante, então, cada vez mais se afirmam estes sentimentos de nascente nacionalismo, assentes na consciencia de que são os brasileiros que estão dilatando e construindo o Brasil, pela America do Sul a dentro, rechazando os lobes de Castella, man grão os dizes explícitos e rítmicos da balla alexandrina e do tratado de Tordesillas.

E no entanto a metropole se mostra ingrata no modo de avaliar tão grandes e relevantes serviços. Não se desdobra Portugal de ver no Brasil a grande foltoria, de onde espera a drenagem das riquezas, um especie metalica como lhe fornecem o Oriente.

Sem attender ao merito dessas populações, que, por si só, acallaram de libertar-se do imperio portuguez, veem-na os reis a parir e opor mem-nas com as companhias de monopólio do commercio, com uma serie de medidas mesquinhas e deprimentes, que provocam, no Maranhão, o desabro da revolta dos Beckmann, e, em S. Paulo, a occupação violenta dos armazens de sal, em Santos, pelos laudos de Bartholomeu Fernandes de Faria os terríveis motus provocados pela continua alteração de val e da moeda.

Inaugura-se, porém, o grande cyclo do ouro; despejam-se as cidades e villas pelos sortidos dos Cataguzes a dentro, e Fernão Dias Paes, Garcia Rodrigues Paes, Carlos Pedroso e Lourenço Castello, e tantos mais revelam ao mundo aquelle "eldorado", pelo qual ancoavam, havia d is seculos, os monarchas lusitanos.

Tantas e tantas vezes desappointados! Já desanimados de além da poder dar-lhes a grande colónia americana um pouco d'aquelles colossaes proventos metalicos que os reis de Castella haviam, desde os dias de descoberta, auferido do Peru e do Mexico.

A descoberta seguem-se a competição entre os fillos da terra e os reinos, as sanguieiras da "Guerra dos Emboabas",

o refluxo dos paulistas para o amago das terras brasileiras, em Goyaz e Matto Grosso.

E, em tudo isto, o agudo presagio do sentimento de inferioridade do fillo da colónia em sua propria terra.

Irrupce no Norte outra demonstração dessa dependencia insistentemente acentuada, no julgar das rivalidades tumultuarias e mortíferas da chamada guerra dos Mascates.

Mas o século XVIII, man grão os bracos de revolta dos motus villarriannos e as conspirações dos ultimos anns, e a centuria dos catalãos de Felipe dos Santos, de Tiralentes, e dos executivos babilonios do Campo da P'lvora, do satrapismo das capitães-generaes, das cartas reais extintoras das industrias, da suffocação geral das vellidades de autonomia brasileira.

Passando pelo Rio de Janeiro, em fins da era setecentista, pôde contido perceber Lord Marmarney quanto estão os brasileiros irritados com os seus d'innal res.

Continuam as violencias e as scenas de proterencia. A chegada do rei, em 1808, fingindo as tropas napoleonicas, da ensej a scenas de real tyrannia, patientemente suportadas pelos fluminenses.

Os actos do governo de D. João VI durante a sua estadia no Brasil fizeram termo ao regimen colonial. No manifesto de 1 de Maio de 1808, disse o príncipe: "A corte de Portugal levantara a sua voz, no seo do novo imperio que vae crear.

Este projecto realison e por uma serie de pr edicções. O decreto de 28 de Janeiro de 1808 completado pelo de 18 de Junho de 1814, liberam o commercio d' raziz. O decreto de 1 de Abril de 1808 declarou livres as industrias. A carta de 14 de Maio de Dezembro de 1815 concedem ao Brasil o titulo de reino. A monarchia passa a denominar-se oficialmente "Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves". Criaram-se no Rio de Janeiro as repartições necessarias a expedicao dos negocios publicos, fundaram-se escolas superiores e uma imprensa real. As capitães, que antes a descentralização administrativa isolava umas das outras torquidões a receber ordens directas da metropole, unificaram-se pela obediencia ao governo estabelecido na capital do proprio paiz.

Segundo parece, os conselheiros do regente consideraram a principio como pr vicias e ditadas unicamente pelas circunstancias do momento, as reformas realisadas aqui. Mas depois de certo tempo ellas assumiram caracter definitivo.

Passa então o Brasil a ser um reino e a sede de uma monarchia que não se aguentava na Europa.

E D. João se estorça em meudir nos seus subditos americanos este sentimento, com a criação do triplice Reino Unido. Multiplicam-se as fundações que a colónia vem dar um aspectu novo.

Acodem o embaixadores ao Rio de Janeiro a realçar o prestigio da capital brasileira: Lord Strangford e um unico papa, ministros plenipotenciarios e e usules geraes em barla. Emfim, assume o Rio de Janeiro aspectu de verdadeira capital de uma nação perfeitamente emancipada da metropole.

Continua o rei a derramar beneficios entre os seus subditos ultramarinos, graças ao acolhimento que lhes fizeram, aqua aos sacrificios que a transplantação da familia real lhes impunha.

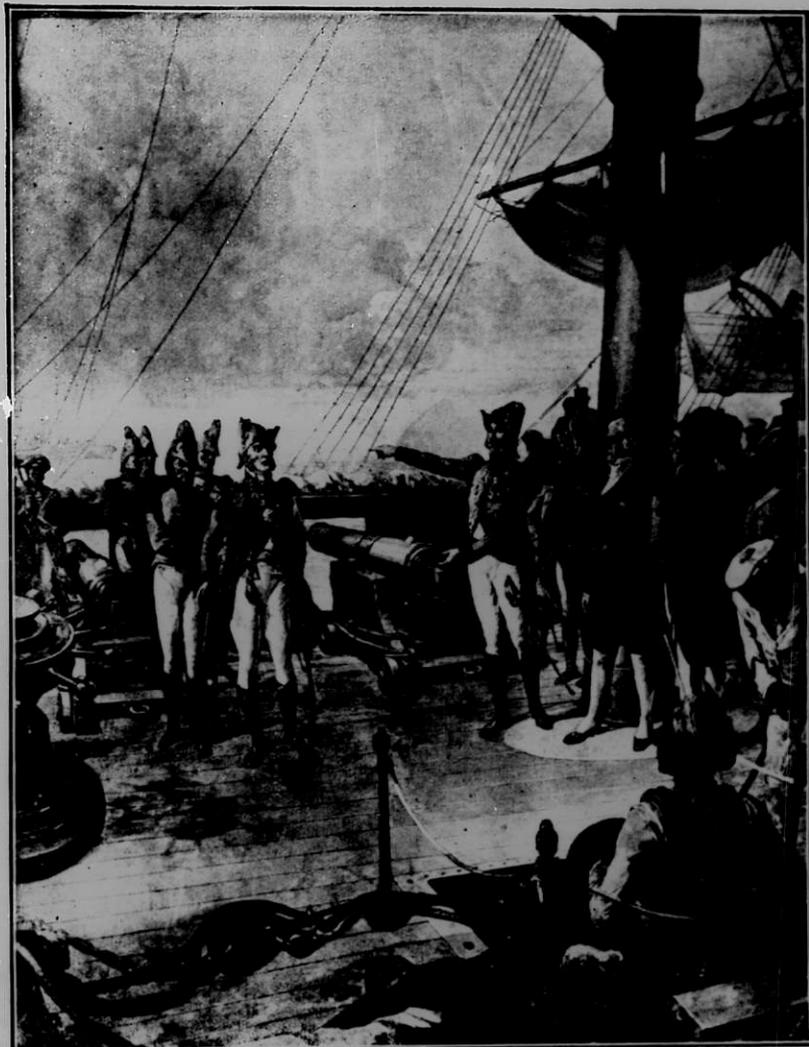
Crece prodigiosamente o intercambio commercial. Em 1808 entraram 90 navios estrangeiros na Guanabara, em 1810, 422!

Surgem innumerables casas novas de commercio, estrangeiras, nas nossas principaes praças e em São Paulo a franquia do porto de Santos provoca, diz Saint Hilaire, como que a resurreição economica da capitania.

Porém o rei voltara novamente a Portugal, devido as contínuas queixas dos fillos de além mar.

A burguezia portugueza, despojava ardentemente fazer o Brasil voltar ao seu antigo regimen de colónia.

Depois da retirada do rei para a Europa começaram as discussões sobre o futuro regimen politico e a fórma da união com Portugal, sem attenção ao que se passava nas Côrtes de Lisboa. Devia haver dois governos ou apenas um? A sede da monarchia seria o Brasil ou Portugal? Como regular as relações entre os dois paizes no caso "e dualidade de congressos?



"O príncipe d. Pedro, ordena a Jorge de Avilez, commandante das forças portuguezas no Rio de Janeiro, que se retire com as suas tropas para Portugal". — Bello e impressionante quadro de Oscar Pereira da Silva, pertencente a galeria do Musco do Ipiranga.

Em tudo isso se pensava e sobre tudo isso se escreviam artigos, fundavam-se pamphletos, jornais, etc. Estava o príncipe d. Pedro no Brasil e era auxiliado n'aquella epocha pelo conde de Arcos no governo do Brasil. Energico se mostra na altura de todos os acontecimentos.

Pensava porém qual era a sua situação. As juntas da Bahia, Maranhão, Pará se entendem com Lisboa, desconhecendo a sua autoridade. Revoluções, em Montevidéu, Pernambuco, Alagoas, Parahyba, Ceará e Rio Grande do Norte se mostram indifferentes a sua acção referencial.

Em São Paulo, um movimento sedicioso annulla a autoridade do ultimo acto, do capitão general João Carlos de Orenhausen que é deposto. No Rio a agitação cresce dia a dia. Um exercito lusitano sob as ordens de Jorge de Avilez acampado dentro da capitãl vigia os actos do príncipe. E, surge nessa occasião o *Reverbero* sob a direcção de Ledo auxiliado por Januario, Sampaio, José Clemente, J. J. da Rocha e Nobrega, que é o porta voz das aspirações patrias, batendo-se arduosamente pela independencia.

Os portuguezes apoiados pelos regimentos da linha e de seus compatriotas mostram-se atrevidos.

Exigem, a 5 de Junho, a demissão do conde dos Arcos e obrigam o príncipe a jurar a constituição portugueza e a aceitar uma junta de nove deputados como sua conselheira. Accetta d. Pedro as imposições da tropa e partido lusitano e elige-se a tal junta, composta de elementos ordeiros e benevolentes para com o príncipe. Ella propria se epaga de tal modo que em fins de julho desaparece sem que ninguém por sua presença se falta.

No parlamento portuguez a corrente hostile ao príncipe se avoluma e as cortes aconselham as juntas se entendem directamente com a metropole, desobedecendo des-

arte o príncipe. O partido portuguez no Rio humilhou o príncipe obrigando a mudar novamente o ministerio. Em Pernambuco o governador Luiz do Rego abandonou o palacio e o povo se entendeu directamente com as orientadores do movimento separatista e com o príncipe.

Em Minas é deposto o governador que é substituído por uma junta sympathica a d. Pedro. Em Dezembro de 1821 chegam no Rio noticias de que as Cortes resolveram "recolonizar" o Brasil. A 29 de dezembro lança o Regio Provisorio de S. Paulo a famosa representação, redigida

por José Bonifácio, assegurando a d. Pedro o amor, a fidelidade e a dedicação dos brasileiros contra o despotismo das cortes. Parte immediatamente, com destino à capital, uma delegação do governo paulista, presidida pelo grande Andraoa.

Precipitam-se no Rio de Janeiro os acontecimentos; promovida por frei Sampaio, José Joaquim da Rocha, José Clemente Pereira, cobre-se a representação popular de milhares de assignaturas.

Em Janeiro de 1822 realisa-se a sessão da Camara e do Senado. José Clemente Pereira lê nessa occasião a mensagem popular,

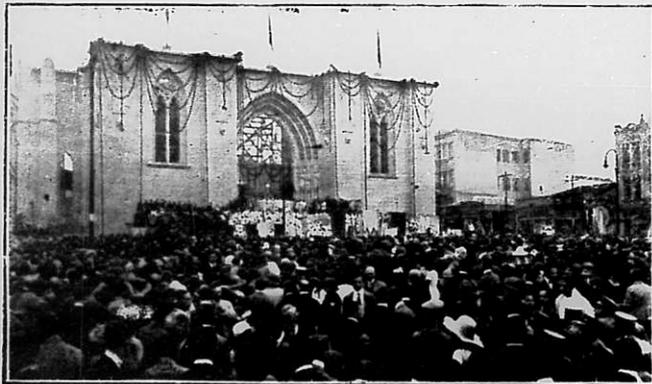
onde diz que o Brasil quer a sua união com Portugal, mas tem direito a sua autonomia plena e ao seu parlamento. Mas a questão vital é no momento, para as aspirações nacionaes a permanencia do príncipe no Brasil. D. Pedro vacilla, mas homem impetuoso profere aquellas famosas palavras que entre os illuminados e depois entre todos os brasileiros, causam o mais prodigioso entusiasmo e o mais intenso alvorecer de esperanças: — *Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico!*

O "Fico" foi uma desobediencia formal ao governo de Lisboa, quasi um rompimento. Ou reconhecesse d. Pedro que o rei, "prisioneiro e coacto", não approvava os decretos das Cortes, ou se persuadisse de que a salvação do Brasil dependia da sua permanencia e adhesão ao plano dos patriotas, e certo que, apesar dos seus protestos de fidelidade ao Congresso de Lisboa, elle abraçou a causa nacional e começou a tomar medidas abertamente revolucionarias. A attitude aggressiva das Cortes e aos seus aprestos militares elle respondeu com preparativos de defesa do Brasil e com proclamações e decretos, que importavam a ruptura dos liames ainda existentes entre as duas partes do Reino Unido.

Condensar os resultados da investigação his-



O historico Rancho da Maioridade.



Um aspecto da missa campal, no dia 7 de Setembro, no largo da Sé, na escadaria da nova cathedral de São Paulo, em construcção.

torica quanto á genese desses actos desde o "Fico" até o de 7 de Setembro, apontar os nomes dos que verdadeiramente influíram no animo do príncipe regente são meios de evocar o grande facto da nossa emancipação politica.

As graves questões da politica paulista mereceram a attenção do príncipe que se poz a caminho de S. Paulo, ficando no Rio a princeza, encarregada do governo. Cavalleiro incomparavel, infatigavel, venoso devorar as leguas. Partido do Luiz de Janeiro a 14 de Agosto de 1822, acompanhado de d. Luiz de Saldanha da Gama, depois marquez de Taubaté, pelo major Canto e Mello, o ajudante Gomes da Silva e seis criados particulares, rumo em direcção á Santa Cruz, onde encontrou João Carlos de Oydhausen, que vinha de S. Paulo, em retirada para a Corte, e a quem não quiz ver. De Santa Cruz foi a S. João Marcos, Areias e I. rema. A 19 de agosto, de Cachoeira, expediu o decreto dissolvendo o governo provisório de S. Paulo. Pernoitando em Garatunguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacarehy e Mogy das Cruzes, a 23 de agosto estava nesta ultima villa, onde não quiz receber os emissarios do governo provincial por já o ter dissolvido.

Pernoitou na Penha de onde mandou Canto e Mello sondar as opiniões dos politicos da capital paulista. Este voltava com as melhores noticias — que fez com que toda a comitiva seguisse logo para a cidade.

Nesse interim chegavam no Rio noticias de graves respreladas das cortes de Lisboa. Um proprio foi mandado a São Paulo levar as novas ordens dos lusitanos. Foi nessa occasião que a falar arrebatadamente secundado pelo irmão e os demais conselheiros presentes subito, tirando do bolso um papel passou-o Martin Francisco á princeza e exclamou: "Si se tem de fazer senhora, que se faça já!"

Dedicadissima á causa brasileira admiradora fervente de José Bonifacio, annuo logo a princeza em incluir a carta aos demais papéis. Era uma investigação formal dos dois Andradas a que o príncipe proclamasse e já o já a independencia do Brasil.

Seguiu d. Pedro para Santos quando soubo de que papéis de alta importancia lhe eram enviados pela regente. Voltando-se e adiantando-se da sua comitiva foi ao encontro do emissario.

De posse das cartas todas lidas e amarrotando-as, rancoso, atirou-as ao chão sob os pés.

Ouçamos o quez diz o Padre Belchior Pinheiro de Oliveira sobre esse momento magno da nossa historia, momento que elle assistiu como testemunha e sem duvida como um dos principaes agentes.

— E agora, Padre Belchior?

E eu respondi: prontamente!

— Se V. Alteza não se faz Rei do Brasil será prisioneiro das Cortes e talvez desherdado, por ellas. Não ha outro caminho senão a independencia e a separação.

D. Pedro caminhou alguns passos, silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Bregaro, Carlota e outros, em direcção aos nossos animaes, que se achavam á beira da estrada. De repente desatou-se, já no meio da estrada dizendo-me:

— Padre Belchior, elles o querem, terão a sua conta. As Cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de *Rapa-zinho* e de *Basílio*. Pois venho agora quanto vale o *Rapa-zinho*. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações: nada mais quero do Governo portuguez e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal!

Respondemos immediatamente, com enthusiasmo:

— Viva a liberdade! Viva o Brasil separado! Viva D. Pedro!

O príncipe virou-se pra seu ajudante de ordens e disse:

— Diga á minha guarda que em acabo de fazer a independencia completa do Brasil. Estamos separados de Portugal.

O Tenente Canto e Mello cavalgou em direcção a uma venda, onde se achavam quasi todos os dragões da guarda e com ella veio ao encontro do Príncipe, dando vivas ao Brasil independente e separado, a D. Pedro, e á Religião!

O Príncipe, diante de sua guarda, disse então:

— Amigos, as Cortes portuguezas querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais!

E arrancando o chapéo do laço azul e branco, decretado

pelas Cortes, como symbolo da nação portugueza, atirou-o ao chão, dizendo:

— Laço fóra, soldados! Viva a independencia, a liberdade, e a separação do Brasil!

Respondemos com um viva ao Brasil independente e separado e um viva a D. Pedro!

O príncipe desembainhou a espada no que foi acompanhado pelos militares; os paisanos tiraram os chapéus. E D. Pedro disse:

— Pelo meu sangue pela minha honra, pelo meu Deus juro fazer a liberdade do Brasil.

— Juramos, responderam todos!

D. Pedro embainhou a espada, no que foi imitado pela guarda, poz-se á frente da comitiva, e voltouse, ficando em pé nos estribos:

— Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será *Independencia ou Morte!*

Firmou-se nos arreios, e porem a sua bella besta baixa e galopou, seguido de seu sequito, em direcção a São Paulo onde foi hospedado pelo brigadeiro Jurjão, captão Antonio Silva Prado e outros que fizeram milrgas para contentar o príncipe.

Mal appareo da besta, D. Pedro ordenou ao seu ajudante de ordens que fosse ás pressas a: otrives Lessa e mandasse fazer um distico em ouro com as palavras — *Independencia ou Morte*, para ser collocado no braço por um laço de fita verde e amarelo.

E com elle appareceu no espectáculo, onde foi chamado o rei do Brasil pelo meu querido amigo Afonso Aguiar e pelo Padre Ildefonso.

No theatro, por toda a parte, só viam-se laços de cores verde e amarella, tanto nas paredes, como no paleo, nos braços dos homens e nos cabellos e entrete das mulheres.

"Trecho de carta do padre Belchior, descrevendo os acontecimentos de 7 de Setembro e publicada em 1820 por M. J. Rocha".

A nossa independencia não nos custou, como a outros povos, sacrificios de sangue numa luta rapida ou duradoura, que em lancos de desespero tivesse atraido opprimidos contra oppressores, aquelles deliberados a libertar-se ou a succumbir, e estes intranseguros na disposicao de resistir. Existia desse lado do Oceano uma mabalavel vontade de emancipação, que Portugal não ignorava, porque ella não se retrahia para occultar-se e fugir a repressões, antes a si mesma se denunciava, dia a dia mais exigente e mais usada. Mas, do outro lado das grandes aguas, o glorioso reino da prodigiosa expansão de 1434 a 1500 estava alquebrado. Já de ha muito tinham acabado de apodreocar na mansa corrente do Tejo os velhos castos das naes, que um dia haviam sahido, de bandeiras ao vento, a devastar os mysterios dos mares tormentos e o remotos mares do mundo, e que nao regresaram, desmanteladas, ao porto da patria, senão depois de transferido, pela superchumana tenacidade dos seus pilotos, da apertada bacia do Mediterraneo para a immensa vastidão do Atlantico, o movimento da civilisação universal.

Apenas na Bahia se verificaram alguns combates entre as tropas do general Madeira e as forças bahianesas. Foi aquella cidade que tmbou morta e heroicamente a sorer Joanna.

Madre Joanna Angelica, senhora bahiana, digna por suas virtudes, por seus conhecimentos e por suas qualidades, da estima publica, tinha merecido o acatamento e a veneração de suas irmans, que a escolheram para dirigil-as. Toda a cidade da Bahia apontava para o Mosteiro da Lapa, como o Asylo de Virgens, sem nodoa e fallava com orgulho de sua madre abbadesa. Essas virgens votadas ao culto do Senhor estavam prostradas ante os altares, subiam suas preces ardentes e fervorosas, levavam seus rogos a nossa mãe commum, e pediam a sua intervenção na causa da Patria, que se pleteava nas ruas da cidade, quando portas estremeram e cahiram em pedaços aos golpes dos machados. Os soldados entraram, mas detiveram-se ante o postigo, que dava entrada para o interior; parecia que a unção, que se respirava naquelle recinto os havia contido; de repente abriu-se o postigo, e se apresentou ante elles uma debil mulher; seu traje era respeitavel; o habito carmelitano cobria os effeitos, que aperta-

apresentava-se o projecto de lei extinguindo immediatamente a escravidão no Brasil. Leão Rodrigo Silva, ministro interino da Agricultura, sob estrondosos applausos de todos os presentes. A 10, votava a Câmara a approvação do projecto por 89 votos conservadores e liberaes contra 9. A 11 de maio, começava a discussão no Senado. A treze, embora domingo, era o projecto estudado em terceira discussão, approvado por enorme maioria de votos, e immediatamente levado à princeza imperial, por uma commissão de quatorze senadores. A's 3 e 15 da tarde, era o autographo da lei assignado pela illustre senhora, a quem o povo attribuiu, com a maxima justiça, o epitheto glorioso de Redemptora.

Estava o Brasil para sempre livre da nefanda macula escravista. Melhor seria talvez, mais justo, seria, em todo o caso, que o governo imperial, a exemplo do que haviam feito numerosas potencias, indemnizasse os senhores de escravos, de uma propriedade que as leis do paiz reconheciam como a mais legitima. Propoz o barão de Cotegipe que se lhes pagasse o valor dos servos emancipados, mas não seu projecto repellido. Viu com prazer a opinião publica universal o deslucido da questão servil brasileira. Numerosos governos americanos e europeus fizeram grandes demonstrações de regozijo, e o papa Leão XIII enviou a princeza regente a venera excepcional da Rosa de Ouro, distincção do extraordinario apogeo da Santa Sé.

A abolição da escravidão foi o golpe de morte vibrado pela princeza no imperio e ella propria disso sabia. Estava convencida que no dia 13 de Maio ella rogou pela janella do palacio a coroa imperial. Grande de um e raçoio simultaneo, pouca attenção ligou aos aulicos do palacio que esse ficaram ver a augusta regente.

É pois de grande justiça e acerescentar o cognome de Redemptora a Izabel, a excelsa filha do santissimo Pedro II. Deos da abolição da escravidão em 13 de Maio, vieram erguer-se as filhas republicanas os numerosos elementos que com a lei antes se viram prejudicados. Em 1881 os republicanos por pouco que não conseguem a eleição de Campos Sales. Foi o aspecto e a solemnidade da convocação de Itu tinha feito comprehender a muita gente e impresso-nado favoravelmente a muitos espiritos que o movimento republicano triumpharia um mais cedo que se esperava.

Em quasi todas as cidades de São Paulo o movimento era intenso em prol dos ideaes republicanos, sendo liderado não além de Itu, Campinas e Jundiahy e principalmente esta cidade, onde um grupo de cidadãos lança um manifesto em 1870 e assumem a chefia do movimento. Dentro desses cidadãos, alguns vieram ocupar elevadas posições de destaque e eram os seus chefes os sr's Luiz de Queiroz, maior Cruz e alguns outros que assignaram aquelle manifesto que tão larga repercussão tiveram na capital do imperio.

No norte do paiz, a campanha era tão intensa quanto no sul.

Em 1884 os paulistanos elegem tres deputados.

Cria-se continuamente o partido republicano, em numero de sessenta e cinco elementos. Nas eleições de dezembro de 1884, tres dos seus representantes apparecem na Câmara dos Deputados e Deputado de Moraes, Campos Sales, por S. Paulo, e Botelho, por Minas Geraes.

Grande impressão causou o facto da paz, sobretudo por a sua attitude o parlamento, em defesa da seu programma de paz. Despedida a Câmara, em 1885, não mais se viram os republicanos a nelle figurar, mas mostraram sempre nos seguintes annos que se lhes havia avilumado o numero e quanto possiam soffrir organização.

No tribuna regular, encetaram vivissima campanha em prol da paz. Haes, em que muitos radores se notabilizaram e revelaram, como Silva Jardim, Lopes Trovão, Prudente de Moraes, Campos Sales, Góes, Bernardino de Campos, Assis Brasil, Casar, Malta, Castilho, para só citarmos alguns nomes, dentro os mais notavos, destes principaes sympathas numerosos.

Infiltrava-se contemporaneamente, nas forças armadas, a propaganda republicana.

Razões tinha o exercito de sobra para se queixar do throno. Poucas sympathas mostrava ao imperador. Fizera enormes sacrificios nas campanhas do Prata e do Paraguay, e

no entanto, vivia numa verdadeira "miseria fardada", como expressivamente disse um publicista. Com toda a exceção, notou Eduardo Prado "Existia no Brasil um exercito esquecido mal organizado, mal instruido e mal pago". Nas classes armadas, affirma Christiano Ottoni, renava a convicção de que os homens politicos eram inimigos dos militares. Seria esagerado este sentimento, mas incontestavelmente ninguem, no governo, tomava a serio a necessidade imprescindivel de se melhorar a situação das classes armadas tão mal e injustamente aquinhoadas.

Do descontentamento de muitos annos as manifestações da indisciplina, largo prazo decorreram, entretanto.

Em 1880, novo e agora mais violento incidente se deu a proposito de uma questão entre um deputado e o coronel Cunha Mattos, sendo ministro da Guerra o conselheiro Viriato Chaves. A este se juntou outro caso, nova pendencia entre o coronel Malheiro e o ministro. Tão enormes propagações provocando numerosas demonstrações de solidariedade dos officiaes de muitas armadas ao seu camarada, demonstrações estas a que acompanhava a attitude de reprobção do prestario de Deodoro, a Fôrteça e do visconde de Pelotas.

É o governo sempre cediendo, até que a 14 de Maio, surprehende a noticia de manifesta assignado pelo visconde de Pelotas e o marechal Deodoro, que em verbaheiro "ultimatum", intimavam ao governo a mandar riscar das listas de officio os militares envolvidos nesta pendencia as notas de censura, devendo o ministro da Guerra, já o admetido, mostrar uma vez, accendendo a demissão do ministro da Guerra, Viriato Chaves, como que imposta pelo exercito. Tive, porém, a morte cediendo. Negocia-se, então, um accordo, de que se trata o senador Silveira Mattos.

Prontamente assignado, a 15 de Maio, da amedida Deodoro o proprio leão de Góes, que o governo lava por facto o incidente. "Em alguns artigos na imprensa", dizem, "havia seções que não representavam a minoria".

Tão impetuosa e estável se mostra, até que o movimento republicano triumphante na manhã de 15 de novembro, de novo e precipitando o ministro e assumindo o imperador.

Sobre esse homem que foi D. Pedro II, disse o sr. Oliveira Vianna, os seguintes termos transcritos:

"D. Pedro, nos 40 annos de seu reinado, de progresso moderado, de disciplina, de paz, de ordem social, de tranquillidade, de ordem moral, de legalidade, de justiça, de moralidade, pelo attenção da magistratura imperial, contém o contrabuto das proclamações. Pela assembléa de seu poder pessoal, corrigiu a instabilidade, a intranquillidade, a exclusivismo, das facções e frotas. Pelo equilibrio do seu espirito, calmo e equivoque, meditou as impaciencias e os excessos reformalistas, das reformas e perturbações nos povos novos. Com o seu senso de equidade, pela sua honradez intrinseca, pela largueza de seu liberalismo, pelos seus nobres desinteresses, pelo seu profundo e profundo conhecimento, dos mais sentimentos, dos mais propósitos e dos mais estuários. Durante o meio século de seu reinado, elle exerceu em fim a mais nobre das dignidades, aquelle "distinção da monarchia", de que fala um historador a que e sem favela a mais nobre e favela de rectificação moral na ordem publica e privada, que fôrtae contribuiu o nosso povo, desde o primeiro século colonial."

De fato em 89 assume o governo provisório, e eleito mais tarde presidente da Republica, S. Paulo Floriano Peixoto e outros estes governos foram grandes de revoltas soffridas por este ultimo.

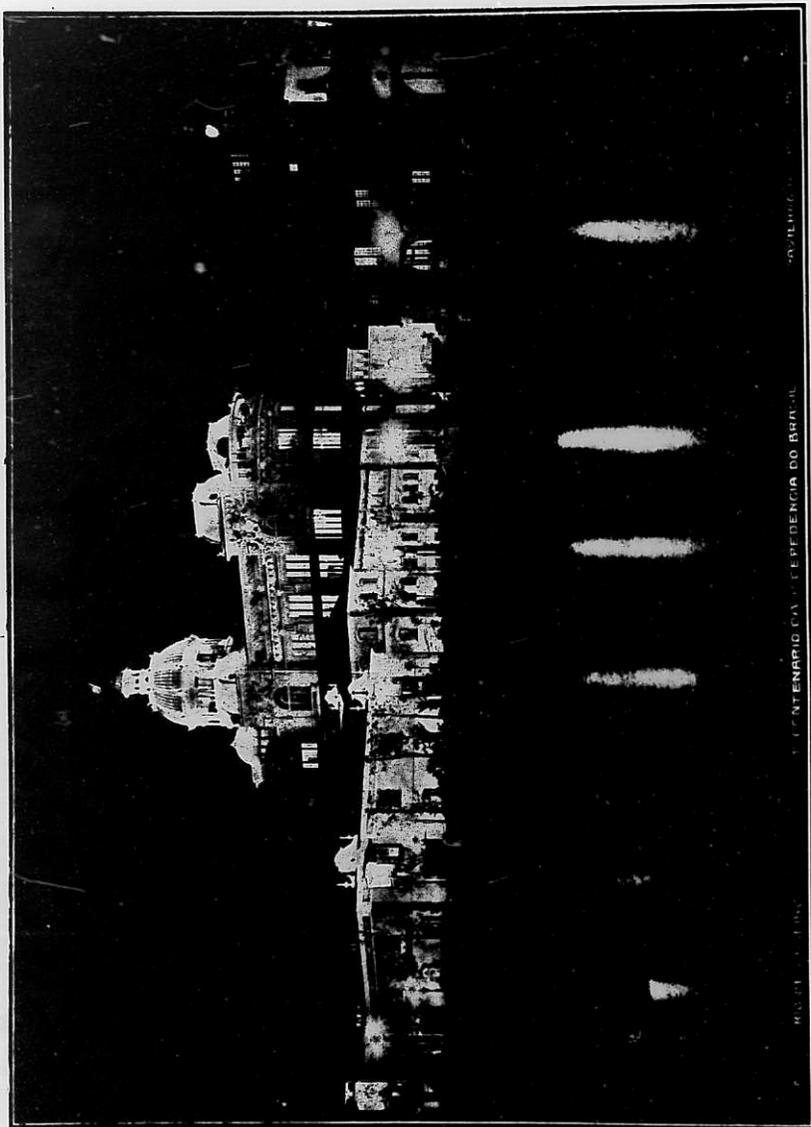
Elto Deputado de Moraes uma nova era de paz surgiu para o paiz. Campos Sales, Rodrigues Alves, Affonso Pena, Marcelino Hermes, Wenceslau Braz e Epitacio Pessoa, veridicamente patriotas, tomaram os destinos deste immenso paiz. Pequenas revoltas, crises financeiras tem assediado a nação, porém graças a energia dos nossos governos e nobres e leões o nosso primeiro centenario entre fôrtae sumptuosas.

Resta somente que cada filho desta immensa patria se comprometter firmemente la sua qualidade de brasileiro.

Os dados, com os quaes organizamos este trabalho, quasi todos fomos buscados nos escriptos de Lacerda e do projecto historador Taunay.



"Uma sessão agitada das cortes reais de Lisboa em 1821, quando se pretendia recolonizar o Brasil". — Nota: o quadro historico do laureado pintor patrio Oscar Pereira da Silva, que presentemente reside na galeria do Musco do Ipiranga.

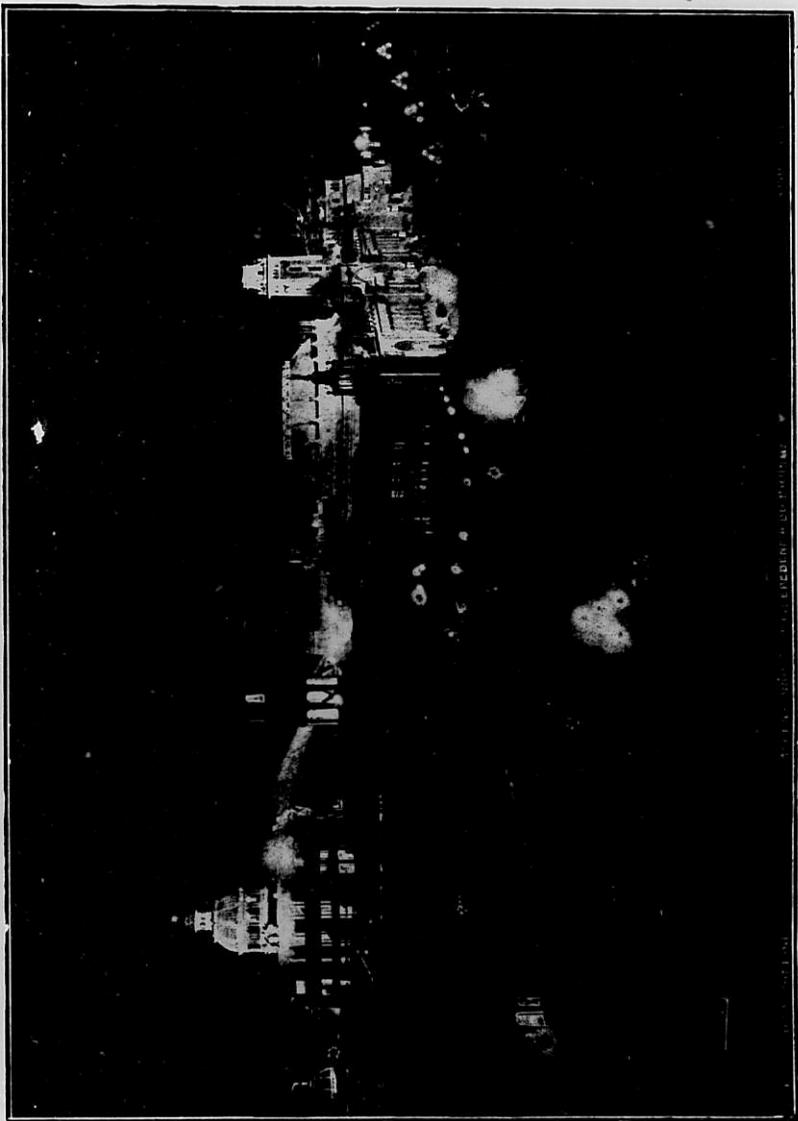


REVISTA FEMININA

CONTENÁRIO DA DEPENDÊNCIA DO BRASIL

REVISTA FEMININA

A exposição à noite. O Pavilhão dos Estados, tormente iluminado, junto ao mar



Visa geral da Exposição, à noite. Bela e sumptuosa combinação de palácios e passadizos abundantemente iluminados.

Olavo Bilac

A mocidade academica de São Paulo, por iniciativa do Centro Onze de Agosto da Faculdade de Direito, num gesto eloquente e patriótico, resolveu perpetuar no bronze, a memoria de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros, o apóstolo magico d'esse grandioso movimento nacionalista.

Após grandes esforços, aquelles bravos rapazes, os pioneiros das boas causas, conseguiram ver realzado o seu sonho, e no dia 7 de Setembro, entre festas sumptuosas, foi inaugurada a estatua do cantor do nossa nacionalidade na Avenida Paulista.

A concepção do monumento, não podia ser mais feliz, em conjunto, porém, criticas mais ou menos severas tem sido feitas, principalmente quanto a attitude do poeta de mão alçada, não dizendo bem a significação que se lhe quiz emprestar.

O ponto escolhido foi mui feliz, pois collocada em uma das extremidades da nossa mais aristocratica avenida, onde se realizam cursos e festejos, elle alli está, como que chamando a attenção de todos os brasileiros, evocando um passado de glórias e concitando-as para o proseguimento da grande obra: tornar o Brasil forte, unido e coeso: amado e respeitado por todos os povos, não só pela sua força como pelo valor dos seus filhos.

A BILAC

*Poeta, que o patrio amor tanto exultaste,
O' mestre, inda referve em nossa mente
O teu verbo de apóstolo eloquente,
Quando o Genio da raça despertaste!*

*E no poema de amor que nos legaste
Em versos de ouro de um primor ingente,
Para gloria maior da tua gente,
Recieve a fé com que o Ideal prégaste.*

*Vem dahi, com certeza, esta vaidade
Que desde o berço, da mais tenra idade,
Sinto, latente, n'alma juvenil:*

*— Não a estulta soberba que desdoira,
Mas, vaidade sublime, immorredoura
De ter nascido em terra do Brasil!*

PHILOMENO STAMATO SOBRINHO



CARLOS

Homenagem da colonia italiana de S. Paulo ao Brasil, por occasião do seu primeiro Centenario.

A herosa e nobre e loria italiana de São Paulo, num gesto delicado e nobre, offereceu ao Brasil, por occasião do seu Centenario a esta-tua em bronze, de um dos seus mais dilectos filhos, o ex-poente maximo da sua cultura musical, Antonio Carlos Gomes.

A cerimonia da inauguração, adida a principio, por diversas circumstancias, para o dia 20 de Setembro, realisou-se finalmente no dia 12 de Outubro. Foi uma festa simplesmente encantadora, to-mando parte nella, nao somente o elemento official, como tam-bem elevado numero de filhas da gloriosa peninsula européa e uma multidão de brasileiros que de uma maneira altamente eloquente testemnhou a sua gratidão e reconheci-



GOMES

como estrangeiros porém como filhos.

O monumento, obra digna do projecto escultor Brizzolara que, n'um gesto carinhoso, empousou para a sua contração exclusivamente material italiano. Infelizmente a photographia de Carlos Gomes que lhe fora fornecida por uma pess.a da familia do maestro, na época, por causa da qual a estatua vier ser reformada, de accordo com os dados fornecidos pelos amigos Levy que foram os amigos mais intimos de Carlos Gomes.

Críticas mais ou menos severas foram feitas ao seu estilo, porém a arte italiana que a representabilidade não cabe ao escultor talvez mesmo o local não se prestasse convenientemente para o monumento, pois se

qualquer edificio de teatro não se deixasse a arte italiana, sem representações a parte de arte.

Alguns dos melhores maestros italianos representados, não estavam artisticamente desistados na parte inferior do monumento, e deixando o mesmo a

mento a aquellos que homenageavam o sublime cantor das selvas patrias, o immortal maestro campineiro.

Em Campinas, Cesar Bierrebach, vencendo difficuldades inauditas conseguiu após uma lucta tenaz que no bronze se perpetuasse a memoria do "Tonico de Campinas". Em Pirassununga, talvez sem grande esforço se levantou tambem um monumento ao autor de Guarany. S. Paulo, dava a nota dissonante até bem pouco tempo, quando um grupo de patriotas tomou essa incumbencia, mais tarde realisada, somente pelos italianos, que tantas e sobejas provas de sympathia tem manifestado por esta terra que os acolheu não

musica e a poesia em lullas Carraras, da qual conjuncto um aspecto de grandia que só uma alma de artista, como a de Brizzolara podia conceber.

De Campinas chegaram representantes da Camara e Prefeitura, associações e um grande numero de pessoas que vieram assistir a inauguração do monumento, que se revestiu de grande imponencia e solemnidade.

O gesto da colonia italiana é eloquente.



Uma opinião valiosa

E' nosso habito não transcrever as referencias elogiosas a nós feitas por estimados collegas, porém desta vez não nos furtamos ao desejo de trazer para esta pagina os conceitos expendidos pela excellent

revista fluminense "Vozes de Petropolis", conceitos esses que muito nos sensibilizaram e que cordialmente agradecemos:

E' profundamente consolador e mesmo de alto

"REVISTA FEMININA" — Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES — S. Paulo, Avenida S. João, 87.

Ha muito tempo que não nos visitou a excellent "Revista Feminina" de S. Paulo, fundada pela virtuosa e muito illustrada senhora Virgílina de Souza Salles. Devido á gentileza do seu actual director, o sr. João Salles, pudemos agora apreciar o numero centesimo — honroso centenário! — desta primorosa collega paulista. Não hesitamos em reconhecê-la e proclamá-la o unico orgam proprio e digno da mulher brasileira.

Enraizada por sua fundadora na base firmissima da Religião, seguindo os principios e dictames da san moral, tão necessarios para a conservação da dignidade e do encanto da mulher, sabe revestirse garridamente dos enfeites modernos que indispensavelmente embelleza a revista illustrada. Batalhando nobremente pela elevação da mulher brasileira, pelo são e justo feminismo, servindo-se das melhores pennas da literatura brasileira, não se esquece tambem de offerecer ás gentis leitoras a illustração que dignifica e a recreação que fortalece, exhibindo ao mesmo tempo grande variedade de trabalhos femininos do mais puro gosto artistico e de mil applicações uteis. Tudo que se pôde exigir de uma revista moderna: util e agradável!

A todas as brasileiras recommendamos esse mimo, que pôde ser assignado por apenas 15\$000 annuaes. Fazemol-o com tanto maior prazer, porque tambem o cardeal e diversos bispos lhe dispensaram elogiosas referencias, e porque sabemos que a direcção está confiada a boas mãos. O sr. João Salles é um cavalheiro — especimen cada vez mais raro — de bons e firmes principios. Disso tivemos, ha pouco, uma prova eloquentissima que muito o honra, e lamentamos devêras que não nos permittiu divulgá-la como merece, para estimular os brios de uma geração que se tornou fraca por demasiada condescendencia e por um falso espirito de liberdade.

Ao excellent director da "Revista Feminina" mais uma vez aqui deixamos consignados a nossa admiração e nossos applausos. — F. F."

efeito moral para nós, redactoras da "Revista Feminina", recebermos palavras de carinho e de conforto, principalmente quando paridas de uma collega, como das "Vozes de Petropolis", conhecida como é a sua proverbial intransigencia em tudo que se affaste do terreno da mais escrupulosa moralidade e rectidão. Mais uma opinião, dentre as muitas, que a "Revista Feminina", fundada pela ines-

quecível Virgílina de Souza Salles é uma das unicas publicações dignas de entrar sem o menor escrupulo em um lar, onde todos, a partir do chefe da casa, encontrarão, não sómente agradáveis horas de leitura, como proveitosos ensinamentos da mais pura moral christan, hoje tão necessarios para a actual geração.

As Rosas

LENDAS PERSAS

GEORGE DELAGUYS



A velha desprendeu um sorriso mofavel e disse:

— Príncipe, se por um lado me arrebataste e me sinto feliz, por outro lado sinto o luto em que tenho o meu coração desde ha muito tempo. Mas a existencia não me é pesada, por-

que sei que Ormuz me facilitará um dia a tornar a ver, na moradia das almas puras, aquillo que foi o meu sol, a minha alegria, e assim, enquanto a morte não vem, cultivo as minhas rosas e amo-as.

— Ah! as tuas rosas! — suspirou o príncipe. — E' verdade que ellas são as mais bellas do universo e não as ha iguaes no jardim do teu rei. E's superior a mim nisso. Podas dizer-me de onde te veio esse culto que tens pelas flores?

— Rei, tu mostras ser bom, e por isso me é agradável satisfazer-te. Amo as rosas acima de todos os bens da terra, por ser a ellas que devo a minha felicidade.

— O que!... pois tu, ser mortal, já foste feliz?!

— Sim, nunca pensei que se poudesse ser tão feliz com um esposo.

— Então, encontraste um homem que soube amar-te, a ponto de não haveres conhecido outro sobre a terra, desde o dia do seu desapparecimento tão pleno de duradoura virtude?

— E' verdade, encontrei esse homem, caro rei.

— E o que se passou, o que se mettu entre vós, que vos conduziu aos esposaes?

— Um bouquet de rosas.

— Conte-me isso, minha boa velha, se é que a tua alma o permitté.

— Sim, rei, vaes sabel-o já, porque o que é bom deve ser dito.

E a velha fallou:

— "Eu era filha de um rei, e quando jovem, procuravam-me, porque eu era realmente bella. Rodeavam-me dois pretendentes, ambos me agrada-

— Se te vendo as minhas rosas, príncipe? E que tua comprar com o teu dinheiro, que seja mais bello que as minhas rosas?

O príncipe persa, a quem ha cerca de mil annos, foi dada essa feliz resposta por uma velhinha cujos brancos se limitavam a uma saudade e a uma roseira quiz conhecer melhor esta curiosa mulher e encostando-no cretado disse-lhe:

— Minha velha, sou o teu rei e as tuas palavras são bellas, mas quem és tu, que não tremes ante mim e que me fazes o preço das cousas que parvas?

— A mãe miseravel das tuas subditas.

— Não, não és miseravel, pois que passaes a riqueza que volveste e que não é possuída pelos outros. Conta-me a tua vida e diz-me porque é que o teu vasto tem o aspecto de estar polvilhado pela felicidade.

vam, tanto um como outro, e o meu coração não sabia qual preferir. Foi, então, que o nosso sacerdote, homem criterioso, me disse:

— Minha ama, escolha aquelle que trazer o mais bello ramo de flores, de rosas. — Estás louco, com as tuas rosas, respondi-lhe eu. — E, não é assim que se escolhe um bom esposo? Faça assim minha ama, tornou a me responder. E foi assim que eu pedi a cada um dos meus pretendentes que me trouxessem flores.

Os dois não se fizeram demorar. Um trouxe-me um ramo de rosas sumptuosas e brillantes, cloquentes na sua belleza, humildes de amor; o outro offereceu-me um magro feixe de humildes hastes, sem graça, apertada, umas ás outras, tristes como a pobreza, e tão pequenas que quasi se desappareciam na minha mão. Meu pae e minha mãe, bem como eu, tinhamos formado bem melhor quanto ao primeiro, o das lindas rosas. Mas o pastor já me havia segredado ao ouvido e eu perguntei aos dois pretendentes: — “Quando querem saber a minha resposta?” Aquelle que me offereceu as mais bellas rosas respondeu com enthusiasmo: “Amanhan ao romper da aurora, minha amada”. O outro murmurou humildemente: “Oh! d’aqui a oito dias”.

Eu ia observar ao galanteador das rosas opulentas que elle era um pouco impaciente em me tornar sua, mas vi o sacerdote sorrir com um ar tão expressivo que respondi ao outro: — Seja, volte daqui a oito dias.

Foi nesse espaço



... ia observar ao doador das rosas opulentas...



... porque eu era realmente bella...



... offereceu-me um magro feixe de humildes rosas...

de tempo, meu bom senhor, que o genio do mal, o detestavel Archimán, foi vencido — “Reflicta por enquanto” — havia-me dito o sacerdote. — “Ponha os dois ramos em dois vasos e acompanhe com attenção o que em cada um delles se opera”. Foi então, meu príncipe, que comprehendi o pensamento do padre. Effectivamente, a proporção que as rosas magnificas, presente de um desejo impaciente e superficial, estiolavam no vaso, com as petalas já desbotadas e a folhagem amarellecida, no outro vaso, o humilde feixe de hastes, offerecido por um coração raro, que sabia esperar e não patenteava logo as suas virtudes, tornara-se lealmente viçoso, brotara em corolas viças, de um esplendor immenso.

Chegando o oitavo dia, fiz vir á minha presença os dois pretendentes e apresentei-lhes os dois vasos que continham os seus presentes. Ambos olharam as duas plantas: uma amarellecida e a outra triumphante de belleza. O doador das rosas, que haviam durado tão pouco, com o seu viço, comprehendeu a moralidade da prova, e, inclinándose-se retirou-se.

O outro, cujo presente se embellezara durante os oito dias e apresentava toda a pujança do viço, ajoelhou-se ante mim e beijou-me a mão. Desde esse dia, toda a nossa vida foi um desabrochar da mais sincera ternura por parte delle, e as proprias rosas do seu espirito jamais emmurcheçeram... E o sacerdote fez-me um signal approvativo e retirou-se.

E' por isso, meu príncipe, que eu tanto amo as rosas.

A Embaixada feminina Portuguesa

D. ANNA DE CASTRO OSORIO, D. IRENE DE VASCONCELLOS E D. VIRGINIA QUARESMA

São conhecidos do publico os nomes das pessoas que compõem a Embaixada Extraordinaria e especial da Nação Portuguesa, nas festas commemorativas do Centenario, que tão brilhantemente se realizaram em todo o Brasil.

São elles: o sr. Embaixador dr. Duarte Leite, almirante Gago Coutinho, capitão de fragata aviador Sacadura Cabral, commandante Oliveira Musanty, dr. Joaquim Pedrosa, João da Silva e Lima e Manoel de Azevedo d'Oliveira.

Tambem são conhecidos os nomes da Embaixada da Presidencia da Republica Portuguesa que a bordo do paquete "Porto" vieram para esta capital onde os elementos officiaes e o povo brasileiro e portuguez saudaram effusivamente o Chefe da Nação Lusitana, bem como a sua brilhante comitiva.

Falta porem alguma coisa. Portugal, naquella solenne momento em que o Brasil celebrava o seu primeiro seculo de Independencia, quiz tambem enviar-nos a sua Embaixada Feminina.

Ella foi, para os brasileiros, a maior prova de affecto e dedicada attenção de Portugal para com o Brasil.

Portugal não nos enviou já e nos envia ainda: a sua embaixada especial para os cumprimentos diplomaticos, protocolares e festivos, a sua embaixada extraordinaria para as affirmações de fraternidade e affecto, os seus productos para a exposição internacional commemorativa do Centenario, o seu Catalogo e Livro de Ouro, os seus expositores e economistas, os homens de sciencia, os estadistas, os negociantes e os intellectuaes.

Mas, superior a todas as embaixadas, mais formosa e admiravel do que estas, tambem veio ao Brasil, uma Embaixada Feminina composta das sras. escriptoras D. Anna de Castro Osorio, D. Irene de Vasconcellos e D. Virginia Quaresma, que ha alguns dias se encontra entre nós.

D. Anna de Castro Osorio, — pelo seu alto merito litterario, exuberantemente comprovado em annos successivos de propaganda e aturados trabalhos, em obras que despertam

vivissima admiração pelas variadas modalidades que reveste o seu formosissimo talento, como nenhuma outra, será a Embaixatriz admiravel, representando entre nós o ex-pozente maximo da intellectualidade feminina de Portugal.

A sua figura litteraria, destaca-se do numero das muitas senhoras portuguezas que para o publico escrevem, pelo surto extraordinario de ideias, pelo fervor e ardor patriotico, pela actividade e pelos raros detes de elevação espiritual que possue.

Com ella veio a illustre sra. d. Irene de Vasconcellos, licenciada da Sorbonne, a mais adiante promessa feminina litteraria de Portugal.

E' uma curiosa figura a desta distincta portugueza que em Paris, como alumna da Sorbonne, conquistou, pelo seu talento, ao lado de centenaes de alumnos daquella Universidade — de alumnos de todos os paizes — as mais altas classificações, obtendo, entre os milhares de estudantes que ao seu lado faziam affirmações de applicação e estudo um lugar distincto, destacando-se, dentre todos, pelo seu elevado espirito e pela sua intelligencia assonbrosa.

Além disto, a sra. d. Irene de Vasconcellos, que é ainda uma joven, muito nova, e por conseguinte, facilmente impressionavel, significa, neste momento, em Portugal, a mocidade intellectual feminina portugueza, que ella aqui representará — brilhantemente, quer frequentando os meios litterarios brasileiros, onde, certamente, se lhe fará um lugar apropriado para que ella nelle dê uma prova do seu valor, quer ainda em conferencias publicas onde a farta todos poderão ajuizar da sua extraordinaria cultura, já tratando dos mais modernos assumptos de arte e litteratura, já embrenhando-se nas mais complicadas theorias scientificas que ella abordarã com largueza e conhecimento.

Estas são as duas figuras femininas dessa Embaixada que entre nós despertaram o mais vivo interesse. A terceira, D. Virginia Quaresma, é por demais conhecida entre nós e por ella fala a sua grande obra de jornalista e patriota.

IN HOC SIGNO...

Já não é novidade para ninguém a presença da mulher brasileira, como funcionária pública, nas diversas repartições, em todo o território da República.

A propósito desse assunto, lê-se num dos últimos números da "Revista Feminina", um luminoso e bem elaborado parecer, emitido pelo consultor geral da República, em resposta a uma consulta feita pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores, com referência à admissão de uma senhora ao cargo de escrevente juramentada do 16.º Offício de notas da Capital Federal.

Conclui o consultor geral da República pela legitimidade da admissão, não somente em face do artigo 73 da Constituição Federal, que faculta o exercício dos cargos públicos, civis e militares, a "todas os brasileiros", indistinctamente mas também estribado na disposição do artigo 247, parágrafo unico do Código Civil e mais ainda por achar-se, há mais de um século, aberta a porta pelo precedente histórico.

É sabido que o príncipe regente do Brasil, já em 1808, por uma portaria de 17 de dezembro, houve por bem nomear, como nomeou, uma senhora para o officio de escrivão das execuções da Villa e Comarca de Sabará.

Não deixemos também passar despercebido e abaixado nesse infinito tumultuar de idéas e de intenso movimento feminista, que ainda há bem poucos dias, na comarca de Descalvado, uma das bem movimentadas deste Estado, após o competente exame a que se submetteu e pelo qual ficou perfeitamente apurada a sua competencia intellectual, depois de comprovados todos os requisitos de idoneidade moral, foi investida do cargo de escrevente juramentada do cartorio do Registro de Hypothecas, do Jury e Annexos, a senhorinha Dorvina de Faria Valente, filha do serventuário do mesmo cartorio, capitão Manoel Cortez Valente.

Outro caso e este é ainda mais recente. Foi há dias, noticiado por todos os jornais desta capital que o dr. delegado fiscal approvou a nomeação de D. Carlota de Gouveia para o cargo de ajudante de escrivão da Collectoria Federal de S. Luiz do Parahytinga.

Já não são raros os cargos públicos, que nas diversas repartições, quer federaes,



Um gracioso grupo de senhoritas da aristocratica sociedade de Alfenas, Minas.

outher nas repartições publicas, onde ella pode, certamente, e com vantagem, substituir o homem que, sob a ponto de vista physiologico, é mais forte e por isso mesmo mais apto do que ella para se dedicar a certos mysterios, muito mais compatíveis com a sua natureza e com a resistencia superior de seu sexo!



A senhorita Alice Fimonta, da elite de Santo Thomez de Aquino e estorquida embaixatriz da "Revista Feminina" naquella cidade mineira.

Assimular-se a victoria do feminismo pelo trabalho intelligente e util, já é um facto animador e capaz de encorajiar um povo pela estrada lenta do progresso e conduzir ao fatigio da gloria, onde de certo nunca conseguirão chegar as pobres filhas de Eva que ainda hoje se acham com a victoria da sua causa, sem entenderem ao poder alcançado, os tumultos que se succedem nos mercados nas ruas e praças publicas, das grandes cidades e das remotas aldeias.

Não, senhoras

O que se faz mister é que o hymno da victoria desta grande e nobre cruzada seja cantado pelo coro de alecrim, pelas suas realidades, estão vencendo e vencerão sempre a golpes de ganhação, com o fôlego do talento e com o trabalho copioso, produtivo e util.

So assim e de nenhum outro modo e que poderão ellas contar como certa a victoria da causa do feminismo que estão pleiteando.

Desse modo é fora de duvida, lá vai a mulher marchando, com passos firmes e seguros para a conquista de uma victoria que largamente alcançará.

In hoc signo vincis.

Colaboração especial para a "Revista Feminina"

Pirassununga,

CORNELIO FRANÇA



O mesmo gracioso grupo de senhorinhas alfenasas.

O VOTO FEMININO

O PROJECTO AINDA ESTÁ NO SENADO

Acha-se no Senado um projecto de lei equiparando politicamente os dois sexos — o mesmo vale dizer, conferindo á mulher o direito politico do voto, que até agora era attribuido exclusivamente aos homens.

Já por mais de u na vez nos manifestámos sobre o assumpto, com as sympathias que nos merece essa reivindicação feminina. Tel-a-emos, desta vez, victoriosa entre nós? Não o apostaremos. Embora estejamos convencidos de que não tardará muito essa victoria, aliás já alcançada em outros paizes, que se contam em numero de 34: ha actualmente no mundo 138 milhões de mulheres que já estão no gozo do direito do voto politico.

Em alguns paizes, porém, esse direito lhes é ainda recusado: na França, na Italia, na Hespanha, na Grecia, em Portugal, e nos ibero-latino-americanos.

No primeiro desses paizes, aliás, a recusa parcial ou, digamos, temporaria, porque a Camara dos Deputados já votou em Paris, por grande maioria, a concessão do direito do voto ás mulheres, dependendo agora a victoria definitiva apenas da approvação do Senado.

* * *

Nós aqui temos o vicio detestavel de hesitar medrosamente em quantos propósitos se nos sugeriram á iniciativa, conservando-nos á espera da palavra de ordem que nos venha de fóra, — mais frequentemente de Paris. Não cogitamos muito se util ou má, si conveniente ou pernicioso. Exigimos-lhe o *cachet* parisiense e só então admittamos-lhe foros de viabilidade aqui.

Si assim fór mais uma vez, teremos de esperar que o Senado francez se pronuncie sobre o projecto que lhe está affecto e, só quando o telegrapho nos trazer noticia de que foi elle approvado, daremos andamento ao que se encontra no nosso e o transformaremos em lei do paiz.

Ridículo? Indiscutivelmente. E lamentavel.

No emtanto, poderíamos e deveríamos resolver esse como qualquer outro assumpto que condiz com os nossos interesses, sem preocupações subalternas do modo como as encaram e resolvem outros povos em attenção aos seus interesses proprios.

O suffragio feminino nas eleições politicas pôde ser praticado entre nós com successo e utilidade proveitosa, nas condições actuaes de educação e instrução da Mulher Brasileira?

E' esse o ponto capital da questão aqui. Não se trata da mulher allemã ou norueguesa, que já vo-

tam; ou da franceza, que está a pique de votar; ou da italiana ou portugueza, que nem votam ainda, nem parece que votarão tão cedo. Trata-se da Mulher Brasileira, como a temos, como é e como a sabemos.

* * *

A intervenção directa das mulheres nas corporações legislativas, votando nos que as compõem ou sendo ellas proprias votadas para comporem-n-as, pôde realmente resultar benefica. Como ainda ha pouco foi referido, a proposito, no recente Congresso de Ensino, os homens por si sós, reduzidos a suas proprias forças moraes, a seus proprios elementos, jamais poderão debellar o alcoolismo, a immoralidade, a crescente mortalidade infantil, e principalmente o maior e mais tragico dos flagellos humanos: a guerra. As mulheres consideram essas questões essencialmente de interesse vital para ellas, ao passo que não o são para os homens: são ellas, não elles, que, embora não combatente, mais angustiadamente soffrem os horrores que as guerras acarretam, para vencidos e vencedores. No dia, pois, em que o suffragio feminino fór uma realidade praticamente em função na composição das assembléas politicas responsaveis em todos os paizes do mundo, as guerras se tornarão mais difficéis, sinão impossiveis, porque só muito difficilmente os governos obteriam dos parlamentos a auctorização para as desencadear.

* * *

Mesmo que se não trate, porém, do problema da guerra, qualquer dos outros é bastante para justificar o interesse com que acompanhamos a crescente influencia que vem adquirindo a mulher na composição das assembléas politicas nos paizes mais adeantados do mundo. E, mais que tudo, importa-nos indagar da verdadeira situação em que estamos, para encamar e resolver esse mesmo problema no que especialmente concerne a nosso proprio paiz. O projecto lá está no Senado. Não cremos que se concretize em lei tão cedo. Ha outras cogitações mais sérias e mais graves, no momento. Dentro em um mez vamos assistir á passagem do governo, assumindo a chefia da nação o presidente Arthur Bernardes. Os senadores e os deputados não têm outra preocupação. Nem podem ter. Como complicarem-se a propria atarantação com embrenharem-se nas malhas da discussão do projecto, eventualmente saudavel mas revolucionario, da outorga do direito politico do voto ás mulheres?... (*D'A União*) J.

AULAS INFANTIS

CONSELHOS AS MÃES

A princípio se poderá pensar que o título acima seja um mero divertimento infantil sem qualquer valor a não ser o de reter o espírito da criança. Porém pensando um pouco, chega-se à conclusão de que é de capital importância ensinar-se uma criança a levar ou trazer qualquer objecto de uma ou outra parte da habitação.

São os conselhos de Madame Pestoyer que hoje transpomos para estas columnas, procurando adaptal-os ao nosso meio e ao desenvolvimento infantil do nosso país.

Vejam-se então como se deve proceder. Colloque-se numa sala uma cadeira, com o espaldar encostado à parede e em frente a ella três outras cadeiras separadas por distancias que variem de 1, 3 e 4 metros. Tome-se em seguida um objecto que possa atrahir a attenção da criança, um livro de gravuras coloridas, por exemplo, e váse com o pequeno para a sala onde estão dispostas as quatro cadeiras. Ahí a pessoa em carregado dezes, deixa sentar na cadeira junto a parede, tendo a criança ao lado, de pé.

Em seguida ponha-se o livro na cadeira mais proxima, ou seja a que está separada da professora um metro apenas e ordene-se: "Traqueme o livro".

A criança irá buscá-lo no local onde elle se acha e cumprida que seja esta ordem, devê-se receber o livro e mostrar-lhe sorrindo.

Depois repete-se a operação, porém collocando-se na cadeira mais afastada que a primeira e repete-se a ordem da mesma maneira que na primeira vez, mostrando-se sempre sorridente. A mesma operação se faz com referencia á ultima cadeira, que devêr estar disposta a quatro metros.

É preciso porém que a professora

O intelligente Sebastião Honorato, travesso filho do sr. Manoel Honorato da Silva e de d. Josephina Lima da Silva, de A. Nova da Parahyba do Norte

a mãe, a irmã encarecida de administrar esses ensinamentos teinha o cuidado de collocar o livro de tal modo que nunca a criança se veja obrigada ou tenha pretexto para pegá-lo com a mão esquerda ou com ambas as mãos, pois si assim fizesse o effeito seria desastroso, contrahindo esta que aquelle pequeno ente venha ser canhoto.

Si por acaso, o alumno não comprehender bem a ordem dada, approxime-se e tanto quanto possível á primeira cadeira e as ou tras si assim julgar necessario.

É preciso cuidado para não fatigar aquelle ou quinnio corpo com lições demasiadamente longas.

Conhecida esta primeira parte, fize-se então o inverso, isto é, mandasse a criança levar o livro para a cadeira mais proxima, em seguida para as mais distantes, applicando de todas as vezes que ella assim fizer, com um "muito bem" caloroso e sorrindo satisfeita.



A encantadora e alegre, afecção filha do sr. Aguilhera E. dos Santos e d. Marietta L. de Figueiredo, de Macaé, neste Estado.

Depois d'isto feita e percebido que ella poderá se corrigir, como recommenda entretanto o livro para que veja as mesmas, se divertindo.

Si a criança tiver o habito de trazer todo o que lhe de papel, é conveniente em vez de um livro se fazer a lição com um objecto differente, uma bolha por exemplo, pois ordenar que ella assim não faça terá um resultado mais negativo, a desobediencia.

É de grande importancia recordar que, em aquelle primeiro ensinamento, quando se estiver ensinando alguma criança, nunca ordene-se, si não se de fazer com "poderimento". Algumas mães não temem em grande conta este particular e ao fim de certo tempo passam pelo mesmo de se se tem desobediencia. Tendo-se a intenção de dar uma ordem realmente boa para uma criança, quando tivermos de corrigir, mostre-se a mesma sorridente e com o olhar para ella, mostrando que se está a corrigir, e não a castigar. Assim, quando se estiver corrigindo, não se deve fazer com "poderimento".

As crianças que se corrigem com muita facilidade toda e qualquer disciplina, e se também educam muito facilmente as suas vontades. Assim por exemplo, costumada a ir para a escola, se se não vai, depois de uma lição, sempre assim procedendo, mas si um dia por qualquer circumstancia não comparecer, se observado, então está muito difficil obrigá-lo novamente a comparecer na escola.

É mais commum se ouvir dizer as mães que os seus filhos são capotados. Entendendo a culpa exclusivamente a ellas. Assim não é facto raro um pequeno pedir agua para beber e depois que se lhe dá o copo recusar, e ao se tomar o copo novamente pedir em agua e chorar a chorar. É um habito muito esse, porém facil de se corrigir. Para isto quando elle pedir agua, dê-lhe o copo e se ella recuzar pegue-se a agua farta e comece a despedaçá-la lentamente e a fazer o que se vna fazendo antes. Elle chorará naturalmente, mas não se lhe dê a agua por uns dez minutos. Cava ella persistir no choro e peça para beber, então entregue o copo e pergunte-lhe: "quer agua mais?" Resposta a resposta affirmativa não se dá a agua a criança e deve se mostrar sorridente, perguntando: a agua esta boa?



A pequena Dorcas, grata e meiga, filha do sr. Francisco Assis e de d. Anália M. de Costa, Vitoria, J. Rio de Janeiro.



O intelligente menino Claudenor, do sr. Luiz da Costa e de d. Annita Machado da C. e Silva, de Macaé, Alagoas

Não é facil, porém também não é difficil de corrigir, mas e por si persistencia e constancia no methodo empregado.

Ha entretanto o máo vicio de se corrigir as crianças por essas minimas faltas, tornando aquella rinha um emburço, tornando do a medrosa e nervosa.

É preciso corrigir, porém também é preciso saber corrigir.

O Congresso
Juridico reco-
nhece o direito
de voto à mu-
lher brasileira.

Uma grande victoria do femenismo brasileiro

Apenas um
congressista se
manifestou con-
tra o voto fe-
menino.

Discurso da Dra. Myrtes de Campos
O brilhante parecer do Dr. Evaristo de Moraes

O dia 24 de Outubro representa para o feminismo brasileiro uma das suas maiores victorias no terreno juridico e politico. No Rio de Janeiro foi debatida e approvada por quasi todos os membros do Congresso Juridico alli reunido a these concedendo o direito do voto às mulheres e declarando que a Constituição nunca lhe negou esse direito.

A these, que estava assim redigida, era a oitava da ordem a ser discutida:

A mulher não é moral nem intellectualmente inapta para exercer direitos politicos. A Constituição Brasileira não admittiu o voto feminino e este deve ser expressamente autorisado. O Estado pôde e deve regular o trabalho das mulheres casadas, e solteiras de qualquer idade.

DEFENDENDO O DIREITO DE VOTO A'S MULHERES

Rompou os debates a Dra. Myrthes de Campos, que sustenta o voto feminino, discordando da conclusão do presidente que o reputa inconstitucional.

Sustenta longamente o seu ponto de vista; diz que o feminismo não representa uma pretensão de dominio; a época da subordinação da mulher acabou-se porque ella não é inferior ao homem.

Aborda o problema do operariado feminino, achando que toda a mulher grávida, casada ou não, merece assistência.

Acha que não ha argumentos de ordem moral ou philosophica nem juridica, que condemnem o suffragio feminino. Estuda a Constituição e aprecia as objecções formuladas pelos que discordam de tal opinião, para concluir enviando uma emenda á mesa.

O PONTO DE VISTA DO DR. EVARISTO DE MORAES

Em apoio dessa corrente de ideias, falou, depois, o Dr. Evaristo de Moraes. Começou dizendo que a questão da sua constitucionalidade era controvertida, opinando Barbalho no sentido de haver a Constituição negado ao sexo feminino o direito eleitoral, fundando-se em que não foram approvadas as varias emendas que nos debates da Constituinte, lh'o outorgaram directamente. Araujo porém, baseando-se nos arts. 69 e 70 da Constituição, diz que o nosso pacto fundamental "não impede que as mulheres" sejam alistadas como eleitores". O orador declara que poderia ainda citar o art. 72, em o qual se asseguram direitos a brasileiros e ninguem ousa negar que da maioria de taes direitos gozem tambem as mulheres. Cita ainda o art. 70 parágrafo 1.º e assevera que dos textos constitucionaes não deriva claramente a incapacidade politica da mulher, pelo contrario, a capacidade pôde e deve ser deduzida das disposições citadas. Analysa, depois, a opinião de Carlos Maximiliano, que depois de historiar os

trabalhos da Constituinte, conclue, em vista da repulsa das emendas a que já alludira Barbalho, pela negação constitucional do direito de voto às mulheres. Mas, o proprio Maximiliano declara que o elemento historico não é decisivo para a interpretação das leis, prevalecendo, contra elle, o texto, interpretado systematicamente. Ora, da interpretação systematica do texto constitucional, resulta, sem duvida, o direito eleitoral da mulher brasileira.

Liquidada a questão constitucional, diz o orador, não ha, "nos tempos de agora e deante da experiencia", nenhum argumento a oppôr, com vantagem, á concessão do direito de voto às pessoas do sexo feminino que preencherem as condições prescriptas na Lei Magna e se sujeitarem ao processo commum do alistamento. Poderia o orador citar as demonstrações recentes de capacidade da mulher na paz e na guerra, nas sciencias, nas artes, nas industrias, na administração, em todos os terrenos de que o egoismo masculino quiz banil-a. A intervenção integral feminina é, hoje um facto. Como e porque, dada essa situação — que é universal — recusar-lhe a collaboração na obra legislativa, quando os tributos lhe são pedidos e ella não recusa satisfazel-os, desde o pecuniario até o de sangue? Ninguem se preoccupa mais a sério com o estafado argumento tirado da sua "função no lar", da sua especifica função domestica, de anjo, flor, perfume e quejandas bobagens lyricas. Tem-se visto que as mais esclarecidas representantes do sexo feminino dispensam esses dithyrambos preferindo o reconhecimento dos seus direitos. Demais, nem por ser admittida ao exercicio do direito politico, deixa a mulher de poder exercer as funções nobilissimas que lhe inibem no lar domestico. Ninguem contesta a um homem as qualidades de bom marido e bom paé, só porque occupe algumas horas com a politica. Acrescem duas ponderações: a maioria das mulheres a quem concederemos o direito eleitoral só terá de empregar, no seu exercicio, poucos dias ou poucas horas.

E a experiencia tem mostrado, por toda a parte, que as mulheres não sacrificam os seus deveres domesticos á politica, conciliando perfeitamente a sua vida privada com a nova função publica. Referiu-se aos paizes que já adoptaram o voto feminino e concluiu declarando que facil seria demonstrar que os homens não têm sabido sempre escolher os seus representantes bem como estes nem sempre se têm mostrado dignos da função legislativa.

O UNICO VOTO CONTRARIO...

O Dr. Pinto Lima disse que a Republica não foi sincera. Não pode ser reconhecido o direito de voto às mulheres, por isso que não é claramente deferido na nossa constituição. Estuda a sua elaboração e afirma que assenta nos principios de sociologia de Augusto Comte. Diz que por amor, por piedade pensa não dever ser extensivo ás mulheres o direito de voto para não sujeital-as aos dissa-

bores dahi resultantes. Fala na emenda Cesar Zama, ao art. 70 em favor da argumentação. Faz votos pela emancipação intelectual da mulher e conclue afirmando que ante o art. 70 não pôde deixar de votar pela conclusão do relator.

OUTRO VOTO FAVORAVEL AO FEMINISMO

E um outro declarou que, coherente com a opinião manifestada na Comissão de Justiça da Camara, o seu voto seria favoravel á concessão desse direito ás mulheres.

Não se discute mais no Congresso a oportunidade de suffragio feminino o que já é universalmente adoptado; discute-se apenas a questão constitucional, que pensa não ser obstaculo deante do espirito, novo de interpretação tão admittido na esphera do direito privado como tambem do direito publico. Mostra como vem evoluindo o desenvolvimento das aspirações das mulheres, que já occupam com brilho, graças á interpretação de juristas, a quem cita pelo seu valor constitucional, cargos publicos e não vê porque não podem occupar cargos electivos, pois onde a lei não distingue ninguém pôde distinguir. Demora-se na expliação dos methodos de interpretação declarando servir-se do methodo historico evolutivo, que conduz á conclusão a que chega de que a Constituição não veda o voto feminino.

UM BRILHANTE PARECER

Damos a seguir na integra, o voto do Dr. Evaristo de Moraes, demonstrando que a mulher tem capacidade politica, visto como a Constituição não lhe restringe os direitos:

A questão primordial é da constitucionalidade, a que não devemos, nem podemos nos furtar. Divergem os pareceres. — João Barbalho (*Commentários*, pag. 291), opina no sentido de haver a Const. negado ao sexo feminino o direito eleitoral, fundando-se em que não foram approvadas as varias emendas que, nos debates da Constituinte, lh'o outorgavam directamente.

— Araujo Castro, se bem que não esconda este elemento historico, diz: "A Const. não impede que as mulheres sejam alistadas como eleitores". Basea-se no texto da Const., combinado os artigos 69 e 70. O primeiro declara quaes são os cidadãos brasileiros e ninguém sustenta que na palavra cidadãos não estejam comprehendidas as mulheres. O segundo declara, instituindo o *suffragio universal*, que são eleitores os cidadãos maiores de 21 annos que se alistarem na forma da lei. (*Manual da Const.*, 2.ª ed., pag. 304).

Poderia ainda, combinar os citados artigos com o art. 72, em o qual se asseguram direitos a *brasileiros* e ninguém ousa negar que da maioria de taes direitos gozem tambem as mulheres.

Poderia, tambem, argumentar com o paragrapho 1.º do cit. art. 70, em o qual se declaram quaes as pessoas que "não podem se alistar para as eleições federaes e estaduais"; *entre estas pessoas não figuram as mulheres*, expressamente.

Resumo: — dos textos constitucionaes não deriva a incapacidade politica da mulher; pelo contrario, a capacidade pôde e deve ser deduzida das disposições indicadas pelo dr. Araujo Castro e por nós.

Vejamos como pensa o douto presidente dos nossos trabalhos. Aqui temos neste impresso a sua respeitavel opinião.

Faz s. exa. o historico dos debates da Constituinte. ci-

tando, com fidelidade escrupulosa, quanto alli se passou. Conclue, em vista da repulsa das emendas a que já alludira Barbalho, pela negação constitucional do direito de voto ás mulheres.

Mas, com sinceridade, reconhece o que todos nós sabemos; que o elemento historico, no parecer de muitos, não é decisivo para a interpretação das leis, prevalecendo, contra elle, o texto, interpretado systematicamente. Ora, como vimos, da interpretação systematica do texto constitucional resulta, sem duvida, o direito eleitoral da *mulher brasileira, tão cidadã como o homem é cidadão*.

Cumpre ainda observar que não se embaraçou com a objecção da inconstitucionalidade o senador amazonense; tão pouco impediu ella a manifestação constante do erudicto e bravo parecer de um deputado.

E muito aproveitavel se offerece, tambem, na especie o augmento do historiador da Constituinte, baseando-se na declaração de voto do representante de S. Paulo, Almeida Nogueira. De facto, aqui está o que este disse.

"Eu não vejo que seja necessaria em nosso direito publico uma disposição especial, estabelecendo a capacidade politica da mulher, visto como a Constituição não restringe seus direitos. Se ellas não são eleitoras, é porque não lhes apraz o exercicio dessa funcção civica. (Contestação). A nossa antiga Constituição e tambem o projecto que estamos discutindo ennumeram as condições para ser-se eleitor, mas não mencionam como tal o sexo masculino, o que fazem as Constituições de alguns Estados da União Americana. Essas referem-se expressamente a cidadãos-varões. O nosso direito publico exclue apenas os mendigos, os analfabetos, as praças de pret e os religiosos de ordem monastica. Não exclue as mulheres. Ora, um direito não se restringe por indução (é principio de hermenutica) senão por expressa declaração da lei."

Liquidada a questão constitucional, não ha, nos tempos de agora e deante da experiencia, nenhum argumento a oppôr, com vantagem, á concessão do direito de voto as pessoas de sexo feminino que preencherem as condições prescriptas na Lei Magna e se sujeitarem ao process commum do alistamento. Não ha tempo para offerecer as demonstrações recentes da capacidade da mulher na paz e na guerra, nas sciencias, nas artes, nas industrias, na administração, em todos os terrenos de que o egoismo masculino quiz banil-a. *A intervenção integral feminina* é, hoje, um facto.

Como e porque, dada essa situação — que é universal — recusar-lhe a collaboração na obra legislativa, quando todos os tributos lhe são pedidos, e ella não recusa satisfazel-os, desde o pecuniario até ao do sangue? Ninguém se preoccupa mais, a serio, com o estafado argumento (enganador e suppostamente enaltecido da mulher) tirado da sua *funcção no lar*, da sua especifica funcção domestica, de *anjo, flor, perfume* e quejandas b bagens lyricas. Tem-se visto que as mais esclarecidas representantes do sexo feminino dispensam esses dithyrambos, preferindo o reconhecimento dos seus direitos. Demais, nem por ser admittida ao exercicio do direito politico deixa a mulher de poder exercer as funcções nobilissimas que lhe incumbem no lar domestico. Ninguém contesta a um homem as qualidades de bom marido e bom pae, só porque occupe algumas horas com a politica. Acrescem duas ponderações: a maioria das mulheres a quem cederemos o direito eleitoral só terá de empregar no seu exercicio, poucos dias ou poucas horas. E a experiencia tem mostrado, por toda parte, que as mulheres não sacrificam os seus deveres domes-

nicos, a politica, conciliando perfeitamente a sua vida privada com a nova funçao publica. E, por falar na experiencia, e occasiao de apresentar, aqui, aliás sem custo, a relaçao dos paizes em que já goza a mulher do direito de voto, quer restrictamente quer amplamente.

Eu disse que o feria *sem custo*, porque da carteira me exime a valiosa contribuiçao do senador amazonense, no seu parecer.

Nos Estados Unidos, todas as assembleas estaduais ratificaram a deliberação do Congresso Nacional relativa ao direito que nos occupa, tendo sido promulgada a lei federal em março de 1920. Votam, tambem, as mulheres nos seguintes paizes:

- Alemanha
- Australia
- Austria-Hungria
- Belgica
- Dinamarca
- Hollanda
- Inglaterra
- Noruega
- Nova Zelândia
- Polonia
- Suecia
- Tcheco-Slovacia

Nem se nos oppoem, como já foi feito, a *ineclicia* relativa da nossa populacao, porque esse argumento *procuria* de novo, atirando igualmente o homem.

E não era de esperar que os homens não têm sabido sempre escolher os seus representantes, bem como estes nem sempre se tem mostrado dignos da funçao legislativa.

"O Imparcial", brilhante diario carioca, em se referindo a decisao do Congresso Juridico, assim se exprime:

"Em boa hora foi agitada, no seio do Congresso Juridico do Centenario, a velha questao do direito de voto feminino. Na Camara dos Deputados o debatido problema vem de mostrar uma soluçao favoravel ás mulheres. E o Congresso de juristas brasileiros, levando-o a plenaria, confirmou cabalmente o ponto de vista legislativo. Valeu, assim, a discussao de hontem, por uma sancçao juridica ao protesto em andamento na Camara.

O Congresso Juridico analysou, especialmente, a questao de accordo com a interpretaçao que se leve dar ao texto constitucional. Este é, aliás, o unico lado do problema ainda susceptivel de discussao. A incapacidade moral, physiologica e intellectual das mulheres ha muito está por terra, desmentida de forma total.

Vejamos o texto constitucional. A nossa Magna Lei considera cidadãs brasileiras, sem explicita declaraçao de voto, "todos os nascidos no Brasil, ainda que de paes estrangeiros, não resultando esse a serviço de sua naçao"; os filhos de pais brasileiro e os illegitimos de mãe brasileira, nascidos em paiz estrangeiro, se estabelecerem domicilio na Republica, etc."

"São eleitores — falla ainda a Constituição — os cidadãos maiores de 21 annos, que se alistarem na forma da lei."

"Não podem alistar-se eleitores, para eleições federaes, ou para os Estados:

1.º — Os mendigos;

2.º — Os analfabetos.

3.º — As praças de "pret", exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior;

4.º — Os religiosos de ordem monastica, companhias, congregaçoes, communiidades de qualquer denominação sujeitas a voto de obediencia, regra ou estatuto, que importe renuncia da liberdade individual."

De tudo isto se conclue que:

1.º — "Cidadão" tanto se applica a um homem como a uma mulher;

2.º — Assim sendo, as mulheres não incluídas nos impedimentos acima apontados, têm indubitavelmente, o direito de voto.

Esta, de resto, parece ser a opiniao quasi unanime do Congresso Juridico.

"A Patria", acutado orgão da imprensa do Rio de Janeiro, que sempre se mostrou sympathico as aspiraçoes femininas, cuja opiniao e tida em grande conta na sociedade brasileira assim se exprime com referencia ao mesmo assumpto:

"Em face da capacidade da mulher revelada na paz e na guerra, nas sciencias, nas artes, nas industrias, na administração publica, em todos os terrenos de que o egoismo masculino quiz bandir, não se lhe pôde recusar collaboraçao na obra legislativa.

Se os paizes mais adiantados do mundo já adoptaram o voto feminino, se a observaçao tem mostrado que as mulheres conciliam perfeitamente os seus deveres domésticos com as novas funçoes publicas; se o nosso estatuto, basico não nega, de um modo categorico, imperativo, indiscutivel, o exercicio do direito eleitoral á mulher; se da interpretaçao systematica do texto constitucional resulta o direito eleitoral da mulher brasileira; se a transformação de valores que se opera na sociedade actual exige maiores despendios de energias espirituais e moraes; se os elementos juridicos da questao se harmonizam e se conciliam perfeitamente — por que motivo ainda não liquidamos essa controversia quasi secular?

A regulamentaçao do trabalho das mulheres casadas e solteiras de menor idade é uma obra de coraçao a que os homens não devem ser estranhos.

Seria uma obra digna da mulher se o nosso bisonho constitucionalismo não encontrasse barreiras e não creasse difficuldades ao voto feminino."

Ao fazermos esta noticia nos conta o telegrapho que na Camara foi approvada em primeira discussao a concessao do direito de voto ás mulheres.

Deante de tão auspiciosos acontecimentos nos congratulamos com todas as nossas amigas e assignantes, espeçançadas de vermos realizada ainda este anno, a mais almejada conquista do feminismo brasileiro; o voto ás mulheres.

Anna Rita Malheiros, Maria do Rosario Queiroz, dra. Prager Fróes, dra. Rosa Pires e outras, espiritos altamente combativos e emprehendedores, devem estar a esta hora satisfeitas, vendo quasi que coroados os seus estorços.

O cofre de Cid

Quando a crise se tornou mais terrível em Eukarrria, a grande cidade do Novo Continente, o rei das Finanças teve aquelle gesto historico diante dos olhares supplicantes de uma legião de banqueiros arruinados: assignou um cheque maravilhoso, que devia trazer á metropole sedenta de ouro, cem milhões de francos em peças reluzentes — um rio de metal precioso — que ia correr pelos aridos canos sequiosos dos negocios.

A tormenta cessou. Rostos supplicados sorriram. Almas se difundiram em acções de graças. Um "Te Deum laudamus" de todos os corações succedeu ás blasphemias e ao ruído secco dos projecteis com que os desesperados perforavam o cráneo.

Um mez depois o gigantesco vapor "Anna", verdadeira cidade flutuante, chegava á bahia de Eukarrria, conduzindo cem toneis, e em cada um delles um milhão de francos.

Nunca, (affirmavam os diarios), thesouro semelhante arrostara a fúria dos mares.



Ante aquella descoberta, viu-se irremediavelmente perdido.

Até parecia que durante a viagem, a onça, que em fim é mulher, conquistada pelo ouro abria-se ao impulso da quilha, com o rumor de uma seda que se rasga.

Dez guardas, como dez argos, vigiavam os toneis dia e noite, revestando-se cada cinco horas, e não relaxavam sua cautela um instante, até depositarem nos sub-bolos blindados do Banco Nacional da Eukarrria em plena segurança, a preciosa carga.

Durante a noite, o empregado do banco, que fazia a ronda, (desta vez mais minuciosa), pelos subterraneos, reparou que um dos toneis se achava em mau estado.

A madeira curva, havia cedido um pouco, entre os arcos e o zinco da parte interior, descoberto e amassado por algum choque, começava a deslocar-se, mostrando uma abertura de varios centímetros.

Examinou o vigia detidamente esta abertura, e ao remexer com recê o tonei, viu cair e rolar com surdo ruído um grande cartucho cylindrico.

— E' boa! Si tivesse acontecido isto a bordo! pensou. E si faltar ouro no tonei!

E, pensativo, apalpava com a mão direita o cartucho que, sendo de solda tela encerrada, deslocara-se entretanto ao cahir e mostrava, pela abertura, a ponta de uma moeda.

Coisa curiosa, essa ponta não brilhava; era opaca, cinzenta e sem rebordo aguçado!

O empregado, ao certificar-se do extraordinario phenomeno, sentiu que o pânico lhe encolhia



Nunca tão grande thesouro atravessou o oceano, tão zelosamente guardado

o oração e gelava-lhe os ossos. Sem poder conter-se rompeu o cartucho, e... dez discos de chumbo rodaram pelo solo.

Como teriam feito a substituição? Quem ousaria? Acreditariam em sua inocência quando referisse o estrepitosamente acontecimento? Ah! não! estava perdido, perdido!

Fechou as caixas, subiu de tres em tres os degraus do subterrâneo, saiu para a rua sem chapéu e sem sobretudo, tomou o primeiro carro que viu em sua frente e se fez conduzir a toda a pressa ao palacete onde o director do Banco Nacional da Eukarria dirigia em amável companhia, algumas duzias de ostras cruas, regadas com vinho do Rheno.

— Senhor! — exclamou — quando o barrigudo burocrata o recebeu em seu escriptorio, — um roubo! uma enorme fraude! Ha chumbo em vez de ouro nos tones.

Acabo de descobrir isso por mera casualidade del Jarache que não sou culpado... Não se como foi como pode ser!

— O tartamudeante relatava detalhadamente a historia da terrivel descoberta.

O financeiro escutava com o placido sorriso do homem que se alimentava de bens. Não se alterou uma só linha de seu rosto, notavel pela sua profunda castidade.

Quando o intelto empregado concluiu a sua historia e se acalorou um pouco, disse: — Se eu não tivesse fixamente e com voz enérgica:

— Falou a quem antes que a mim, da sua descoberta?

— Não senhor.

— É capaz de guardar um grande segredo, um grande segredo?

— Sim senhor.

— Pois bem, tranquilize-se e ammuñeça. Em todos os toques se ha chumbo!

— Só ha... chumbo?

— Como está ouvindo... so ha chumbo... E que importa isso? — disse o financeiro sacudindo os hombros, — é absolutamente o mesmo que si fosse ouro.

Recordo-se da historia do velho coife do Cid? Cid necessitava de dinheiro para as suas estrepitosas

Pedia a Rachel e Vidos judeus complacentes, que lhe emprestavam setecentos marcos de prata, recebendo em garantia um coife pesado, "cheio de areia".

Quando Cid pagou, retirou seu coife, que de ouro só tinha o da palavra do grão-capitão.

Quando a crise passou, o chumbo voltará ao banco de onde veio, depois de salvar da quebra um paz, como se fosse ouro.

Pensa você... — continuou o financeiro, — que o ouro dos subterrâneos do Banco de Londres serve mais que esse vil chumbo? Ah! não por certo; ali estará em apertos blindados, sem seu brilho luzido, servindo de simples garantia aos milhões de papéis que vão e vem, e que sustentam o credito do mundo. Jamais socorrerá uma miseria; já mais estancará uma lagrima.

Cada anno o stock maldito, esplendidamente mutilará aumentando.

Mas, é o mesmo que si fosse chumbo; porque nunca mais verá a luz do dia e quando o ouro não valer mais nada, e as civilizações actuaes tiverem passado, e as grandes metropoles em ruina dormirem debaixo do capim, o arado do lavrador ha de chocar sobre essas massas de vil metal, e as libras, os francos, os marcos e os dollars, rodarão em cascata ressonantes sem que elle se digno apanhá-las, perguntando por acaso: "para que serviam tantos discos reluzentes?"

— Vá em paz, meu amigo, — concluiu o financeiro, — vá em paz... e bocca fechada! Você precisa um pouco de somno que o descanço de tantas emoções violentas.

Amanha, no Conselho, propozi-o a um bom accesso.

Os homens discretos merecem protecção.

Itala Pia.

O MOMENTO FEMINISTA

Está em discussão no parlamento francez o antiprojecto feminino, segundo referem os ultimos telegrammas.

A França está um tanto em ataxa, nesta questão; mas a causa sempre vencedora, como ha de acontecer aqui, entre nós, muito breve, pois já temos na Camara dos Deputados um projecto concedendo direitos elegitoraes á mulher, approvado em primeira votação.

Em discussão no Senado já approvou em primeira discussão o projecto, em fins do anno passado. De maneira que se precipitam os factos favoravelmente ao reconhecimento dos nossos direitos civis e politicos.

Que nos assistem taes direitos e hoje doutrina crecientemente aceita pelos constitucionalistas.

Ainda agora, o Congresso juridico, reunido para commemorar o Centenario da nossa Independencia, pronunciou-se a favor da constitucionalidade e oportunidade do voto feminino.

Nas Estadas, a opinião dominante e francamente pela outorga desses direitos á mulher. Na Assembleia Fluminense, o deputado Mauricio de Lacerda apresentou um projecto de voto estadual ás mulheres. Aqui, em S. Paulo, o senador Fontes Junior amparou no Congresso constituinte, taes direitos com inextinguivel brilhantismo.

Por toda parte associações, clamores de ministros... parecem-nos que a hora da reparação está a chegar; a mulher brasileira verá tambem ouvida nos conselhos nacionaes.

No proximo mez de Dezembro, devesse reunir-se no Rio de Janeiro a Conferencia Brasileira de Mulheres, afim de deliberar sobre questões que nos interessam, e certamente reforçará, com autoridade maxima, os nossos desejos e reclamações.

MARIA X DA SILVEIRA



É capaz de guardar um segredo!



AS SENHORAS DE CARIDADE E A EUCHARESTIA

*These relatada na Secção Feminina
do Congresso Eucharístico.*

Por occasião do Congresso Eucharístico em homenagem ao Centenario da Independencia de nossa Patria, é de bom alvitre, entre muitas theses recommendadas e assumptos meiz suggeridos, realçar a influencia da Eucharistia sobre os pobres.

São Vicente de Paulo, o amigo dos necessitados, o paedos abandonados ouvindo a voz de seu coração sensível, fundou para elles a Associação das Senhoras de Caridade, da qual não falarei, pois felizmente já é bastante conhecida, e graças a Deus, está em vida activa nesta capital e ramificada em varios Estados de nosso paiz.

Pergunto entretanto: Qual a missão da senhora de caridade? Segundo o espirito da fundação; fazer o bem ás claras, para espalhar o santo contágio e cuidar mais da alma que do corpo.

Preciso é que os senhoras da Associação possuam, em grão muito elevado, o amor de Deus, que só encontram no Coração de Jesus Eucharístico, do qual emana a bondade, irradiando-se della a Benevolencia, a Indulgencia, a dedicacão e a caridade, virtudes indispensaveis para attender ao pobre sofredor.

Animadas desta *Força Sobrenatural*, podem livre e desafiadamente transitar pelos atalhos do caminho da miseria e do sacrificio, ao exemplo do divino Mestre que proferiu estas admiraveis palavras: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mais para servir".

Aos pobresinhos muito especialmente amou Jesus, e a elles se dirigiu, convidando-os a procurarem nelle o socorro e o fim de sua miseria: "Vinde a mim vós todos que estais opprimidos e eu vos aliviarei".

Devem as senhoras de caridade, aos membros sofredores de Jesus, confluir o Grande Amigo que lhes dará o consolo, o apoio, a força, a cura e a salvacão. Sómente na Eucharistia está o remedio salutar. Na verdade, a influencia da communhão faz-se logo sentir, transformando os pacientes de tal modo como só é capaz de fazer a acção de Nosso Senhor.

Simplez, mais proximos de Deus pelos sofrimentos, os pobres não duvidam da Fé, e com grande amor, compungidos, recebem o Creador, que os recompensa largamente, mundando-os, de ternura e saturando-os da verdadeira paz, luz divina e delicias espirituas.

Como disse a Santa Virgem no seu hymno sublime: "Encheu o Senhor de bens aos esfomeados e aos ricos deixou ir vasios".

Com os thesouros procurado, e achados no Coração Eucharístico de Jesus, sentem-se os doentes alliados, os pacientes soffrem sem revolta e como santos offerecem a dor para a expiacão de seus peccados. Essas ineffaveis consolações trouxe-lhes o Grande Amigo no Manjar Divino. Com o Deus Amor no coração, nada temem, recebem com animo tranquillo a vida ou a morte. Si vêm chegado o ultimo instante, confiantes em Deus a Elle se entregam sem receio, esperando a recompensa prometida aos que soffrem por amor a Elle.

Benditos os que soffrem, porque verão a Deus! Que bello exemplo e que scena tocante é a morte do justo!

A influencia soberana da Eucharistia faz-se sentir na atmosfera do doente ou agonizante pobre; as senhoras de caridade bem o percebem e em suas visitas domiciliars também colhem os fructos espirituas que se despreendem della. Estando em contacto directo com os pobres que vivem em collectividade, tem enção de captivar-lhes a amizade e confiança.

Pullulam as crianças nesse meio. O Santo Papa Pio X, grande de virtudes e exemplar devocão, recommendou muito especialmente a Communhão das crianças. Jesus Sacramentado reclama os innocentes que amou e afagou.

"Deixae vir a mim os pequeninos, não os afasteis!"

Abençoou-os e ainda hoje renova essas bençãos que se extendem a suas familias, revertendo em graças de varias especies.

"Não os afasteis!" ordenou o Senhor, e pois a influencia da Eucharistia é benizadeja a elles. Crianças e jovens que têm a certeza de possuir Jesus no coração, tendem a melhorar evitando a maldade (a qual somos todos propensos desde a infancia), e procurando dar satisfacão aos paes, serem bondosos para com os fracos e meiores, ou virão a voz da consciencia e seriamente cuidarão em cumprir com seus deveres.

Na mansão da pobreza abrigam-se tambem moças pobres, rodeadas de miss exemplos, expostas ás mádores desgraças, tentadas pelas seducções e vaidades mundanas, opprimidas pelo trabalho rude quotidiano, mal remunerado, e vivendo em ambiente corrupto. Onde encontrarão estas infelizes armas para combater contra tão terraveis inimigos? Sómente na Eucharistia.

Bem o sabem as jovens catholicas praticantes e essas admiraveis filhas de Maria, que, tendo guardado no Coração Eucharístico, conservam-se puras e fortes, dando exemplo edificante ás suas companheiras de miseria.

A messe é enorme e as senhoras de caridade, auxiliado-se pelos seus corações maternaes (dom maravilhoso de Deus á mulher) encontrarão, percorrendo o antro da dor, outras mais miserias a consolar. Aqui e all estão mulheres abandonadas, pobres incuraveis, velhos miseraveis, jovens desvirtuadas, desgraças e males aos quaes só pôde valer Jesus-Hostia.

Tendo entrada na morada da dor, as visitantes ali devem levar o remedio da salvacão, que é a influencia da Eucharistia. Jesus dá sua graça a quem Elle quer e que a procura e, quando lhe apraz até attrae os peccadores.

Conta um bispo nosso que numa visita pastoral, durante a missa, na hora da Communhão, accorreram ao Banquete Eucharístico muitas pessöas, entre ellas, escandalizando os presentes, uma mulher de vida peccaminosa publica. Finalizada a cerimonia religiosa, alguém referiu ao prelado o facto. Immediatamente mandou elle vir á sua presença a mulher e perguntou-lhe como se atrevera a receber Jesus no seu coração peccador, sem estar devidamente preparado pelo Sacramento da Penitencia.

— Perdão — disse a peccadora em lagrimas — não pôde conter o impulso de minha alma, vendo tantos ditos a receberem a Deus; atrehi-me pela Hostia Santa, levei meus passos á mesa da Communhão. Quero confessar-me e não peccarei mais. O bispo confessou-a. Desde então, emendo-se, faz até hoje a Communhão diaria e tem uma vida exemplar. O divino Mestre chamou-a a si, como outros com um olhar repastado de magne e de amor atrehi-me a Magdalena.

E' ino concebivel a influencia benizadeja da Eucharistia. Si todos o comprehendessem e se approximassem com simplicidade de espirito á Mesa Eucharistica, alimentados pelo Pão Vivo, estaria certamente a sociedade regenerada e todo renovado em Christo Senhor Nosso.

As demais senhoras dirijo-me e não somente ás pertencentes á Associação. Tenhamos compaixão dos pobres e dos bruhdados de infortunios e afflicções. Extremem os seus corações á vista do soffrir de nossos irmãos. A elles façamos conhecer o Santo Médico, o Suave Consolador que lhes proporcionará o Infallível Remedio e o Sustento da Vida.

Jesus ama-nos como filhos dilectos e, como prova de sua ternura, permanece conosco no Sacramento de seu amor.

Bendita Eucharistia! Que Jesus Christo reine em nossos corações, em nossos lares, em nosso amado Brasil!

MARIA FELICIO DOS SANTOS

(Da Associação das Senhoras de Caridade da Parochia do Coração de Jesus)

A moda e a eucharistia

Conferencia da Exma. Sra. D. Aminha Rezende, no salão do Collegio da Immaculada Conceição, secção das senhoras do Congresso Eucharístico.

A primeira vista, se nos afigura que a moda e a Eucharistia se combatem e se repellem. Si bem attentarmos, entretanto, para o papel que representa a moda na arte, veremos logo como ellas se relacionam entre si, como se harmonizam.

A Eucharistia é a synthese do Bem e do Bello; a arte é uma das manifestações do Bem e do Bello; ora a moda, usada com discrição e bom gosto, dá graça e encanta; logo participa da arte. A Igreja, em todos os tempos, sempre amou e protegeu a arte, subordinada porém a Fé e ajoelhada aos pés do Crucifixo; não condemnamos, pois, a moda, desde que esta não collida com as maximas do Evangelho.

Mas, ao passo que a Eucharistia é eterna e immutavel, a moda é algo de tão fugaz, de tão cambiante, de caprichoso, que a ninguém é dado fixal-a, tanto se repetem suas variantes em intervallos mais ou menos proximos. E' uma deusa inconstante, incommoda, extravagante nos gostos e louca nos atavios, diz o proprio Voltaire. Apenas uma moda substitue outra, e já é ella abolida por uma terceira, que, por sua vez, cede o logar á seguinte e esta, sem duvida, não será a ultima. Obedece a razões que a propria razão desconhece.

Assim, as filhas de Luiz XI, porque tinham os pés demasiadamente grandes, inventaram os vestidos de cauda.

A mulher de Philippe III, dotada de um pescoço muito fino e comprido, entrou a usar *guimpes*.

No reinado de Henrique II, algumas princezas, attingidas pela papeira, inventaram as gargantilhas incommodas, para dissimular o defeito. Tambem occultavam os defeitos dos hombros, por meio de mangas entufadas. A rainha Anna da Austria, possuidora de braços con-

siderados como verdadeiros modelos, lançou a moda das mangas curtas.

Madame de Pompadour, muito delicada e pequenina, pôz em voga as sandalias de salto alto, que nós conhecemos hoje por saltos a Luiz XV. Lançadas aquellas modas, desta feita, eram ellas logo adoptadas por todas as damas da corte, que se permitiam logo o exaggero, no que eram imitadas pela burguezia e até pela plebe. A origem de taes modas era pois a lisonja e o servilismo.

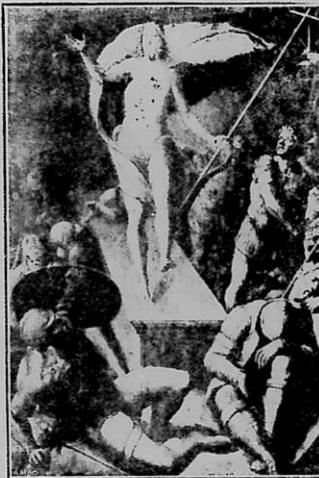
Não vai nessas ligeiras considerações nenhum attentado á moda em geral, e nenhuma prohibição expressa de segui-la sob pena de incorrer na censura da Igreja, que só condemna a impiedade, e deixa o ridiculo a outros tribunaes.

Não seréi eu que emprestarei á Igreja um papel antipathico, nem a revestirei de uma severidade e de uma austeridade que lhe não convém. Não, absolutamente não; ella é mansa, suave e tolerante. O que aqui pretendemos é tão somente defender a sua legitimidade em lutar contra os abusos e combater os excessos.

A Sagrada Escripura não censura o gosto pelos atavios; diz, até, que a mulher forte, isto é, a mulher sensata e recatada, veste-se de finas fazendas, de seda e purpura. Si percorrermos as paginas do Antigo Testamento, veremos quantos outros exemplos elle nesse genero.

Eliezer offerece a Rebecca arrecedas, collares e braceletes, em summa uma graciosa *corbelle* de nupcias, e a joven aceita essas dadas com uma simplicidade encantadora e um prazer ingenuo, o que não impede á Sagrada Escripura de nol-a apresentar como o prototypo da virtude. O historiador descreve ainda minuciosamente o modo luxuoso de trajar de Judith, quando se dirige á tenda de Holofernes. E o Senhor exalta-lhe a virtude d; castidade, quando diz: "Tu és a gloria de Jerusalém, a a alegria de Israel e a honra do teu povo".

Servem esses exemplos



"A resurreição"
Bellissima tela florentina, zelosamente conservada no Escorial, celebre museu hespanhol.



Kauffmann — "Jesus e as Samaritanas"

para demonstrar que os mais ricos e elegantes vestidos podem perfeitamente, em varias circumstancias, se conciliar com a mais estricta virtude.

O luxo do vestuario, como em tudo o mais, tem muitas vezes sua razão de ser. Nas sociedades bem constituídas, torna-se elle o symbolo da hierarchia, e, uma vez contido nos justos limites, completa a ordem, ao invéz de destruil-la. Certo não diremos a uma dona de casa que se vista como a sua domestica, e nem a uma dama da alta sociedade como uma operaria.

Amase naturalmente o que é bello e harmonioso, e nessa belleza exterior ama-se o reflexo dessa ordem e dessa outra belleza cujo germen trazemos todos na alma.

A moda, desde que fique na nota graciosa, suggere á industria bellas creações, torna mais agradaveis as relações da sociedade e pôde até estabelecer a supremacia de um paiz sob o ponto de vista da elegancia. Não se pôde, pois, e nem se deve mesmo tratal-a com indifferença, desinteressando-se de tudo quanto lhe diz respeito; não será assim que poderemos operar as transformações della, introduzindo as melhoras desejaveis. Devenos antes comprehender que se vestir com cuidado, com gosto, com esmero, conforme a nossa posição social, não é dar provas de inutilidade; pelo contrario, é guardar a linha da distincção, é dar provas de um espirito bem orientado, é o dever de toda a pessoa filha e educada. E' um exemplo digno e capaz de fructificar.

S. Francisco de Sales não recusa pronunciar-se, quando se dirige a uma nobre dama da sociedade, dizendo: "Quero que a minha devota seja a mais simplesmente vestida, porém a mais elegante".

Os sabios directores espiritaes são unanimes em aconsellar ás esposas que procurem agradecer aos seus maridos, trajando-se com esmero; e é mesmo até para ellas dever imperioso de se lhes apresentarem sempre com o mesmo encanto que os seduziu nos tempos do noivado; vao ainda mais longe, quando dizem que a facierite conjugal, filha da afeição, é louvavel, meritoria e fecunda em resultados preciosos de sympathia e felicidade. Madame de Girardin acrescenta mais que essa facierite deve ser uma das qualidades indispensaveis ás esposas.

Com todas essas prerogativas, devem ellas cultivar a esthetica do seu modo de trajar, para que possam mais tarde presidir ao vestuario de suas filhas, dictando-lhes o bom gosto e evitando que se entreguem ao exaggero ridiculo ou inconveniente, sob o pretexto de que devem seguir os caprichos da moda, para se casarem.

Nada disso: o maior atractivo de uma joven é a modestia e a simplicidade, que nella realça ainda mais a frescura e a graça da idade e são os principaes adornos da virgem.

Prêguem ás donzellas a elegancia, essa cousa inteiramente diversa do luxo e que provém antes da simplicidade: a elegancia do vestuario, a elegancia da linguagem e — porque não diremos?! — mesmo a elegancia do espirito e do coração.

Onde, pois, a intolerancia da Igreja!? Si Roma pagan pela lei Appia prohibia ás matronas o uso do decote, dos artificios, dos coloridos vivos, do abuso das joias, do luxo em summo, com o unico fim de pôr um limite ás despesas fabulosas que affectavam o erario publico; si em pleno paganismo as patricias romanas trajavam longas

tunicas amplas, que lhes envolviam inteiramente o corpo e lhes imprimiam harmonia e graça, não é demais que a Igreja Catholica, fiel depositaria do dogma da Imaculada Conceição e defensora imperterrita da pureza de Maria, a honra e a gloria da mulher e, sobretudo, da mulher brasileira, com um fim mais nobre verberar a moda no que tem de inconveniente, procure abolir do meio da sociedade christã o uso exaggerado do decote e prêgue ás suas adeptas o recato, a modestia e a pureza, maravilha essa que só a Igreja Catholica pôde gerar.

Sem esse recato e sem essa modestia, tão necessarias á pureza dos costumes, voltaríamos á selvageria e indelicadezas na censura mui judiciosa de um escripto, cujo nome não me occorre, que fiz algures: As selvagens quanto mais se civilizam, mais se vestem; as ultra-civilizadas ou, por outra, as pseudo-civilizadas, quanto mais se civilizam, menos se vestem.

Não é, pois, a moda que a Igreja combate: é a forma do novo paganismo, no vestuario, nas danças, nas exacerbações do luxo, que levam as familias á ruina.

E' preciso, pois, lutar contra os excessos das modas actuaes. E quem poderá se empenhar nessa luta? São vós, senhoras da alta sociedade, sois vós, que, pela vossa posição, podeis dar a nota do bom gosto e vos tornar arbitros da elegancia e o exemplo vivo da distincção. E' dentre vós algumas se recusarem submeter-se aos caprichos e ás exigencias dessa tyrania que ameaça empolgar a sociedade brasileira, todas as outras que so por utilidade entregam á tyrania, vos seguirão.

Estabelecei entre vós, a exemplo da França actual e da Italia, mais severa ainda nesse principio, a Liga Patriótica das Brasileiras; appealai para as vossas mães, pedindo-lhes que protestem contra as modas que ellas querem impôr. Convidai a todas as senhoras elegantes e a todas as jovens que dão a nota, para que não cedam a sua ambição, mas que combatam antes o seu movimento e prêguem o exemplo.

E' a vós, sobretudo, a quem cabe a maior responsabilidade da invasão dessa despota nas familias brasileiras; se não vós fizerdes, outras de condição mais modesta fulguram por sua vez, por isso que o exemplo vem do alto, não só em relação aos vestuarios, mas com relação ainda a tudo quanto possa afectar a distincção e a dignidade da mulher brasileira.

Todas as transformações se operarão, si as mães da familia e as jovens da sociedade comprehenderem e praticarem integralmente seus deveres de christãs. Si conservarem á pureza e a delicadeza, que formam o encanto da mulher christã, na piedade e na frequencia daucharistica, é ahí que haurirão forças para lutar contra a vaidade e se tornarem apóstolos da regeneração.

Mas como lutar contra esse oceano de corrupção, de costumes, da qual é a moda indolerosa um claro exponente? Aş ondas encapelladas assoberbam e inundam todas as classes sociais. E' o paganismo, que debaixo a sociedade antiga, voltando a supplantar o Christianismo, que rigorizou o mundo. Para debellal-o, é necessario empregar os mesmos meios de que se serviram os christãos, — revesti a armadura de Christo, como disse S. Paulo: "Essa e Jesus Christo que comosco ficou até á consummção dos seculos, na forma eucharistica". No hymno seguinte de



"A Virgem, o Menino Deus e São João", suggestivo quadro de Schröndorf.



"O Menino Jesus", perfeita tela de Dörner (1809-1866).

S. Thomaz, que a Igreja com razão tanto repete, está o conselho de invocá-lo:

*O' salutaris Hostia,
Quae coeli pandis ostium,
Bella premunt hostilia,
Da robur, fer auxillium*

Preciso é que os soldados da cruzada se roborizem com a Eucharistia, que é alimento das almas, munição do combate e couraça de defesa.

Como as turbas que seguiam o Divino Mestre, precisamos do pão que, para não desfallecerem, lhes deu Elle, multiplicando-o, para symbolizar o outro pão que desceu do Céu para ser o *pão da vida* e da vida divina! Precisamos desse pão, que não só deleita, mas sustenta, conserve e aumenta a nossa fé e, portanto, a nossa coragem.

Contra a multidão dos sequazes das modas exageradas, contra a vaidade que vai avassalando a nossa sociedade, somos incapazes por nós sós. limitemos os apóstolos. Procuremos o Divino Mestre e o acharemos na Eucharistia, disposto a nos attender.

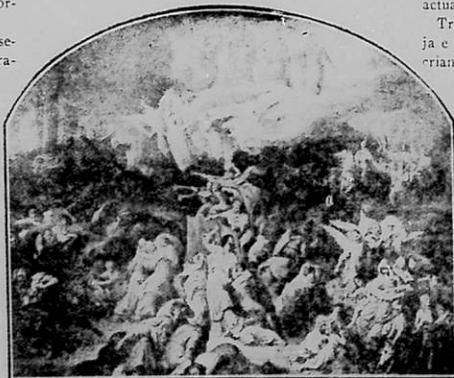
Mais felizes do que os apóstolos, não precisamos esperar que elle desça do Tabor: Elle ahí está no Tabernaculo e diariamente na missa, esperando que o invoquemos. Com Elle tudo podemos. Arroste-

mos, pois, os sarcasmos que nos ha de atirar a frivolidade, e laboremos sem receio. E' com a Eucharistia que combatemos, é com ella que salvaremos as victimas, libertando-as da escravidão da moda. Mas, ai de nós! quanto custa essa emancipação! Combatamos essa aberração, contra a qual se tem indignado o sacerdocio, desde o Santo Padre até aos nossos bispos e notavelmente, em uma bella pastoral, o santo Arcebispo de Marianna, que já estará recebendo o premio de suas virtudes e labores incomparáveis.

Quaes os fructos da Eucharistia, além da salvação das almas? São a humildade, a modestia e todas as virtudes oriundas da Caridade. Ora, tudo isso é antidoto das inconveniencias da moda. E', pois, a Eucharistia o nosso principal argumento, o nosso primeiro armamento.

Combatamos por essa bella causa. Interessa ella a geração actual e ao futuro 'a Patria.

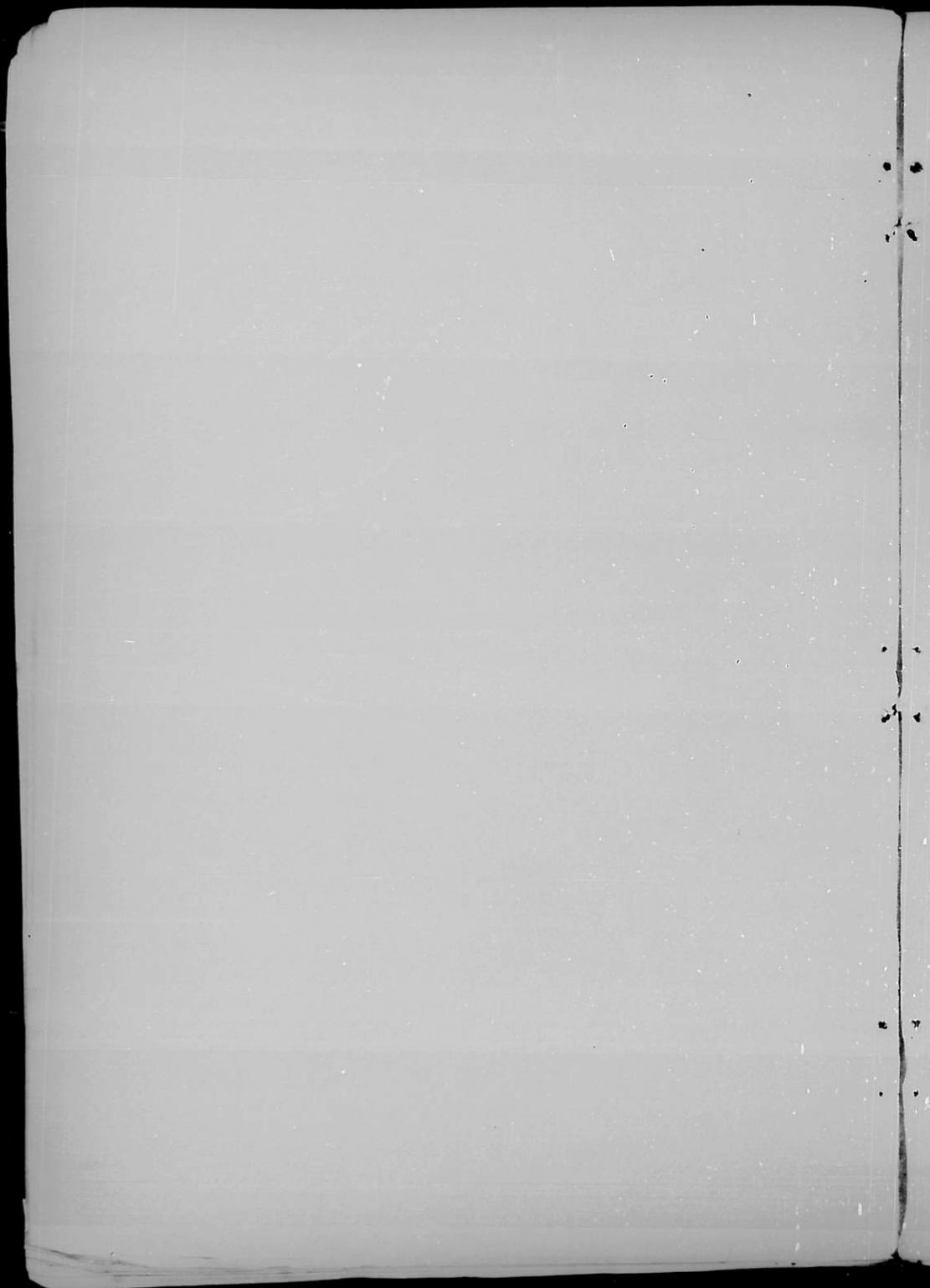
Trabalhemos, pois, pela Igreja e pelo Brasil! Pelo futuro das crianças e pela reabilitação das mães! Senhoras elegantes, sejam os vossos trajés sobrios e distintos, de accordo com as boas obras que annunciam a vossa piedade sincera, quando, com os vossos finos, dedos de aristocratas e que não recebem salarios, ides pensar a ferida dos enfermos, dos velhos, aconchegar as vestes das orphanzinhas nas *crèches* empenhando-vos assim na Santa Cruzada do Bem e da Misericordia.

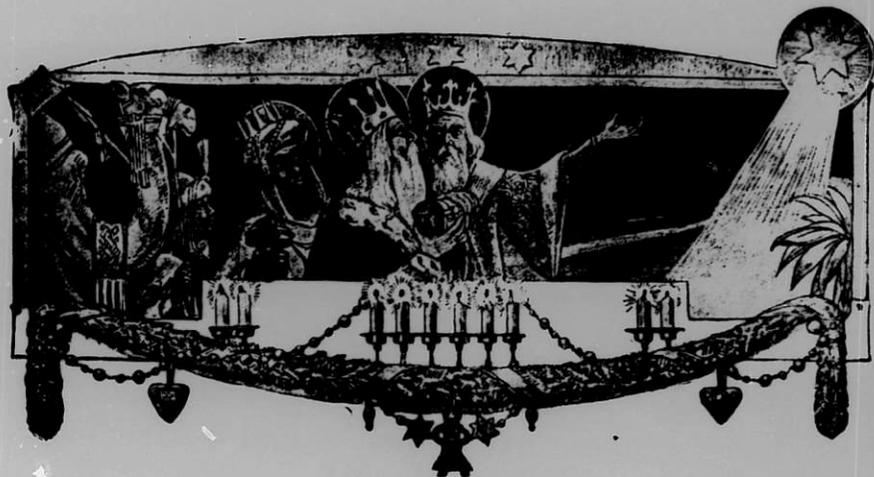


A destruição de Jerusalem, magistoso e impressionante quadro de Kulwach.



"O NATAL" — Suggestiva aquarela do grande artista Oscar Pereira da Silva, especialmente pintada para a "Revista Feminina".





A adoração dos Santos Reis

Jesus Christo, baptizado no Jordão, se revelou como Filho do Altíssimo; o Messias assistindo ás bodas de Caná, manifestou o seu poder sobrenatural, convertendo a agua em vinho e o recém-nascido da Virgem Maria é adorado como Deus no estabulo de Belem pelos reis magos.

Estas tres manifestações de Deus feito homem, são solemnisadas pela Igreja, ainda que mais especialmente se commemora este ultimo mysterio, no qual se contempla o reconhecimento do Menino Deus pelas potencias envidadas das longinquas regiões orientaes, os santos reis magos.

Representam uns as primicias dos chefes e representantes de todas as nações e reis que de boa vontade, em seculos vindouros haviam de defender os direitos daquelle Infante Divino ao se assenhorar do mundo.

O primeiro passo estava dado; e assim foi que Juliano, o imperador apostata em 6 de Janeiro de 361, depois de sahir de um templo onde, em segredo, nesciamente consultava os oráculos, penetrou em uma igreja para offerecer ao Deus dos christãos uma homenagem tão solenne quanto sacrilega, como refere Amiano Marcelino.

Aos nomes dos reis magos, a tradiçião christã enlaçou com uma aurea cadeia ainda os nomes memoraveis de Theodosio, Carlos Magno, Alfredo o Grande, dos santos reis de Castella, Fernando III e Luiz, além de muitos outros que costumavam

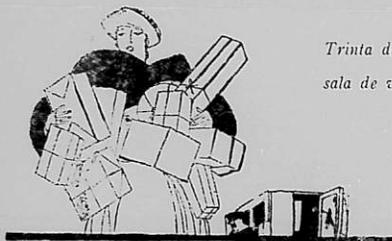
em 6 de Janeiro offerecer nas igrejas christãs, ouro, incenso e myrrha, como tributos de vassallos ao seu soberano senhor, ao Menino Jesus, Deus e Homem verdadeiro. Depois daquelles tempos de candorosa piedade, sopraram por todas as partes muitos maleficos que arrancaram a fé de muitos corações, não só dos povos como dos reis; porém o impulso dado pela mão de Deus, desde o principio da sua manifestação de pobreza extrema aos magos do Oriente, não cedeu e jamais cederá.

Aquelles tres monarchas foram para as suas terras pregando a verdade, annunciada pelos prophetas; por elles os gentios abraçaram a fé e se passaram para o christianismo e a apostolica acção dos santos reis se mantem com sollicitude efficiencia na Cidade Eterna, em Roma, em cuja igreja da Propaganda, a sua festa é consagrada como a revelação evangelica a todas as nações.

E, ao ver que em todos os altares daquelle igreja se succedem sacerdotes que, em servio, chaldéo, copta, armenio ou grego, celebram o Santo Sacrificio, poder-se-ia dizer que enviados pelos Santos Reis Magos, vieram do Oriente para repetir a sagrada offerenda, ainda que de um modo mais perfeito e completo, demonstrando que são uma realidade divina aquellas palavras propheticas de Malaquias: "Desde onde nasce o sol, até onde se põe, grande é o meu nome entre as gentes e em todo o lugar se offerecem sacrificios em meu nome".

ANNO NOVO

(MADO TEM SUAS RAZÕES)



Mado, com os braços cheios de pacotes...

Mado. — Uí! esta acabado! Graças a Deus! não podia mais.

Maurício. — Mais compras?...

Mado. — Está admirado?... Eu também...

Maurício. — Talvez teríamos podido evitar alguns...

Mado. — Eu fiz e tornei a fazer a minha lista pelo menos dez vezes e só assentei os nomes verdadeiramente indispensáveis.

Maurício. — E' de se admirar que tenhamos tantos amigos.

Mado. — Sim e não, queres que eu me faça chic?

Maurício. — Sim.

Mado. — Então, não fiques espantado pelo que somos virtualmente obrigados a fazer...

Maurício. — Evidentemente... mas assim mesmo... vinte e oito presentes!

Mado. — Tente, si fôr capaz, supprimir um só... Eu não digo que separe o melhor. (Reparte os embrulhos em dois montes). Estes aqui são os que não se pode tocar; quanto aos outros, escolha, parta e reparta a tua vontade.

Maurício. (Lendo os nomes inscriptos no dorso dos pacotes). — Mas estes são destinados á minha família!

Mado. — Passas grande parte do tempo dizendo que ella te estima muito... te adora...

Maurício. — E não vejo razão para desgostar-a...

Mado. — Admittes então que as pessoas que não tem por nós sinão sympathias podem ser susceptíveis. Vamos; creia-me: são cinco noites que eu não durmo, taes são as combinações que faço, os calculos, as pesquisas si este presente agradará Fulano ou outro lile seria melhor.

Porque, ha uma cousa na



Eis um typo de bibelot que tanto aprecia.

Trinta de dezembro. Oito horas da noite. Mado entra em sua sala de visitas, tendo os braços cheios de pacotes e embrulhos.

qual não se pensa: — a escolha dos presentes.

Maurício. — Tu não devias ter feito mais que entrar na confeitaria e dizer ao empregado: "envie tantas caixinhas de doces, balas, etc. para todas as pessoas contidas nesta lista", só e mais nada.

Mado. — Para que as pessoas que recebem tenham a impressão de que a gente assim fez para se livrar de uma caceteação? Um saquinho artistico com chocolates finos, apesar de tudo é mais delicado que um cartão de visitas; isto é o de menos ainda, porque um cartão não obrigaria a uma pessoa sinão um agradecimento, enquanto que... em todo caso é esse o meu modo de pensar.

Maurício. — Para isso...



Graças a Deus não podia mais...

Mado. — Bem; não devemos brigar por uma cousa sem importancia e logo no fim do anno: diga uma só palavra, ou faça um só gesto eu devolvo tudo.

Maurício. — Mas, assim vaes de um extremo ao outro! Emfim... não falleemos mais nisso. Para o proximo anno, veremos...

Mado. — E's muito gentil. Queres que te mostre o que eu comprei para presentear os Goubiers? Eu confesso que fiz uma pequena loucura... mas é tão bonito... e depois os Goubiers nos receberam com tanta distincão no verão passado, lembra's? (Ella abre o embrulho). Olha!

Maurício. — Bem, muito bem.

Mado. — Si alguém me enviasse um presente dessa ordem eu ficaria contentissimo. O negociante me affirmou que este cofre é um objecto de arte antiga. Acreditas? Para se guardar luvas, lençinhos, cartas e mais outras cousas miudas. Ponha-o sobre o aparador... Meu Deus como fica bem! E' o typo do bibelot que eu mais aprecio e que... infelizmente não temos ainda.

Maurício. — Sim, verdadeiramente.

Mado. — Isto é que me afflige, quando se vê objectos assim...

Maurício. — Mas se te agrada tanto, queres um?

Mado. — Não, isso seria uma loucura. Vou delectar-me em guardar nelle alguma cousa. (Põe um lenço e depois fica pensando). Não pensas também que é um bellissimo presente? Entretanto nós ficamos em casa dos Goubiers no verão apenas doze dias... e mais não ficamos não foi por nada.

Maurício. — E' verdade...

Mado. — Um presente destes, fará com que os Goubiers por seu turno façam um grande dispêndio em comprar um outro para nos retribuir. Seríamos muito mais polidos e delicados mesmo se mandassemos substituí-lo por um grande ramalhete de flores frescas; elles ficariam muito mais contentes commoço...

Maurício. — Guarde então esse cofrezinho.

Mado. — Pensas também como eu, não é? Ha muita gente que não sabe quanto é delicado ser delicado. Assim também para Thereza: eu hesito em lhe mandar estes dois pares de luvas... São luvas admiráveis; não prestei attenção que ella tem as mãos maiores que as minhas e eu comprei de accordo com as que uso... não mando, não é assim?

Maurício. — E isto o que é?

Mado. — E' uma faca para papel que vamos mandar ao teu amigo Chico.

Maurício. — Mas é linda!...

Mado. — E que bello effeito faria em tua escrivaninha?

Maurício. — E que excellentes serviços me prestaria...

Mado. — Eu pensei para ti uma carteira de prata para cigarros.

Maurício. — Mas é justamente da faca para papel que eu mais precisava (nueendo em outros embrulhos). E estes embrulhos?

Mado. — Não tem importancia... pequenos bibelots, escolhidos a esmo... por exemplo para tua irmã eu escolhi um presente... mas sempre quando escolho presentes logo me assalta esta pergunta: do que mais gostará ella? Outras vezes pego em uma porção de objectos e penso: este? aquelle? ou aquelle outro? e só fico tranquilla quando sinto que a minha consciencia diz: sim, esse é bom, serve, vou agradar.

Maurício. — Um espelho a Luiz XVI para minha irman que só aprecia o "art-nouveau"!...

Mado. — Ah!... é certo?...

Maurício. — Assim ella diz a todo o mundo.

Mado. — Mas eu devia estar muito embotada para não me lembrar disso naquella occasião! Tambem agora sinto dizer d'entro de mim me-mo: "isto me agradaria muito"... Mas!... mas como vamos fazer agora meu bom Mauricio? Alguns presentes eu fico com elles como vês e como queres, outros... si tivesse comprado em um magazin ou em alguma casa conhecida, vá, podia sa-trosar, mas comprei-os em um antiquario...

Maurício. — Isto agora é que foi um transtorno!...

Mado. — Eu prefiro não dar cousa alguma que fazer presen es que não serão devidamente apreciados.

(*Sóa a campainha; a criada do quarto entra momentos depois trazendo um pequeno embrulho.*)

Mado. — Vaes ver, depressa... Um presente! (Ella de-amarra a fita e tira o papel de seda que o envolve). Marrons glacés... um cartão de Mr. e Mme. Foreux.

Maurício (Comendo uma castanha). — Delicioso.

Mado. — Para mim, dia de boas festas sem marrons glacés, não seria um dia de boas festas...

Maurício. — Eu me canço de dizer que estes são os presentes mais agradáveis de se receber.

Mado. — E depois de tudo...

Maurício. — Pois bem; faça simplesmente uma lista com os nomes de todas as pessoas que somos obrigados a presentear. Assim não terás preoccupações e nem aborrecimentos...

Quanto aos finísimos bibelots e outras cousas, mais que compraste...

Mado. — Eu os guardarei... E, agora vês que sempre ha uma extraordinaria vantagem em não se prender livrar dos presentes do principio de anno como se fosse uma vacanteação: no momento em que se percebe que não se pode agradar a todos com este ou com aquelle presente, a peor cousa que pode acontecer é a gente guardar como agora eu vou fazer.

E assim devem fazer todas as pessoas que não são minhas amigas, pois do contrario... entendem.



Para mim um dia de boas-festas sem marrons-glacés, não é um dia de boas-festas...



Alguns presentes eu fico com elles.

A VISITAÇÃO



São Lucas nos conta no capítulo primeiro do seu Evangelho que o mesmo Archânjo que saudou a Maria Virgem, annunciando que ella seria a Mãe do Messias, também a fez sciente de que a sua prima Izabel daria ao mundo a precursor do Redemptor, João Baptista. A Virgem, diante dessa revelação, deixa a sua casa de Nazareth e em companhia de José se encaminha para Hebron, aldeia de Judá onde morava Izabel e seu esposo Zacharias, mudo por ter duvidado de um anjo, que no templo lhe communicou o nascimento de João. Ainda o mesmo evangelista nos diz que Izabel, á aproximação de Maria, sentiu o pequenino ser que trazia em suas entranhas, mover-se e se agitar mysteriosamente. E, toda cheia do Espírito Santo, ao ouvir a sua prima exclamou: "Bendicta sois entre todas as mulheres e bendicto é o fructo do vosso ventre". Maria, transportada de reconhecimento, improvisa então aquelle hymno dulcissimo, canto sublime de amor e de paixão que a Lyrcja, nas suas festas mais sollemnes entoa, o "Magnificat".

Foi esta a scena que Raphael transportou para o seu celebre quadro, a "Visitação". A mão prodigiosa do artista, que tudo embeleza e dá um colorido surpreendente, prolongou o episodio do primeiro plano, tendo-se no fundo o baptismo de Jesus, nas aguas do Jordão e nas nuvens, o Pai que abençoa o Filho hem amado que veio ao mundo para redimir os homens.

Numerosos pintores, abordaram esse mesmo assumpto, a "Visitação", e não poucos, notadamente Ghirlandajo dentre elles, deram a este memoravel encontro um caracter de religiosa inspiração. Mas, nenhum exprimiu com a suavidade de Raphael, os sentimentos profundos e diversos que agitam a alma das duas mulheres. Izabel, se approximando da Virgem tem uma attitude cheia de affectos porém respeitosa para com a prima predestinada que vai dar ao mundo, o Salvador dos homens; a Virgem por sua vez acolhe a saudação de sua parenta com uma modestia admiravel, de cabeça baixa, toda tremula, como que esmagada pelo peso da sua grandeza.

Seria por acaso necessario criticar os detalhes dessa obra? Não satisfaz plenamente, a contemplação desse quadro para nos convencer que nos achamos diante de um mestre, do maior dos mestres? Quanta magestade naquellas phisonomias, quanta nobreza nas attitudes, e que harmoniosa serenidade no conjunto desta tela, onde todo o fervor humano e toda a beatitude divina se encontram em uma milagrosa aproximação!!

Alguns houve entretanto que criticara a cor com alguma mordacidade. Não que ella seja mediocre, porque nada de mal podia sair do pincel de Raphael; de-sejou-se-lhe mais quente, mais harmonizada, mais fundida, não deixando sobre-sahir em demasia aquellas manchas azues ou vermelhas, tão caracteristicas da escola florentina antes da Renascença. Entretanto, em 1519, epocha que foi pintado este quadro, Raphael ainda se achava sob a influencia de Perugin, seu mestre, e mais directamente ainda de Florença, onde elle estava descançando.

Muitos criticos, desolados por terem de formular reservas sobre o trabalho de tal pintor, deliberadamente attribuiram essa falla a Julio Romain, seu discipulo. Mas porque essas reservas, esses escrúpulos? Si as cores não são dignas de Raphael pode-se concluir d'aqui que não seja elle o autor? Não se pode suppor que o grande artista, occupado em diversas obras importantes, se descuidasse um momento de uma tela? E quem poderá negar que esse bellissimo quadro, não fosse vítima dos restauradores?

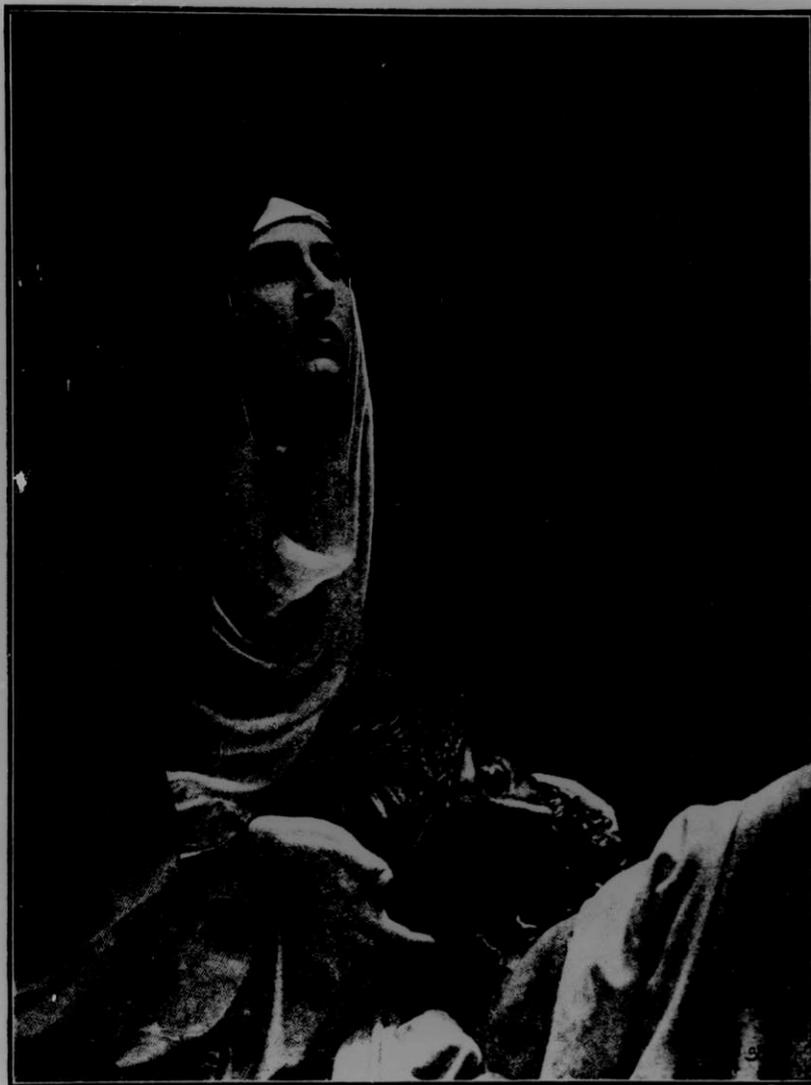
Raphael é assás grande para supportar, sem risco algum para a sua gloria, criticas, mesmo justificadas. De mais a mais, a "Visitação" aqui reproduzida está longe de merecer as censuras que melhor se assentariam para algumas das suas Madonas. Apesar de um tanto frio, o colorido é de uma grande distincção, de tonalidades raras e finas quasi que perfeitamente fundidas.

Mas o que é preciso admirar sem reserva nesta obra, como em todas de Raphael é o sentimento profundo que se deprehe de esse quadro, a emoção mysteriosa que d'elle se expande. "E' com effeito, a grande caracteristica deste genio encantador: sua obra é uma obra de amor". Miguel Angelo exercen sobre a arte uma prodiosa tyrannia e Leonardo da Vinci, se bem que menos absoluto entretanto não passou de um revolucionario. Ao lado desses prodigiosos destruidores do passado, o doce Raphael apparece como um conservador da tradição ameaçada. Elle é o herdeiro, não somente da arte de um povo, mas de toda uma civilização. Elle é um pintor verdadeiramente universal.

O bello quadro da "Visitação" foi doado ao Escorial em 1655 por Philippe IV. Durante as guerras do primeiro imperio, os francezes se apoderaram dessa obra que notadamente foi devolvida á Hespanha após a queda de Napoleão. Do Escorial elle passou para o museo do Prado logo que este foi inaugurado.



"A VISITAÇÃO". bellissima tela de Raphael, carinhosamente guardada no Museu do Prado, em Madrid, Hespanha.



Christo e Maria que inspiraram hontem, que inspiram hoje e sempre inspirarão os poetas e os artistas — constituem o thema desta maravilhosa photographia, onde o humano e o divino se enlaçam em uma suprema harmonia de expressão e de formosura... Por seu poder emotivo, por sua intensidade dramatica, por sua extatica expressão, pela sua arte soberana em que palpita, esta photographia

parece mais uma tela polychromada que uma composição na qual o humano imita o divino... Representa o momento em que, depois de descido da cruz o Corpo de Jesus, Maria, cujo rosto divino está banhado de lagrimas, tem entre as mãos a cabeça do Salvador, inerte, cahido, livido, salpicado ainda de roxos laivos sanguineos que logo se converterão em odorosas rosas de redempção.

Sobre o lago de Tiberiades

A multidão que precedia Jesus tinha parado como que hesitante na entrada das ruas tortuosas de Capharnaum. O Mestre notou isto, ordenando que voltasse a esquerda para uma collina que se erguia ao poente da cidade e Elle mesmo galgou-lhe o cimo.

Nathan fazia parte do cortejo, collocando-se um pouco atrás, de modo que podesse ver bem o Mestre de perfil, não perdendo uma palavra, um gesto seu; depois fez um signal a Judas para que se collocasse a seu lado. Não longe d'alli encheram Joanna assentada sobre sobre uma proeminencia da rocha, circundada por diversas donzellas e por sua filha Debora. Esta olhava Jesus com uma curiosidade respeitosa, parecendo extasiada n'aquella contemplação.

O Mestre deixou cair o capucho de lá branca que lhe cobria a cabeça, atirando para trás os seus compridos cabelos cacheados, cor de ouro; depois olhou a multidão ondeante e rumorosa que o circundava e que podia dominar da rocha sobre a qual tinha subido.

O espectáculo que se offerecia n'aquelle momento aos seus olhares era verdadeiramente pittoresco e encantador: aos seus pés estendia-se a cidade com as synagogas, ricas chacaras e cabanas dos pescadores. Ao longe, o lago, emoldurado pelas bellas cidades que povoavam as suas margens, scintillava como bronze em fusão, sulcado por barcas empavesadas e por pesados bateis de pesca, animado pelo vôo de milhares de aves aquaticas.

Os Apostolos, quasi todos barqueiros dos arredores, estavam orgulhosos pelo maravilhoso panorama; particularmente Pedro, natureza expansiva e impetuosa, estava radiante. Como era sempre elle que falava pelos outros, disse:

— Mestre! não é verdade que a nossa Galiléa é bella e que o nosso lago é encantador?

Os bravos Galileos esperavam uma resposta elogiosa e já a saboreavam:

Porém, o olhar do Mestre, que mais de uma vez se tinha illuminado diante as bellas paisagens, velou-se e uma nuvem de tristeza passou por sobre sua cabeça. Ergueo o braço direito como que para invocar o céu em testemunho e n'aquelle gesto pareceu immenso...

Sua voz repercutio dolorosa:

— Ai de ti Bethsaida! Ai de ti Capharnaum! Ai de ti Corozaim!

Os Apostolos olhavam-no estupefactos; era a vez primeira que lhe escapava uma palavra amarga.

— Ai de vós, cidades encantadoras e orgulhosas! Si os prodigios que vistes fossem operados em Tyro e em Sidone, estas cidades pagas teriam feito penitencia com o cilicio e com a cinza.

Porém, deixastes passar a verdade e a salvação eterna



diante de vossas portas e de vossas almas empedradas. Assim, sercis castigadas. Virá um dia em que não ficará de vós pedra sobre pedra e o extrangeiro não saberá mais como chamar vossas ruínas!

Virá um dia em que o vosso lago, será um lago de lagrimas e de sangue! A multidão atterrorizada inclinava a cabeça qual um culpado perante o juiz.

— Não é justo — pensou Nathan — tornando inimigo este povo que tinha conquistado. Confiava muito na sua popularidade.

Entretanto, como que para desmentir as previsões do phariseo, a multidão tinha erguido a cabeça e apertava-se em torno do jovem Rabbino com illimitada confiança, como os pintalinhos se refugiam sob as azas maternas quando sentem desencadear a tempestade.

Os doentes sobretudo esforçavam-se para lhe aproximar. A um signal do Mestre os apóstolos exclamaram:

— Passagem aos doentes!

De todos os lados avancaram-se os doentes em direcção ao thauamargro. Era um continuo lamentar de surdos, cegos, mudos, cochos, mancos, paralyticos e leprosos; um continuo mostrar de membros retorcidos, chagas sanguinolentas, manetas nauseabundas, carnes corroidas por implacaveis gangrenas, rostos sem labios e sem nariz. dedos sem unhas e sem phalanges.

A multidão dava passagem recuando-se com piedade e com horror. Os infelizes exclamavam chorando:

— Jesus, filho de David, tende piedade de nós! Cinco mil homens repetiam com formidavel voz:

— Jesus, filho de David, tende piedade dos nossos doentes!

O Rabbino fez collocar os doentes em uma longa fileira:

após, tranquillamente, sem apparato, sem pressa, passou perante elles. Tocava-os com a mão direita fazendo um pequeno signal mysterioso sobre seus pobres membros dilacerados, curando-os immediatamente.

A cada milagre, uma aclamação immensa, louca, levantava-se da multidão em delirio.

— Hosanna ao filho de David! Bemdicto seja aquelle que vem em nome do Senhor!...

Jesus conservava um ar simples e suave, sorrindo a toda aquella alegria que nascera sob seus dedos, como flores que desabrocham aos beijos dos raios de um sol de sonhos. Era a vez primeira que Nathan assistia a uma

melhante scena. Enorme oppressão pesava sobre elle, esmagando as suas faculdades intellectuaes, confundindo todas as suas idéas.

— Todavia não durmo! Não sonho! Não estou louco! Vejo bem isto!

Judas sóu-lhe aos ouvidos:



E uma multidão de doentes se chegou até ao Divino Mestre.

— Luctae pois com um homem como aquelle! Todos estes miseráveis deixar-se-iam despedaçar por elle. Estão aqui mais de cinco mil: amanhã si Elle quizer estarão cem mil; depois d'amanhã, um milhão.

— Certamente, disse Nathan, mas elle faz muito ou muito pouco; é poderosissimo para ficar aqui. Os Romanos dominam; é necessário que retroceda, desapareça reentrand'o na penumbra, ou então, ao contrario, que se ponha á frente de uma revolução. Não ha termo medio para Elle. Se si revoltar contra Roma, conseguirá certamente; mas com uma condição; e é que a todas as suas vantagens, acrescente o apoio dos príncipes, dos sacerdotes e dos anciãos; em uma palavra, deve conquistar a classe elevada como conquistou a humilde.

— Porém, si não comprehendes que tem necessidade de nós, perder-se-á, perdendo tambem toda a nação.

— Estaes certo disso? — retorquiu Judas...

— Olhae, eis o Mestre que está para passar perante nós... Como de facto Jesus chegava.

— Existem outros doentes? — perguntou: que venham a mim com toda confiança: ainda que a doença esteja em seus corações e não no corpo, eu os curarei.

E lançou um olhar de compaixão para Nathan, para Judas e um pouco mais distante para um grupo de anciãos onde se achava Annáz, Caifaz, seus amigos, que freiriam ao olhar daquelles olhos azues que os fitavam com doçura cheia de tristeza, mas não vacillavam.

Por sua parte Joanna estava enthusiasmada. Cada cura arrancava-lhe um grito de admiração e toda sua alma parecia lhe sahir dos olhos dilatados.

— Porém, a bondade do Mestre commovia mais do que sua magica potencia. Não se cansava de contemplar aquella figura, tão bella, tão magestosa, escutar aquella voz saude e penetrante, seguir aquelle gesto que fazia voltar a saude aos membros soffredores e o sorriso aos lividos labios.

Um amor profundo, que não sabia analysar, a invadia; a prendia toda na terra por aquelle homem extraordinario, um amor que não tinha similhança ao que experimentava por João. Este lá se achava, á direita de Jesus. Elle tambem era bello e bom; a menina amava-o e olhava a cada passo com ternura.

A fascinação que Jesus lhe exercia, era outro tanto poderosa mas de uma natureza diversa.

Era um sentimento grave e penetrado por um respeito infinito. Teria apenas ousado beijar as fimbrias de seu manto. Teria com prazer se ajoelhado perante Elle, exclamando: "Santo! Santo! Santo! Tu és o Santo de Deus!..."

Além disso, esse sentimento estava acompanhado por uma necessidade imperiosa de sacrificar-se por aquelle que o inspirava.

Seria feliz de poder offerecer-lhe a vida.

Immediatamente lembrou-se de haver dito a João em seu ultimo colloquio: "Si Elle te pedisse para renunciarme?..."

Agora não era mais o coração de seu noivo, mas o seu, que desejava interrogar. Pensou: si me pedisse para renunciar a João? Não ousou responder a si mesma. Era ainda novicia naquelle caminho sobrenatural, onde ha pouco que tinha entrado.

Teve um calafrio e ajuntou com pressa:

— Não, não, aquelle que tanto bem faz a todos, não nos infelicitará roubando meu noivo.

E com um olhar em que pôz toda sua alma, envolveo juntamente Jesus e João. Naquelle momento os olhos do Mestre fitaram os seus com doçura infinita, rara e carinhosa, que a donzella se pôz a chorar.

A commoção causada pela cura dos doentes, não estava ainda acalmada. O Mestre ergueu-o novamente, fazendo um signal para impôr silencio, falando:

— Eu vim para salvar aquelles que pecerem.

Mas o meu reino não é deste mundo! Vim colher vossas almas quaes fiores, para leval-as aos Céos e ornar o palacio de meu Pae. De que serve ao homem conquistar o universo si vier a perder su'alma?

— Improvido! murmurou Nathan. Retroceda; teme a ardua tarefa que se impoz. Deseja enganar os seus inimigos, persuadindo-lhes que sua missão é somente espiritual e seu imperio puramente celeste!

— Bem aventurados os pobres! proseguiu o Nazareno, porque delles é o reino dos Céos! Quanto aos ricos, estes tambem nelles poderão entrar, mas, com a condição de não adquirir riquezas, sino por meios honestos, não affectoarse-lhes, fazendo das mesmas bom uso e finalmente dando uma parte aos pobres.

— Sempre os seus pobres! murmurou o avarento; esta cantilena aborrece-me.

— Como é bom, disse Joanna, não pensa sino nos infelizes!

— Em verdade vos digo — continuou Jesus — que é mais difficil a um rico entrar no Céo, do que a um camello entrar em Jerusalém, passando pela ponta de Ago. Para passar por esta porta baixissima é necessario que o camello se ajoelhe, deixando a carga. Assim, para transpor a porta do Céo, é mystere que o rico se ajoelhe por meio da oração, se abaxe com a humidade e prive-se, pela caridade, de uma parte de seus bens.

— Porém, isto é penoso para elle. O ouro offusca a vista e endurece o coração. Ai de vós, ricos, que vos orgulhaes de vossos thesouros e que fechaes a vossa bolsa e as vossas mãos aos necessitados!

Esta maldição encolorizou Nathan. Queria partir. Mas, naquelle instante notou que o olhar de Jesus estava firme sobre elle parecendo severo.

Sentiu-se como que pregado ao chão.

— Escutae ainda: Era um homem rico, vestido de linho e de purpura, que dava opparos banquetes.

Um dia, um pobre chamado Lazaro foi á sua porta para pedir as migalhas da mesa. O rico repeliu-o com crueldade. Aquelle homem perverso morreu, sendo condemnado ás penas do inferno. Tambem Lazaro morreu e foi recebido no seo de Abrahão. Das profundezas do abysmo o avarento gritava:

— Pae Abrahão, tende piedade de mim!... Mandae Lazaro banhar n'agua e extremidade de seu dedo para refrescar-me os labios, porque soffro horrosamente nestas chammass...

Abrahão respondeu-lhe:

— E' impossivel: entre mim e ti existe um abysmo insondavel, cavado pela tua avareza e maldade.

Durante a narração Nathan estava oppresso, offegante. Reconhecia a sua historia.

Parecia-lhe que mil olhares accusadores o fitavam, que as palavras do Propheta o pungiam como pontas de ferro enrubecidas pelas chammass daquelle inferno que o Mestre invocava com tanto auctoridade. Suppoz que Judas lhe tivesse trahido, contando a Jesus uma scena anterior havidã.

Novamente desejaria partir se isto não fosse denunciar-se e atirar sobre si o anathema e os golpes da multidão.

Joanna tambem estava commovida. Notou o embaraço e a perturbação de seu pae adoptivo, compadecendo-o. Porém, sua emoção transformou-se logo em angustia, porque improvavelmente um ser disforme, caminhando pensosamente entre a multidão, rolou como uma pedra aos pés de Jesus. Não se achava presente na hora da cura dos doentes, chegando atrazado, afim de invocar a potencia misericordiosa.

Nathan extremeceo, como se uma serpente surgira a seu lado. Reconheceu Lazaro, o infeliz que tinha mandado açoutar por seus escravos, cuja historia Jesus havia narado pouco antes. Julgou que o pobre se fazendo ousado pela narração, pretendesse accusal-o publicamente. Queria fugir inobservadamente occultando-se atrás de seus visinhos; porém, novamente o olhar de Jesus dominou-o prendendo-o de um modo inexplicavel.

Amollecaram-lhe as pernas, não podendo dar um só passo. Foi obrigado a apoiar-se em Judas, pallido, livido, com a face banhada em suor. Lazaro tocou a orla do manto de Jesus, levando-a aos labios.

— Mestre — disse-lhe — soffri muito para chegar a ti. Tambem eu estou doente e não posso trabalhar, sendo obrigado a mendigar. Oh! cura-me, supplico-te, para que eu possa ganhar o pão!

— Lazaro — disse Jesus — se curado.

Immediatamente o paralytico atirou os liames que prendiam seus pés e suas pernas, erguendo-se diante da multidão.

Estava radiante e chorava de alegria. Com forte e sonora voz exclamou:

— Tu és o Messias, o Filho do Deus vivente!...

Joanna, commovida até o paroxismo não pôde mais se conter. Levantou-se da rocha que até lhe servia de assento, dominando a multidão, com as mãos juntas, voltada para o Christo em attitude e em gesto de homenagem repetiu com a sua voz clara, as palavras de Lazaro:

— Tu és o Messias, o Filho do Deus vivente!

Uma aclamação fez echo a esta profissão de fé da bella Galliléa.

— Tu és o Messias, repetiu em coro a multidão, Filho do Deus vivente!

Hosanna ao Filho de David!

Era um delírio.

Lazaro ajoelhou-se diante de Jesus, para beijar-lhe os pés.

Seu dilacerado manto cahira então, deixando nuas as espaldas lividas pelos sulcos dos recentes golpes.

— Pobre Lazaro, que significam estas chagas?

— Mestre, foi um homem rico que me fez expulsar por seus escravos, a golpes de açoute, porque lhe pedía pão.

A multidão nervosa, excitada, gritou:

— Maldito seja o rico perverso! Onde está?

Desta vez Nathan julgou que o Céu se desabasse sobre elle. Pareceu-lhe que, mediante um gesto, uma palavra do pobre, a multidão o aniquilasse. Cerrou as palpebras, esperando o resultado funesto. Mas, eis que repentinamente uma voz grave e terna dominou o alarido.

— Detem-te, Lazaro — dizia Jesus — perdão aquelle que te fez mal. Orae por elle: é mais infeliz do que tu.

A vingança pertence ao senhor e esta cahirá sobre elle, a seu tempo, si não, fizer penitencias.

Nathan comprehendeu que devia sua salvação a Jesus: porém, em vez de lhe ser reconhecido, sentio-se humilhado por lhe dever alguma coisa e ferido por suas ultimas palavras cheias de ameaças.

— Precavei-vos —



Luctae pois com um homem como aquelle...

quena bolsa de todas as moedas que elle atirou.

— E' verdade!



As moedas multiplicam-se em suas mãos...

continuuu aquelle que a multidão chamava de Messias — precavei-vos de affeição ao ouro. O ouro envenena as almas, endurece os corações, suggere todas as loucuras, todas as trahições. Sim, repetio, todas as trahições.

Eis porque desejo que todos os meus discipulos renunciem a seus haveres.

Quanto a mim, nasci pobre, quero viver e morrer pobre. Não dejeo o vosso ouro. Si me offerecerem tanto ouro quanto fosse necessario para encher as barcas que cruzam o lago, as afundaria nas aguas antes de receber uma só parte. Judas, onde está Judas?

Judas que estava perto de Nathan se sobressaltou e se approximou tremendo:

— Mestre, que ha?

— Judas, existe algum dinheiro na bolsa?

— Restam-nos apenas algumas moedas para as nossas necessidades mais urgentes.

— Dê-m'as. — O Rabbi tomou a bolsa, tirando um punhado de moedas de cobre e de prata, atirando-as a multidão. Os pobres estendiam as mãos para receber o precioso metal.

As moedas cahiam sempre, inexhaustivamente.

— Como — disse Pedro a Judas — fizias que não restavam si não poucas moedas?

— Juro-te — respondeu o Iscariote — as moedas multiplicam-se em suas mãos. Por outro lado está claro: aquella peccou, não podia absolutamente conter que elle atirou.

Um immenso Hosanna acolheu a generosidade milagrosa do Mestre.

— Agora — disse Elle — retiraes-vos, meus filhos. Esperovos amanhã em Bethsaida, do outro lado do lago.

“Ames juives” do

ABBADE COURBRE

Um presente valioso

E' grande a difficuldade de todas as pessoas na escolha de presentes, principalmente em se tratando de senhoras. Essa difficuldade porém desaparece desde que se lembrem que a "Revista Feminina" costuma encadernar as suas colleções annuaes, em elegantes e luxuosos volumes, vendidos a 25\$000 cada um.

E' o mais bello presente que se pode fazer a uma amiga, pois além de instructivo e recreativo é ainda digno de figurar nas salas de visitas como o mais bello e precioso dos albums.

A colleção de 1922 é incontestavelmente a mais rica e a mais bella de todas as demais. E' de todo conveniente que faça o seu pedido hoje mesmo antes que sejam vendidas as poucas que restam. Preço, 25\$000. Pedidos nesta redacção — Avenida São João, 87, sobrado.

A ama Rosa

Doce e sensível, a ama Rosa, a ama-secca: tu dignificas esse mister! Amaste muito os filhos alheios; não os criava para ganhar o pão, porém ganhavas para podel-os criar.

Em tua alma se formou uma ardente vocação de mãe adoptiva. Nunca obtiveste íntimas pessoas e

nem para os teus. Enquanto que as demais imperaram sobre a vontade debil dos paes, tu fazias uma arte pura, humana e nutritiva.

Jamais nenhum dos quatro famintos que acolheste e que te deram a vida, ponde tener o veneno da tua colera; as tuas fontes de juventude nunca se turbaram com nervosos caprichos... e quatro vezes correram generosas e puras.

Em ti encarnam oito mães, quatro infelizes que choram os seus filhos mortos e quatro victoriosas que se regosijam pela saúde de filhos que não são verdadeiramente seus.

Nenhum destes ultimos pode a ti dirigir a minima censura. Foste para elles a unica mãe, que sacrificou a sua belleza em proveito dos mesmos.

Distribuiste entre quatro pequeninos netos, algumas virtudes em caracteres falhos e a elles deste o teu sangue. Um, o filho da tua primeira empregada é agora um hom robusto e serio, caritativo e forte. Outra, aquella que foi a predilecta, tem orgulho e é algo vaidosa, porém é formosa e fiel. Os outros dois vivem não muito bem, porém cheios de esperanças. De fé, esperança e caridade foste formada, ama Rosa.

A tua historia é uma odyssea de escravidão sem amor.

Dize-me: quem tem razão, as matizes mercenarias que vendem e regateam ou tu que deste carinhos abdicando de todas as prerrogativas? Todos dirão; a ama Rosa, porém, assim mesmo haverá alquem que tem mais fé nos serviços pagos. Todos te darão razão porém ninguém saberá te conceder o premio merecido.

No fim da jornada, quando te tornaste quasi invalida para dares vida e carinho, tu seges, ainda, oh! ama Rosa, junto ás crianças, adornada com a antiga touca branca, servindo de moça ás mocinhas inconscientes e meninos mimados.



BERNARDO SIERRA

O
LOBIS-HOMEM

ANATOLE FRANCE



Lobis-homem existiu, minha irmã...

— Aquelle jardim de nossa infancia, falou o sr. Bergeret, aquelle jardim que corriamos de ponta a ponta em vinte passos, foi para nós um immenso mundo, povoado de sorrisos e de terrores.

— Luciano, lembra-te do Lobis-homem? perguntou Zoé. E sorria sem descerrar os labios e sem levantar o nariz da costura.

— Se me recordo do Lobis-homem! Entre todas as figuras que desfilaram ante meus olhos quando eu era menino, a do Lobis-homem é a de que me recordo mais. As feições do seu rosto e do seu caracter estão presentes em minha memoria. Tinha o craneo pontecagudo.

— A testa muito estreita, acudiu a senhora. E o irmão e a irmã recitaram alternativamente, com voz monotona e extranha gravidade, todos os demais signaes:

- A testa muito estreita.
- Os olhos bogalhados.
- Os olhos mortos.
- Pés de gallinha ao canto dos olhos.
- As maçãs do rosto muito saltadas e excessivamente vermelhas.

- As orelhas chatas.
- A physionomia sem expressão.
- Sómente as suas mãos, que nunca estavam quietas, permitittam adivinhar os seus pensamentos.
- Corcovado e com apparencia debil.
- Mas, na realidade, forte como poucos.
- Quebrava facilmente uma moeda de dez centimos com o indice e o polegar...
- Um polegar enorme.
- E uma voz melosa.
- E suas palavras muito humildes.

De repente o sr. Bergeret exclamou seriamente: — Zoé, não dissemos que tinha os cabellos amarellos e a barba rala. Vamos pois começar.

Paulina, depois de ouvir com surpresa tão extranha

relação, perguntou-lhes por que aprenderam aquelles phrasas e por que as recitavam á maneira de lalainha.

O sr. Bergeret respondeu com seriedade:

— Paulina, o que acabas de ouvir é um texto consagrado, até liturgico se se pudesse chamar assim, para uso da familia Bergeret. É preciso que te seja transmitido para que não perças com tua tia e com teu pae. Teu avô, minha filha, teu avô Eloy Bergeret, a quem não agradavam as irioleiras, gostava destas phrases em attenção á sua origem. Chamava-lhes "anatomia do Lobis-homem", e costumava dizer que lhe agradava mais, por varios conceitos, a anatomia do Lobis-homem que a anatomia de Quaresmeprenant. "A descripção de Xenomanes, dizia elle, contém phrases mais cultas e mais preciosas, mas a do Lobis-homem lhe leva vantagem pela clareza e pureza do seu estilo". E opinava deste modo porque o doutor Le-double de Tours não tinha ainda explicado os capitulos trinta, trinta e um e trinta e dois do quarto livro de Rabelais.

— Não entendo patavina.

— Porque não conheces o Lobis-homem, minha filha, Zoé sabe tão bem como eu o que é a figura do Lobis-homem em nossa infancia. Teu avô Bergeret e seus intimos falavam constantemente delle e todos o viam de quando em quando.

— Esse Lobis-homem quem era?

— Por unica resposta o sr. Bergeret poz-se a rir. Zoé tambem ria, sem descerrar os labios e apertando-os.

Paulina olhava-os com extraneza, porque Zoé, a tia solteirona, ria com o gosto que lhe não era habitual, e nem costumava rir pelos mesmos motivos que faziam rir seu irmão. Demais, a irmã e o irmão tinham habitualmente opiniões oppostas.

— Pae, diz-me quem é esse Lobis-homem. Não queres que eu o conheça? Pois então diz-me quem era.

— O Lobis-homem era plantação. Filho de homens campones, estabeleceu uma jardineira de flores e arvores de

jardim em Saint-Omer; mas não soube conquistar freguezia, e seus negocios iam de mal a peor. Abandonou então a sua industria e dedicou-se a trabalhar como jornalista. As pessoas que recorriam aos seus serviços nunca ficaram satisfeitos.

Enquanto seu irmão pronunciava estas palavras, Zoé Bergeret ria ainda mais. Por fim disse:

— Lembra-te, Luciano?

— Cada vez entendo menos, disse Paulina, desconcertada.

— Pois agora vaes comprehender tudo, minha filha. Vaes saber que nasceu na madureza dos annos, quando Zoé e eu eramos creanças. Moravamos numa casinha do bairro de Saint-Omer. Nossos paes viviam tranquillos e sós até que os descobriu a velha senhora Cornouiller, que vivia em sua propriedade de Montplaisir, a cinco leguas da cidade e que era da familia de minha mulher. Valeu-se do seu parentesco para exigir que todos os domingos nossos paes fossem a Montplaisir, onde atrozentem-se se aborreciam. Considerava de bom tom jantar em familia aos domingos, e dizia que somente



Ah! e elle, caminha rente ao muro do jardim...

Quando nosso pae não encontrava o tinteiro, a penna, as obreias e o papel no escriptorio, dizia sempre: "Parece que o Lobis-homem andou por aqui".

— Ah! exclamou Bergeret, Lobis-homem não gosava de boa reputação.

— E é só isso? perguntou Paulina.

— Não, minha filha. Não é só isso. O interessante do homem é que o conheciamos todos perfeitamente, e entretanto...

— ...e entretanto nunca existiu, rematou Zoé. O sr. Bergeret dirigiu á sua irmã um olhar de reprovação.

— Que indiscreção a tua! Ora! Entornaste todo o caldo! Lobis-homem nunca existiu! Como te atreves a affirmar-o? E's capaz de sustentar isso, Zoé? Para affirmar que Lobis-homem nunca existiu, reflexionaste acerca das condições do que é existente e dos modos de existir? Lobis-homem existiu, minha irmã, mas a verdade é que a sua existencia foi muito especial.

os p bretões e que não punham em pratica o velho costume. Meu pae morria de fastio em Montplaisir; e mesmo que não procurasse dissimular-o, a senhora Cornouiller nunca o advertiu. Minha mãe era mais forte, e, embora o seu aborrecimento fosse tão grande como o de meu pae, sorria.

— As mulheres nasceram para sofrer, sentenciou a solteirona.

— Zoé, todos nós viemos ao mundo para soffrer. Em vão nossos paes recusavam tão fustes convites: o carro da senhora Cornouiller vinha buscar-os todos os domingos. Era inevitavel

ir a Montplaisir; era uma obrigação a que era terminantemente prohibidos subtrahir-se; era uma ordem estabelecida e que só poderia ser rompida pela rebeldia. Meu pae rebelou-se por fim. Retirou-se para sempre do trato familiar da senhora Cornouiller, incumbindo minha mãe de inventar os pretextos. Minha mãe fez o que pôde.

embora não soubesse fingir e não tivesse nenhum jeito para a dissimulação.

— Mas não precisava mentir, Luciano, bastava fazer como os outros.

— Preferiu allegar boas razões, a inventar mentiras inconsistentes. Recordas-te, minha irmã, que um dia chegou a dizer a n. sso pai: "Felizmente Zoc está com a coqueluche, e daqui a algum tempo não poderemos ir mais a Montplaisir".

— Lembra-me bem.

— Saraste, por fim, e a senhora Cornouiller disse á nossa mãe: "Filhinha, não deixarás de ir d. mingo a Montplaisir". Nossa mãe, forçada então a dar-lhe uma excusa verosímil, sabin-se do apuro com esta: "Sinto muito, mas este d. mingo estamos á espera do jardineiro". Ante aquella resposta inesperada, a senhora Cornouiller olhou o jardimzinho abandonado, onde as plantas bravas medravam livremente:

— Esperam o jardineiro! E para que?

— Para tratar do jardim.

Minha mãe dirigiu instinctivamente os olhos para aquella muito alegre que povoava o seu "jardim" e comprehendeu em um espanto a inverosimilhança da desculpa.

— O jardineiro, observou a senhora Cornouiller, poderia trabalhar no jardim segunda-feira ou terça, o que seria preferível, porque não se deve trabalhar no domingo.

— Ao que minha mãe respondeu:

— Está muito occupado toda a semana...

— Tenho observado com frequencia que as razões absurdas e ridiculas são as menos discutidas: desdençam o adversario. A senhora Cornouiller insistiu muito menos do que era de esperar da sua índole, tão pouco disposta a ceder. Levantou-se e perguntou:

— Como se chama o jardineiro, filhinha?

— L. lis-homem, respondeu minha mãe sem vacillar.

Lobis-homem já tinha nome. Desde aquelle momento começou a existir. A senhora Cornouiller reflectia:

— Lobis-homem... Creio já ter ouvido falar nelle...

Lobis-homem? Ah! é isso mesmo, Lobis-homem... Parece-me que o conheço... Ah! agora me recordo. Onde está elle?

— Trabalha sempre de jardim em jardim. E quando precisamos delle, avisamol-o.

— Ah! é isso mesmo, um vagabundo, um typo... Desconfia do teu jardineiro.

D'ahi em deante Lobis-homem já tinha signaes característicos.

• • •

Chegaram os senhores, Goubin e Marteau; o sr. Bergeret pôl-os ao corrente do que se tratava.

— Falavamos daquelle a quem um dia minha mãe fez de subito nascer jardineiro em Saint-Omer e o chamou pelo nome. Desde então existe.

— Queira explicar-me isto, por mim, querido mestre, falou o sr. Goubin enquanto limpava os vidros dos olhos.

— Com muito gosto, ascutin o sr. Bergeret. Não existia o tal jardineiro? Minha mãe disse: "Estamos á espera do jardineiro", e desde então começou a existir como personalidade real.

— Querido mestre, perguntou o sr. Goubin, é possível que se apresentasse o jardineiro como personagem real, uma vez que não existia?

— Teve uma especie de existencia, afirmou o sr. Bergeret.

— Quer o senhor dizer: uma existencia imaginaria... replicou desdenhosamente o sr. Goubin.

— É uma existencia imaginaria não é nada? exclamou o mestre. Os personagens mythologico, não podem influir sobre os homens? Reflecta bem acerca da mythologia, senhor Goubin, e advertirá que não são os personagens mythologicos seres reaes senão seres imaginarios que exerceram sobre as almas uma acção muito profunda e duradoura. Sempre e em toda parte, seres que não tiveram mais realidade que Lobis-homem, inspiraram aos povos odio e amor, terror e esperanza; ac. nselharam crimes, receberam offerendas, estabeleceram costumes e leis. Senhor Goubin, reflecta acerca da mythologia. Lobis-homem é um

personagem mythico dos mais confusos, reconheço-o, e da especie mais humilde. Um satyro grosseiro, sentado em julgados remotos á mesa dos nossos campones do Norte, foi julgado digno de apparecer num quadro de Jordaeus e numa fabula de La Fontaine. O filho de Lycrax formou parte do mundo sublime de Shakespeare; Lobis-homem foi menos feliz, será sempre desprezado pelos artistas e pelos poetas; faltam-lhe altura e originalidade, caracter e estylo. E fructo de intelligencias razoaveis e simples, e não interveiu em seu nascimento a imaginação fecunda, creadora de mythos. Basta isto, senhores, para fazer comprehender a verdadeira natureza do Lobis-homem.

— Comprehendo-a perfeitamente, disse o sr. Goubin.

E o sr. Bergeret continuou o seu discurso:

— Lobis-homem existia, posso assegural-o. Existia, Reflectam bem, senhores, e convençam-se de que existir não implica de nenhum modo a substancia, e que só significa o laço que une o attributo ao sujeito; expressa uma relação e nada mais.

— Não o nego, falou Marteau, mas ser sem attributo é o mesmo que não ser. Alguem, cujo nome me não lembra, disse: "Eu sou o que sou". Perdoem á minha falta de memoria. Não posso lembrar-me de tudo; mas o desconhecido que assim falava commettiu uma grave imprudencia. Nesta phrase deu a entender que se achava sem attributo, privado de relações, proclamou que não existia, supprimiu-se. Aposto em como não se fala mais delle.

— Isso não vem ao caso, rematou João Marteau, que pediu ao sr. Bergeret que falasse de Lobis-homem.

— Você é muito amavel pedindo-me noticias daquelle homem, Lobis-homem nasceu em meados do seculo XIX, em Saint Omer, e nell'or he seria se viesse ao mundo seculos antes, no bosque dos Ardennes ou em Brocclianda. Alcançaria então reputação de genio maligno.

— E' servido de uma chavea de chã, sr. Goubin? perguntou Paulina.

— Mas esse Lobis-homem era um máo typo? indagou João Marteau.

— Sim, era máo typo, respondeu o sr. Bergeret. Máo de certo modo, mas não completamente. Era com esses diabos com fama de perversos, mas nos quees a gente encontra boas qualidades quando com elles trata. Arriscou-me a dizer que o calumniaram. A senhora Cornouiller, que o temia, chamou-lhe vagabundo, borracho e até ratorneiro. Mas logo advertiu que, só pelo facto de estar elle ao serviço de meus paes, pessoas de modesta posição, é porque tinha pretensões humides, e chegou a reflectir se seria preferível ao seu jardineiro, que gosava de b. a consideração mas que tinha muitas exigencias. Aproximava-se a epoca da poda, e ella deduziu que, se para a sra. Bergeret, cuja posição era modesta, Lobis-homem trabalhava por tão pouco dinheiro, trabalharia para ella em condições ainda mais economicas, attendendo-se ao facto de que aos ricos tudo custa menos que aos pobres. Já via ella os seus ceiteiros recordados em forma de urna, os seus lambões em forma de parede ou de blas ou de pyramides, e tudo por quasi nada. "Terá muita vigilancia, dizia, para que Lobis-homem não vadia nem me furtar. Sem me expor a nenhum risco, poderei conseguir muitas vantagens. Esses vagabundos são ás vezes mais habéis que os jornalheiros honrados". E' preciso demonstral-o, ajuntou minha mãe. "Filhinha, manda-me o Lobis-homem; fal-o-ei trabalhar em Montplaisir". Minha mãe promettetu-l'ho e tel-o-la cumprido com g. sto, mas era verdadeiramente impossivel. A sra. Cornouiller esperou o homem em Montplaisir, e esperou-o em vão.

Firme em suas convicções e obstinada em seus propósitos, quando voltou a visitar minha mãe, lastimou não ter recebido noticias do Lobis-homem. "Não lhe disseste que eu o esperava?" "Sim, mas elle é tão acanhado, tão exquisto!..." "Ah! conheço essa especie de gente! Sei de cór as extravagancias desse Lobis-homem. Mas nenhum jornalheiro, por mais exquisto que seja, se negará a trabalhar em Montplaisir. Minha propriedade é muito conhecida, e Lobis-homem obedecerá ás minhas ordens, sem coragem de se rebelar, asseguro-te. Dize-me onde elle mora e eu irei pessoalmente procural-o". Minha mãe respondeu que não sabia, que seu domicilio não era conhecido e que elle vivia ora aqui ora alli. "Nunca mais o vi, disse, e acho que

se esconde de mim". Não lhe podia ocorrer melhor nada mais oportuno.

Entretanto, a sra. Cornouiller escutava-a desconfiada e começava a suspeitar de que ella se recusasse a declarar o paradeiro de Lobis-homem pelo medo de perdê-lo ou receasse de elle augmentasse o preço do seu trabalho quando advertisse que era mais procurado. Julgava egoísta. Muitos juizos, correntes em todo o mundo e consagrados pela Historia não têm melhor fundamento.

— Isso, não ha duvida, commentou Paulina.

— A que te referes? perguntou Zoé, que dormitava.

— Não ha duvida que os juizos da Historia são geralmente **erroneos**. Lembra-me, papae, destas palavras suas: "A sra. Roland, disse você, demonstrava muita ingenuidade quando appellou para a justiça da posteridade, sem comprehender que se seus contemporaneos eram ralé de má índole, e tambem a posteridade, se comporia da mesma, estecio de ralé perversa".

— Paulina, perguntou severamente a sra. Zoé, que relação existe entre a historia de Lobis-homem e isso que acabo de citar?

— Tia Zoé, são duas idéas que se relacionam muito.

— Não sei por que...

O sr. Bergeret, que se comprazia com estas digressões, respondeu á filha:

— Se todas as injustiças fossem reparadas neste mundo, nunca se imaginaria outro para as reparar. Como é possível que a posteridade julgue equitativamente todos os mortos? Como interrogar-os na sombra onde mergulharam? Podemos ser justos alguma vez? Que é a justiça? A sra. Cornouiller convenceu-se por fim de que minha mãe não a enganava e que pedia encontrar Lobis-homem.

Não renunciou, entretanto, a procurar as suas pegadas. Perguntava a todos os parentes, amigos, e creoulos se conheciam Lobis-homem, e só d'is ou tres lhe responderam que nunca ouviam falar delle; mas os outros asseguravam que já o tinham visto algures. "Esse appellido não me é estranho", fallou a cozinheira. "Oh! mas não ha typo mais conhecido, confirmou o almocreve enquanto coçava a orelha, mas de momento não sei dizer quem é".

As mais categoricas informações foram dadas pelo sr. Blaire, receptor de impostos, que declarou haver incumbido Lobis-homem a cortar lenha em seu quintal, desde dezembro até vinte e tres de outubro do anno do Cometa.

Certa manhã a sra. Cornouiller entrou offegante no escriptorio de meu papae: "Acabo de ver o Lobis-homem". "Ah!" "Vi-o, sim". "Aerelita que era elle mesm?" "Estou certa disso; caminhava reinte ao muro do jar-

dim do sr. Tenchant; em seguida dobrou a esquina da rua das Abbadessas; andava muito ligeiro e não pude alcançal-o. É um homem de mais cincuenta annos, de apparencia debil, corcovado, com uma velha blusa encardida e com geito de vagabundo". "É isso mesmo, concordou meu papae, os signaes coincidem perfeitamente". "Ja vê que o descobri. Até cheguei a chamal-o, a gritar: Lobis-homem!" Meu papae disse: "Esse e o processo empregado pelos agentes de policia para identificar os malfeitores, quando andam no encalço delles". "Mas asseguro-lhe que era elle; em sim, logrei pôr o olho em cima do homem. É um individuo de máo aspecto. Você commettera uma imprudencia enorme admitindo-o em sua casa. Tenho muito bom olh... e embora o visse de costas, juraria que era um ladrão... e talvez um assassino. Tem as orelhas muito chatas, e isso é um signal infallivel!". "Oh! você reparou que suas orelhas eram chatas?" "A mim não me escapou nenhuma a minima. Ambo Bergeret, se não quisesse arrastar-se a sua mãe e com sua mãe e seus filhos, não consiga que Lobis-homem entre em casa sua casa. Pense, portanto, que lhe de esse conselho, mude a fechadura a todas as suas portas".

E aconteceu que, ao cabo de alguns dias, faltaram tres melões na horta da sra. Cornouiller e como o astuto ladrão não deixara nenhuma rasta, suspetou-se de Lobis-homem. Os guardas chamados a Montclair, e afirmaram com suas noções as suspeitas da sra. Cornouiller. Quatrilhas de ratoneiros levastavam os jardins, mas naquella occasião havia indícios bastantes para supor que o furto fôr realizado por um só individuo, extrinsecamente habido. Nenhum signal, nenhuma pista na terra humida. O ladrão não podia ser outro senão Lobis-homem, a julgar pelas referencias que se lhe faziam. Tal

foi a opinia do sargento, que tinha reunidas muitas informações acerca de Lobis-homem, e estava decidido a acazal-o.

O "Diario" de Saint-Omer publicou uma columna inteira de noticias interessantes a proposito do roubo dos tres melões da sra. Cornouiller, e illustrou-as com traços phisionomicos de Lobis-homem, de modo a não deixar duvidas. "Tinha, dizia o jornal, a testa muito estreita, os olhos saltados, o olhar incerto, pes de galinha ao rasto dos olhos, as maçãs do rosto muito salientes, avorumbeladas e luzidas; as orelhas chatas, corcovadas, debis na apparencia, mas na realidade fortes e moponcos; dobra facilmente uma nuca de praça só com a pecturalia entre o indice e o polegar. Ha muitas razões, acrescentava o jornal, para lhe attribuir uma serie de roubos, levados a cabo com sorprendente dextreza".

Todo mundo se occupava de Lobis-homem. Correu depois que cahira nas garras da policia e estava preso; mas verificou-se que o preso não era Lobis-homem, e sim um venditor de almanachs chamado Rigoberto; e como nada havia e ntra elle, soltaram-no depois de quatorze mezes de prisão preventiva. Lobis-homem nunca foi encontrado. A sra. Cornouiller foi victima de outro roubo, mais audaz do que o primeiro; roubaram-lhe do guarda-louca tres colhe-



...tinha os cabellos amarellos e a barba ralé...

res de prata. Estava convencida de que só Lobis-homen poderia realizar tão escandaloso roubo. Mandou por uma barra de ferro à sua porta e não pôde mais dormir tranquilla.

Já eram dez horas da noite. Paulina retirou-se para o seu aposento, e a solteirona disse a seu irmão:

— Não te esqueças de contar como foi que Lobis-homen reduziu a cozinheira da sra. Cornouiller.

— Estava pensando nisso, minha irmã, respondeu o sr. Bergeret, e não podia omitir o que ha de mais interessante nessa historia. Mas procedo e m methodo. Lobis-homen foi tenazmente perseguido pela Justiça, que não conseguiu descobrir-lhe o paradeiro. Quando comprehendieram até que ponto era difficil encontrar-o, puzeram todos o seu amor proprio em descobri-lo e reconhecê-lo. As pessoas espertas conseguiram-n'ò. E como havia muitas pessoas espertas em Saint-Omer e nos arredores, Lobis-homen foi descoberto em muitos logares, nas ruas, no campo e nos bosques. Juntou-se-lhe ao caracter um traço mais. Concederam-lhe esse dom da ubiquidade que possuem tantos heróes populares. Um individuo que pôde vencer num momento enormes distancias e que, de repente, surge onde menos é esperado, sempre assusta um bocado. Lobis-homen foi o terror de Saint-Omer. A sra. Cornouiller, persuadida de que Lobis-homen lhe roubara os tres melões e as tres colheiras, vivia aterrada e reclusa em Montplaisir. Os ferrolhos, as tranças e as fechaduras não a tranquillizavam. Lobis-homen era para ella um sér extraordinariamente subtil, que se filtra pela, paredes. Um acontecimento domestico augmentou o espanto. Victima sua cozinheira de uma sedução amorosa, houve um dia em que não pôde dissimular sua falta; mas negou obstinadamente a declarar o nome do causador do seu mal.

— A rapariga chamava-se Gódula, informou a sra. Zoé.

— Chamava-se Gódula, e suppunham-n'a protegida contra os perigos do amor porque era barbada como um homem. Tambem uma barba milagrosa protegeu a virgindade daquella santa filha do rei que se venera em Praga; mas a barba de Gódula não lhe bastou para defender a virtude. A sra. Cornouiller instou com sua creada para que dissesse o nome do homem. Gódula desatou a chorar e guardou silencio. Como fossem igualmente inuteis as ameaças e as supplicas, a sra. Cornouiller fez uma minuciosa investigação. Interrogou habilmente vizinhos e vizinhas, os seus fornecedores, o almocreve, os guardas. Ninguém logrou pô-la na pista do culpado. Tentou mais uma vez obrigar Gódula à confissão. "E' por teu proprio interesse, rapariga, dize o nome do culpado". Gódula continuava silenciosa. De repente, um raio de luz passou pela imaginação da sra. Cornouiller. "Foi Lobis-homen!" A cozinheira chorava mas não respondia. "Foi Lobis-homen! como é possível que me não haja occorrido ha mais tempo? Lobis-homen! Desgraçada! Desgraçada!" A sra. Cornouiller ficou persuadida de que Lobis-homen era o pai do filho da cozinheira barbada. Todos os vizinhos de Saint-Omer, desde o presidente do Tribunal até o faroleiro, conheciam Gódula, inseparavel da sua cesta de compras; e ao intrahir-se de que Lobis-homen abutou da sua honra, todo mundo ficou espantado, surprehendido e immensamente divertido. Lobis-homen conquistou então a celebridade propria de um terrivel matador e de um Don Juan das onze mil virgens. Deram-lhe, por alguns indícios triviaes, a paternidade de outras cinco ou seis creanças que vieram ao mundo em poucos mezes e que melhor fariam se cá não viessem, pela má sorte que as aguardava e pelos transtornos causados ás suas mães. Indigitavam, entre outras, a creada de um vendeiro, dono da taverna "A União dos pescadores", uma padaria, e outras mais. Todas essas mulheres se fizeram victimas porque deram ouvidos ao Lobis-homen. "Que monstro!" exclamavam as comadres. E Lobis-homen, o satyro invisivel, ameaçava todas as moças da cidade, onde, consoante affirmavam os velhos, ellas foram sempre honestas e pacatas.

Dessa fôrma, elle, ao popularisar-se, permanencia unido á nossa casa por muitos laços subis; passava por deante de nossa porta e até chegou a escalar algumas vezes o muro do nosso quintal. Nunca foi visto de frente; mas a

tudo instante reconheciamos a sua voz, os seus vestigios, o rumor dos seus passos. Mais de uma vez cuidamos vel-o de costas na volta de um caminho ao anoitecer. Com minha irmã ou commigo variava um tanto de caracter. Era maligno, perverso; mas tambem se revelava infantil, ingenuo, menos real e até, se me atrevo a dizê-lo, mais poetico. Fazia parte do mundo innocente das tradições infantis. Convertia-se no "Cuca", que roula os menino chorões e travessos. Não era o duende que, á noite, faz tranças com a crina dos cavallos; menos rustico, mas igualmente ingenuo e travesso, punha bigodes de carvão nas honecas de Zoé. Quando nos deitavamos, ouviamos, antes de dormir, miros de gato nos telhados, ladridos de cães, vozes de bebados pelas ruas. Invocavamos Lobis-homen constantemente, e elle logou internar-nos como um sér familiar, porque a sua recordação estava unida a todos os objectos que nos rodeavam. As honecas de Zoé, meus cadernos, cujas paginas estavam amarratadas, os muros do jardim sobre os quaes, muitas vezes, viamos luzes no escuridão os seus olhos phosphorescentes, o jarro de p-reclana quebrado por elle, as arvores, as ruas, os bancos, tudo nos recordava o Lobis-homen, o Lobis-homen das creanças, duende local e mythico. Não equalava, é verdade, em graça audaz e emoção poetica o mais bellido Sylvano, o panno mais grotesco da Sicilia ou da Thessalia, mas não deixava de ser um semi-deus.

Para nosso paé offerencia outro aspecto: emblematico e philosophico. Os homens inspiravam a nosso paé uma profunda compaixão. Não os julgava muito razoaveis, e os seus erros, quando não eram cruéis, divertiam-n'o e faziam-n'o sorrir. A creença em Lobis-homen interessava-o como um resumo e um compendio de todas as creanças humanas. De caracter ironico e burlão, falava de Lobis-homen como de um sér real, com tantas minucias e com tanta insistência, que minha mãe ficava surprehendida e dizia-lhe ingenuamente: "Parece que falas a serio; entretanto, sabes muito bem..."

Nosso paé replicava com voz grave: "Ninguém duvida em Saint-Omer da existencia do Lobis-homen. Seria eu um bom cidadão se o negasse? Antes de supprimir um artigo de fé commun, é preciso medital-o muito".

Só um espirito excessivamente honrado tem semelhantes escrúpulos. No fundo, nosso paé era partidario de Cassendi. Harmonisava as suas opiniões com as do publico, e confirmava, como todos os habitantes de Saint-Omer, a existencia de Lobis-homen, mas sem admitir, já se vê, sua intervenção no roubo dos melões nem na sedução das cozinheiras. Só acreditava na existencia de Lobis-homen para se mostrar bom cidadão, mas só quando se prescindia por completo de semelhante figura na explicação dos acontecimentos em que Lobis-homen intervinha. Meu paé foi, naquella occasião como sempre, um homem galante e um espirito recto.

Quando á nossa mãe, vivia a censurar a sua invenção do Lobis-homen, e não sem motivo. Porque enfim, elle nasceu de uma mentira de minha mãe, como Caliban da mentira de um poeta, embora as suas culpas não fossem eguaes, porque Shakespeare tinha mais intensidade que minha mãe; ella, porém, tranquillizou-se ao advertir que sua mentira insignificante se agigantava, e sua trivial impostura obtinha um exito extraordinario, propalava-se pela cidade enormemente e ameaçava invadir o mundo. Um dia chegou a assustar-se quando viu que sua invenção tomava fôrma e corpo real. Uma cidadã campezina, recém-chegada á cidade e nova no serviço de nossa casa, disse que um homem desejava falar com a senhora.

- Quem é esse homem?
- E' um homem com blusa, parece um jardineiro.
- Disse-lhe elle como se chama?
- Disse que se chama Lobis-homen.
- Como, exclamou minha mãe. Chama-se Lobis-homen?
- Sim, senhora.
- E onde está elle?
- Está na cozinha á espera das suas ordens.

Quando a creada voltou á cozinha, o homem tinha desaparecido. Nunca foi possível esclarecer aquelle encontro da nossa creada com Lobis-homen; mas desde então minha mãe acreditou possível a existencia dessa personagem e ao citá-lo pela primeira vez convenceu-se de que não tinha mentido.

ANATOLÉ FRANCE.

A ALEGRIA

Líbrem nesta minha ultima canção, todas as cordas do prazer.

A alegria que espalçou na terra a desordenada gloria dos verdes prados; o prazer que faz dançar sobre o mundo a vida e a morte, esses irmãos gemcos, que fomentam os tempestades, sacudindo e despertando a vida com o seu riso. O gozo que calmamente se sente com as lagrimas, ao pé da aberta e roxa flor de lotus, a flor da dor; o prazer que arroja tudo sobre a terra e que de nada sabe, nem ao menos uma palavra!

O REINO DA PAZ

Tu és o céu e tam-

ouro na mão direita e a grinalda formosa na esquerda para coroar a terra.

Chega o crepusculo sobre os prados solitários que os animacs abandonaram. Fcio por caminhos ignotos e em seu cantaro de ouro, traz aprasiveis sorcos de paz do oceano do repouso que se encontra no poente.

Mas, allí no sítio onde se abre o céu infinto, até ao qual a alma comprehendrá o seu tóo, reina a brancura immaculada e radiante.

Alli não ha noite e nem dia; nem formas, nem cores e jamais uma só palavra.

KABINDRANATH TAGORE



A offerenda mystica

bem o ninho. E o ninho, — oh! belleza suprema! — tu o circunda de cores, de cantos e perfumes.

ATLANTIDA

Vem vindo a manhan com a sua cesta de

EIS A MINHA ORAÇÃO

Eis a minha oração a ti, Senhor! — Fere, fere a raiz da miseria do meu coração. Dá-me força para supportar facilmente as alegrias e as tristezas. Dá-me forças para tornar o meu amor fructuoso e util. Dá-me forças para jamais desprezar o pobre, nem curvar o joelho ante o poder insolente. Dá-me forças para levantar o espirito bem alto, acima das futilidades de todo o dia. Dá-me forças para que me humilhe, com amor diante de ti.

As Perolas



ção de fabricarem, tão semelhantes às verdadeiras, que se está perigosos quem fazer a distinção entre ellas.

Contava-se que um antigo chefe de uma casa romãnte, vendendo em serias difficuldades financeiras, tirou da coroa real que então guardava, todas as perolas, vendidas e para que não dessem pela falta fez substituir os lugares vazios por outras, porém falsas. Estas eram tão perfectas que só muito tempo depois que se descobriu a troca, não obstante essa coroa ter voltado para os cofres do onde tinha saído, e onde ainda permanecera largos annos.

Es se pequenos dramas que parecem communs à burguezia attinge, também aos potentados.

A perola tem a sua historia como as demais joias, sendo que em tratando a sua, assume a forma de um castigo imposto por uma divindade pagão a uma nympha rebelde. Entretanto a sciencia, que não admite pignicas, foi descobrir que ella é proveniente de uma modestia commum das ostras, tirando dessa forma todo o encanto de uma historia sentimental.

Não obstante, ha perolas que tem também a sua historia propria, como a perola negra do Rajah de Kurra, que foi a causa do extermínio de uma familia.

Parsi, filho de um pobre pescador, ao abeir um dia uma ostra achou uma perola negra de um tamanho extraordinario. Levou-a ao seu pai, que ambicioso pretendia vendela a um potentado de uma nação vizinha, que sem escrúpulo se apossou da joia, mandando castigar cruelmente o pobre pescador.

A perola e talvez dos ornatos preciosos a mais cara, não obstante ser a mais espalhada em todo o mundo. Si um dia uma boia marinha restituisse as costas todas as perolas existentes em São Paulo, ellas seriam em serias difficuldades para receber e guardar em suas conchas esses minisculos objectos que, ao que se supponhiam, foram tirados.

Seu pretender mostrar que quem quer que seja, podem ter e apenas um decimo por cento das perolas, existentes à venda nas vitrinas, que não admittam o colar das senhoras ou enfiar a gravata de cisalmo cavalheiros, são verdades.

O seu preço elevadissimo e cada vez maior, descurto a cubica das chimicas e industrias que chegaram a perfi-

Parisi, subido desse facto, com mais dois compaheiros, assassinaram o cruel se-

nhor e fogem para a sua patria. Com se tratava de um facto grave, a guerra estalou entre a patria de Parsi e o povo vizinho que após uma serie de combates foi vencido, ficando o maior e toda familia prisioneira e condemnados a morte.

Parsi, clamorado pela revolta da familia, tirado da prisão e fugiu com ella para Kurra, pedindo protecção ao soberano, daquella região, que fingendo-se confiado da sorte daquelles dois se acobde. Porém alta noite mandou desfolhar e retirar o senhor daquella perola fatidica. Desde esse dia a desgraça pertrou naquella região, perdendo os seus filhos, uma peste assolou a sua capital e em menos de tres annos a sua familia desappareceu totalmente, clamado para peste ou assassinado mysteriosamente. Os habitantes dessa região apavorados resolveu com unânime offerecer a Ibrahim essa perola, que até hoje é a vista directa daquillo dolo em Kurra.

D'ahi talvez o facto de se dizer que a perola traz infidelidade a quem a usa. A um sim, com se diz da opala, que entretanto é a pedra preferida por uma hierarchia ecclesiastica.

Essa superstição hoje namon culto, quando se sabe que a imperatriz da Alemanha, tinha uma bella collecção de perolas e estas começaram a se estragar.

Não pretendemos contrariar essas superstições, dado a sua profunda convicção nas massas populares e si narramos esses factos, o fazemos simplesmente para dar a conhecer ás nossas amigas duas historias populares si não instrum, pelo menos reirem o espirito e não tomam lugar.

Sob a accção do tempo, ou talvez de uma ostra que as perolas se estragam e d'ahi o apprehenso de que ellas desapparecem, ou vão se gastando e não entram em contacto directo com a pelle. Outros ainda affirmam que ellas se desintam da calor humano ou do suor e quando expozidas durante alguns annos no fundo de alguma gaveta, desapparecem, se descompoem.

Não fosse o receio de melindrar a susceptividade consciencias affirmamos que esse desapparecimento foi o mais natural deste pozem, foi em fiutar o colar de outra pessoa ou voltoo para a outra poalhera.



A ULTIMA BRUXA

As bruxas desaparecem, se tem dito muitas vezes.

As ultimas descendentes de tão infernal dinastia, que ainda viviam sobre a terra, escondidas em alguma gruta dos desfalecidos ou em algum castello em ruínas, ficaram subitamente cegas pelo esplendor da luz electrica e afujentadas e dispersas pelo ruido profundo do trem de ferro que roda nas montanhas.

Entretanto em uma aldeia da Galicia vivia miseravelmente uma velha, famosa em muitas leguas ao redor como magica, devido ás suas praticas mysteriosas e as suas artes de curar. Como a "Ramila", aquella outra velha de Cumbraes, a magica vivia em uma choça, apartada do mundo, ao pé de um regato coberto de hervas damiñinhas. A phantasia popular creou uma verdadeira lenda em torno do seu nome, tornando-a conhecida em muitos povoados vizinhos e distantes, augmentando de arte o seu prestigio pelas bruxarias e feitiços que praticava. Com seus tratos diabolicos e umas palavras sibylliticas que sahiam dos seus labios como um leve assobio, chupava o sangue ás creanças, seccava as fontes, torrava os pastos e matava o gado.

E era tão grande o seu poder, que resistia aos exorcismos do cura e não temia as cruces sobre a porta das casas.

Um dia a magica foi chamada á casa de um vizinho para curar um enfermo que morria sem remedio. Mal tinha transposto os humbraes quando um homem a agarrou pelo pescoço, espancando-a brutalmente, para se vingar, porque ella dias antes tinha deitado "mão olhado" em sua criação que em poucas horas morrera. Muito ferida a velha foi dependurada no batente de uma porta para que a sua vida miseravel tivesse o mesmo fim de tantas outras, sem que lhe vallessem as supplicas e as lagrimas e o poder sobrenatural que se julgava possuida por andar em tratos com o demonio e assistir as reuniões da noite de sabbado.

Si a velha não pereceu, foi porque um outro vizinho compassivo, cortou a corda que a prendia ao madeiro, e si elle assim não procedesse a magica teria o mesmo fim que teve a tia "Casca", nas alturas do Tramo.

Apezar do ruido dos trens e do esplendor da luz electrica as bruxas não desaparecem.

Esparramadas pela terra, se juntam ainda em reuniões sinistras. Agrupadas em phantasticos esquadões, cavalgam os ares em tragicos alaridos e se metem pelos desfalecidos da phantasia, para experimentar as suas unções e benzeduras.

De vez em quando desaparecem, deixando-nos a lembrança das suas artes, o brilho dos seus olhos e o sibilar da sua bocca sem dentes.

Como na idade media vagueam sobre os castellos ruinosos, dando vida com suas evocações aos antigos tyrannos armados de lança e escudo; sobre os campanarios abandonados fazendo soar o bronze de um sino esquecido; bailam no ar com as suas danças macabras e revolvem os cemiterios.

Então as creanças ouvem a voz dos phantasmas, as camponezas pallidas e tremulas apegam-se aos seus patronos, até que um destemido com uma tenaz compriada consiga apanhar o corpo de uma dellas.

Terminou o encantamento.

As bruxas não se foram com as barbaças e sombras medievas. Não se afugentou o despertar de uma idade nova, nem as dispersou o florescimento da pedra quando rasgou o espaço com as suas finas agulhas e offereceu ao beijo da luz as ogvas, porque as bruxas ainda, na imaginação, cantando litanias infernaes, voam com as suas azas de morcego sobre as gothicas cathedraes.

E' verdade. Não sóo ainda a sua ultima hora: Zubruga as retratou quando se preparavam para a cavalgada infernal. Como viveu Rámila ainda na Galicia a velha magica, viverão muitas mais, muito velhas e muito sabias.

Agora se falla da ultima bruxa? Não foi tambem a ultima aquella que se occultava sob o nome de D. Branca de Acevedo, a heroína da Zarzuela?

Um outro dia inesperado se saberá de outra velha que tem a vida mysteriosa e se dedica a praticas extranhas e a curas milagrosas.

Um ruido nocturno que passe sobre a aldeia ou um fogo fatuo que brñhe na majestosa solidão do campo, tecerão a legenda.

Depois uma mulher enferma ou algum gado morto: uma velha pregada ao batente de uma casa e a imaginação envolverá o povo, abandonado em suas ignorancias com ares de tragedia.

As ultimas descendentes de tão infernal dinastia que ainda viviam sobre a terra, escondidos em alguma gruta dos desfalecidos ou em algum castello em ruínas, ficaram subitamente cegos pelo esplendor da luz electrica e afujentados e dispersos pelo ruido profundo do trem de ferro que roda nas montanhas...



Os preparativos para a cavalgada.

Alguns elementos plasticos do cinema

Descoberta maravilhosa, o cinema não foi no seu inicio mais que um objecto de curiosidade apaixonada.

Quando se cançou o espectador de contemplar na tela o cavallo a galope, as quedas successivas e ininterruptas de algumas cascatas, o engenho dos industriaes, compondo novas scenas fez do cinema um divertimento mais duravel e mais variado. Um dia descobriu-se uma visão de arte, uma impressão de belleza na successão das imagens; hoje falla-se em elevar o cinema na posição de arte.

Não se trata aqui de lhe disputar este titulo e menos ainda de crear uma esthetica cinematographica.

Esta empreza necessitaria de mais estudo e mesmo mais trabalho.

Não seria talvez prematura?

Tão rapida tem sido a sua extensão, entretanto o cinema ainda não sahiu do periodo das pesquisas, da sua infancia. Sem fallar da sua forma literaria que ainda não tem, ninguém pode se vangloriar de conhecer ou mesmo de ter percebido algumas das suas fontes puramente visuaes.

Jamais se lembraram de estudar com cuidado o movimento que é a sua característica essencial e de determinar leis fixando o rythmo.

Um pedaço de film, seja elle qual fór, perde totalmente o seu valor quando não projectado.

Nada mais é que uma photographia inferior.

Ora, pôde se dizer que o cinema está para a photographia assim como a musica está para o som isolado.

A successão de imagens estabelece entre ellas uma serie de ligações que se nos afigura a não preocupação da realisação. Ha em todo o caso um campo de observações mais vasto que escaparia á nossa competencia.

Mas na execução destas imagens, tomadas, si quizer, isoladamente, entra ou deveria entrar uma parte de criação, uma selecção, um cuidado de harmonia que constitue um esforço artistico que vamos tratar adiante. E' a qualidade plastica destes elementos, que nos queremos exa-

minar mui summariamente, destacando alguns exemplos de films dramaticos conhecidos.

Começamos pelos elementos inanimados, que criam o meio, a decoração, si não se precisasse de assimilar o cinema ao theatre.

O cinema se utiliza directamente da natureza. E' preciso que o director artistico saiba disso bem se aproveitar. Algumas vezes tiram excellentes partidos, com muita felicidade dos aspectos que os cercam.

Mas, sendo dado uma extensão quasi que illimitada de pesquisas, offerecidas, sob este ponto de vista ao cinegraphista, deve-se recommendar nesse caso de usal-as com parcimonia.

Os films italianos e americanos mostram sufficientemente que os seus editores não recuam diante de deslocamentos de artistas e mesmo de scenarios para lugares distantes, a fim de evitar repetições de trechos naturaes no mesmo film.

Objectarão, fazendo ver as continuas paradas e a difficuldades de transporte do pessoal.

Essas objecções não devem entrar em linha de conta, principalmente para os americanos, que fazem viagens e armam decorações que custam carissimo.

Quanto ao cinegraphista francez, exceptuando na Cote d'Azur no inverno, na Bretanha ou na Normandia no verão, elle se limita aos arredores de Paris.

No bosque de Vincennes, na floresta de Fontainebleau elle acha melhores assumptos que se estivesse no cume das montanhas suissas, nos pampas do Novo Mundo ou mesmo nas cavernas prodigiosas da prehistoria. Portanto, sem sahir do proprio meio, quantas novidades de aspectos não poderia elle encontrar si, com um pouco de boa vontade, quizesse se mexer? Quantos sitios familiares ou grandiosos, melancholicos ou encantadores que lhe offerece a profusão de um paiz como a França; quantos monumentos maravilhosos e admiraveis, antigos solares, recantos de cidades e aldeias que poderiam



Sahara (Film: Pathé)

ser graphados em seus films? Mas os recursos francezes, nesse ponto, são desconhecidos.

Para remediar essa ignorancia, M. Diamant-Berger, em seu livro muito documentado e cheio de idéas interessantes sobre o Cinema faz engenhosamente um apello a quem de direito: — "o "Touring Club" e os agrupamentos analogos podem nos ajudar em pesquisar quadros que mostrarão o valor dos nossos esplendidos scenarios... fazendo crear sob sua fiscalisação um repertorio de photographias detalhadas das mais bellas paisagens da França... e estas photographias, classificadas, ficarão à disposição dos editores francezes para que se apercebam de que a França é o paiz mais propicio para o cinema em todo o mundo."

Uma tentativa nesse genero foi feita pela casa Gaumont, em um film intitulado "O barranco sem fundo", de Tristan Bernard, que se utilisou de uma serie de scenarios naturais indicados pelo Officio Nacional de Turismo. Nesse caso o scenario foi concebido para sómente pôr em evidencia os sitios designados quando devia se ter feito

justamente o contrario, desdenhando-se a escolha dos lugares. Os directores de scena, mais conscienciosos, fazem antes pequenos ensaios até se aperceberem bem dos scenarios todos que vão cinegraphar. Mas isto é muito raro porque geralmente a pesquisa é feita de um modo mui summario. Geralmente elles fazem embarcar, no ultimo momento os interpretes todos e por uma inspiração toda de occasião elles determinam o local; ahi o operador assesta a machina, procurando um sitio mais ou menos propicio e desenrola-se então a acção que a pellicula deve apanhar.

A preocupação artistica não é tomada quasi que em consideração. Si algumas vezes ella existe é toda superficial. O ideal dos profissionais do cinema, salvo raras excepções, não passa além de satisfazer a imaginação popular e a belleza do chromo.

Quantas vezes nos achamos em presença de um trabalho interessante, de uma pesquisa de perspectivas curiosas e novas que uma engenhosa localisação poderia obter resultados admiraveis?

A constatação é mais frequente para os "interiores", onde predomina o genio inventivo do auctor e o accaso então não é tomado em linha de conta.

A fragilidade das paredes que se quer derrubar sob a acção de um choque violento, o artificio das descobertas onde se reconhece a tela pintada, a banalidade dos mobiliarios emprestados ou alugados em uma casa qualquer,

dão a idéa de appartement luxuosamente mobiliados ou a exposições dos grandes logares. Nesse caso, justo é reconhecer que os directores, apesar dos meios precarios que dispõem, attingem a perfeições extraordinarias.

Mas esse facto não é commum, porque torna-se necessario que uma pessoa de gosto artistico apurado, com um cuidado excepcional tratasse de organizar e dispor as scenas todas.

O sr. André Antoine, que tem applicado a sua actividade e o seu talento imaginativo ao cinema, indica o meio para se conseguir essa perfeição em um recente artigo que publicou no "Je sais tout". Em vez de se entregar ao "Studio" as reconstituições, não sufficientes, é muitissimo mais simples e mais facil, explica elle em substancia, ir procurar esses interiores onde elles se acham. E esta idéa engenhosa elle acaba de pôr em pratica com successo em seus dois ultimos films. Suas scenas em "Mademoiselle de Seigliere", giram todas ellas em um castello dos arredores de Paris e as da "Terra" em uma herdade de Beauce, com as suas estribarias, granjas, etc.

Ha ainda outros recursos que um director intelligente e dotado de um senso artistico pôde lançar mão com muita felicidade.

Passemos agora aos elementos animados da imagem, as figuras.

A estreita dependencia entre o cinema e o theatro, principalmente na França, leva geralmente o cinegraphista a escolher alli os seus interpretes tomando em consideração o seu talento, a sua reputação

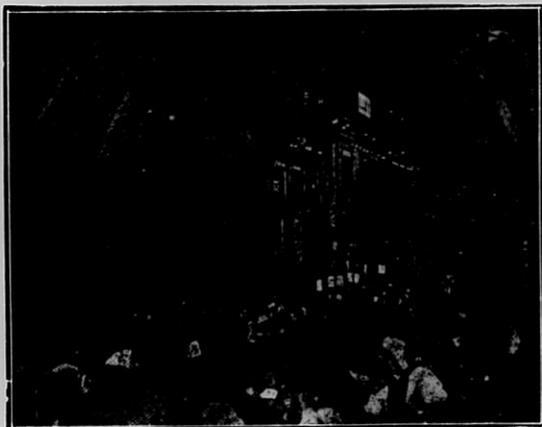
dramatica e sobre tudo as suas qualidades plasticas. Os americanos que procedem de modo contrario, e que têm, entre nós admiradores, não conseguiram tambem completar os seus esforços.

O director de scena não deve perder a occasião de pôr em evidencia physionomias bellas e corpos harmoniosos, mas tambem deve ter o maximo cuidado em escolher tipos caracteristicos, não somente para os protagonistas como tambem para a figuração.

Neste ponto de vista os italianos são os mais favorecidos.

A superioridade dos seus films consiste precisamente na attitude escultural dos seus artistas e o sentimento artistico muito desenvolvido mesmo entre as camadas populares.

Porque Gebier, por exemplo, no seu film "Oedipo" não recorreu ao mundo dos esportistas para escolher os athletas que deviam figurar no Colyseu? Foi porque, diz D. Strobel, em um artigo que escreveu para o "Film", pen-



A lanterna vermelha (Mise-en-scene de Capellani).

sando em concluir os efeitos maravilhosos da graça e da força, que se buscaram artistas, homens e mulheres, cujos menores movimentos fossem justos, normaes e equilibrados.

Não satisfaz absolutamente que um interprete seja interessante, sob este ou aquelle ponto de vista, mas o que é preciso, segundo um neologismo muito discutivel, que elle seja "photogenico", isto é, que se preste á reprodução photographica. E isto só tem a plena certeza depois de experiencias previas.

Finalmente é ainda necessario se proceder no artista uma maquillage especial, capaz de corrigir as deformações provenientes de uma luz muito viva ou de realçar o colorido e remediar certas pigmentações defeituosas da pelle.

E' um estudo que merece ser aprofundado, pois ainda está incipiente. No ponto de relativo progresso que está o cinema hoje, assim mesmo os artistas chegam a resultados bem apreciaveis como nós vemos no typo do velho marinheiro cujo cliché orna esta critica.

Aquella figura é um excellente trabalho, um dos mais perfeitos no genero.

Sem querer fallar da interpretação que escapa a nossa competencia e ao assumpto de que ora tratamos, pode-se afirmar, que sob o ponto de vista plastico, o cinema vence pela sobriedade dos gestos e pela simplificação das expressões de phisionomias. Com o "ecran" que tudo augmenta, pode-se passar com uma extraordinaria mobilidade por todas as attitudes phisionomicas.

Ainda poderia se dizer muita cousa dos vestuarios, geralmente alugados a esmo em qualquer casa, sem aquella preocupação de arte que se deve dar, principalmente em se tratando de conjunctos onde a elegancia e harmonia devem predominar.

Esta negligencia é originaria ás vezes pelo facto dos vestidos ficarem ao arbitrio das interpretes.

D'ahi ás vezes observarmos na tela grupos disparatados e de nenhum senso artistico.

Mas, resta-nos ainda o importante capitulo dos processos technicos que tem a maxima importancia na plastica do cinema.

Alguns praticos antigos, hoje são mestres na utilização e distribuição das luzes. Elles jogam com uma inextinguivel virtuosidade efeitos de luz, como o claro-escuro ou o escuro-claro como se pode nas gravuras que reproduzimos. Podia se dizer que elles abusam um pouco dessa

combinação de luzes e sombras, que deveria servir para o operador cinematographico como serve para o pintor: tornar saliente o caracter principal de um quadro ou de uma phisionomia; augmentando ou diminuindo a sua intensidade. No cinema esta intensidade não é tomada em consideração, sob o mesmo ponto de vista que para a pintura.

Tem sido ella tentada?

Seria uma fonte fecunda que permitiria, ás vezes, de dar uma impressão de relevo, desde que mechanicamente não se podesse conseguir.

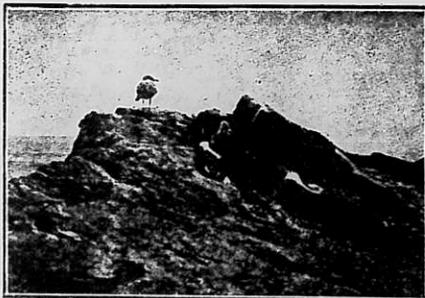
Assim nos parece que se tiraria feliz partido da approximação de certas materias como sobre um fundo de xadrez, o brilho da seda, os reflexos profundos do velludo, a scintillação dos estofos palhetados de misangas que podiam fornecer efeitos passageiros e fortuitos, opposições, ou harmonias de uma natureza toda nova.

Mas aqui não tivemos a pretensão de fazer um estudo completo, e felizes nos sentiriamos si estas rapidas notas suggerissem algumas idéas que pudessem aproveitar ao director da scena dos ateliers cinematographicos.

RENE' CHAVANCE.



Os lobos do mar (Mise-en-scene de Antoine).



Os lobos do mar.

NOS TOUCADORES ELEGANTES

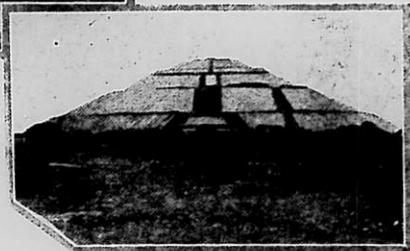
Entre os productos que devem figurar no toucador de uma mulher elegante e recommendamos muito especialmente o creme **DERMINA**, ultima palavra em materia de creme para amaciar a pelle e para curar **INFALLIVELMENTE** todas as erupções da pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema.

Chegam-nos diariamente attestados entusiasticos de sua eficiencia. — Podemos enviar ás nossas leitoras por \$5000 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de \$500 para o porte e registro do correio. Avenida S. João, 87 (sobrado), S. Paulo.



THEOTIHUACAN

A CIDADE DOS DEUSES



Para os forasteiros que chegam á capital da Republica é sempre interessante o aspecto das duas pyramides que levantam sem perfis indecisos e a sua enorme massa alvacentá, a alguns kilometros do Mexico, na estrada de Vera Cruz. Aquellas immensas estruturas que semelham aos cerros circumvisinhos, attraem sempre os olhos do viajante, que as observa da janellinha do trem, deixando-lhe na imaginação uma vaga e mysteriosa suggestão de sonho. Os velhos e imponentes monumentos dormem seu sonho millenario sob a mortalha da terra pardacenta.

São vestigios de uma edade remota e mysteriosa, de um povo enigmatico e longinquo cujas cinzas se dispersaram ha seculos. As pyramides, como um testemunho do passado, falam com uma voz que, talvez por vir de um mundo tão extranho e distante, é débil e indistincta. Como phantasmas de epochas que se apagaram, de imperios perdidos no cáhos dos seculos, de dynastias eclipsadas e que não deixaram memoria, falam com um balbucio tão indistincto como o das tumbas de onde surge aquella voz espectral.

Essa voz, entretanto, o viajante a escuta ou parece-lhe que a ouve. A's vezes, ante o seu segredo que parece de subito revelar-se, o viajante esfrega os olhos como se temesse ser victima de uma allucinação. Aquelles gigantes nos apostropham, com voz entre clamorosa e plangente, do fundo dos seus hypogeos.

Alli jazem as mumias, não apertadas e envol-

vidas em tiras de panno, cheias de ouro e balsamo, como as mumias pharaonicas. Como marcos funerarios, não têm ellas mais que o cactus aspero, como lagrimas as que chora a chuva, enviadas annualmente pela deusa Chalchitlilhue e como vaso lacrimatorio todo o valle concavo e piedoso. Ehecatl, o deus do vento, ha mais de mil annos que, com um diapasão de angustia, entõa a sua elegia formidavel, uma elegia perenne que não acaba nunca.

E Meztli, a lua, balança na abobada celeste o seu thuribulo de tecali, vertendo na aridez dolorosa as suas offerendas de chalchihuites azues...

Lentamente, porque grandezas taes não se revelam de subito, as pyramides, ao golpe das picaretas archeologicas, entregaram-nos os seus segredos. Com elles se revelou a alma tolteca, o evangelho sereno da sabedoria de Quetzalcoatl, cheio de doçura, de bondade e de amor.

Nunca se chegou a imaginar o que de maravilhoso a Pyramide do Sol encerrava em seu

seio. Tinham-se descoberto frescos muraes em honra ás divindades agricolas, que, por sua concepção e factura, demonstravam o alto gráo de civilização da mysteriosa raça desaparecida.



Estes indios ainda conservam as velhas crenças...

Aqui e alli surgiam fustes de columnas, mascaras de deuses, amuletos, joias e pedras preciosas, mas tudo aquillo não eram senão restos do enorme naufragio da raça, escombros do cataclismo total em que o grande povo, ao afundar-se no mar da noite, deixou apenas de fóra o cume das suas pyramides, como deixam as náos que naufragam as cruzes dos seus mastros sobre as aguas que as sepulcram....

Os ultimos descobrimentos levados a cabo pela Direcção de Anthropologia, arrancaram á Pyramide do Sol o segredo capital da raça dos artistas mysticos que a erigiram, pondo a descoberto o maravilhoso templo de Quetzalcoatl.

Em nome da austera sciencia ouçamos a palavra do professor Manuel Gamio, director de Anthropologia:

"As decorações consistem em grandes serpentes emplumadas, esculpidas nos muros internos. Ellas apresentam, entre as suas ondulações, grandes conchas e caracões; suas cabeças phantasticas apparecem representadas de perfil rematando no alto da escadaria. Outras serpentes ha cujas caudas terminam em guisos de cascavel, muito estylisadas, ao passo que as cabeças representam outros animaes mythologicos. Uma dellas invoca o famoso Cipaetli dos aztecas.

Sendo Theotihuacan o centro mais importante dos vestigios do padrão cultural tolteca, é extranhavel a ausencia de representações de Quetzalcoatl, o grande civilizador tolteca que foi posteriormente deificado. Quetzalcoatl significa, em idioma mexicano, "serpente de plumas preciosas", denominação que lhe deu, porque, segundo uma lenda precolombina, esse deus estava identificado com Venus, e quando elle mergulhava nas aguas do Pacifico, seu reflexo semelhante uma serpente de plumas radiantes.

Os aztecas eram essencialmente militares, e

abominaveis como todos os militares. Foram elles que toldaram o céu da antiga cultura com o véo mortifero de suas flexas envenenadas, encharcando o sólo com o sangue das suas victimas. Os traços de civilisação que ainda se notam em meio á pavorosa noite azteca, não provêm sinão da cultura Volteca, dos seus grandes astros, que, apesar de mortos, continuaram a enviar-lhes luz."

Os mexicanos da epoca presente podem dividir-se em dois grupos: os aztecas ou militares, que se empenham em matar-se uns aos outros, e os toltecas, que sobreviveram por milagre, para perpetuar a cultura nacional herdada de seus paes.

Logo sobrevém a conquista. Os conquistadores arrazaram os templos indigenas e construíram com os seus escombros os templos da fé christã. As pyramides de Theotihuacan escaparam a essa lei, e os seus deuses não sentiram o peso da Cruz que foi plantada no sólo indigena como uma espada.

Os velhos deuses da raça não morreram de

tudo. Vêm-se figuras de musicos, dançarinos, que, ainda hoje, tomam parte em muitas ceremonias christãs. Como em seus adornos ha uma persistencia do passado, assim vive em suas almas o mystico espirito ancestral...



Um detalhe da sumptuosa fachada.

ARTE CULINARIA

Raramente se tem visto um successo igual como o que alcançou o *Adalys*. Em poucos mezes quatro edições enormes esgotaram-se rapidamente. E' a mais interessante e útil collecção de receitas culinarias, todas previamente experimentadas. Custa apenas dois mil réis. Pedidos nesta redacção, avenida São João, 87-A (sobrado).

O DESERTOR

SCENAS DA FRONTEIRA FRANCO- HESPAÑHOLA

Pela estrada velha de França, que desce em sensível declive das escarpadas do Oyarzem para as margens do Bidasôa, caminhava um robusto rapaz, de jaqueta no hombro e gorro calado do lado, olhando inquieto adiante e atraz de si, como uma fera perseguida que presente uma guarida salvadora bem proxima.

Ao chegar perto das primeiras casas vizinhas da ponte, naqual o estado e o municipio reuniram todas as secções administrativas que caracterizam as fronteiras: alfandega, vigilancia governativa, guardas li-caes, arbitros provinciales, representados pelos carabineiros, guardas civis e fiscaes, o fugitivo se deteve repentinamente, perplexo e aterrissado. Como se salvar d'aquella barreira? Via o bonet vermelho do fiscal, com a sua chapa brumida que chispava ao sol d'aquelle dia canicular,

encostado no batente da porta da alfandega, em attitude descuidada, porém na realidade alerta, como que perscrutando o horizonte com o seu olhar agudo. Mais adiante sentados em um banco, sem encosto, collocado na sombra do grande edificio alfandegario, alguns carabineiros, com o fusil entre as pernas, conversando e fumando sem desviar a vista da estrada. A poucos passos destacava-se entre um grupo de paisanos o nobre e elegante chapéu tricornio da guarda civil. E dispersos aqui, acolá mais alguns carabineiros e quem sabe, alguns agentes da policia secreta hespanhola?

Por muito sabedor que acreditava estar, o indeciso rapaz das grandes difficuldades que a lei teria de oppor para se expatriar, sem ser preso ou pelo menos sem ser visto, a realidade d'aquelle formidavel aparato de força all'i installado para detel-o e contrariar o seu proposito, excedia a tudo quanto a sua imaginacão de fugitivo podia ter forjado. Assim que variando de rumo, em vez de dirigir-se para a ponte internacional, saltou rapidamente a cerca de arame que margeava a estrada e se dirigiu até a margem do rio totalmente deserta n'aquella hora. Em um abrir e fechar de olhos se despojou da calça e das alpargatas, fazendo com elles um embrulho que amarrrou na jaqueta, lançou-se na correnteza do Bidasôa.

Eram os momentos torridos das quinze horas. Um calido esplendor meridional saturava o ambiente e o rio, pela estação, bem crescido, rolava manso até a ponte, se precipitando sob as suas arcadas, batendo nos pilares formando vortices espumosos.

A historica ilha dos Faisões, coberta de verdura, com o seu monumento commemorativo da famosa Conferencia e

Tratado dos Pyrinéos, de aspecto mercedidamente necroptico (pois all'i está enterrado toda a gloria da Hespanha no seculo de ouro), emprestava uma frescura a paisagem quente e poicranta de Agosto, vendo-se ainda em suspensão lenta e indelicosa o pó que os automoveis levantavam, conduzindo os desocupados de Biarritz para São Sebastião e os de São Sebastião para Biarritz.

Ao lançar-se n'agua o nosso rapaz não contou com o rumor que produzia ao golpe-a com os seus braços rijos e musculosos.

Da guarita mais proxima surge a silhueta de um carabineiro que como primeira providencia levou o fusil ao rosto em posição de pontaria. Nas janellas do quartel appareceram varias cabeças inquietas de homens e mulheres e pouco depois salta fora o sargento apertando o cinturão e em mangas de camisa.

— O que é isso? —

— Não atire Lopez, não atire sobre o fugitivo. Espere um momento.

O fugitivo nada vafuriosamente, sem ritmo e nem arte, tentando ganhar o mais breve possível a margem opposta.

O sargento grita-lhe então: — O' paisano! volte snão eu atiro!

Em um momento se encheu de curiosos a ponte internacional, misturando-se os guardas a fande garios francezes com os carabineiros hespanhoes e os civis de ambas nacionalidades, avidos de gozar as peripicias d'aquella scena, que se furtava do vulgar em materia de deserções e outros delictos da fronteira, delictos que, por um pouco mais aqui, ou mais ali, por uma simples linha divisoria imaginaria, deixam de sel-os pendendo a dignidade, a liberdade e até mesmo a vida de um homem o

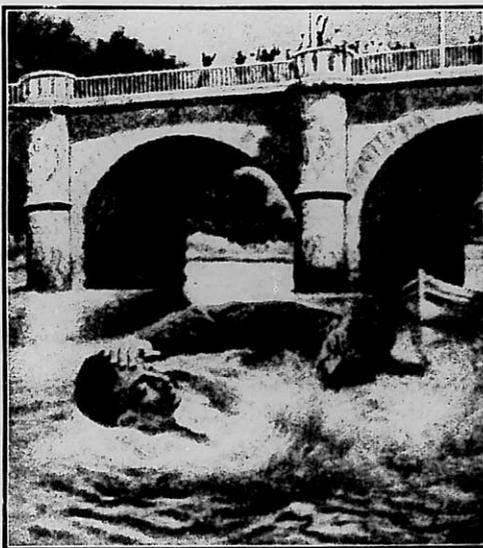
ir-se de um outro lado dessa linha de montanhas que uns senhores mui formaes se entreteram de pintar sómente para dar trabalho aos estudantes de geographia.

O nadador avançava, se bem que incertamente e vencia a rudes golpes a corrente que o arrastava para os pilares da ponte internacional.

Da margem hespanhola sae um bote com o só tripulante que se poz a remar vigorosamente, emquanto que gritava a todos os pulmões, para atemorisar o fugitivo, o qual vizivelmente fatigado e ja incapaz de vencer a correnteza, perdia as forças e momentos mais tarde seria arrastado por ella.

O bote avançava veloz, ganhando terreno sobre o nadador.

Na ponte surgiram discussões entre os civis, discussões



Na lueta perdendo o equilibrio ambos cahiram n'agua

que por sua vez apaixonaram as milicias militares e alfandegarias de ambas as nacionalidades.

— Isto não se pôde tolerar, — gritavam os francezes. — Este individuo já está em aguas de França e o sargento dos carabineiros não tem a competencia para prendê-lo.

— Pois elle está no seu direito, — gritavam por sua vez os hespanhoes. — E si houver algum francez decidido que queira impedi-lo, que o diga, pois vamos ver de quantos páos se faz uma canoa.

— Deixamos de dissensões, — disse um d'elles, judicioso que os demais, — não sabemos do que se trata: si é um criminoso, um desertor, ou um...

Como tambem o mais judicioso não quiz proferir a palavra "contrabandista" — para não ferir as susceptibilidades de mais de um dos seus ouvintes.

— Si fosse um contrabandista, — replicou um guarda francez, atrevendo-se a pronunciar a palavra fatidica e que soa tão mal, cuja menção molestava os ouvidos de toda aquella gente, — isso seria de nossa conta, pois que tenta passar para a França...

— Eu creio que deve ser algum assassino que vem fugindo...

— Ou algum presidiario...

Entretanto o bote impellido pelo vigoroso impulso dos remos, chegou a tocar o corpo do fugitivo que n'aquelle instante mergulhou.

Perseguidor e perseguido desapareceram debaixo do arco central da ponte, no lugar justamente preciso que as columnas divisorias da fronteira o indicam como centro ou *nullius*... imaginariamente. Todos os espectadores da ponte correram sollicitos para o outro peitoril, de onde se devisava já o bote sahindo de baixo do arco.

Um grito de horror encheu os ares.

Dentro do bote luctavam os dois homens. O fugitivo tratava de arrojir dentro d'agua o seu perseguidor, que não era outro que o sargento dos carabineiros, que procurava se desembaraçar dos seus braços e lançar mão dos remos para dirigi-lo para terra. Na lucta, perdendo aquelle o equilibrio, cae n'agua, arrastando na sua queda o sargento dos carabineiros.

Do elto da ponte jogam-lhe uma corda que não viram. Ferozmente estreitados, em um abraço mortal, vão ao fundo e reaparecem na superficie, sem que se possa saber que sentimento os domina n'aquelle supremo instante: si o instinto de conservação ou si o odio reciproco que enlaça os seus membros presos.

De uma e de outra margem acodem varios botes a todo o remo. A sensação de angustia é tão intensa que a ancia mede o tempo por millesimos de segundo; se vive em um instante uma vida inteira, enquanto que os dois em imminente perigo estão prestes a desaparecer para sempre.

Finalmente o sargento, mais habil, mais forte ou mais calmo, consegue desembaraçar-se e em duas fortes brachadas alcança o bote.

Salta dentro, toma o remo, enquanto que o fugitivo mergulhava talvez definitivamente. Não se dando por vencido, volta novamente a agua, vae ao fundo e traz consigo o desertor. Olhou em redor; já dentro do bote viu a margem franceza mais proxima. Dirigiu-se para ella em largas brachadas, tanto quanto podiam os seus membros fatigados.

Ajudados pelos mesmos espectadores que acorreram em massa, desembarcaram os dois naufragos. Uma casa vizinha deu abrigo e descanço a ambos. Momentos depois perseguidor e perseguido se encontravam frente a frente.

— Conseguiste, — disse o sargento, — estás agora em terra franceza e livre de mim. Diz-me agora, porque fugias?

— Sou desertor.

— Enquanto os teus irmãos derramam o seu sangue em Marracos! Desertor, tu, moço cheio de vida, de força e de saude! Porque desertaste?

— Não quero ir para a guerra. Não quero expor a minha vida inutilmente.

— Expor a tua vida! E não a expuzeste agora para fugir? Não a vens expondo desde a occasião que desertaste? Não a expões todos os dias por qualquer causa, por uma



— Tu não és um homem de espirito forte...

ioucura, por uma disputa, por um arrebatamento causado por um pouco de aguardente a mais?

Não arriscarias a tua vida vendo o teu pae agredido, teu irmão assassinado ou a tua noiva ultrajada? E no andeime, no mar no vagão da estrada de ferro ella não está exposta? Olha bem para mim: eu já sou velho diante de ti, traço nas mangas do meu dolman quatro divisas; tenho oito filhos; o que eu tenho não dá para criá-os, a disciplina é muito dura, a responsabilidade enorme; os chefes inflexiveis e as tentações enormes; e, apesar disso tudo, si o meu filho mais velho d'aqui ha poucos annos desertar, em vez de salvá-lo, como fiz a ti que fui-te buscar no fundo do rio, eu com o proprio remo daria tal pancada



SUPREMO ANHELO

*Eu sinto palpitar tão forte em mim a vida
Em luz, ardências, desejos e carinhos!
Amar! Amar!*

*Sentir com intenso ardor
A beleza da terra,
Aspirar o perfume que ella encerra,
Em largos haustos sorcer emberecida
A sonhar*

*O prodigio do amor
Que é o milagre do bem, o milagre da vida.
Terra! Oh! Terra boa e amada
Abençoada!*

*Que nutre o homem, nutre a planta e carinhosa
Ao pé das fontes, junto aos ninhos
Em flores se desata perfumosa,
Amar! Amar!*

*Sentir em mim a propria terra
Saber sentir toda a grandeza
Que o mundo encerra,
O som, o perfume, a luz, a tenue claridade
Que existe nos crepusculos como vaga tristeza
Como doce saudade...*

*Amar! Amar!
E em tardes calmas de céu muito azulado
Sob um vago luar que se adiveinha...*

*Sozinha...
Preza
A natureza,
A aconhegar
Ao seio de mansinho,
Brando como um doce arminho
Lindo como uma flôr,*

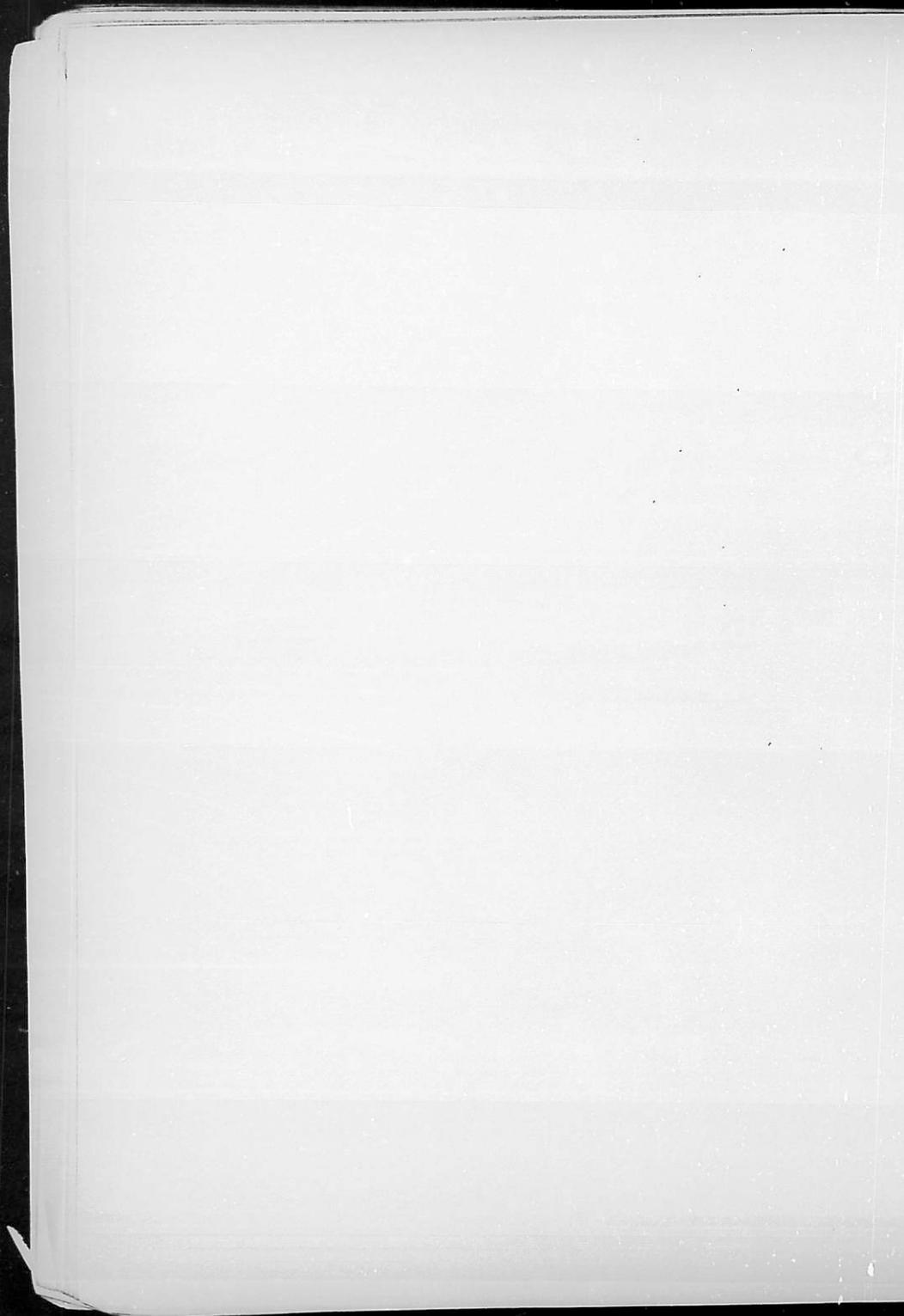
*O meu sonho de amor
Que fosse realiado.*

*Amar! Amar!
E um dia enfim
Quando o outomno por sobre mim
Descer...*

*Sublime entardecer!
Quem me dêra
Que a chimera,
A irmã da primavera,
Me encontrasse inda sonhando
A' sombra de um jardim,
Onde passaria as horas esquecida
Entre folhas seccas evocando
Este amor que foi a causa involuntaria
Tumultuaria
Da minha vida.*

*Amar! Amar!
E em tardes calmas de céu muito azulado
Sob um vago luar que se adiveinha,
Sozinha...*

*A repousar,
A aconhegar
Ainda ao seio de mansinho,
Brando como um doce arminho
Lindo como uma flôr,
Este sonho de amor
Que ficou no passado.*



em sua cabeça que jamais sahiria vivo do fundo do rio. Bem, na Hespanha eras um desertor e na França és um homem livre, digno de ti, sem compromisos e nem temores, porém mais uma pergunta: o que pretendes fazer?

— Procurar trabalho.

— Trabalho! Trabalho dizes tu? Não, trabalho não; trabalhos são os que te esperam neste paiz. Olha: já não és hespanhol nem francez; não, não tens patria, não és mais que um desertor que tem medo de morrer honradamente de uma bala e não receias morrer miseravelmente de fome e de desprezo. Neste paiz no qual te acolhes, só acharás desprezo e villipendio; todos te abandonarão a miseria. Talvez aches trabalho, porém te darão o mais rude, o mais vil, o mais pezado, o regeitado pelos filhos do paiz que jamais olvidarão que és um desertor, que renegaste a tua patria. Por fugir de um risco eventual, de morrer de um modo glorioso, vais viver a mais infame das vidas, sem tecto que te abrigue, sem familia, sem lei que te ampare, suspirando por tua aldeia natal, pela tua cozinha, por aquelles pobres velhos que abandonaste e que morrerão sem ter o consolo de ires cerras os seus olhos.

Tu não és um homem de espirito forte, d'aquelles que não creem em causa alguma a não ser em si mesmo, na sua propria insignificancia, para esses que a idéa de Deus, patria, bandeira, familia e religião são palavras ocas e inúteis; são palavras de amor que não entendem porque na sua alma só vive o odio, o filho da impotencia.

Tu não és o homem da familia, de espirito sensível e

bom, que guarda intacto o thesouro da ternura e da fé, que centenas de milhares de gerações de crentes vêm accumulando para ti, para que o conserves como sagrado deposito e o transmitas a teus filhos. Não tens sabido amar até agora: — para que queres aprender a odiar. "Cria-me: a patria é alguma cousa mais que o alcaide de tua aldeia, o guarda civil, o lançador de imposto, o fiscal etc; — alguma cousa ainda mais que o rei e que a contribuição fiscal; tu' não a comprehendes agora, porém mais adiante comprehenderás, quando seguirees o teu caminho, na França, fugindo de servir a Hespanha, para servir a todo aquelle que quizer te mandar, te depreciando, te desmoralizando. Adeus desertor: segue o teu caminho; eu volto ao meu lugar, o qual não abandonei mesmo depois de vinte annos de serviços mal pagos, com oito filhos e jogando a vida a todo o momento..."

Assim fallou este rude Zarathustra do corpo de carabineiros do Reino.

Pouco depois um bote cruzava o Bidasoa ramando a fronteira hespanhola. Ao chegar a margem, o mais velho disse ao mais moço:

— Estas vendo homem: ainda tens patria! Grita comigo: Viva a Hespanha!

JOSE' C. ACUSA.

A mulher depois da guerra

Os homens recriminaram a nossa passividade durante a ultima guerra; nos accusam de uma indifferença criminosa e crêm, com razão, que a nossa tão decantada sensibilidade devia ter se revoltado imperiosamente contra aquella horrivel mancha de filhos, esposos e irmãos.

— Onde estaveis escondida nesses cinco longos annos de horrores? — nos diz um publicista.

— Na cozinha, senhores. Na cozinha estivemos; unico lugar que a vossa generosa fidalguia nos deu a suprema jurisdicção. Nos limitamos unicamente em condimentar os alimentos para os vossos estomagos. Não era esta a obrigação que nos autorastes? Não era esta a honra por vós conferida? Esquecesteis então que o soffrimento era o unico direito que generosamente nos destes?

Os allemães ao requisitar das cidades invadidas os objectos de bronze, por menores que fossem, davam a cada proprietario um recibo que não tinha outro valor sinão o do objecto despojado.

Quando levaram os nossos filhos e filhas, (Lille que o diga), se mostraram indifferentes e nos apresentavam em não poucas occasiões, a metralhadora. Unicamente o Kaiser enviou o seu retrato a uma mãe de quem arrancou sete filhos! Depois que perdeu sete filhos ainda receber o retrato do seu verdugo!

Vosso respeito para com a mulher ainda está em crise e toca as raizas do grotesco!

Pois bem; nós as mulheres, mais uma vez perdoamos a esse insensato, o homem. Têm razão para nos accusar de termos sido criminosamente passíveis. Porém fomos bravas, fortes, quando os ajudamos no fabrico de armas e munições. Nossas mãos confeccionaram granadas... Mas panice que o alor da mulher se limita sómente eos trabalhos manuaes?...

Oh! não, certamente! A formidavel guerra transformou certas leis que pareciam immutáveis. Agora os homens mudam de pensamento; querem dirigir o mundo pelo sen-

timento. Querem a fraternidade, a Liga das Nações, suprimem a subtil trama da diplomacia. Querem viver as claras, a verdade, a sinceridade declaram extinta a intriga. Querem substituir com a virtude aquella ambição egoistica e supplantar as emanhadas contribuições internacionaes pela lealdade sincera. Contra a ambição, a obrigação; contra o ambicioso capitalismo, a abnegação da democracia.

Em nós elles vieram estudar o novo systema de sentimento, e aprenderam que, com essas virtudes, fizemos innumerous lares felizes. Também elles querem fazer agora ditosas as nações.

Em troca, nos pedem agora para pensarmos um pouco mais. Elles são bastante intelligentes. Já nos querem ao pé de si. A guerra feroz os fez approximar e já nos tomam por camaradas.

— Oh! já não ha mais o egoismo, — nos dizem elles, — A fraternidade é geral, porém é necessário serdes instruidas. Que fizestes nestes cinco annos de guerra? Chorar? Porque não tivestes a bravura de nos chamar a ordem? Não notastes que estavamos loucos?

Mas... perdão... Quando arrebatamos os vossos filhos, vos metralhamos quando enfermeiras e davam liberdade aos doentes vos fuzilamos... Perdão! Quando nas cadeiras de rodas dos convalescentes estaveis ao pé de nós, nós vos julgamos anjos virtuosos do céu enviados-

Não, não voltareis a ser nossas escravas, nossas pseudocompanheiras como outrora. Nos vos damos ingerencia em todos os nossos actos. Porém, é mister pensar, é mister vos instruides. Abandonar essa frivolidade que a vós impuzestes para nos eggradar. Adornae com thesouros sabiamente escolhidos a vossa mente. Não a profaneis com os dourados falsos que apenas brilham por pouco tempo. E nós, jubilosos levantaremos o veu da vossa modestia para ver refulgir as joias do vosso engenho.

MARIA LANDABURU

O que dizem os mortos

MANUEL LINARES RIVAS

Por essas terras de Castilla, onde o sol é a um só tempo bençã e castigo, maturição e morte...

... Terras de Castilla, inimiga dos bosques e pouco amiga dos homens, que impiedosamente aniquillam gallegos e castelhanos, em jornadas abrasadoras e mortíferas... Por essas terras de Castilla, de Madrid partindo ainda alem de Segovia, aquem de Medina, ha uma pequena povoação chamada Valverde del Arroyo. Entre rudes e simples castelhanos, bons lavradores os homens e peritas fiandeiras de roca as mulheres, se passou a minha historia.

Deus a elles conceda a paz, e a mim tambem Amem.

II

Quem de Valverde sahir pela estrada que conduz a Valencia, a sua direita verá uma casa de dois andares e



O senhor vigario, um velhinho muito respeitado por todos os habitantes de Valverde, veio ucrpeço...

balcões de ferro, que segundo os costumes do lugar, denotam luxo e riqueza dos seus proprietarios.

Na epocha, que se deram estes factos, — verdadeiros para maior gaudio de quem os conta e que se preza de mui probo, pois para elle dez mentiras, por mais chistosas e bem narradas que sejam, não valem uma só verdade, — habitava aquelle casa um casal e seus dois filhos homens.

A mulher era uma nobre e honrada senhora, meúda de corpo, e de fibra rija; tinha uma bella dentadura completa, de côr morena tostada pelo sol, olhos vivos e brilhantes,

não obstante ter em sua cabeça fios de prata e ligeiras rugas pelo rosto.

Com esses traços fica descripta D. Joanna Entrambasguas de Albornoz, sempre vestida com a ampla saia de armar, como diziam, blusa justa e chale nos hombros, cabellos prezos em trez tranças, formando trez coques a uzança antiga, muito limpa e limpida como a agua chrySTALLINA da fonte.

Ao clarear do sol nas madrugadas ella era a primeira que chamava pelos homens que a custo deixavam as macias camas.

Era preciso trabalhar!... Não porque já sentisse o pezo dos annos e receiasse privações futuras, mas para que os filhos sentissem menos a falta que fatalmente traz as partilhas.

Os trabalhos caseiros e a devoção tomavam todo o tempo de D. Joanna.

Si no mundo existem homens capazes, d. Santiago de Albornoz, o marido, era um delles, com o seu espirito bem formado para todas as occasiões e ninguem melhor que elle era um christão prudente e trabalhador.

Em nada se differenciava dos demais: vestia-se com simplicidade, calçando grandes botas de couro, jaqueta de gola alta que levantada podia proteger o rosto contra o frio e grande chapéu de aba larga.

Da mesma idade que sua mulher, tinha tambem o mesmo typo, a mesma cor, feições... pensava e resolvia depois que ella prudentemente tinha resolvido e ordenado.

Em nada a precedia, e não ser no extremado amor dos filhos, razão pela qual trabalhava com afan para que, após a sua morte poudessem ficar bem estabelecidos.

Da mesma maneira que os galhos se parecem ás arvores, salvo o tamanho, assim se assemelhavam os filhos a D. Santiago, que tambem trabalhavam com afino, porem não para dar pasto ás suas ambições mas por um instincto cego de obediencia, pois a hora da partilha não os preocupava, a não ser nos momentos de angustia ao pensar que um dia os velhos teriam que morrer.

III

Porém o homem põe e Deus dispõe.

A principio foi como um pequeno choque... sem importancia. Depois a dôr se apresentou mais forte, seguida e finalmente intoleravel, e uma febre alta e consumidora em quatro dias levou o menor dos filhos de Santiago.

Um medico disse que foi pneumonia. A comadre affirmava que foi uma angina do peito de caracter grave, que do mesmo geito arrebato um seu filho ha muito tempo e a marcha da molestia que accomettera o filho de D. Santiago se parecia muito com a que levou o seu rapaz.

O vigario disse que foi Deus.

E os paes atribulados e pesarosos nada diziam. Choravam... e choravam sempre. Exgotadas as lagrimas, ainda suspiravam tristes o desaparecimento daquelle filho.

IV

Passou um anno. Tudo mudara naquella vida cheia de trabalhos honestos; nada mais os preocupavam neste mundo. Verdade é que ainda ficou um outro filho querido.

A vida do campo estava entregue aos empregados, uma pequena horta, o sufficiente para d'alli se tirar o necessario para a alimentação e o restante tinha sido arrendado a preços modicos, de modo que se julgavam ao abrigo de privações nos dias presentes e garantido o futuro do filho restante.

Quando Deus levou aquelle filho, pensaram, foi um aviso de que tambem estava proximo o seu fim. Tambem já era tempo de pôr um cobro ás suas ambições e com esse modo de pensar não sahiram mais de casa.

O sol nos chamava mais para o campo, e a noite, sempre eterna naquella casa de janellos e portas fechadas se tornou a companhia inseparavel do casal de velhos.

O jovem, profundamente abatido com a morte do irmão e suggestionado pelas reflexões e modo de vida dos seus paes, pensava como elles:

— Eu que tenho agora mais que o sufficiente... porque trabalhar?...

V

O senhor vigario, um velhinho muito respeitado por todos os habitantes de Valverde, veio depressa, correndo, tanto quanto auxiliavam as suas dobras pernas.

— Que teria acontecido para um chamado com tanta urgencia?

O creado não podia lhe responder coisa alguma. Foi d. Joanna que mandou esse recado e não sabia de mais nada.

— O que aconteceu minha senhora... doença?... disse o vigario ao defrontar a desolada senhora.

— Não, senhor vigario... isso não nos incommodaria pois até a desejamos.

— Então o que ha?

— E' para vos pedir um conselho, diante de um facto gravissimo que está se passando.

— Vejamos.

— Todas as madrugadas, a uma mesma hora, nos apparece a alma de nosso filho!

— Sim, todas as madrugadas, corroborou d. Santiago.

— A ambos?

— Sim, a nós ambos, disse d. Joanna.

O vigario pensou logo em lhes fazer ver a impossibilidade dessa historia; porém olhando-os bem fixamente viu que ambos fallavam a verdade.

E immediatamente pensou de tirar partido da situação; não, dando os conselhos que naturalmente iriam pedir, mas por meio dessas proprias allucinações, conseguir fructos proveitosos para a vida daquella familia. Deus o ajudaria e firme nesse proposito disse logo:

— Pode ser, não vou ao contrario, pois ha casos bem conhecidos e provados.

— Não temos a menor duvida do que aconteceu, porém

o que desejamos é que elle nos explique qual o motivo das suas apparições? Porque volta a este mundo e se precisa de alguma cousa?

— Elle não falla?

— Não. Será que a sua alma tenha necessidade de orações e missas?

— Sempre são convenientes, porque o mais justo dos homens sempre pecca neste mundo; porém isso já foi feito e portanto não pode ser essa a causa.

— Mas qual poderá ser então? disse desolada d. Joanna.

— Qual? replicou como um eco d. Santiago.

— Expliquem melhor; vamos ver si formo uma idéa cabal. Apparece sempre á mesma hora?

— Sempre. Ao amanhecer.

— De que maneira o vêm? Como se acordam?

— Apparece depois que já estamos despertados.

— E o que faz elle?

— Nos olha sorrindo, depois se afiasta para o outro lado e desapparece. Porém, immediatamente surge do outro lado, e sorrindo se afiasta para não mais voltar aquelle dia. Porque faz elle assim? Porque apparece e some tantas vezes?



— Pode ser, não vou ao contrario, pois ha casos conhecidos e provados...

— Eu interpreto esses factos de uma maneira muito clara... Elle vem para buscar a ambos, para que o sigam, volta insistindo nos seus propositos e finalmente some-se por ver que é inutil a sua portia.

— Mas, seguir para onde?

— Para onde iam todos os dias nessa hora precisa, antes de occorrer essa fatalidade?

— Eu ia cuidar das minhas obrigações domesticas e ver as minhas creações.

— E eu para o campo, para a minha lavoura.

— Pois, como o seu não pode consentir que o acompanhem já, é incluível que os manda fazer o que antes faziam, em sua companhia quando elle estava vivo.

— Trabalhar? — perguntou admirada d. Joanna.

— Certamente.

— E para quem? Si me vissem trabalhando pensariam que era para augmentar a minha fortuna e não seria digna de censura? Não me diriam: não tens necessidades; e já tens o bastante para ti e os teus, porque mais?

— Muito pelo contrario, senhora. Elles diriam: "Porque sois tão egoistas que, pensando ter o sufficiente para si, julgam que tambem todos tem o bastante? Porque sois tão crueis em julgar que a humanidade só se resume em vossas pessoas, sem volver os olhos para os filhos?"

— Para os filhos!

— Claro. Para os filhos desse filho. E mesmo que com esse filho termine a descendencia, não é sempre um grande bem ficar os campos lavrados?

— E não seria melhor que nós em casa dediquemos todas as nossas horas orando pela felicidade daquelle que já se foi de nós?

— Não! Porque isso contraria as leis do mundo e a vontade de Deus, que dispoz: que haja vida e morte, repouso e trabalho. E si para nos dedicarmos exclusivamente ao culto dos mortos, abandonassemos a nossa vida activa.

então não haveria differença entre a vida e a morte, e todos seriamos...

— Trabalharemos desde que elle assim manda... — suspirou a pobre senhora.

— Trabalharemos... repetiu humildemente d. Santiago. — Trabalhem, trabalhem! concluiu o vigario. Enquanto tiverem vida não deixem de trabalhar.

— Porém não teremos aquella vontade de antes...

— Devem ter! Si o homem não fosse dominado pela nobre e sã vontade de melhorar, ainda não teriamos sahido das antigas cavernas.

A arvore que nos deu a sombra na infancia não foi plantada por nós mesmos!... E' justo portanto que plantemos agora outras arvores que amanha darão sombra para outros homens.

MANUEL LINARES RIVAS.

As creadas modernas



A patroa: — As suas horas de trabalho serão das dez da manhan ás seis da tarde, com duas horas para o almoço.

A creada: — Entretanto é bom que a senhora fique sabendo que eu preciso de mais um hora para fazer a minha "toilette", porque todas as tardes, impreterivelmente ás 6, vou tomar chá no club.

O sabio Dr. Caturra

Minhas leitoras não conhecem por certo o dr. Caturra. Isso pouco importa. Eu conheço-o bem e é quanto basta. Elle é um sabio, o que quer dizer, um bobo. Tão sabio que nunca soube divertir-se. Nunca teve tempo para isso, porque passou a existencia a estudar. Ria ás vezes, arreventava os cós das calças em barrigadas de riso, não das coisas que fazem rir o commum dos mortaes, mas das coisas menos risíveis. Se, por exemplo, ao ler um artigo de mechanica celeste, topava com uma affirmação contraria á sciencia, desmandãbulava-se em quá! quá! quá! durante longos minutos. Mas se lia uma anecdota engraçada. punha-se muito sério e não comprehendia...

Como se vê, o seu riso é bem diverso do nosso...

Elle crê, naturalmente, na superioridade da philosophia sobre a poesia, e nunca lhe occorreu que alguém pudesse pôr isso em duvida. Duvida por systema. Crê na superioridade da sciencia sobre a arte. Das artes prefere a musica, porque esta é um ramo da acustica e porque a harmonia, o contraponto e a orchestração têm uma base mathematica. Inutil dizer que preza o jogo do xadrez pela sua nobreza e como exercicio das funções intellectuales. Gosta tambem do bilhar pelos problemas de mechanica que nelle se offerecem.

Um dos seus amigos affirma, por observação propria, que o dr. Caturra tem a natureza anesthesica. Quando está absorvido em suas cogitações scientificas, pôde-se-lhe arrancar um dedo, que elle não sentirá. O tal amigo seu, numa dessas occasiões, extrahiu-lhe uma verruga da ponta do nariz sem que o homem dêsse por isso.

O dr. Caturra crê na organização, na disciplina

e ne technica. E é feliz. Tão feliz como o seu cãozinho, que é escanhado do peito para baixo e laudado do peito para cima, o que lhe dá um aspecto de leão heraldico. O cãozinho acompanha-o por toda a parte. E' intelligente o animal; sabe "servir", isto é. firma-se sobre os quartos trazeiros e erguer as duas mãoszinhas, sabe andar de dois, não abrindo os passos, mas aos pulinhos. O dr. Caturra ensinou-lhe tambem a saltar por um arco de papel. Pelo que se vê, o velhote sabe divertir-se. Os que o conhecem affirmam, talvez com alguma razão, que elle não faz isso por diversão, mas por experimentação, porque o dr. Caturra, que é um perfeito mamifero vertical — a

melhor definição do *homo sapiens* de Linneo — ao ensinar ao animalo a verticalizar-se, tenta, por essa fôrma, humanisal-o.

Demais, ensinou ao seu "loiro" a dizer: "Dois e tres fazem cinco", e, loiro diz isso com absoluta clareza, mas sempre fóra de proposito. Não lhe

ensinou outros principios da physica de Archimedes, porque isso era demais para um espirito de pagagaio.

Verdade é que elle, como todo mundo, podia ensinar ao bicho as velhas phrases, pelas quaes, dizem, os papagaos têm uma particular predilecção: "Papagaio real, para Portugal, quem passa? E' o senhor rei que vae á caça..." Mas isto não é sciencia, e "dois e tres fazem cinco" é uma affirmação mathematica absoluta.

A proposito disso, observei-lhe que tanto faz a um papagaio enunciar um principio mathematico como uma phrase sem sentido, porque o bruto não entende o que diz. A isso retruca o sabio:



Sabe firmar-se sobre as patas trazeiras...

— Já que os loiros falam, ao menos que enunciem verdades scientificas.

— Mas, retorqui-lhe, acredita o senhor que um axioma ou um principio comprovado, é, em bocca de papagaio, verdade? Não é verdade nem nada, senão uma phrase.

— A verdade é sempre objectiva, independente da intenção e do estado da consciencia de quem a diz. E o sabio dispunha-se a desenvolver esta these e a demonstral-a por *a* mais *b*, quando sahi a correr.

O dr. Caturra é muito mais conhecido na Alemanha que em sua patria. Elle só será conhecido entre nós quando fór publicada em nossa lingua a sua ultima obra traduzida para allemão. O sabio patricio está em correspondencia directa com todos os sabios da Alemanha.

Elle lamenta a nossa frivolidade e o nosso excesso de imaginação. Para falar verdade, elle não sabe bem o que seja imaginação, porque nunca a teve. Quando fala disso, é o mesmo que um boi a querer significar as suas opiniões sobre o amor, por meio de mugidos.

Um dia encontrei-o penalizado, quasi indignado. Durante uma viagem, num momento de distração incrível, leu uma chronica humoristica.

— Isto não é serio, meu caro senhor!

— Que é que não é serio? indaguei.

— Este chronista, a titulo de humorismo e para fazer rir os seus leitores basbaques, reproduz um lamentavel espirito de irreverencia para com a sciencia...

Não se descobriu ao pronunciar a palavra Sciencia, pelas simples razões de que estava descoberto; mas pronunciou-a com letra maiúscula.

Puz-me a salvo antes de lhe dar tempo de explicar-me o que pensava.

Um dia fui visital-o. Tive essa coragem. A's vezes sou corajoso... Queria saber sua opinião acerca da grande guerra, que até a pouco tempo se estava tratando na conferencia de Washington; não queria saber precisamente o que elle pensava da guerra, mas dos submarinos, dos morteiros 42, dos gazes asphixiantes. Esperava ouvir-lhe coisas ineditas, surprehenderes a proposito da sciencia applicada. Mas, com grande espanto meu, o dr. Caturra atirou-me á cara esta observação:

— Homem, você é incomprehensivel, cada vez o comprehendendo menos.

— Com muita honra! exclamei.

-- Porque com muita honra?

— Sim, porque não ser comprehendido por um sabio, e por um grande sabio como o senhor, é uma grande honra para mim.

— Não o comprehendendo.

— Mas eu comprehendendo bem, porque o senhor não me comprehendendo. Os senhores, que são sabios, estudam as coisas e não os homens.

O sabio encarou-me com profundidade:

— Mas ha os psychologos...

— Sim, que estudam tambem a alma objectivamente, como uma coisa...

— Ah! exclamou, você é partidario, sem duvida, da introspecção. Pois verá...

— Não, não verei nada, disse-lhe aterrado. Agora me lembro que tenho de encontrar-me com um amigo. Volto outro dia.

E sahi a correr.

Em casa, para me consolar, peguei de um livro de versos e puz-me a ler em voz alta. Estava convencido de que se um poeta é um louco, mas interessante, e que um sabio é bobo e semsaborão. Entre as loucuras admiraveis de um poeta e as chatas semsaborias de um sabio, prefiro as primeiras. Gosto mais das phantasias, quasi sempre verdadeiras, de Shakespeare, que as verdades, sempre hypotheticas, de Newton. Quanto á utilidade e ao fim quer da sciencia, quer da phantasia, tudo vae dar no mesmo: na morte. A questão é passar a vida divertida...

DON TIL.



Escuta: dois e tres são cinco...

UMA OBRA VALIOSA

Muito cuidado devem ter os paes quando offerecem aos seus filhos um livro de contos infantis. A creança é naturalmente curioso e de tudo quanto lê quer tirar deducções, ás vezes bem perigosas. Para que tal facto não se dê é preciso somente escolher uma obra sua, de uma linguagem clara, de contos escolhidos e todos elles de um fundo moral inatacavel. Presentemente, na literatura brasileira só a "Nova Seiva" preenche essas qualidades. Um bello e elegante volume de mais de 200 paginas, custa apenas 6\$000. Pedidos nesta redacção, av. São João, 87-A.

Rosita

MARIO GOROSTARZU



"Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade"...

No armazem da esquina, em frente à praça, estava em sua habitual tertúlia um grupo de operários da fábrica. Entre copos e copos e alternativas do jogo de cartas, recachia a conversa sobre "os padres" que tinham invadido a terra em missões que não podiam deixar de fazer mal.

— Com que tua filha, ó Miguel, vai fazer a primeira comunhão?!

— Que queres que eu faça? — Sempre governado pelas beatices de tua mulher!

E' que não se pôde estar sempre lutando...

— Quaes lutas nem meias lutas. A minha não me governará nunca.

— Bravo! — disseram tres ou quatro rapazes da "Socialista", acostumados a perorar na praça.

— Assim é que os homens devem ser, — exclamou Martinho, dando um murro na mesa.

O velho Antonio empurrou o gorro para a nuca, fitou o grupo com os seus olhos azues, encarou o Martinho e disse:

— Para falar assim é preciso não conhecer a paternidade.

— De sotaina?

— Não se de filhos. Aposto que si os tiveres has de imitar o Miguel.

— Nunca! Não o verás, tu que és velho, mas mesmo teus filhos ou netos.

— Antes de morrer, hei-de vêr, caramba! Todos os beija-flôres têm ninhos.

Era bem clara a allusão e o grupo o entendeu quando Martinho còrou de enfiado.

João, que havia provocado a conversa, desviou-a dizendo:

— Olhem, rapazes, ahi vem o beaterio.

Pela larga porta da modesta igreja sahira polichromica multidão: mulheres de todas as idades e condições, alguns velhos e muitos meninos; raparigas e rapazes. Encheu-se a calçada, e soaram vozes jovias e romperam correrias alegres.

Agil, experta, com suas lindas faces rosadas e traças de azeviche, entrou uma pequena de sete annos no armazem, correndo, e atirou-se nos joelhos do velho Antonio, abraçou-o, beijou-o com sofredugidão, e disse:

— Vamos, vovózinho, vamos para casa. Tenho muitas cousas lindas a contar.

Pôz-se de pé o velho, tomou a creança pela mão e, deitando um olhar de ufania aos outros, exclamou:

— Vamos, minha Rosita, isto aqui está me aborrecendo: não posso supportal-os...

— Não vovó, devemos ser bons para com todos. Na igreja nos disseram que devemos querer bem até aos nossos inimigos.

E quasi que instinctivamente cruzou o olhar com o de Martinho.

— Então Julietta, porque não vem comm'go à igreja? — Não posso, Rosita. Mamãe não consente porque o sr. Martinho não quer.

— Mas si eu disser que você vai commigo, ella deixará.

— Não, meu bem, não deixa.

— Deixa sim. Você deixa que eu falle a ella?

— Faça o que quiser.

Rosita entrou na casa correndo. Parecia um passarinho saltitando.

— Senhora Carmen, senhora Carmen — gritava ella com uma vozinha que parecia um gorgoeio bem timbrado.

— Que é filhainha.

— A Sra. deixa Julietta ir commigo?

— Não posso Rosita.

— Porque? Eu sou má? Não me quer?

— Como não lhe querer, minha filha?

— Então deixa Julietta ir commigo, não é?

E atirou-se nos braços de Carmes, e deu-lhe muitos beijos sonoros, que repercutiam na alma.

No momento em que transpunham, com as mãos dadas, Rosita e Julietta, a porta da rua, dobrava a esquina, em direcção a ellas, o Sr. Martinho. Ficaram ellas enleadas, mas logo, como que impellidas por uma mola, lançaram-se, correndo, para a calçada opposta. Sem tempo para deter a corrida, cruzara veloz um auto-móvel. Ouviu-se um grito de horror das meninas, que sob as rodas do vehiculo cahiram.



No leito alvo estava Rosita...

Extendidas na cama de Carmen, com as pernas esmagadas, Rosita e Julieta já sofriam ha oito dias.

O pobre velho Antonio não deixava a cabeceira janeta, com cuidados de affecto paternal, Carmen velava tanto pela filha como pela amiguinha. O mesmo Martinho passava a maior parte do tempo junto ao leito dellas.

Diaariamente visitava-as o Sr. Nunes, fazendeiro, dono do desastrado automovel. Por sua conta e rem todas as despesas, e traz elle grande quantidade de brinquedos ás pequenas.

Rosita soffre e chora porque não poderá fazer a primeira communhão com as amiguinhas que, de volta do catechismo têm vindo vizital-a. Julieta tem aproveitado a companhia para se instruir.

A noite, quando todos dormem, rezam juntas, pois tem Julieta aprendido de Rosita as orações.

Aquelles anjinhos bemdizem a Deus e o imploram para os seus paes, com a bella elevação das suas almas innocentes.

Na vespera do "grande dia" surprehe de a todas a visita do vigario. Veio confortar a Rosita e annunciar-lhe que no dia seguinte, logo depois das cerimoniaes da igreja, virá trazer-lhe a communhão.

Emquanto, louca de alegria, agradece Rosita ao Sr. Vigario, chora Julieta em silencio; seus oinhos espiam o rosto do sacerdote, e, quando este passa a mão, commovido, sobre sua ardente cabecinha, não poude ella conter-se: tomando a manga da sotaina do padre, diz com carinho:

— E para mim... não pôde trazer?...

— Porque não, meu anjinho, mas...

E fitou fixamente o rosto de Carmen e de Martinho, dizendo:

— Este anjinho quer commungar amanha. Contentem os senhores em fazer-lhe a vontade?

Não responderam. Carmen tapou o rosto com as mãos, chorando. Martinho baixou os olhos, confundido.

— Sim, mamãe, diga que sim, minha mãezinha...

Carmen olhou supplicante a Martinho que parecia abysmado por aquelle inesperado pedido.

— Senhor Martinho, diga a mamãe que sim. O Sr. me quer tanto...

Martinho olhou Julieta que retinha o padre junto d'ella, pallida, nervosamente agitada, segurando-lhe o braço.

— Por favor, Martinho, — murmurou Carmen, tornando-lhe a mão tremula, com os olhos arrazados de lagrimas.

— Então, Sr. Martinho, que diz? — fallou o padre.

— Por sua Julieta! Por minha Julieta! — disse Rosita. Para que as duas doentes estejam unidas na alegria, como estão na dôr!

— Façam como quizerem! — exclamou Martinho, saindo precipitadamente do quarto.

•
•

No leito todo alvo, está extendido, sobre as pernas immoveis de Rosita, o alvissimo vestido, véu e corôa, dados pelo Sr. Mendes e que ella nesse dia trajará. Emquanto a pentea, colloca-lhe a corôa de rosas brancas sobre os seus negros cabelos, pensa Carmen na sua Julieta que não tem corôa, nem vestido proprio...

Eis que penetra no quarto o velho Antonio, trazendo debaixo do braço um embrulho, que entrega á neta, beijando-a nas duas faces.

— Obrigada, vozózinho! — disse a menina. E, entregando o embrulho a Julieta, diz: — Toma, meu bem, você tambem terá seu vestidinho branco.

Carmen abriu o pacote e extendeu sobre as pernas de Julieta, extasiada, commovida, e beijando entre lagrimas Rosita. E logo poz a corôa alva do dia immaculado sobre a loura cabeça da filhinha. E com a garridice de mãe, arranjou o vaporoso véu, da cabeça ás espaduhas, em cada uma das meninas.

Entrou Martinho só para saudar as pequenas; mas, vendo aquelles dois anjos tão bem trajados, na cama, impressionou-se tanto que se demorou perplexo.

— Muito bem! Viva! — disseram as duas.

— Oihe, Sr. Martinho, veja o presente que me fez Rosita, — disse Julieta, mostrando-lhe o vestidinho.

E extendeu-lhe os bracinhos. Approximando-se elle, confuso, para receber os beijos de ambas, sentou-se junto á cabeceira de Julieta.

— Como tem sido bom o Sr. para mim! E como o quero bem! Quanto lhe sou agradecida!

— Pobrezinha! Eu te quero tanto!

— Muito? muito?

— Muuittissimo, filhinha.

Nesse instante chegava á casa a impressionante processão sahida da igreja. Abriam a marcha dez meninas de primeira communhão, vestidas de branco e com seus véus e corôas de rosas, depois o Vigario trazendo o Santissimo entre quatro tocheiros accesos conduzidos por homens, e, em seguida, um grande grupo de mães de familia rezando devotamente.

Pallido e muito commovido, pôz-se de pé o nosso Martinho.

Carmen cahiu de joelhos. O velho Antonio, junto das meninas, parecia querer prestar-lhes algum serviço, sem saber qual.

O Vigario encaminhou-se ao leito e deu a communhão ás duas meninas, enquanto os assistentes, com vovozinhas tremulas, entoavam o côro "Viva Jesus!"

Era augusta a scena. As lagrimas corriam em todas as faces.

Emquanto parecia a alcova um ninho de aivas pompas saudando o Creador, o velho Antonio de joelhos ao lado de Martinho, que tambem se ajoelhára, vendo Julieta commungar, abraçava-o, e jubiloso, disse-lhe, entrecortando as palavras:

— Irmão! Irmão! Deus te abençõe...

— Vovó!

— Mamãe!

E as enfermas meninas estreitavam-se nos braços dos seus.

— Sr. Martinho!

— Sr. Martinho!

E o Martinho atirou-se aos braços das duas meninas. Estreitou-o mais fortemente Julieta muito commovida.

— Você me quer muito, Julieta?

— Muito! Muito! Mas, pedi a Jesus que me faça querer mais... muito mais!

— Muito mais! Como assim? Quando?

— Quando for meu papae...

Martinho, profundamente commovido, ficou silencioso por alguns instantes, depois voltou-se repentinamente para o padre e disse:

— Sr. Vigario, esta menina quer que eu me case com a Carmen. Pôde o Sr. attender a ella?

— Com muito prazer, amigo.

— E o que é necessario para isso?

— Pureza de consciencia e boa intenção.

— E padrinhos?

— Tambem.

— E a Rosita pôde ser madrinha?

— Ella o merece bem!...

E desde logo, na grande alegria dos circumstantes, podia-se adivinhar que todos os corações entoavam a sublime prece de nossa Religião.

"Gloria a Deus nas alturas e na Terra paz aos homens de boa vontade."

(Trad. P.e Silverio de Paraopeba).

ADALUIS

O mais simples, o mais completo e o mais facil repositorio de receitas culinarias e fabricação de licôres, xaropes e sorvetes. — Preço: 25000.
— Pedidos nesta redacção, Avenida São João, N. 87 (Sobrado).

Senhoritas applicadas

Em Dezembro. No jardim do chalet de Josephina.

FERNANDA (*debaixo do nariz, abrindo a veneziana e chamando*). — Josephina, onde estás?

JOSEPHINA (*da mesma idade, apparecendo na janella do seu quarto*). — Presente! Ah! és tu, Fernandinha?

FERNANDA. — Vae á casa das Pereiras, em Hygienopolis?

JOSEPHINA. — Não. Deixei a mamãe ir sozinha. Assim ella se diverte melhor, pois são todas de sua idade... Quanto a mim... o dever me prende em casa. Tenho além de outros exames, apresentar ainda uma tela de assumpto marinho para Janeiro.

FERNANDA. — Eu tambem!

JOSEPHINA. — E pregas enfião o "fora" no garden-party do Antartica?

FERNANDA. — Oh, sim! Vou estudar e trabalhar contigo.

JOSEPHINA. — Bravo! Somos duas senhoritas mui applicadas e onde nos installaremos?

FERNANDA. — Podia-se ficar aqui no jardim. O que achas?

JOSEPHINA. — De accordo e para ali me "sacudo" já e já.

FERNANDA (*travando a chegar com as mãos zanzas*). — O que é

isso? Onde está o material?

JOSEPHINA. — Que material? Temos aqui uma mesa e algumas cadeiras de ferro! Não chega então?

FERNANDA. — E os livros?

JOSEPHINA. — Ora! Antes de mais nada precisamos saber do que se vae tratar para não trazer inutilmente a minha bibliotheca toda!

FERNANDA. — Está bem! Pregoçoso para não dar um passo no fim da dois.

JOSEPHINA. — Não sou pregoçosa: sou apenas methodica. Que "menu" vamos preparar? Algebra ou historia romana?

FERNANDA. — Historia romana. Para mim é mui necessario esse estudo. Tenho feito lamentaveis atropallações; assim outro dia confundi Sylla, adversario de Mario, com o rochedo de Charybdi!

JOSEPHINA. — Sim, mas eu devo a minha infelicidade a algebra. Esta idéa de se calcular com letras! Que mania essa de substituir os numeros pelas letras!... Si não fossem tão subversivas iriamos agora resolver algumas equações...

FERNANDA. — Mas isso já devias ter feito hontem.

JOSEPHINA. — Cinco minutos apenas eu tive porque Palmyra e a Natally me levaram passear de automovel...

FERNANDA. — Tanto peor para ti: devias ter recusado. Da algebra não tenho o minimo recelo.

JOSEPHINA. — E em em historia romana estou afiada e mo uma navalha!

FERNANDA. — Isso de dizer... Mas quanto tempo perdeste!

JOSEPHINA. — E continuaremos a perdê-lo si encaixos termos...

FERNANDA. — Pois bem; vamos transigrir: tomemos então a geographia.

JOSEPHINA. — Seja, V. n buscar uma (*Challando com um compendio*). — Que bello dia de sol!

FERNANDA. — E' mesmo, um sol de M. rios.

JOSEPHINA. — Parque de Manãos?

FERNANDA. — Parque de a melhor qualidade! (*com rufido*). Se esse bruto de examinador nos

nos amoaças se com um R e n tã filã a recepção dos Pereiras. Ah! si en ali estivesse agora! mas, mios a obra! Eis a geographia, por onde devemos e marcar? Pensa, que pelo Rio Grande do Sul.

JOSEPHINA. — O gancho é muito bravo e é capaz de nos tirar toda a energia; co meemos nelã Amazonas.

FERNANDA. — Seja, Genl. Te mos no Amazonas tres regiões. Distin

Distinção a montanhosa no norte, a pantanosa no centro e o sul e arenosa junto a Parã... É por fallar no Parã sabes que Alice quer se casar com o Ubaldino, filho do Sizenando, apesar da oppo

sicão da Palmyra?

JOSEPHINA. — Mas em todo o caso, o casamento se realisa quer queira, quer não queira, dado o genio impetuoso de Alice.

FERNANDA (*pondendo-se muito serba*). — Ah!... Acre ditas então?...

JOSEPHINA. — Não ha duvida nenhuma. E si nos mandassemos para os sapos e rãs os pantanos do Amazonas?

FERNANDA. — Para irmos á casa dos Pereiras?

JOSEPHINA. — Sim... E ali talvez poderiamos nos divertir a custa...

FERNANDA. — E para Janeiro o que apresentam?

JOSEPHINA. — Oh! temos muito tempo diante de nos.

FERNANDA. — E' verdade. Amanhan dobramos o nosso tempo de estudo e assim e asseguraremos apresentar bellos trabalhos e fazermos magnificos exames orales e aquelles animaes que attendem pelos nomes de examinadores com arco e flecha nos pesparão alguns R R por não termos trabalhado.

G. TIMMORY.



Temos no Amazonas tres regiões...



CREPUSCULO

POR ANNA MARIA DE OLIVEIRA.

*Passa a brisa da tarde em beijos no arvoredo
E acorda em cada folha um ruído musical.
A tarde traz consigo algum fatal segredo.
— Indecifrável dor, incompreendido mal.*

*Cortando a triste paz, piam aves a medo,
Passa um perfume vago, um halito aromal;
E cada humilde flor que espia entre o folheto,
Espera da alva da lua o beijo maternal.*

*Canto ao longe uma voz de saudade e de exílio
A lua ergue-se agora, immaculada e nua,
Abençoando na terra as almas em idyllio.*

*E no alto da montanha, onde o aureo luar fluctua
A folha da palmeira é um negro e arqueado cílio
Sombreado levemente o doce olhar da lua.*

Os realejos

(Conto polaco)

Todas as manhãs, entre as dez e dez e meia, os transeuntes da rua Miodowa, em Varsovia, encontravam um senhor de certa idade que se dirigia, atravessando a praça Krasinski, para a rua Senatonka. Vestido á ultima moda, com seus olhos claros e doces e as costelletas grisalhas, caminhava lentamente, as mãos nos bolsos, o ar pensativo e levando de baixo do braço uma bengala ou guarda-chuva, segundo o tempo.

Ao passar deante da igreja dos Capuchinhos tirava o chapéu piedosamente e atravessava a rua para examinar o barómetro da casa Tik, e voltando novamente para a outra calçada, detinha-se deante dos mostrarios de Miecakaky a ver as photographias das actrizes. Depois, seguia o seu caminho.

Cedia a passagem a todo mundo e quando alguém o acotovelava, sorria de bom humor. Se via uma mulher bonita, levava o pince-nez aos olhos, mas com tanta lentidão que nem podia examinal-a.

Esta personagem era o sr. Thomaz, advogado.

Havia trinta annos que aquelle senhor passava diariamente pela rua Miodowa, dizendo a si mesmo que a rua mudara muito. Se a rua Miodowa falasse, poderia dizer delle a mesma cousa.

Os negocios profissionaes e os interesses do "flirt" o occupavam tanto, que, a despeito das numerosas propostas de casamento que lhe faziam, não tinha tempo para cumprir os deveres de pretendente.

Chegou a ser membro importante do fóro. Sob o esforço constante do pensamento, seu cráneo ficou absolutamente calvo. Seu bigode compunha-se de uns longos fios brancos. Seu andar juvenil tinha desaparecido. Possuía uma bella for-

tuna. Occupava um apartamento sumptuoso e pensava em casar-se. Os homens maduros são muito exigentes na escolha da esposa. O sr. Thomaz esperava pacientemente, transformando pouco a pouco seu interior numa verdadeira galeria, dando brilhantes reuniões e observando, ao passar pelos grandes espelhos do salão, que sua frente pesava já e as carnes do pescoço, envelhecidas, derrubavam-se sobre o collarinho branco.

Já tinha terminado sua carreira. Sua vida, desde então, semelhava uma avenida muito tranquilla onde as exposições sérias, os bons concertos e as estréas theatraes marcavam as etapas. Não se exaltava nunca. Não se inflammava nunca. Gosava.

Se alguma coisa lhe agradava, dizia:

— Sabem vocês que isto é muito lindo?

Embora pertencesse ao reduzido numero de pessoas que descobrem o talento logo á primeira vista, não condemnava nunca os mediocres.

— Não se ralem, não se ralem, dizia aos descontentes. Não ha como um dia após o outro. O seu dia também chegará.

Foi por essa epoca que cortou o bigode e deixou crescer as costelletas.

Não falava nunca das mulheres senão com extrema cortezia. Sua indulgencia alcançava todas as imperfeições humanas.

Como desgraçadamente nenhum mortal está isento de certas debilidades, o sr. Thomaz tinha também a sua. Odiava a musica dos realejos e a todos os tocadores ambulantes. Quando na rua se encontrava com um tocador desse instrumento, estava com o dia estragado. Elle, tão calmo,



tão medido, tão tranquilo, tão doce, deixava-se arrastar pela colera e vociferava enfurecido:

— Fazer da musica, da musica, senhores! dessa manifestação da alma, uma manifestação mechanica, um instrumento de tortura! Os que tocam realejo são bandidos! Demais, a gente não vive senão uma vez, não tem senão uma vida, e deve consentir que a envenenem desse modo?

Houve um pandego que se lembrou de organizar debaixo de suas janellas um concerto de realejos. O sr. Thomaz adoeceu d. colera e convidou o tocista a um duello. Foi preciso reunir um tribunal de honra para evitar effusão de sangue.

A casa onde vivia o advogado mudou de proprietario varias vezes. Cada novo proprietario considerava, como é de costume, um dever augmentar o aluguel, e, sobretudo, o aluguel do apartamento do sr. Thomaz. O homem resignava-se, mas sob condição rigorosa, estipulada no contrato de arrendamento, de não ser permitido a ninguém tocar realejo no pátco da casa.

Mém deste compromisso com o proprietario, o advogado fazia subir ao seu aposento o novo porteiro, e iniciava com elle o seguinte dialogo:

— Vamos ver, amigo, como se chama?

— Casimiro, senhor.

— Pois bem, Casimiro, onça lá: toda vez que entre tarde em casa e você tenha de abrir-me a porta, ganhará vinte centimos. Compreheende?

— Sim, senhor, comprehendendo. E' o senhor quem manda.

— Mém disso, lhe darei dez fl. rns por mez. Sabe para que?

— Ignoro-o, senhor advogado.

— Pois, olha, Casimiro: é para que você não deixe entrar nenhum tocador de realejo no pátco.

— Ag ra comprehendendo, senhor conde, respondia o porteiro profundamente commovido.

O apartamento do sr. Thomaz compunha-se de duas partes: uma com janellas para a rua, outra com janellas para o pátco. Os commodos da frente serviam para receber amigos ou hospedes do sr. Thomaz que vinham visitar a cidade. Elle entrava poucas vezes nesses commodos a não ser para fiscalisar o serviço. Passava todo o dia nos commodos de trás, onde tinha escriptorio, escrevendo cartas ou estudando autos que lhe enviavam para consulta. Quando não trabalhava, lia; e trabalhando ou lendo, fumava constantemente. Defronte das suas janellas havia quartos onde moravam inquilinos humildes. Depois de haver

mudado muitas vezes de vizinhos, o quarto que ficava defronte ao seu gabinete foi occupado, numa tarde de S. João, por duas mulheres e uma menina de oito annos.

Da sua poltrona o sr. Thomaz distinguia perfeitamente as suas vizinhas. Elle sabia da pobreza em que viviam. As duas mulheres trabalhavam desde a madrugada até alta noite. A menina ficava, não raro, á janella. Era uma menina de feições agradaveis, muito pallida e de uma extranha immobillidade physiologica. De vez em quando se entretinha traçando os fios de lá que sua mãe deixava cair da machina de fazer meia. Sentava-se em seguida com ar triste e com o olhar fixo. Nunca a ouviram rir ou cantar.

Que extranha creatura! pensava o advogado, observando-a cada vez com maior interesse.

Um dia, ás quatro da tarde, como o sol batia em chapta na parede da frente, o sr. Thomaz levantou a cabeça, fixou os olhos e assestou o pince-nez, surprehendido ao ver que a menina tinha os olhos para cima, com as pupilas muito dilatadas e com uma extranha mescla de tristeza e de alegria no rosto. O advogado comprehendeu.

— E' porque não enxerga, murmurou, e continuou na leitura.

Só assim se explicava poder ella affrontar directamente a luz do sol abrazador.

A pequena era cega effectivamente. Desde que se mudara para alli, nunca mais a viram sahir. Vivia alli como numa escravidão. Só ouvia o passo do porteiro e um ou outro rumor da rua s. cegada.

Pouco tempo depois um amigo do advogado procurou-o para trabalhar num processo. O sr. Thomaz já não exercia a advocacia, mas o seu nome lhe proporcionava frequentemente consultas. Desta vez se tratava de um caso bastante complicado. O advogado acabou por interessar-se por elle. Quasi já não sahia do escriptorio, esquecendo o seu salão e as suas visitas e deixando passar os dias a examinar papeis e a coordenar notas.

Uma tarde, o creado, como de costume, veio contar-lhe as noticias do dia. O dr. Fulano partiu para o campo. Os canos do predio não funcionavam bem. O porteiro Casimiro, por causa de uma disputa com um policial, estava na prisão. E rematou:

— Quer o senhor falar com o novo porteiro?

O sr. Thomaz nem respondeu. Absorvido em seus autos, lançava para o tecto grandes fumaredas do cigarro.

No dia seguinte voltou aos autos. Suas vizi-

nhas, as duas mulheres, o observavam ansiosamente e lhe achavam esse ar de viuvo bem conservado, que emprega os seus ultimos dias a cabecear de somno á mesa do escriptorio. Entretanto, julgue-se se o sr. Thomaz teria tempo de dormir, preocupado com tudo isto:

"Assim pois, em 1872 o sr. X lega parte de seus bens a um sobrinho, filho de sua irmã, e em 1875 lega seu immovel urbano a outro sobrinho, filho de seu irmão. Este ultimo assegura que o sr. X. estava louco em 1872, enquanto que o primeiro demonstra que elle perdeu a razão em 1875. Mas o irmão da propria irmã do defunto arrola testemunhas incontestes de que, tanto em 1872 como em 1875, o sr. X. dava signaes manifestos de transtorno mental, e que em 1869, quando gosava a plenitude das suas faculdades, havia legado todos os seus haveres a seu irmão.

"Tratava-se, portanto, de saber em que epoca precisamente se tornou louco o sr. X. e como poderiam conciliar-se as pretensões de cada uma das partes litigantes, que estavam resolutamente dispostas a não entrar em nenhum accordo."

O advogado já uniu todos os fios da meada, quando, subitamente, no

patio debaixo da sua propria janella começaram os agudos flautins astmaticos de um realejo.

Se o defunto X. em carne e osso houvesse sahido do tumulo e entrado no seu escriptorio, não lhe teria produzido um choqe maior.

E se ainda o tal realejo estivesse afinado e em bom uso e entrasse a tocar uns ritornello-gradaveis! Mas, qual! Era um instrumento velhissimo, de tubos fanhosos onde as notas tinham syncopes de interrupção, de flautas roucas que gritavam e com um trombone que grunhia como um animal raivoso. E tudo isso sem falar nos compassos que tinham incoherencias irritantes. A nota, que se interrompia em syncope, entrava a soar, atrazada, quando a tonalidade já tinha mudado.

O pobre homem, estupefacto, perguntou a si proprio se as disposições testamentarias do louco não teriam sido a causa daquella extranha allucinação. Ante a implacavel evidencia, despertaram em seu coração sanguinarios instinctos e recordou por instantes os processos summarios da justiça dos selvagens de Dahomey. Deu um salto até á janella e ia soltar um grito de indignação quando uma voz de menina lhe surprehendeu os ouvidos. Olhou para a frente. A ceguinha, na alegria daquella musica, saltava e dançava, batia palmas e cantava.

O homem do instrumento viu effeito que causava, e para completar a festa, accelerou o compasso dando á manivella vertiginosamente e fazendo as notas silvarem como uma locomotiva de-carrillada.

Nese instante o creado precipitou-se no escriptorio, arrastando o porteiro, todo confuso.

— Eu já tinha avisado este animal. Disse-lhe que t'ria boia propina. Mas o animal não entende, é um aldeão que não sabe nada. Anda, bruto, escuta, attende as ordens deste senhor!

O tocador tinha iniciado uma terceira peça, tão desconcertante como as outras.

O sr. Thomaz muito pallido, mas

tranquillo, voltou-se para o porteiro:

— Vamos, amigo, como você se chama?

— Paulo.

— Pois bem, Paulo, dar-lhe-ei dez forins mensaes. Sabe para que?

— Para que não deixe entrar tocadores de realejo no patio, adeantou-se a explicar o creado.

— Não, replicou o sr. Thomaz. Para que de hoje em diante, até nova ordem, deixe entrar todos os tocadores que passarem. Entendeu?

— Mas que é que diz, senhor? exclamou com assombro o creado.

— Digo que, até nova ordem, deixe entrar todos os dias, quantos realejos houver, repetiu o advogado, enterrando as mãos nos bolsos.



O creado estava entre estupefacto e offendido.

— Não o comprehendendo, senhor, não o comprehendendo.

— Você é uma besta, disse o sr. Thomaz placidamente. Basta de parolar. Cada um em seu officio.

O advogado acompanhou com o olhar os dois homens que saíam, e observou que o creado falava ao ouvido do outro, pondo um dedo sobre a testa. O advogado sorriu, e para confirmar os

tristes pre-entimentos do seu creado, atirou uma moeda de prata ao homem do realejo.

Em seguida tomou a lista, correu os olhos pelos nomes dos medicos e annotou a direcção de alguns oculistas.

Enquanto o homem, como agradecimento á moeda de prata, continuava a dar á manivella, o velho advogado tomou uma nota na carteira e sahio murmurando:

— Pobre menina! Ha mais tempo eu deveria ter-me occupado della.

BOLESLAO PRUS

HOMERO

Noticia historica.

Sete cidades disputavam na antiguidade a gloria de ter sido o berço do grande poeta helleno Homero. Taes foram as phantasias creadas em volta do seu nome e taes as lendas que chegou-se até a duvidar de que de facto tivesse existido em outros tempos esse vate, tendo outros mesmo affirmado que a Eneida e a Odisseia foram trabalhos de diversos poetas reunidos e colligidos depois em um só volume.

Moveram-se nessa occasião os estudiosos e depois de longos trabalhos ficou provada a existencia de Homero. Nasceu a 800 annos antes de Christo em uma cidade da Jonia. Doado de um genio extraordinario conheceu, me-mos em sua juventude, a idéa nova para o seu tempo de compor em versos um poema onde estudaria a historia antiga, a religião, tendo como principaes personagens Eneas e Ulysses.

Naquelles tempos, a escripta ainda não estava generalisada, de modo a se guardarem todos os monumentos literarios e acreditase então que a tradição se incumbiu de fazer chegar até nós esse trabalho verdadeiramente assemblroso do grande poeta jonico.

Assim pensa o historiador Frederico Augusto Wolf em uma introdução por elle publicada. "Prolegomena ad Homerum, sive de operum homerorum prisca et germina forma, variis que mutationibus et probabil: ratiōne emendandi, scripsit F. M. Wolfius, Vol. I, 1795." Esse mesmo historiador é dos que supõem que a Illiada e Odisseia não eram mais que pequenos poemas de autores destacados, os quaes foram depois colligidos por Homero que cantava nas

festas civis e religiosas da Grecia, esses versos, que passaram depois á tradição como sendo elle o seu autor.

Ora, essa affirmação de Wolf, a principio parece verosimil, porem não resiste a uma analyse mais ou menos meticolosa. Como poderiam ter passado á posteridade esses versos todos, seguindo uma ordem logica e natural si não fossem os mesmos compostos por uma só pessoa e si não fossem perpetuados por meio da escripta?

Si naquelles tempos o uso da linguagem escripta não estava generalisada, claro está que por essa razão não se pôde acoiñar Homero de analfabeto. Mas mesmo admitindo essa hypothese não seria possível que outros tivessem perpetuado, pela escripta, esses versos sublimes?

Não tem razão portanto o historiador Wolf quando faz essa affirmativa, principalmente depois que Champolion decifrou os hieroglyphos, onde ficou demonstrado que os antigos, ha milhares de annos antes de Christo, já usavam perpetuar os seus feitos em monumentos escriptos.

Homero, segundo a maioria dos historiadores existiu; nasceu em uma cidade da Jonia a 800 annos antes de Christo, como dissemos.

Eservevem esses dois poemas hoje traduzidos em todas as linguas, sendo que a melhor traducção europeia apontada é a italiana de Vincenzo Monti.



Homero recitando. Bello quadro de Kaubach.

A Japoneza

"As senhoras japonezas entenderam, e muito bem, que assim, ao mesmo tempo que rendiam preito e praticavam a sociabilidade à ocidental, empregavam melhor o seu tempo do que falando sobre modas e sobretudo sobre a vida alheia à roda da mesa do chá e dos batos. Quasi todas as senhoras

da terra que comparecem nessas reuniões, só ali são vistas. As outras, que também frequentam jantares e sarões, fazem-no por motivo das posições que ellas proprias ou seus maridos ou paes occupam na Córte ou na alta administração. As conferencias não vão, todavia, por obrigação somente; tomam prazer nisso. É de ver o interesse com que todos seguem a palavra do conferente, o sorriso gracioso com que recebem os seus toques humoristicos, a intelligencia com que acolhem as suas observações captivas. Esta capacidade mental foi aliás o que sempre deu à mulher japoneza, a sua superioridade sobre qualquer outra mulher do Oriente; foi, justamente com o seu culto do lar, que formam o arcabouço da psychologia japoneza, aquillo que a conservou digna, conquanto submissa, no meio de tanta degradação, não moral, mas familiar ou antes social, do seu seculo. Esta será também a da banca da sua gradual elevação; directamente, naturalmente, como costumam fazer as cousas, ella chegará a reinar em igualdade."

OLIVEIRA LIMA



Cada cousa por sua vez...

PAGINA PARA CRIANÇAS.

Kittie é uma gatinha branca, muito es-pertinha, muito viva e brincalhona. Não leva a sério cousa alguma e tam-bém não atende os conselhos dos mais velhos, razão pela qual tem sofrido muitos dissabores.

É costume da sua família, logo pela manhã, como fazem os homens, as mulheres e as crianças, conforta-rem o estomago com um bom prato de leite, café, pão e manteiga, porém um dia Kittie logo depois que se vesti-u, em vez de ir tomar a sua refeição, re-solveu sair pelo campo afora, res-pirar ar fresco e gosar as delicias do sol quentinho daquelle dia. Tomando o seu gorro, uma sombrinha, não se esqueceu de levar também um appare-lho de golf, que era o jogo predilecto da gatinha.

Uma vez na campina fez es-por-te e foi logo infeliz, pois perdeu uma das pelotas enquanto que a outra foi cair no rio. Chorou muito e começou a sentir fome, pois o seu estomago estava vazio.

Voltou correndo para casa, antegosando a su-prema delicia do prato de leite, com um pãozinho fresco e cheirosa manteiga e para terminar um somninho no alto da columna da -da... Que delicia! que prazer! ia monologando a mimosa gati-nha enquanto corria com todas as forças.

Porém, ao chegar em casa, logo na porta, ella viu o seu irmãozinho limpando o bico e os bigo-des, ainda molhados de leite, e gostosamente lhe contara que tinha tomado a refeição que a ella es-

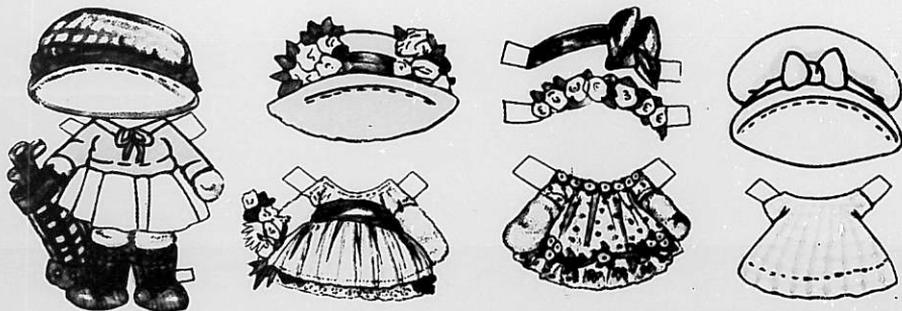
tava preparada. Felizmente, a sua mãe ainda arranjou uma chicara de leite que Kittie bebeu com avidez, jurando nunca mais cabir noutra e fazer tolas as cousas a seu tempo.

O guarda-roupa de Kittie é bem sortido, tem bons chapens, bellos ves-tidos, artisticos gorros e tudo muito em ordem, pois a sua mãe é muito zelosa e cuida com todo o carinho dos filhos.

Afim de que fiquem conhecendo a Kittie e algumas peças do seu guarda-roupa, nes-ta pagina damos o seu retrato que é o ultimo, de-pois que ella ficou bem ajuizada, e algumas peças do seu guarda-roupa.

Si quizer pode a petiz que nos ler, guardar o retrato da nos a hezoim e vestila como entender, isto é, costumes caseiros, de passeio ou de recepção chic e elegante. Para isso, corte o retrati-nho acima, que poderá collar-o em um cartão, do mesmo formato; em seguida faça o mesmo com os vestidinhos, gorros e chapens abaixo, tendo o cui-dado de seguir rigorosamente os seus contornos e somente collar pelas suas extremidades supe-riores.

Assim a Kittie poderá comparecer ao "tea tan-go" ou ir tomar chocolate na Brasserie ao som da barulhante "Jazz-band".



As tolletes de Kittie

Eva Stachino

Artista
Mexicana



Entre os generos scenicos que actualmente triumpham no theatro é a canção a que mais tem empolgado o publico, que busca emoção facil, ligeira e friçola, onde palpi-

ram el interprete, que alcançou um exito surprehendente em New York, Londres e no Casino de São Sebastião, Hespanha.

tam os versos de uma composição acompanhados de compassos sentimentaes, alegres ou charlescos. O "complet" que denota o boulevard ou a campanha foi subjugada pela canção pelo seu cunho regional e caracteristico.

A notavel artista mexicana é considerada, presentemente a mais formosa e intelligente "estrella" do theatro de variedades. Interpreta todos os costumes dos povos americanos e principalmente os do Mexico de onde é natural, alcançando o mais ruidoso e franco successo na Europa.

Esta arte tem em Eva Stachino uma adm-

Nas praias



O calor tropical dos dias de verão faz com que penetremos em qualquer deliciosa praia onde de manhã e à tarde, o banho e os agradáveis passeios, a brisa refrigerante e impregnada de iodo e saes marinhos nos vivificam e atemperam o organismo. Felizes são as que podem fugir desta atmosfera de fogo e viciada, para ir haurir novas forças para a luta

na pela existência, no transcurso da juventude do tempo ou de uma praia.

Nos, atualmente, acorrentadas ao nosso mister, só vamos as praias de longe em longe, mas nem por isso deixaremos de por as nossas leitoras ao corrente de um assunto que muito deve interessá-las: a sua toilette de banho.

Já vai longe o tempo em que os nossos avós e ainda as nossas mães usavam a quella desgraçada toilette de banho que consistia em uma calça larguíssima apertada no tornozello e uma blouse comprida, fluctuante imensa, fazendo pregas em todos os sentidos a fim de lissimular tudo o que a não poudesse ser gracioso ou sublinhar as formas do corpo, e com um feiíssimo bonet ou touca encaixado na cabeça, deixando apenas ver o rosto.

Assim exigia o Código da decência e do bom tom.

Felizmente tudo isso mudou e as damas de hoje sabem, ao tomar banho em uma praia, alliar um sentimento de pudor às exigências de uma discreta coquetterie que jamais perde os seus direitos.

Ha uma infirmitade de senhoras que não se banham em publico por uma preocupação de elegancia um pouco exaggerada, renunciando a um prazer tentador.

Dizemos exaggerada, porque um costume de banho sem ser nem muito bonito, nem luxuoso, não exclue a esthetica.



O costume de banho deve ser considerado como um outro qualquer, devendo por isso ser bem confeccionado. De ordinario as senhoras recorrem às casas proprias com o exclusivo fim da venda desses costumes e artigos correlativos; mas nós achamos que essa solução não é pratica, salvo se um motivo precipitado e imprevisto a tanto obrigar.

O costume de banho pode fazer-se em casa com muita facilidade.

Comçaremos por escolher a fazenda que deve ser um tecido de lan, o que se deve sempre preferir, porque resfria menos que qualquer outro. Deve ser uma sar-



ja fina, ou cheviotte, nem muito pesada, nem muito espessa. A cor pode ser preta, azul marinho, vermelho ou branco, porque são as cores que resistem à água do mar e aos raios do sol.

O costume compor-se-ha de tres peças: um calção que deve franzir e apertar com um elastico por cima do joelho. Este calção poderá ser talha-

do tomando por modelo uma das calças de uso ordinario, com a diferença que deve ser fechado

e abotoado dos lados. Sobre o calção uma pequena saia bem curta e pregueada de forma a assentar bem na cinta e cair naturalmente em prgas regulares. O corsage deve ser em forma de kimono, mas bastante largo nas costas; uma costura sob cada braço, mangas curtas e direitas que devem chegar apenas até ao cotovello. Deve tambem abotoar do lado e para resultar um conjuncto elegante esta abotoadura deve continuar sobre a saia do mesmo lado. Muitas vezes succede se fazer, (e não é o peor), kimono e saia de uma só peça, e o cinto da mesma fazenda, apenas, como ornamentação. E' mais seguro.

Como applicações, usam-se galões de seda largos ou tranças e soutaches de lan.

Passemos agora ao calçado de banho. Seja elle de que especie for, prejudica sempre as nadadoras, não só porque se impregna de agua, mas porque salta facilmente do pé. O que existe de melhor é uma especie de

cothurno com sola de raphia que tem a vantagem de se adaptar bem à perna e ao pé.

Em seguida a touca ou o bonnet, que são usados das mães variadas formas e feitios, a começar pelo bonnet de caoutchout que sacrifica a elegancia à commodidade, es essencialmente preciso ás nadadoras, até a elegante *marmotte* em seda ou fustão.

No mar, como é sabido, todas as cberturas para a cabeça -ervem, desde que se adaptem bem à cabeça e, sobretudo, a expressão do rosto.



Renataremos este artigo, occupando-nos do penteador, abrigo ou tambem chamado o chambre de banho.

Uma *linousine*, ou ampla capa em tecido de felpa, ornada de uma *pelérine* dupla, bordada e de gola vermelha.

Um penteador: ou chambre, no qual o corpo desenvéntr-se confortavelmente envolvido. Com gola e canhões em fazenda azul, prende-se na cinta com um cordão de borlas da mesma cor das guarrições.

Esses são geralmente os modelos mais aconselhados, pois são praticos, não prejudicam os movimentos da banhista, tão necessarios e imprescindiveis mesmo e ainda estão na moda.

Os figurinos trazem numerosos clichés geralmente não recommendaveis ou porque são mui dispendiosos ou então, quasi que em regra geral, são attentatorios ao pudor



Em busca da felicidade



(Quadro de Henneberg)

Assim, chamou o seu onctoz, o pintor Rodolphe Henneberg, o symbolico quadro que se conserva no Museo Nacional de Berlin que obteve um exito sem precedentes em quantas exposições se apresentaram, principalmente em Paris, onde toda a audacia artistica nao a sua mais completa exaltação.

Henneberg se bem que nascido na Alemanha, foi discipulo de Courture em Paris; foi o precursor dos pintores symbolicos que como Crane e Buchten, nunca foram meros copistas, mas creadores, plasmadores de ideas, em cujos quadros se destacam a forma e o fundo; originaes concepcionistas que submeram sua a arte ao cerebro, logrando emocionar os viscentes obrigando a sua alma a meditações profundas. Dotado de um poder magico, de verdadeiro artista, completo e absoluto, que exalou as regiões mais elevadas da arte, diferenciou-se dos que não sabendo crear com o seu cerebro, se limitam em copiar a Natureza, a figura humana, as scenas que diante dos seus olhos se desenrolam.

Na categoria das concepções genuinas, e creações originaes, deve se incluir o maravilhoso quadro de Henneberg.

Um feroz cercel em louca corrida segue a Fortuna. E' um cavalleiro do seculo XVI, seculo de heresias, de profanações, de guerras e morticinas que fizeram pover a humanidade. Por essa razão o artista apresenta o seu heroe com o traje dos lausqueutes, aventureiros mercenarios que vendiam a sua espada pelo maior preço; vicerees brutos, sem temor de Deus, montados em excellentes ynetes, e não buscavam sino o lucro das honras, prazeres e sobre tudo ouro. Para isso não mediam sacrificios e não olhavam os meios para elle transportadas pelo pincel. Henneberg não introduziu no que conseguissem o ovo decejado.

Quando se repoz esse quadro surgiram discussões si, de uma maneira geral pode a pintura representar ideas abstractas ou allegorias. A Fortuna e a Morte que figuram no quadro, foram tradicionalmente para elle transportadas-pelo pincel. Henneberg não introduziu no

seu trabalho novidade alguma. Porém não existe aquella unanimidade notada em muitas outras allegorias. No drama de Hauptmann, "Hanel", o anjo da morte não apparece sob a forma de um esqueleto em seu sudario. Elle plasmou a morte como uma mulher de horrida figura, com uma tunica tingida á cinta. Tambem no quadro de Henneberg ao lado do ambicioso heroe a figura da Morte cavalgando um negro corvo, escolta no estandarte da victoria.

Hypnotizado pela Fortuna que o precede, sempre delle fugindo e lhe accendo a coroa fatal, o cavalleiro entra pela estreita ponte sem medir perigos. Uma mulher tentou lhe deter os passos e jaz esmagada sob as patas do cavallo. Ella symbolisa magistralmente, não só a Patria, a Fé, como tambem representa um freio ás paixões do homem: a mãe, a esposa, a filha, a mulher honesta em summa, que deveras não nos quer ver victimas da nossa insânia mas que solidamente, em nosso derrotero pizamol-a. Tambem ella pode ser a trahnesta, atropellada no tumultuar das nossas paixões.

Representa talvez o amor materno, conjugal ou filial que se collocou a entrada da ponte para avisar e deter o ceço aventureiro em sua desatinada carreira de peridição. Porém, ambicioso, nada o detem em seu caminho. Só quer impor a sua vontade e nada mais.

Hoje os que buscam a fortuna não são como o cavalleiro de Henneberg; os seus vestuarios são differentes e não ostentam a coroa fatal. O seu objectivo é somente a Fortuna metal sada.

Henneberg foi desses românticos que só iam a cata de seu ideal que por desgraça das crezes não conseguem alcançalo e como elle mesmo, tristemente acabou os seus dias se arrojado voluntariamente ao abismo a 14 de Setembro de 1856, um dia apenas depois do seu 54.º anniversario natalicio.

A galanteria



A idade media, época das conquistas e das cruzadas, tempo dos torneios e dos senhores feudais, na qual todos queriam ser fortes e bellos, bravos e animosos, foi tambem o periodo da galanteria: arte difficil, cultivada com esmero pelos nobres e com simplicidade pelo povo.

Nos castellos feudaes e nos solares o mestre de ceremonias era uma

entidade respeitavel; os seus dzeres acatados e as suas ordens "incontinenti" executadas. Depois do senhor era a primeira autoridade. Em toda a parte estava presidindo com aquelle olhar inquisitorial: nas reuniões, nos banquetes, nas festas e nos torneios. Tudo se movia de accordo com o que previamente estava estabelecido, e ai daquelle que infringisse uma só ordem ou contrariasse uma pequena observação feita! Era réu de penas severas, punido com rigor pelo codigo dos cavalleiros, si trazia esporas, espada e lança e chamado á ordem publicamente, e em presença da corte castigado si era um pagem.

A repetição da falta importava para o transgressor a sua expulsão.

Essa falta, esse crime tão severamente castigado, ás vezes provinha de uma distração, deixando o cavalleiro de ser gentil para com uma dama desconhecida, ou quando num excesso de galanteria ultrapassava os limites da polidez.

Não deixava de ser impressionante e mesmo significativo, nos torneios, quando se feriam os mais rudes combates entre os bravos e lendarios cavalleiros, as suas declarações ou juramentos á dama, cuja belleza e graça defendiam.

Morriam, mas diante de quem quer que fosse, jamais faltariam á promessa de ser o braço forte da mulher amada. O cavalleiro para ser forte, valente e animoso tinha de ser galante, gentil e attencioso, trazendo em sua armadura, além da cruz de Christo, o nome daquelle que lhe cingiu o emblema da ordem que pertence.



Porém, a galanteria não nasceu na idade-media; ella é tão velha quanto a humanidade.

No paraizo não vemos Adão accedendo ao convite de Eva comendo o fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, depois desta?

Poderia ter-a repellido, entretanto assim não o fez para não ser julgado como incivil pelos seus posteros.

Em todos o tempos o galanteo tem sido cultivado, ora sob o regimen de leis ferreas como na idade-media, naturalmente, em toda a sua simplicidade como nos primeiros tempos da humanidade e affectado, as vezes

desgracioso e futil como presentemente.

A mulher, unicamente a mulher, foi a criadora inconsciente dessa difficil arte, e apesar de jungida aos costumes barbaros dos povos antigos, ella teve sempre





As senhorinhas Nhandan Marinho e Georgete Sette, admiradoras da "Revista Feminina", em São Paulo, Minas.

de muitos dos seus departamentos.

Se diz, muito acertadamente, que o sol e a mulher repartem entre si o império do mundo.

Mãe, esposa, irmã e filha, eis a mulher!

Hoje, depois que o tempo na sua fama inclemente de tudo destruiu, transformar ou modificar, e a sociedade que não escapou a essa acção benéfica as vezes, e outras malfazeja, o ser galante e gentil, atencioso e cavalheiro, requer qualidade que escandalariam os nossos antepassados. Fugresse, por exemplo, o hábito moderno, com o exótico e desengraçado tango, ao som de uma ensurdecedora "jazzband", nelle tomando parte as nossas contemporâneas e o aristocrático cotillon do tempo de Luiz XVI.

É innegável que aquelle faria diante feste a mais triste figura que se pode imaginar: uma reunião de homens e mulheres, enlaçados a sapatear pela sala dando a ideia de que se entrou num hospício em dia de festa, enquanto que no outro a impressão seria bem differente, vendo cavalheiros e damas naturalmente gentis, sem affectação, movendo-se rythmicamente ao som de uma orchestra harmoniosa.

Senhorinha Beatriz Gravini, ornamento precioso da sociedade de Ponte Nova, Minas.



Isaura e Ernestina Camará, dois indispensáveis elementos da alta sociedade de Ponte Nova, Minas.

Como mudam os tempos!

Entretanto, restamos o consolo de que entre as amigas familias de antepassados illustres, ainda perdura como elemento primordia de educação dos seus membros o soavel costume de ser a galanteria uma arte ain-

da cultivada com carinho. Nas recepções que offerecem nos seus bailes, nas reuniões e manaes tem-se a impressão de que se vive num outro meio, um meio



As intelligentes senhorinhas Regina Salvado e Nictinha Carvalho, nossas amigas em Ponte Nova, Minas.

mais elevado que o commum, mais nobre e mais distincto. Nessas festas, o homem ou a senhora, tem de se apresentar de se apresentar de parecer ser galante e educado, redimir a no mais tremendo fracasso a graça natural, a espontaneidade dos gestos, a alegria communicativa e discreta, o porte distincto são elementos que não se adquirem de uma hora para outra e que não se aprende nos salões de clubes onde se dança maxixe ou se sapateia tangos, fox trot, etc. Para um homem moderno e cavalheiro, uma gaffe praticada em um salão, era um accidente a principio de grande monta, porém, logo esquecido, mas para uma senhora seria um facto facilmente perdável, porém, nunca esquecível.

Os maiores inimigos das regras de bom ton são esses individuos que de um momento para outro se viram guindados a bellas posições e depois de feitas ou illicitas especulações commerciaes que lhes deram grandes fortunas.

Causa pena ver-se um pobre ente, apertado em uma casaca, procurando equilibrar a cabeça por cima de um collarinho que o martyrisa, mostrando-se cavalheiro!

Uma senhora nos contou certa occasião um facto bem grotesco esquecendo-se talvez o cavalheiro a cuja reunião comparecia, tinha sido em outros tempos seu chauffeur.

E esses são os que pretendem presentemente dar lições de galanteria e bom tom



A intelligente professora D. Maria Margarida da Silva, do grupo escolar de Ponte Nova, Minas.

NATALY

MONTE CARLO



Um aspecto da freguesia de Nice.



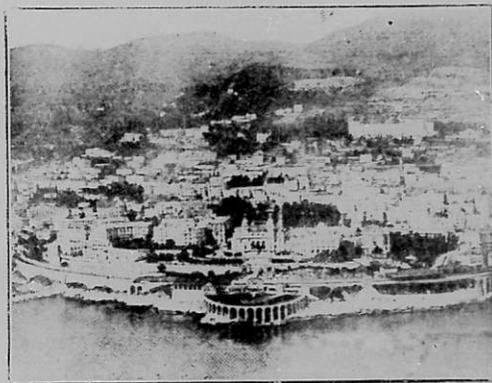
O Café Paris, para a direita.

Luxo, arte, esportividade, organização e "bona-moi" estas seis palavras resumem o passado, o presente e o futuro de Monte Carlo.

Ha cem e tantos annos a actual área da cidade era um arido deserto, que os habitantes das regiões circumvizinhas chamavam Les Speugues.

Porém surgiu um homem de iniciativa, um homem dotado de qualidades singulares e surpreendentes: em uma paisagem, um homem de génio e nos terrenos áridos e desertos, conseguiu trazer algumas vertices de traços retratados, surgiram bellas villas, jardins e um luxuoso palácio se levantou a partir.

Desde logo se apercebeu a litoral que nos referimos ao Casinó e ao seu fundador, Francisco Blanc, que se tornou o mais do mundo de las Vegas, até ao momento em que se viu o seu filho Camillo, presidente do International Sporting Club.



Vista panorâmica de Monte Carlo, tomada de um aeroplano.

Cercle des Etrangers.

Monte Carlo é uma das mais bellas e mais modernas cidades do mundo. A sua belleza é o resultado da harmonia entre a natureza e a arte. A cidade é conhecida por suas villas, jardins e palácios.

A cidade é conhecida por suas villas, jardins e palácios. A cidade é conhecida por suas villas, jardins e palácios.

Carlos Barreira Pereira



O triumpho theatre.



O celebre Casinó e seus jardins.

PETALA...

(DANILO) "Ser sensível é caminhar descalço sobre os calhaus da vida; é passar com uma chaça ao flanco através da multidão que nos dá encontros e acotovelos."

Sensitivo e amorosa estremeces toda ao mais leve contacto do mundo... E soffres e te entristeces porque sobre ti pousou um olhar perfido, e feriu-te a ouvido uma phrase aspera, ou acaso, sentiste a dureza de um gesto brusco...

Assim é a vida... foi sempre assim... e assim sera... O sorriso de velludo envolvendo o estylete ta perfida; o veneno da maldade gotejando em cada palavra; e olhar fulso e mau, ferindo e mordendo, picando como alfinetes, rasgando como dentes afiados de lobo; recolhendo entranhas d'alma como pinhas removendo dolorosa ferida...

Encouraja a alma, resguarda o coração, endurece o olhar, afia o sorriso, acostuma a palavra a vestir o pensamento, a transformá-lo, a occultar a sua fraqueza ou a sua miseria.

Arma-te e defende-te. Queres, acaso, alma candida, receber os ataques do mundo com esta franqueza fraca da bondade passiva, que nada sabe disfarçar, nem resistir, nem recusar?

Seis vencida... e a vida é implacavel, é cruel, para o fraco, o infeliz, o vencido. Mas — não! Se forte, se victoriosa e se... sensível!

Mas que a sensibilidade tua seja assim: esplendido thesouro, guardado acuradamente, e que nunca olhos capidos vejam um dia; mas que um perpetuo enlevo deslumbrará os olhos meigos, os olhos bons dos que te amam. Para os outros, para a grande turba massera que passa acotovelando brutalmente, terás o olhar frio, a palavra indifferente, o sorriso ironico...

Que o teu rosto — máscara formosa de mais formosa alma — não mostre nunca as tuas emoções; nunca reflita a tua vida interior.

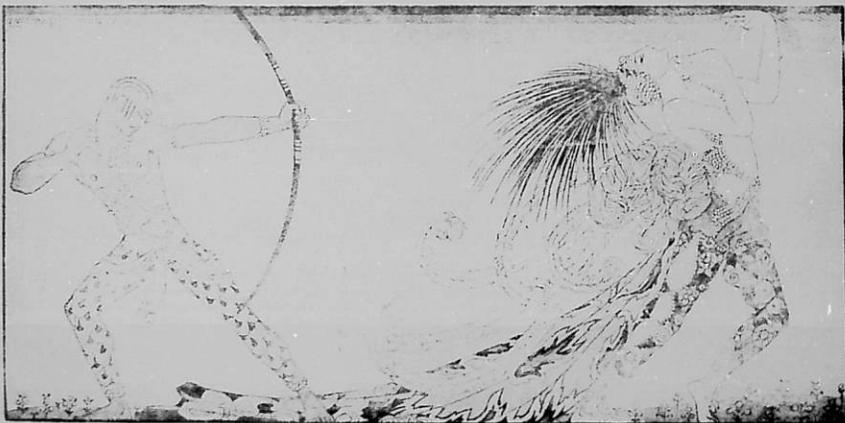
Sê como essas aguas silenciosas, escondidas sob espessas frondes; agua fria dormente, cuja mysteriosa, perturbadora transparencia debalde o olhar humano tenta decassar; mas imagina, um instante, que essas mesmas aguas, tocadas pelo sol, se tornam como puro chrystal, e desceendam, maravilhosamente limpidas, maravilhosamente azues, abyssos luminosos, vastos leitos de prateadas areias, com riscos tremulos e multicores de inquietos peixes...

Que a tua alma seja assim: escura, fechada, impenetravel, para a grande turba grosseira, mas serena e luminosa — lago azul encastado no seio verde de uma terra prazerosa, — enlucando pertuamente os olhos meigos, os olhos bons dos que te amam.

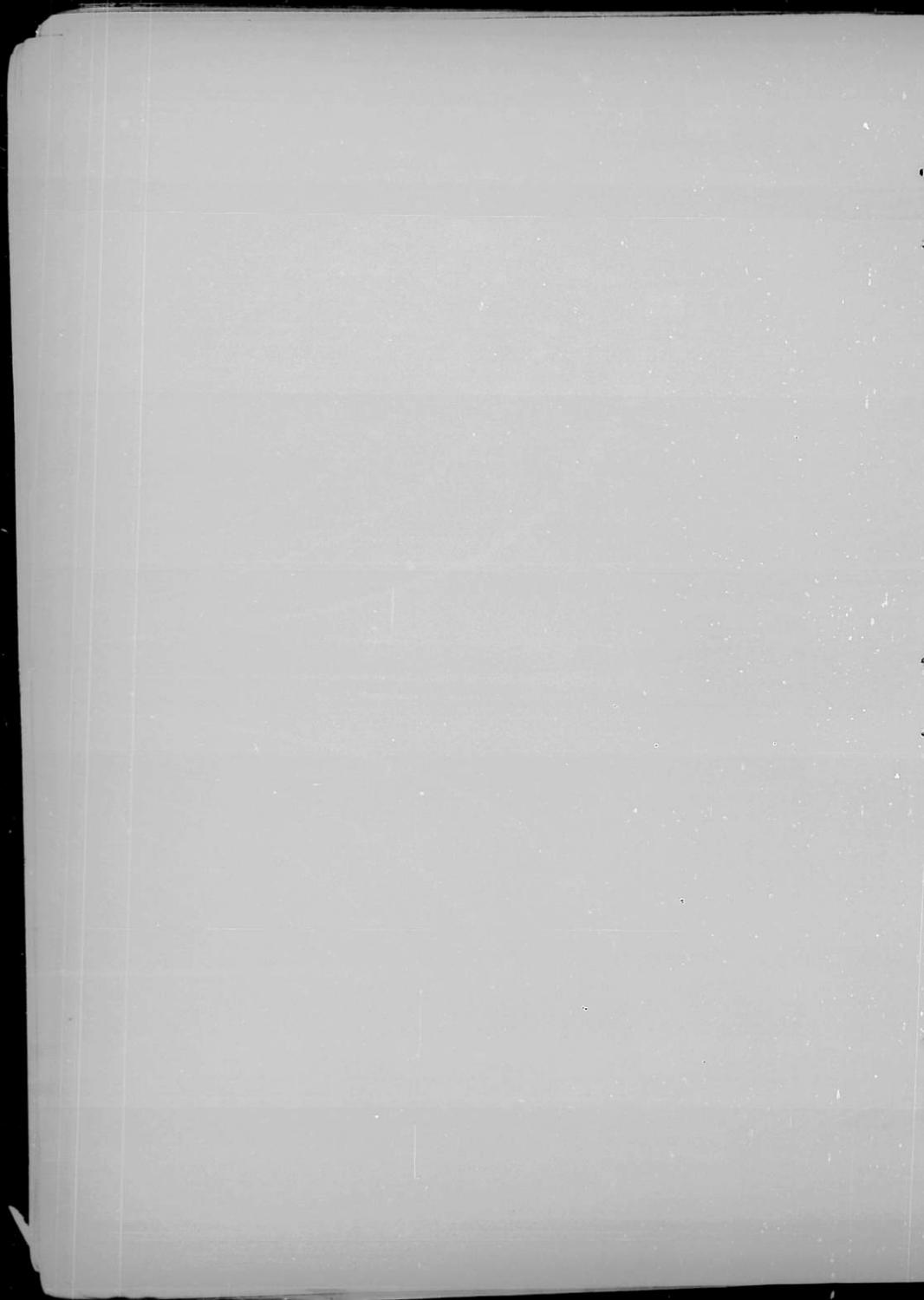
Sê impenetravel e sê feliz, porque a felicidade só te sorrirá na vida, si fores mysteriosa esphinge, insensivel aos golpes rudes da sorte má como aos brandos affagos da felicidade fugaz!

E enquanto o mundo te fulgur insensivel, mysteriosa, enigmatica, a tua sensibilidade desabrochará radiosa ao influxo do amor; e viverás ignorada e feliz, a vida formosa e cruel, chorando e sorrindo, diante só dos olhos meigos, dos olhos bons, dos que te amam.

MARILDA PALINIA



UMA AVENTURA DO SEculo XVIII
"O RAPTO DA NOIVA", admiravel quadro de A. Diaz Huertas.





REVELAÇÃO

SEU GENEROSO CORAÇÃO

A CHUVA CELESTE ESSENCIA CONDENSADA DE GOTAS BEMFAZEJAS, REGA COM INEFÁVEL BONDADÉ OS CAMPOS E OS VALLÉS, OS MONTES E OS PRADOS, E COM A SEIVA TRANSPARENTE DO SEU INVISÍVEL AMOR, DERROTA A TERRA SENDENTA, FLORAÇÃO, VIDA NOVA, FRESCURA E BEM ESTAR.

E DIZ A ESPOSA,
QUERO DO MEU ESPOSO A INEFÁVEL DOÇURA DO SEU CORAÇÃO, QUAL GOTAS BEMFAZEJAS DE VOLVAM AO MEU CORAÇÃO SÉDENTO, NOVA VIDA E ALEGRE BEM ESTAR.
EU QUERO DO MEU ESPOSO A DOÇURA DO SEU GENEROSO CORAÇÃO.

SEU DADIVO CORAÇÃO

A TERRA COM A PLENITUDE DE SUA FECUNDIDADE, DAS SUAS ENTRANHAS E DO SEU CORAÇÃO, OFFERTE UMA COLHEITA CONTÍNUA EM CONTÍNUO AMOR.
E DIZ A ESPOSA
QUERO DO MEU ESPOSO A PLENITUDE EXCEL

SA DE SEU CORAÇÃO PARA QUE ENCHA O MEU PEITO ÁVIDO COM A AMOROSA DADIVA DE SEU IMMENSO CELHEIRO E CONTÍNUA SEMEN TEIRA.
EU QUERO DO MEU ESPOSO A PLENITUDE DO SEU DADIVO CORAÇÃO.

A VICTORIA DO SEU

O SOL, ESTE HEROE DE OLHARES ARDENTES, COM PLENOS DE OURO, DE AMOR ENLOQUECE A TERRA QUE SOB OS SEUS BELJOS, RUMOROSA MENTE, SE ABRE COMO UMA COROLA, VIVE E RENASCE.

O SOL BRILHA E EXISTE SO' PARA ELA, DESDE A CREAÇÃO DO MUNDO, ATÉ AO SECULO DOS SECULOS.

E DIZ A ESPOSA

ETERNO CORAÇÃO

EU QUERO DO MEU ESPOSO O FOGO DE SUA PAIXÃO IMMENSA, QUAL LAMPADA VOTIVA QUE INFLAMMA E ILLUMINA O SE'NDO DOS NOSSOS CORAÇÕES E EM UM TACTO DE LIZ ESPLENDOROSA BRILHA A VICTORIA DO NOSSO AMOR ATRAVÉS DA VIDA E MAIS AINDA DEPOIS DA MORTE.
EU QUERO DE MEU ESPOSO A VICTORIA DO SEU ETERNO CORAÇÃO.

C ADLER

Magestades desthronadas

A IMPERATRIZ EUGENIA

Eugenia de Guzman era hespanhola. Por seu nascimento pertence a illustre casa D'Alba, que pelo ramo das Estuardas é de origem real. Seu pai, o conde de Montijo, foi um nobre da melhor castella, austero e valeroso, militar e filátreo como o seu grande antepassado o duque d'Alba. Um velho retrato representa em um tom militar, com uma vista coberta por uma venda, occultando uma ferida que recebera batendo-se heróicamente nos campos de batalha.

Era severo, de uma severidade extrema, habito aos grandes senhores hespanhoses e ainda reforçada pelos seus costumes militares, em que predominava a obediencia cega e a mais fria disciplina. Nessa severidade foram educadas as suas duas filhas, a duquesa d'Alba e a condesa de Tiba. Assim a moçoita desta ultima, Eugenia de Guzman, foi um pouco triste. A educacao domestica, rigida e austera, impedia em absoluto a vida e a alegria expansiva que ella chorar profundamente o silencio solenne que envolvia a casa.

Parecia mais uma virgem que educar o caracter das meninas; batava, que uma d'ellas manifestasse um desejo para ser immediatamente contrariada. E estas contrariacoes, longe de amillar o caracter, as creanças, ao pelo contrario, as irritava profundamente.

Mais tarde, para completar essa educacao domestica, Eugenia de Guzman foi internada no collegio do Sacre Coeur em Paris. Quem podia supor que aquella simples collegiada hespanhola, mais tarde havia de tornar na grande esdada como a imperatriz dos francezes?

Faltava-lhe, longe dos seus, quasi sempre isolada, no collegio a vida alegre, mas livres de reclusão. Eugenia passava pelas aventuras da formosa parque de colheita. Atraves dos muros da convento a ventura trazia, contra o desejo de Paris.

E esta vida de solido e convento, repleta de estudo e de trabalho, esta existencia de solido conventual, durou cerca de dois annos.

Quando sahio ao "mundo", a sua formosa e causou enorme impressao. Seus cabellos louros, tirados a um velho se tornaram farrasos. O ovalado suave do seu rosto, de um typo de

belleza completa causava admiracao. Em todas as festas, noz banhas, bailes, theatros e caçadas era sempre a figura principal, invejada e invejavel.

Um christista da epoca assim se exprimiu: "Eugenia de Guzman é magestosamente bella. Não sei como expressar a admiracao que me inspira. Ticiozo se poria de joelhos ante ella. A brancura da sua tez é incomparavel."

Foi nessa occasiao que Napoleo Bonaparte della se enamorou. Em todas as partes, desde que foi eleito presidente da Republica ate ser coronado imperador, nas festas de Saint Charles, em Fontainebleau, nas revistas militares na praça d'Arrousel ou no campo de Marte, as primeiras pessoas convidadas eram a condesa de Montijo e a sua filha Eugenia de Guzman.

Em 22 de Fevereiro de 1853, Napoleo III reuniu o Senado, o corpo legislativo e os altos funcionarios do Estado, a elles a sim fallou:

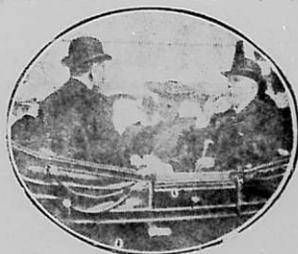
"A que se converterem em breve de meu reino e de la alta influencia francesa e boa, dotada de todas as qualidades de alma, sera o adorno do throno. Verho pois, senhores, a Franca preferir uma filha que amo e respeito a uma mulher que desonhego. Ao se floar a independencia, as bondades do coraço e da familia sobre os prejuizos dynasticos, não sera por essa razão menos forte, posto que seré livre..."

Em Franca imperial, esta declaracao foi uma surpresa. Quas que calou no ridiculo, pois utrapantes calumnias foram escriptas e murres pedidas circularam de bocca em bocca.

Mesmo assim a toda imperial foi celebrada na "Notre Dame de Paris" com toda a solemnidade.

A multidao, numerosa de 150 mil, com os deos do acto precioso, a imperial casal vultu por outro, cambulo diferente e grande passio debaixo do pavilhao d' Relojoiro a um mais do outro para ram. Intrigado o cocho chorou os animaes, que avigaram e e feres. O impellido era a escota a cerimonia de mastudamente alta, e que vout em pedagos.

A juvenude e a formosura da imperatriz Eugenia



A imperatriz Eugenia em um dos seus ultimos passeios.



Eugenia, imperatriz dos francezes, cercada das suas damas de honor.

gema facilmente venceram todas as hostilidades e dentro de pouco tempo era amada por toda a França.

Ella foi o encanto das Tulherias. O verão era passado

em Fontainebleau e allí então se faziam grandes passeios a pé pelo bosque. Algumas vezes improvisava a imperatriz pic-nics nos desfiladeiros de Apremont, escalando altas rochas, com uma intrepidez e diligencia que desconcertavam as pessoas que a seguiam na arriscada ascensão. Outras vezes se apresentava no valle de Gole, onde manobrava a cavallaria, offerecendo depois succulentas refeições aos soldados e officiaes.

Ella mesma fazia as honras dessas festas e para que reinasse a maior confiança, nessas occasiões, pedia então a um official que cantasse alguma canção um "pouco gauleza", porém não muito.

Durante o outomno a corte passava a residir em Compiègne. Allí era maior o numero de convidados e as reuniões tinham um caracter artistico. Figuravam como assistentes os literatos Merime, Angier e pintores como Meissonier.

As festas imperiaes nem sempre acabavam bem. Em 14 de Janeiro de 1858, na Opera se celebrava uma festa em beneficio de um artista que cahira na miseria. A celebre actriz Ristori tomava parte nessa festa, onde havia um ballado onde figurava o assassinato de Gustavo III, rei da Suecia.

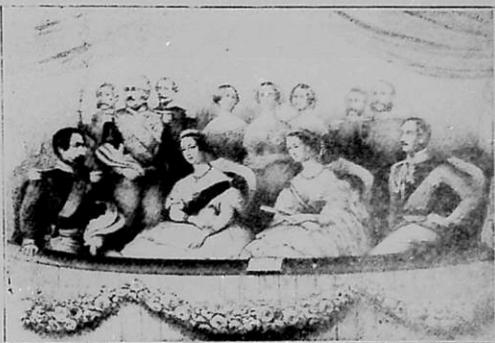
No momento que sabiam da carruagem, estouravam trombas que lançaram por terra cerca de cento e cincoenta pessoas. O imperador teve o seu chapéu atravessado por bala e a imperatriz uma vista ligeiramente machucada.

Depois de prestar auxilio aos feridos entraram no theatro de baixo de calorosas demonstrações de sympathia.

O periodo mais brilhante da corte foi sem duvida o da Exposição Universal de Paris em 1867. Foi um periodo de luxo deslumbrante, nunca visto e todas as mãos na imperatriz, em uma carruagem sem escudo, com braços a visitar e socorrer os pobres indigentes.

Em 1870 a Prussia declarava guerra a France, depois da perdidissima manobra de Bismarck. O territorio foi invadido, começando aquella lucta e m a reconhecida de Metz e rematando com o desastre de Sedan. No dia 4 de Setembro chegou a Paris a infamante noticia da herrota nos

campos de Sedan. O povo parisiense, offerecendo a patria em plena revolução, sahio para a rua. Ollivier, então ministro das pavorosas com uma eloquencia desgarradora.



Espectaculo de gala na Opera em homenagem aos reis da Inglaterra. Sentado a direita, Napoleão III, a rainha Victoria, a imperatriz Eugenia e o príncipe Alberto.

Paris, nesse dia chegou de Notingham apresentava-se com o aspecto ordinario em quanto que jantava nas Tulherias e a escuridão dos deuses havia feito a noite.

Os quarteis da guarda com as fuziladas deixava-se para os cantos e a guarda real sahia com tremendo movimento para a linha de honra e a imperatriz e o imperador sahiram a cavallaria para a linha de honra.

No dia 4 de Setembro chegou a Paris a infamante noticia da herrota nos campos de Sedan.

foi buscar asilo na casa do barão de Breteuil. Dessa casa partiu ella para a Inglaterra e mais tarde se retirou ao esposo no castello de Wolfenbutel, onde estava prisi-neira.

As illusões de uma restauração emalhorada foram dissipando aos poucos e em 1868 a imperatriz morreu a seu esposo no meio de largas arrepiadas.

O seu unico filho foi morto em uma batalha de zulus na Africa em 1879. N. anno seguinte morreu a rainha Victoria em 22 de Janeiro de 1901.



A solemnidade do casamento de Napoleão III com Eugenia de Saxe.

Sempre tiradas de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

As vistas de que se trata são de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

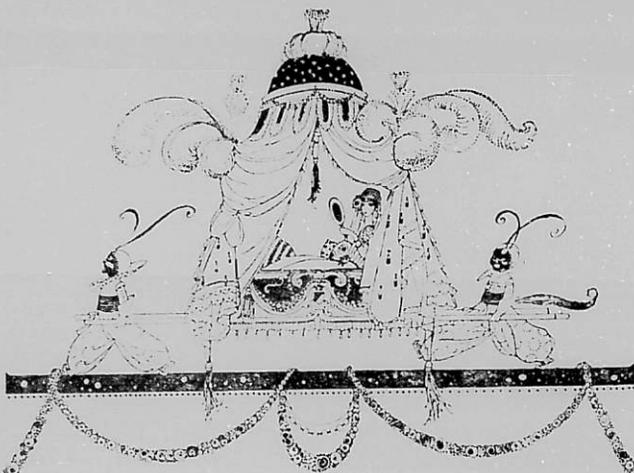
As vistas de que se trata são de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

As vistas de que se trata são de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

As vistas de que se trata são de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

As vistas de que se trata são de um grupo de mulheres que a imperatriz visitava com piedosas vistas de suas misérias.

Estes traços biographicos foram tirados do excellentissimo livro do sr. Arago, Guerra e Bichados em Honra Selecta.



O conto do trovador

De uma clareira do pinhal próximo surgiu como por encanto...

Conchita e Maria Luiza lançaram um grato de terra. Os cavalleiros que as precediam volveram-se assistados.

Era um rapazão moreno, tãstado quasi maltrapilho. Tinha os olhos sombrios e sorria de um modo febio, misturando a extraordinaria brancura dos seus dentes. Huzgava-se em elegancia, os seus modos serenos não inspiravam confiança. D. Paulo, o pae das duas moçullas e Antonio, o noivo de Conchita, fizeram-lhe moedas:

— Deus te proteja...

E o vazaundo avançando sorria.

— Eu não peço esmolas.

Quando assim disse, fez um energico movimento negativo com a cabeça. Seus cabellos negros e compridos aquietaram o seu rosto cheio de pó.

— Ah!... Então nos desculpe, respondeu D. Paulo.

Em vento as minhas canções. Vendo as minhas legendas...

Ficaram admiradissimos os quatro. Era increditavel semelhantes palavras proferidas por um individuo que parecia inulto e atrozado e muy extraño aquelle filho do Sul perambulando na região dos pinhaes.

— Bem... romances de crimes. Não queremos bom homem.

O vazaundo tornou a fazer o mesmo movimento agora mais energico com a cabeça e as suas longas melenas volveram a acoutar-lhe o rosto cheio de pó das estradas por onde passara.

— Não são romances de crimes... Eu conto historias de amores, de guerreiros. Legendas de tempos d'antão... Não estão escriptas em papel ou pergaminho, porém correm mundo, depois que eu as nar-

rei... As que eu sei eu as tenho guardado no meu peito, no meu coração... e as do coração são demais caras...

Falava lenta e rythmicamente, com uma altiva serenidade de poeta. De pé, como estava, contra o sol, a sua silhueta desotava traços firmes e energicos. Atrás de si o mar Cantabrio rugia fragorosamente.

— E' curioso, replicou Conchita.

Maria Luiza, já perdido o medo, tornou a sentar-se na areia da praia, como estivera antes do extraño apprehimento.

— Si quizerem posso contar alguma historia. São, fiquem com Deus e sejam felizes.

Antonio suspirou satisfeito por ver que podia reencetar a palestra com a sua noiva; porém esta chamou o vazaundo: Hei, bom homem!... Não vá embora tão cedo. Venha para n's contar uma historia.

Maria Luiza approvou a idéa, batendo palmas. D. Paulo sorriu e Antonio encolheu os hombros.

— Tens cada idéa!...

Porém o trovador sentou-se sobre a areia e se dispoz para contar a historia.

Nenhuma das duas estava de accordo: Maria Luiza queria historias de guerra e alegre e Conchita queria as de amor e triste.

— Decidirá o papae — ajuntaram ambas, porque Antonio tirara um jornal do bolso e se puzera ler com manifesta contrariedade. D. Paulo disse sorrindo:

— Um meio termo, bom homem. Conte uma historia de amor porém que seja alegre.

O vazaundo franziu o cenho. Homem do Sul, o amor para elle não era um entretenimento. Porém, enfim.

Todos se calaram...

* Em nome da Virgem, dona e senhora



do mundo, onde o seu nome for pronunciado tudo será bendito e o mal como um lobo acuado retrocede rapido... Saíram que em tempos que já se foram, completamente desconhecidos para nos outros, porém não dos livros sábios da biblioteca real, em tempos que se accendiam fogueiras para espantar o sono aos rapazes e despertar o amor nas moças, havia uma princeza..."

Parou de repente e ficou como que suspenso, buscando uma aventura para aquella princeza. Via-se pela sua voz lenta e pausada que assim começava elle todas as suas narrativas.

"Porém saibam tambem que esta princeza não era daquellas que se fazem amadas dos seus subditos pelo seu coração, mas somente pela sua extraordinaria belleza.

Formosa como mulher alguma, atravessava o campo de batalha dos seus exercitos, montando fogueiro ginete, impondo um grande respeito só ao vel-o. Porém tinha a alma tão dura como o porphyro e os marmores do seu palacio e o bronze dos canhões que a defendiam contra o inimigo. Era tão vaidosa da sua belleza que levava consigo um espelho para olhar-se repetidas vezes e um habil chimico que a todo momento preparava loções, cremes e cosméticos para ainda mais realçar a sua belleza. Esse velho fabricante de gorduras tinha no palacio, apezar de luto e bobo, igual prestigio ao do general em chefe dos exercitos, pois ambos cuidavam em fazer triumphar a vaidade da princeza e a sua inominavel crueldade.

Em todas as nações se fallavam da sua formosura e do seu pessimo coração. No mesmo caminho por onde passavam os sequeiros luxuosos dos principes estrangeiros que vinham pedir a mão daquelle soberana, fugiam espavoridos milhares de camponezes, perseguidos por soldados que arrasavam os seus campos, matavam as creações, para satisfazer a colera daquelle mulher.

Assim estavam as cousas e nada parecia melhorar aquella terrivel situação, quando quiz a fatalidade que a princeza perde-se um medalhão que valia nãomelles tempo sem mil moedas de ouro. Era o tal medalhão obra prima dos melhores artifices do reino. Era formado de doze pedras, dez brilhantes e dez rubis, se alternando de tal modo que todos que o viam ficavam absorptos ante aquella belleza inaudita.

No centro do medalhão, tinha o retrato da rainha, mãe da princeza, já falecida, mulher de uma formosura rara e ornada dos mais bellos e nobres sequeimentos. Morreu de pezar por ver a sua filha, tão formosa quanto ella porém tão differente no coração.

O povo e a nobreza tinham pela rainha Maerina um verdadeiro culto e somente este culto era o sustentáculo da princeza Alice no palacio de marmore e de porphyro.

Diziam os intimos do palacio que a princeza Alice tinha mais estima ao medalhão que ao retrato e assim foi que ao perdê-lo agitou todo o paiz com as suas lamentações e juramentos. As tropas assaltaram as casas, deram buscas, invadiram palacios, lateram bosques e varios homens cegados pela cobiça, morreram quando desceram a fundo do mar a procura da joia maravilhosa.

Porém ella não apprecia. Noite e dia a princeza, desesperada, rasgava as vestes, chorava, blasphemava e parecia ainda mais bella porque estava atacada de febre.



...mora. Finalmente uma manha, saíram com precavidos...

...passaram os meses, então, das um mês... o me...

...da segunda vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

...transcorreram mais os dias, um e dois meses e o medi...

...na primeira vez sabiam a fazetas arautos amunicam...

JOSE FRANCEZ

PERPETUANDO UM GESTO DA MULHER ARGENTINA

Junto à estatua de D. Pedro I

COMO SE INTERPRETOU O SENTIR DAS DAMAS DO PRATO

A Argentina prestou ao Brasil uma homenagem que se pode dizer das mais carinhosas de quantas temos tido a...

Dando cumprimento à sua missão, o capitão de fragata Bononi, da officialidade do couraçado "Moreno", da manilha de guerra argentina, que nos visitou, lou, perante a mesma officialidade e outros membros da nossa armada, e do sr. prefeito do Distrito Federal, todos em círculo, ao pé do glorioso monumento, o seguinte discurso:

"Ante este monumento, al cual han de venir a convercer operculiendo en su bóveda, las ecos del entusiasmo con que este pueblo, digno de su historia y de sus hombres heroicos, excoja festejando la fecha de su independencia, tengo a descubrirme respetuoso para desempeñar un mandato, honroso para mi, por tener de quienes viene, e por ser profundamente nato a mi espíritu poder expresar al cumplido, mi propia admiración por la arduca alcanzada por el pueblo cuya independencia declaró hace 100 años el "Defensor Perpetuo del Brasil"

Traigo la misión de depositar ante su tumba esta placa de bronce que incorpora en su simbolismo, la adhesión sincera y expontanea de las damas argentinas, que viven custodiando las glorias de mi Patria y que han querido contribuir con este recuerdo a la grandiosa fiesta de civismo en la que se rinde un homenaje de gratitud a los héroes de nuestra Independencia.

La Asociación Pro-Patria, que surgió a iniciativa de la mujer argentina, que fué por ella constituida y que hoy levantara su acción benefactora con el mayor de los éxitos inculcando y estimulando el sentimiento patriótico, ha querido dejar un testimonio particular de sus afectos y de su simpatía a las damas Brasileñas y de admiración a los heroes que conera, eligiendo entre ellos al Príncipe D. Pedro, sin duda por haber sido el quien encarnó la concenración de las fuerzas morales promotoras del movimiento de Ipiranga.

Dejo pues colocada la ofrenda, recubierta, brasileños, como el símbolo, que expresa los afectos y votos de las Damas Argentinas por la paz y por el engrandecimiento siempre reciente de nuestro Gran País."

Fundo o discurso do sr. capitão de fragata Bononi, que recebeu farta salva de palmas, falou, em nome do governo brasileiro, o sr. Carlos Sampaio. Agradecia aquella homenagem com tanto maior ardor quanto ella partia das senhoras argentinas, e fazia votos pela maior amizade entre a Argentina e o Brasil.

Em seguida foi depositada no pedestal do monumento a rica placa de bronze que as senhoras argentinas lhe offerteram e que traz os seguintes dizeres:

"A Asociación Nacional Pro-Patria de Señoras e señoritas de la Republica Argentina y la nación hermana en el primer centenario de su independencia"

O espelho de Mathsuiana

Em um sitio mais distante e rastos viviam dois povos esposos.

Tinham uma filha e ambos a amavam de todo o coração.

Não direi os nomes de marido e mulher, que já cahiram no olvido, mas direi que a filha onde habitavam se chamava Mathsuiana.

Desde pequena se criou a rapariga, ao lado de sua mãe e chora de saudade como havia sido a sua mãe, ignorando a sua própria mãe.

Mesclou um dia em que sobrevio tremendo terremoto para esta familia até então tão disca.

A espediente e amorosa mãe cahiu enferma e morreu, e a filha, filha querida se comtinha a filha, mas não pôde mais ver a mãe, e quando a mãe veio para a terra e substituiu a menina. Chomosa por a mãe.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo. Quando a filha morreu, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

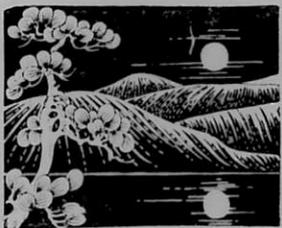
Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.

Quando a filha morria, já vez que estava muito enferma e logo viu a mãe, desolada e de a ter que sobrevio ao mundo.



C MARTINS

O THEATRO MUDO :-: A ACTRIZ INTEGRA

O espaço, o campo e o mar são os cenários do cine; o realismo photographico, a sua esthetica e apesar de não ter necessidade de simular a natureza, entretanto precisam os seus actores de apresentar um bom numero de qualidades objectivas. O cine é opposto ao theatro porque enquanto que aquelle é authentico este representa a estylisação. O theatro tem artistas estylizados. Trabalham em um meio preparado; possuem esse dom exquisito de artificial, fructo de extrema delicadeza, languidas artistas sob a luz violenta que substitue o sol trazindo os effeitos consequentes: tudo no theatro é morbido, pictorico e de um rythmo lento.

O cine impõe um rythmo muito mais rapido, como um filho do movimento nos transporta de São Paulo ao Rio, de São Paulo a Nova York em minutos apertas. Elle defirma a morbidez, porque se precisa ser agil, athletico, flexivel e gymnasta. O cine é incompativel com o aliposo; Orta faz rir com o gesto e Douglas Fairbanks com o salto.

A actriz do cinema é a actriz integra por excellencia. Sua belleza não é a belleza "à oriental", de suaves contornos, nem a dos salões mundanos, distillação de aperfeiçoamento, e menos ainda a popular, que é a belleza candorosa. Elle representa a allegria viva na vontade chegar e vencer. Mas, para isso é preciso saude, um corpo endurecido pelos exercicios de todo o genero. Dirige automoveis, carros, aeroplanos, nada, rema, brinca e salta sobre um trem em movimento, monta a cavallo fazendo piruetas perigosas, manja o telegrapho na Bolsa, é tachygrapha, daetylographa, escrevente, mecanographa, toca piano e outros instru-

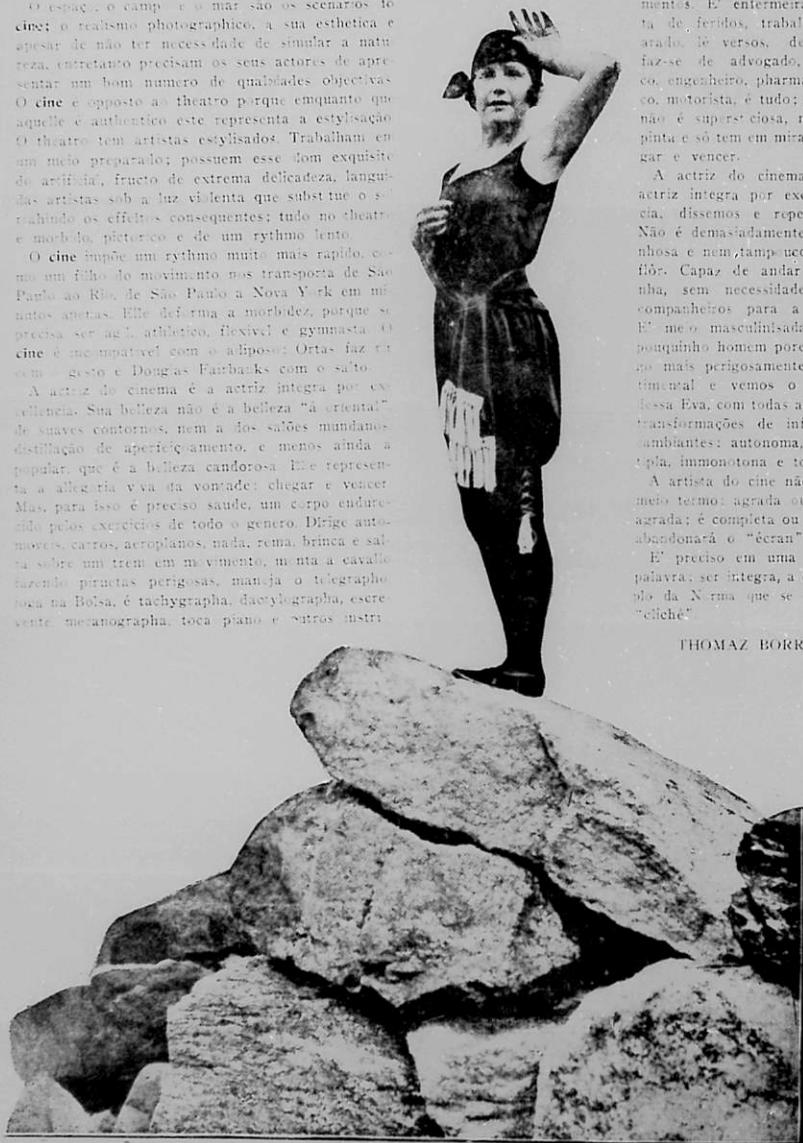
mentos. É enfermeira, trata de feridos, trabalha no arado, lê versos, declama, faz-se de advogado, medico, engenheiro, pharmaceutico, motorista, e tudo; porem não é superstitiosa, não se pinta e só tem em mira: chegar e vencer.

A actriz do cinema é a actriz integra por excellencia, dissemos e repetimos. Não é demasiadamente carinhosa e nem tampouco um flôr. Capaz de andar sózinha, sem necessidade de companheiros para a vida. É' me o masculinizada, um pouquinho homem porem algo mais perigosamente sentimental e vemos o rosto dessa Eva, com todas as suas transformações de infinitos ambientes: autonoma, multipia, immonotona e total.

A artista do cine não tem outro termo: agrada ou desagrada; é completa ou então abandonará o "écran".

É' preciso em uma unica palavra: ser integra, a exemplo da Norma que se vê no "cliché".

THOMAZ BORRAS



Norma, Thénardge prototype de actriz integra do cinema



Como deve ser a esposa do sabio

O homem de sciencia deve ser casado; deve arrosttar valorosamente as inquietudes e as responsabilidades da vida de familia.

Não se deixará levar pelo egoismo de Epicuro, que não se casou para se livrar de aborrecimentos e nem pensará como Napoleão que via na mulher uma enfermeira dedicada e uma companheira para a velhice. Para o homem de sciencia o concurso da esposa é tao necessario não só na infancia como na velhice.

façamos, porém, uma restrição: o sabio antes de mais nada que tenha em conta a sua psychologia, propria e especial antes de escolher a sua companheira e sobretudo que evite a todo transe a influencia extranha. Pouco, mui pouco mesmo, temos para justificar o matrimonio do sabio. Um lar feliz espanta da alma todo o egoismo, enobrece o instincto, gera altos anhelos sociais e fortalece o patriotismo.

Escolha da companheira! Ferimos agora um ponto delicadissimo. Quaes as qualidades que devem adornar a eleita de um homem de sciencia? Questão gra-

vissima, pois sabemos perfeitamente bem que os attributos moraes da esposa, são elementos decisivos para o exito da obra scientifica. Muita gente soffre, no lar, por causa da mulher, mas a mulher do sabio é capaz de fazer soffer uma cidade inteira, uma raça, um povo e ás vezes a humanidade. Quantas obras importantes não foram interrompidas pelo capricho egoistico da jovem esposa! Quantas vocações frustradas pela vaidade feminina! Quantos professores esclarecidos, julgidos á canga do matrimonio, não se tornaram em vulgares buscadores de ouro, se rebaixando e se esterilizando unicamente para satisfazer vontades inescrupulosas.

Até os impulsos, os mais humanos e mais nobres da esposa, quando alcançam excessiva expressão, constituem formidaveis inimigos do labor scientifico. E' notorio que, o que mais aienta a mulher é o espirito da familia, a san tendencia para a conservação physica da raça. Santo egoismo porque representa o supremo interesse da especie! Muita razão tinha Renan quando

disse que "o que a mulher quer, Deus também o quer". Concentra ella a sua abnegação e o seu amor na prole; menos exclusivo sabe o homem distribuir os seus affeitos entre a familia e a sociedade. A mulher ama a tradição, adora o privilegio, desdenha a justiça e se mostra indifferente a toda obra de renovação e de progresso; ao passo que o homem verdadeiramente digno deste titulo, o "homem social", abomina a rotina do privilegio venera a justiça e antepõe em muitos casos, a causa da humanidade ao interesse da familia. Por isso, a mãe sonha viver solidamente na memoria dos seus filhos, enquanto que o pai tem anseios de se perpetuar nos faustos gloriosos da historia.

Em summa, como norma geral, aconsellamos ao attonado da sciencia, ou buscar na eleita do seu coração não somente a belleza, mas uma psychologia propria e adequada, isto é: sentimentos, gestos e tendencias, em certo modo, que sejam complementos dos seus. Não escolherá a mulher, porem a "sua esposa", cujo melhor dote será aterna obediencia e a plena e cordial accettazione do ideal de vida do esposo.

Chegado a este ponto, naturalmente desejará o leitor que abandonando o terreno das generalidades, definamos o typo de mulher mais adequado para o homem de sciencia geralmente que buscar a sua companheira, com as habituaes reservas e pontas de vista. E aos que correm nos vendo tratar de assumpto de tal ordem, diremos apenas que não é uma coisa trivial, aquillo que, como é o amor, decide a vida de um homem.

Não é também indifferente que a mulher seja para o sabio o elemento que o faça subir ate o seu ou a causa que o obrigue a aterrar no pantano.

Entre as mulheres da classe media, onde o homem de sciencia geralmente vai buscar a sua companheira figuram quatro typos principais, a saber: a intellectual, a herdeira rica, a artista e a trabalhadeira.

A "mulher intellectual", isto é, a jovem de profissao scientifica ou litteraria, ou a que levada por uma vocação irresistivel ao estudo, conseguiu adquirir uma instrução geral, bastante solida e variada constitue uma especie não commum entre nós. Deve, portanto, remunerar a tao grata companhia. É sensivel, sem duvida, ainda que os poucos exemplares de doutoras, (save excepções raras), que conhecemos nos laboratorios e gabinetes parecem empenhados em nos consolar com a sua inacessibilidade.

No estrangeiro, pelo contrario, essa categoria feminina é bastante grande, da qual se destaca com grande prestigio a "mulher sabia", collaboradora nas empresas scientificas do esposo, e isenta, tanto quanto possivel, das phantasias e frivolidades do temperamento fememil. Mulher semeante, intelligente e equanime constitue a companheira ideal do investigador. Ella triumpho no lar e no coração do sabio, cingindo a triplite coroa de esposa amante, de confidente intima e de assidua collaboradora. O caso, repetimos, não é excepcional em muitos paizes estrangeiros.

Com que admiração, não isenta de inveja, temos contemplado em alguns laboratorios esses casoes ditosos, entregues afanosamente no mesmo labor, no qual, cada conjuge dá tudo de mais elevado de sua mentalidade e de suas aptidões technicas! Sem insistir no exemplo commovedor dos esposos Curie, descobridores do Radio, nós vemos: o casal Dejerine, de Paris, consagra-

dos nos estudos anatomicos do cerebro; os esposos Nagcott; da mesma cidade, entregues ás investigações histologicas e neurologicas e finalmente o sr. C. Vogt e sua esposa Cecilia Vogt, do Instituto Neurobiologico de Berlim, occupados na magna empresa de cartographia parcelada do cerebro humano, a modo dos astronomicos que passam a vida absorvidos na photographia e catalogação de estrellas e nebulosas.

Porém, repetimos, esta "avis rara", a doutora seria e discreta, collaboradora assidua do esposo, não se dignou ainda apparecer em nosso horizonte social. O homem de sciencia, pois, deve procurar a sua esposa entre as outras categorias femininas. Irá então procurar na classe das "ricas"?

É bastante perigoso, a mulher opulenta está acostumada, salvo honrosas excepções, ao fausto e ás exhibições luxuosas e seria malagre não contaminar o esposo do mesmo gosto. Davy, celebre physico inglez, perdeu muito por se ter casado com uma mulher dessa ordem, pois desperdiçava muito tempo em attender ás recepções e festas mundanas.

Seria ouro sobre azul se encontrar uma mulher rica que abandonando todos os caprichos do seu sexo, consagrasse o seu ouro ao serviço da sciencia. Admiráveis mulheres fesses genero abundam na França e na Inglaterra.

Seria conveniente ao sabio a mulher artista ou a litterata profissional? Salvo excepções ellas constituem constantes perturbacoes no perenne occasiao de desgostos para o cultivador da sciencia. É doloroso constatar que enquanto gozar da fama de um talento formoso ella adquire um ar de dominio e vive em perpetua exhibição de primores e habilidades. A mulher é sempre um pouco theatral, porém, a litterata e a artista estão sempre em scena.

Resta sómente ao sabio ir buscar a eleita do seu coração na classe das trabalhadoras. É geralmente economica, dotada de excellente saude physica e mental, adornada de excelente optimismo e bom caracter, com uma instrução bastante para comprehender e alentar o esposo, infundindo no mesmo o amor da gloria. Inclinação á quietude domestica, inimiga da notoriedade e da exhibição, cifrará o seu orgulho na saude e felicidade do esposo. E então, a fortuna e a gloria, com os seus fulgores circumdarão essas duas fontes gemeas, com uma só aureola.

A gloria!... Ella, a esposa modesta, a merece também, porque graças ás suas abnegações, sacrificando galas e joias para que não faltassem livros e revistas, consolando e confortando o genio nas horas de desalento, tornou possivel a realisação e execução da magna empresa.

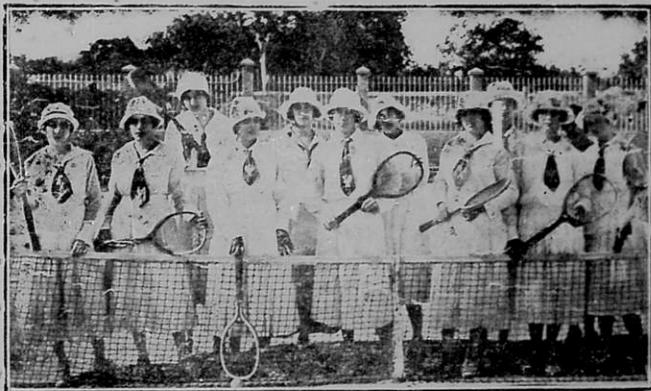
Felizmente esse typo de mulher não é raro na classe media. Mui desventurado será quem a procurar com empenho e não a encontrar. O difficil é sómente saber a conquistar para a obra commum, em constituir-se seu director espirital, em modelar o seu caracter, ligando-a a uma vida de trabalho e de recato austero; e fazer, em summa, della, um organo complementar, absorvido no lar, para que o esposo, livre de inquietudes, possa se occupar das suas especulações scientificas.

Club Sportivo Feminino de Corumbá

Em Dezembro de 1921 foi inaugurado na culta e progressista cidade de Corumbá, capital do Estado de Matto Grosso, um clube esportivo feminino, fundação essa devida à iniciativa de um grupo de moças da elite daquela cidade. A princípio, de aspirações limitadas à pratica de esportes, entretanto a nova sociedade foi se desenvolvendo de tal modo que a sua directoria, composta de pessoas competentes e de um alto senso pratico, resolveu alargar o cyclo dos seus primitivos fins e novas idéas surgiram, todas aproveitáveis e postas em pratica de forma que o Club Sportivo Feminino é hoje uma associação que se impõe e que reaes beneficios vem prestando à sociedade local.

Presentemente aquella associação mantém annexo ao Club uma secção de costuras, a título de aprendizagem para a confecção de roupas destinadas à pobreza em geral da cidade, funcionando essa secção todas as sextas-feiras.

Todas as quintas-feiras, na séde, terá lugar um pequeno entretenimento literario-musical. E não satis-



Um gracioso conjunto de socias da sympathica sociedade corumbaense.

feito ainda na caridosa missão de amparar a pobreza, o Club Sportivo promove e patrocina festas em beneficio dos hospitaes, como foi o brilhante concerto de 2 de Outubro ultimo, cujo producto liquido de 1.200\$000 foi entregue à Sociedade Beneficente Corumbaense.

Assim, com entretenimentos nobilissimos, o esporte e a arte, vão, as nossas graciosas patriotas do estado vizinho, a par do desenvolvimento phisico e recreio espirital, com o producto pecuniario das suas reuniões festivas, minorando os soffrimentos dos desprotegidos da fortuna.

O gesto das senhoritas corumbaenses é digno de imitação por bello e significativo.

E com exemplos como esses cada vez mais se confirmará a bondade do coração da mulher, o seu carinho sublime para com os infelizes, o seu amor á grandeza das maximas bellezas moraes. Enfim, a obra do seu retrato.

A' operosa directoria, a Revista Feminina cumprimenta affectuosamente augurando venturosa existencia a tão util quanto necessaria associação.



Outro não menos gracioso grupo de socias

Antes que te cases

A MARGEM DA VIDA



Dizer que a maioria das pessoas que se casam o fazem convencidas de que o matrimônio lhes abre as portas de um paraíso, não menos maravilhoso

uma espécie de cherubim de lindos ou sem elles, porém sem asas. Ambos são humanos e muito humanos; em ambos o ouro das virtudes está mesclado com a fraqueza



que aquelle de onde foram expulso os nossos primeiros pais, é dizer algo demasiado sabido. Tanto o homem como a mulher e mais raramente a mulher que o homem, se casam convencidas que vão ser felizes e ainda mais porque têm no matrimônio a unica forma possível de felicidade.

Entretanto, pelo que vemos, muitos dos se chamados porém poucos os escolhidos. De cem casamentos, vinte e cinco fracassam completamente, setenta terminam depois de certo tempo em um monótono "modus vivendi" e cinco apenas chegam a um ideal que sonharam quando noivos.

A que se deve isto? Si bem que a primeira vista parece um paradoxo, entretanto tem explicação: na maioria dos casos o fracasso total ou parcial dos matrimônios se deve aos que se casam nelles crendo demasiadamente.

Como é possível semelhante coisa? — É a pergunta que fará a leitora ao ler estas linhas. Como pôde se compreender que o matrimônio seja o unico causador da infelicidade dos casados?

Vamos examinar a questão já que todos nós, homens e mulheres, temos de amar e pronunciar mais tarde ou mais cedo as palavras sacramentales.

O matrimônio por si não é a causa da felicidade ou da desgraça de quem quer que seja. Não é um talismã que nos ha de livrar de todas as contrariedades e fazer-nos felizes, mesmo que não queiramos. Também a noiva não é um anjo, cheio de perfeições que Deus poz neste mundo para a perpetua felicidade do feliz mortal que a encontrou em seu caminho; nem por outra parte o feliz mortal é, ainda que assim pareça aos olhos da noiva, um ser extraordinario,



Facil é portanto dar-se conta do laborioso desengano, quasi que podemos dizer, do tragico desengano, que sentem os confiduos ao encontrar-se frente a frente com esta realidade, que bem antes deviam considerá-la não como absurda e cruel. O resultado, é claro não se faz esperar. Ou tem o fracasso definitivo, ou entra o casal naquelle estado de animo peculiarissimo dos que se sentindo presos nas malhas de ferro das circumstancias, se resignam a tudo, dizem que "sim" a todas as periculas e capitulam com as realidades que muy longe estão de satisfazerlos, porém que no fim de certo tempo são realidades que ambos não podem prescindir.

E apesar disso, o matrimônio, quando a elle se chega no sentido pratico, é, dentre todos os estados o mais appetivel e o que plenamente nos pode levar a felicidade.

Dissemos no sentido pratico e não será demais que esclareçamos um pouco esta expressão que pode se prestar a falsas interpretações. Não queremos, nem por sombra, dizer que devam se casar como se faz um negocio. Queremos dizer que o casamento pode reflexão e juízo, não pouco, porém muito, talvez mesmo todo que tiverem os noivos.

Por exemplo, dois jovens, uma noiva, sahida ha pouco do collegio ou então, ainda nos ultimos tempos da sua



educação e um rapaz pouco mais velho, buço nascente, etc., se enamoram e querem se casar. Elle, o futuro paé de família, apenas terminou a sua carreira nos bancos das academias ou das escolas, hoje entrado na vida pratica, tendo visto o mundo, apesar de dizer o contrario, como se vê pela janella de um vagão de estrada de ferro, a grande velocidade, onde as cidades, as aldeias, os campos e as serras se succedem ininterruptamente, em uma palavra sem uma orientação certa e segura para se orientar nas extensas jornadas da vida, onde abundam em maior quantidade as passagens perigosas, as noites de tempestade. Enquanto que ella tambem pouca experiencia tem, ou melhor digamos, sem experiencia alguma. Porém, quem duvida, que ambos, tanto elle como ella, estão convencidos que nasceram um para o outro e que basta somente se casarem para serem felizes? E si assim pensam, não logo se casando certos de que o amor, como um magico prodigio, embellezará toda sua vida.

Para que não se pense que estamos nos extremando nos argumentos, vamos dar como liquidado sob o ponto de vista pecuniario, que as noivas são ricas ou têm dinheiro. Não cremos que isto seja uma concessão sem importancia e que deve se tomar muito em consideração o ditado: "quando a necessidade entra pela porta o amor foge pela janella", ou então ainda mais a celebre maxima, "lar que falta o pão, não quer tam e abriguem tem razão".

Porém si no lado material nada falta



no moral, não se pode dizer a mesma coisa. Ahí, nem elle e nem ella são os que podemos chamar de míos. Não, muito longe disso. São um homem sem conhecimento da vida e uma mulher, mais menina que mulher que vamos... E como é doloroso para elle, admittir que ella tenha caprichos que toquem as raíças da insensatez, e pensou para ella não se prestar a ter o lado innocente dos actos de um marido! Que horas amargas não passará a infeliz mulher se lembrando das promessas feitas quando noivos, hoje todos mentirosas segundo o seu modo de encerrar os factos!

Si quisessemos dar a este quadro uns toques verdadeiramente sombrios não nos seria mui difficil fazel-o, sem que ticssemos de nos affastar uma só linha da dura realidade. Bastaríamos que fallassemos do homem jogador, do viciado, a quem a noiva não quiz ver tuas defeitos quando solteira; da moçinha casquivana, ou gastadeira, do arroz de festa, como se diz na gíria popular, daquella que deixa em casa tudo por fazer... Ou tambem sem menoscabar no minimo os attributos de perfeição do ditoso casal, poderíamos fazer menção daquella escassez de recursos de que fallavamos ha pouco, como causa de pouquissima monta, crendo de pé juntos no "pão e laranjas comidas

com amor, mas valem que presentes."

E é que ha no fundo de tudo isto e sempre o mesmo: o empenho incessante, perdoo-nos a expressão, de um homem ou de uma mulher que acreditam para serem felizes basta somente querer ser; e a virtude nillagros, que tanto o nillao como a noiva attribuem ao casamento, crendo que só o facto de irem a igreja receber o "conjugio nobre" e no cartorio assignar os papéis é o sufficiente, e que a felicidade apparece em casa como por encanto.

Ha tambem um pequenino de verdade no caso e isso devemos de parte porque é demais sabido.

Qual a conclusão final?

O desquite entre nós e a divorcio em outras nações.

Porém não valeria mais a pena se considerar a questão sob outro ponto de vista e resolver-se educar os jovens de tal forma que os problemas reaes da vida os levem a visão nillda e comprehensao facil do que significa a vida do lar.

Porque tener-se affrontar estas questões no seio da familia, em conferencias dos pais, que os filhos assistam, para se evitar as futuras ocações os tormentos que soffrem as actuaes por haver faltado uma franca e nobre percepção das verdadeiras condições do matrimonio e da familia?

Ha mais sabedoria em prevenir os erros sociais que corrigir-os tardamente, porque sempre se intenta corrigir-lhes quando a felicidade é já muy difficil ou de todo impossivel.

O divorcio sempre chega tarde e deixa duas vidas e

permanecer dias, meses e não mais.

Ha mais vale prevenir que remediar enquanto o tempo.

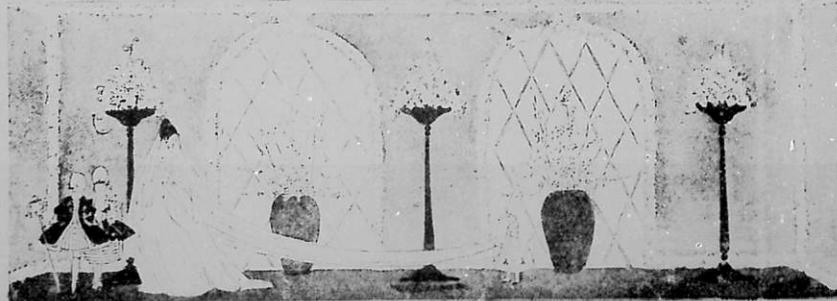


nessa de imposta a dolorosa impressão de um arrependimento ou a tortura de haver committido um grave erro durante o mais bello periodo da nossa existencia.

E este erro, reparavel, sera de gravissimas consequencias para a estabilidade da familia, ou para a vida social, si não fosse a religião, que além de ser um bom consolador e ainda o freio que contém todas as paixões humanas.

De um casamento, tudo o que se trataremivamente? A vida, e a desobediencia, aterroriza mesmo, porque de quem a culpa? Dos chefes de familia que vêm no casamento a mais mais facil de se serem levadas filhas que constituem um martyrio, porque eu não podem acompanhar-as por toda a parte, ou então, na maioria dos casos, julgam-se vellos e reciam a morte e o proximo abandono do ente fraco sustento no mundo.

Ainda a culpa recae sobre os chefes de familia que não mostram conhecimentos profundos aos filhos deixando que estes se encarem, não risuinho e fantasmas da vida julgando portanto que o casamento é um mixto de prazeres e alegrias não comprehendendo as graves responsabilidades que pesam sobre os hombros dos conjuges e as possibilidades, para não dizer inevitaveis, tristezas e horas de amargura queida a adversidade inelmente a implacavel penetra pela porta na frente.



O feminismo no Japão

Depois que o japonês demonstrou ser habil no manejo do fuzil e do canhão, matando chineses e mais tarde russos, foi admitido o direito no concerto dos demais povos civilizados, apesar de conservar os seus antigos usos e costumes. Entretanto tem-se notando no Japão uma certa tendência de modernismo e de imitação dos costumes occidentaes, porém sob um ponto de vista curioso: o japonês recebe de fora uma inovação qual quer, estud-a e logo pôe em pratica, tentando muitas vezes del-

la tirar proveito para si e caso não consiga repelle-a como uma coisa damnhinha.

O feminismo surgiu no Japão como uma novidade; tempos depois appareceram os primeiros agrupamentos de mulheres e hoje se generalisa de tal modo que muitas mulheres occupam cargos elevados em alguns departamentos da administração publica do país.

A mulher japoneza tem um conceito de si propria muy differente das occidentaes, talvez devido á religião que tem allí una influencia poderosa.

Causaria admiração em se affirmar que o feminismo no Japão tende a generalisar-se dadas as condições da mulher japoneza, porém é preciso se considerar que de ha muito já existia no imperio do sol um feminismo que, si não é idéntico ao occidental entretanto não deira ser curioso: a participação da mulher no trabalho. Remunerada directivamente ou ao seu marido, sem legislação escripta que regularisasse o trabalho, como na Europa e na America, a mulher contribuía para a formação do pecúlio da familia. Isto porém se dava nas classes pobres. Nas classes abastadas não havia a menor tendencia de movimento feminista, enquanto que hoje, é instauran-

te entre a classe elevada que o feminismo conta o maior numero de adeptas, onde elle é encarado com elevação de vistas e discutido com ardor.

Os clubs e associações femininas de Tokio, Fockio, Nangashaki e outras cidades são frequentadas por milhares de japonezas e em 1923 será editado um grande jornal de teor moderno tratando de pagamento da vida da mulher japoneza.

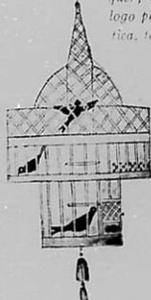
A doutrina confuciana era o

unico empecilho para o desenvolvimento da nova theoria occidental; a elle se apegam as moralistas e as honras do Mikado, receiosas de perder o prestigio que então gozavam, porém a verdade cresce dia a dia, novas adições, novos clubs e associações estão se fundando e em um periodo não distante a mulher japoneza terá assento no parlamento como as suas companheiras europeas.

No Japão, diz o eminente diplomata e escriptor Oliveira Lima: "A mulher domina-se por humildade ou antes respeito, mas domina-se igualmente por cortezia. O que é mais o exemplo, não uma forma superior da cortezia? Nem as boas maneiras no Japão são apanajio de um sexo ou de uma idade; pertencem aos dois sexos e cabem a todas as edades. O interior japonês é uma escola pratica de todas as civilidades, como é uma escola modelo de todas as affectos. Nas mi-

lhocas por certo as boas maneiras são ainda mais admiráveis, porque se lhes junta o encanto proprio della e uma propensão muito grande que Ito Hason chama "theowabitseki" ou "shôgi" que é o attributo applicado aos deuses mandarina. Nas ruas, nos familiares, na contemplação, há a distincção.

O desenvolvimento das mulheres japonezas é legendario como nos

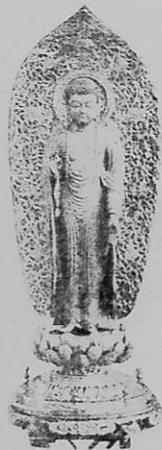


NIKKO - Vista parcial do celebre templo de Yeyassu

mais nesta terra da qual as lendas formam parte integrante, pertencera a melhor. Para illustral-a encontram-se exemplos, historias, lendas que não acabam e se estendem dos "Kojiki" aos mais modernos textos. Um dos mais conhecidos episodios typicos de deitamento feminino é o de Tachibana-



Nara. — Entrada do templo de Kasugano-miya



BUDA
Daibutsu representando a
imagem de Amida.

Hime que para aplacar a furia horrivel do deus do mar, se lançou ás ondas do alto do juncal no qual seguia o seu esposo Yamato take-no-mikoto, despachado contra os barbaros aborigenes do archipelago. As imitadoras antigas e recentes desta heroína celebre são as centenas, si bem que nem todos attingam igual notoriedade. E' entretanto conhecido o caso da rapariga de Tokio que, por occasião do attentado contra o Czarevitch, se suicidou, atirando-se sob as rodas de uma locomotiva, offerendo-se como victima expiatoria do crime nefando, e no intuito de desvanecer com o holocausto da sua vida o profundo desgosto do Mikado pela quebra atroz da hospitalidade."

Este domilio que a mulher exerce no Japão, consideravelmente dignificado, está sendo aproveitado com habilidade na actual campanha feminista, e dada a requintada gentileza do japonês que faz da cortezia um principio, aliado ao espirito de sacrificio da mulher, tudo faz prever que a victoria da grande causa no Japão é segura.



Kamakura. — Escadaria e entrada do templo do Hachiman.

O mesmo escriptor e diplomata, dr. Oliveira Lima, tratando da influencia da religião na mulher japoneza assim se exprime: "O christianismo, si suas predicas tivessem encontrar accelliação maior, poderia ser de uma cooperação bemfazeja para o estabelecimento sobre solidas bases da influencia social, não só familiar da japoneza. O budhismo prescreve



Kyoto. — Pagode de Yasaka

a mulher uma posição irremediavelmente inferior, desde o momento que lhe nega o direito a immortalidade, sendo necessario para alcançal-a, que a alma da mulher se encarne noutra vida num homem. Tambem o budhismo a es-



Tokio. — Grupo de geishas, tocando e dançando cantos caracteristicos do paiz.

tigmatiza como tentadora e corruptora. No paraizo terrestre da Biblia foi igualmente a mulher a tentadora, agindo por um discernimento, enxada pelas perfidas fallas da serpente; de resto o Redemptor não se fez, para os effeitos de resgate, differença entre os sexos.

Perdoada, como o homem, ella possui os mesmos direitos á bemaventurança".

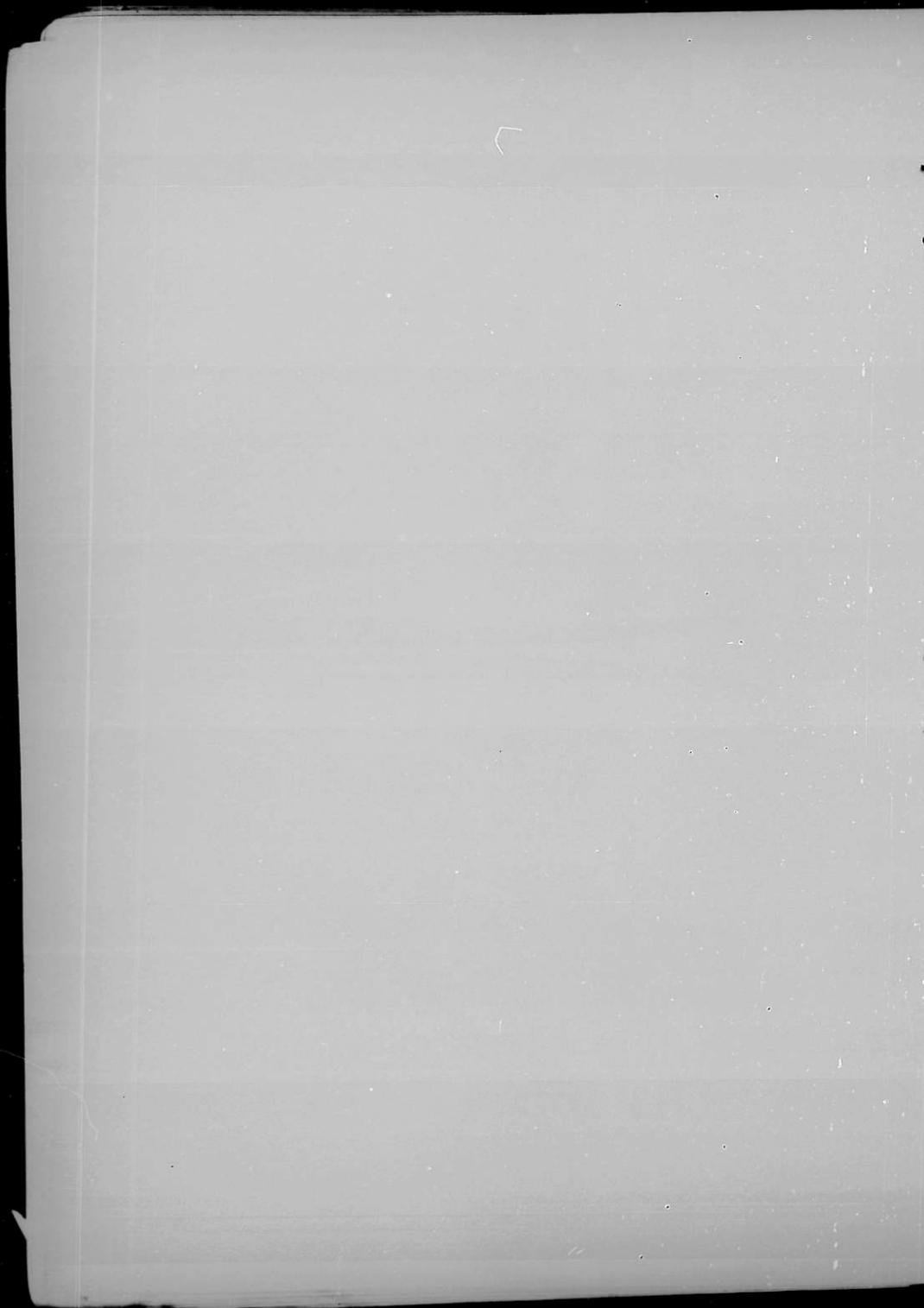
A religião no Japão tem sido e será o maior impedimento para o desenvolvimento do feminismo, porém o christianismo, nestes ultimos tempos pregado por missionarios catholicos tem feito conhecer a japoneza a sua verdadeira posição perante a sociedade e perante Deus. Não é portanto para se admirar si em um futuro muito proximo ouçamos fallar que o Japão está quasi que totalmente christianizado, dando o progresso sempre crescente da

catechese. Ella se começa no lar, por influencia da mulher e como em toda a parte do mundo, essa influencia feminina se estenderá á sociedade em geral, de tal modo que todas as camadas sociais recebam-na sem obstaculos, em virtude da sua penetração lenta e intelligentemente feita.

No Japão, melhor que em qualquer outro paiz, a influencia da mulher é decisiva, visto ter o japonês, por habito e por educação, o senso pratico de respeitar todas as decisões da mulher, mormente quando essas decisões partem das suas esposas.

O catholicismo no imperio do Sol nascente, nestes ultimos annos é o maior impulsor do feminismo, pois destruindo as archaicas theorias de Buddha elle mostrou á japoneza o grandioso papel que lhe está reservado no concerto dos pozos.





A juventude da mulher

Os humoristas como os musicos, costumam tomar certos temas populares e submettel-os depois a um processo de infinitas variações.

Talvez de todas as phantasias com que os graciosos escriptores tem fatigado a raça humana, não se haja apresentado uma em maior variedade de formas que a vontade das mulheres em parecerem mais jovens do que realmente são. O fado cruel, porém justamente até agora tem feito que a juventude e a formosura sejam de todas as cousas femininas as que mais depressa desaparecem. Enquanto que as estatisticas demonstram que as mulheres vivem em um termo medio um ou dois annos mais que os homens, tambem é um facto que ellas perdem sempre, apezar das rarissimas excepções individuaes, os especiaes encantos do seu sexo em uma epocha mui mais proxima.

Ha um grande numero de mulheres que não querem se capacitar que todas as edades tem o seu



A Adoração de Apollo.

(Dança astral)

encanto e as suas vantagens e que uma mulher de trinta, quarenta ou sessenta annos possa ser admirada como uma mocinha de dezessete ou vinte annos.

De todos os modos, é innegavel que, agora como em todos os tempos, os dois dons que a grande maioria das mulheres ambicionam com mais ardor são a juventude e a belleza.

Entre as gregas, celebres e famosas pela sua belleza, assim se succedia e Euripides, dando conselhos ás jovens a respeito do matrimonio, as fazia recordar sempre que a força do homem é constante enquanto que a flor da belleza abandona rapidamente a mulher, tema sobre o qual os poetas lyricos tem entoado os seus cantos.

Naquelle epocha tambem já se usavam as loções, os perfumes, os cremes, os cosmeticos e outros preparados para a conservação da frescura da pelle, das formas harmoniosas do corpo, do vigor, finalmente para a conservação de tudo que é bello na mulher. A mesma campanha que os medicos hoje fazem contra os espartilhos, salto alto, etc., alguns philosophos romanos censuravam as patricias que usavam e abusavam desses preparados destinados a aformosear o rosto.

Nos tempos medievaes, não se teve em grande conta o cuidado da belleza e de ha um seculo ou dois a esta parte, uma grande parte das mulheres tem podido gozar os encantos de uma belleza duradoura e as vantagens de uma juventude prolongada. Hoje em dia estes encantos e vantagens estão ao alcance de todas as mulheres e o segredo para adquiril-os está na assidua leitura da "Revista Feminina".



Um lindo effeito.



Sara em 1887.

Sara Bernhardt



Sara em 1887.

Sara aos 20 annos



A dama das camélias.

Sara, a divina, como era chamada pela critica de alguns annos, está pobre!

Ganhou mais de quarenta milhões de francos e diz não ter um franco de renda e confessa que não está triste de ter gasto e se lhe fosse permitido voltar à sua infancia para continuar a viver, seria o que foi. Está satisfeita.

Não ha muito tempo o governo francez offerreceu à insigne artista uma pensão com a condição de se retirar do palco, porém ella recusou porque, acostumada a viver na opulencia, gastando como entende, não podia ver-se de um momento para outro reduzida a uma pensão mensal e modesta.

Entretanto Sara Bernhardt, apesar dos seus oitenta annos e pico, ainda trabalha no theatre e está admiravelmente conservada.

O "Hamlet" e "A Dama das Camélias", foram as suas duas mais soberbas creações, onde a sua dramaticisação chegou ao auge, fazendo vibrar de emoção intensa as mais cultas e exigentes plateas de todo o mundo.

No Brasil ella esteve e tantas foram as manifestações feitas á genial artista que desta terra terá

guardado recordações indeleveis, pela fidaça acolhida que lhe dispensou o nosso povo e pela beleza sem par da nossa rica terra.

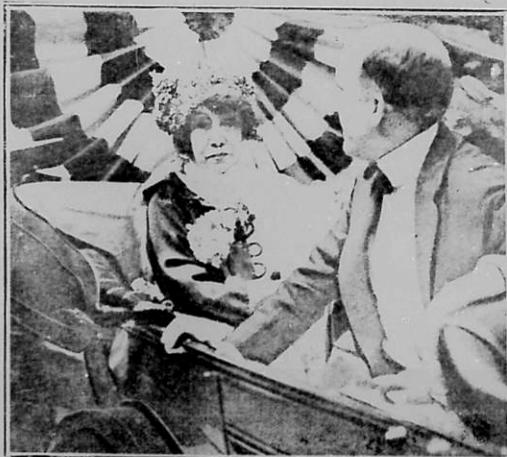
Ainda não completamente restabelecida da melindrosa operação, da amputação de uma perna, logo nos primeiros mezes da grande guerra, Sara Bernhardt apparece nas trincheiras da retaguarda declamando versos patrióticos aos soldados, concitando-os com sincero fervor á lucta pela victoria final.

Ella não conhece o trabalho nem a fadiga; a sua idade e a sua actividade assim o demonstram.

A sua mocidade foi farta de aventuras empreendimentos, e desde logo deu mostras de que devia ser para um futuro não mui remoto.

Os poucos annos que esteve no collegio quasi que deu cabellos brancos ás irmans. Expulsa diversas vezes, sempre achava um pretexto para voltar ao mesmo collegio, onde era sempre recebida de braços abertos.

Um dia, afinal, Sara se compenetrou de que já era tempo de tomar juizo. Nessa occasião dissera a uma das irmans: "Se eu não fór uma artistaerei uma freira". E de facto, é uma grande artista.



Sara Bernhardt na festa celebrada em sua honra em Prospect Park, Nova York.

Caricaturas, charges e alegorias antigas



"O tempo regido por Deus", gravado
hispânico do século XV.



"A dorminhoca", caricatura alemã
do século XVIII.



A morte disparando flechas, gravado
hispânico do século XV.

A caricatura e a charge tiveram em todos os tempos autores em distintos. Se hoje ellas constituem uma especie de doença ou mania no século XVIII, os nossos antepassados, parece, que soffreram d'ella no mesmo mal. Não se pode negar que n'quelle tempo os homens, ao saír de guerreiros bellicosos e fragmentos espanhólicas, achavam t'ambém algum momento para satyrisar os costumes da época com charges e charges de espirito e caricaturas que, se para nós são apenas e insuções para elles constituem alegres momentos e provocam muitas gargalhadas.

Ao lado dessas caricaturas e muito commum dispararmos com pinturas ou alegorias que dão uma idéa nítida do estado que tinham as caricaturas de estado media e terminos da vida moderna, a facts e das causas que observavam.

Essas caricaturas, charges, allegorias e mesmo pinturas, nos são transmitidas hoje através das revistas e dos cartões postaes; algumas d'ellas ainda existim os originaes nos museus publicos, outras são cuidadosamente guardadas nos museus particulares de nobres e aristocratas americanos, os francezes e outros ainda no Vaticano, que é o maior e mais

rico collectionador dessas antiguidades artisticas. A "morte" do século XVIII, n'uma pintura, contendo que fazemos as referencias do século XV, do tempo como elle era real. Caricatura e a figura do sapateiro italiano do século XVIII, mostrando a morte da época, com a morte da morte, a morte da morte, e um outro conceito feito ainda pela morte do século XV.

"A escola dos maridos" e uma caricatura franceza do século XVIII, aludindo a época e a vida de ter esposa, e a situação das circunstancias da época, assim como a "Dorminhoca", caricatura alemã do mesmo século.

"As setas da morte" e um gravado do século XV, mostra uma charge de do seu tempo, sobre a morte e a consciência, que ninguém tem o "che" que ella, que ninguém tem o "che" mais feliz, que ninguém tem o "che" mais feliz.

São modos de ver que ninguém pode contestar.



"As setas da noite", desenho de Deveria



"A escola dos maridos", caricatura
franceza do século XVIII.



"O sapateiro", caricatura italiana do século XVIII.

O Cão



Amigo por excellencia do homem, o cão, tem as suas faculdades affectivas mais desenvolvidas que qualquer outro animal domestico.

Innumeros são os actos de verdadeiro heroismo e de abnegada delicadeza praticados por esses nossos fieis aliados. A historia não o repete quasi que diariamente e apesar disso é revoltante a incuria e a desdem humano para com esses guardas valentes que nas occasões de perigo são os nossos unicos amigos, deixando-se matar a ver o dono sofrer a men e offensa.

A grande guerra está repleta de episodios commovedores e emocionantes onde os cães tomaram parte saliente. Nos assaltos ás trincheiras, quantas vezes não vimos o cão do regimento furioso, como um patriota, acompanhando os soldados, se lançar contra o inimigo, cahindo ferido e as vezes morto durante a refrega. Depois de ter prestado auxilios valiosissimos? E' bem conhecida a historia do cachorro de um egipto impedindo e dando alarme, quando as avançadas inimigas estavam bem proximas ás trincheiras para tomal-as de assalto, o que teriam

feito, si não fosse o raivoso latir do soelete animal que ousadamente atacou os assaltantes e depois de muito ferido veio morrer junto aos soldados, apesar dos esforços empregados para salvá-lo. Milhares de outros exemplos poderiam ser citados de animaes que têm um instincto de tal maneira aperfeiçoado que chega a tocar as raias da razão.

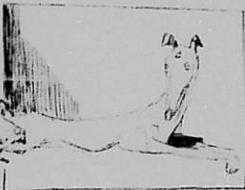
Já de ha muito que tem sido louvado o famoso cão Rolf; os cavallos de Elberfeld, cuja historia já é por demais conhecida, bem como os cães auxiliares da Cruz Vermelha, que tão relevantes serviços prestam ao homem com a sua expressão de intelligencia e carinho no arduo serviço da guerra.

Buñon conta, no seu magnifico livro, os casos mais suggestivos da intelligencia dos animaes. Herschel affirma ter ouvido dezenas de vezes o hymno inglez "God save the King", trinado por um canario.

Seneca e Plutarcho acreditavam que a humanidade aprendera com a andorinha a construir casas e com a aranha a tezer panos.

Buller, na sua notavel obra, cita varias especies de aves que não sobrevivem á morte de um dos conjuges, tal o illimitado amor que, justifiadamente, une para sempre os pequeninos corações...





O cão mais especialmente que qualquer outro animal, pela sua convivência no lar, tem merecido mais carinho por parte dos homens que qualquer



outro. Assim vemos entre nós o chamado cão de luxo, chic, geralmente caro, sujeito a uma higiene muito idêntica à nossa, fazendo parte dos "menages" elegantes e que precisa duma educação rigorosa, para

que não vá o "malcriado", no convívio mundano, disparatar, como se fosse um cão de rua.

Geralmente elle é habilidoso e tem uma certa educação, não se agarrando às pessoas, incommodando-as.

Nada mais feio que um cão empoleirando-se e encabritando sobre nós. Incommoda e arriscamos estragar a roupa, embora suas excellências ordinariamente pizem os macios tapetes e tenham as mãos

e pés limpos. É raro o cãesinho domestico que não faça habilidades, com grande gaudío da creança sempre prompta à gargalhada franca. Porém é preciso ensinar o animal a fazer, porque o cão de luxo que não as faz é um cão máu e desgracioso. Não é difficil ensinalo, mas é preciso muita paciência, pois requer muito tempo e assim se leve fazer quando elle tiver apenas

dois ou tres mezes. Sem pretendermos nos arvorar em professores de habilidades caninas, convem salientar que os castigos muito em uso antigamente foram quasi que totalmente abolidos, e só em casos exceptio-



dois ou tres mezes. Sem pretendermos nos arvorar em professores de habilidades caninas, convem salientar que os castigos muito em uso antigamente foram quasi que totalmente abolidos, e só em casos exceptio-



naes elles devem ser applicados.

Expandem-se a muita rasão suggestivos de entendimento e das manifestações de intelligencia dos animaes, queremos affirmar, imparcialmente, que essas manifestações não são mais do que as suas admiráveis qualidades de Reconhecimento e Dedicação, que elles possuem, embora em grau differente do que nós outros.

Maeterlinck, como observador profundo e dedicado amigo dos animaes, nunca se separa do seu amado Bull-dog.

Sob o ponto de vista utilitário, o cão de guarda é o que mais se recommenda e requer assim como o de luxo, uma certa educação. Consiste este ensino em habitua-lo a ser contrariado a todas as pessoas estranhas desconfiado e rígido, educando-lhe os sentidos da vista, do tacto e da audição, de modo a fazê-lo reconhecer rapidamente as pessoas amigas das desconhecidas e a precipitar-se sobre estas, latrando para indicar a sua presença.

Com este fim o milho e o terro do cão sempre presente ao lado em um sitio para elle ver bem quem entra na propriedade, saltando-o unicamente durante a noite. El' também convenceste quando a familia do dono da casa se senta à mesa para as refeições ou quando esteja jantando, sentar o cão de modo a permittir que elle a farsje e a veja fiavelmente, assim sua conhecida o guardará em resultado, el poder mesma pousar a qualquer hora do dia ou da noite sem inconveniente. De resto, estes cães devem ser escolhidos entre aquelles que já tem disposições para o fim em vista, parecendo porem melhores os de grande corpo, pois estes, por si só são



muitas vezes causas de medo para os ladrões. Especialmente chamamos attenção para os fillos, dogues-bull-dogs, ou os cruzamentos entre os tres.

Com o fim de os treparem, os seus donos devem de vez em quando aguilhões. Igualmente devem receber alimmento de uma só pessoa ou então de duas, porem sempre as mesmas, não permittindo que o recebam de qualquer mão, pois isso tem o inconveniente de poderem ser envenenados pelos ladrões.

Para guarda pessoal são bons os bull-dogs que devem ser habituados a atacar e a saltar sobre as pessoas, para o que o dono agarrando um individuo, gritará como que afflicto: — acauda... (dizendo o

nome do animal). Incontinenti deverá, quem assim ordenar, por ao abrigo da furia do cão a pessoa agarrada, pois em caso contrario as suas consequências seriam as mais desagradáveis. Repete-se a scena um certo numero de vezes, e mais tarde ensina-se o cão a abandonar o individuo por meio de ordens concisas e rispitas.

O cão de tiro é quasi que desconhecido no Brasil: a não ser alguns verdureiros que impiedosamente os atrelam ás carrocinhas cheias de verduras, legumes e hortaliças, fazendo-os carregar peso superiores ás suas proprias forças, não tem visto esses bellos especimens que constituem o orgullo dos belgas, que tem os mais aperfeiçoados e robustos tipos.

Si na capital e nas grandes cidades encontramos grande quantidade de cães de luxo, no interior, os cães de guarda e os de caça são em tal numero elevadissimo.



Incontestavelmente estes são os mais bellos, mais elegantes e, ainda, mais distinctos: de linhas perfectas, porte activo como que sempre procurando uma posição graciosa, o cão de caça prima pela sua grande agilidade e vivacidade de movimentos. São corredores como os cães da Gasconha, de Saintonge, Poitou, Vendin, São Huberto, Normanço, Talbot, Fox-Lourn, Beagle e outros; ou são de mostra, rasteiros, como o perdigueiro, o Braco, o Epagneul, o Griffon, o Pointer, o Setter e outros. Porém, quer de uma variedade ou de outra só se prestam para a caça e na falta de quem os leve ao campo, são a caçar sózinhos, o que estraga muito o animal.

Está se generalizando entre nós o uso do cão de gado que de todos é o mais resistente e o de maior força. O dinamarque é um excellento typo, porém morre dentro de muito pouco tempo e não tem aquella fibra energica de fila que apesar de ser um dos melhores modelos de cão de guarda ainda o é como de gado.

Inumeros são portanto os serviços prestados por esses nobres animaes e maior ainda é o numero de ingratiões que elles recebem no fim da vida, atirados ao acaso, soffrendo os horrores do fome e do frio, da perseguição e da pancada de quem hontem, talvez, lhe deva a propria vida. O homem é quasi sempre cruel e ingrato, porém no meio de tanta injustiça e maldade surgem espiritos bem equilibrados e corações bem formados que se lembraram de dar um abrigo não somente ao cão, como a todos os animaes que nos são uteis, nas suas doenças e na sua velhice.

A Sociedade Protectora de Animaes entre nós é ainda a unica que vela carinhosamente por esses amigos e escravos do homem. Entretanto nem todos são ingratos e cruéis e a prova disso estamos vendo com o desenvolvimento da zophylla no Brasil e principalmente em São Paulo, que é um facto graças á iniciativa quasi que exclusivamente particular, pois o governo todo absorvido pela politica pouco fez e quasi nada fará.

Em França tivemos durante a guerra, cães condecorados, dignos da estima dos verdadeiros patriotas, como o cão de Malines que levava sob a colleira uma orden escripta para um coronel em uma trincheira distante e que apesar de ferido e perseguido por uma patrulha de nhlanos se escondeu em um pequeno matto durante uma hora, chegando ao local determinado, com tempo ainda do official fazer a manobra ordenada e salvar quasi que oitocentos homens de um movimento involvente!

Não menos abnegados são os cães que trabalhavam na Cruz Vermelha ou os empregados no transporte das metralhadoras belgas. O europeu é talvez mais

ensível que o americano; inumeros foram os actos de reconhecimento não só dos habitantes das cidades expostas á lucta, como também dos demas outros - dos proprios governos para com os cães - cavallo - que morreram ou que serviram na guerra.

Aquelles têm até monumentos como na Inglaterra e estes passam a vida tranquilla e socegalmente nos hospitaes.

Se imitamos tudo que vem da Europa, porque não nos miramos nesses exemplos de bondade tão caracteristica daquelles estrangeiros para com os animaes que são nossos amigos, nossos serviaes e nossos escravos?

Até bem pouco tempo era simplesmente barbaro e estúpido o systema da matança dos cães então usado pela municipalidade. No interior do Estado algumas municipalidades parecem querer apostar qual é a mais deshumana. Seria talvez de bom alvitre que a S. Protectora dos Animaes fizesse criar em cada cidade uma filial, succursal ou uma sociedade autonoma com o mesmo fim que á da capital.

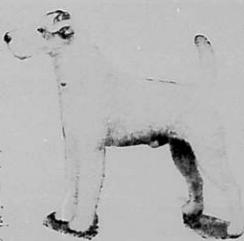
Nesta capital está se construindo um hospital para animaes, pois a sua protecção não é hoje apenas uma questão de humanidade; o é também de civilização. Todos os povos cultos do mundo têm como um dever indilivél o socorrer os animaes, e sentir-se-tam envergonhados de ver um pobre miar — honesto e laborioso operario, mudo e indefeso — ficar atirado a um canto, longe da devida assistencia veterinaria, que o seu labor e os seus caracteristicos de victima do trabalho estão a reclamar de modo a thegorico.

A causa é sympathica, não ha duvida, e merece o apoio de todos os corações bem formados.

Na Alemanha, na França, Inglaterra, Belgica, Estados Unidos e outros países europeus e americanos existem serviços de ambulancia perfectamente organisados para os animaes machucados e doentes, quando em serviço ou mesmo fóra d'elle, sendo entretanto digno de nota que nesses hospitaes o cão é de todos os animaes o que mais preoccupa a attenção do homem, prestando assim mesmo, depois de velhos, alguns serviços leves.

Portadores de recados escriptos, de uma secção para outra, guardas, meramente decorativos nas entradas durante o dia, elles se compenetraram tão perfectamente ben do papel que representam como se fossem sadios e robustos.

E' humano ser bom e proteger os animaes, e revela quem assim o fez, aquelle sentimento de gratidão, para com aquelles que até bem pouco prestaram serviços valiosos, arriscando a vida, inumeras vezes, como o cão, typo da fidelidade.



UM GESTO NOBRE

As senhoras paulistas, amadas do mais alto espirito de patriotismo puro e elevado, secundando a acção da benemerita Liga Nacionalista, dirigiram ao sr. Presidente da Republica, por intermedio daquelle liga, a seguinte mensagem contra a regulamentação do jogo:

"As damas paulistas, secundando a patriótica acção da Liga Nacionalista, vêm, por este meio representar a v. exa., contra o projecto inominavel sobre a regulamentação do jogo.

Elas jamais deliraram da memoria o conceito que do jogo formulou a palavra magica de Ruy Barbosa:

"De todas as desgraças que penetram no homem pela algebeira, e arruinam o caracter pela fortuna, a mais grave é, sem duvida nenhuma, essa: o jogo, o jogo na sua expressão má, o jogo na accepção usual, o jogo propriamente dito; em uma palavra: o jogo, os naipes, os dados, a mesa verde".

"Esse mal, que muitas vezes não se separa do lupanar senão pelo tabique divisorio entre a sala e a alcova; essa fatalidade, que rouba ao estudo tantos talentos, a industria tantas forças, a probidade tantos caracteres, ao dever domestico tantas virtudes, a Patria tantos heroismos, reina sob sua manifestação completa em esconderijos, onde a palavra se abastarda no calão, onde a personalidade humana se despe do seu pudor, onde a embriaguez da cobardia cynica e obscena, onde os maridos blasphemam pragas improprieis, contra a sua honra conjugal, onde, em uma communhão odiosa, se contraem amizades inverosímeis, onde o menos que se gasta e o equilibrio da alma, o menos que se arruina e o ideal; o menos que se dissipa e o tempo, este tão precioso de todas as obras primas, de todas as utilidades solidas, de todas as acções grandes".

Elas jamais deixaram de revêr este quadro social que o mesmo pincel traçou: "Permanente como as grandes endemias que devastam a humanidade, universal como o vicio, furtivo como o crime, solapado no seu contágio com as invasões purulentas, corruptor de todos os estímulos moraes, como o álcool, elle zomba da decencia, das leis e da policia, abarca no dominio das suas emanações a sociedade inteira, nivela sob a sua ilprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indifferente até os mais baixos volutabros do lixo social, alcança no requinte das suas seducções as alturas mais aristocraticas da intelligencia, da riqueza, da autoridade; inutilisa genios; degrada príncipes; emmudece oradores; atrai á luta politica almas azedadas pelo calixtismo habitual das paradas infelizes, a corações degenerados pelo contacto quotidiano de todas as impurezas, á concorrência do trabalho diurno os naufragos das noites tempestuosas do azar."

E este panorama das almas dos viciados: "Quantos destinos não se contam por ahí dominados exclusivamente na sua irreversivel esterilidade pela acção desse fadario maligno! Quantas vidas, que a natureza dotara de prendas excellentes para a felicidade propria e o bem de seus semelhantes, não se consomem, graças á tyrannia dessa paixão ab-

sorvente, no descontentamento, na revolta, na inveja, na malevolencia habitual! Quantos phenomenos inexplicaveis de reacção, de cólera, de odio ao que existe, de despeito contra o que dura, de guerra ao que se eleva, de irreconciliabilidade com o que não se abaixa, não têm a sua origem dos contratempos e amarguras dessas existencias aberradas, que sacudidas continuamente pelas emoções do inesperado, se alimentam das suas surpresas, se estiolam com as suas decepções, e, vendo a felicidade repartir-se ás cegas pela superficie do taboleiro verde, acabam por suppor que a sorte de todos, neste mundo, se distribue com a mesma casualidade, com a mesma desproporção, com a mesma injustiça, acabam por vêr no merecimento, no esforço, na economia, na perseverança, coisas ficticias, estranhas, ou hostis, acabam por confundir o sudario divino dos martyres do trabalho, com a pobreza exploratoria em que a ociosidade amortalha os desclassificados de todas as profissões".

Estremecemos por nossos filhos, nossos maridos, nossos irmãos. "Innumeravel numero de criaturas, que a tentação, o exemplo, o instincto, o habito, o acaso, a miseria levam a passar por esse labirinto, cuja clientela vai periodicamente fazer-se apodrecer allí por goso, por necessidade, por avidez, e na corrupção de cujos mysterios cada iniciado se afiaza á fit deixando aos poucos a energia, a fé, o juizo, a nobreza, a honra e a temperança, a caridade, a flor de todos os affectos, cujo perfume embalsama e preserva o caracter". "Só o jogo não conhece remittencias: com a mesma continuidade com que devora as noites do homem occupado e dos dias do ocioso, os milhões do opulento e as migalhas do operario, tripudia uniformemente sobre as sociedades nas quadras de fecundidade e de penuria, de abundancia e de fome, de alegria e de luto. E' lepra do vivo; é o verme do cadaver". Nunca uma pena reflectiu com mais exacção a realidade temerosa de jogo. Não ha ninguém que ouse negar a verdade desta magistral lição sobre os horrores e os mais inenarraveis do terrivel arruinador do caracter, da honra e da consciencia. E agora, em pleno cenotario, para insuflar este germen pestifero no organismo do Brasil, balbuciam em desculpa, a troco não se sabe de que lucros inconfessaveis, no parlamento e na imprensa, a intenção mentirosa de sanear com os trinta dinheiros do jogo, os nossos serções. Será alastrar a maior desgraça moral, a lepra do vicio e o verme do cadaver para curar endemias de ordem physica.

Nunca se ousou afrontar tanto a honra do Brasil. Em nome da tranquillidade dos nossos lares ameaçados, em nome dos bons costumes sociaes, de cuja tradição nos orgulhamos, em nome da religião divina de Christo, em nome da Patria, app' llamos para vós, exmo. sr. dr. Arthur Bernardes, presidente eleito da Republica do Brasil. Não haveis de permitir que tamanha vergonha jámais surja no Parlamento Brasileiro e tarje de preto, para não se sabe até quando, a dignidade do Brasil.

Esta maldição não cairá sobre a vossa cabeça."

Sob a cerejeira

— Jamais me esquecerei desta cerejeira, toda florida e da tua voz commoída ao pr metter-me tomar por esposa depois que a guerra terminasse...

— Enquanto tu puchavas um galho para junto do teu rosto, como para esconder o rubor, eu juravi defender a nossa França e colerto de glorias vir offerecer a ti o meu nome...

— E' verdade Luiz. Quantos horrores desde aquelle dia! P'r tua causa e pela patria corri o serio risco de ir desta para outra vida... e a esta hora onde estaria eu?...

— Laura. Essa cruz que trazes no peito, que te foi conferida pelo governo representa um padrao de gloria de um valor inestimavel. E agora que tudo está acabado, que pela primeira vez depois de cinco annos posso te fallar, conta-me a tua façanha. Meus companheiros já m'a repetiram centenas de vezes, porém quero ouvir de ti me e mo essa narração.

— P'is bem, escuta-me então: quando estalou a guerra, nós moravamos em uma quinta perto de Altkirch e tu ha dois kil metros alem no dia que me disseste, sob esta mesma cerejeira que não attendias ao chamado de mobilisação dos boches, senti uma voz extranha me aconselhar para deixar os meus e ir cumprir o meu dever na ambulancia franceza.

Mais tarde, soube que tinhas atravessado a fronteira e sob o commando de Pau te batias na Alsacia. Parti então. Porém quizeram os fados que eu me detivesse junto á herdade da senhora Genevieve. Ali fiquei porque todos os caminhos estavam tomados pelas tropas allemans. Puz-me a trabalhar juntamente com a sra. Genevieve quando os allemães se installaram na herdade e tomaram conta de tudo; os mantimentos, creações e até o vinho que nos tinhamos, tudo elles levaram e consumiram.

Um dia achava-me na cozinha trabalhando quando ouvi um official bavaro que contava ao outro uma incursão de surpresa que ia fazer nas trincheiras francezas, a leste da herdade, a 2 kilometros, onde elles se julgavam seguros e ao abrigo de qualquer ataque allemão. Para isso, diziam elles, a frente d'Oeste preparava-se para simular um ataque: "cahirão numa armadilha e trucidaremos todos, pa-

ra pouparmos o trabalho de trazer prisioneiros escoltados cerca de oitocentos homens".

Cousa horrivel, meu Luiz! Fiquei gelada de pavor ao pensar na sorte que estava reservada a oitocentos prisioneiros e no meio das quaes devia estar tambem! Decidi então empregar todos os meios que p' dia dispor para tentar o salvamento daquelle força. Mas como? De que jeito? pensavi. Resolvi fugir á noite, porém desde o escurecer vi que seriam inuteis todas as tentativas, pois a cem metros alem da casa da herdade eram f'postas as sentinellas de tal ordem que era impossivel a minha fuga.

Estava nessa conjectura quando vi uma garrafa vazia no chão tive a idea salvadora: Escrevi o que sabia e dentro da garrafa puz o papel e confiei á correnteza do rio que passava junto á casa aquelle thesouros, e es se rio tu ter á trincheiras francezas de leste.

Com grande alegria soube no dia seguinte que os boches foram recebidos dignamente e de 3.500 homens, apenas voltaram 220. De pedras agradei a Virgem a sua manifestação pr teção pela França.

Prepararam os allemães a vingança e novamente puz em pratica a mesma idea e nova victoria franceza veio no encher de julho. Um dia porém dispunha-me a fazer a mesma e isa quando fui surpreendido por um soldado que me levou até ao major commandante que me submetteu ao conselho, sendo summariamente condemnado a morte. O official após ler a minha sentença de morte, perguntou si tinha alguma recommendação a fazer e eu então gritei bem alto: Viva a França! Uma luzlaria intensa se ouviu de todos os lados; os francezes tomavam de surpresa a herdade depois de aprisionar todas as sentinellas sem um tiro.

...

Dois braços se enlaçaram e as cruces da Legião de Honra se estreitavam e a cerejeira emballada pela briza fazia meneios graciosos ao jovem par que depois de cinco longos annos se encontravam no mesmo local.



LAZARO

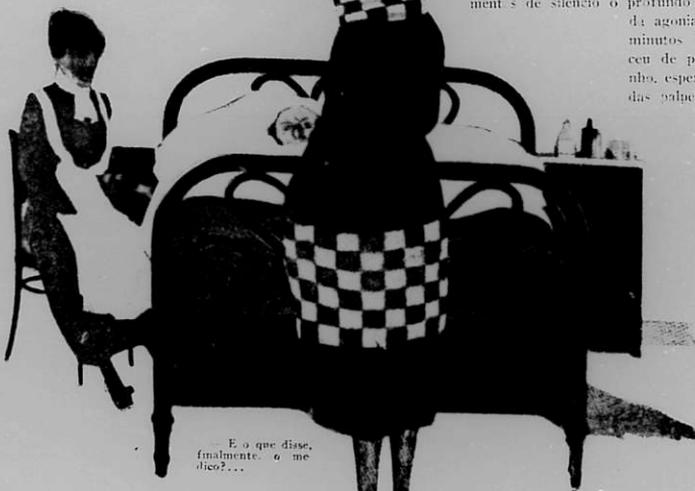
Apezar da extraordinária limpeza e hygiene, assim mesmo o quarto tinha aquelle odor característico dos aposentos fechados. Sobre a mesa da cabeceira estavam espalhados diversos frascos de remedios, e dentro os lençõs, no traveseiro se destacava a cabeça magríssima, esquelética do enfermo. As duas creadas, enquanto terminavam os trabalhos da tarde fallavam em voz baixa:

— Já não deve demorar. O trem chega as cinco.

— Que effeito causará ao doente a afilhada?

— Ou melhor que effeito causarão a ellas a visita da mesma? Ha tanto tempo que não se vêm... até podem parecer extranhos... entretanto até as sobrinhas...

— O sangue sempre é o sangue. Ellas que sempre andaram como bois soltos, está um por seu lado, nunca pensaram



— E o que disse, finalmente, a medico?...
— E o que disse, finalmente, a medico?...

que em um momento deste justamente fosse a occasião para o encontro.

— Si nesse, dois dias tem havido o que houve... quando chegar a afilhada que é quem vai ser a maior herdeira...

Nessa occasião a campainha soou forte e enquanto uma foi attender, a outra permanecia ao pé do doente que ao toque da campainha sentiu um tenue sobresalto. Pouco depois se percebeu um cochicho no quarto proximo e ao cabo de alguns segundos a recém-chegada entrou, seguida das duas sobrinhas, que hostis se detiveram para observar-a demoradamente. A afilhada era jovem, loura, de amplos olhos azues; as sobrinhas, quarentonas já, tinham perdido todo o attractivo da graça feminina e se pareciam extraordinariamente. Uma dellas, a mais velha, rompeu o silencio dizendo:

— Tanto faz entrar ou não, Herminia; já não conhece ninguém.

E a interpelada, voltando o rosto em um gesto rapido de censura, com os olhos raios de lagrimas, soluçou:

— Porque não me avisaram antes? En teria cuidado delle todo o tempo... Sabiam muito bem da preferencia que o padrinho dispensava a mim.

— Avisamos quando poudemos, filha... Demais... Que te importava chegar a tempo? Estava tudo preparado desde a ultima occasião que aqui estiveste.

— Oh! Beátriz!

As creadas haviam-se collocado a certa distancia nos angulos do quarto, enquanto que a recém-chegada se encaminhou para junto do enfermo, e com um lenço enxugou a sua fronte. Se percebia o arfar do seu peito, por debaixo do lenço e nos momentos de silencio o profundo e irregular estertor da agonia... Durante alguns minutos Herminia permanecia de pé olhando o padrinho, esperando que de dentro das cobertas surgisse algum

raio de vida ou que a de tra esquelética estendida por sobre o lenço se alçasse até ella, ou fizesse algum gesto de reconhecimento; para cortar a angustia da espera inutil, voltou-se a fazer perguntas ás creadas:

— O que disse o medico? Não deu esperanças?... O padrinho sempre foi tão forte!...

— Desde hontem que perden os sentidos e o medico suspendeu todos os remedios... Segundo pensa, elle não aguenta esta noite.

Houve um outro momento de silencio, depois todos sahiram da alcova... Uma das creadas veio prevenir que a ceia estava preparada na sala de jantar. Sob a lampada electrica, as tres phisionomias revelavam mortificantes inquietações; pouco comeram e o menor ruido vindo do quarto paravam todos os movimentos. Sobre a afilhada, cahiam a miudo os olhares das duas sobrinhas e um desejo tacito de saber, de abordar frente a frente a questão, fulgia naquellas quatro pupillas cor de aço.

Nada haviam dito entre si; dois dias antes de receber as graves noticias do enfermo apenas ligeiramente tinham alguns pontos de afinidade. E ante o perigo pareciam ser ambas uma só pessoa, unidas, coesas como os eram no physico: rosto de maçãs salientes, pelludo, em contraste

com a cabeça que pouco cabelo tinha, além de muito estreita. Temerosas se vigiavam e agora ainda mais a afilhada. Nem um só momento, naquella atmosphera carregada de presagios e propicia a evocações, tiveram aquellas duas mulheres um desfalecimento de ternuras ao pensar naquelle que a poucos passos agonisava. Orphans, ainda quando creanças, viveram com o tio, oppondo ás suas esquisitices de solteiro, caracteres indomitos, sempre em lucta aberta, e incapazes de agradecer a hospitalidade que lhes era concedida com as delicadezas de mulheres ou os mimos de creanças; amarguraram os annos que viveram em sua companhia e quando o amor as procurou, em companhia dos esposos, se foram, soberbas na sua illusão juvenil, lançando em rosto a sua avareza e juraram que jamais se lembrariam daquelle maldito dinheiro... pelo qual volviam agora, temerosas da afilhada. Quando uma chegou a outra já tinha feito um inventario da baixella de prata, dos quadros, rebuscado os moveis e tratado de saber si o tabellião alli estivera alguns dias antes. Ao se encontrarem não tiveram a minima expansão de alegria, nem de conciliação, nem fallaram das incompatibilidades antigas. Uma não interrogou a outra sobre a vida do esposo ou dos filhos. O encontro temido e calculado no vagão da estrada de ferro se verificou então; era como que uma tregua na qual ambos deviam se precaver contra a intrusão; terminado esse assumpto, o mais importante era saber se estariam de accordo ou não; porém para esse ponto havia ainda muito tempo... Já estava sobre a mesa a fructeira com laranjas, unica nota alegre, naquelle sombria sala de jantar, quando as duas cruzaram olhares inteligentes e a mais velha dirigindo-se para Hermínia, disse:

— Como mais cedo ou mais tarde devemos fallar nesse assumpto é melhor que fallemos já. Sabes se ha alguma disposição feita ou testamento?

— Eu?

— Sim, tu mesmo; não te faças de boba... Eras tu quem perambulavas por aqui enquanto que nós outras estavamos distantes desta casa e apezar de ter sido sempre um inimigo de testamento e papeladas...

— Eu estive aqui somente por occasião da ultima enfermidade, ha dois annos, quando não quizeram vir ou talvez, não pouderam vir.

— Bem, bem... As idiotas somos nós em te perguntar... Ainda mesmo que soubesses de alguma cousa jamais abriarias a bocca... Para te fallar com franqueza é bom que fiques sabendo que si no cartorio não existe algum testamento, daqui não se tira nenhum figo podre, mesmo que venha toda a guarda civil. E si foi feito algum testamento para nos prejudicar, pleitearemos os nossos direitos até a ultima instancia, gastando o ultimo vintem e queimando o ultimo cartucho.

— Ninguém aqui se occupa de disputar heranças. Si tivessem me avisado antes...

— Como da outra vez, é boa!... Desta vez tomamos as nossas precauções e felizmente fomos nós que te avisamos.

— Quando o poltre padrinho já é quasi que um cadaver e não reconhece pessoa alguma. Não me importam os bens por elle deixados e sim a judiação que o mesmo vem sofrendo.

As vozes se haviam alterado e os chrystaes tremiam na mesa sob o contacto das mãos nervosas. A campainha impoz silencio e em seguida o medico entrou, esfregando as mãos e fazendo reverencias como doutor de gente rica. Ao seu olhar interrogativo responderam que o doente estava na mesma. Elle confirmou o diagnostico e prognostico e até deu algumas providencias para as formalidades legais; pediu licença para passar ao quarto do moribundo, examinando-o demoradamente, verificando os frascos de remedios sobre o creado-mudo, até que fez o paciente beber algumas gottas de um liquido dourado. Depois tomou o pulso, consultou o relógio e voltando-se para as mulheres, disse:

— Está por pouco... Pela madrugada estará com Deus; podem ir preparando tudo.

Quando o medico foi embora, as duas irmãs allegando diversos pretextos quizeram fazer sahir Hermínia do quarto, porém esta resistiu; parecia que junto aquella cama ellas não tentariam renovar aquella odiosa conversação anterior. Enquanto velavam, a irmã mais velha ordenou que trouxessem um lençol, que doborou dizendo ser aquelle o mais proprio para a mortalha e piz-se a redigir o convite para enterro. No silencio reinante o ruído da penna sobre o papel, a cor marfilina do doente e a antipathica presença daquellas duas mulheres, provoca-



— Sim, tu mesma e não te faças de boba!...

vam uma sensação estranha e desagradável a afilhada. Porque veio? interrogava ella a si mesma. Muita falta lhe fazia o seu padrinho e principalmente se elle não deixasse algum dote, porem por tal preço nunca! Um desses relogios tudetares que nunca faltam nas casas antigas, cantava as horas que a Herminia pareciam deseguaes. Duas vezes o somno ta venceu-a quando o cochicho a fez despertar. Aê quando tinha as paupérrimas cerradas, sentia sobre si os olhos vigilantes de uma das irmans. Quando os chrystaes e meçaram a se illuminar pela luz da manhan, o enfermo fez um movimento e abriu suavemente os olhos.—Conheceu? A ella pareceu que sim, porque com o olhar buscou-a com afan e soçegou quando ella falou e depois, a sua mão esquisitica procurou em vão se mexer, se alçar até ella. Pouco a pouco enquanto que a claridade se dorava, um reflexo de luz de vida fulgurou nos ois do padrinho. Herminia teve medo que essa chispa de luz intensa fosse a precursora do fim; mas a melhora se accentuou e já pela manhan teve a certeza de ser reconhecida e sentiu sobre a sua mã, a caricia dos tres dedos angulosos... As irmans iam e vinham desasseogadas e quando chegou o medico, pouco antes do meio dia, recordaram-no de ceinho carregado como a estigmatizari-lhe o erro.

— Que natureza! — disse elle. — E' duro até para mim... porem já está morto; só falta fechar os olhos.

Porem o enfermo desmentia a essas sabias palavras, cobrindo animo de hora em hora. Não podia fallar; parecia não fallar com as conversações que se verificavam junto do leito, a vida se manifestava pela vontade de o-har e uma certa tendencia de mover a mão... Herminia olhava de tempos em tempos o lençol que devia amortalhar o padrinho e o rascunho para convite de enterro que havia ficado sobre a escrivaninha, e tremia de pavor pensando que o doente percebesse os preparativos então feitos. Seus olhares de supplicas, seus gestos, seus pedidos não foram attendidos. Somente quando o doutor se resolveu sentar naquela cama, transformada em caravana de morte, foi que ellas resolveram pôr em um lugar mais occulto o lençol e o papel. No leito, a enfermidade tornava mais visíveis os seus traços; o esqueleto parecia querer sahir pela pelle rugosa que o cobria e no cranio o milagre da intelligencia se reflectia pelo gesto torvo que o enfermo fazia a aproximação das sobrinhas ou a viva alegria quando olhava para a afilhada. Foram dias cruéis; e todo o momento, de dia e de noite, Herminia sentia-se fiscalisada; as irmans se revejavam para tornar sua fiscalisação mais critica. Temersas que o enfermo recobrasse o uso da falla ou com o olhar podesse indicar á afilhada o documento que ambos procuravam com desespero tornava aquella situação francamente intoleravel. E ainda, no mesmo quarto, entre suspiros se lamentavam daquella injusta obstinação do tio em não abandonar uma vida da qual nenhum goso podia tirar.

— Eu que tinha providenciado para no dia 15 deste, tirar de casa os tapetes de inverno! Que extorsão!

— Pois eu que ainda tenho de fazer um vestido para a minha filha commungar... Si te digo que...

Os olhos morteiros do doente se illuminaram e delles partiram dois raios brilhantes que foram cravar-se nas sobrinhas. Teria ouvido? Sim, ouviu! Sua bocca era incapaz de articular uma só palavra porem os ouvidos pareciam ainda servir de entrada a consciencia.

Uma sombra de desesperação cobriu o seu rosto, e aquelle monte de ossos se mexeu irado. Herminia, colérica, se levantou e pretendeu fazel-as sahir. Ellas se calaram, per-

maneceram mudas, dissimularam... Desde então nada mais disseram; seguras do effeito da sua presença se sentavam mesmo em frente á cama; no lento passar dos dias, ante as duas figuras avidas de ir-se embora, de enterral-o, o enfermo sentiu a angustia de uma resurreição inutil. Porque não morria? Não estava assim determinado? Si já transcendia o sepulchro porque razão a morte não vinha bucal-o?

Herminia lia nos olhos fundos e encovados do enfermo estas interrogações, e pensava na vida horrenda de Lazro, quando, fugindo a fossa, regressu ao seu lar e logo aos primeiros momentos de jubilo sentiu o pavor que inspirava os seus, o asco, a repulsão que a toda vida sua, produzia a sua vida miligrosa, depois de ter estado rígido, frio e sem alma dentro da terra.

Aquelle lençol-mortalha, aquelle convite, os trajes pretos que as duas faziam sob a lampada da sala de jantar davam uma presença constante da morte.

Herminia parecia ver no olhar insistente do padrinho um desejo incomprehensivel, uma vontade qualquer, olhar que ia do creado-mulho ao armario de chrystal onde estavam o lençol e o convite... Assim se passaram dois dias mais, até que uma occasião sentiu que a vista do doente se fixava no creado-mulho; tocou então propositalmente os frascos de remedio, um a um, o crucifixo, abriu a gaveta do movel, mexeu nas caixas de algodão quando brillou um objecto; era um revolver. E ao velo, o enfermo fez um esforço sobrehumano, seus ossos estalaram, os braços estenderam-se avidos e o corpo que se levantava cahiu pesadamente sobre o tapete.

Quando o levantaram e o puzeram na cama, uma mão se poz sobre o peito e assim esteve um momento, como que buscando descobrir algum signal de vida; depois essa mesma mão mostrava o armario onde estava a mortalha enquanto que uma voz disse, a um rosto ansioso que appareceu na porta:

— Já!

De joelhos ao pé da cama, uma jovem soluçava desconsolidadamente, horrorisada pela morte e tambem pela vida.

A. HERNANDEZ CATA.

A CAMPANHA ELEITORAL FEMINISTA NA INGLATERRA

Na actual campanha eleitoral para formação do novo Parlamento figuram como candidatas 29 senhoras.

Em suas respectivas plataformas de apresentação ao eleitorado todas essas candidatas se batem pela liberdade profissional e industrial da mulher, pelo salario equal para as mulheres, que realizam trabalho equal ao do homem; condemnando tambem a aposentadoria pela compulsoria da mulher empregada do Estado quando ella for casada.

Nos seus programas as candidatas incluem tambem a equalidade de condições moraes das mulheres e homens; o apoio á Liga das Nações e o direito que devem ter as mulheres de terem assento na Camara dos Lords, reforma da legislação relativa á mãe zruva e o estabelecimento de uma policia especial para as mulheres.

Final romantico de um príncipe



O príncipe Jorge da Baviera dirigindo-se para a capella do mosteiro onde celebrou a sua primeira missa.



Os príncipes Leopoldo e Gisella da Baviera e seu filho o príncipe Jorge, que ultimamente entrou numa ordem religiosa.

Foi uma cerimonia tocante e commovedora a primeira missa do príncipe Jorge da Baviera.

Filho do príncipe Leopoldo e da princesa Gisella, Jorge Francisco era um bizarro coronel do exercito allemão, que na grande guerra se distinguio pelos seus actos de bravura, praticados á treita das suas tropas.

Em 1912 contrahiu nupcias com uma archiduezga austriaca no castello de Schöbrunn, perto de Vienna.

Tempos depois o tribunal bavaro declarou nullo esse casamento e o infortunado príncipe buscou nos campos da batalha a morte consoladora, porém esta não veio, apesar de exposto constantemente á sarajvala de balas e shrapella.

A sorte que não lhe tinha sido propicia foi ainda mais cruel, pois, vencido o imperio germanico, ruíram as antigas monarchias allemãs e, com ellas, o prestigio de sua casa e do seu nome.

Buscou, então, na religião o leitivo para os seus sofrimentos e entrou para

uma communitade nas vizinhanças de Munich, antiga capital do reino bavaro.

Ordenado sacerdote celebrou a sua primeira missa, em dia 10 mez de Maio ultimo, assistindo-a muitos membros da antiga familia real bavara.



A familia real da Baviera rodeando o príncipe Jorge no dia que celebrou a sua 1.ª missa.

Entre as pessoas presentes notavam-se os príncipes Leopoldo e Luiz Ferrando, as princezas Gisella e Paz e os antigos fideis que, mesmo nestes calamitosos tempos, não abandonaram aquelles infortunados príncipes.

A religião tem sido e será sempre o balsamo consolador e leitivo para as grandes dores. Não admira o procelimento desse jovem príncipe, pois são conhecidos alguns factos dessa ordem entre os membros da casa real bavara, reconhecidamente catholica, e uma das poucas casas reales allemãs que permaneceram fieis ao papa, depois da reforma pregada por Luther.

Os cães de São Bernardo

Em um apertado desfiladeiro, aberto entre o cantão de Valais (Suíça), e o valle de Aosta (Itália), e flanqueado ao oeste pelo Dromas e a este pelo monte Venas, se ergue a 2.472 metros o famoso convento de São Bernardo, que é a mais elevada das habitações permanentes que existe na majestosa cordilheira dos Alpes, justamente denominado o "pedestal do sol".

São Bernardo de Mnton, no anno de 962, fundou esse convento de religiosos agostinianos, impondo como única obrigação, além das espirituaes, dar hospitalidade aos viajantes e ir a procura dos mesmos durante as nevasdas, livrando-os dos perigos, durante nove mezes no anno, tempo que dura o inverno naquellas paragens.



Despedida dos viajantes, onde se prestam os primeiros socorros.

Seguindo-se pela vertente do Norte, o caminho para veículos chega até ao albergue de Proz e pela do Sul até Remy, e dali por uns pequenos carrozinhos que com as nevasdas mais fortes desapparecem totalmente.

E perigosíssima uma viagem nesses sitios; expõe-se o viajante a se perder e si não fóra o precioso auxilio que prestam aquelles caridosos monges e os seus valentes cachorros, todo o infeliz que ali se perdesse estava condemnado a uma morte horrivel pelo frio e pela fome.

Nos dias de inverno os monges sabem a percorrer os arredores dispostos a socorrer os excursionistas e os que cahem

na neve de frio e de cansaço. Durante essa estação o sino do convento soa a forte noite e dia, como um aviso e um convite para o extraviado ir buscar um guia, alimentos e conforto. Esse sino, disposto na parte mais alta do convento, é de uma fundição toda especial, pois no meio da tormenta e na queda das avalanches seu som é ouvido a grande distancia.

Inestimaveis collaboradores desses caritativos monges são os seus valentes companheiros — utilissimos auxiliares, os cães de São Bernardo, nome este tomado do convento de onde são originarios.

Esses cães, grandes, robustos, de peito amplo e patas pesadas, cabeça grande, são dotados de uma força extraordinaria. Pertencem a uma raça especial — analoga á dos mastins —, que d'elo immemorial tempo se perpetua, tendo os monges o maximo cuidado na conservação da pureza da raça, não permitindo cruzamentos para não desvirtuar as bellas qualidades d'esses intelligentes e nobres animaes.



Um monge acariciando uma cachorra que amamenta os seus filhotes.



Os proprios religiosos se encarregam de ensinal-os para a procura dos viandantes perdidos, feridos ou mortos.

Cada cachorro sae durante a tempestade, de noite ou de dia para a pesquisa habitual, levando amarrado junto ao dorso, ou no pescoço, uma pequena botija de cognac, o sufficiente para reanimar o extraviado cahido na neve e serve-lhe de guia até ao convento, caso esteja em condições de caminhar. Si o viajante está demasiado enfraquecido, o cão tenta reanimar-o bafejando o rosto com a bocca e si elle não voltar a si, en-

tão a toda pressa se dirige para casa e ali avisa por meio de latidos curtos do succedido. Os monges então vão bus-



Um monge adestrando os cães. No plano superior o transporte de um ferido.

car o viajante que é trasladado para o convento em uma padiola, onde recebe um socorro fraterno.

Junto á habitação dos religiosos se ergue um monumento ereto á memoria de um valente cachorro que salvou a vida a mais de cincoenta pessoas. Esse monumento foi erguido á custa dos viajantes reconhecidos.

Por centenas se contam anualmente os viajantes que se livraram da morte graças ao zelo dos monges e á salvação dos cães.

Quarenta religiosos agostinianos estão no serviço do convento e recebem, simultaneamente, acompanham aos vinte mil viajantes que em média, passam cada anno por aquellas paragens e se abrigam no convento, incluindo-o e São Bernardo de Mnton.

Não devida de ser interessantes as noticias que se instruem sobre a grande utilidade de uma das mais commoativas e heroicas instituições religiosas e o trabalho dos seus valentes cães.

O perigo tragico do baile



Um salto a Nijinsky.



Passo para a frente de um baile classico.

Um sabio francez procurou demonstrar que, bailando, não se envelhece. Isto, a dizer a verdade, já o haviamos notado todos, vendo brilhar, nos palcos de Paris, certas **estrellas** choro-graphicas nascidas em meados do seculo passado. Mas nossas idéas sobre o assumpto eram tão empiricas que nos levavam a attribuir antes essas perennes primaveras "astraes" ao

mesmo tempo que este sabio nos aconselha que dansemos, outros medicos, tambem muito illustrados, nos asseguram que o maior perigo hoje existente para a conservação e reproducção da especie humana está nos "dancing", onde senhoras e moças entregam-se aos prazeres do tango, do "schimi" e do fox-trott.

O primeiro que abordou tão acerbo problema, nada menos que na "Revue Philosophique", foi o cathedratico de Gynecologia, Alberto Leclerc. E logo cincoenta, com outros sabios se empenharam, em nome das gerações futuras, em convencer ás mããs que commettem um crime permitindo a suas filhas a pratica das dansas modernas, sobretudo desde que as modistas supprimiram não só o espartilho, mas... tudo o que se lhes afigurou humanamente supprível.

A coisa, apesar do seu aspecto de frivolidade, é das que devem preoccupar a todos os que não se querem tornar cúmplices da Megeneração das sociedades modernas. Mas, infelizmente, não é facil a um jornal que entre nos lares tornar-se éco dos conselhos dos physiologos e gynecologistas que em França iniciaram uma santa cruzada contra as dansas.

Esses derreios, esses estremecimentos, esses enlaçamentos que antes, em Madrid, não se viam sinão na Bombilla; essas ondulações languorosas, em que os corpos se contorcem juntos e que hoje são de estylo nas mais aristocraticas festas dos casinos e palacios; isso que constitúe o modernismo do baile no mundo inteiro, emfim, e que começou por provocar

os anáthemãs da Egreja sugere á sciencia visões apocalypticas de catastrophes futuras.

O doutor Bernard, que não é nenhum pessimista nem inimigo do bailado são, nos assegura que em todas as moças casadoiras se entregam ao tango argentinense, chamado tango, o qual, como já vimos, descobriu-se que tomava graves de um novo mal.

poder dos arrebiques.

"Segundo as theorias do dr. Caffeau — diz Louis Forest: — para se conservar a juventude e a alegria, maximé quando se exerce uma profissão sedentaria, o indispensavel não é cantar, mas, sim, dansar, e, si se quer, por inclinação natural, cantar, é necessario tambem que se danse."

O dr. Caffeau d'Aniche, por seu turno, confessa em uma "nota", publicada por diversos jornaes, que seu methodo lhe permittiu gozar sempre de uma saude admiravel e de uma inalteravel mocidade.

"Dansando eu, sózinho, diariamente — diz elle — acompanhado pela musica de um phonographo, consigo que meu systema muscular e nervoso se mova e me conserve o espirito e o corpo ágeis. Devo salientar que já completei setenta e seis annos, ainda que pelo meu aspecto não me dêem mais de cincoenta; e, como todos temos a idade de nossos corações e de nosso aspecto, aceito prazerosamente a idade que me dão. Devo ainda lembrar que fui soldado, não na ultima guerra, mas na de setenta, e que já naquelle tempo gostava immenso de dansar."

O peor, ou, para melhor dizer, o desconcertante, é que, ao



Figuras de um bailado egyptico

"Notam-se nellas — escreve — quando se as examina de perto, segundo a idade que têm e o ardor com que se entregam a seu "sport" favorito, insomnias, atrazo no desenvolvimento normal, inappetencia, deliquios, perturbações circulatorias, phenomenos de auto-intoxicação, neurosis spasmodicas, anomalias da memoria, incoherencias de character, fadiga intellectual, perversão do senso moral e ás vezes accidentes mais graves."

E em seguida, fazendo côro com seus collegas, conclúe:

"Uma senhorinha que executa dansas modernas será, physiologica e psychologicamente, uma detestavel mãe de familia."

Os moralistas ajuntam:

"E uma esposa fatal."

Quanto á Religião, falando pela bocca do bispo Baudrillard, expressa-se nestes termos:

"E' inacreditavel que as mães achem natu aes os bailes, cujo character de intimidade resulta para todo o cerebro sensato, escandalosa. E' impossivel negar a accção reciproca das duas pessoas que compõem o par, porque o mau instinto está sempre disposto a se manifestar."

As pobres mamans, assustadas, allegam ingenuamente que, si se resignam a acompanhar suas filhas a festas dansantes, é com a esperanza de as casar. Mas a isto oppõe Mr. Joseph Germaan um singular inquerito realizado em um casino elegante, e no qual apurou que, de cem cavalheiros interrogados, noventa e nove confessam que, salvo caso de loucura, sempre possivel, jámais se casariam com suas companheiras de tangos, schimis e schottichs.

E não é que taes cavalheiros, escolhidos dentre os mais cultos, considerem suas damas culpadas. Não; ao contrario. O que as converte em seres desequilibrados é justamente sua innocencia, sua confiança, sua incapacidade para considerar perigoso o que as demais praticam; sua ignorancia do que significam os symptomata doentios que os medicos descobrem em seus organismos.

Si ellas pudessem, antes de receber a primeira lição de fox-trott, lér e comprehender o mestre de gynecologia Pinard!... Si ellas se déssem conta

de que, ao depauperar pouco a pouco seus frageis systemas nervosos, não apenas comprometem sua saude, mas tambem a de seus futuros descendentes!... Si ellas adivinhassem que o de que se trata é de defenderem contra as psychosis e neurosis suas proprias venturas e seus proprios anhelos intimos!...

"Nosso mistér — escreve um illustre facultativo na "Revue Mondiale" — nos obriga a denunciar a extrema gravidade da ameaça que, para o futuro, das gerações immediatas e para a normalidade dos novos lares, representa a deploravel pratica das dansas em moda."

E não supponhaes que este ou qualquer de seus irmãos da grande cruzada é adversario do baile em si.

Ao contrario. Os antigos passos discretos, nos quaes as paes não se estreitam, que obrigam as mulheres a não se curvarem ou se bambolarem; as boas mazurkas de nossas mães, as gentis pavanas de nossas avós, e a demais os baillados ao ar livre, tão populares,



Apotheose de um baile grego.

que em Hespanha são mais abundantes e alegres que em qualquer outra parte, e que não requerem o estreito contacto entre cavalheiro e dama, longe de ser prohibidos são até recommendados como um sport hygienico, porque se executam com o corpo e não com o cerebro e os nervos.

Mas, é claro, ás mulheres que se deliciaram com a molleza deleteria do tango argentino, do schim americano e do schottisch madrileno as polkas hespanicas parecem banaes e as "jotas" (dansa hespanhola) ordinarias.

Os medicos não o ignoram. E, por isso, o bom do dr. Caffau d'Aniche, depois de expôr o seu methodo simples e sem voluptuosidade alguma, que lhe tem permitido manter-se joven na velhice, julga melancholicamente que seus conselhos serão, talvez, seguidos pelas mães e, até, pelos paes, mas nunca pelas moçoilas casadoiras e os rapazes casaveis.

O baile, considerado como um esporte é vantajoso, porem é preciso fazel-o com methodo sem se entregar aos abusos, aliás mui frequentes, para não dizer sempre, pois, neste caso elle é prejudicial e nocivo ao systema nervoso e á saude em geral. Isso falando de uma maneira geral e quem mais virá a soffrer desses abusos são as gerações futuras candidatas futuras á epilepsia, etc.

E. GOMEZ CARRILLO.

A indumentaria de Thalia

Contoso, que um celebre trágico do século XVIII, entrando no camerim de um dos seus collegas, ficou perplexo da pela apparez original dos seus adornos e perguntou-lhe o nome de uma daquellas peças.

— É uma túnica a moda grega, respondeu o amigo.

Gosto immenso dessa roupa, ponderou gravemente o grande artista, e de hoje em diante não farei mais o papel de Nero senão vestido numa túnica a moda grega.

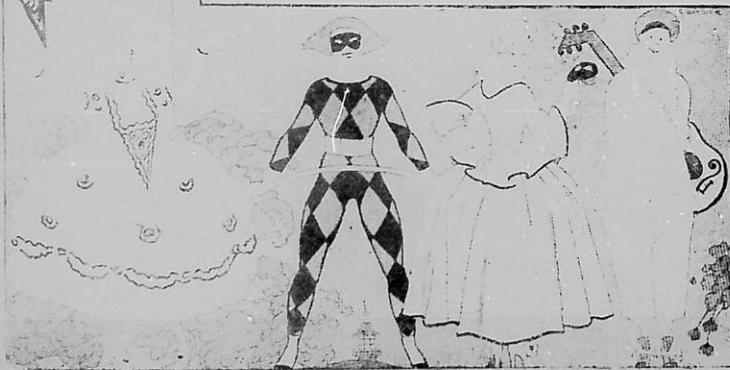
Tudo no theatro tem sido sempre concessão e phantasia. Naquelle tempo Roxane usou grandes anquillas e no pentecoste de Phaidro baloiçaram-se feixes de plumas e aguçaram-se filis muito compridas. Orestes e Pherais fizeram do pentecoste uma festa. Talma escandalizou as platéas representando sua Hamletta com os braços nus e vestido com relativa simplicidade.

Tudo allem desconto, a coisa continua do mesmo acto, porque a moda que buscar elementos no theatro. Ainda não ha muito, as crinollines, as horribis crinollines que as nossas bisavós usavam com o nome de ballão, estiveram em plena voga nas modas de salão. Essa resurreccão teve origem numa peça de grande successo, representada em Paris, e cuja accão se passava no século XVIII.

E em razão que as Bibliothecas offerrecem aos artistas os melhores documentos, em fórma de textos explicativos, de rollas e preciosas gravuras, dos magníficos j rones de Gavarni. Além d'isso ha as esculpturas, os antigos vasos pintados, as applicações, que offerrecem recursos abundantes e absolutamente authenticos. Entretanto, o empírico, quando vai montar uma peça grega, não trata de recorrer a essas fontes para restabelecer a verdade historica acerca do costume e do cenário, e vai, sim, inspirar-se na conventionalisissima hi estabelecida no theatro.

O gosto é uma coisa subtilissima, é uma poeira brillante que se mistura por toda a parte, de modo que as nossas reconstrucções, por mais esmeradas que nos parecerem, não deixam de ser phantasmas.

Quem talha "La Petite galerie dramatique" de Martinet, não pôde



Indumentaria de um "leão da colona" em versos.

deixar de sorrir ao encontrar-se com aquellas manjas de dragonas heroicas, aquelles gorrinhos immensamente empenachados e aquellas botas altas e longas terminando em calçados pontudos; é a época amarela dos trovadores.

Hoje, a moda não se purificou ainda da influencia dos bailes russos, onde ha harmonia em laranja e verde malva. O gosto, de qualquer fórma, conduziu mal a bom gosto, e os artistas se esforçam mais por ferir a vista que por agradar.

Quem em Paris, assistiu ás deliciosas tentativas do theatro das Artes e ás perfeitas "soirées" organisadas por Diaghileff, nunca mais se esquecerá dellas. Na primeira representação do "Shéhérazade" uma emoção de surpresa tomou de subito o publico ante aquelles accordes, violentos e sumptuosos ao mesmo tempo, em que predominavam o amarello "souri" e o tomalho "capucim" entre o azul de Prussia e o verde Veronese.

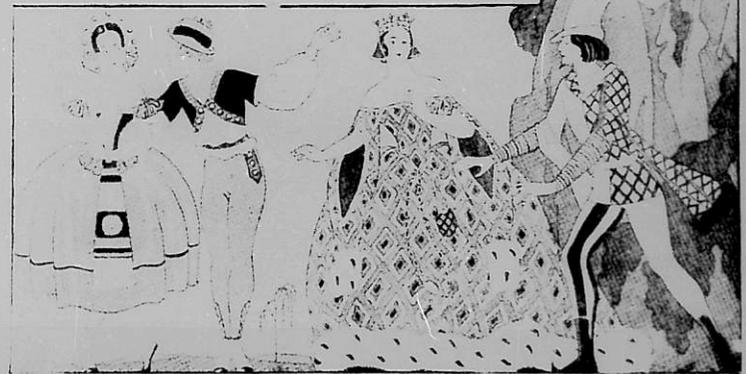
Mais tarde, na Inglaterra, Granville Barker montou "Shakespeare" com um gosto sábio e subtil. Nota mais encantador que "O sonho de uma noite de verão" com sua floresta magica povoada de fadas e de genios, com suas casais de ouro, suas capelleiras de ouro e com suas vestimentas onde ha-a todos os outros imaginaveis.

Ha mais de dez annos Richard íez sentir no theatro a sua influencia profunda.

Hoje a renouçencia é geral.

Imagino-se a transformacão de um desenho morto quando uma bella creatura vem animá-lo, vestindo o costume que para ella foi desenhado, e sob torrentes de luz, o proprio artista tem fazer realçar os seus ornatos! O artista compoe os ramilhetes vivos, dispõe-os em grupos e faz ayar a rosacea do héliodioscopio; elle torna-se então o mago que commanda as sete cores e os quatro reinos da Natureza que ficam submissos ás suas ordens. Iles que as meteos se tornam diuets e froids como a agua, os riffsés e os setins reflectem e absorvem a luz, fazenda-a brilhar em arborescencia, e realçam as phantasmas, as flores veridicas, as falsas, estas tornadas mais bellas que aquellas, e apresentam-se com um effeito maravilhoso a carnia dos labios e o carvão das sobrancelhas.

Póde-se então erer uma heroína azul como a flor do jacintho no de tom albrançado como a casca da megera grega, e vestida com roupas prodigiosas onde o amor passa como a abelha na corolla de uma flor.



Quasi-estudo de um drama romantico.



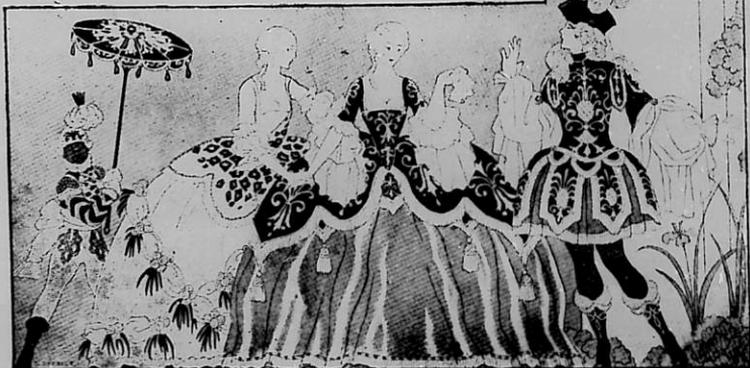
Mas, cuidado! é preciso vestir as odaliscas do harém com retalhos baratos e armar as asas dos cupidos com tarlatana. E' preciso obter o máximo do effeito com o mínimo do gasto...

Mas ha para o pobre autor outras contrariedades e muito mais sérias. Agora é a dama que vai fazer o papel no drama grego e que quer apresentar-se de verde esmeralda, quando a harmonia geral é o alaranjado e o amarelo... Esta outra, na noite da primeira representação, ostenta uma saia modernissima. Noutra noite, com grande desespero do desenhador e numa peça grega consagrada pelos numerosos successos, certa dama se apresenta de subito em "toilette" de "soirée", talvez bonita, talvez de muito effeito, a passear deante da acrópole. Certa actriz recusa-se a levar o "corset" exigido pela moda da epocha, e pretende exhibir o seu busto encantador para provar que não tem nenhuma necessidade deste accessorio de "toilette". Esta revolta-se contra a roupa que lhe destinam, sob pretexto de que lhe augmenta a gordura, e, de cumplicidade com a costureira, corta-a á sua vontade, sacrificando dessa fórma a côr local. Do lado dos homens a coisa é ainda peor. O galã, que tem orgulho do seu bello corpo de ephebo, quer trabalhar meio despido para ostentar os seus musculos, quando na peça não ha nada que justifique tal licença. O pae nobre não consente em vestir uma tunica curta porque não tem muita confiança na perfeição das linhas da sua perna... Outro, sob pretexto de que uma tunica ampla lhe accresce desgraciosamente a corpulencia, manda talhar para si um peplum de crêpe da china e um mantosinho pouco maior que um lenço de algibeira.

O desenhador dos vestuários de uma peça antiga necessita, para convencer a toda essa gente, cujos maiores defeitos são a teimosia e o capricho, uma eloquencia inextinguível. E dá-se elle por muito venturoso se, no ensaio geral, observa que as figuras se mostram vestidas com uma zaga semelhança com os desenhos maduramente estudados e se realisam, no conjuncto, um reflexo apenas dos contrastes longamente meditados.

Já se vê que estas difficuldades todas que são a angustia dos escriptores theatraes, só se dão em Paris e em outros centros de alta civilização, onde ha grandes autores e grandes actores.

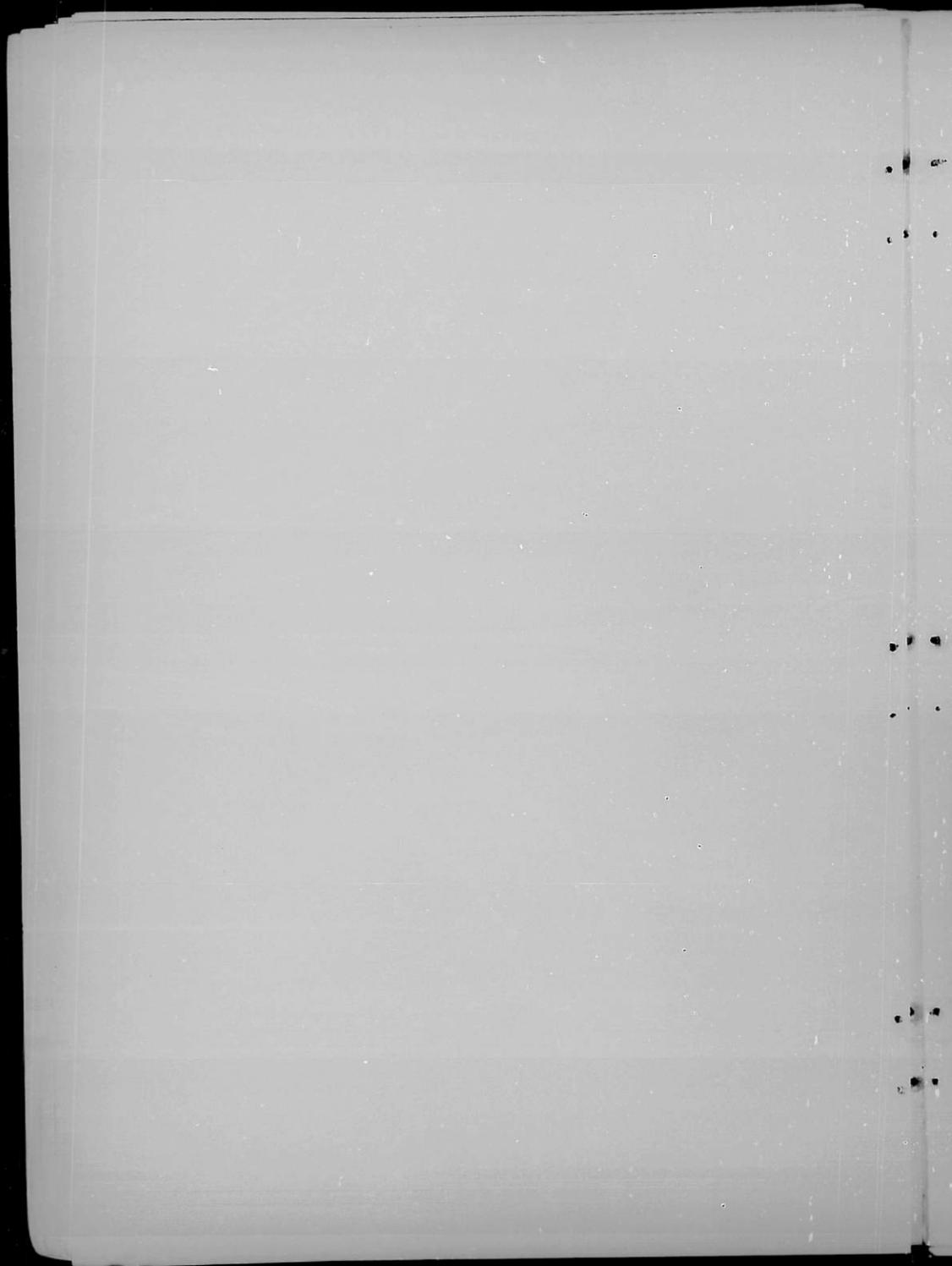
No Brasil, infelizmente, não se dá nada disso, porque aqui, para o autor, todas as difficuldades se resumem numa só: conseguir que seja montada a sua peça... Mas não o será nunca, porque não ha companhias nem actores para o genero serio, para a tragedia e o drama antigo.



Vestuários de uma tragedia classica.



"A FLOR E O PAPAGAIO", de J. Loygorri.



A barreira de ouro

A enfermidade de hontem foi a neurasthenia com as suas momentaneas reacções febris, relampagos de energia e seus abatimentos accusadores da vontade quebrantadissima pela rudeza da lucta.

A enfermidade de hoje, a da sociedade que nasceu do calor das ganancias da post-guerra, é a paratomania, o afan desmedido para enriquecer-se em tempo brevissimo, immediatamente, á noite par o dia.

Não é uma manifestação de codiciosa avariza, o afan em entesourar fundos para conseguir a sua independencia economica; é uma sede de dinheiro para trocar o por prazeres, por satisfações de vaidade, por luxo deslumbrante.

Desses casos typicos, epidemicos, temos a mostra o succedido com Alexandre Douglas e sua esposa Helena.

Alexandre abandonou a sua collocação na casa bancaria onde trabalhava e se lançou audazmente a especular na Bolsa, com as suas bruscas alternativas de ganhos consideraveis e perdas vultuosas.

As differenças de suas liquidações mensaes são equilibrios arriscadissimos nas bordas de um grande abysmo com passos de avanço para a felicidade completa ou a ruina total.

Naturalmente essa vida azarosa era uma rude prova para o animo de um homem como Alexandre e uma constante inquietude para o seu systema nervoso.



NOBODY

Helena, a companheira de Alexandre Douglas, é amavel, distincta, elegante e com jeito e reverencia vae abrindo caminho nos salões, galgando os degrãos da sociedade mundana.

Deixou de ser a burguezinha modesta para se converter em dama aristocratica do dinheiro. Sustentar essa posição, carecendo de capital, é uma tarefa difficil, que impõe penosos sacrificios.

Quando não se pôde ser rico e se intenta aparentar nesse desejo de sustentar essa ficção como dizem as línguas de Helena e de Alexandre.

Não podem se enganar, mas querem enganar o mundo ostentando opulencia, com uma apparatus comedia bem urdida.

Guilherme Braden, antigo e bom amigo de Alexandre e sua mulher, os visita e deles se despede affectuosamente, annunciando a sua ausencia definitiva da capital.

Guilherme sente fastio da grandiciedade; repugnã-lhe as mentiras da farça social; sua saude está bem resentida e para se reconfortar physica e moralmente vae empreender a volta ao torrão natal, á paz da aldeia e a tranquillidade dos costumes ruraes. O silencio, a tranquillidade, o ar puro, a contemplação de infindos horizontes serão os grandes medicos e os remedios heroicos que lhe proporeonarão a cura. Para os organismos e para os espiritos quebrantados pelo

combate social o melhor tratamento é o recommendado pelo mestre Balzac aos corações feridos: "Silencio e sombra." Com uma eloquencia exaltadamente persuasiva, Guilherme Braden, esboçava ante Alexandre e Helena o quadro da aprazivel existencia que o espera em seu refugio campestre: a folga da casa familiar, o pomar cultivado pelos paes em outros tempos, as caçadas nos bosques, a administração da fazenda, a reforma das industrias agricolas, as saborosas leituras de amor nas longas invernias, os prazeres da mesa bem abastecida e finalmente a perspectiva da



Helena submete á apreciação de seu marido um valioso collar de perolas...

encontrar a companheira amada e amante, lutara mais de rapazadas que abrigou e foi. Guilherme, vai em busca da ecloga e tem a certeza de a encontrar, pois sempre se lembrava pelo seu bom desejo. A mãe da abandonada se entredicava de voltar as mentes e memórias da realidade, e, filosoficamente, com o entusiasmo de um filósofo e milton de seus amigos para que a encontrassem. A descoberta começou a certa distância de sua fazenda, esta para ser vendida uma grande quantia, na qual Alexandre e Helena encontram-se, mas somente para não voltar a viver, mas também para não se encontrar e não se encontrar. Alexandre encontra-se antes da descoberta, mas não se encontra, e não se encontra.

A descoberta de Alexandre e Helena é a descoberta de uma realidade e a descoberta de uma realidade. Alexandre e Helena encontram-se, mas somente para não voltar a viver, mas também para não se encontrar e não se encontrar. Alexandre encontra-se antes da descoberta, mas não se encontra, e não se encontra.



Helena sentada em um divã, esperando a sua dor.

o seu quarto, enojada pelo primeiro desgosto sofrido na sua vida 'compusa' e reconstruído em um amplo divã, chora e medita no seu sonho tanto tempo acalentado. E o sonho, por obra da violenta excitação nervosa que se achava possuía, lhe engendra um angustioso pesadelo.

Como projecção de uma fita cinematographica, desfilam no cérebro de Helena angustiosas imagens: a figura completa de Alexandre, a cruel perseguição de seus credores, a luta com o guarda civil que tenta se apoderar e que não consegue por uma brecha de receber a herança por Alexandre e depois a presença do guarda armado, na qual o promotor público pede a pena máxima, com o autor da morte de um guarda civil.

Helena, delirando de seu desespero, vê de olhos e diante do promotor, implorando compaixão, qual se mostra inflexível e a recrimina de ser contribuído para levantar, com o seu amor ao luxo e á ostentação, a barra de ouro, que a sepa-



Helena e Alexandre conversando, Helena chorosa e angustiada.

arquinada e totalmente perdido, estantando salvo, unicamente, o dote de Helena, trazido por ocasião do seu casamento, 50 contos, quantia essa que pôde a sua lona casta como entender, comprando o clar de pedras e o automovel, ainda que não pareça nem melancolicamente discreto, ao prestar a um alarde de ostentação o que mais tarde poderia ser o tutano de ambos.

Contrariada, aflicta, sentindo a agonia de sua vida real e do seu amor, e turbada alterna vamente na face esperança de lograr a felicidade e pelo justo temor de se ver na ruína, depois que Alexandre lhe não seja feliz nos seus negócios. Helena se prepara para

seu do seu esposo, barreira essa que para transpor, e se aproximar da sua esposa, Alexandre não mediu os riscos a que se expoz para se enriquecer de qualquer jeito. Ao convencê-lo da impossibilidade de salvar o seu marido e sentir toda a responsabilidade recair sobre si, Helena solta um grito desesperado e volta á realidade.

Porém a emoção que em si produzira aquelas imagens de profundidade e para se tranquilizar vai em busca do marido.

O pesadelo se converte em triste realidade. Nem na B. S. nem no seu scriptório é conhecido o paradeiro de Alexandre. Entretanto, os informam que este, em consequência de uma enorme baixa sofrida em um grande desastre financeiro, perdendo tudo quanto possuía e não encontra no auxílio e nem crédito para continuar as operações. Todos os conselhos imediatamente possíveis.

Depois de muito tempo, ainda se encontram em casa e Alexandre pede á sua companheira e seu dote para empreender uma especulação financeira.

Helena conta ao marido tudo o que lhe aconteceu. Sôto e choroso Alexandre resolve se casar com a esposa que busca antes de tudo de preservar um pedaço de paz e a sua autonomia, e para o mais um auxílio, com meios urgentes e mesmo desesperados.

Porém não, nem amor — exclama Helena — para que não continue rogando e perdendo a minha felicidade comunitária, eu te nego a minha fortuna, porém offereço-te um pedacinho de alma para que, antes de quinta vizinha de Guilherme, não de que vivas e feliz, com tu mesmo a felicidade, e eu não aprecio, na paz do campo, com um amor, que não seja e nem envelhecido.

É o drama se desvanece, dando lugar a uma nova vida e a uma nova realidade.

Conservatório para passaros

Na capital dos Estados Unidos, há um conservatório para passaros, onde se ensinam a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles.

Ali, além de ensinar a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles, também se ensinam a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles.

Porém, não há a senhora Tranchesi, que se interessava por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles.



Tranchesi em seu conservatório.



Mrs. Tranchesi em seu conservatório.

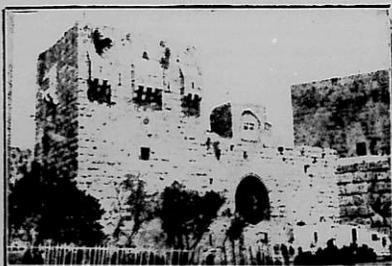
De um conservatório para passaros, onde se ensinam a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles. Ali, além de ensinar a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles, também se ensinam a todos os que se interessam por estes pequenos animais, a arte de criar e cuidar deles.

A MESOPOTAMIA

Si é certo o que asseguram os sábios e philosophos, que a historia do genero humano é uma repetição cyclica dos mesmos successos anteriores, em um nível mais elevado, podemos presumir então a renovação das terras orientaes, que em outros tempos constituiram o berço da civilização, voltarão ao seu antigo apogeu, pelo sopro que lhes imprime a Europa.

Mas esse sopro, não é do zephiro e nem da brisa, demasiadamente brandos para despertar uma região que dorme em profundo somno cataleptico ha trinta seculos. É o sopro do furacão, do vendaval, da furiosa tormenta, no qual troam canhões, silvam obuzes, rodam carretas e estouram bombas, como se tivesse chegado o dia do juizo em cumprimento ás predições apocalypticas.

Esperanças e temores surgem no Oriente, e ali, como nos tempos de Alexandre, dos Cesares romanos e de Napoleão, se estenderá o campo de batalha, que ensopado no sangue de Caím, parece disposto pela justiça divina, para o desafoço da ambição da ira dos homens. Mesopotamia, Armenia, Palestina!

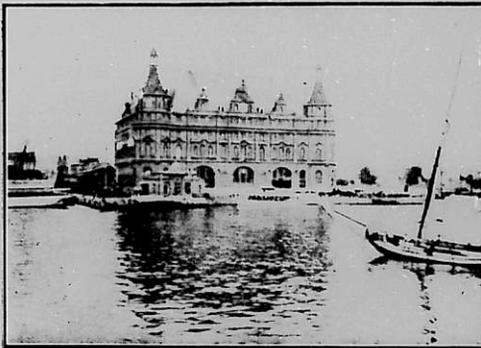


A antiga torre de David, em Jerusalém.

Toda a historia da antiguidade biblica se resume nestes tres nomes, que symbolisam a genese do mundo.

Entre o Trigre e o Euphrates se estende uma especie de lingua de terra mais larga que comprida, cuja situação geographica, lhe valeu dos historiadores gregos o nome de Mesopotamia, que significa: **entre rios**. Ali, segundo o autor do Pentateuco, no que hoje são desertos abandonados pelo homem, esteve situado aquéle jardim amenissimo, aquelle Eden delicioso, do qual os archeologos presentemente não puderam descobrir o mais leve vestigio. Ali, n'aquella então fertil região, se levantou o poderoso imperio assyrio com suas absorventes cidades de Ninive, Babilonia e Palmyra, antetypos de Londres, Paris e Berlim.

A Mesopotamia foi tambem o berço do povo hebreu.

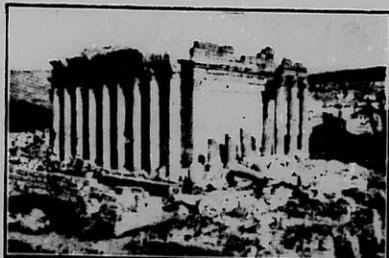


Estação de Haïdar-Bajá, em Constantinopla, ponto de partida da estrada de ferro de Bagdad.

a terra que recebeu em seu seio Abrahão, do qual havia de brotar mais tarde a arvore do christianismo, de frondosa ramagem que veio cobrir toda a humanidade. Na Mesopotamia viveram durante largos seculos os patriarchas hebreus, em cujas tendas se elaborava silenciosamente o futuro do mundo, a prodigiosa transmutação da idolatria grosseira do gentio no monotheismo dos israelitas, aptos para receberem as sublimes lições de Jesus.

Emparedada entre a Syria e Assiria, regiões distinctas e que não devem se confundir, soffreu a Mesopotamia toda a serie de dominações e depois de ter sido a região predilecta e central do opulento imperio de Semiramis e Nabuchodonosor, passou a formar uma provincia do imperio persa, até que a batalha de Issus, a fez cair nas mãos de Alexandre.

Os generaes do grande capitão macedonio, herdaram as suas conquistas e a Seleuco coube a Macedonia, annexada por sua vez ao reino da Syria que mais tarde viu-se um dia dividida entre os parthas e



Imponentes ruínas romanas nas cercanias de Damasco.



Camponeses russos, na porta da Igreja do Santo Sepulchro, em Jerusalém.

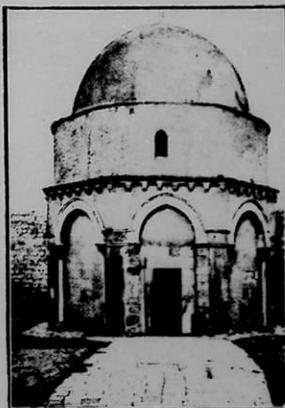
os romanos. Lutaram estes dois povos com sorte varia nas armas até que as monarchias persas da dynastia dos Sassonidas, se lembraram dos antigos dominios e conquistaram a Mesopotamia pondo termo á luta entre aquellas duas nações.

Das arcias desse deserto, que se

vertido a o islamismo e a meia lua parece que preteñdeu subjugar a cruz.

O herço do genero humano e o sepulchro do seu redemptor cahiram sob o dominio do musulmano.

Ainda que sob o ponto de vista ethnico encontrem os anthropologos algumas differenças entre arabes e turcos, sob o ponto de vista geographico não numa



Mesquita arabe edificada no Monte das Oliveiras.

levantou, como uma tromba, o povo arabe, esquecido da sua antiga idolatria e seguindo a nova religião do fervoroso Mafo-ma, e a brandir cimitarras, se lança em aventurosas conquistas pelo oriente asiatico e submetten primeiramente a Mesopotamia, depois a Armenia, a Palestina, a Asia Menor até derribar os muros sagrados de Constantinopla, que deveria ser mais tarde a chave do mundo.

A Ninive, Babylonia, Palmyra e Ecbatana, succedem então, Mecca, Bagdad, Damasco e Alepo. O mundo parece con-



Estrada de Porta Cilicia e o tunel no Monte Tauro.

asiatico e a alliança da Turquia com a Alemanha foi

differença de grande importancia, neste assumpto que ora tratamos e podemos então affirmar que turcos e arabes de facto e de direito dominam, isto é, vegetam hoje nas regiões asiaticas, de onde se deteve a arca de Noé e de onde sahio Abrahão para dar cumprimento á ordem divina que o havia de fazer o tronco e raiz do povo escolhido. Porém a dominação musulmana toca a seu fim no oriente



Ponte de pedra sobre o rio Tjordão



O deserto de Medain cortado pela linha ferrea de Bagdad



Peregrinação hispânica em Jerusalém.

se assenta no gracioso do mundo, a nução em obras mais verbos e assumpto da hegemonia universal.

As linhas compridas de Daxell, Alemanha e Inglaterra, e que hoje disputam esse assumpto, e esta contenda ás interessadas mais que

As tendências das armas nos centros da Europa, a guerra muçulmana, que se encontra na esquadra de Daxell, nem os momentos as cidades, se transformam em ferros fortalezas e linhas a moderna.

Formações opas de material bellois chegam a estes santos lugares, de onde salim o Redemptor e em breves momentos as cidades se transformam em ferros fortalezas e linhas a moderna.

A resistência turca reparte no Bagdad, a rebelião se commença a Tripoli e a Itália.

Dos muçulmanos cerram fileiras contra a Inglaterra e a Itália.



Monumento antigo de La Polónia.

Formações opas de material bellois chegam a estes santos lugares, de onde salim o Redemptor e em breves momentos as cidades se transformam em ferros fortalezas e linhas a moderna.

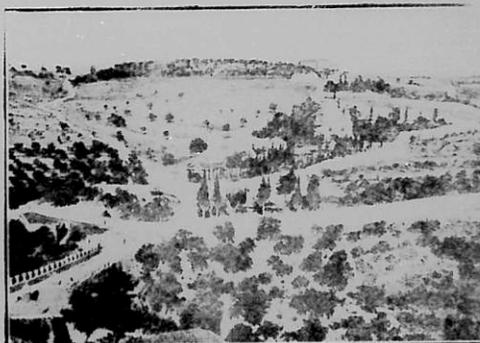
A resistência turca reparte no Bagdad, a rebelião se commença a Tripoli e a Itália.

Dos muçulmanos cerram fileiras contra a Inglaterra e a Itália.

outro e qualquer assumpto, sendo que na Mesopotamia os turcos servem de braço executor aos pedidos e ordens de Berlim.

A Alemanha nunca lembrou o estado em que se achava a estrada da ferro de Bagdad, apesar dos agudes ingleses empregarem o melhor dos seus esforços para conseguir alguns esclarecimentos.

A Inglaterra não ignorava o profundo efeito moral que se produzia entre os muçulmanos com a queda de Bagdad e o terrivel descalabro material que para os allemães significaria a posse daquella estrada esstrategica, na qual fundavam tantas esperanças e tanto assim foi que desembarcou uma numerosa expedição militar em Barrak, porto do golfo Persico, onde desaguam o Tigre e o Eufrates, com o intuito de cruzar a Mesopotamia, apoderar-se de Bagdad e obstruir o passo dos allemães que não teriam um milimetro onde pôr o pé.



Museu das Oportuns, na capital do Turquia.

Porém a sorte das armas não favoreceu a principio a Inglaterra, que teve de retroceder e no momento renunciar o seu intento, sem tomarmos em conta o rendimento agricola que aquella zona proporcionaria aos seus colonizadores, devesse tomar em consideração ainda que a Mesopotamia é a chave geographica da Armenia, Egypto e Palestina, regiões gualmente florescentes na epocha bíblica dos patriarchas e hoje quasi que desertas.

Formações opas de material bellois chegam a estes santos lugares, de onde salim o Redemptor e em breves momentos as cidades se transformam em ferros fortalezas e linhas a moderna.

Museu das Oportuns, na capital do Turquia.

A Inglaterra, em nome da civilisação, não vai lidar a essas barbaras nominaveis, enquanto que a Itália manda numerosos navios a toda a possa receber os sobreviventes dessa catastrophe que apela de horror o mundo civilisado.

F. CLEMENT TERRER

A morta que morreu outra vez

(Episódios da vida de cinematographo)

Abriu a janella do quarto que dava para a rua e apoiou-se ao peitoril. A rua era solitaria e meio escura. Em frente estendia-se o muro nũ, hostil, de um convento, no alto, o céu claro, sereno, frigidado, das noites de dezembro, palpitante de estrelas. Ao perto e ao longe, a alegria da plebe e a canção dos homens ebrios.

Dick Chappnell fóra artista de cinematographo. Sua attitude de melancolia e abandono. As recordações tumultuavam-lhe no cerebro. Esta sensação de solidão, naquella noite de Natal, impressionava-o mais que nas outras noites, porque no Natal é que se reúnem as familias e elle vivia só no mundo. Houve momentos em que a dor se lhe tornou lacerante e inconsolavel'.

Dick Chappnell fóra artista de cinematographo. Sua attitude galharda, suas audacias e aquelle bello rosto de linhas graves, de cunho classico, indicavam-no como um typo de galli; e elle tornou-se logo o galli favorito das pláticas. Era "cow-boy", e montava cavallus indomaveis, atravaçava laços nos trens em carreira, era temido nas lutas de pugilato, e quando seu rosto sympathico e risonho se destacava na tela, fazia bater o coração das moças de todo o mundo.

Mas um dia, impressionando um "film" de aventuras perigosas, quebrou uma perna. Seu aleijão era de tal modo grotesco que nunca mais foi chamado para fazer parte das scenas cinematographicas. Perdeu a collocação para sempre. Entretanto, como certos funcionarios publicos aposentados que continuam a frequentar assiduamente a repartição, na qual não podem mais prestar os seus serviços pela propria invalidez, o rapaz ia frequentemente ver a impressão das pelliculas. Por fim acabaram por empregar-o nos escriptorios de contabilidade. Conheceu alli miss Alice Sherwood, uma simples companha então, grande actriz de pois quando já era sua muher.

Foi elle quem a educou, a ensaiou e lhe ensinou adezimas e gestos. Ella amava-o com um raro e profundo amor, onde havia tanta gratidão pelo mestre como piedade pelo invalido. E era-lhe fiel, de uma fidelidade nova para o mundo dos artistas do cinema. Essa fidelidade excitou, a principio, risos e trizas de mão gosto, mas nada chegou ao conhecimento do "cow-boy" porque os seus punhos ainda se conservavam intactos e impunham respeito.

Alice era temeraria. Desprezava a morte com a inconsciencia de uma criança mimada. Montava cavallus chucros, dirigia autotaxi a oitenta por hora, saltava barrancos, subia para os trens em marcha, arrojava-se ao mar do alto das penedias a pique e brincava com leões e pantheras infantis para fingir de domadora.

Mas, de repente, durante a impressão de uma pellicula, Alice, que montava um cavallo que tomara o freio nos dentes, perdeu os estribos e veiu ao chão num baque surdo. Ao cair quebrou o cráneo de encontro a umas pedras.

Depois de morta, que estranha sensação para Dick vel-a, audaz, fresca, juvenil, vivendo na tela! Corria todos os cinematographos em que se annunciavam fits interpretadas por sua morta querida. E, no mais escuro canto da sala, escondido na

sombra, commovia-se, com os olhos cheios de lagrimas, ante aquellas scenas em que Alice continuava a viver...

Pouco a pouco foram escassando essas fits. Novas actrices appareceram em substituição á Alice e muitas dellas conquistaram os favores do publico. Este, sempre insaciavel, exigia uma renovação constante de assumptos. As modas mudavam tambem. Abandonou a empreza onde trabalhava e entrou a viajar pelo mundo na Alice de esquecimento e de alheias occupaçoens. Queria esquecer Alice viva para só a amar morta. Mas não podia vencer a obsessão de procural-a, obsessão tanto mais forte quanto era difficil encontrar-a nas velhas fits.

Certa noite, num theatro de suburbio, observou que o publico assobiava a sua morta-viva porque as suas roupas estavam fóra da moda e porque a fita tinha grandes lacunas nos episodios mais culminantes.

Toda a casa agora estremecia e vibrava com o barulho das paçadas. A agazarra e as chasquinadas ensurdeciam.

Dick Chappnell fugia d'alli, atravessando muitas ruas até encontrar outras, escuras e silenciosas, onde as casas rareavam cada vez mais.

E inesperadamente, num barcão humilde, ouviu um pregão á porta.

— Entrem, senhores, entrem! Vae-se dar começo á ultima sessão, sessão monstro, senacional, onde figura a fita "Flor do Natal", interpretada pela grande artista Alice Sherwood. Entrem, senhores, entrem!

Dick sentiu um desfalecimento. Tinha os membros gelados e a cabeça ardia-lhe num circulo de fogo. Teria ouvido mal? O homem continuava o seu pregão, gritando para a rua deserta e fria; e alli, do alto da porta de entrada, prendia o annuncio illustrado, onde Alice, fazendo o papel de mendiga, toda rota e encolhidada nos seus andrajos jazia imóvel sobre a neve; e logo adiante, no outro cartaz, a outra Alice, luxuosa, elegante, vestindo os trajes pomposos da corte do Rei Sol.

Rememorou então a fita impressionada oito annos antes. Era uma novella ingenua e encantadora dos irmãos Grim.

IBRANTINA CARDONA

Entrou na barraca como num templo e tambem como num pantheon. Publico escasso e reles. Mulheres da plebe, uma familia de operarios com seus filhos encolhidos de frio e cabeceando de somno, um grupo de rapazes folgarões e meio em brigados...

Quando, por fim, se projectou a fita, cheia de falhas, sem nitidez, rota em varios sitios, com lacunas em muitos episodios da acção, Dick chorava silenciosamente, apertando o coração com ambas as mãos. E pensava "Comprarei esta fita. Será para mim como uma reliquia. Projectal-a-ei para mim só..."

Uma chamma vermelha e a voz do pregão:

— Não é nada, senhores. Calma, calma! E' que se incendiou a fita. Em compensação vamos exhibir outra, que...

Dick Chappnell sahia coxeando a fundir-se na escuridão... Já agora era o definitivo, o irremediavel. Alice morrera para sempre

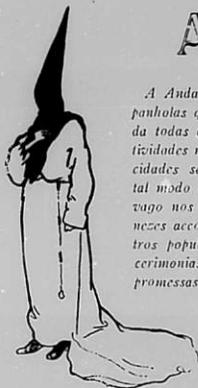
JOSE' FRANCEZ.



AO SOL POSTO

Entarlecê: do sól a ultima Hama viva
Fulge na esfera de outro, e o occaso se aloqueia
De um calido rubor; aos poucos, digressiva,
A luz se evaie; e, dentre a illuminura, a veia
Da sombra, sob um tom cinereo, distinctiva,
Se alarga; forra o céu o crepusculo... Cheia
De doçura e de paz — bem que do céu deriva,
Estatica, nesta hora, a natura psalmica.
O crente para o céu os olhares estvoça,
E suspenso na prece em que a alma se descerra,
Busca a ethera mansão da sempiterna graça.
Aza branca da fé, su'alma em sonhos erra,
Emquanto, mãe pedosa, a Ave Maria passa,
O seu rocal de luz deslizando sobre a terra.

AS "SAETAS"



A Andaluzia é uma das regiões hespanholas que mais religiosamente guarda todas as suas tradições. Pelas festividades religiosas da Semana Santa as cidades se enchem de forasteiros, de tal modo que não se acha um só lugar vago nos hotéis e pensões. Os camponeses accorrem em massa para os centros populosos onde se realizam essas ceremonias para cumprirem as suas promessas e votos.

O povo andaluz, tradicionalista por excellência, acolhe com sympathia toda e qualquer manifestação de sentimentos regionaes.

As "saetas", são pessoas que acompanham as procissões do em'rrô ou de Passos cantando molettos pidosos, excitando dessa maneira o sentimento religioso. É um costume antigo na Andaluzia e que imprime a essas cerimoniaes uma feição mais imponente e mais grave.

As "saetas" tem inspirado um grande numero de obras primas não só na literatura, como tambem na pintura e na escultura.

Sob um céu prematuramente azul e primaveril, se estiola toda a dor da christandade.

Cieira incenso e violeta. Luto nas igrejas e sombrios cravos pelas ruas e sobre os corações femininos.

Os labios palpitam de amor enquanto que as pupillas tudo perd'am, tudo esquecem, nas almas jovens. Até o campo é uma tentação. O rio, então a sua canção nostalgica, enquanto que o vento busca inspiração nas palavras de amor para um poema que está compondo á vida. E a voz da agua, o aroma penetrante das flores na voluptuosa curvatura das montanhas distantes, e o desespero verde dos campos, em tudo ha um eco de rumor de azas nascidas do pensamento... Porém é a Semana Santa



É bem clara a coincidência distincta do renascimento natural e da agonia.

Este foi a época elcta por Jesus para se deixar sacrificar em um sublimo holocausto de abnegação.

A fé luta com o instincto. E graças a ella, este mez de Março tem um encanto estranho e doce.

Sóam fortes, as trombetas pacificas dos nazarenos, no ar diaphano.

Luzem os ouros e as gemmas nos andores processionaes, entre a massa compacta de bellas hespanholas de mantilhas ver-



melhas ou cobertas de crevos rubros. A grata e sombria frescura das amplas basilicas atrai os fiéis dos campos em flor. São os corações suaves nos lábios que a primavera adoça e inebria.

Bemdicto sejas tu, oh! mez de Março, que, como um milagroso jovem coroado de ouros de vernal fluorescência, trazes engastados um sangrento rubi e uma chrystalina perola.

Saetas...

A paz matutina das ruas foi quebrada pelo canto forte de lastimosas trombetas.

Depois passam os confrarias. As virgens de grandes mantos de pesado velludo bordado a ouro e de pedras reluzentes, as virgens que têm nomes de triumpho, que cantam coplas piedosas, com meneios de cabeça onde mais evidenciam as joias por entre a polychromia das flores.

Nas lanças e couraças reluzentes dos legionarios, romanos quebra-se a luz. Passam as silhuetas lentas, cerimoniaes, dos nazarenos negros e brancos.

E no ar, onde o incenso e a terra florecida mesclam os seus olores, soa de repente uma voz de mulher.

Esta mulher é alta, delgada e morena. Tão morena que a pelle de seu rosto tem um aspecto azeitonado livido. É a mocinha serena e triste que pinta Romero de Torres.

Na delgada serpentina do seu corpo se revela a sua origem de descendencia de antigos arabes.

E a sua voz quente, carinhosa e triste, de uma tristez infinita, canta:

Vêm vindo as tres Marias
Vão o sangue recolhendo
Com um calice na mão
Que Jesus vae vertendo.

E logo a seguir uma outra voz clara, bem timbrada, parece responder:

Pelas janellas e balcões
Muita gente se assomou
Ao ruido do verdugo
Que Jesus Christo levou.

São lamentos agudos, lentos e largos. Surgem da multidão apinhada nas ruas, de casas brancas e baixas, em cujas portas e janellas negreja mais gente.

Amanhece ou anoitece. As luzes dos cirios e dos tocheiros brilham lividas pela aurora que vem surgindo.

O perfume das flores se mistura no ar com o incenso dos thuribulos.

E as imagens passam vagarosas, graves e solemnes enquanto que batem no chão produzindo um som metálico e cavo as varas dos nazarenos enigmaticos.

"Saetas!" Quem teria posto este nome tão bello? O artista, o pintor, o poeta que sentiu cravos em seu coração e viu bailar no ar, em busca de flores, de cabellos dourados e manto de velludo?

Ora são asperos, como que partidos de uma garganta broncea, ora acariciadores, com uma melancolica ternura feminina implorando o amor da Virgem, debeis e frageis como uma vizinha infantil, ainda que diga somente a dor, porém inconsciente da propria dor...

As vezes se reuem quatro ou cinco "saetas"; outras vezes uma só que vae e vem como um passaro ferido que resiste para cahir e emmudecer para sempre. Um repentino silencio se faz e então se ouve a caricia do velludo sobre as gemas, o bastão dos conductores de andores que compassadamente batem no chão os suportes ou o crepitar dos cirios dentro das lanternas.

Creação da alma popular, caldeada pelo sentimento religioso, intensamente enraigado nella, porque a dor, companheira inseparavel do gozo de amar, poz na psiché andaluza, uma necessidade de exteriorizar-se em accentos musicas plenos de ondas de amargura que seu mysticismo sublime creou. A "saeta" perdura na vida espirital dos paizes meridionaes.

Na Andaluza, como no Levante, ella leva a Semana Sagrada o testemunho de uma inextinguivel crença que é o amor e o perdão...

E isso se passa na Andaluza tragica, sombria que se mata por amor. A Andaluza de cemiterios branqueados pela lua, onde os homens choram a mulher que mataram. A Anduza que sangra das facas e sepulturas brancas, de soluços profundos de guitarra e de funebres toques de campanario que as vezes não se sabe se são de morte ou de prazer na noite perfumada dos jardins...

As "saetas" são a alma da Andaluza christan e profundamente regionalista. Ellas evocam um passado de luctas tremendas sustentadas pelos antigos cavalleiros contra os mouros e os judeus. A figura do Cid vive na imaginação daquelle povo, mais profundamente enraizada que em qualquer outro filho da Hespanha. Theatro de campanhas epicas onde o heroismo do andaluz fóra por tantas vezes posto ás mais duras provas, hoje nas cidades e nos campos, nos palacios e nas choupanas, nos templos e nas escolas, o povo creou em torno dos nomes dos seus antigos capitães, soldados do grande Santiago de Compostella, uma aureola de gloria, como defensores intemperatos da cruz ultrajada pelo mouro barbaro ou pelo judeu fanatico.

E se vê então nas procissões as "saetas" improvisando motetos onde esses heróes apparecem como defensores da christandade e do seu Divino Mestre.

Impressionam e commovem as ceremonias da Semana Santa na Andaluza. O povo accorre em massa para as cidades; os hoteis ficam repletos; nas casas de pensão os lugares são disputados e não raro se vêm nos arredores da cidade, nos jardins e praças dos arrabaldes, alvas tendas onde centenas de pessoas passam a noite ao abrigo das intempéries, para de madrugada se dirigirem pressurosos aos templos onde se realizam as ceremonias.

As villas e povoações tambem não deixam de solemnizar a Semana Santa. Sem o esplendor dos grandes centros, sem o luxo das cidades e capitães, entretanto, allí é grande e talvez maior a fé dos seus habitantes. Fallam mais a alma e commovem ainda mais as suas "saetas"!

JOSE' FRANCEZ.



Ecce Homo



*Do Senhor soberano, eleito e filho regio,
Sagrada essencia, feito humana creatura,
Jesus do bem assume a nobre investidura,
Em prol da humanidade, ao mundo vem, protege-o...*

*Abrindo sobre os maus as azas de candura,
Semeia a caridade e prega o verbo egregio:
Conspiram contra o Justo, o Mestre, oh! sacrilegio,
E Pilatos o entrega á multidão perjura:*

*Ecce-Homo! E erguendo a cruz, por entre as hordas tredas,
Onde, em contraste á dor, as furias se comprazem.
De espinhos coroado, vil-o, réo, nas veredas*

*Crucificam-n'o; o sangue escorre ao desconforto;
E Elle os homens redime, a implorar, semi-morto:
Perdoae-lhes, ó Pae! não sabem o que fazem*

IBRANTINA CARDONA

A GRANDEZA DA MULHER



A mulher, verdadeiramente grande não é a que deslumbra pela sua formosura, nem a que brilha pelo seu talento, nem a que encanta pelas suas graças.

A mulher é grande pela sua modestia quando consagrada a seus deveres sociais, seguindo a esphera em que se encontra.

cão para o ser que a ella esteve unido, e empregando os dias restantes da sua existência na pratica do bem para com os seus semelhantes, dividindo o tempo entre a piedade e a caridade, entre o amor de Deus e o amor do proximo, é uma outra grande mulher, bendita do céu e da terra.



A filha que vive na obediência submissa dos seus paes, que se empenha em comprazê-los, que se esforça para remediar as suas necessidades, que jamais se contrista e os alegra sempre, demonstrando que os ama com carinho; essa filha é verdadeiramente uma grande mulher.

A esposa que conserva em seu coração as palavras severas que pronuncia o ministro ao pé do altar no momento solenne do seu enlace, e, fiel a ellas, só vive para o ser com quem partilha das suas alegrias e pezaros, sendo no trabalho o seu auxilio, nas penas o seu consolo, nas luctas a sua fortaleza, seu anjo tutelar, enfim, em todas as phases da vida; essa esposa também é verdadeiramente uma grande mulher.

Igualmente assim é a mãe terrena e solícita na educação das crianças, seus filhos, que a ellas consigna todos os cuidados, vigiando os seus actos e até os mais leves movimentos, velando pela noite a dentro o seu somno, qual anjo da guarda, de modo que jamais se venha a murchar a flor formosissima da sua innocencia, que perfuma incessantemente o sinuário augusto do lar.

A viuva austera que consagra todos os seus pensamentos e todas as pulsações do seu cora-

Ainda ha uma grandeza para a mulher que não é dado a todas alcançar, e que só obtêm aquellas que recebem do alto uma vocação especial, para ser sobre a terra um testemunho vivo do poder divino e da graça:

A irmã de Caridade que consagra a sua existência no serviço dos seus irmãos, tratando solícita e carinhosamente dos enfermos.

Essa é grande, tão grande ou talvez mais que a esposa, a filha, a viuva e a mãe. Em si se resume uma existência de abnegação, de heroismo e de desprendimento. É bella na sua modestia, é bella na sua abnegação, é mais bella no seu heroismo simples e desprendido e é grande, é sublime na sua maior virtude, o amor do proximo. Essa é verdadeiramente a grande mulher, maior de todas as outras, pois só é comparavel aos santos martyres dos tempos antigos.

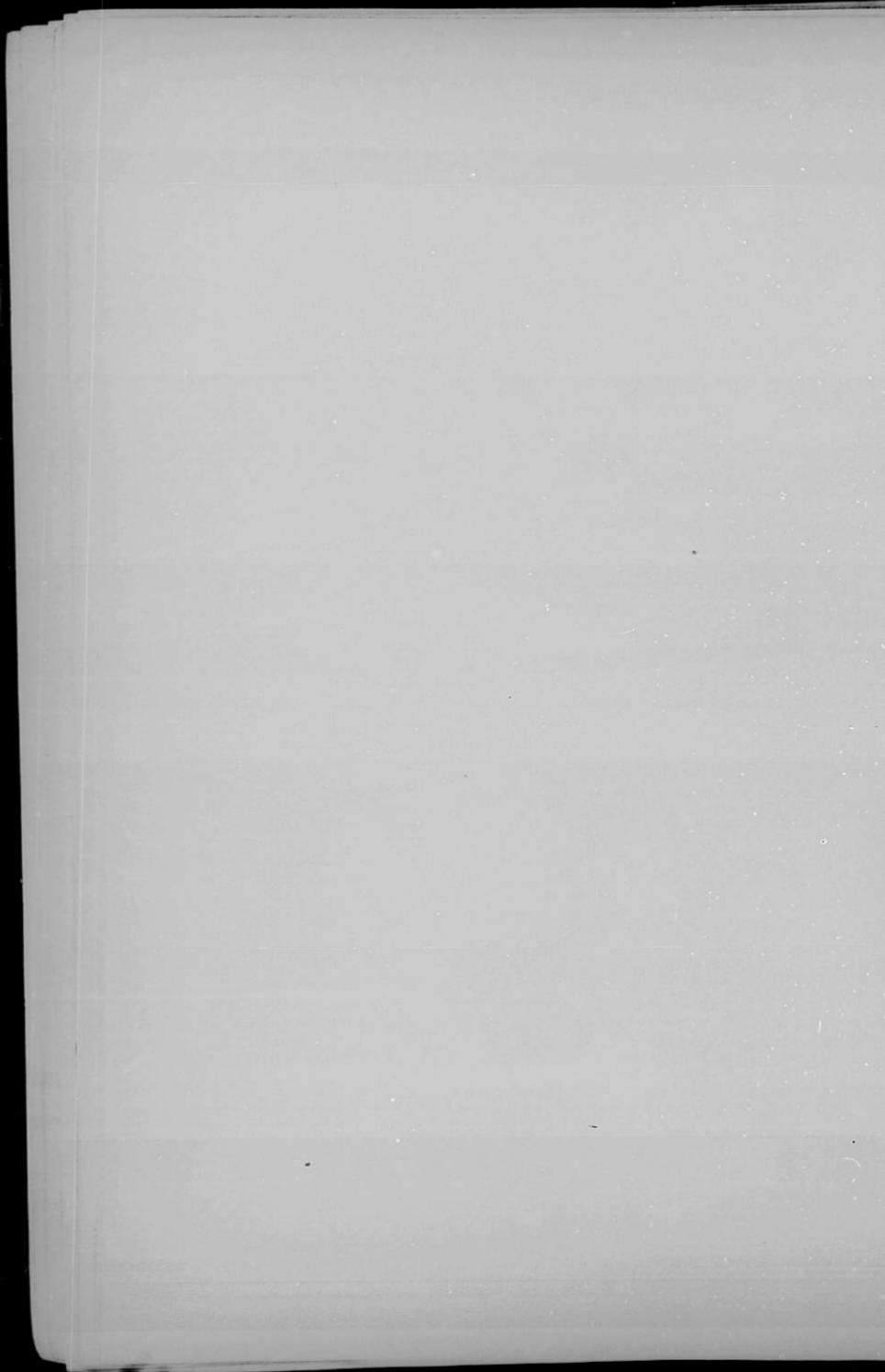
A peste, a fome e a guerra não a amedronta. Contra ellas dirige todas as suas forças, vencendo sempre, pois tem por armas a caridade escudada em Christo.

E ella nivea pomba varada pela metralha nos campos de batalha, ou nos hospitais velando e tratando dos enfermos, só pensando no seu proximo, alheia a si mesma...





"A MATERNIDADE"



MINHA FILHA

Debalde procurei a delicada phrase,
A rima singular, a palavra que não brilha,
Para fallar de alguém que não existe quasi,
Que é pura como um sonho e leve como a gaze:
Minha filha.

Nada poudo encontrar o espirito indeciso
Que posto n'um soneto ou n'uma redondilha
Tivesse a graça ideal, o encanto que é preciso
Para te descrever o angelico sorriso,
Minha filha.

Para fallar de ti, quizera como a aragem
Que o valle perfumou de lyrio e de baunilha,
Nos bosques sussurrar á tarde, entre a folhagem
E murmurar então, n'uma doce linguagem:
Minha filha.

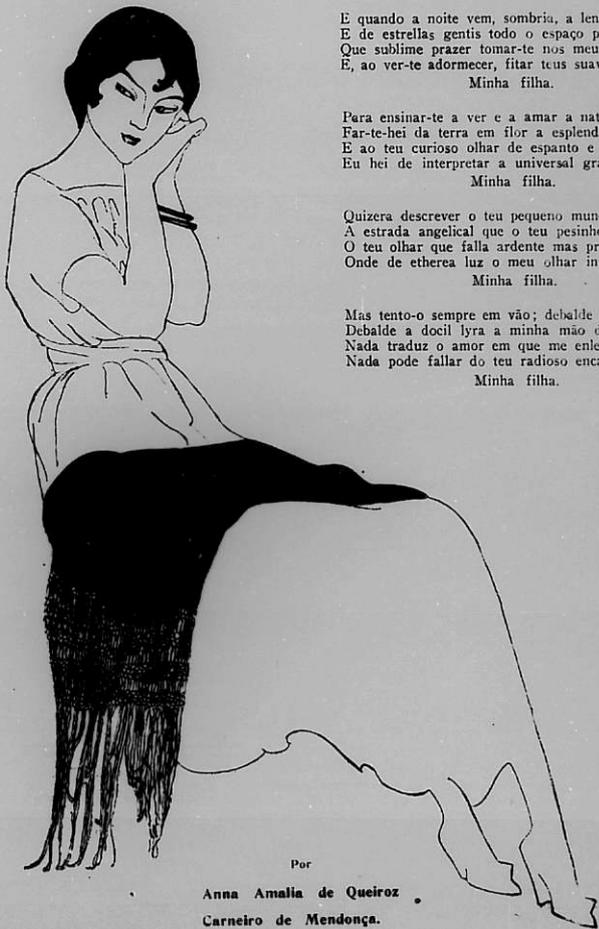
Quizera traduzir o ardor com que descubro
Do teu pequeno ser a immensa maravilha,
O teu primeiro olhar, n'uma tarde de Outubro,
O teu primeiro riso a erguer-te o labio rubro,
Minha filha.

E quando a noite vem, sombria, a lentos passos,
E de estrellas gentis todo o espaço polvilha,
Que sublime prazer tomar-te nos meus braços
E, ao ver-te adormecer, fitar teus suaves traços,
Minha filha.

Para ensinar-te a ver e a amar a natureza
Far-te-hei da terra em flor a esplendida cartilha,
E ao teu curioso olhar de espanto e singeleza
Eu hei de interpretar a universal grandeza
Minha filha.

Quizera descrever o teu pequeno mundo,
A estrada angelical que o teu pesinho trilha,
O teu olhar que falla ardente mas profundo
Onde de etherea luz o meu olhar inundo
Minha filha.

Mas tento-o sempre em vão; debalde ensaio o canto
Debalde a docil lyra a minha mão dedilha,
Nada traduz o amor em que me enlevo tanto,
Nada pode fallar do teu radioso encanto
Minha filha.



Por

Anna Amalia de Queiroz
Carneiro de Mendonça.

A suavidade do lar

Ha uma época na vida de cada um, que se reveste de um caracter de verdadeira solemnidade.

Rumores de jardim florecido perturbam deliciosamente o nosso sentido. Aromas de primavera perfumam o nosso peito cheio dos mais nobres enthusiasmos.

Em nossos ouvidos soam agradaveis palavras de amor, como musica bendita. Todos os encantos de affecto se apresentam a nossa mente como incentivos de um suave, doce e espirital deliquio. Os olhos do ente amado são mais brilhantes e o seu alento mais puro e exquisito. As mãos amigas se enlaçam com mais efusão e a palavra "amor" é a unica que nos fascina. E os dias tornam-se curtos e rapidos quando passados junto ao eleito do coração emquanto as noites são longas pela ausencia do bem amado. E nos parecem verosimiles até as proprias eclogas de Vergilio ou os excessos de Anacreonte. Romanticismo? Embriaguez de idealismo? Loucura de um sonho? Não. Sómente existe o excesso da juventude, é a primavera da vida. O amor bateu as nossas portas e a aurora do carinho abriu os nossos olhos. E' a época propicia para formarmos o lar dos nossos sonhos, repleto, de caricias benditas: o lar ditoso e feliz.

Em senhorial palacio, estylo Renascença, ou n'uma miseravel choupana; moveis de ebano com instrucções de bronze ou quatro simples trastes de madeira inferior. E' a mesma cousa. O lar constitue o aconchego da familia. Este aconchego que produz aquelle calorzinho suave e mimoso que tem reminiscencias de ninho de passaros em plena selva. A errante golondrina que de biquinho aberto, desce para os caminhos em busca de alimento para a sua prole é tão interessante como a aguia que do alto da montanha fere o penhasco com o seu bico adunco. Ambos constroem o seu ninho: uma da rocha viva, outra de palha e de barro. Porém o ambiente é o mesmo e em seu interior como em um palacio encantado surge por signal a vida. E o sol que magestosamente clarea o cume da rocha onde habita a aguia com os seus filhos, reflecte os seus raios sobre o pinheiro sombrio em cuja copa, como em um throno o passarinho pardo acalenta as seus tenros filhinhos.

Está constituido o lar, em sua base intima pela união dos dois sexos, duas pessoas, duas vidas e um unico destino. Dois seres unificados por um mesmo presente e pelo mesmo futuro. As repetições são complementos não essenciaes. Devem essas duas vidas, seguir sempre a mesma rota, as vezes sem os sorrisos e choros infantis o que não impede da base do lar se permanecer em plena integridade.

E' elle o templo do carinho conjugal, situado no pincaro do affecto e todas as manifestações de amor, de carinho e de affecto não devem ser mais do que novos caminhos que ao templo conduzam.

A mulher e o homem se complementam mutuamente. Elle com os encantos da esposa e ella com o seu vigor.

O homem com as preocupações da vida, com a sua lucta pela existencia, qual um novo Hercules que deve fazer uso da sua força, do seu vigor para destruir os obstaculos que lhes embargam o passo, precisa entretanto, nos momentos de cansaço e de desalento dos encantos da voz suave e carinhosa, das caricias das mãos brancas, do sorriso, dos olhos claros e do refrigerio dos labios vermelhos. E ao chegar ao lar, depois do dia de trabalhos, descançam no peito amigo da sua companheira que só por elle vive. A mulher, a sua eterna aliada, vinda ao mundo para fazer a sua existencia mais suave, flor do jardim da vida e jardim perenne no lar perfumando-o com a sua fragancia e bondade.

Tudo quanto destrõe o lar desequilibra dois corações e desflora os botões que brotam espontaneos desse magnifico roseiral. O frio do inverno, o calor ardente, as nevadas ou as chuvas constantes, tudo em uma palavra que pode secar o florescido arbusto ou amortecer o seu vigor, empobrecer e destrõe o lar. Por isso, ambas as columnas desse grandioso e original throno, assento da maior realeza, devem ser zelozissimas da sua integridade, e do seu esplendor. A mutua condescendencia, o doce socego, a harmonica intelligencia, a perfeita unidade, tanto das palavras como dos sentimentos, devem ser para elles de um capital interesse. Elle se formou com tudo que ha de mais selecto do nosso espirito que é o amor, se desenvolveu com o mais nobre do nosso ser que é a intimidade e si n'elle existem fillos está enriquecido com as mais ricas prendas da nossa natureza, que são o nosso proprio sangue e a nossa propria alma. Porque então destruir com ruindades e pequenezas o que forma a nossa mais alta nobreza, e é como o refugio do nosso passado, o esplendor do nosso presente e a esperança do nosso futuro?

Um senhorial palacio, estylo Renascença ou uma choupana pobrezinha... Não importa, é o nosso lar. E' a encantadora mansão onde se sente aquelle calorzinho suave e mimoso que tem reminiscencias de ninhos de passarinhos em plena selva... que é tão nosso, como é o fructo de todo o nosso amor; o ente feito de nosso proprio sangue e da nossa unica vida.

MARIANNO MACIA

UM CONVITE HONROSO

O "Paiz", brilhante diario carioca, assim se manifestou sobre a viagem que fez a nossa patria D. Julia Lopes de Almeida, a Buenos Aires:

Convidada pelo Conselho Nacional de Mulheres, apoiada, pois, pelo que o paiz fraterno possui na sua sociedade de mais distincto, culto e representativo, prestigiada indirectamente pela sympathia dos dois governos e fortalecida pelo applauso e pelas esperanças de seguro exito de todos os seus compatriotas, a eminente escriptora será a obreira diligente, consagrada pelo cerebro e pela alma, a uma nova phase de amistaes effusão e intimo entendimento nas relações entre as duas Republicas, que "tudo une e nada separa".

E é para desejar que não fiquemos nesse primeiro impulso cordial. A venturosa s' nenteira resultante da missão de agora, cumpre resguardal-a de qualquer solução de continuidade; a que de ordinario não escapam as iniciativas produzidas pelos esforços mais saudios e bemfazejos.

E' preciso que a sementeira se converta em frondes, que, a seu turno, rebentem em frutos opulentos, para que ambos os povos façam, á sombra do vergel miraculoso, a colheita abençoada dos pomos que devem symbolisar a doçura e a nutriencia da sua perfeita fraternidade.

O primeiro impulso acaba de ser dado no domínio da intelligencia, da ternura e do affecto, graças ao nobre coração da mulher argentina em auspiciosa correspondencia com a alma sensibilizada da mulher brasileira.

Saibamos impedir que esse impulso se enfraqueça e se detenha.

Saibamos avigoral-o cada vez mais pelo tempo adiante, pois que esse é um dos imperativos de direcção nos destinos das duas patrias.

As duas irmãs

PAGINA INFANTIL

JOSÉ M. BRAÑA.

— Vovózinha, porque as historias que me contas, sempre têm duas irmãs, uma formosa e má e outra feia e boa? Então uma moça bonita nunca pôde ser boa e uma feia, também não pôde ser má?

— Sim, minha netinha. As mulheres bonitas são orgulhosas e más porque perdidamente enamoradas da sua belleza, em proveito proprio sacrificam todas os seus sentimentos naturais.

— Então eu devo ser muito má.

— Tu não, filha minha; és muito boasinha.

— Então porque me chamam a linda bonequinha da casa?

— Porque... Sabes?... E's muito meiga, bonita e muito boa... e as mulheres formosas das historias que te conto não têm a minima relação contigo. Depois, nenhuma das tuas irmãs são feias e as duas irmãs que sempre apparecem nos meus contos, se referem a factos acontecidos em epochas mui remotas... Foi um castigo que Deus impoz a duas mocinhas.

— Porque não me contas essa historia? Deve ser muito bonita como todas aquellas que a vovózinha tem contado. Pode contar?

— Bem, vou te fazer a vontade, porém debes prestar toda a attenção.

— Sim, prestarei toda.

E a veneranda senhora, sentada em uma cadeira de braços, junto á vidraça do balcão, através de cujos crystaes via a chuva que regava os campos, se dispõe para narrar á menina mais um episodio, do qual, como de costume, sempre tira uma optima lição de moral. Clarinha, a netinha, sentada junto, em uma cadeira menor, interessada, aguçou o ouvido... A historia começa:

Ha mais de mil annos, em uma pequena aldeia nas margens do Jordão, vivia um lavrador que tinha duas filhas: uma chamada Nora, lindamente bella e outra, Nisa, porém muito feia.

Ambas eram mui virtuosas; não faziam mal a quem quer que fosse e também não praticavam o bem com os extranhos porque viviam completamente isoladas, em sua czinha humilde, longe das estradas e por ali jamais passava qualquer pessoa.

Um dia chegou á porta da cabana do lavrador um peregrino. Dizia ter vindo de terras mui distantes e tinha muita fome e sede. O pai das duas moças não estava em casa e ellas não sabiam o que haviam de fazer; consultavam-se pelos olhos, sem atinar se deviam socorrer o peregrino ou despedil-o, o que para ambas parecia uma crueldade inominavel. Então Deus appareceu junto dellas e disse: — Este homem tem fome e sede, e precisa descançar. Socorrerei-o.

As duas irmãs, diante dessa ordem, nda mais dis-

seram e trataram de alimentar fartamente o extrangeiro, nada deixando faltar.

Momentos depois elle dormia placidamente sobre um colchão de palhas que as irmãs fizeram e puzeram no telheiro e Deus tornou a apparecer a ambas, dizendo: — Este homem está muito doente e necessita dos teus cuidados. Tem o corpo coberto de chagas e é preciso que elle seja bem lavado e curado.

As duas irmãs puzeram-se a olhar entre si, tomadas de uma viva repugnancia. Deus, porém, que lê no fundo da alma de todos os mortaes, accrescentou:

— Tu, Nora, és bonita e si fizeres esse sacrificio pelo peregrino, ficarás muito feia. E tu, Nisa, és feia, si o fizeres deixarás de assim ser para te tornares uma moça muito bonita.

Nora não se moveu.

Nisa, entretanto, ante a perspectiva de ser bella, se offereceu para cuidar do enfermo. Quando o pergrino estava completamente restabelecido e agradecendo os sollicitos cuidados de Nisa

emprenheu de novo a sua viagem. Então Deus novamente appareceu ás filhas do lavrador e disse a Nora: — Tu, que és bonita, serás sempre má, coquette e egoista...

E voltando-se a Nisa: — E tu que és feia, serás boa, humilde e virtuosa. Todos te estimarão e serás muito feliz.

Quando á minha promessa de te fazer bonita, não posso cumpril-a; não a mereces.

Depois, dirigindo-se a ambas, terminou:

— Tudo isto que aconteceu foi obra minha para experimentar os teus sentimentos. Ambas, como mulheres foram egoistas: uma por não se tornar feia e outra para ser bonita, não mediu sacrificios...

E a vovózinha terminou assim a sua historia:

— Por isso, filha minha, as bonitas são más, coquettes e as feias são boas, humildes e virtuosas...

JOSÉ M. BRAÑA

NOVA SEIVA

Em um luxuoso volume de cerca de 200 paginas, illustrado com finas e suggestivas gravuras, estão encfichados os mais bellos contos para crianças e mesmo para gente grande, escriptulosamente seleccionados.

O seu preço é apenas \$500. Pedidos nesta redacção, avenida São João, 87 (sobrado).



Nora não se moveu enquanto que Nisa a tratar do peregrino.

Porque és mulher e porque és irman

Irman, quero-te fallar por um momento, escuta-me com fé, qual Joana d'Arc ao receber a mensagem divina que elevando o teu espirito, a fez forte de corpo e alma, para que heroica e sublime redimisse a França, na dor suprema de entregar ás chammas o seu corpo.

E's mulher e és irman e porisso quero te fallar com sinceridade; é preciso que olvides as miserias humanas e te abstrais de tudo, que concentres no coração todo o teu ser e ouvirás então de mim a belleza e o encanto, a luz e a harmonia.

Sim, minha irman, dias virão de luminosa vida, nova era sempre lembrará a humanidade, estabelecida no resurgimento da cidade do ouro que chegará pela harmonia e pelo mandato divino ao "amae-vos uns aos outros".

E então existirão mulheres dignas, nobres e boas, cheias de luz e de arte, de encanto interior, alma temperada de bondade infinita; mulheres que serão sacerdotizas de vesta; mães, que como Juno era para a mythologia a pureza dos céus, ellas os serão para o universo.

Oh! se restabelecerá essa idade preciosa, virá como a calmaria após a tempestade, pondo paz e matizes trazendo a exultação da alma; Phebo infiltrará as suas luzes nos corações que pulsarão por Diana, que é a castidade e por Jupiter que é o poder e a vontade.

E o fogo sagrado do amor espiritual arderá nos corações femininos; a vida será despojada dessa realidade brutal; as idéas triunfarão sobre o calculo pensado.

Sim irman, has de saber que a missão está no lar...

A mulher não deve se despojar desse encanto e dessa belleza, desse idealismo que a anima nos dias infaustos e enche a alma de luz e de alegria levando a sonoridade aos corações adormecidos.

Sê mulher, com as virtudes com todas as forças da tua paixão, tem fé e muita esperança, sobre tudo, fé inquebrantável de alcançar algum dia a felicidade, a paz e a luz.

Não apresses a marcha dos acontecimentos, pois tudo chega a seu tempo; jamais alimente o odio ou inveja, pense que a mais doce vingança é o perdão.

Não te enfadeças se te julgar bella ou feliz; na vida tudo é fugaz; hoje brilha o pharol enganador e fallaz e amanha uma sombra o apaga; aprenda a conhecer a belleza, porém nunca malharates o tempo em procural-a no teu corpo porque só a alma é bella.

Sendo digna de ti amarás a todos os seres e a dor que é a suprema expressão da harmonia; quando a encontrar no meio do teu caminho, della não fujas, afim de veres que ella é uma redenção; verás nella um companheiro que te aconselha para o bem, onde essa fortaleza consagrada na integridade moral que se sobrepõe ás frivolidades e ao idealismo mal comprehendido que pretendo chamal-a da chimera quando na realidade ella é formosa, sem sophismas e bella.

Pensa que alguém sempre vê as tuas acções; proceda sempre bem, porque quando a mulher se acredita livre ella se converte em escrava de sua propria liberdade.

Assim quero que sejas, como a luz vivificante que se difunde pela terra com matizes iriscentes, assim tão suave, tão bella, como os astros luzentes que deixam em sua tractoria o fulgor da esperança.

Quero que a tua alma seja bella como o lyrio do céu, com esmaltes de lapislázuli, que os teus olhos sejam claros quaes as aguas correntes que fertilizam ás margens que as aprisionam, como as flores, resignadas porém altas, perfumando a mão que as desfolham pagando o mal pelo bem.

Como o mysterio da noite ha de ser o negror dos teus cabelos, qual sombra tumba contra os malediscentes.

E os labios vermelhos, qual sangue de fidalga que alimenta nas veias o valor da honra.

Quero que perdoes; ames a caridade para te sentir cheia de esperança e de alegria em forma de um riso cheio, juvenil, desses que faltam aos mortos e aos pobres de espirito ou que se perderam nos dilatados caminhos da vida.

Quero que sejas como o crisol de onde fulgem todas as esperanças, as dores e penas; quero que sejas um anjo tutelar...

Quero que te irmanes com a dor e com o bem que seja a nossa mãe e unica confidente, companheira sublime que tudo perdoa e que tudo ensina.

Quero que enthesores os mais ricos bens da virtude, os mais formosos pensamentos, que sejas nobre de sentimentos e resignada.

Que a tua alma seja branca e immaculada como lyrio que recebe as gottas de rocío para alcalinar a tua sede decoradora...

Porque és mulher e és irman não cessarei de te repetir que o valor da alma feminina é grandioso, sentimento e mysterio, ignoto vibrar, impenetravel, luz e sombra, onde nascem e morrem todas as esperanças onde se forjam chimeras, sonhadas no dia de nostalgico pensar, quando na penumbra vespertina, tornam-se as cousas sresanisadas, e já se ouve o fragor dos bravos corceis conduzindo o sequito do Príncipe Encantado, do gentil trovador, do valente armado em cavalleiro que em mil lidas venceu pelo seu ideal.

Sonhar, sonhar é muito bello porém não é viver na realidade quando se conseguiu harmonisar o ideal como material.

Sê delicada e jamais faltes a verdade; admire as obras dos teus semelhantes porque são todos teus irmãos e si um dia empregares as tuas mãos seja somente para dispensar auxilios, si os teus olhos vém, que não se afastem do infinito azul do céu, si o teu pensamento vibrar, lembra-te dos que soffrem e dos que choram e si teu coração pulsar de jubilo recorda que a vida é um dever para todos os seres.

ALEXANDRE A. CASTAGNINO

AS OPERARIAS NO RIO

Trabalham no Rio de Janeiro nas fabricas e officinas cerca de 50.000 operarias.

Dentre essas ha numerosas moças que despertam as cinco da manhan, vão dos suburbios, entram ás oito horas para as suas occupações, almoçam ás onze e depois labutam até ás 19 ou 20 horas!

Isto é considerado trabalho exhaustivo; a hygiene a alimentação, a retribuição mais equitativa, constituem questões de occasiao.

A senhorita Bertha Lutz, como a sua collega de representação no Congresso Pan-Americano de Baltimore, a dra. Paulina Luisa, do Uruguay, trataram com dedicação e conhecimento de causa, da mulher e das crianças na sociedade moderna, cuja transformação na vida das industrias é considerada um facto.

Esta questão tem sido apreciada pelos mais autorizados sociologos desde a erudita publicista franceza sra. Clémence Royer até ás actuaes pensadoras americanas e a escriptora sueca Ellen Key.

O programma da senhorita Lutz é baseado em principios moraes; pretende conseguir que as mulheres trabalhadoras tenham uma "União" que zele pelos seus interesses e assim façam valer os seus serviços.

Nesta ordem de idéas parece que está reservado um esperançoso futuro para a situação das operarias e empregadas brasileiras orientadas e disciplinadas, suas aspirações, pela observação e conhecimentos da intellectual senhorita Lutz.

Resta somente que a esse esforço da senhorita Bertha Lutz corresponda a dedicação das mulheres cariocas.

A propaganda feminista nos Estados Unidos



Em quasi todos os estados da federação norte americana as mulheres tem o direito do voto: são eleitoras e elegiveis para todos os cargos publicos. A sua competencia e alta capacidade tem sido posta a duras provas nestes ultimos tempos e felizmente dellas tem se sahido admiravelmente. A campanha e a propaganda iniciadas ha algumas dezenas de annos pelas norte-americanas surtiram o effeito desejado, e obstante a diversidade de meios que lançaram mão: conferencias publicas nas praças e theatros, pelos jornaes, nas estradas de ferro, nas officinas, nas ruas,

ravam-se para dar inicio ao remate das suas aspirações, a igualdade civil dos sexos, quando estalou a grande guerra.

Essa medonha hecatombe que ensanguentou o mundo foi a mais poderosa allia da da mulher, pois nessa occasião ella se revelou como um ser imminetemente superior e immediatamente convidada para collaborar com o homem na situação mais angustiosa da humanidade.

As "yankees" tiraram então partido dessa situação e hoje gozam dos mesmos direitos que os seus companheiros do cha-



finalmente em toda a parte se fazia propaganda e tudo servia para fomentar a campanha.

Depois de um trabalho insano e de uma lucta sem treguas, a "titulo de experiencia", tiveram as mulheres do Norte-America o direito do voto, nas eleições municipaes, de alguns Estados; mais tarde esse direito se extendeu ás eleições estaduais e prepa-



mando sexo forte e numa intima união collaboram para o engrandecimento da poderosa república do norte e para a manutenção da paz no mundo.

Sem lançar mão dos meios violentos das suffragettes inglezas, as americanas, faziam a sua propaganda ás vezes bizarramente como nos mostram os clichés.



A mulher e o serviço publico

E A CLAUSULA DA OBRIGATORIEDADE DO SERVIÇO MILITAR ?

Uma questão interessante foi agora proposta em juízo, no Fóro desta Capital.

Como é sabido, as senhoras decididamente entraram em competência com os homens, na porfia da vida, propondo-se ao exercício das mais variadas funções, em serviços quer publicos, quer particulares, nas repartições quer federaes quer municipais, no commercio, nas industrias, no magisterio, nas artes, nas sciencias — em tudo e em toda parte. E agora pleiteiam tambem o exercicio de funções politicas, exigindo-se-lhes attribua tambem o direito do "voto" com os direitos correspondentes de "votarem e serem votadas", para os cargos electivos: intendentes, deputadas, senadoras... e, quem sabe lá? em breve presidentes de Estado, vice-presidentes da Republica.

Uma cousa, porém, não pleitearam ainda, e certamente deixarão passar pela idéa o pleitearem-na: o serviço militar.

Não consta que tenham ellas tido a lembrança de proporem-se conscriptas, exigindo que na lei do sorteo, quando se impõe a sorte dos rapazes que hão de servir um anno ou dois nas fileiras, e a permanencia nas reservas até os 45 annos de idade, — incluam-se tambem ellas, que assentariam praça logo voluntarias, sorteadas, e depois reservistas, no serviço militar das armas para a defesa da Patria e da Republica...

LEMBRAR-SE-ÃO DISSO AGORA ?

Sem duvida a lei do sorteo não cogita de mulheres. Só impõe o dever militar aos homens, que a elle se obrigam desde que attingem a maioridade. E' um onus que não incumbe ás mulheres, nem estas, naturalmente, cogitariam jámas.

E' bem verdade que na Russia bolshévista formaram-se batalhões de guerreiras vermelhas, que se têm revelado tão ferozes e selvagens como os dos homens, não menos vermelhos, dos outros batalhões masculinos de Lenine e Trotsky. Mas, a Russia é a Russia, e a loucura que empolgou e domina o desgraçado ex-imperio dos "Czares" não serve, não pôe nem deve servir de exemplo, e menos ainda de lição e ensinamento ao resto do mundo.

Os russos têm envilecido e animalizado a mulher de maneira incrível, reduzindo-a ás condições mais desgraçadas. Chegaram ao cumulo de lhes desvirtuar o sexo, desprezando-lhes a dignidade. Não admira: é a loucura, e a Russia bolshévista está doida.

Em nenhum outro paiz civilizado se admittiu ainda o serviço militar para as mulheres — embora se os admitta em alguns corpos em campanha para serviços auxiliares, como enfermeiras, damas da Cruz Vermelha, em ambulancias, hospitales de sangue, enfermarias, etc. Em nenhum desses casos, porém, como "soldados", o que quer dizer que se lhes não impõe nem se as admitta ao serviço militar propriamente dito.

Agora, porém, neste nosso maravilhoso Brasil, junto ás vespers da commemoração solemne do Centenario da Independencia, surge um episodio no Fóro da Capital da Republica que...

O CASO NOVO NO BRASIL

Não se alarmem. A cousa certamente não terá consequencia. Mas, vai a pena frizar-se pela curiosa novidade de que se reveste.

Um joven pubere, Arolão Alves de Almeida Albuquerque, reservista de 1.ª categoria do Exercito Nacional, assistido por seu paiz, o bacharel Edmundo Barrêto de Almeida Albuquerque, intentou no Juizo Federal da 1.ª Vara, contra a União Federal, uma acção summaria especial para annullar o acto do director dos Correios do Estado do Rio que nomeou d. Odalécia da Silva Pereira para o cargo de auxiliar da Administração dos Correios naquelle Estado.

Allegou o autor que, tendo-se inscripto no concurso para o cargo em questão, apresentou todos os documentos exigidos pelo respectivo edital, inclusive a caderneta de reservista do Exercito, de accordo com o que preceitua o art. 470 do Regulamento Postal.

Prestado o concurso, o autor foi classificado, mas foi preterido na nomeação pela d. Odalécia. Allega, então, que a nomeação desta é illegal, porque, sendo mulher, não cumpriu a exigencia legal de provar ter prestado o seu serviço militar, estando prohibida por isso de exercer qualquer função publica, conforme preceitua o art. 124, do decreto n. 14.397 de 1920 e art. 6 da introdução doCodigo Civil.

Nestas condições, pedia o autor que de conformidade com o que preceitua o art. 72 § 2.º da Constituição da Republica, que prohibe a desigualdade na applicação das leis, seja declarada nulla e insubsistente a nomeação daquella senhora para o cargo de auxiliar dos Correios, no Estado do Rio.

E que a nomeação recaia sobre elle, classificado, reservista, e com todos os necessarios documentos completos e em perfeita ordem.

Assim...

COMO SE RESOLVERA' O CASO ?

Está-se a vêr, pe'lo menos aparentemente, que o reclamante tem razão. Pois que existe, na realidade, a exigencia legal da prestação do serviço militar pelos que se candidatam áquelle e a outros empregos publicos, logicamente apresentando-se a pleitear nomeação dos pretendentes — um que prestou esse serviço, o que prova exhibindo regulamentadamente sua caderneta de reservista; o outro que jámas o prestou, evidentemente as preferencias para a nomeação deveriam caber áquelle, não a este.

Dir-se-á, porém, que o nomeado — no caso "a nomeada" — não prestou esse serviço militar, nem o poderia ter prestado porque é mulher e mulher não assenta praça.

"Quid inde?"

O contestante responderá que nesse caso não se invalidaria o seu direito, mas, sim, o da pretendente nomeada, porque se desmentaria, ao menos nesse ponto, a incapacidade legal da mulher exercer certas funções publicas: para cujo exercicio se exige previamente a prestação daquelle serviço...

O caso, porém, não terá consequencias. Heuve quem lembresse, certamente por pilheria, que o director dos Correios deveria exigir da candidata nomeada que se incorporasse a qualquer unidade de exercito como enfermeira de qualquer ambulancia, formasse nas forças convocadas para a grande Parada Militar da Independencia, realizada a 7 e depois se apresentasse a assumir seu posto de auxiliar dos Correios do Estado do Rio. Um attestado, uma certidão, ou cousa que os valha, do respectivo commando, comprovaria ter ella prestado serviço militar.

E ter-se-ia inutilizado a reclamação do joven concurrente. Nada disso, porém, se fará, porque provavelmente não haverá necessidade de fazer-se. As mulheres conquistaram definitivamente o direito a serem nomeadas para esses e outros cargos da administração publica, como já se vêm sendo nomeadas para as de todas industrias e profissões, no commercio e alhures, aqui e em todos os paizes civilizados.

O que têm agora de fazer os homens, não é privar-as do direito que conquistaram, é vencer-as na concorrência. Isso já se vai tornando difficil. Mais o será breve, quando conquistarem ellas o direito do "voto", que ainda lhes não foi concedido, mas já o foi em outros paizes.

A lembrança de se lhes exigir qualquer serviço propriamente ou... aparentemente militar para se lhes justificarem as nomeações, é que... nem hoje nem nunca haverá de passar de pilheria.

J. T.

(D' "A União").

Bem-me-quer... mal-me-quer...

Ao Maestro Hernani Braga.

Loura de um delicioso louro de medalhão antigo, uma nesga de céu muito azul nos olhos grandes e rasgados, a castellã esbelta vivia a sorrir, indifferente á chusma que a cercava, de adoradores.

Mas, romantica, a alma plena de mysticismo, vivendo a sonhar sempre com um mundo novo de illusões e encanto, aquella creatura occultava no seio um thezouro immenso de amor.

Pela noite, a furto, passeava no jardim do castello, a machucar entre os dedos malmequeres de ouro, semi-cerrados os olhos que costumavam fulgir, muito abertos, como duas enormes saphiras.

... Mas, certa vez, nessa hora triste da tarde, em que a natureza respira tão encantadora poesia, um mancebo garboso e forte, de traços puros, um loctus a tiracollo, vem ter ao castello. Ao sentir-lhe pousar sobre os olhos o olhar magnetico e profundo desse mancebo desconhecido, a castellã teve, a passar-lhe o corpo um extremincemento nervoso, como si uma scintella electrica o percorresse todo...

E, extranho factol aquellas pupillas azues que jamais se abaixavam diante de um olhar, desceram, então, as palpebras pestanudas para que as occultassem. Era a faisca do amor.

Tranquillo, senhor de si, o menestrel tomou o loctus marchetado de madreperola, afinou-o e uma extranha harmonia, resouo pelo salão.

Um outro, mais outro canto ainda e a castellã, reclinada a fronte na não pequena e fina escutava-o embevecida, um sorriso nos labios entreabertos...



A exma. era. d. Anna Monteiro de Hollanda, nossa prezada e distincta representante na cidade do Crato, Estado do Ceará.

E datou desse crepusculo sereno, o seu romance de amor, triste e doloroso como todos...

Passaram-se mezes. A castellã já não tinha no olhar a penetrante expressão de outróra; substituiram-n'a uns tons de caricias: era a transformação do amor. Numa manhã, porém, o menestrel partiu.

Poetas, quem nelles crê? Quem dá ouvido ás suas canções cheias de doçura e magia? Poetas! São como borboletas que pousam por instantes em uma formosa flôr para lhe aspirar o aroma e logo após levantam o vôo, em busca de outra flôr, mais formosa ainda?

Procuram a belleza que os inspire e erram pelo mundo a amar por fantasia...

A castellã, com os olhos, acompanha o cantor que a vida e os sonhos lhe roubara e, depois, retirou-se para o salão todo rosa em que o conhecera, ali se deixando ficar, alheia a tudo, como a lhe ouvir ainda as canções...

Desde então, quando á noite, ella passeava no jardim do castello, a despertalar malmequeres, repetia ao de leve: bem me quer... mal me quer...

E a pouco e pouco, se approximava da morte.

Alguns tempo mais e dormiria o somno eterno, que devem todos dormir.

Esse montento — pobre castellã graciosa e linda! — não tardou e pallida, cabellos desnatrados, ella expirou, premido ao seio um malmequer dourado de pétalas enormes e avelludadas...



As graciosas senhoritas Diomar de Souza e Fortunata Silveira, da cidade de Cassia, Estado de Minas.



A Rainha das rainhas, da "Mi-Careme" nas portas do Colyseu, em Paris.

S. Paulo, 1922.

MILERRA ARIKANELA

A ENTRADA DA PRIMAVERA

"FIVE Ó CLOCK TEA" EM
CASA DE MME. HOCHENET.



THEREZA. — Seis e meia! Que horror! E eu que tenho que me encontrar com o meu marido as seis horas em casa de Mme. Dermoise!...

MME. HOCHENET. — Cinco minutos a mais, cinco a menos...

MME. DE COEVRE. — Não ha hoje uma partida de bridge em casa de Mme. Dermoise?

THEREZA. — Sim.

MME. HOCHENET. — Então, tem muito tempo.

THEREZA. — Sim, mas temos que ir ainda a recepção das Bédoux, em Autail!

MME. DE COEVRE. — Não chegarás com tempo.

THEREZA. — Mas é preciso que eu chegue porque assim seria o quinto "five ó clock tea" que eu vou hoje!

MME. HOCHENET. — Que mez de março horroroso! Cinco chás! Antigamente quando se tinha duas ou tres visitas para se fazer depois do almoço era um fim de mundo.

THEREZA. — Hoje, para que a gente seja simplesmente polida — porque eu disse que seria o quinto chá para comparecer, quando tenho couvite para oito — é preciso se desdobrar em duas.

MME. DE COEVRE. — Com dois bons estomagos...

MME. HOCHENET. — E um pequeno forno, não é Thereza?

THEREZA. — Nem tanto. Eu a isso pouco ligo porque...

(Ella se levanta e despede-se de algumas pessoas, porém Mme. Hochenet com uma bandeija de bolos finos a faz parar).

MME. HOCHENET. — Experimente um pedacinho deste Monte-Branco.

THEREZA. — Não, muito obrigado; já estou horrivelmente atazada... A proposito de Monte-Branco, não tiveram noticias dos Kerco que estavam em Chamonix?

MME. HOCHENET. — Ha dois dias que voltaram.

MME. DE COEVRE. — Notaram que elles partem geralmente na segunda quinzena de dezembro e só voltam na primeira semana de março?

MME. HOCHENET. — São entusiastas pelos esportes de inverno.

MME. DE COEVRE. — Eu penso que elles nunca estão em Paris nesse tempo, é para escapulirem dos presentes de fim de anno.

MME. KERCO (entrando) — Bom dia, minhas amigas.

MME. HOCHENET (um pouco embaraçada). — Fallavamos neste momento de sua pessoa.

MME. KERCO. — De bem ou de mal?

MME. HOCHENET. — Oh! havia de ter graça minha querida! Bem, somente de bem podíamos fallar de Mme. Kerco.

MME. KERCO. — Muito obrigada.

MME. HOCHENET. — E o que nos diz da estação? O bobsleigh, o ski, a patinação?...

MME. KERCO. — Oh! nem me falle. Um tempo insupportavel. Um sol de primavera, um céu de Riviera. Que prazer a neve, o frio... porém não sei si voltarei pelo proximo inverno...

MME. DE COEVRE (com uma certeza mordaz). — Sim, sim, voltará.

MME. KERCO (sorrindo). — Acredita então?...

MME. DE COEVRE. — Disso estou plenamente convicta. E' como Mme. Cheorette; cada primavera jura que não sahirá mais pelo inverno e nelle bem este chega corre para Nice.

MME. KERCO. — Não posso comprehender o que irá ella fazer em Nice antes do mez de abril; janeiro passa-se regularmente, fevereiro soffrivel, porém chove muito; março é um diluvio...

THEREZA. — Talvez ella goste de Nice e não veja essas cousas...

MME. KERCY. — Ora, é para não mandar as boas festas! E' uma boa redução de gastos...

MME. CHIEORETTE (entrando). — Sou eu! Ninguém me esperava, hein?

MME. HOCHENET. — Confesso que não...

MME. DE COEVRE. — E' curioso! Fallavamos de ti, neste momento.

THEREZA. — E' verdade.

MME. CHIEORETTE. — E eu fazia entretanto o mesmo ha um quarto de hora em casa de Mme. Dernoize.

THEREZA. — Viu por lá o meu marido?

MME. CHIEORETTE. — Sim; elle te esperava com impaciencia.

THEREZA. — Não faz mal. Não tenho muita pressa.

MME. HOCHENET. — Uma mandarina... uma minuscula mandarina de Nice?...

MME. CHIEORETTE. — E dizer que eu venho de Nice somente para vel-as!

MME. DE COEVRE (sarcastica). — Recebi precisamente a primeiro de janeiro dois cestos com mandarinos.

MME. DE CHIEORETTE. — Mandarinos da Algeria, aliás.

MME. COEVRE. — Venham de onde vier; só nos causaram prazer.

THEREZA. — Querem me deixar sair?

MME. HOCHENET. — Não ha uma pessoa que se sinta bem em Paris.

MME. KERCY. — E' exacto: de hoje a vinte dias teremos a primavera.

MME. DE COEVRE. — Antes fosse! Segundo o calendario, talvez, porém...

MME. KERCY. — E os costureiros?

MME. DE COEVRE. — Oh! uns phantastas!

MME. CHIEORETTE. — Um phantasta? Pois então vá ao seu costureiro e peça para que elle te mostre toilettes que não sejam de primavera... quasi que de verão.

MME. DE COEVRE. — Si os costureiros da rua da Paz são os que regulam as estações agora...

MME. CHIEORETTE. — Si não são elles, quem que a amiga julgava então ser?

MME. DE COEVRE. — E não ha outro remédio simão acompanhal-os, fazendo causa commum com as demais...

MME. KERCY. — Elegantes que são verdadeiramente escravas da moda, completando a sua phrasé, não é?

MME. CHIEORETTE. — Seja como fôr, porém eu tambem estou de accordo com os senhores da rua da Paz; já era tempo de se alterar a moda, ella já estava se tornando caete.

MME. DE COEVRE. — Mas por Deus, minha querida!... Estava em Nice e como pode dizer que a moda já estava se tornando caete si durante todo o inverno não estive em Paris, apesar das suas promessas de toda a primavera, quando se pôde affirmar que para apreciar bem a moda é somente em Paris?

MME. HOCHENET. — Ah! em Nice a moda fica a dever a de Paris, pois alli se reúnem todas as elegantes que fogem de primeiro de Janeiro de Paris...

THEREZA. — Querem me deixar sair?...
MADO.



MME. CHIEORETTE—Sim... Mas quando se vai ao sul para se ver fructas e flores e acha-se um céu de neve, gelos... dois meses seguidos embrulhados em grossos vestidos de lã...

MME. KERCY. — E' singularmente curioso. Eu encontrei em Chamonix o que vos causou aborrecimentos em Nice e achastes alli o que eu procurava com afan nas montanhas.

MME. DE COEVRE. — Para o anno já sabem então para onde devem ir, não é Thereza?

Almofadinhas e melindrosas

- Quero-te cada vez mais, querida.
- E' verdade isso?
- Verás, verás quando nos casarmos...

E o pobre noivo começa a traçar seus planos para o futuro. São admiráveis esses planos, são phantásticos de belleza, mas nos quaes não ha sinão o factor *prosa*, porque, para falar verdade, com trezentos mil réis por mez, não se podem fazer milagres. Verdade é que o seu fato está irreprehenível: a casimira ingleza em que foi talhado é authentica: seus sapatos de verniz têm um brilho de espelho, sua camisa é de pura seda, como é de seda a meia e toda a roupa interna. Seu paletot cinto dá-lhe ao corpo um ar de grillo estrangulado. E elle caminha com ademanes de mulher, como se tivesse um espelho diante de si e estivesse a ensaiar nelle o estylo do passo... Trezentos mil réis dão-lhe apenas para o charuto e algumas corridas de auto. Tudo mais, casa, comida, restaurante, roupas, luxos, é obtido á custa do calote. Quanto genio é preciso para viver em pagar os fornecedores!

Quanta malicia, astucia, gentileza, sedução, sorrisos e mentiras, carrancas de convecção e gestos de supplica! Pagar é tão facil! mas conquistar o credito sem fundos nem garantias é que é o problema para cuja solução

— Daqui a seis mezes estaremos casados, suspirou ella, erguendo para o céu os lindos olhos onde ha doçuras angelicas e malicias diabolicas.

— Daqui a seis mezes, ciciou elle, apertando-lhe os dedinhos com uma ternura em que havia sinceridade e artificio.

Elle confia no acaso. Em seis mezes se operam tantas coizas! Um bilhete premiado, uma herança inesperada, um thesouro achado, uma "tacada" no jogo...

Oh! quantas probabilidades de ventura, e sem esforço, por simples obra do acaso...

Terão a sua casinha, genero "bungalow", rodeada de jardim e com glicinias azues pendentes do muro... Terão um landaulett, e, sobretudo, muitas "toilettes", ricas "toilettes", de córte muito exaggerado, para forçar a nota...

Lá vão elles embevecidos nesses sonhos. Chegaram á rua Direita. Hora da exhibição. A' porta de uma confeitaria ha grupos palrados de "almofadinhas" que assistem ao desfile dos autos que vêm do corso.

Faz um immenso calor, O noivo sente a necessidade de um gelado. A' noiva appeteece uma salada de frutas com uma camada de gelo moído. Elle, mentalmente, dá um balanço nas suas reservas de dinheiro. Mil e duzentos réis. Salada e gelado mil e oitocentos e mais duzentos de gorgeta. Ao todo dois mil réis. Elle, enchendo-se de coragem, decide-se:

- E se tomasses um sorvete?
- De boa vontade. Estava para te fazer nisso.

Nesse momento surge uma garolinha, suja como estropalho.

— Oh! moço, compre este "bonquet" de violetas.

Elle quiz passar adiante, receioso de que a noiva se tentasse pelas flores; mas a moça tentou-se e parou a examinar o cabaz.

— Quanto essas violetas? perguntou elle com odio, mas, risonho.

— Quinhentos réis.

— Toma.

Sentam-se á mesa da confeitaria. E ao garçon que passa, elle, com um ar de superioridade enfiada:

- Um sorvete.
- De que? morango, abacaxi, creme, spumone?
- Spumoni. Explicou a moça, e tu?
- Por enquanto nada. Fico a consultar o appetite. E soffreu a sua sêde a secco, engulindo a saliva. Assim são elles, os "almofadinhas".



AS DUAS CANDIDATAS

PIERRE MILLE

Estava finalmente decidida a secular questão: a grande reforma fora aprovada pelo parlamento e sancionada pelo Presidente da Republica: as mulheres tornam-se eleitoras e elegíveis para os cargos municipaes de toda a França. Iam se tornar conselheiras municipaes em todas as cidades francezas e cingir o peito com a faixa trocolor, dirigir o serviço dos guardas campestres, dos empregados da limpeza publica; finalmente a proteção dos animaes, dirigir e ordenar mil e uma cousas, tudo sob a sonoridade destas syllabas magicas: o *prefeito, Zenaide Lapoire*.

Assim pensava Zenobia Laprune, quando entrou em casa de Mme. Zenaide Lapoire, em um dia de recepção. Mas Mm. Zenobia assim pensava sem o minimo interesse porque era uma simples burgueza, muito conservadora. Sim conservadora, porém não em politica, que patavina entendia e consigo mesmo ella preferia uma bateria de cozinha nova, — já não digo de cobre pelo preço que hoje está —, a dez votos

Ella sabia que sua amiga Mme. Lapoire tinha opiniões totalmente diversas das suas. Mme. Lapoire era uma feminista da velha guarda;

membro de todas as ligas pro-mulher, assistia as conferencias, tomava a palavra, discursava com ardor defendendo os direitos da mulher franceza e em geral. O dia de hoje era para a sua amiga um dia de triumpho. Isso



— Então tenho plena e absoluta certeza de que na proxima eleição os senhores votarão em meu nome.

espicaçava um tanto a Mme. Laprune, da mesma maneira que uma amiga annuncia as demais o seu noivado. Seus presentimentos não a enganavam: ella achou em casa de Mme. Lapoire uma reunião numerosa e entusiasta. Ali se achavam não sómente senhoras mas tambem homens, que nem por isso se consideravam menos felizes: diziam-se satisfeitos em sacrificar em prol das mulheres os seus direitos ou repartir com ellas os seus privilegios. Diziam-se tambem algumas asneiras, pois em reuniões dessa ordem, quando se dicute um magno assumpto, as opiniões são variadas: M. Chamussot, um dos feministas presentes affirmava que em materia da educação de creanças e meninas, cujo nome scientifico era "puericultura", de hygiene, de finanças e de instalação de edificios publicos e privados, as mulheres deveriam ter a supremacia na sua direcção e ali exercer a sua autoridade. Congratulavam-se mutuamente emquanto M. Chamussot fallava, até que este depondo sobre a meza a sua chicara de café, já vasia, disse a Mme. Lapoire, o que já era esperado:

"— Esperamos que a senhora se candidate".

Mme. Lapoire abaixou os olhos, modestamente.

"— A seu cargo estiveram todos os trabalhos desta ardua campanha, nada mais justo que lhe caiba essa honra!"

Essa insinuação do ardente feminista foi acolhida com uma approvação geral.

"— E' verdade, disse Mme. Lapoire, eu não sei... Mas é tão pezada a incumbencia e tão elevados os deveres a cumprir... é preciso a gente se armar de uma grande coragem para fallar em reuniões cheia de oppositores... Até já me fallaram em se levantar a minha candidatura pelo XXII secção..."

Mme. Laprune, momentos depois se retirava certa que a sua amiga seria a candidata pela XXII secção eleitoral. Achava simplesmente estúpida essa pretensão e externou a seu marido na occasião que jantavam o seu modo de pensar. Mr. Laprune escutava a esposa sem replicar, tamborilando os dedos na meza.

"— E' simplesmente uma idiota!"

— Não, diz Mr. Laprune, nada vejo de idiote: talvez haja imbecilidades o que já não é a mesma cousa. Desde que permitiram que as mulheres se candidatassem e sejam eleitas vereadoras, nada mais justo que hajam mulheres que se apresentem. Esperamos mesmo que ellas sejam eleitas... porque razão não poderias ser tambem candidata e eleita?

— Eu? Etás louco!

— Não estou louco. Assim

como outras se apresentam nada mais natural que te munas de coragem e façás o mesmo.

— Mas nada sei fazer para isso e jamais pensei em tal cousa!

— Tudo neste mundo teve o seu começo... E' o admiravel raciocinio do *saltimbanco*: como posso tocar violão, quando jámais aprendi?... Queres fazer um accordo conmigo? Segue os meus conselhos, deixe correr o mez por trinta dias que eu te garanto que serás eleita e que, si os meus calculos não falharem, Mme Lapoire será derrotada.

— Mas devo apresentar contra ella?

— Não; isso não seria conveniente. Ambas filiadas ao mesmo partido e inimigas, daria motivo para troça... Ella se apresenta pela XXII secção enquanto que te apresentas pela XXIII. De resto nada digas a quem quer que seja dos nossos planos.

A idéa fixa do astucioso Laprune era que Mme. Lapoire, era viúva e feminista enquanto que a esposa, gosava da protecção e influencia do marido e não tinha idéas conhecidas e isso era uma superioridade incontestavel. O raciocinio poderá parecer bizarro e mesmo paradoxale elle esperava que não falhasse.

Mme. Lapoire era feminista e a sua reclame e propaganda visava mais as eleitoras que os eleitores e como candidata contava quasi que exclusivamente com as mulheres e assim parecia fazer questão fechada, pois chamava somente o sexo feminino ás urnas para fazer valer os seus direitos, a ellas dirigia os seus apellos e fazia as suas "demarches". Muitas dessas senhoras não partilhavam das mesmas idéas que a ardorosa feminista e ella se esforçava para fazer comprehender a essas o cumprimento do dever.

M. Laprune por sua vez poz-se em contacto com as eleitoras. Innumeras senhoras manifestavam uma descon-

fiança e máo humor com referencia a Mme Lapoire e diziam mesmo: "Ella nos aborrece com as suas lenga-lengas. Não acha geito para modista?" Das classes operarias ás burguezas e entre os homens geralmente, a hostilidade era manifesta. Entre as mulheres essa hostilidade, seja porque motivo for, se augmentava dia a dia. M. Laprune de tudo tomava nota, até que um dia disse a sua esposa:

— "Agora, creio eu, podemos começar a trabalhar!"

De commum accordo com o seu marido, Mme. Laprune redigiu o seu programma, os seus cartazes, algumas vezes bem fortes, ferindo com intelligencia pontos delicados de

modo que houvesse uma harmonia de vistas com todos os sentimentos politicos que dividiam aquella circumscriptão. Era em uma palavra uma profissão de fé, do seu concorrente masculino. Tratando do feminismo reclamava para as mulheres o "mesmo tratamento dispensado pelas leis aos homens". Não somente o programma como tambem os cartazes politicos de M. Laprune foram bem acolhidos e esta começou se interessando pela aventura que ia se metter.

"— E' preciso que eu faça as minhas visitas politicas disse um dia a seu marido".

— Boa idéa, respondeu M. Laprune, mas a quem?

— As mulheres...

— Não! não! protestou elle escandalizado. Deves ir antes de mais nada visitar os eleitores, minha cara amiga, enquanto que eu me encarrego de fazer a propaganda entre as senhoras

* *

Mme. Laprune iniciou então a sua visita eleitoral entre os representantes do sexo forte. Procurou em primeiro lugar os seus fornecedores e foi muitissimo bem recebida.



O Sr. Laprune era um cavalheiro muito gentil e attencioso

Depois foi ainda mais longe com as suas vizitas e sempre bem sucedida: vestia-se bem, com certo apuro mesmo e os homens para não se tornarem incivis para com uma senhora eram gentis e sempre terminavam oferecendo um licor ou um café. Durante o tempo que tomavam o café ou licor ella feria o assumpto e finalmente na despedida dizia:

— Então está entendido. Conto com o seu voto para mim!

Alguns respndiam immediatamente "sim"; outros com um ligeiro movimento de hombros, "veremos". Para aquelles ella agradecia cordialmente e para estes ultimos ella replicava com enthusiasmo: "Oh! senhor, seja homem! Tenha franqueza nas suas opiniões!"

Os mais timidos balbuciavam acanhados: "Está bem!... sim... conte com o meu voto..."

Na mesma occasião que Mme. Laprunne fazia a sua campanha eleitoral, o seu marido visitava as senhoras do seu conhecimento: "Quereis uma cédula para as proximas eleições? A minha senhora é a candidata e mandou-me dizer que tendo as mesmas opiniões que as vossas disso vos fizesse sciencia. Não ha compromisso formal de vossa parte, sómente pede para não votar no concorrente masculino M. Cornuchet, que além de ser um ente disforme parece ter opiniões politicas: coitado é muito imbecil para ter opiniões politicas!"

Nessas e outras ponderações ia M. Laprunne fazendo a sua campanha e si entre os homens Mme. Laprunne era considerada como uma candidata mui gentil, entre as senhoras, M. Laprunne era apontado como um cavalheiro gentil e attencioso.

Começaram os "meetings": Mme. Lapoire fez entusiasmicos discursos; foi muito applaudida e não teve contradictorios.

Mme. Laprunne teve receio de se apresentar em publico,

porém o seu marido a tranquillizou dizendo: "— Diga o que quizer; isso não tem importancia. Eu me arranjarei com os teus adversarios".

De facto ella foi interrompida com galhardia e com methodo. Quando os eleitores faziam apertes impetuosos, as eleitoras por sua vez gritavam e abafavam as vozes masculinas. As vezes um partidario de M. Laprunne no auge do enthusiasmo exclamava:

"Ella tem razão, é isso mesmo!..." os adversarios imitavam então os vagidos de creança de berço. Nada se entendia, porém divertiu-se bastante.

Realisaram-se as eleições e de noite nos boulevards, os jornals davam o resultado por meio de projecções luminosas:

XII circumscripção M. Bonfame, socialista 22.000 votos, eleito. — Diversos: 3.000 votos. — Mme. Lapoire, feminista 107votos.

XIII circumscripção: Mme. Laprunne, comunista: 9.000 votos, eleito. — M. Cornuchet: 8.000 votos.

Na sua circumscripção Mme. Lapoire obteve 107 votos resolutamente feministas; as outras eleitoras não compareceram enquanto que os homens ignoravam da existencia dessa candidata.

Na XIII circumscripção as mulheres tinham dado a Mme Laprunne uma grande votação porém os homens constituiram a grande maioria.



A Sra. Lapoire era uma feminista convicta.

PETALIN.

Tintura ideal, completamente inoffensiva e de base exclusivamente vegetal, sem os inconvenientes e perigos apresentados pelas demais existentes no mercado. Preço, 10\$000; pedidos nesta redacção. Avenida São João, 87 (sobrado).

A mulher russa

Em todas as nações do mundo a emancipação da mulher se tem desenvolvido paralelamente com a cultura dos seus habitantes. O homem primitivo, confiado sómente na sua força física, viu unicamente na mulher uma escrava de sua vontade egoísta.

Enquanto se operava o desenvolvimento das famílias em comunidades e destas em estado, a mulher evolutivamente passou de escrava do homem para ser logo a sua amiga e companheira e finalmente a cidadã com os mesmos direitos e privilégios que elle.

Em todos os paizes a influencia das mulheres cresce constantemente. Tem se chegado á conclusão de que as instituições sociais e politicas da nossa civilização não são esteves enquanto a mulher não participar da sua organização.

A mulher russa cabe a mesma sorte que ás suas irmãs dos demais paizes do mundo. Luctou com heroísmo e atravessou todo o cyclo da evolução feminina e agora se encontra nas portas da sua completa liberdade e igualdade.

Tal era a nova situação da mulher na Rússia decretada pela Revolução de 1917. E essa doutrina de igualdade de direitos e liberdade para ambos os sexos continuará sendo, sem duvida alguma, um dos principios fundamentais da vida na Rússia livre. Mas é preciso que se diga que é inadmissivel o programma da socialização das mulheres russas, cuja medida só tornaria mais debil a sua posição. Semelhante insulto jamais poderá attingir a mulher e os bolshévistas nunca poderiam alcançar cousa alguma com taes propositos.

Em uma época não mui remota, as mulheres russas da alta aristocracia não foram melhor tratadas que são agora as esposas e filhas dos camponeses. Em muitos casos era ainda peor a sua sorte. Entre as antigas disposições russas concernentes ás mulheres havia uma que ordenava que fosse enterrada viva a esposa infiel, porém de modo que a cabeça e o busto immergissem do sólo livremente, expostos ao publico, pois essas disposições legais eram sempre cumpridas em uma praça publica.

Esta lei esteve em vigor até ao reinado de Catharina II.

Nessa época á mulher era reservado, nas habitações, geralmente o segundo andar do predio, enquanto que o homem occupava o primeiro ou o andar terreo. Era vigiada rigorosamente, como um objecto precioso e

que extranho algum pudesse ver e taes restricções eram ainda mais severas para com a imperatriz, princezas e damas da corte. Uma galeria, toda fechada, ligava o palacio do Czar á igreja e quando a Czarina, filhos e damas assistiam os officios religiosos, ninguém as podia ver. Quando sahiam a passeio pelos jardins do palacio, nunca iam a pé, sempre de carro fechado e de estores descidos.

Um notavel livro escripto pelo monge Sylvestre, com o titulo de "Dimostroy", no seculo XVI, encerra as leis do tempo antigo ás quaes as mulheres russas estavam submettidas. Este religioso ortodoxo dividiu a sua obra em tres grandes capitulos, consignando o primeiro aos deveres religiosos, o segundo aos requisitos civicos e o terceiro á vida da familia.

Nesta terceira parte o monge Sylvestre aconselha o seu filho como deve governar a sua casa, na qual é marido e senhor e a mulher serva obediente e executora passiva das suas ordens.

Ao marido compete fiscalisar a educação dos seus filhos, sobre elle recae de igual modo a responsabilidade da moral da familia, para cuja eficiencia o exhorta, religiosamente, a applicar o latego, sempre collocado na cabeceira da sua cama, no quarto de dormir. Ao filho, se recommenda não bater nos olhos, no ouvido ou no coração dos seus irmãos menores ou irmãos, mesmo maiores, quando solteiras. Quando se casar deve inculcar na esposa todo o sentimento de modestia e submissão afim de que ella se compentete de que não passa de uma escrava.

A emancipação das mulheres começou no reinado de Pedro, o Grande, nas classes aristocraticas, quando elle regressou de uma viagem que fizera á Europa occidental, com o decidido proposito de formar a civilização russa nos moldes dos outros paizes europeus.

posito de formar a civilização russa nos moldes dos outros paizes europeus.

Nas assembleas, por elle creadas, determinou a presença das mulheres da alta nobreza.

Selvagem e fanatico, de maneiras chesterfieldianas como querem alguns dos seus biographos, exigiu que nas assembleas as damas fizessem o uso immoderado das bebidas e quando estas repelliam o vinho ou não o podiam tolerar mais eram publicamente açoitadas.

Sómente quando as readeas do governo vieram ás mãos de mulheres como Catharina I e Catharina II, foi que começaram a respeitar e a prosperar os direitos do bello sexo.



A entusiastica recepção de Mlle. Rostag por parte dos seus colegas no "Storting" (parlamento sueco) quando eleita e reconhecida como deputado se apresentou para tomar posse da sua cadeira.

Outro facto que tambem muito contribuiu para o aperfeiçoamento da cultura feminina na Russia foi a campanha napoleonica logo no principio do seculo XIX.

A literatura é o melhor espelho de uma nação. Uma das mais favoritas mulheres russas é Tatyana, um typo ideal de mulher nobre retratada em "Tevgeny Onyegin", numa novela do seculo XIX, escripta em verso rimado pelo Byron da poesia russa, Pushkin, obra classica que posteriormente serviu de motivo para a opera do mesmo nome de Tchaikovsky.

Creada no campo e educada com a leitura das novellas contemporaneas, Tatyana, é a encarnação do modesto encanto da virtude verdadeira da mulher russa.

Limitada na sua estreita vida do campo, seu viver romantico se enche de amor pela natureza, povoado de poesias e de sonhos. Travou conhecimento com um joven do grande mundo, acostumado á mais alta sociedade, com abundante verniz exterior, poreo com o coração cheio de egoismo. Tatyana profundamente enamorada do jovem e após longos sofrimentos e duvidas resolve escrever-lhe uma carta onde põe em relevo todos os seus sentimentos. Em um jardim se encontram onde Jevgeny lhe diz francamente que jamais pensara em se casar, mas se assim pretendesse nesse dia então iria procural-a, caso ella o esperasse.

Poucos annos depois elle encorpora Tatyana em um baile. Agora ella já estava casada com um estadista de Petrogrado, e Jevgeny, reconhecendo a antiga apaixonada, fica perdidamente enamorado.

Porém esta, si bem que ainda o amasse, recebe-o com frieza e diz que está casada com um homem que ama e jurou fidelidade. Quando só, ella chora com amargura, porém resolve permanecer fiel e leal aos seus votos matrimoniaes.

Turguenev, successor e herdeiro literario de Pushkin, notavel capacidade de desenvolvimento da mulher russa.

Turguenev, successor e herdeiro literario de Pushkin, quem retrata mais ao real, as suas quer outro escriptor russo, em suas famosas novellas "Paes e filhos", "Primeiro amor", e outras, pinta uma completa galeria de typos femininos, que adquiriram uma grande ascendencia não sómente entre o povo russo, como tambem entre as demais nações do mundo.

Foi Turguenev o primeiro escriptor russo, que poz em destaque as magnificencias de alma da mulher russa, — "a eterna victima de inexprimiveis crueldades". Foi quem a levantou até a posição actual, posição que ella tanto honra e dignifica, revelando os diversos matizes de seus sentimentos, ora transparentes, subtilezas, outras vezes uteis e evanescentes, com o halo de uma aura de belleza, sinceramente feminina.

A frescura de juventude, a gloria do idealismo, o profundo sentimento de abnegação, as superiores normas de moralidade se acham encarnados nos nobres typos de mulher de Turguenev.

Tambem muito interessantes são os typos femininos

que retratam outros escriptores como Goncharov, Dostoyovsky e Leão Tolstoy. Duas creações distintas se acham encarnadas no poema em prosa de Tolstoy "A Guerra e a Paz": Natasha e a princeza Maria a primeira uma encarnação viva e sensível da feminilidade em sua mais nobre idealização; a segunda, uma mulher cuja casta e inata virtude é docemente velada pela modestia e dominio de si mesma.

Muitas das mulheres da nobreza, nossas conhecidas, na vida real apresentam as admiráveis qualidades que se encontram nos mais eminentes typos literarios.

Lembro-me bem de uma nobre senhora, já anciã, minha vizinha cujo refinamento, valor sereno e fé serviram de modelo á alta nobreza russa.



Mme. Curie e as suas duas filhas ao chegar a Nova York, onde o presidente Harding the entregou duas grammas de radio, presente das senhoras americanas áquella notavel scientista.

farás?

— Em vista da actual perturbação na Russia, tarefa de segurar todos os edificios que me legas em optimas companhias."

A nobre mulher mostrando então uma imagem da Virgem, suspensa na parede diz-lhe com voz forte:

— Eis a imagem da Virgem Maria, a imagem das tres alegrias. Enquanto ella ali se achar, a minha casa nunca soffrerá um roubo, incendio, jamais será violentada. Veja as portas. Nunca tiveram chave e ninguem ousa me atacar porque sabem que eu vivo sob a protecção da mãe de Deus. Debaixo desse abrigo vivi e espero morrer.

... Vejo que tens medo da morte, meu sobrinho. Por favor, vae depressa a tua casa e manda a tua esposa..."

Dois dias depois recebia a alibuição do vigario local e fallecia santamente.

Tes typos de mulher nobre na Russia, achavam-se com frequencia no seculo passado, porém vão desaparecendo e quiçá para não volver jamais!

A distincção de classes que em tempos existiu no antigo imperio dos czares, ainda não bem definidas, desapareceram com a revolução. De ordinario, na nobreza russa os casamentos são feitos entre parentes ou então de familias que occupam a mesma posição. O casamento por interesses entre a aristocracia é raro. Alí existe a aristocracia de sangue e do amor, porém nunca houve a aristocracia do dinheiro.

O matrimonio na Russia é um acto livre pela escolha dos contrahentes, que não são compellidos a



No fundo do copo estão depositadas as duas grammas de radio offercido a Mme. Curie pelas senhoras norte-americanas.

aceitar como esposo ou esposa, desconhecidos somente porque são portadores de títulos pomposos, ou senhores de grandes haveres, como na Inglaterra.

Ainda que seja uma camponesa a esposa de um nobre russo, ninguém a desdenha como nos demais paizes.

Na vida primitiva dos camponeses russos o jovem que attingia a idade viril tinha uma companhia indicada pelos seus paes, de accordo com as capacidades demonstradas para os trabalhos do campo e da cozinha. A desposada entrava em sua nova casa, como trabalhadora e não raro tinha de aturar as impertinencias descabidas dos seus sogros. Taes costumes se descobriram nas antigas cantigas nupcias, as quaes reflectem a melancolica submissão da esposa nas durezas futuras da vida nupcial.

Ainda agora é possível ver a applicação das rigidas regras, no livro "Domostroy", onde o castigo infligido á esposa era um dever que competia ao marido. Na linguagem russa, isso não se chamava castigar e sim doutrinar. Algumas vezes jactava-se a esposa do numero de vezes que seu marido a tinha doutrinado e quando se lhe censurava esse modo de se exprimir, retorquia que se assim elle fazia era porque a estimava muito, pois do contrario não a doutrinaría.

Essa attitudão do campones russo com referencia á sua esposa era o reflexo da maxima então muito vulgar de que a "mulher é um ente de cabellos longos e intelligencia curta".

Não era somente esse o proverbio conhecido, muitos outros ainda mais tristes e mais humilhantes tornavam a situação da mulher russa, assim como: "em lugar de alma a mulher tem vapor", "enquanto uma mulher vai da copa á cozinha concebe setenta e sete pensamentos", "toda a mulher tem setenta e duas manhas", e muitos outros.

O trabalho das camponesas russas não é identico em todas as provincias, porém em fundo todas são lavradoras. De ordinario está sobrecarregada de servicos, extrahindo agua dos poços, cuidando da casa, pastoreando o gado e trabalhando no campo. É comum ver-se o marido mandal-a para o trabalho diario nas fabricas, quando residem perto das cidades e pessa occasião ella assume toda a direcção e o governo da casa.

Acresça-se a isso agora uma penca de filhos, porque em nenhuma parte do mundo as familias são mais numerosas que na Rússia, onde a proporção dos nascimentos chega a ser de 45 por milhar, comparado com 30 da Allemanha, 23 da Inglaterra e 17 da França.

Como tambem não ha casamento civil, não existe na Rússia o divorcio, devendo-se para isso solicitar das autoridades ecclesiasticas a simples separação de corpos. Tão complicado e tão cheio de minucias e detalhes é o divorcio que se torna praticamente impossivel para as classes inferiores e que não dispõem de recursos financeiros para se pagar o advogado e as gorjetas para os funcionarios ecclesiasticos.

A mulher casada russa tem o direito de reclamar e administrar toda a sua propriedade; por morte desta tem o marido um setimo dos immoveis e um quarto dos semoventes e da mesma maneira a mulher quando morrer aquelle.

Os direitos que gozam hoje as russas são o resultado dos incessantes esforços das intellectuaes, que participaram dos ultimos movimentos revolucionarios. Não se vê uma conspiração onde não hajam mulheres; muitas foram executadas, outras desterradas para a Siberia, milhares morreram nas prisões, podendo mesmo se affirmar que 25 por cento dos prisioneiros politicos são mulheres.

Ultimamente as mulheres russas se têm dedicado a todas as profissões liberaes. Setenta e cinco por cento

dos grãos escolares estão em suas mãos. Alem disso são ainda tipographas, mecanographas, telephonistas, telegraphistas, correios, empregadas de casas e bancos, estradas de ferro, etc., etc. Porém desse progresso somente participam as que moram na cidade porque as camponesas ainda jazem na mais completa ignorancia.

As importantes transformações na psychologia das mulheres russas coincidem com o rapido desenvolvimento da civilização. Parece que até bem pouco tempo estiveram arrastadas por uma voragem de impressionismo, sempre em busca de novas sensações. Para a mulher moderna a literatura romantica é cousa gasta. Com ardor procura novas fontes em D'Annunzio, Przybyzjevski, Artzybashev, Maimont e Verbitzhaya, sendo que esta ultima é uma litterata que está muito em voga não obstante ser mui licenciosa.

A liberdade da russa coincidiu tambem com os ultimos movimentos revolucionarios que se oppuzeram á intromissão ostensiva do estado e da orthodoxia nas relações matrimoniaes.

CONDE ILYA TOLSTOY

SONETOS SIMPLES

*Homem injusto, como ainda queres,
Sem merecer, gosar amor, delicia.
Se por orgulho vão e por malicia
Iludes e pervertes as mulheres!*

*E's covarde, abusando desses séres
Fragéis, que são os anjos da caricia,
Lhes desfolhando a flor da pudicia,
Como o vento desfolha os malmequeres.*

*Temei, pobres mulheres, é preciso,
As promessas douradas, multicores,
Que transformam em pranto o vosso riso.*

*Lembrae-vos que o homem tem o estoumamento,
O máu prazer de machucar as flores
E as pétalas deixar soltas ao vento.*

*Quem me dêra eu tivesse a alma serena,
Quando o inimigo audaz fala iracundo,
E um carinho fraterno a cada pena
Que padecer eu visse neste mundo.*

*E um sorriso perenne, almo e jocundo,
Para a emoção da dor que me evocena;
E sciencia e força p'ra bater, a fuudo,
O mal que faz da vida eterna gehena!*

*E casto e humilde o coração, risonho,
Inclinado ao perdão e á caridade,
Transbordando de flores e de sonho...*

*Quem me dêra esses passos só de luz:
Imitar Paulo, o arauto da verdade,
Amar como Thereza de Jesus!*

FIRMO ANTONIO.

JARDIM FECHADO



EDVARD CARMILO

Buenadicha



EU-ME a palma vellutina da sua mão e eu lia o seu destino, adivinhando o seu futuro, perscrutando o seu coração.

Como gosto de vel-a triste por minha causa, fiz-me advinho mentiroso.

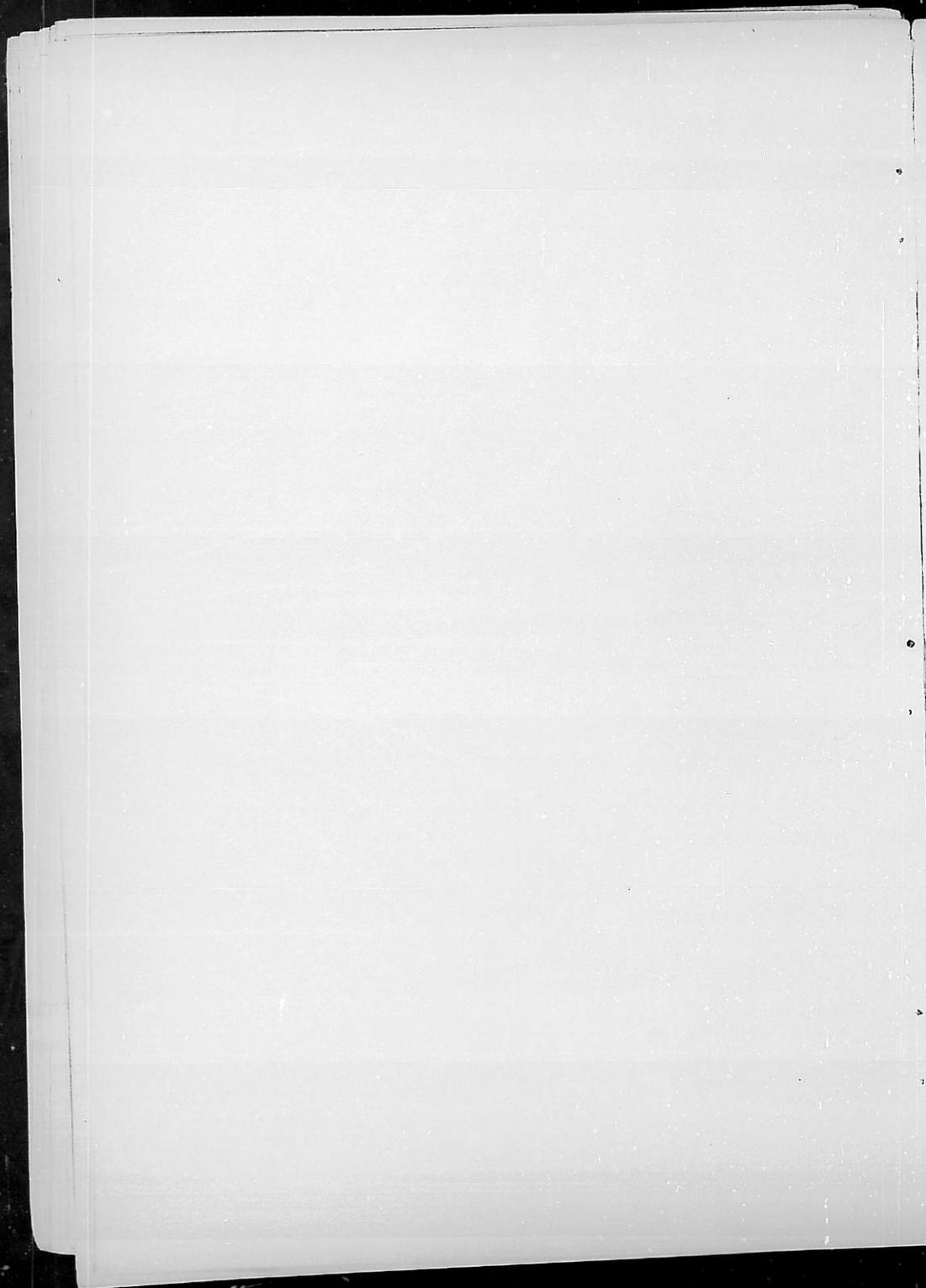
"E da intelligencia esta linha: Yevéla vivacidade e, sobretudo, capricho indomável, vaidade em excesso.

Esta, é a linha do amor: vem do coração; é a menor de todas, é quasi um enigma...

Traduz inconstancia, significa que tu és volúvel como as andorinhas que só amam no verão, que, mal chega o inverno, tatalam as azas, escodem as plumas e vão, azul em fóra, abandonando o velho ninho, à procura de outro beiral. Esta linha é um signo da tua maldade, é um estigma revelador e profundo, indica que o teu amor é como o fogo-factuo: dura um instante".

Poz-se a chorar a minha amada: "Como podia ser, si era tão sincera, tão meiga, tão apaixonada..." dizia, soluçando.

Feiticeira adorável, quiz também conhecer a minha sorte... Com arte, examinava a palma da minha mão e, vendo que a linha da vida era bem igual á da sua, enxugou as lagrimas e sorriendo, esquecida, enlevada no seu sonho, murmurou como uma buenadicha feliz: — "Nós morremos juntos; nós morremos juntos".



Ramilhetes para a cintura



Um bello ramo de muguets brancos para toilettes verôde-garrafa.



Admiravelmente combina com o vestido preto esse gracioso ramilhete de gerbas rosadas e cattleyas malvas.

Entre os povos do Oriente as flores tinham a sua significação e o modo pelo qual eram dispostas pelas mulheres demonstravam que certos acontecimentos estavam se passando ou que factos importantes iam se realizar. Assim a noiva enfeitava a cabeleira com flores de uma branca impecavel, as donzellas dispunham as mesmas sobre collo... e as viuvas em hypothese alguma traziam flores.

E' bastante curioso esse costume oriental. Entre nós, as mocinhas romanticas, de talhe esbelto e de olheiras profundas, as que tomam vinagre para emmagrecer, emprestam as flores significações originaes.

E' innegavel que um mi-



Brise-brise brancas para as toilettes cinzentas, da tarde.

nusculo ramo de violetas ou algumas orchideas artisticamente dispostas na cintura de uma senhora jo-

vein, ainda lhe empresta um ar mais gracioso e um portê mais elegante, principalmente si se teve o cuidado de escolher as flores cujas cores não offereçam um contraste duvidoso com a toilette.

Tudo tem a sua graça, o seu attractivo e o seu encanto; resta agora saber assim fazer. Gerbas rosadas e cattleyas malvas para as toilettes pretas, muguets brancos para as verdes, orchideas roxas para os brancos, e nesse criterio fazer a mais variada combinação de accordo com a nuance da toilette.

Para mais corroborarmos a nossa affirmação basta que a



Rosas simples de cores vivas para todas as toilettes pesadas.



Talvez pareça ousadia, mas são de um bello effeito as flores de cereja em toilette preta.

leitora, intelligente, examine as gravuras que illustram esta pagina para nos dar toda a razão.

TRABALHOS FEMININOS

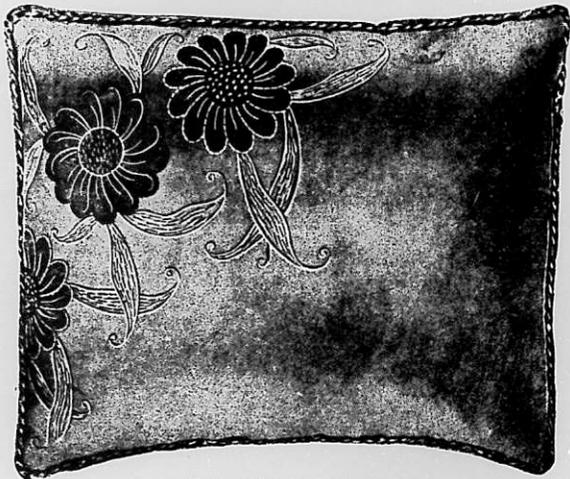
ALMOFADAS

ALMOFADA MODERNA

O trabalho de aplicação tem a grande vantagem de não exigir conhecimentos especiais muito aprofundados e especializados de bordado para obter um resultado excelente. Com um pouco de gosto e de habilidade, ou melhor, de cuidado e paciência, pôde-se empreender facilmente a execução destes trabalhos, tal como por exemplo esta almofada moderna ornada com um moderníssimo desenho. O efeito é dos melhores como belleza de conjunto.

O fundo é um bello setim de um "b-ige" dourado em tom bem quente. Para uma flor poder-se-á o embutido azul verde; para a outra, assim como para a meia flor, um embutido cor de tijolo. Cortam-se cuidadosamente estes embutidos e applicam-se sobre as flores respectivas, desenhadas sobre o fundo.

Uma das flores, a do centro, tem todas as pétalas contornadas com o auxilio de um floco negro, man-

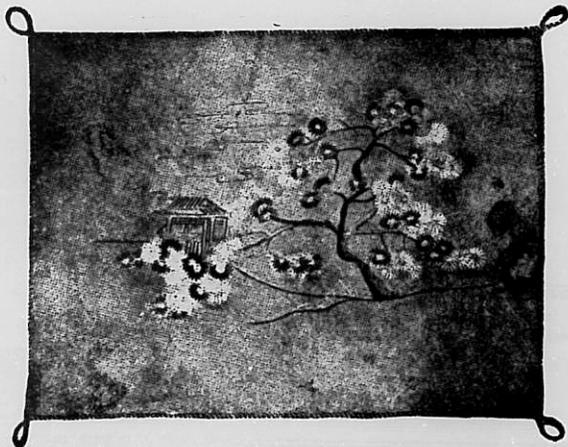


Elegante e bonita almofada moderna.

tido por meio de pequenos pontos transversaes. A nervura é igualmente em floco, e todo o centro, cheio de pequenos nós em floco, é limitado por um circulo em fio de ouro. A flor de baixo, tal como a meia flor, são contornadas em fio de ouro collocado nos bordos e mantido igualmente por fios transversaes. O amago é feito de pontos de nó em fio de ouro e é todo cheio de embutidos pretos.

Para fazer opposição, as folhas devem ser tratadas muito ligeiramente; ellas, pois, serão executadas em ponto de haste com a seda byzantina verde jade e o interior das folhas é cheio de alguns pontos lançados do mesmo tom, o que lhes augmentará a graça, fazendo ressaltar mais vivamente o desenho.

Terminado o bordado, dobra-se a almofada de se em tijolo e guarnece-se com torçal de metal cor de ouro velho.



Curioso tapete japonês.

Este bordado pode ser utilizado para muitos fins, ficando isto ao gosto da pessoa.

TAPETE JAPONEZ

Eis aqui um trabalho que, por certo, será bem acolhido pelas senhoras, não só pela facilidade de sua execução como também pela sua graça exótica.

A sua confecção não oferece dificuldades e está ao alcance mesmo de uma moça medianamente instruída em bordados. Sobre um fundo azul claro se bordam cheios os ramos de uma arvore japoneza, toda coberta de flores. Estas são executadas em pontos lançados irregularmente partindo do centro, feito de um só ponto de nó em fio de ouro. Para a confecção destas flores se emprega a seda lavavel.

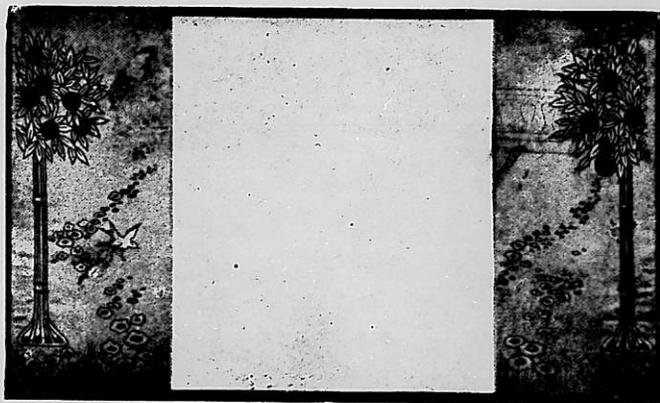
Como decorativo apresenta o tapete japonéz um effeito bellissimo e pelo modelo que ora apresentamos outros podem ser feitos com motivos escolhidos e de accordo com a estação.

Usam os japonezes os tapetes segundo as estações do anno, a-sim elles procuram os motivos e torna-se mesmo interessante.

Os jornaes de bordados europeus e americanos trazem uma grande quantidade de typos, porém dos que nós vimos nenhum se adapta ao nosso clima a não ser o que ora apresentamos, assim mesmo ligeiramente modificado.

AS LARANJEIRAS

Este bordado tem muitas applicações. A compo-



As laranjeiras.

passando-se tres fios de seda cada vez, isto é, a metade de uma meada.

Para a disposição dos tons, isto ficará ao gosto de cada um, tendo entretanto o cuidado de fazer-se em tons claros as flores abertas para a harmonizar com o verde cinzento das flores ainda fechadas.

O tronco da arvore e os ramos são bordados em seda cor de madeira; aravez da folhagem percebe-se um pequeno kiosque japonéz que será representado por uma cadeia de pequenos pontos transversaes. O horizonte é representado por linhas onduladas cobertas por um cordão de ouro.

Vê-se que o trabalho além de simples, terá um bonito effeito si fôr confectionado com gosto.

Terminado que seja o bordado, dobra-se o setim de tapete passando-se pelos quatro lados um cordão grosso de seda.

sição, como se vê na gravura, tem muita originalidade. O aspecto é absolutamente moderno e não lembra, nem remotamente, a graça dos bordados antigos; entretanto, por esse desenho, se vê que se podem obter, com composições modernas, effeitos de grande felicidade.

As duas bandas que ali se encontram são destinadas a ser montadas, tal como mostra a gravura. Entretanto, como o tecido não será cortado, alargando ligeiramente o desenho da balaustrada, entre o espaço, reservado a ser cortado, é possível utilizar o bordado, ou para fazer qualquer outro trabalho, como, por exemplo, uma almofada, enfeitando-se ao redor com laços de fitas.

Seja como fôr, o bordado será executado do mesmo modo de que já temos tratado nesta secção por

diversas vezes, de accordo com as indicações que se seguem:

O tronco da arvore é feito inteiramente em ponto de haste em simili ouro de um tom só; as frutas são bordadas em passado chato com simili laranja, alteadas no centro com uma parte em passado chato preto. Todas as folhas serão feitas em ponto de haste em preto, assim como as nervuras. A balaustrada será feita em ponto de haste em seda branca.

Executam-se em seguida as minuscenas florinhas que brotam da herva: estas serão contornadas em ponto de haste em simili vermelho, com um coração em passado chato em preto.

Aos pequeninos ramos serão imitados cada um por um ponto lançado ouro. Nada mais resta senão bordar o passarinho em ponto de haste com o simili branco, que será alteado de preto para a cabeça e de ouro para o bico.

Para a montagem é necessario um pedaço de papelão bem duro, de 51 centímetros de comprimento por trinta de largura; depois, sobre duas bandas de papelão mais flexivel, de 28 por 12, extendem-se os dois pequenos pannos bordados. Corta-se num papelão flexi-

vel, um outro rectangulo de 48 por 28, que se bordará com uma pequena banda de setim sobre cada um dos rebordos mais longos, e em cada uma das extremidades applicar-se-ão os pannos cartonados, dobrando os dois rebordos superiores e inferiores, assim como os rebordos de lado de setim, collando-os bem cuidadosamente. Quando os dois pannos estiverem assim fixados, applicar-se-á tudo sobre o papelão duro, preparado com antecedencia, que se dobrará sobre uma das faces, de setim verde por exemplo e cujos rebordos serão cobertos por um galão.

Aviamentos necessarios: setim verde azul desenhado; simili-chato, amarello, alaranjado, preto, azul, vermelho, ouro e branco.

ALMOFADA QUADRADA PARA SALÃO

Estas almofadas são de um effeito decorativo simplesmente bello, si fôr trabalhada como nos mostra o modelo. O tecido presta-se admiravelmente para o fim que é destinado: seda propria de mobiliario em tom violaceo; sobre esse tecido traça-se o desenho, que é muito original, fazem-se pontos nua cheios, com seda tricotina.

O desenho é de uma decoração moderna, em brincos de princeza, de modo que a cor da seda a se empregar deve corresponder não só ao tecido que nunca deverá ser muy escuro, para se tonalizar as flores bordadas. As hastes de um verde garrafa e as folhas tambem podem ser da mesma cor.

Para melhor harmonia dos tons, convem lembrar que sendo as flores em rosa coral, os pistillos deverão ser pretos.

Estas almofadas prestam-se admiravelmente bem para salões, já pelas suas dimensões e tambem pela decoração que é toda apropriada.

São imprescindiveis as almofadas nos salões dado as suas variadas applicações. Já houve quem dissesse que esses adornos se



Distincta almofada quadrada para salão.

prestam muito para esconder as imperfeições, rasgos ou manchas das peças estufadas ou bordadas dos salões. Entretanto quem assim disse naturalmente se esqueceu de que não se pode fazer um pobre mortal sentar-se em um divan ou uma conversadeira, geralmente amplas e de molas macias, sem um ponto de apoio, o que obrigaria o visitante se manter em uma posição incommoda e correndo o risco de um momento para outro de apresentar uma posição ou um gesto menos gracioso, para não dizer comico.

Si tal cousa acontecesse, o fiasco não seria do visitante e sim da dona de casa, está claro. As almofadas além de ser um adorno que muito compõem um salão, ainda têm outras vantagens.

A arte de enfeitar a minha casa

O QUARTO DE DORMIR

De todos os commodos de uma casa, o que merece mais a nossa atenção, incontestavelmente, é o destinado para dormitório, pois além de exigir certas condições indispensáveis, em se tratando de hygiene domestica, ainda é o que requer um cuidado todo especial da verdadeira dona de casa.

E' commum, e mesmo mais hygienico o habito de se fazer um commodo, exclusivamente destinado para dormitório, com as peças indispensáveis como a cama, os creados-mudos, um pequeno, para não dixerms minusculo aparador e um fauteil. E assim pensando foi que organizamos esta pagina.

Entretanto, o quarto de dormir, pela simplicidade que deve ser revestido, não pode ser o aposento menos attraente da nossa casa. Até pelo contrario, deve ser o mais alegre e mesmo o mais bello e o mais agradável. Deve-se tomar em conta que nesse apartamento se passa quasi a terça parte de uma existencia e é condição indispensável que a esses requisitos de arte se alle ainda os imprescindíveis preceitos de uma boa e bem comprehendida hygiene; janellas amplas, portas largas, de modo que haja uma ventilação facil e constante durante todo o dia; tecto alto e soalho encerado, paredes empapeladas desde que não possam ser oleadas e conservar o aposento aberto todo o dia, principalmente de manhan.

ções de crochet, imitando o ponto de Veneza. Mais abaixo vemos o pequeno biombo servindo a guisa de "para-feu".

Apesar de se exigir para o quarto de dormir o menor numero de atavios, entretanto as janellas e portas não podem ficar despidas. Cortinas de filô, enriquecidas com um enquadramento em pontos de "reprise" e rendas nas extremidades do filô, dão um aspecto attraente á janella, que sem esses ornatos ficaria muito feia.

Ocupando a parte mais saliente do appartamento se disporá a cama, de madeira ou de ferro, imitando bronze, que são as mais modernas.

Sobre essa peça vê-se a bella colcha em ponto aberto de bordado baretée, de quadrados de filet com pontos de reprise e entremeios de crochet imitando Veneza.

Cabindo dos lados uma franja atada á mão, terminando em um gupure rendado e em filet bordado. E' um trabalho rico e delicado e de um bonito effeito. O travesseiro que deverá ser de formato cylindrico obedece ao mesmo motivo.

Finalmente, a cortina que está disposta na parte posterior do leito é, como se vê, de filô, e obedece ao mesmo effeito das que enfeitam a janella.



Para isso se deve procurar na casa o quarto voltado para o nascente, de modo que seja pela manhan o que primeiro receba o sol.

Nas casas onde ha installação para fogões internos, estes substituem com vantagem os aparadores como nos mostra a gravura, e ainda elle se prestar melhor como motivo, pois ornado com uma toalha de quadrado de filet, alterado com bordado "baretée", se presta para alli se dispor o artistico abat-jour electrico de mousselina verde garrafa, com duas applica-

Temos assim um bello quarto de dormir que proporcionará agradáveis horas de somno e um alegre despertar.



TRABALHOS FEMININOS

BORDADO BRANCO

Mais uma vez ainda insistimos sobre a utilidade e vantagens do bordado branco. Não receiamos nos tornar cacetes pizando e repizando o mesmo assumpto, pois são tão suggestivas as creações, tão lindos os motivos e tão artisticos os riscos que a leitora amiga, melhor comprehenderá a nossa insistencia.

Accresça-se agora a isso que acima dissemos, mais a circumstancia de que o bordado branco está na moda, que elle impera mais que nunca, offerecendo um contraste vivo e interessante com a cor e o estylo do mobiliario.

Si entendermos o lado pecuniario, então mais razão ainda temos nesse nosso modo de ver, porque é muito mais barato que todos os demais, de confec-

ção mais simples, não exigindo conhecimentos a não ser um pouco de paciencia e attenção. Neste genero de bordados é preciso ter sempre em grande conta a harmonia das linhas para não se quebrar a suavidade do conjuncto. A primeira vista, um defeito não nos parece tão grande e pensamos que facilmente elle

desapparecerá depois do trabalho prompto, quando ali é que está o engano, principalmente se o motivo tiver pontos em Riche-lieu e Milão.

Todo o cuidado talvez seja pouco, porém essa attenção que se dispensa ao trabalho é farta-mente recom-pensada no fim, quando admirarmos aquelle conjuncto harmonico de linhas cheias ou abertas ou de pontos.

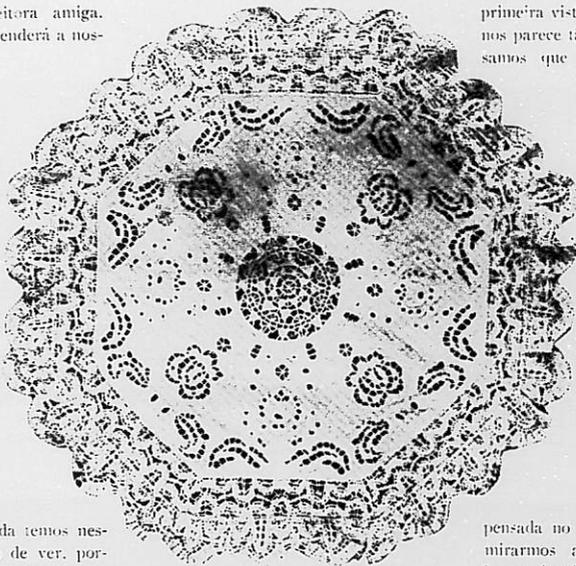


Fig. n.º 1 — Bella toalha para mesa de centro. Preço do riscos pelo correio: 35000.

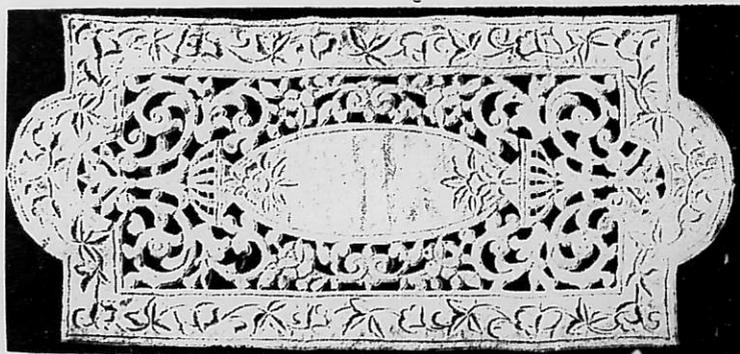


Fig. n.º 2 — Artística toalha para buffet, em estylo Renascença. Riscos em tamanho natural: 45000.

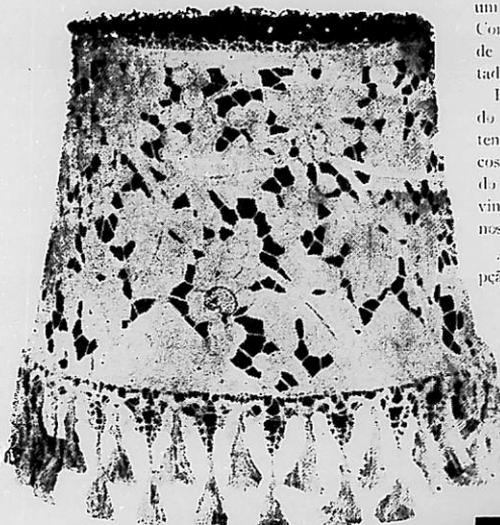


Fig. 3 — "As uvas", grande abat-jour. Risco pelo correio, 48500.

Apresentamos modelos, hoje mais variados que no numero passado, talvez mais interessantes e que dizem respeito mais directamente a nós. É costume de muitas das nossas amigas aproveitar modelos que nos parecem inadequados, como bandas ou toalhas para chaminés internos, como cobertas para marmores, de buffets, etagers, etc. Não censuramos esse habito porém também não louvamos porque esses modelos são confeccionados para determinado fim e a sua utilização em outra parte nos parece não estar de accordo com os motivos e desenhos.

As antigas pedras marmores dos etagers e buffets estão hoje sendo substituidas por chapas de vidro, que dão

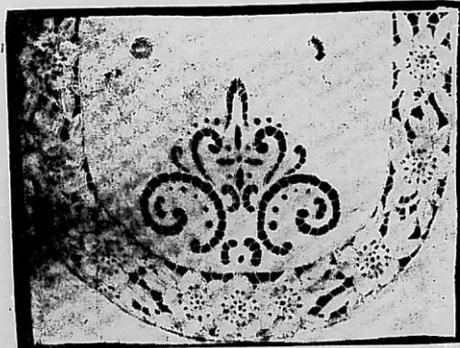


Fig. 5 — Aristocentica pochette em linho. Preço do risco pelo correio, 35500.

um cunho original e elegante a essas peças. Convem entretanto salientar que estas chapas de vidro são de chryslar bem grosso e bisutado, como espelhos.

É uma inovação que surgiu com o imperio do bordado branco e mais uma razão para atentarmos bem na escolha dos desenhos e riscos para não termos de passar decepções quando após bordadas as toalhas, centros, etc., vimos que ellas são inadaptaveis ao vidro das nossas peças da sala de jantar.

Assim sendo, façamos uma ligeira descrição das gravuras que illustram estas paginas.

Na primeira gravura temos uma elegante e discreta toalha para mezinha, de forma octagonal. No centro vemos incrustado um circulo de Veneza de dois centimetros de diametro. Em redor flores e folhagens em ponto inglez, com motivos cheios e circundando o trabalho um entremeo de rendas variadas. O risco que offerecemos tem

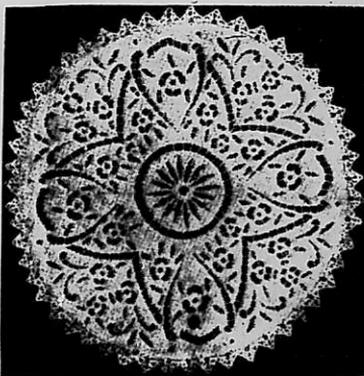


Fig. 4 — Outra toalha para mezinha de chá. Risco pelo correio, 35500.

35 centimetros de diametro. Na gravura que se segue, a de numero dois, um artistico bordado, em estylo Rena-çença, proprio para os moveis que tem o vidro como substituto do marmore. É, cousa curiosa, deve ser confeccionado em linho bem grosso e espesso, com pontos cheios e em Richelieu. O risco que temos é facilmente augmentado ou diminuido pela leitora.

"As uvas", é o nome que tem o bello abat-jour do cliché n.º 3. Simple, e bello.

de uma confecção baratíssima é ainda de um effeito admiravel. O desenho representa cachos de uvas com as folhas, de onde lhe vem o nome. Deverá ser bordado em Richelieu com bridas festonadas, enquanto que as hastes e folhas em ponto cheio. O risco que offerecemos tem 35 centímetros de diametro e mesmo não ha necessidade de se fazer maior ainda ou menor porque então lhe tiraria toda a harmonia de linhas, propositalmente feitas para o conjuncto.

Outra toalha para mezinha de centro é o da gravura n.º 4, porém já confeccionada em batiste. Com 36 centímetros de diametro ella é ornada de uma bella decoração inteiramente bordada em ponto inglez e com bridas inglezas. As mezinhas que nos referimos hoje são as mesmas peças antigas que dispostas no centro das salas enfeitavam o conjuncto. Hoje o seu papel está reduzido a serem transportadas de um lado para outro com os minusculos e bellos aparelhos de chá, servido as visitas nas salas.

A titulo de curiosidade a figura n.º 5 nos mos-



Fig. 7 — Graciosa banda interior de estore em filet. Risco, 49500.

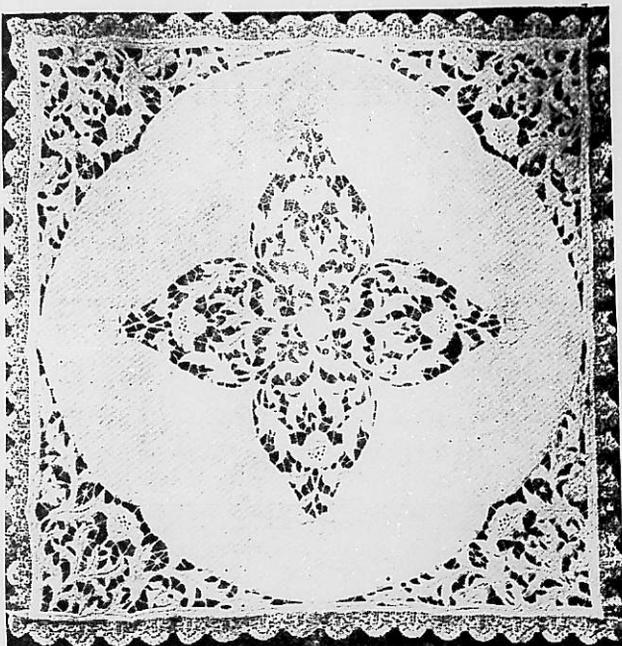


Fig. 6 — Rica e bella toalha em Richelieu. Risco pelo corcivo, 48599.

tra uma "pochete", de um modelo simples e original bordado em linho bom, com um entremeio em Richelieu, tendo no centro um motivo decorativo em ponto e bridas a ingleza.

É de um effeito admiravel em uma mesa, a toalha que figura na gravura n.º 6.

Toma-se um pedaço de linho de um metro em quadro; nos quatro rectangulos das extremidades borda-se o bello motivo, de dormideiras. O centro todo é feito em Richelieu, com bridas festonadas, sendo que o coração das flores são em pequenos centros a ingleza. Seria talvez aborrecer a leitora fa-

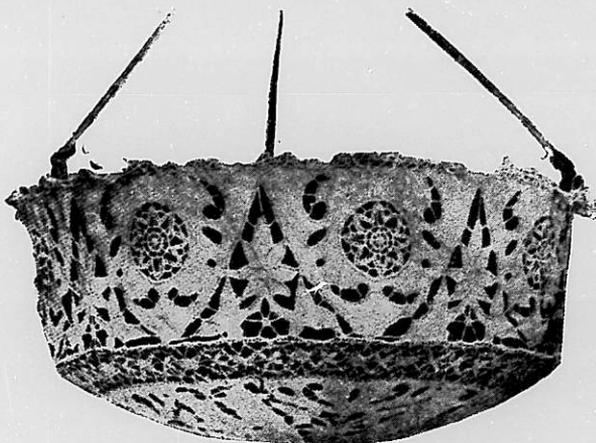


Fig. 8 — Elegante "plafonier" em madeira e bambu. Risco em tamanho natural pelo correio, 43000.

lar em estores, porém é tão bello e suggestivo o desenho da gravura n.º 7 que não trepidamos delle falar como uma feliz applicação para uma banda inferior.

O risco que fornecemos as nossas leitoras tem 50 centímetros de altura por 1 metro e 40 de comprimento. No centro um bello rectangulo de filete de 41 centímetros sobre 24, e de cada lado um medallão tambem de filete. Estes motivos são cercados de palmas e de ornamentos de puro estylo, bordados em ponto inglez com bridas.

O "plafonier" da gravura 8, cuja melhor traducção é quebra-luz, como ornamento para uma sala, não se pode desejar mais elegante e distincto. Em muitas residencias esses objectos são riquissimos. O modelo que apresentamos em nada fica devendo aos mais bellos que temos visto: de formato original, ornado de motivos triangulares em Richelien. Entre esses triangulos pequenos circos em Veneza, de 5 centímetros de diametro. O bordado todo é feito em uma fazenda mais ou menos transparente e disposto sobre uma armação de arame, que é a melhor.

Finalmente vamos finalizar esta apresentação de trabalhos com o modelo de um pequeno abat-jour, em batiste, ornado de uma ligeira decoraçao composta de guirlandas de rosas japonezas, bordadas a ingleza com bridas. O bordado terminado será disposto sobre um fundo de seda de côr, antes de ajustal-o na armação.

E assim terminamos esta serie de considerações que temos feito sobre os modelos cujos clichés illustram esta secção.

Pela rapida descripção feita, vê-se que neste numero da Revista, a secção de bordados femininos foi tratada de uma maneira feliz e ao mesmo tempo moderna.

As amigas e leitoras avisamos que temos todos os riscos nesta redacção por preços mais que razoaveis, pois não visamos lucros e somente facilitar as pessoas que nos lêem, ou porque moram no interior ou porque não têm

tempo para ampliar. O preço cobrado de cada risco representa a gratificação dada a uma senhora encarregada desse serviço, deduzidas as despesas do porte do correio.

Os riscos serão remettidos para o interior, registrados, pelo correio, dois dias após ter-se recebido o competente pedido que deverá dizer bem claro o numero da gravura e o mez da Revista.

Quando fizer algum pedido de riscos, convem dizer sempre o numero da gravura e o da Revista, pois do contrario ficaríamos sem saber qual o indicado, pois os clichés não têm numeracão seguida de mez para mez.

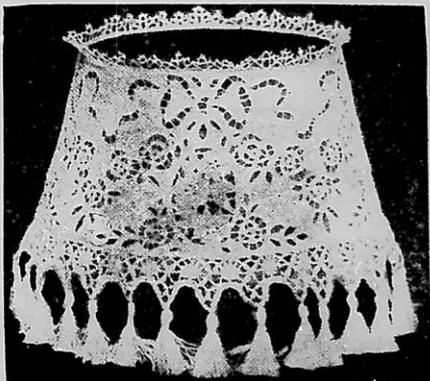


Fig. 9 — Pequeno abat-jour em bordado inglez e Guiny.

Transformando... guarda-chuvas em almofadas

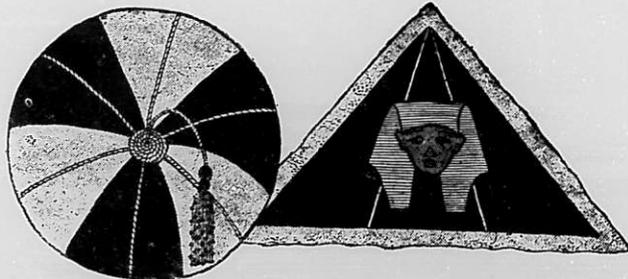
Por diversas vezes temos visto muitas das nossas amigas perguntar o que se deve fazer dos guarda-chuvas e sombrinhas velhos ou que já sahiram da moda. Vendel-os ao primeiro comprador de objectos usados que apparecesse, não aconselhamos pois elles dão uma ninharia e seria bem melhor então dar a uma das nossas empregadas que melhor uso d'elles faria.

Ha muito tempo que pensamos resolver esse caso, até que hoje podemos aconselhar as nossas amigas a transformar os seus guarda-chuvas em almofadas!

Não é brincadeira. Sim, podemos transformal-os em almofadas e se quizerem é só experimentar, e para isso vamos ensinar como se deve fazer.

A primeira gravura nos dá a idéa de uma abobora preta ou de varias côres, entretanto ella não é nada mais que as seis partes de um guarda-chuva, se for de uma só côr, ou seis partes de guarda-chuvas, si for de côres diferentes, unidas duas a duas; depois disso feito e unido o conjunto por pesponto, as costuras desaparecem sob um torçal de côr vistosa.

Os bordos são tambem limitados pelo torçal, de côr diferente que o do corpo da almofada e para a parte lateral faz-se um apanhado do proprio torçal, de modo a formar uma rodilha que bem costurada na fazenda não haja perigo de sahir e a ponta do torçal, cas queira poderá ser enfeitada com pingentes.



De que maneira podemos dispor as partes de um guarda chuva

Assim sendo feito, temos uma encantadora almofada de guarda-chuvas velhos.

O triangulo egypcio, muito original e gracioso como nos mostra a gravura, nada mais é que o aproveitamento de seis partes de guarda-chuvas, tres em cima e tres em baixo, com um delgado fio de ouro encobrimdo as costuras do centro.

Uma cabeça de esphinge bordada no centro com sêda côr de terra, e cabellos de fios de ouro, tendo os olhos, o nariz e a bocca tambem de pequenos fios do mesmo bordado.

A silhueta da figura, incluindo a cabelleira é contornada por um cordonet de sêda preta.

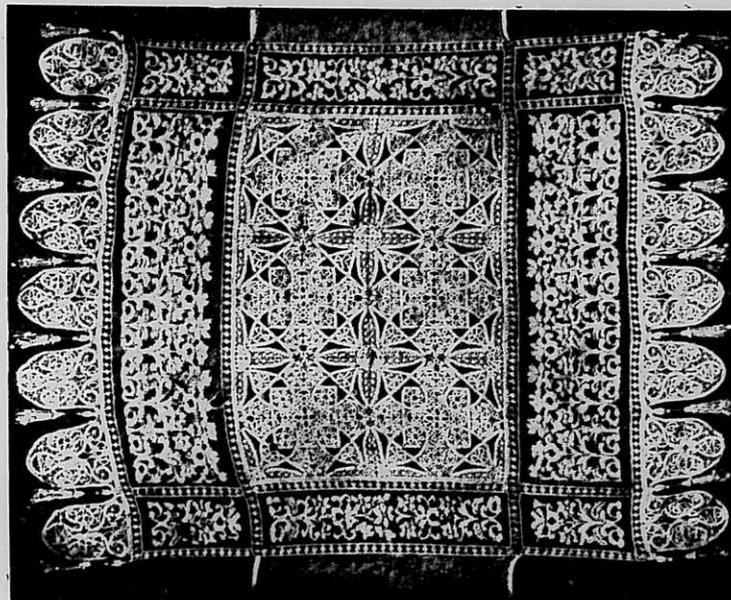
Quanto ao pequeno "polochon" que nos parece mais um mimoso trabalho de arte, elle é formado, de oito partes em ponta, de guarda-chuvas, ligadas no centro por uma banda de cretonne; todos os motivos dessa banda são bordados em ponto de cadeia, em fio de ouro e nas extremidades o cordonet que atravessa a almofada em toda a sua extensão parecem duas pequenas rodilhas que terminam em artisticos pingentes.

Estamos vendo nesta hora, a leitora amiga contrariada e aborrecida por já ter perdido inumeros guarda-chuvas ou sombrinhas que ficaram velhos ou já sahiram da moda.

— Ah! se eu soubesse!... — dirá.

Porém ainda é tempo e doravante deve guardal-os todos afim de os transformar nas elegantes e bellas almofadas.

Nesta pagina está contida, portanto, a resposta, ás innumerables perguntas que nos tem sido feitas, a propósito dos guarda-chuvas e sombrinhas velhos ou que já sahiram da moda.



Trabalhos de arte feminina

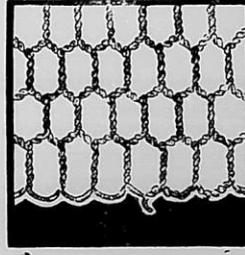
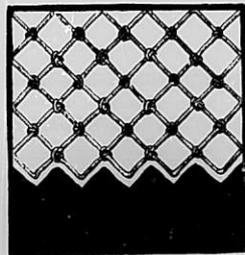
Um trabalho longo e fastidioso dirá a leitora e amiga, pretendendo passar avante e deixar no olvido esta secção. Mas, não faça assim antes de ler este alinhavado e verá que temos razão quando nestas paginas offerecemos os preciosos e bellos trabalhos, verdadeiras jóias da arte feminina. Estamos em uma epoca que todas nós buscamos descançar; o clima por demais quente afugenta um grande numero de patricias para as fazendas, outras para as praias e casas de campo. E nessa fazenda onde está, ou na praia, descansando, terá alguma cousa que lhe mate o tedio? Romances, jornaes, revistas... Só? Pois bem; naturalmente nem sempre a leitura agrada e o sol está terrivelmente

quente para sahir. E para matar o tempo e aproveitar-o examine com cuidado as gravuras que aqui estão e confesse commoço que é bella a colcha, riquissima a toalha, elegantes e aristocraticas as bolsas... e como está descansando, numase de um pouco de coragem e execute esses trabalhos, que não terá motivos para se arrepender, até muito pelo contrario.

Tremos fazendo juntas e no fim terá a mesma exclamação que nós, quando as presenciamos depois de feitos em casa de uma amiga:

— "mas são realmente bellissimos!"

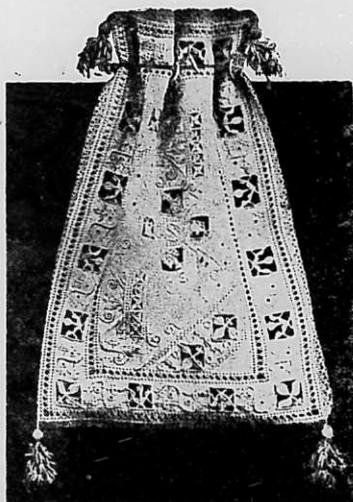
Comecemos pelas bolsas, assás grandes, as quaes poderão caber uma porção de cousas, necessarias para os pas-



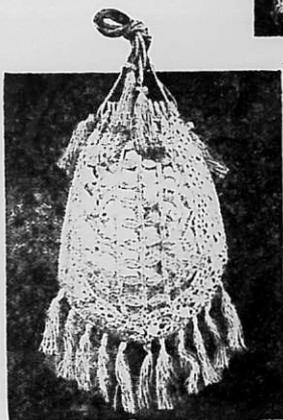
seios e onde ainda sobra lugar para os brinquedos dos filhinhos ou dos irmãozinhos. São elegantes e dão um tom distinto às pessoas que as trazem. A de crochet, por exemplo, é muito propria para praia, harmonizando-se perfeitamente com as toilettes claras nos bellos e claros dias de sol. Não menos elegante é a confeccionada em bordado "plate" italiano, com as extremidades em tricot ou mesmo crochet. A bolsa "besace" é além de original, muito curiosa, pois as applicações nella dispostas dão uma idéa "exquise" ao conjunto. Agora se pretender

mos para agora, depois que a amiga está com o espirito menos preocupado na expectativa ou uma descripção longa, o que não se dará porque prometemos ser o mais breve possível.

Naturalmente concordará connosco que a colcha, cuja gravura orna esta secção é realmente bella; que o seu effeito é admiravel e que si fosse-mos mendal-a confeccionar, ficaria muitissimo cara, e a bordadeira por sua vez não agradaria muito pois procuraria fazer um preço mais que razoavel para não espantar com a fregueza. Entretanto, temos certeza que ella será feita, bem como a toalha em ponto francez que em nada fica a dever em belleza, riqueza e arte á colcha. A colcha, como se



Elegante bolsa para praias.



Saccola de crochet tambem para praias.

fazer excursões é aconselhavel o typo que se vê ao lado, bolsa para campo, em panno grosso, de cor escura, enquanto que a bolsa, em formato de sacco, comprida, já mais trabalhosa, porém muito mais distincta e mais chic, fará realçar a pessoa que a trazer.

Mas, dissemos, trabalhos longos e só nos referimos a bolsas, porém justamente reserva-



Bolsa em bordado italiano.



Bolsa rustica para as excursões no campo.



Saccola "besace", com applicações.

vê, é feita de rendas e bordados sobre o linho fino, branco, sendo os contornos exteriores assinalados por um fio mais grosso. Si a linha empregada para bordar fôr grossa será inutil cruzar, por si só ella é sufficiente, porém forçoso é confessar que o fio cruzado é sempre mais forte e duravel.

O centro e a renda das extremidades são feitos com duas gros-

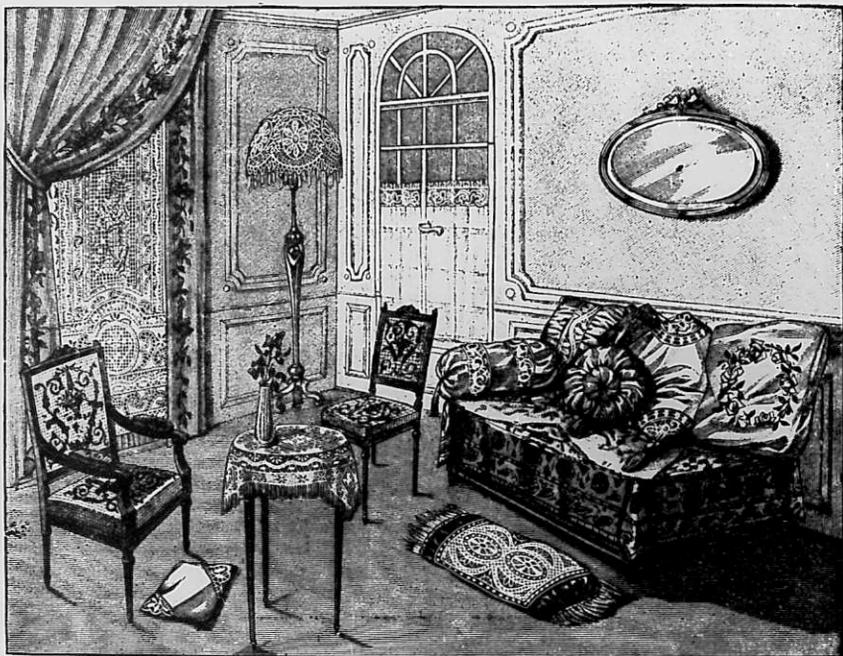


suras de galão, a machina ou então em crochet. Esses galões serão costurados sobre o desenho previamente feito no panno, seguindo exactamente todos os contornos, tomando cuidado nas curvas afim de que estas não apresentem pregas. Assim feito, temos o trabalho preparatorio iniciado. Os espaços deixados entre os meandros deste desenho são todos cheios por pontos de agulha que se podem variar conforme os gostos de cada um. Não explicaremos o ponto de "reprise", pois temos certeza que é muito conhecido, entretanto diremos algo sobre o "ponto de filet". Para se obter este ponto com agulha cos-

Bella e rica toalha de rendas em ponto francez, executada em quadros separados e reunidas por entremeios frangeados.

ta-se antes tomar uma almofadinha cheia de areia, porém aconselhariamos como o mais pratico e muito mais comodo se prender a primeira laçada no espaldar de uma cadeia alta, dessas usadas nas salas de janta para se fazer trabalhos dessa ordem. Depois de feito os quadros, tendo-se o cuidado de ter os fios bem destendidos, fazem-se pontos cheios na intersecção dos fios, podendo augmentar ou diminuir os quadros. Sem favor algum podemos affirmar que são talvez os mais bellos trabalhos que apresentamos nesta secção, pois além disso não são dispendiosos.

A arte de enfeitar minha casa



Qualquer senhora pôde ter o seu salão.

É um hábito que felizmente vai se generalizando entre nós, o de se receberem as amigas em um certo e determinado dia da semana ou do mez.

Felizmente, dissemos, porque as occupações de uma dona de casa não permitem estar a mercê de visitas, por mais agradáveis que ellas sejam. Os multiplos afazeres domesticos tomam todo o tempo de uma senhora em sua casa e nos momentos que ella dispõe de completa liberdade, ella os applica á leitura, ao bordado, ás compras, á palestra indispensavel com os fillos. Quantas vezes pessoas que estimamos e que a sua presença só nos causaria prazer, mas que obrigam no instante no occasio que vamos fiscalizar o serviço da empregada ou a pesagem das mercadorias chegadas do fornecedor!

Outras vezes quando promptas nos achamos para sabir á rua fazer compras, eis que chegam inopinadamente, causando transtornos e aborrecimentos quando somente prazer deviamos experimentar pela visita que se nos faz. São por esses e outros motivos que dissemos — felizmente vai se generalizando entre nós o hábito de se receber as amigas em um certo e determinado dia da semana ou do mez.

Toda a senhora pôde ter o seu salão sem necessidade de grandes dispendios e reaes são as vantagens obtidas.

É elegante e mesmo distincto ouvir-se nomear que nas quintas-feiras Madame Pereira recebe, que na sexta é uma outra amiga e assim por diante.

E, além disso, é pratico e denota um espirito de ordem por parte de quem assim o faz.

Uma recepção hoje em dia é simples: pretexto para se conversar, trocar idéas, discutir as modas e tonar chá, fazendo assim um ligeiro "lunch". Muitas das nossas grandes instituições femininas tiveram as suas primicias nessas occasioes:

uma senhora aristocratica, dessas que não passam a vida toda a cuidar de cachorros e outras futilidades, consolida pela sorte de creanças iniciadas ou de mães sem recursos, aventa uma idea para minorar a sorte desses cutes; outras secundam aquella idea e ainda outras não só applaudem aquelle pensamento como se promptificam a contribuir com auxilios, as vezes, preciosos e inestimaveis.

Sobre as recepções em outro numero falaremos com mais vagar.

A gravura acima nos dá um bello modelo de salão e ainda moderno.

O divan que occupa a parte mais importante da sala, com uma bella cobertura e diversas almofadas dispostas asymmetricamente dá um bonito aspecto.

As almofadas como a leitora amiga observou são de diferentes tamanhos e feitios.

São muito distinctos os abajures altos para canto de sala, principalmente se os fizermos de seda mandarina e macramé como o que vemos no clichê.

Para as janellas e portas um discreto mysterio, ou um estore como o que apresentamos, symbolizando o trabalho, que é uma combinção de fillet, bordado "barrette" com entrelaçado de rendas de lã. Não menos distincta é a mesinha de centro com uma toalha de bordado inglês entremecido de crochet, dando uma idea de Venezia.

Eis ahí, em linhas geraes, um salão no qual poderá receber em dias certos as amigas.

Tomando por base o modelo que offerecemos pôde ficar certa de que terá enfeitado um dos apartamentos de sua casa com gosto e arte sem necessidade de se dispendir grandes quantias e, além do mais, muito moderno.

Artes indígenas em Marroços

OS TAPETES DE RABBAT

A TÉCNICA

O tapete de Rabbat é de todos os tapetes de Marroços o que mais analogias tem com os do oriente, não só pela sua técnica como pela sua decoração.

O seu tecido é geralmente mais fechado, a lã mais curta que a dos carneiros de lã encespada e

recem usar dos mesmos processos que os europeus: vermelho sumptuoso, azul de indigo, etc., em suma algumas tintas particulares do país. Elles obtem assim tons assás fortes, mais fracos se harmonizando perfeitamente entre si. Os tapetes são geralmente vermelhos; é a cor preferida, tirando ás vezes para o grenat, com outros motivos decorativos nos quaes as cores mais commumente empregadas são o amarelo-esverdeado, o verde cinzento, o azul fúne com sombras mais escuras e espessas, porém das mesmas cores que os motivos. A excepção do indigo, todas as demais cores elles acham com facilidade.



Detalhe de cinto para mulher.



Outro detalhe de cinto para mulher.

os seus productos atingem ás vezes a perfeição só conseguida em Smyrna.

A sua preparação é idéntica a de todos os outros tipos, mas a sua elaboração dá lugar a uma divisão de trabalho mais nitido que parece particular a Rabbat.

As tres operações de fiagem, tintura e tecitura, são praticadas por corporações diferentes, uma das quaes, a tintura está confiada a homens e as outras duas á mulheres.

A estas tres operações se precisa ajuntar a toza, ou o corte aparado da lã do tapete, que constitue a especialidade de certos tozadores, mui habéis.

Convem insistir sobre a questão das pinturas, que, tendo dado o caracter essencialmente polychromico do tapete de Rabbat é de uma importancia capital.

Quem examinar os tapetes, desde os mais antigos, conservados nos museus e antiquarios, nota logo o gosto evidentemente pronunciado do indigena pelas cores vivas. Si os Rabbat moderno, vendidos hoje em Salks são mais violentos de cores que os antigos, nem por isso ha uma differença ideal e sim apenas media. As tintararias marroquinas de sessenta a oitenta annos a esta parte, pa-

A DECORAÇÃO

Si se quizer, em uma palavra, indicar a caracteristica da decoração dos tapetes de Rabbat, podia-se dizer que ella se acha em presenca da *cubba*. A palavra cubba que em architectura quer dizer cupula, designa no vocabulário dos tecedores a parte central do tapete.

circunscripto por uma serie de quadrados rectangulares. A cubba principal pode conter uma ou duas cubbas interiores, em forma de E'scangos onde os pequenos desenhos são semeados na sua area.

É sobre tudo nos tapetes de Keironan que se encontra com mais intensidade essa decoração.

Algumas vezes se nota m'grandes analogias nas cubbas dos tapetes de Rabbat, com os persas, de modo que se pode affirmar mesmo que são os de Rabbat



Rabbat do século XX.

os mais orientaes tapetes marroquinos. E' difficilimo se fazer um estudo serio da evoluçã da decoraçã dessa arte indigena.

Por isso pode-se conceber tres diferentes typos de tapetes, correspondentes a tres epochas distinctas. A primeira, comprehende um grupo de tapetes de pontos grossos em sua maioria e que foram achados na regiã do Mekmés, cuja tradição affirma ser originario de Rabbat, não obstante se pensão que elles não fossem mais do que uma imitaçã de Rabbat.

O segundo typo nós vamos encontrar-o em 1850 que subsistiu até 1900. Esse typo comprehende tapetes cujos tecidos são mais fechados e apresentam quasi sempre a seguinte disposiçã: tres ou quatro quadros dispostos symmetricamente, sendo que o do centro é mais largo que os demais com um fundo amarelado; depois sempre se approximando ao centro um quadro mais estreito, geralmente azulado, decorado com motivos "Zellif", isto é, pequenos quadrados e finalmente uma serie de cubbas.

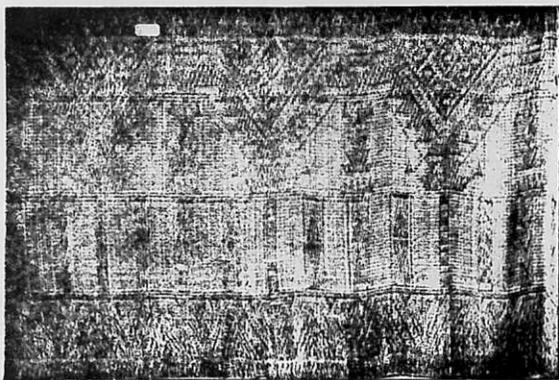
No principio do seculo XX, epocha de geral simplificaçã, a decoraçã soffreu uma nova transformaçã: os quadros tornam-se menos numerosos, as pequenas cubbas desaparecem e um grande motivo, e a "Rokha", a phantasia, invadiu pouco a pouco toda a superficie do tapete. Si é relativamente facil distinguir, entre os motivos, os que não são de origem berbere, é muito difficil saber de onde elles provem. Muitos delles tem o caracter e a estylisaçã floreaes e a primeira supposiçã que se faz logo é que ellas não passam de imitações de desenhos observados sobre os tapetes do Oriente — e mais commum — sobre arremedos europeus.

Cada um delles tem um nome arabe, que raramente corresponde a nossa lingua, ou outro idioma qualquer europeu, assim por exemplo, as tulipas de hastes altas, muito nossas conhecidas são as cegonhas arabes em seus tapetes.

A impressã que se tem é que esses nomes foram creados pela imaginaçã infantil das mulheres arabes.

AS ESTEIRAS

O cuidado de guardar uma certa ordem logica nos faz dizer alguma cousa sobre as esteiras. Em Marrocos, as fabricas geralmente têm duas especies de operarios: uns que se dedicam aos trabalhos de arte e outros aos mais simples.



Artística esteira marroquina

sobretudo vermelhos, superpostos em trama, dando idéa de um lordado. Uma unica face é lisa, enquanto que o avesso é erigido de pontos de folhas de palmeiras. As outras esteiras, apesar do nome indicar a sua inferioridade, são bem mais interessantes. Fabricam-se da seguinte maneira: Duas pranchas de madeira fincadas no chão e estendem-se os fios, formando-se uma cadeia em toda a sua dimensã. O operario parte de uma das extremidades da cadeia e vae até ao fim da mesma, passando os juncos uns sobre os outros afim de lhe dar o desenho previamente concebido. Estas esteiras são mui usadas como tapetes murais ou *Haiti*.

TECIDOS DE SEDA

E' assás difficil dar uma idéa dos officios bizarros, ainda primitivos, mas extremamente complicados, praticados nas ruellas estreitas e infectas de Fez, nos ateliers sem ar, mais parecidos com pocilgas ou subterraneos. Allí estão os teares primitivos, especie de marionetes que enrolam e desenrolam o fio e que fazem esses artisticos tecidos de seda muito usados pelos marroquinos como cintas largas e amarradas na frente, terminados em rosetas. Elles são feitos em uma faixa de seda de dois a cinco metros de comprimento por quarenta centimetros de largura, formando quatro rectangulos de cores diferentes. Para isso elles tingem cada fio de duas cores diferentes sobre o seu comprimento e as cores dos fios não são as mesmas em cada metade longitudinal da cintura. Os desenhos são feitos pela passagem da navette, entre a trama de seda, que traz de si outros fios que tendo forma a decoraçã previamente estabelecida.

E', como se vê, uma decoraçã toda diferente dos tapetes, na qual não foram olvidadas as ramagens lyonezas, as flores, folhagens europeas, muito usadas nos estuques das casas nobres e salões elegantes. Encontram-se ainda em Marrocos outros tecidos de seda, de uma grande riqueza e belleza incomparaveis, mas cuja origem local é infelizmente contestada.



A cegonha.

A arte de enfeitar a minha casa



A sala de jantar

E' uma sensação agradabilíssima a que experimenta a verdadeira dona de casa quando percorrendo innumeras vezes no dia, os diversos apartamentos do seu lar, vê que contribuiu, de uma maneira eficaz para torná-lo bello, e aliado ao util, proporcionando um bem estar convidativo. E é tão simplez, tão facil assim se fazer, que não sabemos qual o motivo porque algumas senhoras se descuidam desses arranjos domesticos que a redação desta revista tão intelligentemente baptisou-o com o nome de *arte de enfeitar a minha casa*.

O cliché acima é um desses exemplos digno de imitação: a sobriedade aliada a elegancia, a distincão ao bom gosto e sobretudo o conforto ao pouco dispendio monetario para se ter uma sala de jantar digna e que proporcione aos membro da casa um bem estar tão desejado.

Como se vê poucos são os moveis, diremos mesmo, apenas os indispensaveis e a nota de alegria communicativa que ella nos proporciona nada mais é que a *sabia* disposição das peças e os diferentes bordados elegantemente arrajados.

Eis por exemplo, para a meza do centro uma bellíssima toalha, feita de quadrados de chrochet imitando Veneza.

Estes quadrados unidos uns aos outros por um entremecio de fio de crochet, se completam em uma franja de mão, presa no proprio fio em toda a extremidade da toalha.

Sobre a artistica columna entre a janella e o aparador está uma toalhinha em macramé.

Sob a forma de um bordado a *terret*, meio a inglesa, em linon está o bello trabalho disposto sob o abat-jour.

O estore que embelleza a janella dupla e bem rasgada é todo elle em Richelieu e bordado inglez.

Estes mesmos motivos se repetem no "mysterio" disposto mais abaixo prezo por argolas.

E' costume, aliás muito louvavel de se enfeitar a original bandeja de madeira, que vemos nas mãos da empregada, com uma toalhinha, da mesma dimensão que aquella e para peças dessa ordem seria muito conveniente o bordado injez emquanto que para o aparador o bordado moldavo é o que melhor se adapta.

Deve-se encobrir as madeiras que formam so batedes das janellas, mas, claro está que não devemos ir buscar o linho e menos ainda o bordado branco para confeccionarmos esses rideaux. Uma flanelle verde-garrafa, bordada ou com applicações mar-rosso, disposta como nos mostra a gravura além de original e elegante é ainda muito distincta.

No chão, que deverá ser todo encerado, um oleado de grandes dimensões completará a nota final.

Eis portanto a nossa sala de refeições ligeiramente descripta e que com um gosto minimo podemos reunir o bello, o elegante e o distincto ao util, o conforto á alegria, tão necessarios e infelizmente tão pouco comprehendidos.

As senhoras mais protegidas pela fortuna poderão, obedecendo a este mesmo criterio, fazer transformações custosas, porém sem perder esse cunho de originalidade alegre que faz a felicidade do norte-americano.

A jovem empregada e a galante menina dizem melhor do que nós desse bem estar feliz que proporciona uma casa bem arranjada, mesmo a mais modesta.



Vi então que esse homem tinha alguma cousa de falso e de irônico.

Fallavamo da atmosfera tragica que a guerra deixou atraz de si e a maioria das pessoas pensam que muita cousa não foi alterada: que os nossos guerreiros, tão bravos e valorosos, são entretanto delcados e atenciosos...

— Tudo isso é muito justo, disse Grivaz, "gentilhomem" de Saboya, official oito vezes ferido, athleta maravilhoso, é verdade, mas esqueceste aquelles, os quaes a guerra poz em liberdade todos os seus appetites depravados e que para se sah'rem bem nos seus negocios lançam mão da intriga e da traição, aquelles que não receberam o baptismo pacificador do fogo nas linhas de frente.

Sua alma violenta e inquieta continua a se mover na atmosfera do crime, na atmosfera tragica da nossa epoca.

Eu posso fallar com acerto, porque acabo agora de assistir a um desses dramas de "após a guerra", onde se vê agitar a raça audaciosa dos aventureiros, obrigados por uma fatalidade vingativa a viver perigosamente em sua existencia de bandidos. Entretanto eu vou contar esta historia, a mais resumida possível, sob a condição de que guardarão o mais restricto silencio:

Os primeiros dias de setembro denunciavam a agonia do estio; iniciavam-se então os preparativos para as vindimas.

Eu estava sentado deante da minha janella, respirando o ar fresco que vinha dos campos, tirando docemente baforadas de fumaça de um cachimbo, habito que apanhei nas trincheiras, quando o Baptista entrou para annunciar uma vizita...

Elle não teve tempo de dizer o seu nome, pois este entrava logo atraz e quando eu o vi gritei logo: "Gilbert!"

Um rapaz de bom talhe de corpo, figura elegante e sympathica, muito bem apessoado e que me olhou com dois olhos cheios de luz magnifica... Eu o ti-

O DRAMA DA HERDADE D'ORVEY

nha conhecido como capitão no Artois e juntos tambem estivemos em Salonica. Nossa familiaridade era tal que apesar de sete mezes de ausencia a mesma cordialidade e alegria se apoderou de nós ambos, como se na vespera tivéssemos estado juntos.

Ora, como sabeis, isto só é natural entre parentes mui proximos ou então com os rapazes de collegio quando se encontram.

— Sou eu, diz elle...

Elle tinha na voz alguma cousa de anormal, que não explicava sufficientemente a emoção de nosso encontro... Tinha o habito de soffrir juntos e de nos comprehendemos pelos nossos proprios silencias e pelos nossos mesmos gestos conseguiriamos nos fazer entender sem necessidade de mais explicações, e isto aprendemos nas trincheiras.

Gilbert vinha trazer o seu soffrimento e eu ali estava para consolal-o...

Em uma só palavra se explica a fraqueza deste meu amigo: tinha pela mulher um culto todo especial; valente, corajoso e generoso, diante do inimigo era tímido como um cordeiro diante de uma mulher.

As naturezas desta sorte, têm o defeito das suas proprias qualidades: a profundidade de suas paixões os lança na tragedia, enquanto que nós soffremos apenas mediocrementemente os primeiros contratempos; percebí, logo nas primeiras palavras o caso de Gilbert.

Ha dois annos que elle amava uma encantadora jovem que encontrou sermendo nas ambulancias de guerra.

O pae — ella era orphã de mãe — assaz lisongeado pela situação mundana de Gilbert, viu com bons olhos o estabelecimento de relações entre sua filha e o jovem official...

Si bem que não houvesse um noivado, algum compromisso existia entre ambos.

Desgraçadamente, o pae, M. Bernis, pertence àquella classe tão numerosa de pessoas que a guerra enriqueceu. Sua fortuna bem mediocre no início das hostilidades tornou-se em pouco tempo consideravel... Gilbert então não era mais o noivo sonhado para a sua filha...

Isso não era nada; situações iguaes se vêm todos os dias e que a gente se accomoda facilmente.

A jovem era boazinha; parecia-se com a sua mãe, falecida não ha muito e que foi o braço direito de Bernis em vida. Ambos contavam poder vencer as dificuldades permanecendo fieis um ao outro... Mas se lança entre elles um certo M. de Birkowicz, que não se sabia bem se era russo ou polaco, grande commerciante de couros, cavallos, assucar e carvão... Bernis lhe devia a metade da sua nova fortuna...

Julgava-se um principe de sangue e, como se sabe, na Russia isto não era de todo impossivel.

Imaginae um homem soberbo, de queixo quadrado, olhos verdes e penetrantes, cabellos louros e abundante, mãos de advogado, uma intelligencia rapida, fogaoso mesmo na concepção dos seus negocios... Dizia-se muitissimo myope, motivo por que fora exonerado do serviço militar...

Entretanto o tzar o tinha empregado na diplomacia.

Devia se occupar da união economica depois da guerra entre os povos, e já tinha ganho um espantoso numero de milhões.

— Mas, disse eu ao Gilbert, esse homem é um typo disforme: como pretendeis que elle tivesse agradado a senhorita Bernis?

— Estaes enganado, caro amigo; elle não é um typo disforme... Tem maneiras sedutoras e sabe agradar, salvo algumas coisinhas de nonada que só as jovens sabem dizer e a nossa raça melhor se exprimir... Uma das suas singularidades, por exemplo, é que elle é um excellente musico e eu não chego a comprehender como por esta maneira conquistou Bernis para quem a musica não existe e não ser essa musica corriqueira e banal dos cafés. Vós não podeis permanecer meia hora em casa de Bernis, quando o russo lá está, que o dono da casa não peça a elle uma sonata de Beethoven ou um nocturno de Chopin... E elle escuta com uma cara de porteiro que tem uma filha no Conservatorio musical!

— Nada mais simples, disse eu, é algum aventureiro...

— E' possivel; entretanto sabeis que existem aventureiros que são hoje os novos paladinos, os arribos modernos.



E. Bernis ouve embavecido.



Elle é um excellente musico...

Tambem na historia da França são tão communs esses typos que chegam a occupar as mais bellas posições e alcançam altas distincções... Mas uma cousa me inquieta: as pretensões desse russo...

Conhecemos os slavos através de Mme. de Staël ou das Chronicas do Seculo XVIII. A alliança russa não era uma legenda até Raspoutine. A senhorita Bernis, que é delicadissima, deve parecer como uma excellente presa para este milhafre.

Elle a ama com uma paixão de Pedro o Grande pela pequena Moens, paixão de imperador no peito de um aventureiro, e concorda commigo que não se pôde dar outro nome a aquelle cruel exterminador que faz matar em massa toda a sua guarda, aquelles famosos Strelitz accusados de rebeldia.

— E' o diabo meu caro Gilbert, como vos ides arranjar com o caracter, que eu vos sei possuidor?

— Eu mesmo não sei... E pensei que me potieis auxiliar...

— Eu? Como?

— Eis... Bernis, segundo a regra dos novos-ricos, têm um capricho; é poder usar um nome vistoso... De mais a mais Birkowicz o convenceu que tornal-o-lia nobre si a monarchia fosse restaurada na Russia. Depois elle comprara um bello castello, bem longe, no sul da Savoia, si não me engano talvez o teu de Challor e...

— Oh! exclamei eu, d's quem precisa dos meus serviços. Já não se tinha fallado que o castello d'Orvey havia cahido nas mãos de um duque da nova aristocracia... d'Orvey! Excellentes propostas recebi, mas conheciis perfeitamente as minhas opiniões, meu bom Gilbert, e nem tive ao menos a velleidade de responder as propostas; eu juro...

— Não façaes tal juramento... não vedes que é uma taboa de salvação?

Olhámo-nos em silencio... Eu sou um diplomata muito fraco e Gilbert é ainda mais do que eu, mas o amor o torna engenhoso.

Elle embreveu o partido que poderia tirar das iraquezas de Bernis.

Confesso que a principio me contrariei, porém tudo desapareceu com o desejo immenso de servir ao amigo.

Deixamos cahir a tarde sobre a antiga capital dos duques de Saboia, sem mais fallar nesse assumpto e quando se approximava a hora do somno disse a Baptista: "Preparae tudo para uma temporada em Chal-loire..."

— Senhor, nada está mudado; lá encontrará Domin-

gos e sua mulher. Poderemos deixar aqui Marietta como caseira e si o senhor quizer eu o acompanharei.

— Para amanha queremos o auto ás oito horas, serve? disse voltando-me para Gilbert que immediatamente acquiesceu.

A Challore, tem como belleza principal o facto de ser uma das mais velhas habitações de Saboia e melhor conservada. Com todos os seus milhões Bernis podia comprar um castello, mas com poucas terras, enquanto que Challore era cercado dos mais magnificos bosques e mais luxuriosos campos... E' preciso meia hora para se percorrer a todo o galope de fegoso animal o caminho que vae das fronteiras da minha propriedade senhorial até ao parque da casa.

Accrescente-se ainda que nós estamos ali desde o seculo XIV e que poderiam se construir mais vinte palacios em nossas terras e assim mesmo ainda ficariam terras para os camponezes que consideram o Challore como um dominio do senhor antigo...

Bernis ali, bateu com o nariz na porta. Sempre que perguntava a um camponez a quem pertenciam aquelles campos, recebia a mesma resposta: "Ao Sr. Grivaz..." "E a montanha tambem?" perguntava ainda: "Sim, tambem..."

Nada mais verdadeiro: a montanha e os valles vizinhos me pertencem mesmo. Bernis ficava verde de raiva...

Nós já estavamos ha quatro dias no nosso solar e eu fazia comprehender ao meu companheiro que elle devia se apresentar sem receio de um mão acõhimento.

Gilbert, que entrou apparentando um tom de familiaridade, teve uma recepção muito favoravel.

O rival ali se achava... De um relance analysei logo o homem que não me pareceu uma pessoa capaz de afrontar corajosamente quem quer que fosse.

O meu caro Gilbert não analysava cousa alguma; estava dominado por um odio que a custo sopitava: seus cabellos se eriçavam cada vez que Birkowicz abria apenas a bocca.

A minha maior preocupação foi estudar a senhorita Bernis, a encantadora Elisabeth.

Seu amor por Gilbert pareceu-me não ser apaixonado; ella pertencia aquella classe de devoçadas que têm por seu pae uma affeição cega e surda. Si eu estivesse no lugar de Gilbert mandaria ás favas o pae e a filha. Na palestra que elles tiveram a sós, graças ao convite feito e accetto ao russo, para carambolarmos em um bilhar no salão proximo, Gilbert perguntou a Elisabeth se ella consentiria em um dia irem juntos ao cartorio de paz, ali realizarem o seu casa-



Timido como um cordeiro...

mento e depois voltariam ambos para contar ao sogro.

— Eu luctarei tanto quanto for possivel e estou disposta a tudo, desde que sejam meios honestos e que não affrontem a meu pae... parece-me que eu morrerei de desgosto si não for a vossa esposa, mas, entretanto, prefiro assim mesmo morrer que dar esse passo... Si eu tiver a felicidade de ser a vossa mulher, Gilbert, vós bem o sabeis, que serei fiel, constantemente...

Oh! retorquiu Gilbert, mas dessa maneira me condemnava... Não desperdicei, murmurou ella, vosso amigo conquistou a affeição de meu pae; elle pode muito...

De facto, ella tinha razão; eu fiz progressos incriveis... o russo sentia o seu poder decrescer... nossos olhares se cruzavam como espadas; elle tinha por mim uma arrogancia desmedida e eu um profundo desprezo por tudo quanto elle fazia, dizia ou apparentava. Um dia me julguei senhor da situação: Bernis tinha balbuciado que não contrariava a filha, quando tentei precisar os factos.

E' preciso que se diga que eu não acreditava uma só palavra quanto á pretensa liberdade de Elisabeth, mas vi o abatimento de Birkowicz ao encarrar a posição que eu podia dar á mulher e ao sogro do meu amigo...

Neste terreno era impossivel Birkowicz lutar; elle talvez conhecesse o tzar e os principes russos, mas não podia competir com as minhas solidas realidades francezas... Os fins das nossas sociedades têm sido e serão sempre os mesmos.

Jamals vi homem mais abatido que elle. Ora se atirava ao pae, ora á filha em uma affeição mortal e ti-vemos cuidado em nos prevenir contra qualquer golpe.

Confesso que eu me regosijava da victoria, saboreava-a com prazer, si bem que nada tivesse dito ainda a Gilbert.

O que se passa consigo eu ignoro, mas uma manhan, mais calmo que de costume e melhor humorado eu acho sobre a minha mesa de trabalho um pedaço de papel, com duas palavras escritas e uma assignatura: "Eu renuncio. Gilbert". Não pude comprehender semelhante acto do meu amigo; partir de noite em um automovel, sem me avisar, sem me dizer ao menos algumas palavras de despedida.

O meu primeiro impeto foi de me lançar em sua perseguição, mas um palafrenero me assegurou tel-o visto e disse-me que Gilbert tinha cinco horas de avanço sobre mim. Baptista apenas percebeu alguma cousa de anormal e nada mais.

Mandei passar um telegramma para a sua residencia em Paris, pedindo que voltasse: Eu queria, se fosse possivel, impedir a sua partida. Quanto ao serviço que fazia o Baptista, eu estava sempre tranquillo e quanto ao palafrenero eu o mandei á montanha



— Tudo isto pertence ao Sr. Grivaz...

buscar os animaes do trabalho. Essa era a sua obrigação, mas depois mandei que não fosse, que ficasse...

— Vi então que esse homem tinha grandes olheiras roxas circundando uns olhos de um azul pallido exquisto... e mostrou-se encolerizado, tendo nos gestos e no olhar alguma cousa de falso e de ironico que eu nunca percebi...

— Está bem, disse eu, depois verei si não ha alguma caça na montanha e irei contigo, por isso não mexas com os animaes de trabalho.

Fiz o possível, quando sahi, para evitar os Bernis, porém todas as precauções foram inuteis porque na volta eu encontrei M. Bernis com o russo perto do parque...

— Muito bem! exclamou Bernis, vosso amigo escreveu a minha filha... Isso não é correcto e os meus empregados já estão bem industriados para receberem esses caçadores de dotes que vierem á minha residencia."

Elle tinha um immenso prazer em dizer em minha residencia, que é simplesmente excrevel.

— Esperer que esse facto não venha interromper as nossas relações...

Sem responder eu olhava fixamente o russo, que sendo um sujeito sem o minimo espirito me parecia ser de muito mãos instinctos.

Um olhar fugidio, uma rijeza dos labios... Tive suspeitas.

Eu quiz verificar a carta que diziam de Gilbert e sem despregar os olhos de Birkowicz perguntei lentamente:

— Póde-se vér esse papel?

— Como não!

E Bernis me entregou uma carta que eu reconheci immediatamente pelo papel que era de Gilbert; mas a calligraphia e os dizeres me pareceram extranhos... e eu reparei no olhar do russo um brilho extraordinario; depois a sua physionomia se transformou...

— E' uma carta bem curiosa e muito exquisita! disse eu a Bernis. A senhorita Bernis viu esta carta?

— Certamente que não... Julgues vós que eu a devia ter mostrado...?

— Recebestes outras cartas de Gilbert d'Entraine?

— Sim, disse Bernis... e porque isso agora?

A sua entonação de voz se tornava insolente. Eu comprehendi então a razão pela qual elle se fizera acompanhar pelo russo.

Já sabia o sufficiente para aquelle dia e sem mais preambulos disse umas duas palavras a mais e entrei em casa.

Passei horas a fio, com a cabeça entre as mãos, a parafusar o pensamento como o mineiro perfura os poços de petroleo.

Pensava mil e uma cousas, tinha pensamentos os mais descontraídos, julgava as vezes absurdos, architectava planos para agir: ir a Birkowicz e arrancar delle o segredo era talvez um passo mal dado porque si nada conseguisse faria com que o russo desconfiasse de mim...

Tinha o presentimento que o palafrenero estivesse envolvido nesta questão e jamais podia saber da minha imaginação aquelle ar desconfiado, irritado, quando eu mandei trazer os animaes da montanha e depois dei contra-ordem.

Desconfiava que os dois homens procuravam se encontrar.

Em um paiz de montanhas, todos os factos se ligam a ellas, nada se faz sem ellas.

Nessa hora que eu tegeviverava, talvez Gilbert, estivesse agonisante no fundo de uma gruta emquanto

que eu dominava a minha impaciencia, mas si houvesse alguma cousa para se salvar e houvesse alguma demora, eu não seria o culpado...

Uma parte da noite, passei sentado em minha jamaella, com as luzes apagadas, vigando o castello dos Bernis.

Depois de algum tempo uma cousa parecida com um pequeno circulo luminoso, que se apagava e accendia surgiu no meio da vegetação que circunda o meu parque.

Si eu não tivesse passado quatro longos annos nas trinchizas, jamais poderia perceber que aquelle circulo de luz nada mais era que uma lanterna electrica muito uzada pelos soaidos nos campos de batalha ou pelos ladrões que operam nas cidades.

Apanhei o meu cajado de alpinista, o meu revolver e ganhei o caminho do parque escondendo-me na escuridão.

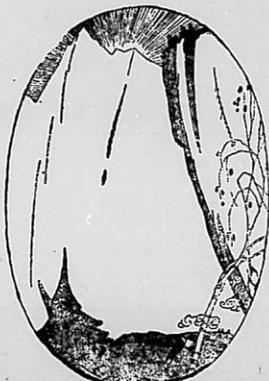
Todas as minhas acções e os meus gestos pareciam como que automaticos, ou então como que ordenados por um instincto inexplicavel.

Não segui aquelle foco de luz; fui me sentar em um rochedo que dominava todos os caminhos e de onde poderia vér tudo sem ser percebido.

Momentos depois sinto ruidos... Ninguém póde se vangloriar de conhecer melhor aquellas montanhas do que eu...



Elle tinha atirado e agora era a minha vez.



Birkowicz cahiu no despeñadero do Diabo.

Não hesitei mais, sabia aonde iam; deixei Birkowicz e o palafrenero seguirem enquanto que eu deixando o meu cajado puz-me a subir por uma rocha escarpada que si de dia a sua ascensão era perigosa, de noite tornava-se uma verdadeira loucura.

Assim, quarenta e cinco minutos depois em me achava a novecentos metros de altura, no planalto, coberto de pastagens e plantações em um sitio que os camponeses chamam a herdade de São José d'Orvey, porque ali existe uma gruta que serve de abrigo aos lavradores, por occasião das chuvas ou então para recolher o feno, o trigo e outras hervas antes de se levar para os moinhos perto da casa principal.

Essa gruta tem uma porta da qual eu tirei umas taboas e tornei a pregar para não despertar suspeitas, depois que entrei.

Quando Birkowicz e o palafrenero chegaram já vi-nham surgindo os primeiros clarões da aurora.

O palafrenero trazia um grande pão redondo, desses que pezam cinco libras e uma lata de leite amarrada ás costas.

Foi Birkowicz quem abriu a porta.

Então eu vi Gilbert, no fundo da gruta, bem amarrado com laços usados pelos palafreneros e como medida de precaução tinham posto uma mordaça afim de que não gritasse; precaução inútil porque as grutas d'aquella natureza são surdas: os sons não se propagam; de modo que por mais que gritasse ninguém o ouvia.

O lugar escolhido para o sequestro era magnifico, pois ainda não era precisamente o tempo da colheita no planalto e nenhum alpinista faria aquella ascensão perigosa; quando a quinhentos metros estava a capella de São Bruno, de subida mais facil, mais atrahente e mais convidativa.

Birkowicz tirou a mordaça e projectou sobre o rosto de Gilbert a luz da sua lanterna electrica.

— Vaez bem, minha raposa? Schemste com Elisabeth perguntou elle em tom de mofo.

Gilbert nada disse; seus olhos despediam raios de indignação e na sua physionomia se manifestou um profundo despreso.

— Vamos te dar o almoço, continou o slavo, affectando um carinho ultrajante, e depois voltaremos á noite. Amanhan ou depois será transportado para o fundo do porão de um navio que parte para o Brasil e o commandante, que é meu amigo, te fará desembarcar em alguma pra'a deserta que encontrar... ahí então te arranjarás como puderes. Si voltares, achar-me-hás casado com Elisabeth, que te impedirá de fazeres algum mal a mim... deixar-te-ei bem fresco si tentares. Mas mesmo que tentes fazer alguma coisa, quando voltares me é muito facil desapparecer: o Oriente é muito grande.

Gilbert fechou os olhos acabrunhado; o outro proseguiu:

— Eu poderia te matar, como diz o meu cumplice, que quer se desembaraçar de ti; porém acho que Elisabeth me será sempre mais querida sabendo que estás vivo.

— O melhor é jogar-o no despenhadeiro do "Diabo", murmurou o palafrenero: eu desconfio muito do Sr. Grivaz...

Birkowicz ficou um momento pensando, silencioso, depois voltou-se e disse ao cumplice:

— Estás pago generosamente; podes ir viver em um paiz longe d'aqui...

— Sim, na Suissa, nas montanhas, depois voltarei... mas acabemos com esse sujeito... os mortos não falam...

Não poudo terminar a phrase: descarreguei-lhe um terrivel soco nas ventas que o prostrou banhado em sangue. Seguro do golpe desferido contra aquelle trahente, e accessa a minha lampada electrica collocada sobre uma pedra, apontei o revólver para o slavo, que, pallido, tremia como varas verdes.

Ainda tentou me derrubar com um golpe de pé, golpe esse terrivel e inevitavel se fosse dado por um brasileiro, que eu comprehendí e appliquei-lhe então

rapidamente uma coronhada na frente, que o fez cahir sem sentidos.

Cortei o laço que prendia o meu pobre camarada... Fiz-lhe massagens e fricções e momentos depois Gilbert se punha em pé.

Não demos muita attenção ao russo que gemia sob os nossos pés e quando olhei já estava elle de braço alçado apontando o seu revólver contra Gilbert... Quiz intervir, porém a bala partiu indo ricochetear nas paredes da gruta.

Lancei-me contra aquelle bandido disposto a tiralhe a vida...

— Não, não, diz Gilbert, temos tradições em França...

— Para animaes ferozes não existem tradições — exclamei eu cego de odio.

— Deixa-o, Grivaz...

— Como — repliquei eu — queres deital-o...?

— E' preciso, não por elle, mas por nós...

— Que pretendes fazer então? — perguntou Birkowicz, que eu segurava pelos punhos como se fóra uma creança.

— Vamos nos bater em duello, replicou Gilbert, porém duello de morte...

O maldito habito da pretensa honra, tão commum e enraigada em nossa raça. Eu chorava de raiva deorando com os olhos o russo infame.

— Oh! Si elle te matar eu me vingarei...

— Não farás isso, Grivaz — disse Gilbert —, elle irá para onde quizer..."

O palafrenero que voltara a si escutava estas palavras como se fossem cousas de outro mundo.

— Levanta-te, canalha, irás servir de testemunha a teu amigo e comparsa — disse eu.

E eu, afflicto e raivoso, com o coração querendo saltar-me do peito, fazia os preparativos para esse duello.

Mas não tinha previsto tudo: quando colloquei o russo em seu lugar, no campo de honra, e me afastava, este atirou sobre Gilbert e sobre mim, sem ao menos esperar pelo signal.

Ferido ligeiramente no braço, quiz correr sobre elle para esmagal-o...

Antes que délle me accercesse uma bala tirou-lhe a vida e Birkowicz cahia de trezentos de altura no despenhadeiro do "Diabo", onde pessoa alguma jamais pensaria em tiral-o.

— Elle tinha atirado, agora era a minha vez, disse Gilbert friamente.

O palafrenero não esperou o fim da nossa conversa; eclipsou-se e jamais tivemos noticias suas.

O procurador da Republica, meu amigo, abriu um inquerito, logo archivado, após uma ficha que o Gabinete da policia criminal de Paris enviara ao juiz de instrução.

Gilbert casou-se com Elisabeth.

Vizito-os sempre e elle então me faz jogar bilhar com Bernis enquanto delicia a sua existencia gozando os sorrisos da mais encantadora mulher que vi em França.

Sou feliz e agora ainda mais que tenho Gilbert como vizinho.

J. H. ROSNY JUNIOR
(Da Academia Goncourt).

PETALINA

Inumeras são as pessoas que attestam ser a "Petalina", a mais prodigiosa tinctura para cabellos: inoffensiva, de base exclusivamente vegetal, não contém a minima parte de acidos ou saes que tantos prejuizos causam não só ao bello pliso, como á pelle em geral. Um tubo remittido pelo correio, registado 108500. Pedidos nesta relacção, Avenida São João, 87 (sobrado).



A mascote da felicidade

CARMEN GUTIERREZ DE AGUERO.

Hall de um chalet elegante, com vistas para o jardim. DELIA, esposa do Dr. André, faz seus últimos retoques no penteado e no vestuário.

JULIA, sua amiga de infancia, sentada em uma banquetta ao pé de um divan.



JULIA (zombeteira). — Porém fillinha!... parece até mentira. Nem que tivesses quinze annos e a espera do teu noivo...

DELIA. — Já! já! já! outra vez! Tenho vinte annos: quatro de casada e já sou mamã de um precioso bebê de tres.

JULIA. — A minha opinião é que uma senhora deve ser o menos coquette possível. Com esse teu modo não causas ciúmes ao André?

DELIA. — Ciúmes? Com quem?... Só se fôr delle mesmo... e elle sabe que eu sou assim para elle e tambem por elle. Assim elle me quer, assim gosta e assim serei sempre.

JULIA. — André está apaixonado por ti e isso é o bastante. O homem quando se apaixonou não vê os defeitos da mulher amada.

DELIA. — Defeitos!?... Estás fallando seriamente?

JULIA. — Sim, querida; eras demasiadamente creança quando te casaste e hoje te fazes ainda mais infantil com esses teus gestos de creança mal humorada, com esses cabellos soltos...

DELIA (arremedando-a)... — Essa vontade de rir, brincar, de beijar loucamente, de saltar, não é?

JULIA. — Sim, tudo isso. Parece até inverosímil que sejas esposa e mãe!

DELIA (seria). — Sempre parece inverosímil a felicidade e quando nós logramos alcançá-la, scandalisamos os que nos rodeiam... tão acostumados estão com os desastres affectivos.

JULIA. — Bem:

porém a felicidade de um não tem direito a crear complicações na vida desses que nos rodeiam.

DELIA. — Não te entendo, explica-te melhor.

JULIA. — Pois minha cara!... si tu não sabes, veja lá então... o Nogueira está apaixonado por ti; o Aguirre já anda até meio louco; o Morris não esconde o seu desespero; o Almeida...

DELIA. — Cala-te por Deus! Si essas paixões existem, jamais me affectarão. Ha muita gente enamorada das estrellas e nem por isso ellas deixaram de brilhar.

JULIA. — Pelo que eu vejo, te consideras inacessível e invulneravel?

DELIA. — Sim.

JULIA. — Negas tua qualidade de humana?

DELIA. — Não digo tal; sou invulneravel graças ao meu humano amor de esposa e de mãe. (Em tom muito serio) Ouve Julia: as esposas perigam, quando não amam o seu companheiro, quando não são mães ou quando o marido as abandona moral ou materialmente. Perigam quando exhibem a sua infelicidade e a falta de união no lar. Então, um terceiro qualquer, se sente estimulado, tem probabilidades de exito, se crê quasi necessario e ataca.

Nesses casos não ha direito a uma defesa digna, porque por um sentimento de dignidade não se deviam advinhar essas crises do sentimento. Eu estou a coberto desses perigos que alludes. Todos conhecem a minha felicidade e a de André; não se atreveriam a negar que nos amamos mais agora, que no primeiro dia de casados e



Sim, minha querida, ainda és demasiadamente jovem para o teu estado...

REVISTA FEMININA

o nosso filho é um verdadeiro guardião dessa felicidade.

JULIA. — Apezar disso tudo... não vejo impedimento que alguns dos intimos de tua casa ficassem enamorados.

DELIA. — Isso não me offende em cousa alguma. Estou segura que nenhum desses amigos jamais me diria uma só palavra de amor e se sabes disso, é porque o amor é uma cousa que não se pode occultar.

JULIA. — Fazes mal em semear essas paixões quando já tens a tua missão cumprida.

DELIA (impaciente). — Eu não semeio cousa alguma como dizes intenciosamente. Si inspiro amor ou cousa que o valha é porque não sou uma mulher horrenda ou uma harpia; não peso 90' kilos e nem sou um monte de ossos, e nem pretendo do meu marido o que elle não pode me dar e menos ainda sou das taes que pensam que a sorte está em luzir brilhantes ou apparecer nos theatros. Inspirarei inveja aos homens que tem por companheiras, mulheres rispida; e horrendas, que não tem filhos ou si os tem não os amamentam como eu faço e os entregam aos cuidados de amas mercenarias...

JULIA. — Isso fere a modestia, outro defeito teu; antigamente eras timida e sensata.

DELIA. — Já! já! já! Tu não me conheces mais apezar de me teres trazido em teus braços. Eu não me envaideço com virtudes que não possuo, nem desdouro o encantos das mulheres que conheço; simplesmente me conheço e a ellas tambem. Sei por exemplo que noventa por cento das minhas amigas são mais lindas do que eu, porém sei tambem que os noventa dos homens, seus maridos me prefeririam ás suas esposas.

JULIA. — Porque?

DELIA. — Pelo que estou cansada de te dizer. Porque sou sincera em todas as manifestações da minha vida. A's vezes torno-me impertinente e talvez imprudente, mas é um defeito que jamais me corrigirei. Sou apaixonada, alegre, incapaz de fingir indifferentismo ou mostrar-me "spleenetic" para me fazer "chic". Sinto em mim felicidade e saude. Essa ventura que de mim irradiou seduz aos homens como seduziria o sedento uma fonte d'agua chrystalina. (Convincente): Acredita-me querida, a maior parte das mulheres são para os seus maridos uma cousa fria e despotica, quando não se tornam espantalhos pelo abandono dessa coque-teria que tu condemnas em mim, que serve para conquistar o meu marido e é util, como vês, para conservá-lo fiel e entusiasta como no primeiro dia que nos conhecemos.

JULIA (despreciativa). — Pois minha filha... si eu tivesse que fazer tantas bobagens a meu marido, jamais me casarei.

DELIA (contendo uma risada). — Nunca poderás fazer, Julia. Antes de tudo tens trinta e dois annos, és dyspeptica e teu genio é serio e quieto. E depois não irias te casar com um rapaz como o André e sim com um senhor gordo e baixinho, um pouco rheumatico, que a tua reserva o encantará e assim ambos serão felizes e mui felizes.

JULIA (entusiasmada). — E teremos filhos, não?

DELIA. — Já! já! já! não vê que és mais creança que eu? Sim, terão filhos e que bellas creanças não serão?

JULIA. — Deus te ouça.

DELIA (saltando e batendo palmas). — Veja como chega o André com o *néné* no hombro! Vamos recebê-lo? Vem, vem depressa Julia! Corre minha querida, venha connigo!

JULIA (contemplando-a). — Não és uma mulher... és a mascote da felicidade.

MARIAZINHA

Em Therezina, a culta e progressista capital do Piahy, obteve o mais ruídooso successo a peça do sr. Jonathas Baptista, "Mariazinha", musicada pela sua digna esposa e nossa distincta amiga e entusiasta propagandista da "Revista Feminina", a sra. Durcilla Baptista. A imprensa daquella capital fez os mais elogiosos commentarios aos autores.

Do "Correio do Piahy", de 21 de agosto ultimo, editado em Therezina, com a devida venia, transcrevemos o seguinte: — "Já alguém disse que o Piahy vive assistindo a revelações importantes. De quando em quando deparamos com jornalistas perfeitos, educados em nosso meio, numa terra onde o jornalismo ainda não é uma profissão, dramaturgos, comediographos, esculptores, musicistas, tudo aqui feito, sem escola, sem methodo, sem que isso seja entretanto, um motivo de imperfeição dos seus trabalhos. Assim é que vimos os applausos que o publico dispensou a Jonathas Baptista e Durcilla Baptista, autores de "Mariazinha", uma opereta escripta por elle e musicada por ella, dois piahyenses aqui nascidos, aqui educados, sem nunca terem daqui sahido, sem conhecerem — porque não dizer? — um theatro propriamente dito, sem jamais assistirem a representação das grandes operetas de Franz Lehar, Strauss e outros, a não ser pelas partituras e libretos. E no entanto, bem se viu que "Mariazinha" tem musicas tendentes ao classicismo, poema bem feito, logrando por isso, os mais freneticos applausos do nosso publico que em continuas manifestações de admiração chamou á scena os talentosos autores, offerecendo-lhes flores e valioso mimo."

O peccado dos paes

VICENTE A. SALVERRI.

Quando em ensurdecadora algazarra, os nossos pequenos filhos brincavam, pensastes no compromisso que contraísteis quando elles nasceram? E' preciso encarar todos esses problemas e este, o da juventude é talvez o mais arduo.

A grande maioria dos males que actualmente presenciamos, só tem uma origem: a má educação dada aos filhos ou ainda melhor: a ineducação das creanças. A tragedia começa no lar e termina na vida publica. Não é nos clubs politicos, com discursos, nem nos circulos sociais com festas onde vae se educar a população de um paiz. Muita cousa podem fazer as escolas, porém ha características que só o lar imprime: Contra a educação da casa paterna conspira em primeiro lugar a inaptidão das mães, e em seguida a negligencia quando não a incapacidade dos chefes de familia.

Um sociologo francez, achava tão importante o papel das mães na educação dos filhos, que chegou a afirmar que o futuro de uma nação estava entregue exclusivamente ás mulheres. Esse sociologo entre nós teria visto quão verdadeira é a sua afirmação, porque aqui abundam as mães que por um excesso de carinho, aliás imperdoavel, desculbam as travessuras e as precoces deslealdades e finalmente as faltas graves de seus filhos.

Para que se induza da enorme responsabilidade dos paes, basta ler o grave e ponderado Guyau: "Cada individuo — diz elle — pela serie de actos que constituem o trama de sua existencia e que acabam por transformar-se para os seus descendentes em actos hereditarios, deprava ou moralisa os seus herdeiros, do mesmo modo que fôra moralisado ou depravado pelos seus ascendentes."

Quando mais medito neste profundo conceito, uma inquietude me domina e me faz calafrios.

Nossa despreocupação está conspirando contra os destinos do mundo. Não digais que eu exaggero; vos outros que inadvertidamente — ou por voluptuosidade criminal — inicias os vossos filhos, no vicio, na deslealdade, na má escola...

Emquanto que as mães não forem as guardas zelosas dos seus filhos, os paes um mestre consciencioso e o professor um pae abnegado, as gerações se iniciarão na vida mui defeituosamente.

Todo o joven será um aventureiro sem escrúpulos ou um naufrago irremediavelmente perdido.

E' preciso cultivar com carinho e amor acendrados, a pureza do espirito. E' preciso que lavreis em cada creança uma alma generosa e pura, acompanhando com soffreguidão o desenvolver da sua vontade.

Tudo isso conseguireis sem castigos corporaes; basta somente o vosso desvelo deligente.

Sois paes, portanto tendes o dever e a obrigação de serdes psicologos.

Quotidianamente um exemplo de pureza pode ser dado aos vossos filhos. Nunca façais os vossos filhos conhecedores das vossas luctas egoistas. Que elles nunca saibam os nomes dos vossos inimigos.

Na alcova candida, onde elles dormem escrevei aquellas palavras, tão simples, porém que encerram grandes ensinamentos, gravados em vuestro templo japonéz: "Não ouças, não falles e não vejas o mal!"

A falta de recato, quando nos expressamos em casa, mais estragos causam ás almas juvenis que todos os máos exemplos que offerecem as ruas, principalmente para aquellas almas que agora começam a viver.

E' incrível a falta de tacto que demonstram os paes cada vez que alludem em casa, aos factos perniciosos observados fóra.

Quando entrardes em vosso lar, deixareis na porta da rua, toda a amargura, todos os resentimentos e todas as raivas que tivestes ha lucta quotidiana.

Na intimidade da familia, deve reinar uma alegria san e communicativa, para serdes felizes. Na mesa das refeições só serão trazidos por vós factos observados na vida exterior que se prestem para deducções que conttenham uteis ensinamentos. Dareis assim o exemplo da fortaleza volitiva e a vida valerá tanto mais quanto que com maior galhardia impordes o vosso caracter.

ADALIUS

E' uma obra indispensavel em toda a casa de familia, dada a sua utilidade. São receitas culinarias todas experimentadas, reunidas em um volume portatil e que custa apenas dois mil réis, que podem ser enviados em sellos do correio.

Pedidos nesta redacção, avenida São João, 87-A (cobrada).



O mundo dá muitas voltas...

Ilustrações de Clarena Rowe.

DE NARCISO ROBLEDAL.

O nosso particular amigo sr. Bonifácio Borrego, nos escreveu uma interessante e original missiva, na qual nos conta intimidades em estylo "colorista". Muito obrigado sr. Bonifácio; és mais amavel que um collaborador espontaneo, desses que enviam ás revistas as produções de seus bestuntos, supplicando a publicação, pois se trata de um compromisso literario, etc., etc.

Vamos publicar a sua carta na integra.

Nós somos assim: ou tudo ou nada. E como as suas considerações abundam em ensinamentos curiosos e que seguramente interessam as nossas amaveis leitoras, ahí va:

Sr. Narciso Robledal.

Saudações. Tenho lido com attenção e muito prazer os artigos feministas publicados em sua revista, nas ultimas edições, e assim sendo tomo a liberdade para escrever estas considerações, contando algumas cousas que julgo interessantes, já que a sua profissão de periodista não pode e não deve repellar qualquer suggestão por mais modesta que seja. Queira dar publicidade desta carta, em seu todo, ou então, a parte que julgar mais conveniente. Eu não sou literato; sou casado; pelo estylo conhecerá que não sou homem de muitas letras. Entretanto sou um homem de experiencia e neste sentido não o julgo muito bem orientado.

Será que me engano?

Ha vinte annos e pico quando me falavam de feminismo, era a mesma cousa que se fallar em forca. Tinha uma repugnancia instinctiva, que me fazia torcer o nariz. As mulheres foram feitas para a casa, para o lar, para a cozinha, para os filhos, para fazer meias e nas horas de lazer, ler Kempis. Finalmente julgava as mulheres segundo o "classico" conceito: formozos e delicados moveis ao serviço dos homens. Nos trabalharíamos e pensaríamos por ellas, ouvindo de suas boccas palavras doces e carinhos e de vez enquando, fóra das despesas ordinarias, alguns mil réis a mais para as cousas imprevistas.

Passaram-se alguns annos, e um dia, desejando me lançar em aventuras, tomei um vapor e saltei na

America do Norte, desejoso de conhecer novos mundos. Vi muita cousa, aprendi mais e soffri ainda mais: a vida é sempre assim.

No meio do meu caminho tropecei com uma mulher, e não pensando em cousa alguma me casei, porque, como diz um amigo meu, solteiro malicioso: "quem pensa um pouco não se casa".

Bem; renuncio lhe dar os pormenores da minha lua de mel. Basta dizer que ha dezeseite annos que estou casado e todavia em materia de lua, estou ainda em plenilunio; creio que me explico o sufficiente para que fique todo baboso de inveja, porém sem querer offender; porque casamento como o meu só os grandes premios da loteria de Hespanha.

Agora entro no assumpto. Casei-me com uma suffragista "activa"; dessas que discursam, que escrevem, que fazem reuniões, etc., etc. Eu sou feliz, egoisticamente feliz, com uma felicidade jamais interrompida. Como se realison esse milagre da convivencia feliz de um homem, que odiava o feminismo, com uma mulher que vive de portas afóra, como homem?

E' muito simples. E' inutil dizer, porque sou um homem muito serio, que o meu casamento foi exclusivamente por amor e muy rapido.

Como sabe: Cupido não perde tempo.

Em alguns minutos elle tira da aljava uma seta, aponta, dispara e a caça cae ferida a seus pés. Este foi o meu caso. Hilga (assim chamo carinhosamente a minha

esposa), na occasião que enxugavamos os papéis, sahidos do banho ecclesiastico, disse-me:

- Bonifácio, és bomzinho?
- Sou, me limitei a responder.
- E comprehendes?
- Sim.
- Eu amo minha liberdade; tu amas a tua.
- E nós ambos, a nós mesmo.
- Sim. Eu sou tua mulher em toda a extensão da palavra, porém tenho minhas idéas.
- Podes ter.
- Tenho um objectivo.
- Vejamos.
- Necessito toda a minha liberdade de acção. E's ciumento?



Sou o perfeito marido...

— Ah, sim! Tenho medo até do ar que respiras.
 — Bom; está bem dito sob o ponto de vista lyrico.
 — Oh! tanto quanto no Banco que deposito as minhas economias.
 — Então seremos muito felizes. Tens também idéas?
 — Sim, tenho e estão a tua disposição. Verdadeiramente não as necessito tanto quanto a conta corrente do Banco e do teu carinho.
 — E's encantador e também mui galante. Farei tudo de tal maneira, que nada nos falte e que faça minha, a tua vida. E's amante do lar?
 — Delirantemente... Um par de chinellos, um chambre, um baralho para fazer jogos de paciência, e que na dispensa nada nos falte. Sabes?....
 — Bem, perfeitamente. Serás o homem do lar, desde que assim preferias. E se gostas de entreter o tempo, em uma casa decente, como a nossa, nunca faltará o que fazer.
 — Eu, quando as minhas occupações permitirem, estarei contigo. Serve?
 — Sim, serve, coraçãozinho meu.

.....
 Senhor redactor: venho estes pontinhos ahi em cima porque me parecem que vêm muito ao caso. Faça de conta que foi a palestra que tivemos a sós, poucas horas depois que já tínhamos nos casado. Agora façamos um salto de tres lustros e me pergunte: que tal tem sido a vida com esse original *modus vivendi*?

Muito bem. Eu sou o perfeito homem do lar, respeitado por toda a vizinhança e apontado como o modelo dos maridos. Não penso em cousa alguma; discorro placidamente sobre todos os negocios que dizem respeito portas a dentro; tenho uma quietude deliciosa; sem trabalho quasi algum e por inspiração minha mandei fazer uma vassoura automatica que não levanta pó e pode ser manejada por uma creança, tal é a sua simplicidade e commodidade. Também até attendo a cozinha pelo telephone e só saço a carne para me distrahir. Concordeará commigo dizendo que eu sou o "perfeito marido", no sentido de frei Luiz de Leon, pois leio também livros religiosos para chamar mais delicadamente o somno. Minha mulherzinha, coitada, trabalha por quatro; sae e entra quando quer; ás vezes não vem almoçar e jantar, porém o seu lugar está sempre arranjadinho. Tenho visto o seu retrato em varias revistas, com artigos encomiasticos. A's vezes apparece o meu nome também, que me deixa muito alegre. Que mais eu quero? Que eu sirvo para ser o homem

da casa, está demonstrado. Que a minha Hilga serve para o trabalho feminista de acção, dizem as revistas e jornaes e é um facto incontestavel, e nós ambos vivemos em um paraizo, ella com suas idéas... com suas idéas e com as minhas. Si minha mulherzinha é mais activa que eu, sabe ganhar melhor a vida, tem boas idéas, enthusiasmos femininos, e talento, não serei eu que, prevalecendo de minha condição marital, a prive de sua liberdade... Eu sou um homem completamente a moderna; assim como ha alguns annos atraz não acreditava no feminismo, agora tampouco creio no masculinismo e na paz.

Em fim vivo bem, tranquillo, com a minha consciencia limpa, querendo muito a minha Hilga, a qual dispõe a seu gosto de tudo que é meu e nós dois somos muito felizes.

Diante disso tudo, não acredita senhor Robledal que eu representa um partido ideal?

Porque, que vem a ser essas complicações ridiculas de que a "mulher é inferior ao homem, que o suffragismo é uma salada bolchevista, que a sua emancipação e liberdade é um dos contos mais phantasticos das Mil e uma Noites...?"

Por tudo isso e por muito mais que eu me calo e cheguei a conclusão definitiva: que não ha suffragismo, nem feminismo, nem problemas entre saias e calças; não senhor: ha somente homens e

mulheres que para aborecer mais este mundo inventam, questões, leis, suffragios, convenções, votos, periodicos, discursos, contribuições e todas essas complicações dos governos que, somente servem para embulhar as nossas cabeças e comer o nosso rico dinheiro! ...E' tão facil levar uma vida feliz!

Em conclusão: sou feliz sem esforços nem sobressaltos; placidamente feliz com minha mulherzinha que também está contente, e cada um faz o que entende. Eis tudo.

Entendem bem não é assim sr. Robledal?

Aqui fica as ordens Bonifacio Borrego. Leitora ou leitor: que devemos fazer deste homem? E' um santo, é um philosopho, um louco ou imbecil?

Eu por minha parte, não me atrevo a julgalo; não quero me expor ao ridiculo, me parece que este senhor julga com mais sabedoria que a Universidade de Salamanca. Sua sábia conformidade nem todos a comprehenderão; porém muitos terão inveja desse paraizo terrestre com uma Eva que não o tenta, com o pomo... da discordia.



Primeiro, viver honestamente; e depois philosophar.

A CREADA DE QUARTO

Ha muito tempo que a baroneza de Chausan estava sem empregadas. Das duas crises que muito a fizeram soffrer, poude conjurar apenas a da habitação, graças ao seu castello de Berry e ao apartamento que um contracto longo lhe assegurava em Paris, mas a crise dos empregados domesticos ainda permanecia sem solução e isso a aborrecia muitissimo.

Dias antes de partir para o seu castello, onde ella previa numerosas recepções, multiplicou os seus esforços e á custa de boas promessas e excellentes ordenados conseguiu arranjar um pessoal mais ou menos completo para a servir, menos a indispensavel criada de quarto que em parte alguma poude achar.

Uma bella manhan uma se fez annunciar. A baroneza teve que fazer um enorme esforço sobre si mesma para não se atirar ao pescoço da mulher que se apresentava. Era cheia de corpo, loura, de trinta annos mais ou menos, de um aspecto agradável, algo encantadora, de feições correctas e modos reservados, ar modesto e doce.

Mme. de Chausan a interrogou. A nova criada nada sabia fazer, mas tinha boa vontade para aprender com muita coragem. Aceitou sem hesitar todas as imposições feitas e não discutiu o ordenado, mostrando ser de um grande desprendimento em materia de dinheiro, o que inquietou bastante a baroneza.

— Que poderia ter contra si essa moça que se mostrava tão pouco exigente? — pensou a dona da casa. Essa reflexão fez com que pedisse as referencias, o que deixou a nova criada visivelmente perturbada. Explicou então que jámais fôra empregada... e que era a primeira vez que deixava a sua cidade natal...

— E' então casada? — perguntou Mme. de Chausan.

— Sim... Mas não moro com o meu marido — balbuciou a outra.

— Quantos filhos tem?

— Dois, que moram com a minha mãe.

A baroneza de Chausan estava perplexa. Não é prudente e mesmo é perigoso se introduzir pessoas desconhecidas dentro de casa; mas o seu ar de ho-

nestidade era visível e de mais a mais ella não podia perder a occasião de tomar uma criada de quarto, da qual tinha a maxima precisão. Como entretanto ella hesitava, Elisa Fleurin, nome que deu quando se apresentou, cortou as reflexões da aristocratica senhora.

— Eu desejo muito, disse ella, entrar para o vosso serviço porque sei que madamme gosa de excellent reputação, mas si não tendes confiança na minha palavra, eu...

Mme. Chausan viu com terror que o passaro azul da fabula ia lhe escapar e atalhou vivamente:

— Mas então, minha filha, pode vir na proxima segunda-feira, tenho toda a confiança em si.

Segunda-feira pela manhan se apresentou Lisa, apelido pelo qual era conhecida.

Começou então para a baroneza uma era de paz, de tranquillidade e de satisfação que jámais tinha conhecido, taes eram os prestimos da sua nova criada de quarto.

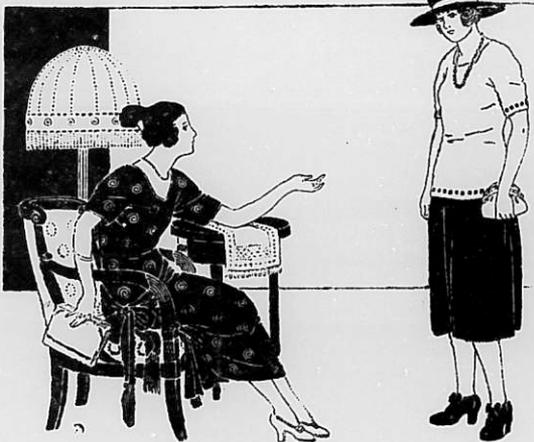
De uma docilidade e de uma boa vontade sem limites de uma serenidade constante, o seu principal cuidado era de se pôr ao corrente de tudo para desempenhar com liçura e correccão todo o seu serviço.

Como dísse a Mme. de Chausan,

pouca coisa sabia, mas tinha uma grande vontade de aprender. Nada escapava ao seu espirito perspicaz e a baroneza tinha um verdadeiro prazer em ministrar á criada todos os ensinamentos.

Ella não fazia sómente o que lhe competia, mas tambem auxiliava a cozinheira, o creado grave e o mordomo, com a sua solicitude digna de nota.

Mme. de Chausan estava agora em seu castello e graças ao concurso de Lisa, ella não conhecia senão prazeres, isenta dos cuidados da hospitalidade. Sua criada de quarto attendia a tudo: a hora das refeições, a escolha dos menus, o logar dos hospedes na mesa e até as diversões era ella quem escolhia e determinava. Todos os amigos da baroneza invejavam esta perola rara que dirigia tão sabiamente aquelle lar. Algumas senhoras se insinuavam no passado de Lisa, que diziam tenebroso por não ter a mesma apresentado as referencias exigidas, chegando



— Vae-me deixar, Lisa?...

mesmo algumas damas a dizer claramente que se devia desconfiar de semelhante pessoa e por-se em guarda, fiscalizando os seus actos e pondo em logar seguro as suas joias.

A dona da casa fechou o ouvido a todas essas insinuações. Também Lisa não dava motivos para desconfianças. Algumas cartas que ella recebera de uma cidade desconhecida explicou á sua patrãoa que eram de sua mãe que dava noticias de seus filhos.

Tres mezes se passaram. No fim do terceiro, Lisa veio procurar a baroneza, justamente no momento em que ella estava sózinha.

— Minha senhora, — diz ella, eu vou deixar a vossa casa.

Mme. de Chaussan ficou sobresaltada.

— Vae me deixar, Lisa? Já pensou bem na sua resolução? Não está contente então commigo?

— Sim, senhora baroneza; eu estou muito contente em vossa casa e a senhora baroneza é muito boa para mim, mesmo mui gentil, porém, eu é que não posso mais ficar.

— Porque? — disse Mme. de Chaussan vivamente contrariada, — o que a desgostou então em minha casa?

— Nada, senhora baroneza.

— Está cançada?

— Absolutamente não, minha senhora.

Alguem a aborreceu

— Ninguem, senhora baroneza.

Mme. de Chaussan mutiplcou, porém, em vão, os seus esforços para saber qual a causa de semelhante resolução.

— Talvez, disse ella, — o seu ordenado seja mui pequeno, mas eu posso augmentar para 170 ou 180\$, serve?

A baroneza já tinha perdido a calma porem Lisa estava tranquilla e respondeu:

— Oh! o dinheiro que eu ganho é o mais que sufficiente, mas eu é que não posso permanecer por mais tempo.

— Talvez esteja aborrecida porque está longe dos seus filhos, mas isso é o de menos, póde mandar buscá-los ou mesmo si quizer ir, eu darei uma licença para passar uma temporada ao pé d'elles. Eu mesmo poderé fazer todas as despesas do meu bolso sem o minimo incommodo para si.

— Oh! senhora baroneza como sois boa! Mas seria tudo inutil, pois eu mesmo poderia pagar todas as despesas, — replicou Lisa com um sorriso enigmático que jámais Mme. de Chaussan tinha visto.

Depois de muito apertada finalmente Lisa se explicou:

— Senhora baroneza: eu não sou pobre e nem separada do meu marido como affirmei. Eu sou uma nova rica. Meu marido ganhou milhões e eu possuo dois castellos tão bellos como o vosso. Nossa fortuna



na foi adquirida de uma maneira rapida e como somos de uma origem modesta, não sabiamos aproveitar e mesmo como empregador a nossa fortuna. Não achavamos um meio de iniciar a nossa nova existencia de ricos, quando eu tive a idéa de me empregar em uma casa aristocratica para me pôr ao corrente dos seus habitos, usos e costumes, aprender a mandar os empregados e dirigir uma casa elegante frequentada por pessoas chics, me vestir de uma maneira conveniente e adequada conforme as occasiões, em saber tudo quanto é necessario para termos em pratica mais tarde. Para esse fim meu marido concedeu-me tres mezes de licença, findo os quaes devo voltar. Agora que a minha aprendizagem está feita e a minha educação completa, eu me retiro satisfeita commigo mesma, por ter tido a feliz lembrança de ter escolhido a vossa casa para aprender, que eu já sabia ser a melhor frequentada por ser a baroneza membro da mais aristocratica sociedade. Voltando hoje ao meu castello do Oise, onde o meu marido e meus filhos me esperam, teremos muito prazer em receber a senhora baroneza de Chaussan, e todas as pessoas elegantes e aristocraticas que eu servi na meza...

“Cada um por sua vez...”

MARY FLORAN.

EU

(Para a "Revista Feminina")

*Do estreito peitoril de uma janella esguia,
Com meu cabello crespo extremecendo ao vento,
Do plenilunio sob a luz que delicia,
Ponho-me a contemplar o vasto firmamento.*

*E assim, nossa exquisita e ritual lethargia,
Sempre impavido á cruz do humano soffrimento,
Longas horas eu passo ou fico á noite fria,
Immovel, sem amor, sem somno, sem alento.*

*Vendo-me nessa grande abstracção mergulhado,
O que será que diz o mocho, do telhado?
O que pensa de mim a humanidade inquieta?*

*Ah! Essa ave agoiral julgar-me-ha um louco,
O homem será, talvez, mais indulgente um pouco,
E as mulheres dirão: Elle sonha, é poeta!*

FRANCISCO FABIANO ALVES



As distintas senhoritas Santinha Lopes, Eva d'Ervoli, sentadas, e Anna Clarinda Penna, Annita Araujo, Olga Guarneletti e Mariquita Penna, de pé, nossas amigas e preciosas ornamentos da culta sociedade de Ponta Nova, Minas Geraes.

Proteção a infância

COMO DIMINUIR
A MORTANDADE
DOS LACTANTES

(Continuação)

O dr. P. Vi-
que, director do
Serviço de Hy-
giene da cidade
de Lyon, e o dr.
C. Gardere, di-
rector da secção
infantil do mes-
mo serviço, em
e o munição
que apresen-
tam ao Congres-
so Annual de
Hygiene, reuni-
do em Paris, em
Novembro últi-
mo, relatam os
optimos resulta-
dos obtidos com

de 4" ao
passo que
a lethali-
dade geral
da cidade
de Lyon,
entre as
não prote-
gidas foi
de 12 "



As senhoritas Alice, Maria e Alda Gomes, residentes em Cabras, municipio de Campinas, esforçadas amigas da "Revista Feminina".

a protecção das mulheres grávidas, das mesmas depois do parto, do estímulo pecuniário para que amamentem seus filhos, da defesa das crianças por meio de visitas, outros cuidados, etc. A lei Strauss assim posta em pratica se propõe a dois fins principaes: de uma parte a puericultura intra-uterina, pelo repouso e vigilancia medica da mãe, e por lado, a salvaguarda da criança pelo aleitamento materno acompanhado por uma fiscalisação medica constante. A amamentação será exclusivamente ao seio ou poderá ser mixta e deverá durar 12 mezes.

Os resultados obtidos em Lyon foram superiores a qualquer expectativa, bastando dizer que logo no primeiro anno de funcionamento das obras de protecção (quando ainda muitas pessoas não tinham conhecimento da lei ou de que ella já tinha sido posta em pratica), num total de cerca de 10.000 nascimentos foram inscriptas 2.472 crianças, o que corresponde á quarta parte aproximadamente de todos os bebês da cidade. Das crianças inscriptas houve uma mortalidade apenas

E' de notar que entre os lactantes que são assistidos ao mesmo tempo que suas mães, o obituario é tres vezes menor do que entre os outros.

Esta situação ainda tende a melhorar, pois á medida que os beneficios da lei forem sendo conhecidos, o numero dos salvaguardados irá crescendo e as noções de hygiene e alimentação infantil serão mais diffundidas entre a população.

Estas considerações demonstram o interesse que apresentam os serviços de defesa e o fim primordial que estes desempenham na luta contra a morbilidade e mortalidade infantis. O que tambem é interessante de se observar, é que entre os bebês assistidos, em vista de serem amamentados só ao seio ou alimentados de modo mixto, porém seguindo as mais rigorosas regras de hygiene, raros falleceram de molestias do apparelho digestivo; quasi todos foram victimados pelas affecções do apparelho respiratorio, pela here-lo-syphilis ou pela tuberculose.

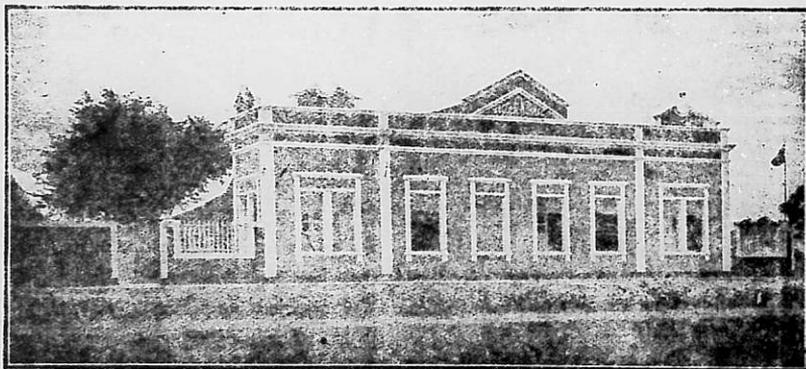
De tudo quanto ficou dito e dos magnificos resultados praticos já obtidos por grande numero de cidades estrangeiras, vê-se que a protecção da infancia não é uma utopia ou uma coisa inexequível como parecem pensar os nossos governantes.

E' um problema que com boa vontade e algum esforço é mathematicamente solúvel.

Mesmo aqui em S. Paulo, onde o consultorio de lactantes do Serviço Sanitario é de proporções muito reduzidas, o seu director e seus auxiliares, á custa de muitos esforços, têm conseguido baixar, entre as



A intelligente senhorita Carminha Marques, nossa distincta amiga de Itabayana, da Parahyba do Norte.



O elegante e sobrio perfil que funcionam a Escola Normal e as escolas annexas, do "Grupo Escolar 30 de Setembro", de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte.

crianças ahi assistidas, a mortalidade a 4,4 % em lugar de 24,1 % da cidade (anno de 1920). Resultado este verdadeiramente assombroso, que demonstra quanto será lisonjeira nossa situação, quando um governo adiantado e de coração tomar a sério o assumpto e se decidir a proteger as mães necessitadas e seus pobres filhinhos.

ERROS DE ALIMENTAÇÃO E OS MAUS ELEMENTOS, AVULTANDO ENTRE ELLES O LEITE.

Os absurdos na alimentação infantil são excessivamente frequentes e conhecidos de todos. Ha muitas mães, principalmente entre as classes proletarias, que não trepidam em dar a seus filhos com mezes de idade, os mais disparatados alimentos. E' corriqueiro ver-se criancinhas comendo legumes crus e frutas verdes, (muitas vezes com cascas), feijão, arroz, macarrão e sopas temperadas (e até linguica, sardinhas e outras iguarias excessivamente indigestas) das mesas dos adultos. Além disto ha as farinhainhas simples ou complexas, os diversos leites preparados, etc., que muitas vezes estão deteriorados e por ignorancia são dados aos bebês.

Observam-se communmente casos de intoxicação alimentar, acompanhados frequentemente de infecções gastro-intestinaes gravissimas, com essa origem.

Com as substancias de procedencia estrangeira os factos são constantes.

Quando as crianças são amamentadas pelo leite de vacca commum do commercio, a situação tambem pôde tornar-se de summa gravidade. Muitas dellas, devido à resistencia de seus organismos em geral, ou ao alto grau de tolerancia dos tubos digestivos, suportam perfeitamente tal genero de alimentação. Outros porém, não são devidos à grande differença existente entre a composição do leite humano e dos outros animaes, mas principalmente devido ao pessimo leite que nos é fornecido pelo commercio, não resistem aos maleficios produzidos por elle e se não forem soccorridas a tempo, perecerão.

Esse alimento que, quando bom, é preciosissimo e indispensavel a todas as crianças que não dispõem de leite de mulher, a grande numero de enfermos, e de velhos, tanto em S. Paulo como no Rio e em quasi todas as cidades do Brasil é infame e insufficiente.

Em brilhante estudo sobre o "Abastecimento do leite" no Rio, publicado no "O Jornal", de 4 de Maio, o sr. A. de Paula Rodrigues demonstra quanto é mau e em insignificante quantidade o leite fornecido à capital da Republica.

Verifica-se que nas grandes cidades dos paizes adiantados a porção de leite consumido pela população é em média sempre grande. Assim, dividindo-se o numero total do consumo pela cifra dos habitantes, é facil constatar que Pariz e Berlim, antes da guerra, consumiam um quociente diario de 300 c.c. por habitante. Em Nova York e Buenos Aires cada pessoa consome cerca

de meio litro. Stoip, na Allemannha, obtinha a media de 1 litro. Quando o quociente baixo a mortalidade infantil augmenta. A privação de leite na Austria tem produzido verdadeiras hecatombes de crianças, que não cedem apesar dos esforços dos higienistas e pediatras.

A quantidade e a qualidade do leite são factores que se completam. E' natural que onde ha um alimento em abundancia, não seja necessario falsificá-lo ou adulterá-lo. Reunindo portanto a grande produção à rigorosa fiscalização, obtem-se o ideal que é tanto mais importante, quanto se sabe que é destinado a salvar milhares de pequenos individuos que serão cidadãos prestantes do futuro.

Exemplificando o valor da abundancia do leite na defesa infantil, verifica-se o seguinte:

Em Stockholmo, onde o quociente diario de leite distribuido à população é de quasi 1 litro, a porcentagem da letalidade infantil por molestia do aparelho digestivo é apenas de 1,88 por cento. No Rio de Janeiro

onde esse quociente é somente de 6 c.c. por habitante, a mortalidade de lactantes por molestias do mesmo aparelho sobe a 37 por cento. Em S. Paulo onde a média diaria de leite por habitante é de 8 c.c. mais ou menos e a qualidade tão ruim como a do Rio, o coefficiente de mortalidade infantil é vergonhosissimo, chegando à espantosa cifra de 48 por cento.

Os paizes que levam na merecida consideração os assumptos de real interesse para a collectividade, cuidam com o maximo carinho de resolver o sempre momentoso problema do abastecimento de leite, não pondo duvidas em lançar mão das mais dispendiosas e aparentemente difficultosas soluções.

Ha grandes metropoles, que distando muitissimo dos centros produtores, não trepidam em se abastecer fartamente desses centros, não levando em conta a grande distancia. Assim, Nova York abastecese até do Canadá e Berlim até da Dinamarca. Para que a qualidade do leite seja boa, tanto do importado de zonas pastoris distantes como do produzido na cidade ou em suas proximidades, são necessarias umas tantas medidas primordiales:

Cuidados rigorosos na ordenha e no acondicionamento, estabulos e letterias absolutamente higienicos, vaccas de perfeita saúde e convenientemente tratadas, distribuição rapida e perfeita.

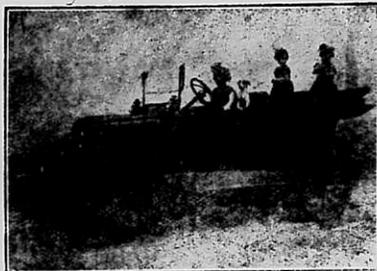
Para o leite importado ha ainda o transporte rapido em frigorificos. Tudo debaixo de intransigente fiscalização.

Ha ainda quem duvide do valor do bom e abundante leite na defesa da infancia, afirmando que a questão da qualidade desse preciosissimo alimento é secundaria.

O leite em via de regra é no Brasil um liquido de composição duvidosa, sujo e cheio de bacterias. Nelle são frequentemente encontrados os detritos mais variados, insectos, larvas, fezes, etc. São do "Livro das Mães", do eminente pediatra brasileiro dr. Fernandes Figueira, (pag. 230) as seguintes analyses de leite vendido no Rio de Janeiro:



As senhoritas Nereys, Natália e Maria Emilia Pinto da Silveira, filhas do capitão Gasstão Pinto da Silveira, actualmente commandante do 27º B. C. em Manaus, em companhia da senhorita Elisa Azevê, nossas amigas e fervorosas propagandistas do programma da "Revista Feminina".



Zilda, Zenalde e Zenita, tres galantes meninas, dilectas filhinhas da intelligente representante da "Revista Feminina" em Itaberê, neste Estado, sra. d. Florisia Chaves Pimentel.

1.º resumo de 26 exames em leite de diversas procedências:

Pellos animais	18 vezes	69,2 %
Insectos	2 "	7,6 %
Tecido vegetal	2 "	7,6 %
Fézes	5 "	19,2 %

2.º resumo de 18 exames de leite procedente de Minas:

Pellos animais	11 vezes	61 %
Insecto	1 vez	5,5 %
Larvas	2 vezes	11,1 %
Tecido vegetal	1 vez	5,5 %
Substancias inorganicas	2 vezes	11,1 %
Cogumelos	4 "	22,2 %
Fézes	4 "	22,2 %

Ha medicos que desconhecem estas verdades e chegam a não acreditar nelas, assim como ha quem diga que o leite, tenha o numero de bacterias que tiver, não faz mal. Que "a epoca da microbiomania ou microbiophobias já passou".

Os que assim pensam baseiam-se na opinião de Finkelstein que diz tolerarem bem, em via de regra, os lactantes, um bom punhado de bacterias e por isto chega á conclusão de que a quantidade de germens do leite não tem importancia e sim a sua composição chimica. Isto não é logico, pois que o facto das crianças supportarem bem algumas bacterias, que existem em todo o leite por melhor que seja, não implica na conclusão de que o numero dellas é absolutamente sem valor, a ponto de não ser considerado tanto pelo clinico como pelo higienista.

As bacterias não produzem directamente as perturbações do intercambio nutritivo, mas occasionam alterações dos alimentos, que por meio dos productos resultantes de sua decomposição, intoxicam o organismo, diminuindo consideravelmente a sua resistencia ás infecções.

Quantas crianças fallecem de modo dramatico, depois de algumas horas apenas de molestia, em consequencia de gastro-interies super-agudas, produzidas pela ingestão de leite ou outros alimentos, já atacados pelas bacterias?

Além dos microbios productores de fermentações, putrefacções, etc., das substancias alimenticias, no leite podem ser encontrados muitos outros germens causadores das molestias as mais graves, como sejam: dysenterias, tuberculose, febre typhoide, cholera, etc. Em paizes onde é habito o uso do leite cru, têm se observado graves epidemias de febre typhoide, sendo o vehiculo dos bacillos de Eberth provavelmente o leite.

A tuberculose nas vaccas é communissima e, portanto, não é de estranhar, é mesmo até muito provavel, que innumerias pessoas sejam contaminadas pelos bacillos de Koch contidos no leite desses animaes.

Das experimentações feitas pelo dr. Felix Vianna Junior e referidas na sua brilhante these sobre a "Contribuição ao estudo do leite e seu fornecimento na cidade de São Paulo" (trabalho do Instituto de Hygiene), resultam a confirmação de que no leite que nos é distribuido, a existencia do bacillo da tuberculose é um facto. Duas das cobaias inoculadas apresentaram lesões tuberculosas positivas.

Os excentricos defensores dos leites inferiores, chegam a declarar que, pelas suas observações "mesmo nos ve-

rões inclementes" esses leites valem tanto como os es-

pecias...
Isto de affirmar que leite infeccionado e cujo equivale ao hygienico, faz-nos lembrar o caso de um estudante de medicina no Rio, que vivia ás beijocas com uma criança filha de uma quitandiera, e que de tão suja, parecia sempre ter sahido de uma lata de lixo. Sendo interpellado porque assim procedia, se não tinha nojo, respondeu: "Eu acho a sujeira uma necessidade. Sem porcaria não se pôde viver"...

Se a boa qualidade do leite não fosse uma questão absolutamente indispensavel, não sabemos porque, nesta epoca de aperturas financeiras, todas as administrações das cidades adiantadas do mundo, mantêm rigorosissimos servicos de fiscalisação do leite que acarretam formidaveis despesas?

Se leite bom e mau tem o mesmo resultado, não atinamos com a razão de paizes civilisadissimos como a França, Inglaterra, Alemanha, Suecia, Suissa, Dinamarca, Estados Unidos, etc., conservarem com a maxima intransigencia, até hoje, limites rigorosos para o numero de bacterias contidas no leite, por centimetro cubico?

Das cidades do mundo civilisado, a mais tolerante neste sentido é Nova York que admite no maximo 1 milhão de germens por cc. Em todos os outros o limite é mais baixo. No entanto em S. Paulo são encontrados no commercio leites que chegam a ter mais de 20 milhões de microbios por c.c. Uma das analyses, a de n. 156, chegou a revelar a fantastica somma de "25 milhões" de colonias de bacterias por c.c. (These do dr. Vianna Junior).

O dr. Fernandes Figueira, referindo-se ao leite do Rio, diz: "Realmente o leite do Rio de Janeiro encerra grande "riqueza de microbios, o que o faz improprio á alimentação infantil".

O professor Walter Birk affirma no seu "Guia Pratico das perturbações morbidas dos lactantes" ser "indispensavel obter para a criança o "melhor" leite possivel. Muitas vezes as mães julgam que o leite deteriorado se torna innocente depois da cocção. A verdade é que a ebulição destróe os germens do leite, mas não restaura as modificações chimicas nelle occasionadas pelas fermentações bacterianas. Seria possivel "diminuir" sensivelmente a letalidade infantil, se as classes proletarias, que, sem duvida, fornecem ás perturbações nutritivas o maior contingente de mortalidade, se habituassem a fazer uso dos Centros de Distribuição", onde as mães, ao lado de conselhos medicos e explicações sobre a maneira razoavel de alimentar a criança, recebem ainda "leite puro, por baixo preço".

Em vista de tudo quanto acima ficou dito, dos esforços empregados no mundo inteiro para ser obtido bom e abundante leite, com especialidade o destinado ás crianças, dos inumeros trabalhos e estudos feitos constantemente pelos competentes, das conclusões a que chegaram os especialistas do mundo civilisado, pela observação e pratica, não é justo que alguns individuos procurem fazer confusão e destruir tudo quanto até aqui é considerado como verdade incontestavel.

Por tanto que se esforcem todos para a obtenção de um abastecimento farto de leite da melhor qualidade possivel e um grande passo para a solução do gravissimo problema da protecção á infancia será dado.

DR. F. MANGIN DA CUNHA.

Nova Seiva

Para a leitura das creanças e principalmente para lhes desenvolver o gosto pela leitura, não ha em nossa lingua nenhuma obra que se compare a esta. E' uma obra-prima no genero. Pode ser lida tambem pelas pessoas adultas, porque as suas novelas e narrações são instructivas e encantadoras. A edição é toda em finissimo papel glacé e ornada de numerosas e nitidas gravuras.

Preço \$5000. — Pedidos nesta redacção.

GOTA SERENA FRANFELUCHE

Dona Palmyra } viúvas, ambas de 50
Dona Rita } annos mais ou menos

Dona Palmyra. — Não é amor de mãe, e sabe bem Deus que não pretendo ver em minha filha, precisiões inexistentes. Eu só fallo o que vejo e assim mesmo depois que examinei bem para não dizerem mais tarde que estou dominada pelo carinho que naturalmente dispensei á minha filha... Porém diga-me com franqueza, aqui muito intimamente, sem ninguém saber: minha filha não é uma bellezinha, uma joia?...

Dona Rita. — Lolita? Diz nada dona Palmyra!... Uma joia?... mais que isso, é uma joalheria completa.

Dona Palmyra. — Hontem á tarde fiquei muito aborrecida com a inquietude do numero 4. Veja você, que poz-se a criticar Lolita, porque ella usa chapéu e meias de seda transparentes!

Dona Rita. — E a senhora o que disse dessa barbaridade?

Dona Palmyra. — Fiquei zangada e me levantei como leite fervendo na caçarola, prestes a derramar e a queimar, porém como não queria escandalos fiquei logo quieta, porém guardei a offensa e hoje não aturo mais, basta.

Dona Rita. — Não faça conta, d. Palmyra; ellas são muito invejosas.

Dona Palmyra. — Disso sei eu!... não vê você que de ha muito que aquella gente não supporta a Lolita nem coberta de assucar?

Dona Rita. — Ah! por causa do filho!...

Dona Palmyra. — Sim... por isso mesmo. Lolita pegou uma formidável taboa naquelle rapaz, uma taboa tão grande que toda a familia reunida pode lavar roupa... E sabe mais ainda?... um electricista!... Teria graça hein?...

Dona Rita. — Lolita merece muito mais!...

Dona Palmyra. — Eu tambem penso... Pelo facto de ser uma vendedora, não vejo razão para que deixe de aspirar um partido melhor! Um advogado, um medico ou um fazendeiro... e porque não um deputado?

Dona Rita. — Até o Presidente da Republica, si fosse solteiro. Eu penso que as senhoritas todas devem ser "aspirantãs"; é a melhor profissão, porque ás vezes aspiram boas cousas e conseguem.

Dona Palmyra. — Eu tambem acho! Mas agora porque

a minha filha usa meias de seda e chapéu, merece censuras? Para isso ella ganha mais que o sufficiente e pode gastar como entender.

Dona Rita. — Natural!...

Dona Palmyra. — E depois a Lolita argumenta bem si eu tenho esse chapéu, porque não usá-o? Ella tem razão e como vê eu não posso consentir que mettam a ridiculo a minha filha, desde que ella não dê motivos para isso.

Dona Rita. — E' logico.

Dona Palmyra. — Eu com este casaco vou a toda parte e ninguém repara e dep is ainda estou de luto de meu marido. As senhoras de idade não precisam de atavios...

Dona Rita. — O mesmo digo eu: essas cousas todas ficam bem para as mocinhas.

Dona Palmyra. — Veja, d. Rita, que cousa engraçada me aconteceu o outro dia. Eu fui acompanhar Lolita ao baile do Club Cosmopolita. Ella ia tão elegante e tão chic que eu rap. 2 seu conhecido, pensou que eu era uma creada!...

Dona Rita (rindo-se). — Essa é boa!...

Dona Palmyra. — Esta va bellissima... porém a coitadinha se aborreceu tanto com esse facto e disse que não sahiria mais, comimgo se eu não me resignasse a usar chapéu! Será que me fica bem?

Dona Rita. — Como não!?

Dona Palmyra. — Ah! o pessoal do n.º 4 vai dar o cavaco. Eu aqui faço todo o serviço para não deixar Lolita estragar as mãos, porque seria imperdoavel uma vendedora de unhas grandes, dedos manchados de carvão, e mãos oitlosas e



— Está apaixonado por Lolita.

aquella gente diz que a minha filha me trata como uma infamia creada, quando sou eu que não quero que ella faça.

Dona Rita. — Deixe o n.º 4 fallar á vontade. E' mulher...

Dona Palmyra (confidencialmente). — E quando eu penso que o filho do patrão...

Dona Rita (com a bocca aberta). — Heim!...

Dona Palmyra (satisfeita e cheia de si). — Não sabe? Está apaixonado pela Lolita. Ainda outro dia deu a ella um lindo relógio pulseira de ouro... Já são duas noites que elle acompanha a menina até a esquina. Com que cara não ficará o "electricista"!...

Dona Rita (pasmada). — E vão se casar?

D. Palmyra. — Pois não disse que elle está apaixonado? Somente espera o consentimento dos paes, que já pediu...

Dona Rita. — Veja só!... Que bom, não?

Dona Palmyra. — Ella merece, coitadinha... E eu só fallo o que vejo; o amor de mãe não me cega, é como eu dizia...

TRIC-TRAC ONE-STEP

PIANO CONDUCTEUR

J BATTLE

The musical score is written for piano conductor in 2/4 time. It consists of five systems of music. The first system begins with a forte (*ff*) dynamic in the right hand and *sfz* in the left hand. The second system starts with a piano (*p*) dynamic in the right hand and *sfz* in the left hand. The third system features a forte (*f*) dynamic in the left hand and includes first and second endings. The fourth system starts with a fortissimo (*ff*) dynamic in the right hand and includes a triplet. The fifth system continues the piece with various dynamics and articulations.

Pizz.

TRIO
2^e fois à l'8^e

p *p* 2^e fois *f* *sfz* \wedge

Pizz.

tr
ff \rightarrow *p subito* *p*

1. 2.

ff \wedge *f*

al Coda \oplus

\oplus CODA

sfz \wedge *ff* \wedge

OS RYTHMICOS

Lentos, vagarosos, de tunicas amplas, os braços e pernas nús, os rythmicos, de longo passo "scandé", avançam em marchas graciosas e formam sobre a scena uma cadeia que se desenvolve, se rompe e se dobra harmoniosamente. Na grande saia sobria, do Instituto Jacques Dalcroze, de custosas tapeçarias, onde nemlhum detalhe indisereto fôre a vista, o jogo dos seus corpos imprime um relevo surpreendente.

As figuras se alternam: graves gestos de supplica, ou outros grupos que se lançam do alto da escadaria, para logo em seguida, immobilizados bruscamente, desenvolvendo quadras vivas de uma plasticidade irreprehensivel. Sentimentos primitivos apparecem diante de nós, como encarnados: a tristeza, a inquietude, o desejo, o medo, a esperança, a alegria, em seguida se exprimem pelas attitudes destes corpos que ligam, ordenam, prendem e soltam as vezes o rythmo. As acções symbolicas se succedem pelo mutuo esforço para o bom exito final, que todos os braços levantados a uma mesma tempo, proclamam com radiosas physionomias. O rythmo, "a ordem no movimento" torna-se de tido de repente visivel. Elle modela essas attitudes, regularisa os gestos que se correspondem, se oppoem que se completam. A carne torna-se a musica. E o espectador é tomado, desde o primeiro instante desse sentimento unanime que se manifesta em torno de si, com uma incomparavel intensidade.

Quando Jacques Dalcroze concebeu esse novo methodo que não entretia sinão algumas realisações de arte passagoras, Elle percebeu então que os seus alumnos de solfejo, não entendiam as accordes que elle escrevia. A medida era para elles uma noção abstracta e intelligivel. Teve então a idéa de fazel-os porém marchando, Compoz inumeros exercicios muito facéis e muito simples onde os movimentos correspondiam exactamente ao valor dos tempos. O solfejo de um lieção as vezes bem ingrata se transformava, agora, sempre em uma acção viva: a gymnastica rythmica estava portanto creada.

Desde esse momento elle não cessou de desenvolver e de enriquecer o mais que podia essa nova e surpreendente descoberta. O mestre reconhecia então a efficacia pedagogica do seu novo methodo e o valor deste meio de expressão que representam os corpos humanos voluntariamente disciplinados. Disciplina que jámais foi imposta por processos vindos de fóra...

Não é uma voz de commando que rege um grupo de rythmicos, como se fosse um grupo de gymnastas, ou um grupo de dançarinos segundo o methodo ainda hoje em dia mui usual. É uma disciplina interior que cada adepto deve descobrir e realizar por si mesmo exclusivamente.

Nosso corpo diz Jacques Dalcroze, deve ser a bella casa movel, onde habitam os nossos sentimentos e as nossas vontades, e cujas paredes sonoras expandem as vibrações cambiantes e constantemente transformadas pelas nossas emoções e pelos nossos desejos do bello e do bem".

A gymnastica rythmica é pois um meio de desenvolver a personalidade, pois ella ensina a conhecer a si proprio, a examinar a consciencia dos seus sentimentos e dá o poder de os exprimir em linhas de belleza. Ella pede aos seus adeptos paciencia e trabalho: seus membros devem se tornar capazes de executar immediatamente as ordens, mesmo se simultaneas, formuladas pelo cerebro. O corpo, aos poucos deve se libertar de suas morosidades e do seu entorpecimento, elle se tornará então a expressão perfeita da phrase melodica que sente através de todas as parcelas do ser.

Felizmente já se comprehende os beneficios que uma tal educação produz nas creanças: disciplina os seus movimentos e desenvolvimento do gosto pela musica. As creanças! São a preocupação constante do mestre que não se cansa de compor para ellas, jogos rythmicos, rodéos antigos, os cantos insensuos da infancia, que formam os temas, repetidos, enriquecidos e transformados. As palavras e melodias as mais simples conduzem e dirigem os gestos: o jogo é regularizado pela musica.

Para os adultos, o rythmico é uma revelação: ao lado da alegria physica do movimento, da liberdade do corpo, elle lhes dá uma mais alta e nitida comprehensão de arte. Para o futuro o rythmo será a fonte da vida e da alegria. N'elle, vê o mestre a arte social por excellencia.

Cada um desenvolve a sua personalidade, nunca em detrimento dos outros, e sim auxiliando o desenvolvimento geral. Ao contrario do que fazem as estrellas dos nossos theatros que procuram tirar partido de todas as occasiões que se lhe offerecem sempre visamio difficultar ou menescubar a acção da companhia, no grupo do rythmicos, cada personagem procura antes de mais nada a perfeição do conjunto ao qual pertence e que a absorve totalmente.

O rythmo produziu em Genebra duas realisações que permitiram se avaiar a amplitude dos meios expressivos desta orchestra do corpos humanos.

No inverno passado, os mais jovens rythmicos executaram as *Primeras lembranças* de M. Jacques Cheneviera. Evocação da infancia, impressões dilectas, alegria de viver e brincar, o primeiro susto, o primeiro amor... Sentas intuitivas através do afastamento dos annos e que os ternos versos postos em musica que a graça das creanças resuscitavam.

Em Junho de 1914 realisou-se o festival que commemorava a entrada de Genebra na Confederação Suissa. Todo o primeiro acto que representava a historia da cidade, foi confiada aos rythmicos. Os espectadores se mostraram maravilhados pela espontaneidade dos jovens artistas. No immenso theatro aberto sobre o lago que formava o seu panno de fundo, houve um momento de communhão perfeita, uma impressão unica de alegria e de belleza. Nesse dia, n'aquella cidade, teve-se a certeza que um novo meio de expressão foi criado, transformando as veias formulas, enriquecendo os theatros e enriquecendo os corações.

Noelle Royer.

ESPERANÇA

*Ha quem diga que és van, que mentes e que enganas,
Que promettes o Bem e é o mal que sempre impêra:
Mas só quem conhece o fêl de horas insanas,
Sabe a luz que nos traz essa palavra: espera!*

*Suave consolação para as dores humanas,
Quer no inverno da vida ou em plena primavera,
Nos palacios reaes, nas miseras choupanas
Essa palavra surge e as magoas refrigêra.*

*Essa meiga palavra, Esperança, tu dizes...
E o sol torna a voltar aos lares infelizes,
E uma estrella reluz no céu dos desgraçados*

*Bem dita sejas tu, guia eterna dos mundos,
Que mostras ao olhar baço dos moribundos
Essa vida melhor de bemaeventuados!*

COLOMBINA MARTHA.

PELA CREENÇA

AS "MADRINHAS" DOS PEQUENOS ABANDONADOS

LINDA SUGESTÃO À MULHER BRASILEIRA, NUMA
CONFERENCIA DA SRA. DR. ALFREDO MAGALHÃES

Effectuou-se na Academia de Letras a annunciada conferencia da Sra. Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, Dama da Assistência bahiana, e membro do 1.º Congresso Brasileiro de Protecção á Infancia.

Durante uma hora, perante numerosas e selecta assistencia, e muitas vezes interrompida pelos colorosos applausos, falou brilhantemente a conferente.

A deficiencia de espaço não nos permite publicar senão os trechos abaixo, em que se salienta a linda suggestão ás mulheres brasileiras, para que protejam as creanças abandonadas. Disse a Sra. Alfredo de Magalhães, sobre a "Necessidade da Fé na educação da infancia e sua influencia social".

"Só será verdadeiro o progresso da humanidade quando marcharem unisonos o progresso material e moral. Este dia chegará quando todos comprehenderem que na moral está o grande motor maximo do progresso e que desta depende a estabilidade de todos os feitos. Para cultivar a moral, fazel-a progredir, só ha um meio: voltar as vistas para a creança, que é o prenuncio do homem, educal-a. Educar não é simplesmente instruir, bem sabido.

Em nosso querido Brasil, como em todos os paizes sul-americanos, não devem fallar as providencias para que a educação seja uma das maiores preoccupações dos seus legisladores: não devem os meios de instrucção, aqui, ser maiores que os de educação.

Emquanto a instrucção prepara e dirige a intelligencia, formando o sábio, a educação vae ao coração e forma o virtuoso, vae operar na vontade e dirigir-lhe os actos.

E' bem facil comprehender quanto poderá fazer de mal um homem intelligente e sábio, em cuja alma nunca existisse um germen de virtude.

A's mães pertence a mais nobre das funcções da mulher, porém, a mais ardua, nella se firma toda a sociedade, della depende quasi a paz universal.

São meus votos que no Brasil frutifique esse exemplo, bem se eduquem as filhas de hoje, para que, sendo mães amanhã, transmitam essa educação, e da nossa Patria também se possa dizer:

Tem vasto territorio, ameno clima, lindas florestas, caudalosos rios, bellos mares, sólo fertilissimo, ricos mineraes, e, para sua gloria, entre todas as nações, só possui filhos virtuosos: entrega-lhes os seus thesouros naturaes e delles tudo espera.

Os alicerces de uma verdadeira educação só encontraremos nos dogmas purissimos da religião de Jesus Christo. A' creança é necessario, ao mesmo tempo que aprende as verdades da Fé, seja obrigada ao habito da pratica dos deveres que esta lhe impõe. São cegos os paes que sómente cuidam em dar aos seus filhos os conhecimentos scientificos e litterarios.

A Fé fortalece o espirito, anima o coração para os sentimentos nobres e a pratica das virtudes.

Eu vos lembro que podéis verificar estarem bem afastados dos dogmas do christianismo todos os principios dissolventes da ordem social, O anarchismo, o socialismo, o maximalismo, nelle não encontram abrigo.

A mulher, destinada á soberania do amor, deverá ser a rainha do lar, o anjo de ternura e sacrificio, e sel-o-á se possuir os ordinarios effeitos do amor de Deus, que vim de citar. A esposa christá sabe perdoar, suavisar as maguas, consolar, trabalhar. Mãe, em gortas de amor, transmite a seus filhos o amor de Deus, que os obriga a serem bons filhos, a respeitarem seus paes, respeitando a velhice, os mestres e superiores.

E' principalmente para as meninas que devemos sihar. Encontre mol-a todos os dias exposta ás misérias das ruas.

Onde está a caridade publica e particular? Que serão estas creanças?

Imploramos, pois, ao digno presidente, que dirige os destinos do nosso paiz, aos congressistas — deputados e senadores, a creação de leis garantindo o indispensavel auxilio para essas creanças que representam o futuro da patria.

Para melhorar as condições do nosso paiz, o verdadeiro e unico meio é este: cultivar na educação moral da creança e instrui-la conforme o seu sexo, o meio e as suas aptidões nas turmas.

Para formar homens de caracter é necessario disciplina... A mais solida base da disciplina é o temor de Deus. Falta o paiz que possuir um povo disciplinado e tiver um chefe virtuoso. Só na educação religiosa da infancia encontra-se a disciplina do coração, que é a unica verdadeira.

Dêem-nos escolas agricolas, asylos e escolas para artifices, com educação religiosa, e deixaremos de precisar de tantas casas de correcção, penitenciarías e hospitales.

Tenham todos os homens, no coração, Deus e o amor do proximo, e não trarão mais nos bolsos a pistola ou a pua e a faca.

Será a reivindicação moral, a reforma social? Só por Deus, com os seus dogmas poderemos vencer.

E' esta a força da Fé... tudo por Deus.

Assim eu vos lembro maior compaixão, para as pobres creanças que hoje, em todo nosso paiz, já existem contaminadas pelo vicio. Não as abandonem, nem também sejam recolhidas ás casas de correcção e mais ainda ás penitenciarías, reunidas a infelizes que já têm perdido tudo e que as acabarão de perverter. Para estas a caridade deve ser maior, ellas foram levadas a crimes dos quaes talvez sejam mais culpados aquelles que as castigam.

Não ha paiz algum em que o sentimento maternal seja mais amado. A mulher brasileira é mais terna e dedicada, o seu coração é todo amor... a mulher tem sempre o seu coração repleto de amor maternal: é necessario sómente querer dispensar esse amor ao orphão ou ao pobre desventurado, abandonado. Para elles peço a toda mulher brasileira um pouco de carinho.

Quantas jovens commettem o sacrificio de dar esta protecção, este carinho e amor a um cão? Verdadeira profanação de sentimentos! E' o cão o animal amigo por excellencia do homem, porém, indigno dos cuidados que por muitos lhe são proporcionados, amizade doente, roubado aos pobres meninos desamparados, que a reclamam.

O que vos peço é uma especie de patronato: que toda mulher tenha o seu "afilhado" pelo coração. Não falo do menino que baptisastes, que tenha paes e possa, portanto, dispensar os vossos mimos, mas a creança mais abandonada que encontrardes, ainda que não tivesseis conhecido os paes, ou fossem vossos inimigos; é esta que mais carece do vosso carinho e protecção... Eu vos peço, porém, a decisão formal de adoptar esta "moda" feminina!

Fará parte do "chic": cada senhora ou senhorita terá um "afilhado" destes, que amparará, afim de entregal-o á Patria educado moralmente e capaz de servir-a.

A' imprensa, forte estio das causas nobres, quando bem orientada, entregue a minha lembrança, e espero em Deus veja vigorar por seus esforços e das minhas jovens patriotas, que serão verdadeiras patriotas, sendo animas caridosas e dignas, se, pela sua solicitude, arrancarem ao vicio e á miséria das ruas essas pobres creanças abandonadas para, educadas e conscientes dos seus deveres, serem restituídas á Patria.

Que seja a mulher brasileira a salvadora da sua patria, imitando Esther e Judith, as mulheres fortes da Escripтура.

O anno que nasce e o anno que morre

Todos os dias o sol illumina uma certa parte do mundo, enquanto que a outra parte, a metade, permanece nas sombras: assim é o anno, nasce cheio de alegrias, animando todos os corações com a esperança que é a luz da vida, para desaparecer mais tarde e exhibir ao homem a realidade, que é a sombra, a fôrma da morte. Luz e trevas, felicidade e dôr, illusão e desengano, são os companheiros do homem na sua peregrinação pela terra: porém, um dia chega que a felicidade se faz annunciar, que a dôr desaparece momentaneamente, que a amarga realidade entra na historia do passado e que o coração pulsa de amor: esse é o primeiro dia do anno, sempre cheio de perfumes e harmonias para todos os povos da terra e para todos os seres que nella habitam.

Sim, o ultimo dia de Dezembro é a maior das realidades, porque nelle se resume toda a historia do passado, e o primeiro dia do anno é o mais bello dos enigmas porque é a luminosa porta onde se exhibem os arcanos do futuro. Com a ultima hora que assignala o relógio do tempo o anno que termina, se sepultam todas as dôres e com a nova hora que annuncia o nascimento do novo anno se reanimam todas as esperanças. Para uns ha sempre lembranças, dôres que se renovam, a felicidade que parece desvanecer-se como uma sombra e os seres amados que baixaram á tumba; para outros é o enthusiasmo, a fé, o amor e as nobres aspirações que se levantam do coração de todos os seres como um hymno de reconhecimento ao Autor da Natureza, como um vaticinio da nova vida, na qual todos nós aspiramos a felicidade sem mescla de dôres e todos caminhamos cheios de fé, ignorando a nossa missão e o nosso destino.

A humanidade em seu conjunto é a maior das peregrinações; tem o seu ponto de partida na primeira manha do anno que nasce e termina na ultima noite do anno que expira. Assim tambem é a terra, em redor do sol que a fecunda, se ausenta das proximidades do astro nos primeiros dias do anno que nasce para a sua orbita e voltar no fim do anno que morre ao pé do fogo luminoso que o guia. Com ella está a humanidade que saudou o anno novo cheio de risos, alegrias e esperanças. O amor, a gloria, o talento e todos os nobres desejos acompanham o coração no momento da sua partida; porém, como a felicidade não é mais que um sonho, a pouco principiam as decepções e a realidade se substitue a tudo. Um dos viajantes succumbe, outros se sentem desfallecidos e sem alento junto á fossa profunda onde todos temos que chegar.

Quantas victimas durante este transito de trezentos e sessenta e cinco dias! Quantas lagrimas, quantos desenganos, privações e gritos de dôr! Quantas illusões desvanecidas como a fumaça!

Felizes daquelles que podem chegar até a profunda noite na qual termina a viagem, porque elles poderão contemplar a luz do novo dia e de novo principiar como o amor de Deus, o novo caminho da vida!

Quando se chega ao fim da jornada, a mãe que perdeu o seu filho, chora a sua desventura e o filho que perdeu os seus paes, se crê desamparado; ingrato foi o trabalho para uns, fecundo para outros e apesar disso todos aguardam no meio das profundas desgraças da vida, na misericordia Divina, ancora da segurança neste oceano tempestuoso que se chama a sociedade humana.

Si o anno que nasce traz aspirações e ideaes que fazem respirar o coração, o anno que termina tem um ensinamento proveitoso: a dôr, a realidade com todos os seus desencantos, a tumba entreaberta, insaciavel, que conforta e assignala a verdade.

Existe no coração humano um desejo inextinguivel pela vida; aparentemente o homem deseja os gosos materiaes, mas ha uma outra força que o impelle para a perfeição moral.

O primeiro dia do anno é quando o homem, jovem ou ancão, se mostra a certa altura de onde pode contemplar céu e terra. De um lado o horizonte luminoso da vida, e do outro o horizonte escuro do passado que occulta esse paiz de desterro, em que todos os seres, grandes e pequenos, se transformam para entrar como agentes mechanicos no grande atelier da natureza.

O desgraçado que perdeu a sua saude ou o homem que perdeu os seus bens, o que pedem ao nascer o anno novo? O que implora a familia que perdeu o seu chefe? O que supplica o lavrador que viu as suas sementeiras destruidas? O que pedem os povos cahidos no infortunio, victimas das paixões humanas? — Pedem o amor que é a paz das nações e da familia; supplicam a fé que é a alma do trabalho; imploram a esperança que é a luz guiadora na desgraça, pedem, enfim, caridade, que é o balsamo que cura todas as feridas.

Sabels porque nesse dia todas as familias se abraçam, os amigos se procuram mutuamente? E' porque nesse dia a humanidade abandona toda a materialidade para unir-se em um abraço que o aproxima de Deus.

Nesse dia o homem poude comprehender todos os mysterios da criação.

De um lado a materia, o homem como substancia que vive da materia e se associa á materia; do outro lado o homem espirito que idealiza e espera a perfeição. Entre estes dois horizontes que assignalam a vida de um lado e a morte do outro está o dever que impõe e regularisa as paixões mundanas e prepara para o coração os seus dias de ventura, a sua immortalidade no seio de Deus.

Ambicionemos o anno que se aproxima, porém contemplemos o anno que termina. Nada se perde neste mundo: o passado se une ao presente, e o presente por sua vez ao futuro. E' por meio de uma cadeia de dôres, de soffrimentos e de abnegação que se civilisa o homem e torna-o util aos seus semelhantes.

Anno novo que te approximás, nós te saudamos: que a abundancia seja o teu emblema, que a paz te guie, que sob o teu benéfico influxo se desenvolvam as industrias e o commercio, que o homem dos campos te bendiga, enquanto que no lar o seu chefe, cercado da sua familia receba as bençãos dos ceus.

CHAVE DE OURO

*Foi depois de fazer os passaros errantes
As estrellas, a aurora, as flores palpitantes,*

As perolas e o luar,

*Que o eterno Creador da vida e do universo
Traçou de seu poema o derradeiro verso.*

Heroico e secular.

*Da voz do rouxinol tirou a melodia,
Dos astros o clarão, da rosa a louçania,*

Da aurora o rosicler,

*E disse tudo fez, de perolas e flores,
Esplendida e radiosa, a deusa dos amores,
na imagem da mulher.*

MENDES DE OLIVEIRA.

NO TRABALHO

CONTO PARA CRIANÇAS

Lourenço Ernesto
Elisa Estevam
Julio A creada

Pequeno quarto de costura. Entardece. Elisa sentada junto a uma janella trabalha em um bordado. Julio, em um tapete no chão folheia um album de gravuras coloridas. Da fabrica, collocada no andar inferior sobe á tranquilla saleta o harmonioso concerto dos multiplos instrumentos do trabalho: é uma musica grave, sonora, na qual se confundem os golpes isochronos do motor, as trepidações do volante, o roncar do torno, o chilrear das limas e como que parecendo quebrar a docura do conjunto as notas incommodativas da serra circular, mais se assucelando ao zumbir de um enorme bezouro.

De repente pára tudo e um silencio impressionante succede áquelle concerto.

Julio (levantando a cabeça do livro de estampas). — Que será manãe?

Elisa (sobresaltada). — Não sei... mas é extranho.

Julio. — Quer que eu vá ver? Eu perguntarei a papae o que foi e volto já.

Elisa. — Não, espere um pouco... (Percebendo o som esdridente da campainha da ambulancia, cada vez mais proximo, até entrar estrepitosamente no patco. (Levantando-se aterrada) Meu Deus!... Meu Deus!... O que será!... (Chega até a janella e vê a ambulancia que se aproxima cada vez mais da porta da fabrica; rumores de vozes incompreensíveis e ella parte novamente. Deixando-se cahir abatida em uma cadeira). Deve ter acontecido alguma desgraça. Vae meu filho, vae depressa em procura do teu pae... pergunta o que foi e volta já. (O menino levanta-se depressa, porém nesse momento abre-se a porta e apparece Lourenço, pallido e abatido. Corre para elle e tomando as mãos do seu marido, muito nervosa): Lourenço!

Lourenço. — Que desgraça, Elisa!
Elisa (inquieta). — O que foi?... accidente?... feridos?...

Lourenço. — João... o meu melhor mechanico. (Tapando o rosto com as mãos em um gesto de dôr). Oh! foi horrivel. A engrenagem prendeu a sua mão... o braço todo... não sei como pôde escapar o resto!

Elisa (Horrorisada). — Porém... ha esperanças ainda? Está vivo?

Lourenço. — Sim. Me disseram que sim. Vim para mudar roupa e ir procurar o Dr. Mario, que é o melhor cirurgião da cidade e dar depois todas as providencias para que nada falte ao pobre João.

Elisa. — Mas Lourenço, como foi acontecer semelhante coisa? (Deixando perceber na sua intonação de voz uma censura). Não haverá um geito de se evitar estas desgraças na fabrica?

Lourenço. — Tudo tenho feito para cercar os meus operarios de uma segurança completa, mas ás vezes uma imprudencia, ou um descuido...

Elisa. — Será possível?... O teu melhor mechanico!...

Lourenço. — Nestes ultimos tempos eu tenho notado que o João tem se excedido em bebidas e algumas vezes percebido ligeiramente tonto.

Elisa. — Coitado! Foi desde a morte da sua mulher...

Lourenço. — Sim. Desde essa ocasião e eu attribuo o desastre...

A creada (Entrando). — Tem um menino no vestibulo que diz ser filho do operario ferido...

Elisa (Sahindo apressada e logo após a creada). — Infeliz creança!

Lourenço (Faz um signal a Julio para que se approxime de si). — Meu filho. O menino que ahi está é uma creança, da tua idade, muito bomzinho.



Deus te abençoe...

Todas as tardes, ao sahir da escola, vinha buscar o papá e hoje não o encontra, porque o pobre homem está gravemente ferido. Como vae recebê-lo?

Julio (Muito serio e commovido). — Como um irmão, papae.

Lourenço (Beijando enternecidamente o filho) — Muito bem.

Elisa (Entra, trazendo pela mão um menino muito pallido, pobremente vestido que chora convulsivamente, enxugando as lagrimas com a manga do paletot). — Não chores mais queridinho... o papae volta logo, não foi nada...

Lourenço. — Elle já sabe? Quem contou?

Elisa. — Não sei quem foi esse imprudente!

Lourenço (Acariciando-o). — Pobre creança!

Julio (Abraçando a Ernesto e tomando-o pelo braço). — Venha commigo... tenho um livro de lindas figuras... vamos ver nós dois aqui no tapete, não é?

Elisa. — Sim... vae com o teu amiguinho.

Lourenço. — Voltarei d'aqui a um minuto. (Sahe).

Ernesto, timidamente acompanha o seu novo amiguinho. Já não chora mais e ambos sentados no chão folheando o album. Pouco a pouco o seu semblante torna-se mais alegre e o sorriso lhe aflora nos labios. Elisa volta de novo para a sua cadeira e põe-se a bordar, porém não acerta mais os pontos. Deixa o trabalho, envolvendo em um carinhoso olhar as duas creanças, cujas cabecinhas quasi se tocam, contemplando os vizes coloridos das estampas.

A creada (Entrando). — O contra-mestre Estevam pergunta pelo sr. Lourenço.

Elisa (Levanta-se e vae até a porta por onde sahio o seu marido). — Lourenço O contra-mestre está perguntando por ti.

Lourenço (Entrando). — O Estevam?... Que entre. (Sahe a creada e Estevam entra). Então?... O que ha?... Que novidades me traz?...

Estevam. — Eu acompanhei a ambulancia. fui até ao hospital.

Lourenço (Apertando a mão ao operario). — Fizeste muito bem. Como vae o ferido?...

Estevam (Olhando as duas creanças, que não prestavam attenção a conversa, pois estão muito entretidas com as gravuras). — Morreu no caminho...

Lourenço (Agoniado). — Oh! Estevam! Só Deus sabe como eu estimava aquelle operario!

(Elisa chora em silencio, olhando a creança). Queria-o tanto como si fóra um irmão. Pobre menino!

Estevam. — E' por causa d'elle que eu estou aqui. O sr. sabe que eu tenho seis filhos e tenho minha mulher que é uma santa e onde comem seis comem sete e talvez oito, de modo que...

Lourenço. — Queres levar a creança?...

Estevam. — Sim...

Lourenço. — Então pensas que eu ia deixar abandonada essa creatura, que presentemente não tem ninguem por si?

Estevam. — Eu sei que o sr. não faria isso... e que melhor que todos pode dar boa educação e mais conforto... (Julio, que aos poucos começara a prestar attenção a conversa, deixa o seu amiguinho entretido e falla baixinho no ouvido de sua mãe alguma cousa).

Elisa. — Estimás muito o teu companheirinho? (Julio faz um signal affirmativo com a cabeça) — Lourenço!...

Lourenço. — Mas Estevam, bem sabes... (attende ao chamado de sua mulher. Julio olha ancioso para o rosto do pae enquanto este escuta o que ella diz em voz baixa. Em um gesto todo cheio de carinho passa a mão pela cabeça do filho. Novamente se dirige para Estevam enquanto Elisa faz um signal chamando o orphão para junto de si).

Elisa. — Gostas do teu amiguinho.

Ernesto. — Sim... como não?... Elle é tão bomzinho... Deu-me uma bella estampa...

Lourenço. — Estevam... aprecio immenso o teu bello coração. Ha porém um inconveniente...

Estevam (admirado). — Qual?...

Lourenço (tomando o seu filho pelo braço e pondo diante do operario). — E' que esta creança... este teu futuro companheiro na fabrica, julga-se com muito mais direito que os teus filhos para se fazer irmão de um ente que a desgraça hoje o mandou... a quem muito quer, muito estima e de quem nunca terá ciumes pelo amor que os seus paes já o consagram...

Estevam (vivamente emocionado). — Ah!... isso é outra cousa... Não digo mais nada nesse assumpto... Me permitem? (Levantando a Julio até a altura do rosto, abraçando, beijando-o no rosto). — Deus te abençoe.

TERRA NATAL

VERSOS de D. Aquino Corrêa —
Escola Typ. de Nictheroy.

D. Aquino Corrêa, é uma das personalidades mais curiosas que conhecemos. Administrador e político enérgico, honrado e empenhador se revelou quando governador de Matto Grosso, talvez na sua mais difícil phase. Prelado virtuosissimo, verdadeiro ministro de Deus na terra, o abnegado bispo salesiano de Cuyabá é uma das figuras mais eminentes do clero patrio, modelo de virtudes, de sabedoria e santidade. Orador fluente, um bello tribuno, tivemos a occasião de ouvi-lo em uma conferencia que realiso no Cine-Theatro Republica desta capital, ovacionado com delirante carinho pela celta assistencia que enchia o vasto salão daquelle theatro. Já o sabiamos literato, poeta, porém, confessamos que sómente agora nos foi dado o prazer de ler os seus versos, enfeitados em um luxuoso volume, impresso na Escola Typ. Salesiana de Nictheroy.

"Terra natal", foi o titulo dado ao livro de versos. Melhor não seria possível, pois diz tudo: em duas palavras apenas synthetizou todo o assumpto, esplendidamente versado e também o prefácio, em prosa admiravelmente stylisada.

D. Aquino entre os intellectuaes brasileiros occupa um lugar de excepcional destaque. É um poeta de grande envergadura, e que tem ao serviço do seu grande e robusto talento, uma lingua ductil e rica e um raro senso de medida. Os seus versos agradam sob todos os pontos de vista. Singelos uns, arrebatadores outros, todos são bellos, escapando de arte, cousa rara do desvario extravagante dos novos esletas; aquellas linhas perfeitamente medidas, sonoras e carinhosamente buriladas, revelam o cuidado do seu autor em manter a sua arte numa justa medida quanto a forma, quanto ás idéas, logrando o bispo-poeta, realizar com a sua "Terra natal" a mais encantadora das originalidades.

Tem-se a impressão que essa obra fóra escripta ao correr da penna, tão facilmente se succedem as emoções que encadeiam as idéas.

Aqui transcrevemos ao acaso, os versos que tem por titulo:

VIRTUTE PLUSQUAM AURO

Brasão da minha terra! tu que ostentas
O ouro do patrio solo abençoado,
A sinopla das matas opulentas
E das campinas onde pasce o gado!

Tu que em teu céu de blau, nos representas
Esse pendão do bandeirante ousado,
Em cujas dobras lucidas e heutas,
A cruz de Christo diz todo um passado!

Tu que nos falas de um ideal infundo,
No curlo dessa phenix estupefundo,
Brasão da minha terra! como és lindo!

E como é lindo, sobre immorredouro
O poema dessa fulgida legenda:
"Confietnos na virtude, mais que no ouro!"

"A maneira de prefácio", que é o discurso official proferido pelo auctor na installação do "Centro Mattogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1921, occupa as primeiras paginas do elegante volume de versos. Estylo claro, linguagem pura e um logico e natural encadeamento de

idéas da primeira e ultima phrase, de uma riqueza de formas e imagens, eis no que se resume toda e qualquer critica que se pode fazer do discurso proferido por D. Aquino perante a douta sociedade mattogrossense.

É além do mais a "Terra natal", um livro recommendado não somente pela belleza dos seus versos ou do prefácio, mas ainda como uma esplendida lição de civismo e patriotismo, principalmente a esses literatos que vão buscar assumptos improprios, se rebaixando na lama da immoralidade, se esquecendo, ou talvez por incompetencia, de que no Brasil, na sua historia, na sua natureza, nas suas cidades, existem themas bellissimos que fornecem assumptos a poemas grandiosos.

D. Aquino foi buscar dentro da patria a sua inspiração; nella concentra o seu amor de patriota e de crente e em versos magistraes nos traz a imaginação, cidades, aborigenes, selvas, rios e feitos grandiosos.

Do prefácio, a folhas XVIII, transcrevemos o seguinte trecho, por onde se pode aquilatar o valor do fino "caur" e brilhante escriptor: "Pesquize emittas as nossas lindas tradições populares. Quantas riquezas meditas! Tome-se uma ao acaso: os noivados a beira do rio. Bem os conheci muitos de vós: é uma flotilha de canoas. A frente todo empavezado de flores do matto, vae o batel dos noivos; tres canoas amarradas, onde bracejam, em pé, robustos remadores. No cabo longo dos remos, bem no ponto fluctuam garridamente ao vento da tarde, as cores alareas dos lenços de alcobaça.

Esponcam de quando em quando, tiros e foguetes, que em meio ao vivorio alegre do cortejo, repercutem amplamente, barrancas afora, por toda a redondeza do estrão solitario.

Vão receber a benção do céu na igreja da freguezia

Vão e voltam cantando. Na volta já o silencio do crepusculo baixou sobre a natureza ambiente, e, ao longe, os echos repetem claramente o estribillo nostalgico:

Adeus minha mãe
Do meu coração!

É a canção tradicional dos esposos em despedida aos carinhos maternos.

Vão remando. Vão cantando. E a barcarola sobe num tremolo saudoso, até as estrellas commovidas. A lua, qual si fóra, no céu, phantastica larangeira, toda florida, desfolha agora, a passagem da flotilha nupcial sobre a agua celere do rio, uma destlumbante illusão de petalas de prata.

Chegam. A passara da ribeirinha alvoroça-se nos ninhos e, alem, na mata proxima, as aranhaes bravas, preludiam a conhecida onomatopéa do seu canto, que vae romper festivamente na crastina mudrugada.

Que belleza! Que poesia!"

Que belleza! Que poesia! repetimos ao ler essa evocadora descripção. E nesse estylo é todo o prefácio: elle transporta o leitor ás selvas mattogrossenses, ás margens dos seus rios, ás suas cidades, tal é o poder descriptivo do auctor de "Terra natal".

É um livro destinado ao mais franco successo, finalmente em poucas palavras podemos fazer uma critica justa e imparcial: é simplesmente um bello livro e um livro bello.

Edição luxuosa, cuidadosamente impressa em fino papel glacé pela Escola Typ. de Nictheroy.

Dedicado a "São Paulo, terra das bandeiras e da liberdade — No Centenario da independencia" e "A Matto Grosso, minha terra natal — A maior conquista de São Paulo", sensibilizados agradecemos a carinhosa dedicatória do illustrado auctor a esta redacção.

A VONTADE SACRIFICADA

E' a maravilha azul do crepusculo sobre o lago de Tiberiades...

Doce vai-ven de ondas mansas que palpitam com o ritmo compassado dos corações.

O mar, sangue do mundo, de galhardetes rubros lançados pela fúrigação do sol agonizante, vermelho, púrpureo e terço, como o escudo de um gladiador vencido.

E o doce Rabbi da Galilea, no bordo alcantilado sosinho, como uma aguia no pico da montanha, recebendo os raios solares que nimbam de ouro a sua cabelleira loura, tremula, como uma bandeira de paz, pela brisa do vespero, as pregas brancas de sua túnica de nazareno...

A infavel melancolia do crepusculo impregnou a sua alma sedenta de redempção.

Frente a frente, a extensão infinita do mar e o infinito amor do seu coração. Abismo deante do abismo: as ondas eternas, musicas, a idéa de paz, de amor, de suprema justiça... As duas maravilhas que o homem jamais possuirá...

Na margem, por detraz da figura augusta do Nazareno, a multidão proselita, a plebe triste e coifante, que olvida as suas misérias, deslumbrada pela promessa de um mundo novo, melhor e mais justo.

Ao pé do Rabbi, canta o mar a sua millenaria symphonia, de arcejos suaves, com o rumor de beijos contra as arestas das rochas... As ondas panflas, sinuosas, com sulcos enimados, balançam docemente a barca que aguarda os electos...

E o momento de partir.

O violão tom do céu já tem florações de lyrios negros. A noite desarrá os seus suaves veus para se entregar ao somno sobre a terra, que a receberá palpitante sobre o mar, que arruillando, com as suas eternas castanholas.

Proximo ao Rabbi, o amor — feito adoração — se representa na figura de uma peccadora que, com uma coroa de flores na basta cabelleira, contempla tremula o unguilo do Senhor.

Calma no lago e silencio na terra, o corpo saturado pelo balsamo marinho e a alma tranquilla...

E Jesus saltou na barca dos seus discipulos e disse:

— Vamos para a margem fronteira.

Os remos cutillaram a agua. A proa fendeu a tremula esmeralda e a barca vogava enquanto que o sol descambava agonizante.

Na proa, apoiado a cabeça em uma almofada que ali puzeram os discipulos, Jesu, dormia profundamente.

Dormiu sobre o aljumo verde e por deixo do abismo azul do céu crepuscular...

Dos cimões do Hermon desce o furacão com os seus exercitos ululantes. O vento faz rodar os seus carros de batalha... As nuvens, como odros, plenos de maldição cobriram o horizonte... Rubricas de fogo pelo espaço e o trovão ribombo, trovando céus e terra.

As ondas mansas, as ondas irisadas, as ondas que tinham balanço de berço e o rumor de canção, se encheram, encheram convulsivas e epilepticas, com espasmos de fúria... Trombas marinhas se elevavam de coroas brancas de noiva.

E a sua invadia a barca, molhando as vestes do Rabbi.

E o Rabbi dormia. O vento lançava sem cessar os seus fabulosos batalhões ululantes e a obscuridade cada vez era mais completa enquanto as outras barcas sossoavam.

E o Rabbi dormia, até que despertando-o seus discipulos lhe disseram:

— Mestre, não te importa que pereçamos? Senhor, salva! que afundamos!...

Jesus, pondo-se de pé, assim responde:

— Homens de pouca fé, porque temeis?

E em seguida, de pé na proa, de cabelleira revolva pelo vento o Nazareno extendendo a mão, n'um gesto de cominação, increpou o vento:

— Cessa!

E voltando-se para o mar.

— Acalma-te!

O furacão cessou immediatamente e uma grande serenidade se succedeu.

As ondas volveram a cantar o seu doce arrullo millenario e a brisa teve suavidades de caricia.

O milagre estava feito. Era a vontade, o poder, a imensa energia creadora, triumphando sobre a natureza em rebellião...

Haviam presenciado o milagre esses mesmos homens que mais tarde haviam de abandonar o para ser crucificado.

Era a plebe fanatica, impenetravel; a massa de barro passiva e sordida, que faria fracassar a vontade sempre sua.

Como o mar, como o vento, nossa alma em rebellião, nossos desejos sem freios, nossa crueldade sem fim, a vontade, a razão suprema da vida, os domariam como se fossem o furacão e a onda.

Porém, sem elles, os desejos, as injustiças, as crueldades, como a plebe fatiatica, leva-os finalmente ao martyrio a nossa vontade.

A vontade da nossa vida, sua razão e sua fé, estão sempre no Calvario da nossa alma.

E assim são, a nossa ancã de ideal, a nossa sede de amor e de justiça: como um Christo que levamos crucificado no coração, porque a nossa vontade não soube ordenar: *Cessa! acalma-te* às rebeldias e injustiça da vida.

JULIAO FEKANDES PINERO

COMO FORAM AS INFANCIAS DE ALGUMAS MULHERES CELEBRES

Pessoas ha que não podem ver uma creança, sem fazer logo vaticínios sobre o seu futuro, prevenindo n'aquelle ente que ha dias deixara os cotros, uma celebridade grandiosa, um habil general, um Santo... ou um criminoso.

Si buscarmos na infancia desses predestinados, passagens, ou factos com elles occorridos, talvez possa tomar vulto a creença popular de que "a creança revela em si o seu futuro".

Não queremos contrariar essa crendice e meos ainda corroborar-la, porém a titulo de curiosidade, damos breves noticias de cinco grandes feministas, noticias que parecem em parte confirmarem o que atraz ficou dito.

Mme. Patti, a genial cantora italiana, passou os primeiros dezeseis annos de sua vida na Italia, Hespanha e Estados Unidos. Lembra-se de que, na sua infancia os seus paes fizeram esforços sobrehumanos para que ella se dedicasse ao theatro. A sua primeira representação como "prima donna" teve lugar em Nova York, no mez de Abril. Eram motivos de orgulho e contentamento para a sua familia os seus successos, pois conseguiu reunir novamente a fortuna de seus maiores, dispersas então por mios negocios.

A infancia de Sarah Bernahrd, foi muito turbulenta. Como quasi todas as meninas francezas recebeu a sua primeira instrucção em um collegio de irmãs da qual foi expulsa quatro vezes por faltas cometidas, porém não de grande importancia. As lagrimas e o singular encanto da irrequieta menina, conquistaram o coração das irmãs que novamente abriam as portas do collegio que só sahio definitivamente quando carregada de premios justamente alcançados.

Uma vez fóra d'aquella casa de instrucção declarou que "a mão ser freira ia ter actriz".

"Miss" Pankhurst, a servil sufragista inglesa, desde mocinha se dedicou ao feminismo. O primeiro collegio que frequentou foi na Suissa e completou a sua educação em Manchester. E' bacharel em direito pela "Victoria University" desta ultima cidade e quando menina juntamente com sua irmã escreveu e publicou um diario, chamado o "Home New", illustrado tambem por ambas.

A baroneza de Orczy, cujo nome se popularizou com o "Scarlet Pimpernel", nasceu na Hungria. Na Inglaterra terminou a sua educação. E' uma excepção das demais, pois sómente quando attingiu aos trinta annos foi que pensou em escrever e publicar seus trabalhos.

Fará, a leitora diante do exposto, o juizo que quizer da sentença popular.

REMINISCENCIAS DE ESTUDANTES (AO TIO JOÃO)

... Findara o ultimo exame, e eu me sentia fatigado verdadeiramente, do esforço sobrehumano que empregara na recapitulação das materias todas, principalmente mathematica, materia que em absoluto reconheço minha crassa incapacidade. Mas felizmente a sorte fôra-me favoravel e consegui promoção com grau plenamente. Estava satisfeito, mas desejava descansar: descansar dos livros da escola, da physionomia dos companheiros, das palestras, de tudo enfim. Mas esse descanso tão ambicionado era necessario buscar num outro lugar que não fosse o tumulto ruidoso daquellas ruas cinzentas e parallelas; seria portanto o retiro delicioso, duma chacara isolada, ou duma fazenda á beira da mata, onde só cantassem passarinhos, o pesado e monotono carro de boi e a viola do roceiro... Que delicia!

E porque não havia de aproveitar a vontade e a occasião para visitar a tia Gertrudes que tantas vezes me convidara para conhecer sua chacara a beira do rio no povoado de Lambary?

Não vacillei ante a feliz lembrança e passando num hazar da cidade comprei um presentinho para tia Gertrudes e para o primo Manoel, o Manduca, e no dia seguinte quietinho embarquei em demanda da chacara, levando como unicas bagagens, uma valise com algumas roupas e uma potente vontade de vadear. Era pela tardinha quando desci em frente a larga porteira do pastinho verdejante, que subia mansamente indo morrer num espesso renque de bambús que emboscava o terreiro ladrilhado da chacara, e onde o Manduca de cabeça baixa para abrigar a vista á sombra do chapéu mexicano largo e desabado, acolheu-me todo risonho numa exclamação e abraçando-me affectuoso. A tia Gertrudes, rente da janella numa cadeirinha baixa, muito encurvada e velhinha, aproveitava ainda o crepusculo cerzindo muito devagarinho umas meias. — Olhou-me por sobre os dois olhos equilibrados quasi na ponta do nariz e apertando um pouco as palpebras como para concentrar a vista e estendeu-me a mão num ar interrogativo... inclinei-me beijando-lhe as mãos e immediatamente ella em um sorriso benevolo e maternal exclamou: — Como estás magrinho meu filho! não te conheci... — e passava as mãos magras e encurvadas nas minhas faces, como a uma creança.

Conversamos depois sobre os meus estudos, sobre os meus paes, irmãos, e fizemos reciprocas perguntas ácerca dos parentes amigos e conhecidos, até as dez horas da noite, fugindo aos habitos da tia Gertrudes que costumava recolher-se as oito e meia.

Soubes então que a tia se desgostava em immenso com o Manduca que infallivelmente todas as tardes ia ao povoado e lá ficava a jogar até muito tarde, deixando-a na chacara, só com a companhia da Eva, a preta velha que fôra escrava da familia e a acompanhava desde creança! Tive pena da titia tão velhinha, tão alquebrada e ainda laboriosa! Comecei então a verrar a idea de um remedio para o mal do primo...

Durante o dia passeavamos e trabalhavamos. O trabalho manual as vezes exaustivo, era alli, um poderoso elixir para o meu espirito que parecia repousar e recrear-se ao mesmo tempo numa expansão deliciosa como jamais encontrára em diversões sociaes, e eu era feliz, intensamente feliz na rustica simplicidade daquella chacara silenciosa e isolada que me apresentava um horizonte a perder de vista, sob a abobada azul do ceu, num tapete verde multicolor onde os cannavieas punham contornos claros e gaios no verde negro das capoeiras e verde esmeralda da relva. Ficava horas e horas á sombra do bambual, com a vista perdida alem e a meditar. E o indeciso e vago daquelle quadro dizia-me cousas sublimes e como diz Garret — "isola-se a alma dos sentidos pelo suave adormecimento em elles oem... e Deus, a eternidade — as primitivas e innatas idéas do homem — ficam unidas no seu pensamento..."

Foi nesse colloquio que uma tarde o Manduca surprehendeu despertando-me com um — até logo — em caminho do povoado... fazendo voltar-me a idea do remedio. Pobre tia Gertrudes, monologuei baixinho seguindo com o olhar, o primo que desaparecia no declive, e me encaminhei machinalmente para o meu quarto. Dei uma volta

em redor da cama e encostando de costas para a janella, divisei pelo quadro da porta a figura veneravel da titia que muito arcadinha, estava toda entregue a alisar umas palhas para cigarro. Sentii ao mesmo tempo piedade e odio, revolta e ternura e quasi asco pelo procedimento do primo... e subito atravessou-me a idea — assombrar o primo! Talvez fosse um bom remedio o medo que lhe inspirasse aquella força, e depois... si não fosse, ao menos divertimentos. Pedi a Eva um cabo de vassoura, uma peneira, dois lençoes e alguns trapos. — Prá que Nho Mario? — disse ella num ar engracadissimo de espanto, o que causou-me boas risadas. Expliquei-lhe por miúdo as minhas intenções. Dirigi-me depois até a casa do Tóxico e João, dois irmãos empregados do Manduca e pedi-lhes que me auxiliassem e expuz novamente meu plano.

As 10 horas, sob um luar indeciso, estavam os tres a rir á beira do bambual onde faziamos os preparativos para a assombração.

Amarrei uma rodilha de trapos nas pontas do cabo de vassoura que atei fortemente a cinta; colloquei a peneira na cabeça cobrindo-a com um dos lençoes que o Tóxico amarrara rente ao cabo de vassoura deixando-me livre o rosto e os braços que encolhia ou espichava estufando a cabeça enorme de anã em que eu me achava transformado. Outro lençol, enrosquei como um chale a volta da cintura transformada em pescoço, e ás gargalhadas estacionamos junto á porteira do pasto por onde voltaria o Manduca. João amarrou com uma cordinha comprida, a tranca da porteira que abria sem que o primo a tocasse.

Ao cabo d'um tempo illimitado, ouvimos o trotar compassado do baio e dispuzemo-nos o Tóxico e João, deitados a um lado da porteira segurando a cordinha, emquanto do outro lado, conservei-me de cócoras.

Manduca aproximou-se da porteira que se abriu cantando... — Eira, eira — disse elle tomando-me por uma vacca e brandindo o reelho que estabou em minhas costas numa forte lambada.

Quasi gritei de dor mas contive-me e levantei rapido. Ouvi ao mesmo tempo um grito de espanto e duas sonoras e estridentes gargalhadas, e o primo pesadamente rolava ao chão, emquanto o baio, livre da carga, refugava e corria. Já sem vontade de rir daquelle inesperado, carregamos o primo, mole e pesado para a casa. Desvençei-me apressadamente daquelle artificio que me desapontava mas sem tempo de desatar o cabo de vassoura que ficou á cinta, corria de um lado para outro em busca de viaduro, patino queimado, agua... e o primo permanecia pallido e immovel.

Depois de muito custo e com grande alivio para mim, o primo abriu os olhos, fitou o João e o Tóxico por muitas vezes e finalmente a mim que ainda conservava um resto de assombração no cabo de vassoura enroscado de trapos, e ficou a olhar-me a principio com horror que a poucos foi substituido por uma expressão de odio e arrebatadamente levantou-se, e cobrindo-me de injurias foi dormir. No dia seguinte não dirigiu-me sequer uma palavra e á tardinha quando esperava vel-o tratando no baio reluzente a caminho do povoado, achei-o deitado ao comprido na rede da varanda seguindo com o olhar a fumaça azulada do cigarro, que espiraleava, adelgaçava e desfazia...

A um lado a tia Gertrudes fitava-me com um olhar inquisitorial que respondi apenas por um sorriso para mim muito significativo e quasi triumphal mas para a tia, enigmatico e talvez imprudente.

Dias depois eu partia contente e quasi saudoso daquelles dias, ganhando um apertado abraço do primo que meio risonho e sacudindo o indicador rente ao nariz recommendou-me solemne — ... não caias na paticete de pragas-me outra peza!

Hoje, no seu confortavel palacet da avenida, sentado entre dois netinhos rechonchudos e corados, muito serio e grave no seu *cavanhaque* branco a gesticular e brandindo contra o jogo do bicho e os jogos em geral, mordi o charuto abafando um sorriso, que elle advinhou. E batendo-me uma palmadinha amiga em meu hombro, riu-se tambem, e sem mais explicação mudou completamente o assumpto!

CULTURA DAS ARVORES FRUCTIFERAS E COMMERCIO DAS FRUCTAS

APROVEITAMENTO DAS FRUCTAS EM DOCES VARIADOS

A conserva em assucar pôde ser assim classificada:

- 1) Preparação de fructas inteiras, em talhadas ou fatias;
- 2) Preparação de gélias;
- 3) Preparação em forma de massa que se conservará por inteiro ou em forma de tabletes;
- 4) Preparação em forma de xarope;
- 5) Preparação de PURÉES. Denominam com esta palavra franceza as preparações a frio de fructas passadas em peneiras, juntas a equal quantidade de assucar, ou mesmo cozidas conforme a especie.

Para as preparações acima descriptas daremos em seguida algumas formulas:

DOCE DE CEREJAS: — Escolhem-se as cerejas perfeitamente sãs e não completamente maduras; fiquem-se com alfinete ou palitos, tirando-se-lhes os talos, levando-se ao fogo, com agua, que se faz ferver gradativamente até completa ebulição. Com uma espumadeira tiram-se as cerejas e se depositam em vasilhas sobre banho frio. Refriadas, collocam-se em uma peneira de tecido fino até escorrer a agua toda pondo-se em vaso com calda de assucar. Depois de 24 horas, si estiverem se estragando, despejam-se de novo na peneira até escorrer completamente a calda, levando-se ao fogo por 10 ou 12 minutos em calda grossa. Feito isto, depositam-se em vaso por 2 ou 3 dias e depois junta-se assucar. Com este processo, mais ou menos, podem ser preparados os pereços, damascos, ameixas e outras fructas semelhantes.

As fructas para doces secos ou em calda é melhor que sejam sempre, antes de tudo, cozidas em xarope, para depois completar a confeccão em calda grossa.

MARRON GLACÉ (castanhas): — Tomam-se 2 kilos de castanhas e se descascam com cuidado de modo a não prejudicar a pellicula em volta da fucula. Collocam-se em um cesto de vime ou taquara, ou em um saquinho de algodão e mettem em um recipiente cheio de agua, fazendo-se ferver a fogo moderado, por uma hora. Conhecendo-se que as castanhas estão mais ou menos cozidas, com facilidade é tirada a pellicula sem offender a parte feculosa. Põem-se depois as castanhas em calda já preparada e leva-se a fogo brando sem deixar ferver, juntando-se baulilha.

Não se mexem as castanhas; é preciso que se conservem intactas e sejam postas em peneira de arame para enxugar, pulverizando-se de assucar e ahi ficando por algumas horas, e uma a uma, passem-se para uma vasilha rasa, onde já se acha uma calda mais consistente, levando-se ao fogo só para esquentar. Esta operação repete-se por tres dias.

Em um alguidar põem-se assucar e um pouco de agua fria para formar uma glacé, não muito densa, que se passa nas castanhas com uma colherinha.

A calda deve ser composta na proporção de um kilo de assucar para um e meio litro de agua. Tudo isto é muito moroso, porque de forma alguma não se deve deixar ferver a calda; ella vai se restringindo aos poucos. Envolvidas as castanhas no glacé, são postas em estufas e, depois de secas, são collocadas com cuidado em cartuchos apropriados.

PUDIM DE FRUCTAS: — Juntam-se 3 maçãs, 3 peras, 2 marmellos, 3 pereços, 3 goiabas e cortam-se em pedaços, levando ao fogo com vinho do porto fino, assucar e casca de limão.

Depois de cozidas, tiram-se as fructas e passam-se em peneira grossa. Batem-se 3 ovos em ponto de pão-de-lot e deita-se a metade em forma untada com manteiga. Por cima deita-se a massa das fructas e, por ultimo, o resto dos ovos, levando-se a forno brando.

A calda que fica pôde ser aproveitada para qualquer fructa em compota.

PECEGADA: — Para a fabricação deste doce não ha sciencia alguma. É muito simples; basta fazer o seguinte: Limpam-se os pereços e coximham-se, passando-se depois em peneira. Para um kilo de massa é bastante a quantidade de 750 grms. de assucar de primeira. No fogo, vai-se mexendo até mostrar que larga o fundo do tacho. Ahi está prompto o doce.

LARANJADA: — Tomam-se algumas laranjas e de leve passa-se uma faca bem amolada por cima da casca para tirar o sumo juntamente com uma pequenissima camada superficial da casca, partindo-se depois ao meio; conforme se vai fazendo este processo, vão sendo as laranjas collocadas em uma vasilha de agua por algumas horas. Depois levam-se ao fogo com agua, fazendo-se ferver até largarem bem o bacoço, o qual é extrahido por meio de uma colher de ferro ou metal. Isto feito, as laranjas são levadas de novo ao fogo para ferver durante uma hora por tres dias, ficando sempre depositadas na mesma agua, sendo esta mudada todas as vezes que forem ao fogo, afim de que as laranjas percam por completo o gosto amargo.

Estando promptas as laranjas e sem amargo algum, passam-se em peneira. Para uma parte de laranja uma equal quantidade de assucar de primeira e levam-se ao fogo, mexendo sempre, até mostrar que larga o fundo do tacho. Prompta a laranjada, collocam-se em caixinhas, ou se conserva em pedaços quadrados, para uso diario da sobremesa.

LARANJA EM CALDA OU COMPOTA E CRYSTALLIZADA: — Procede-se da mesma maneira como se faz com a laranjada, mas as laranjas, depois de cozidas em agua comum para largarem o bacoço, são sempre levadas ao fogo em calda durante os tres dias já descriptos. As laranjas são conservadas em duas metades ligadas pelo talo ou não. No primeiro dia dá-se uma fervura e deixam-se depositadas na mesma calda; no segundo dia dá-se outra fervura e assim por diante, até a ultima operação, em que se aperta a calda até a consistencia de "fios".

Para se crystallizar a laranja, é preciso que a ultima calda seja feita em separado, o que quer dizer que o doce apurado com a calda que serviu para cozinhar as laranjas não serve para a crystallização. Preparado assim o doce, é posto numa peneira, até escorrer a calda, passando-se depois, laranja por laranja, em assucar crystallizado.

Concluida a operação, leva-se o doce ao sol ou á estufa, para completa seccagem.

LIMÃO EM CALDA OU COMPOTA E CRYSTALLIZADO: — É o mesmo processo empregado nas laranjas, precisando, entretanto, ser bem cozidos os limões e postos na ultima calda logo que forem tirados da agua da ultima fervura, afim de não ficarem duros, acto que acontece sempre que deixa de haver esse cuidado.

FIGOS EM CALDA OU COMPOTA E CRYSTALLIZADOS: — Tomam-se alguns figos verdes e furam-se com um palito para largarem uma especie de leite que têm, tendo-se o cuidado de, antes, passar uma faca de leve, isto é, raspa-os unicamente. Dá-se uma fervura e deixa-os em deposito, no outro dia, dá-se uma segunda fervura, em agua nova, e, no terceiro dia, dá-se outra fervura, tambem em outra agua.

Assim feito, são tirados dessa agua e postos em calda — tanto de assucar quanto fór o peso dos figos. Levados novamente ao fogo, ferverem-se até que a calda mostre fios, tendo sempre o cuidado de mexer de leve, de vez em vez.

Para a crystallização dos figos é preciso tambem, como para a das laranjas e limões, ser feita uma calda nova. Apurado o doce nessa calda, são postos os figos em peneira, para escorrer a calda, e, depois de enxutos, são, de um a um, envolvidos em assucar crystallizado e levados ao sol ou á estufa, para o complemento da seccagem.

MARMELLADA, MARMELLO EM CALDA OU COM-POTA: — Descascam-se os marmellos, partem-se ao meio e tiram-se as sementes. Para o fabrico da marmellada levam-se os marmellos ao fogo, em agua commum até ficarem bem cozidos. Isto concluido, passam-se em peneira de crivo regular e levam-se de novo ao fogo, juntando-se logo o assucar em peso equal ao peso dos marmellos. Mexe-se até ficar mais ou menos uma massa consistente, não muito empastada.

Para o marmello em calda ou compota, basta cortar-o ao meio e leva-lo ao fogo logo, com o assucar correspondente ao seu peso, até engrossar a calda e ficar o marmello bem cozido.

PUDIM DE PECEGOS: — Cozinham-se 750 grammas de pecegos descascados, sem caroço, em um copo de vinho branco, com uma dose de assucar sufficiente até ficar um xarope; em seguida, deposita-se o xarope numa vasilha até que se resiric. Derrete-se no fogo um pouco de manteiga, juntando-se uma colher de sopa de farinha de trigo ou de fécula de batatas, e antes que a farinha tome cor, junta-se uma parte de pecegos passados na peneira. Esta massa, bem virada, é despejada no restante dos pecegos passados e juntam-se mais 6 gemmas de ovos. Em separado, batem-se 3 claras bem batidas e despejam-se sobre o pudim, que é levado ao fogo em banho Maria.

PECEGOS DE CHICARA: — Tomam-se 3 pecegos escolhidos e bem maduros, e, em estado fresco, passam-se em peneira, ajuntando-se 100 grammas de assucar, 6 gemmas de ovos, um calix de vinho branco. Assim feito, põem-se em chicaras e cozinham-se em banho Maria. Pódem ser servidos em estado quente ou gelado.

FRUCTAS RECHADAS: — Partem-se ao meio as fructas; com uma colherinha cavam-se as metades, no centro e de leve, cozinhando-se com vinho branco, assucar, canella e cascas de limão verde. Em seguida tiram-se do vinho e collocam-se numa vasilha untada de manteiga, mas com cuidado para não se estragarem as metades. O succo do vinho que ficar se mistura com os residuos extrahidos das fructas, ou mesmo podendo ser outras fructas cozidas em separado, leva-se ao fogo com um pouco de farinha de biscoutos e mexe-se sempre; com esta massa enchem-se as fructas e collocam-se, uma por uma, numa lata raza de assar biscoutos, untada de manteiga e de novo leva-se ao forno, é bom que se pulverizem as fructas com um pouco da farinha referida.

Este mesmo processo pode ser empregado com as peras, maçãs, pecegos, fructa-pão, etc.

• **TORTA DE PERAS:** — Unta-se uma fôrma com manteiga e despeja-se uma certa quantidade de pão torrado em farinha. Em separado cortam-se as peras em fatias bem finas. Por cima da camada de farinha estende-se uma camada de peras e por cima das peras pulveriza-se assucar, e depois a farinha. Este processo vai sendo feito até encher a fôrma. Na ultima camada põe-se um pouco de manteiga derretida sobre as peras e depois é que vai o assucar e por ultimo a farinha. Leva-se a forno quente até corar.

BOLINHOS DE AMENDOAS: — Collocam-se dois pães de molho em uma garrafa de leite e quando estejam bem enxarçados passam-se em peneira bem fina, juntando-se 10 ovos, sendo 5 com a clara, tres colheres de queijo ralado, uma libra de assucar e 150 grammas de manteiga. Mexida bem a massa, colloca-se em forminhas bem untadas com manteiga e leva-se a forno brando. Quando a massa estiver, mais ou menos, cozida, retiram-se as forminhas á bocca do forno e enfiem-se com amendoas cortadas em fatias, ou em quadrinhos, á vontade, levando depois ao forno para acabar de cozinhar ou assar. Retiradas do forno as forminhas, pulverizam-se de assucar misturado com canella e um pouco de nós-moscada.

OMELETTE DE LARANJAS: — Batem-se 3 gemmas de ovos e juntam-se 2 colherinhas de assucar e depois o sumo de laranjas (de uma ou duas). O sumo é um pouco da parte amarella da casca, mas tirado o mais fino possível. Batem-se depois as claras e vai-se misturando aos poucos estando prompto, leva-se ao forno bem quente em uma frigideira propria e com uma porção de manteiga equivalente a 2 colheres. E' preciso ter muito cuidado no

vascolear a frigideira para não deixar queimar. Quando estiver mais ou menos cozida conforme o paladar, passa-se para o prato em que tem de ir á mesa, o qual já deve estar aquecido. Serve-se pulverizado de assucar.

CAJU' EM CALDA OU COMPOTA E CRYSTALLIZADO — Tomam-se alguns cajús e se descascam com espátulas de osso ou de madeira e eliminam-se as castanhas. Feito isto, expremem-se para aproveitar o succo na cajuada. Fervem-se os cajús até ficarem bem cozidos. A parte prepara-se calda de assucar onde se juntam os cajús, cravo e canella, levando-se a banho-maria.

Para a crystallização dos cajús, basta que se ponham numa peneira para escorrer a calda com a qual foram cozidos e depois levando-se ao fogo em calda especial por pouco tempo. Postos de novo na peneira para se enxugarem, são passados em assucar crystalizado e levados ao sol ou estufa de calor brando até completa seccagem.

Estando seccos, collocam-se em caixinhas de madeira ou papelão. Desse modo conservam-se por muito tempo.

SALADA DE LARANJAS: — Escolhem-se laranjas bem maduras e doces, descascam-se, tendo o cuidado de separar as pelliculas junto aos favos. Estes, em conjunto, sem fiscar desmanchados (separados ou esmagados), são collocados numa sopeira ou prato-travessa, em camadas. Põe-se uma camada, pulveriza-se de assucar, e assim por deante até á ultima camada. Póde-se juntar um pouco de vinho marsella moscatel, ou outro qualquer vinho superior, e gelo.

SALADA DE MORANGOS: — Colhem-se bons morangos, escolhidos a dedo, e lavam-se bem em agua corrente, passando-os por um banho de álcool a 40 graus, e pondo-os a enxugar espalhados numa toalha; estando enxutos, collocam-se numa sopeira. Em separado, expremem-se laranjas ou limões doces, juntando-se assucar o quanto baste e despeja-se o caldo sobre os morangos. Não se querendo o caldo da laranja ou limão, junta-se um pouco de vinho madeira, ou outro de superior qualidade conforme o paladar.

O morango, segundo opiniões diversas, deve ser comido em jejum, ou depois de feita a digestão. Amacia a pelle e dizem que é contra a gotta.

SALADA E SOPA DE ABACATE: — Esta salada é preparada com fructos maduros cortados em fatias, temperadas com sal e até com pimenta do reino, usando-se sempre antes da refeição.

CREME VEGETAL DE ABACATE: — Corta-se o abacate bem maduro, em pequeninos pedaços e colloca-se num prato fundo ou copo; junta-se-lhe um pouco de caldo de limão ou vinho madeira e assucar, dando-se-lhe uma forma de mingau. O creme vegetal do abacate, além de saboroso, é nutritivo e digestivo. Deve-se tomar sempre antes da refeição, porque, usando-se depois, costuma perturbar a digestão.

Faz-se tambem o creme com o abacate e leite, levando um pouco de assucar. Desse modo não é preciso juntar limão ou vinho.

FARINHA DE ABACATE: — Peckolt affirma que a polpa do abacate, como o da fructa-pão, é nutritiva e mais rica em azoto do que a farinha de mandioca e até a do proprio milho.

Para se preparar a farinha, escolhem-se abacates bem de vez e que não estejam molles; separa-se a polpa da casca e do caroço. Em pedacinhos leva-se á seccagem rapida em estufas.

A seccagem em aparelhos é mais conveniente do que ao sol, visto que a polpa do abacate é muito aquosa e se poderá com facilidade fermentar caso seja lento o dessecamento.

XAROPE DE FRUCTAS: — Escolhem-se, por exemplo, as ameixas mais ou menos maduras, lavam-se e são levadas ao fogo, com agua, até ferver bem. Isto feito, expremem-se o succo obtido, filtra-se, juntando-se 800 grammas de assucar para cada litro de succo. Depois se leva ao fogo, não devendo a ebolição durar mais de meia hora.

Para se conservar estes xaropes é preciso que se esdaldem os vidros com agua quente e se fechem hermeticamente.

Este mesmo processo pode ser usado com todas as fructas.

GELE'AS DE FRUCTAS: — Não são todas as fructas que dão boa gele'a, precisando mesmo, algumas dellas, de um processo especial.

Temos, por exemplo, a gele'a de morangos e amoras, que são limpas e levadas ao fogo com assucar, juntandose um pouco de agua. Estando as fructas desicidas pelo cozimento passam-se em peneiras para separar quaesquer re-ídidos. De novo vai ao fogo e logo que a calda comee a engrossar juntam-se oito laminas de gelatina e acondiciona-se em vasos.

Para meio litro de caldo de fructas, bastam 500 grams de assucar e oito laminas de gelatina.

Quanto á preparação da gele'a de marmello, já se torna um pouco differente o seu processo; descascam-se os marmellos e partem-se em fatias com a metade de agua para o peso dos marmellos e equal quantidade de assucar. A fervura deve ser a mais lentamente possível. Estando bem cozidos os marmellos expremem-se em panno grosso ou peneira fina, procedendo-se do mesmo modo como acima dissemos.

PURÉE DE FRUCTAS: — Distinguem-se os *purées* de fructas cruas e cozidas. Para o primeiro systema são passadas as fructas bem maduras em peneiras ou passadores de ferro batido, para separar os re-ídidos. Para o segundo são cozidas as fructas e passadas em peneira fina para reduzir a polpa.

Segundo a especie da fructa, assim se prepara o *purée*. Referindo-nos ao primeiro systema, a frio, podemos usar os morangos, amoras, damascos e cerejas. Tomam-se partes eguaes destas fructas e passam-se por um expremedor ou passador. Junta-se equal peso de assucar, mistura-se bem e se põe em garrafas hermeticamente arrolhadas, conservando-se em lugar fresco ou, melhor, enterrando as garrafas ou depositando-as em subterraneo.

Para a preparação do *purée* de fructas que precisam ser cozidas como o marmello, a pera, a maçã, etc., cozinha-se a fructa, passa-se em peneira ou passador e junta-se depois o assucar. Quantidade e peso são os mesmos acima descriptos, podendo ser servido logo o *purée* ou guardado, si assim quizer. A polpa restante poderá ser aproveitada para um doce qualquer.

VINHO DE LARANJAS: — O aproveitamento da laranja no fabrico do vinho é effectivamente rendoso. Para o vinho são escolhidas as laranjas que não servem para a exportação; aproveitam-se as que caem por ventania, e outras que por qualquer particularidade não servem para sobre-mesa.

Com laranjas doces ou azedas pôde ser fabricado o vinho, e m a differença que com as primeiras adiciona-se pouco assucar e com as segundas junta-se agua e mais assucar, augmentando, portanto, o volume do liquido.

Por meio de pressão, extrae-se o mosto da laranja, que é composto de agua, assucar, acidos citrico e malico e materia mucilaginosa. Contendo acido citrico em grande porção e assucar em pequena quantidade, torna-se preciso o addicionamento de agua e assucar.

Para o vinho secco o mosto deve ser fermentado a uma temperatura mais ou menos de 15 a 20 graus. Ha opiniões que a fermentação deve durar de seis a oito mezes; pensa-se entretanto que não é preciso tanto para se observar a primeira e a segunda fermentação, isto é, a tumultuosa e a lenta.

Do vasilhame de fermentação o vinho passa directamente para as garrafas.

Com o fim de se conservar, o vinho de laranjas exige uma certa quantidade de alcool; para isso é preciso se ter em conta o assucar contido no mosto já agudado.

Entre outros processos de fabricação do vinho de laranjas ha, por exemplo, o que se segue, e que é facilissimo, de pouco dispendio:

Tomam-se 40 libras de assucar e 6 litros de agua, e faz-se um xarope de fraca consistencia. Em separado prepara-se um cozimento de cascas brancas e esponjosas de 40 laranjas em 5 litros de agua. Depois extrae-se o mosto de laran-

jas, tanto quanto seja preciso para perfazer tambem 6 litros.

Feitas estas operações, mistura-se tudo e vascolega-se num barril, deixando-se por 40 dias em fermentação á temperatura de 14 graus; nesta operação o batoque não deve ficar apertado para que saia a espuma.

O vasilhame deve ficar bem tapado depois de concluida a fermentação, e assim ficará por espaço de tres mezes, ao cabo dos quaes será o vinho engarrafado.

Além desse processo, ha tambem quem fabrique do seguinte modo:

Descascam-se as laranjas azedas, cortam-se em duas metades, tendo-se o cuidado de extrahir o mosto sem pellicula alguma. Juntam-se-lhes 2 libras de assucar para 4 litros e meio de mosto ou uma libra de assucar para a quantidade de mosto de laranjas doces, não deixando de se juntar em quaesquer dos casos uma quarta parte de agua. Este caldo é posto em receptaculo fechado, e deixa-se fermentar por 7 a 8 mezes. Findo esse tempo o vinho está em condições de ser vendido.

FONSECA QUEIROZ.

A MULHER E A POLITICA

Como todo assumpto muito discutido, já não desperta grande interesse a questão dos direitos politicos da mulher.

E a parte activa que vai tomando a nossa patria em assumptos até agora de exclusiva attribuição masculina, tem mostrado claramente, sem recorrer a massantes argumentos, mas com a esmagadora prova dos factos, que o feminismo já não é um sonho.

Temo, porém, que a mulher aqui no Brasil entre na politica sem um previo preparo.

E sabem porque? Porque não ha lição peor que a do mau exemplo. Se em um partido feminino se quizesse vender a custa de Més e Bés isso me decepcionaria profundamente.

Penso que por mais susceptíveis que sejam os homens cuja integridade de caracter os põe a salvo da mais leve allusão, ainda mesmo que se envolvam na administração publica, não se melindrarão com estas minhas considerações.

Relativista por principio e por indole, não posso admitir o absoluto. É como para o não aceitar em caso algum quebraria a minha propria theoria "relativista" admitto de um modo "absoluto" o Deus dos Exercitos — sublimem concretização do Bello e do Bem — a Quem adoro e sirvo como me dita a razão.

É justo, pois, que reconheça a boa intenção de muitos dos nossos politicos.

Mas... quem de boa fé contestaria que a politica tem reflectido seus maleficos effectos retrogradando a marcha da evolução social? A mulher, porém, deve comprehender que a sua missão é de paz e amor. Como anjo do lar deve ella espalhar (assim o exigem a sociedade em geral e o homem em particular) entre os que a rodeiam, a felicidade e o socego com prejuizo embora de sua propria felicidade e de seu proprio socego...

Na grande maioria dos casos um lar feliz se esteia em duas columnas: a abnegação extrema e o soffrimento intimo de uma mulher...

É preciso, pois, que ella saiba, para cumprir sua missão de sempre fazer o bem, "ver" por exemplo o bom caminho a seguir, assumindo a responsabilidade de votante, e desprezar a falsa vereda das intrigas politicas.

As conveniencias de ordem financeira, industrial, administrativa ou moral é que devem preponderar na escolha de um candidato sem que outro qualquer seja vaiado ou soffra desaeitos.

Assim é que entendo o direito de voto para todos em geral e muito particularmente para a mulher.

LYLIA GUEDES.

O ANTI-FEMINISTA

ADRIENNE CAMBRY.

O escriptor Gandry, que o gosto pelo estudo e o acaso, tinham feito alcançar a direcção de uma revista litteraria, recebia duas vezes por semana "de 3 ás 6 horas".

Autores de todas as edades passavam pelo seu gabinete deante da grande escrevinhinha onde se amontoavam os manuscritos. Naturalmente elle recebia tambem senhoras e diversas senhoritas. Ora, Gandry detestava receber autores femininos. Nos seus romances, tinha se feito uma especialidade: o anti-feminismo. Queria mal ás mulheres que trabalham, ás mulheres que pensam e, acima de todas, ás mulheres que escrevem. Para estas ultimas então, era severo, terrível, e lhes dizia as mais cruéis verdades. Apesar deste medo que inspirava e que deveria livral-o das visitas, Gandry era um director muito procurado por ellas.

Um dia, pois, pelas 4 horas, tendo já despachado uma duzia de autores, a quem tinha concedido 5 minutos "por cabeça", Gandry viu entrar uma moça, cujo ar modesto chamou-lhe a attenção. Não trazia nas mãos nenhum papel:

— Eu venho, senhor, pedir sua approvação e da sua revista para a nossa liga: "o voto das mulheres". Gandry estremeceu na poltrona em que se recostava:

— Voto das mulheres!... A senhora... perdão! é brincaadeira?

— Não senhor!

Muito calma, ella explicou: era secretaria geral da Liga; andava de jornal em jornal, de revista em revista, pedindo hospitalidade para os justos desejos femininos.

— Mas a sra. não me conhece? perguntou Gandry. Não poderia cahir em peor advogado!

— Li todos os seus trabalhos, senhor!

Tanta amabilidade desarmou Gandry.

— Então, senhorita, é inconsciencia, ingenuidade... Graciosamente ella sorriu.

— Não, senhor: Sei perfeitamente o que quero, e tenho 30 annos, idade em que a ingenuidade é ridicula. E, voltando ao assumpto, continuo: — E' precisamente por causa de suas opiniões que sua protecção seria de grande valor para nós. O director franziu as sobrancelhas:

— Senhorita, declarou seccamente, não posso ajudar um movimento que deploro. Sou anti-feminista convencido e incorrigivel. Detesto o dominio das mulheres!

Como a moça se conservasse calada, continuo:

— Póde dizer ás pessoas que a enviaram que não desejo ver a mulher senão no lar, entretida com os filhos e tratando de sua casa.

— Tem razão, senhor!

Gandry exclamou:

— Como?... Tenho razão?... E' a sra. quem diz tal coisa?

— Porque não? Nós todas somos mais ou menos desta opinião, julgo eu. Porém não será pelo facto das mulheres votarem que deixarão de ser esposas e mães. Tantas abandonam o lar por motivos frivolos!...

Gandry ouviu-a sem responder e ella continuo:

— Compreendendo: o senhor não deseja a intervenção da mulher nos negocios publicos, mas acha justo que ella deva ser rainha absoluta no lar onde o homem lhe deve ceder a autoridade...

— Ah! isto tambem não, retorquiu Gandry. O marido é o chefe!

A moça tirou da bolsa de couro que tinha na mão, um caderninho de notas:

— Póde permitir que transcreva algumas das suas idéas? Como não quer conceder o que lhe vinha pedir, será isto ao menos de grande interesse para o nosso boletim.

— Como não, de muito boa vontade; não me envergonho das opiniões que professo.

A secretaria da Liga fitou-o com seriedade:

— Então, o senhor acha que, no casamento, a mulher deve obedecer ao marido?

— Mas... certamente, está no Código!

— Naturalmente, o Código foi feito só por homens!... Emfim, reconhece ao menos, que as mães devem dirigir a educação dos filhos?

— Não!... mil vezes não!... Tenho dois filhos, mas minha mulher nada faz para educação delles.

— Tanto peor para elles, respondeu a moça.

Gandry ouviu a interrupção sem protestar. Amensivase, teve mesmo um sorriso.

— Acha que sou pouco amavel?

— Não, senhor, mas isto não vem ao caso... Dizia portanto, o senhor, que era um tyranno.

— Oh! nem tanto!...

— Ao menos, Mme. Gandry tem a liberdade de dirigir a casa e os creados?

— Eu dirijo tudo! exclamou Gandry! Muito calma, a feminista escreveu:

— Como disse acima: um tyranno! Emfim, levantou a cabeça, mostrando a Gandry duas faces rosadas e olhos limpidos em que se percebia ironia:

— Si quizer ser condescendente, assistirá esta noite a nossa conferencia sobre o Voto das Mulheres. Estarão lá muitos collegas seus; falará mal de nós, naturalmente, e atacará nossos ideaes. Estendia-lhe uma entrada. Gandry nada recebeu, porém com mais suavidade respondeu:

— E' verdade!... este assumpto me interessaria evidentemente... mas... devo ir ao theatro com minha mulher que deseja ver a nova peça do theatro de operetas. Si não acompanhala, conheço-a bem, fará uma scena tremenda. Depois, quererá saber aonde vou. Tenho que dar satisfações de tudo. "O que viste? O que te disseram?" Comprende perfeitamente que é muito caceté. Si eu lhe disser que vou assistir a uma conferencia feminista... Ah! Deus do Céu!... estremeço só ao pensar nisto!...

A senhorita não sabe o que é o casamento. Acaba e completamente a liberdade do homem... Tenho que ceder sempre para viver em paz... é como com as creanças, a ella acaba sempre fazendo o que entendo... subito parou espantado! Mas... O que está escrevendo? Não é por meus olhos o que lhe estou dizendo? A moça guardou cuidadosamente o caderninho e retirou-se sarcástica, dizendo:

— Até a vista senhor! Todas minhas felicitações a Mme. Gandry.

(Trad. de Cecilia Trompowsky.)

NO TEMPLO

A' minha rmd Minica Ernesto Correa

Quando eu a vejo na capella orando,
Tão meigalinha, num olhar contrito,
Eu fico a meditar naquelle rio,
Quando eu a vejo na capella orando.

Sempre em silencio, attentamente olhando,
Com seus olhos de perolas do Egypto,
Ella me olha com seu olhar efflicto,
Quando eu a vejo na capella orando.

E isto succede sempre, e no templo assim,
Cada vez mais, eu sinto dentro em mim,
Por ella um louco amor desabrechoado.

Eu por ventura ou decventura minha,
Por ella eu vejo aquella ladainha,
Quando eu a vejo na capella orando.

CLOVIS ERNESTO CORREA

Em que consiste a felicidade



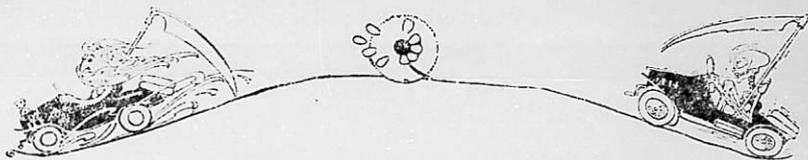
Por esta revista se vem discutindo, de ha muito, essa complexa questão da felicidade e em que ella consiste. Claro está que uma discussão desta natureza é sempre esteril, porque nunca se chegará realmente a um accordo, ou melhor, nunca duas opiniões serão concordantes. Cada qual encara a felicidade ao seu modo e, o que mais é, no seu ponto de vista actual, e, portanto, ephemero. Machado de Assis, numa synthese ironica, mas profundamente humana, resumiu essa especie de felicidade a "um par de botas curtas". O individuo, a quem lhe apertam as botas, só encara a felicidade de uma fórma: é arrancar as botas para dar allivio á dor dos callos. Por muito humoristica que seja a definição, ella é a que mais se approxima da verdade, quando se trata da felicidade actual, dessa que o individuo almeja em certo momento da vida. Ora, todas as collaboradoras desta revista, ao responder á "enquêtte", se collocaram nesse ponto de vista, e nenhuma dellas se referiu, mesmo accidentalmente, á saude como elemento de felicidade.

Para nós, como para todas as pessoas que encaram seriamente a questão, a saude não é só um elemento de felicidade, mas é a propria base sobre que ella assenta. Para o individuo, cuja felicidade consiste nos gosos materiaes, conforto, appetite satisfeito, etc., a saude deve anteceder a todos os demais desejos; os espirituaes, os que amam os prazeres do espirito, só podem ser felizes se forem sadios; os affectuosos, os abnegados, os caritativos, todos esses para os quaes a felicidade consiste em fazer o maior numero de bens, não podem pôr em pratica os seus desejos se não tiverem saude.

A saude é, portanto, a base de tudo. Como se adquire ella? Por um unico processo: fortalecendo a cellula, dando á natureza elementos de defesa efficaz contra a enfermidade.

Quando o individuo se sente enfermo, a primeira coisa que faz é tratar do órgão affectado, sem advertir, que, na maior parte das vezes, é o órgão que cria a doença, o que importa dizer que a droga correspondente é innocua e, não raro, nociva. A unica verdadeira cura é a operada pela natureza, pela "vis medicatrix". Fortaleçamos, portanto, a nossa natureza, forneçamos-lhe elementos bastantes de defesa, de maneira a ella resistir ás infecções exteriores. O melhor meio de se obter isso é pela tonificação do organismo. O problema, pois, que primeiro se impõe é a escolha do tónico. O tónico que nos occorre como o mais efficaz, de resultados mais duradouros, é o *Vinho Biogenio*, que, pela riqueza dos phosphatos biogenicos que entram na sua composição reconstitue de prompto as forças sendo porisso o mais aconselhavel aos neurasthenicos, aos astricticos, aos anemicos, aos convalescentes, ás parturientes, ás senhoras que soffrem de fluxos brancos, a todas as pessoas emfim que necessitam de um reconstituinte. O *Vinho Biogenio*, do sr. Francisco Giffoni, é uma das mais notaveis creações da pharmacopéa brasileira.

A sua efficacia faz-se sempre sentir em qualquer caso, quer para adultos, quer para creanças.



PHILOSOFIA DE AUTOMOVEL

Uma excursão em automovel é uma das lições mais sugestivas e portantes das mais proveitosas, que pode receber um sujeito sensível. O habito de ser levado pelo auto, em grande velocidade, desenvolve e tornam mais complexos os nossos sentimentos de tempo e de espaço e nos dá o sentido da sua relatividade — sem ter que estudar Einstein — e faz mais, aprofunda em nossa alma, a crença de que a vida é um sonho.

A mania da velocidade é o symptoma mais evidente da enfermidade da civilisação. Sim, porque a civilisação é uma enfermidade. Uma enfermidade que si nos apegarmos a narrativa biblica do Genesis, devy ter começado no dia que Jeovah expulsou do Paraizo os nossos primeiros paes Adão e Eva, e os mandou errar pelo mundo pondo na porta da antiga morada um anjo com espada de fogo para impedir a entrada. E essa enfermidade, não se cura da mesma maneira que não se cura uma vida começada, sinão com a morte. Porém não nos ponhamos tristes.

Mas... é possível não se por triste e meditando excursionado em auto?

Se pôe um transcendental, segundo disse um amigo nosso. Se pôe um, é dizer "segundo quem seja este um".

Um, sim, se pôe "triste e meditando" e até transcendental, porém o outro não, não se pôe assim.

Se pôe cheio de pó da estrada e nada mais.

Até agora temos feito a observação que os momomaniacos da velocidade automobilística, os esportistas da velocidade mechanica, os collectionistas de kilometros — "atinge neste mez a cerca de seis mil!" — padecem de topophobia, ou seja horror ao lugar, ou aos lugares todos e não topophilia que é o amor ao lugar. Elles nunca vão a procura de um lugar e sim fogem sempre d'aquelles que estão, fogem de todas as partes, fogem do espaço e d'elle quem sahir. Como aquelle que vive, não correndo atraz da morte, porém escapando do movimento. E não volvamos a nos por tristes.

E quando vamos em auto, seja a 70 kilometros por hora deixemos que se aproxime com a mesma velocidade o que de nós se afasta? Porque, o que se nos aproxima acabará por se chegar a nós, — ou melhor ainda, nos á elles — e o que de nós se afasta sempre se afastará mais ainda. E assim deve se ir em auto, sempre de costas para a sua direcção, olhando para traz, vendo desaparecer as cousas nos horizontes. E' penoso e terrível ver o cruzamento a passagem de tudo que de nós vem se aproximando. Convem deixar-se levar, olhando o passado, em frente a recordação e de costas para a esperança. E ter no fundo do auto um espelho, pelo qual se possa ver o que tem de vir. Si algum pudesse ter a vida desse modo!

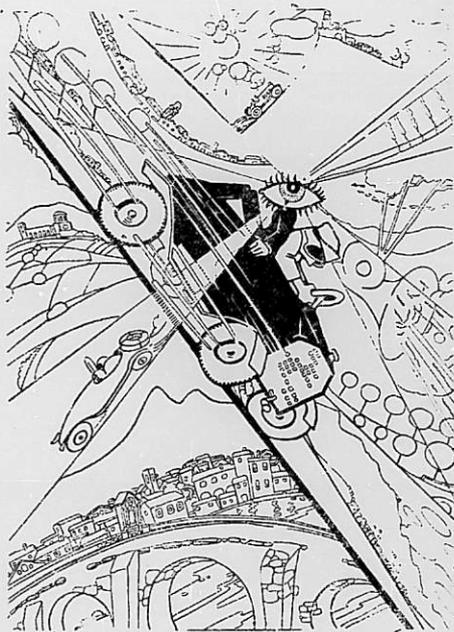
Ah! o que me ha de occorrer dentro de vinte annos, si é que chego a viver vinte annos mais de vida sobre esta terra de Adão e Eva, está muito mais proximo de mim, o que ha vinte annos aconteceu commigo! E quanto ao espelho...

No fundo do auto de minha vida de peregrino no mundo, puz um espelho, porém elle ficou de tal modo embaçado pelo po do caminho e por outras cousas, que nelle não reflectia cousa alguma que não fossem obscuridades. Só nelle se via o approximar do occaso ou da aurora, si o sol ha sahir ou entrar. E as cousas que passam! E nós outros que passamos! Se diz que viajando em um auto, muy depressa, não se dá conta da paisagem que passa. E' paisagem de cinema: é uma paisagem em funcção de tempo. E' uma paisagem que se furta a expressão artistica da

pintura, que é uma arte estatica; é uma paisagem dinamica. A linha vibra. Que descanço se deixar levar de costas para o que vem, por uma planicie, por um pampa e contemplar a quietude da linha do horizonte, que não se muda!

Uma excursão em automovel, eu asseguro, para um homem de certa idade é uma lição de philosophia que o porta triste. Dizem que ha philosophos alegres.

MIGUEL UNAMUNO.



O presente

— Bravo meu jovem sr. Le Hutois, que é que faz por ahí de nariz para o ar?

— Examinó as janellas da minha residência, sr. Pelissot.

— Sua residência?

— Sim, a minha residência. Tenho horror a apartamentos mobiliados, em casas anonymas dessas de chaves dependuradas onde os vizinhos variam todos os dias; com mglas rangendo nos gabinetes de toilette, e com o mesmo trabalho de se ir ao restaurante diariamente.

Experimento certas necessidades, como a de viver entre coisas familiares, burguezmente. Isto porém não me impede de me divertir, pois não quero viver como um eremitaõ...

— Meu amigo, tambem detesto o que acaba de me dizer. Ha muito tempo que os que lhe são sympathicos desejam uma solução a seu gosto. Verá como é agradável possuir-se um "interio," onde se esteja a vontade, com moveis escolhidos e bibelots, descobertos por nós mesmos.

— Oh! senhor Pelissot, o meu apartamento é actualmente dos mais modestos! O estrictamente necessario: um quarto de dormir, um gabinete de toilette, um escriptorio com os moveis indispensaveis. Mais tarde então...

— Todo o mundo começa assim. A medida que a situação melhora, o mobiliario se torna mais luxuoso.

— As miudezas encontrei em casa dos meus parentes...

— Eu bem sei que as arranjarás e muito gentis! Então dormirás pela primeira vez no teu bosque.

— Mas eu já estou velho, meu caro! Ha oito dias que estou installado; si quizer me dar o prazer de tomar um calice de vinho em minha casa...

— Com muito prazer! Esse convite é como um appello a minha mocidade...

Subindo a escada o sr. Pelissot remoeia

recordações um tanto dolorosas e ia dando sabios conselhos ao companheiro. Chegavam. Sentia-se um cheiro de óleo das pinturas ainda frescas. No escriptorio as paredes estavam desguarnecidas, as cadeiras eram raras e o fogão reclamava mais alguma coisa além do busto existente. Photographias supprimiam a falta de bibelots. O sr. Pelissot achou encantadora a disposição dos trastes. O quarto de dormir, onde elles penetraram em seguida, estava mais bem mobiliado, mas como o rapaz observava, ainda não se achava a medida dos seus desejos, com o que o seu velho amigo concordou. Elle foi empurrando algumas portas.

— Aqui o meu gabinete de vestir, que é igual a todos os gabinetes de vestir; aqui neste espaço, um armario, e enfim a cozinha... E eis, caçarola, pratos, uma chaleirazinha; tenho a intenção tomar uma creada para que possa fazer aqui mesmo as minhas refeições e, ao mesmo tempo receber alguns amigos.

— Excelente intenção! opinou o sr. Pelissot reentrando na sala.

Sentaram-se. Enquanto abria a garrafa do Porto, o rapaz expunha os melhoramentos que pretendia introduzir na sua habitação:

— Assim está para chegar uma commoda que possuo no meu quarto em casa de minha mãe. Mais tarde eu a mandar-á concertar convenientemente... Por enquanto ficará como está... Servirá para guardar livros...

O sr. Pelissot approvou. Tomando o calice entre os dedos, deitou um olhar em torno:

— Vamo! Tambem desejo offerecer alguma coisa para a tua installação.

Le Hutois protestou. Outro porém insistiu.

— Sim, sim, tenho prazer em lhe offerecer uma lembrança que lhe recorde

sempre o velho amigo. Um relógio?...

— Um dos meus tios vae m'o offerecer.

— Bem! adeantei; faltam-lhe poltronas, mezinhas, lampadas tambem... Eu não



— Meu amigo, toma o cheque. Eis tudo.

lhe quero dar o eterno bibelot, ou o tinteiro de chrystal, o prende-papeis de bronze, não... quero que seja qualquer coisa de util, qualquer coisa que não possa comprar. Deve saber melhor do que eu aquillo que lhe falta... Deve saber... Já descobriu? Escuto... Ainda não? Creio que ainda não possui serviço de mesa? Estou quasi acertando...



O sr. Pelissot foi o primeiro a chegar.

Pois é o que teu vou dar. Somente ouça: como não conheço as suas predilecções, não desejo te offerrecer alguma cousa que seja obrigado a conservar por mera polidez. Portanto quero que compre em pessoa o citado serviço. Assim não teremos uma surpresa desagradavel. Sobretudo não se importe com o preço; escolha o que lhe agradar. O resto não tem importancia. Depois me dirá: "Senhor Pelissot, deve-me tanto..." Eu lhe responderei: "Meu amigo, toma o cheque". Eis tudo.

O offerrecimento foi feito de tão boa vontade que Le Hutois accitou. Encontrou um serviço vistoso e não muito caro. Dispõe-o sobre o buffet e esfregou as mãos radiante de alegria. Ficou na duvida se devia telephonar ao sr. Pelissot ou esperar um encontro. Esse encontro teve lugar um mez mais tarde, em casa de um amigo commum, porém o sr. Pelissot estava empenhado numa grande discussão politica e elle não julgou opportuna qualquer interrupção.

Tornou a encontrá-lo, numa estação da Metropolitana, muito apressadamente trocaram uma rapida saudação, — si bém que muito amigavel — mas não se detiveram. Depois se reencontraram num sarão. Como o sr. Pelissot nada dissesse, Le Hutois hesitou abordar o assumpto, alludindo porém ao bom gosto da instalação, allusão porém indirectamente feita. Do serviço, entretanto, nem uma palavra. Nessa mesma occasião voltou-se a fallar da instalação de Le Hutois e Pelissot descreveu então, com

grande enthusiasmo a casa do rapaz; o escriptorio, o quarto de vestir, o dormitorio, a cozinha ricamente equipada que um dos presentes exclamou:

— Le Hutois, é preciso que nos convides para um jantar.

— Não ousava, mas se querem attender ao meu desejo, venham na terça-feira proxima.

No dia marcado se reuniram os convidados. Le Hutois havia florido a casa toda e como não haviam senhoras e senhoritas elle mesmo fazia as honras da casa, com uma graça um tanto confusa, porém perfeita. O sr. Pelissot, um dos primeiros a chegar, habituado a casa, auxiliava-o, indicando as cadeiras mais commodas, fazendo reparos a disposições mais engenhosas, interrompendo-se ás vezes para perguntar ao proprietario:

— Este canapé é... Eis ahí um piano que eu não conhecia.

Emfim, annunciou-se o jantar. Um murmurio alegre da assistencia coroou a noticia. A toalha da mesa era de um gosto delicioso, os chrystales esquisitos; quanto ao "serviço de mesa", cor de sangue, era uma maravilha. Não lhe recusaram elogios. Quando acabaram de tomar sopa, puderam todos os convidados ver o fundo dos pratos e então alguém disse:

— Você gosta de passar bem.

Le Hutois corou e respondeu voltando-se gentilmente para o sr. Pelissot:



— E' verdade, não me enganei quando disse que lhe causaria prazer...

— E' um presente do sr. Pelissot...

— E' verdade! exclamou o excellent homem; — não me enganei quando disse que lhe causaria prazer...

E passaram a fallar de outra cousa...

AS MÃOS FEMININAS

NO INTERIOR DOS LABORATORIOS

UMA THESE REGISTRADA COM
APPLAUSO NO 1.º CONGRESSO
BRASILEIRO DE QUÍMICA.

COMO A SENHORITA BEATRIZ GONÇALVES DESENVOLVE E FUNDAMENTA SUA THESE

O Congresso de Química, que foi o 1.º do Brasil, e acaba de se encerrar, apresentou uma novidade: a senhorita Beatriz Gonçalves Ferreira, que é química e funcionária do Serviço do Leite do Ministério da Agricultura. Essa senhorita defendeu, naquela reunião de ciência, uma these que a torna digna da gratidão das damas e senhoritas do país e da admiração de todos os representantes do sexo forte, que tanto se enfraquecem diante dessas vigorosas afirmações da inteligência feminina. A these da senhorita Beatriz Gonçalves Ferreira é mais uma these social do que uma proposição que cheira a coisa de laboratórios. O que ela defende é acertado e justo, e rasga uma perspectiva espiandada ao trabalho feminino em nosso país, e à cultura das que se estorçam pela vitória de uma bem compreendida independência. Aliás, é preciso irisar que, em nosso país, a mulher tem obtido tudo que pedia com sinceridade, e já pode assegurar sua independência e pelo estudo e dedicação ocupar cargos de primeira ordem na administração, no comércio e na ciência.

A these da senhorita Beatriz Gonçalves diz com a colaboração feminina brasileira nos estudos e trabalhos de Química no Brasil, e foi seguramente defendida no Congresso, pela sua autora, a julgar-se pelo desembaraço com que ela, palestrando, fundamenta suas idéias, já lembrando como a química é uma ciência que pela sua delicadeza e meticulosidade de seus trabalhos exige um certo número de predicados que ornamentam a mulher brasileira, já estudando as condições do nosso meio químico e de seus progressos. Uma pesada de rigor, uma filtração demorada, uma evaporação, o depósito de um precipitado e tantas

outras operações de laboratório, que exigem muita calma e paciência, podem ser executadas com grande vantagem pela mulher, que possui em geral taes qualidades, e tem um estado de nervos menos variável que o homem, graças à ausência de certos hábitos e vícios. É a opinião da senhorita Beatriz, que também recorda o seguinte:

— A proibidade e a honestidade em química são condições primordiais à uma análise e não se pôde negar à mulher brasileira estes sentimentos que apurados pela sua timidez natural chegam às vezes ao exaggaro. Para o estudo progressivo da química é preciso tenacidade e a mulher é innegavelmente mais pertinaz e assidua que o homem, affirmam todos que se utilizam do trabalho feminino no comércio, nas fabricas e na instrução publica. O sentimento de ordem e de methodo que faz muita falta ao profissional químico, para a boa execução de uma análise, são dotes que a mulher por principio de educação aprende e desenvolve com vantagem nos trabalhos de química. O asseo minucioso, em química é condição de rigor, e este predicado sobra em quasi toda a mulher. A economia instinctiva e que lhe vem da educação domestica, é outra vantagem que ella pôde offerecer à sciencia. Gastar só o que é preciso, lidar cuidadosamente com os aparelhos, não quebrar o vasilhame, dobrar bem um papel de filtro, não é preciso habilidade? Alguem nega este predicado ao espirito e as mãos femininas? Além destas pequenas qualidades necessarias ao químico ha ainda outras, superiores, que esta sciencia prefere encontrar nos seus aspirantes e são ellas: a intelligencia, o cultivo scientifico e a applicação immediata.

UMBERTO BIASINI

A VENDA NAS BOAS CONFEITARIAS

Leite condensado "SANTA RITENSE"

Fabricado com superior leite local em aparelhos ultra-modernos pela Industria de Lactinios Santa-Ritense Limitada, de Santa Rita, sob a direcção de um habilissimo technico e socio, com a pratica de onze annos em fabrica similar deste Estado.

Chama-se a preciosa attenção das exmas. familias e dos srs. medicos para este excelente leite, o qual, pela sua pureza e qualidade nutritiva, deve ser sempre o preferido.

Representante exclusivo para os Estados de São Paulo e Matto Grosso:

MANOEL DE CASTRO CORREIA

Rua S. Bento, 14 — 2.º andar, sala 25.

Teleph.: Central, 5181. C. Postal, 1258.

Creio que é indiscutivel a intelligencia da mulher brasileira. Os observadores da nossa capacidade intellectual patricios e estrangeiros, affirmam, sem favor, esta qualidade de espirito ás nossas patricias, o que aliás, está provado por muitos e rebustos espiritos femininos que a nossa Patria possui, com orgulho, na literatura, nas artes e nos laboratorios.

Ha mais ou menos uns 15 annos que a mulher brasileira procura na calma do laboratorio uma applicação da sua intelligencia. Nas escolas onde se ensina Chimica, ha uma frequencia relativamente grande, de moças que procuram o cultivo desta sciencia. Sei, entretanto, que ha uma corrente de patricios desfavoravel á intromissão da mulher nos laboratorios, achando que o sentimentalismo predomina-lhe, antes de tudo. É bem verdade que as nossas qualidades de mulher, para honra nossa e proveito das empresas, continuam em quaesquer das empresas em que collaboremos, mas é preciso notar que quando se fala da mulher no laboratorio, com seu ayalental simples, entregue ao trabalho e ao estudo, não está alli a mulher — mulher que vós todos conheceis no lar e nos salões, mas a mulher scientista cheia de attensões aos maiores e aos menores factos que careçam do seu espirito de minucia, interessada por um phenomeno, por um resultado, esquecida do que fóra do laboratorio se passa. As pequenas apprehensões de familia que, ás vezes, nos sobressaltam, vós outros tambem as tendes.

Tratemos de aproveitar as energias que estes espiritos offerecem e façamos a applicação immediata que é um dos factores de progresso desta sciencia, porque chimica propriamente dita é trabalho constante, tenaz, e paciente de laboratorio. Progresso em chimica é a observação constante dos phenomenos, é o aperfeiçoamento dos methodos de analyse, é descobrir nos corpos qualidades e applicações novas, aproveitando-as em beneficio das industrias, do commercio, das artes e da medicina.

A senhorita Beatriz Gonçalves fez um appello á mulher brasileira, em beneficio do desenvolvimento da chimica em nosso paiz, achando que as nossas patricias podem prestar sua collaboração oportuna ao estudo da sciencia. E diz:

— Vinde collaburar com os nossos patricios e illustres collegas o desenvolvimento da mais bella sciencia, praticando assim o bom feminismo, o feminismo que fica bem ás brasileiras. Adquiri a vossa independencia procurando uma profissão que não vos obrigue a fugir das condições naturaes do sexo. A mulher, principalmente a solteira, deve nos tempos modernos empregar as forças da sua mocidade a alguma cousa util. Não se admitte mais a paralyção de uma energia productiva.

Todas nós, ricas ou pobres, não temos o direito de sobrecarregar nossos paes quando temos capacidade para os auxillar e nos manter. Quando a mulher comprehender bem isto, desaparecerão muitos males sociais. Deixemos de excessos ridiculos, de emancipações politicas e voltemos as nossas vistas a uma profissão em que os nossos gestos e as tradições de nossa educação continuem mercedores do apoio, do respeito e da consideração dos nossos patricios. A chimica tem um vasto campo de estudo e não ha bom chimico em nossa terra que não tenha seu esforço remunerado.

Estudar e desenvolver a chimica é concorrer para o engrandecimento da Patria que tem nesta sciencia uma das maiores fontes de riqueza e de progresso.

Feito esse appello, a senhorita Beatriz Gonçalves illustrou sua these com a opinião de varios directores e chefes de laboratorio officiaes sobre a capacidade da mulher brasileira.

A opinião do dr. José de Carvalho, Del Vecchio, do Laboratorio Nacional, é, por exemplo, a seguinte:

A PAULICÉA

OFFICINA DE GRAVURA

Castignani & Gianni. i

Rua dos Gusmões N. 82

Telephone: 5889 Cidade.

Nesta officina executa-se com a maxima perfeição. — Clichés em photo-gravura e zincographia. — Especialidade em serviços de cores e photolithographia.

Acceita-se qualquer encommenda para catalogos e obras de luxo.

"A mulher brasileira se governa mais pelo seu coração que pelo seu cérebro; disto resultam consequências que se reflectem em todos os actos de sua vida, quaesquer que sejam os mistéres de que se occupem. Tem optimas aptidões para os trabalhos de chimica, têm o espirito pesquisador e arguto, são capazes de se dedicarem aos mais dedicados problemas scientificos, desde que, salvo raras excepções, taes empresas não lhes sacrificiem quaesquer dos minimos deveres de esplendidas esposas, dedicadissimas mães e extremosas irmãs e amigas."

O dr. M. A. da Rocía Pinto — chefe do Laboratorio Chimico da Casa da Moeda, manifesta-se:

"Parece-me indiscutível o exito que obtive o elemento feminina, em sua collaboraçào ou melhor em sua competiçào com o elemento masculino durante e após a grande guerra mundial, que determinou a necessidade desse vasto concurso nas artes, nas sciencias, nas industrias, etc. Chefe de um laboratorio chimico official, recebi tambem o auxilio effizaz dessas distinctas cooperadoras e sómente poderdi dizer que foi relevante o serviço que prestaram, por sua assiduidade, meticoloso cuidado nas operações acuradas ou mesmo rudimentares, disciplina exemplar, honestidade e criterio profissional; e certamente não estarei isolado neste parecer, tendo em vista a opiniào verbal que sobre este assumpto manifestaram outros chefes de laboratorios publicos ou particulares, que me honram com sua estima."

Agora, o parecer do dr. Luiz de Maria, director do Instituto de Chimica:

"O espirito de observaçào, a meticolosidade e a paciencia são os elementos de maior valia para os que se dedicam aos trabalhos de laboratorio. Estas armas que a futilidade

feminina creou e desenvolveu, nortçada, embora, por outros ideaes, abriram a collaboraçào feminina em campo de actividade, cujo valor seria superfluo encarecer. E bastava isto. Foi, entretanto, muito além, o concurso feminino, pois, trouxe a convicção aos espiritos os mais rebeldes que o terreno que os alchimistas desbravaram e que nós outros perlustamos, não é apenas compativel com a vida do cacto, desgracioso e aggressivo, mas tambem o "habitat" das violetas. E é tudo."

O dr. Alfredo de Andrade, lente cathedatico de Chimica Analytica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diz:

"O feminismo bem entendido deve concretisar-se nesta synthese: "Preparar a mulher para basta-se". A especialisação na chimica é um dos melhores caminhos abertos a este escopo. A sua intelligencia, superando em algumas a de muitos homens, o espirito de mimicia, a dedicaçào que se extrema quando as apaixona uma idéa, um facto, uma empresa — a pertinacia — tudo isso e circumstancias outras fazem das senhoras excellentes technicas, para os trabalhos communs, auxiliares maravilhosos de investigações scientificas que poderão um dia animar, architectar ou dirigir."

Esta a opiniào do Dr. Alfredo Carneiro Ribeiro da Luz: "Sou de opiniào que as mulheres nos trabalhos de chimica podem prestar muito bons serviços. Executam todas as operações com muito cuidado e paciencia a julgar pelas profissiones que tenho tido sob minha direcção. Algumas são um pouco timidas, têm, ás vezes, pouca coragem de afirmar, porém, este defeito se encontra, e muito accentuado, em alguns homens. Acho que não se deve fechar nenhuma carreira ás mulheres, pois, ellas têm revelado capacidade muito superior a de alguns homens nas profissões que exigem muito tino e perspicacia. Difficilmente se encontrará um chimico homem que tenha produzido somma de trabalho superior ao das chemicas do Laboratorio Nacional de Analyse."

A senhorita Beatriz Gonçalves, defendida longamente a sua these, illustrata com os pareceres desses chefes ou directores de serviço, de laboratorios, apresentou ao Congresso uma conclusão que regista a collaboraçào da mulher brasileira nos estudos e progressos da chimica. A conclusão da senhorita Beatriz Gonçalves é a seguinte:

"Considerando que a chimica é uma sciencia de meticolosidades, paciencia e escrupulos; considerando que a mulher brasileira pela sua educaçào tem estas qualidades mais desenvolvidas que a maioria dos homens; considerando que a intelligencia e a capacidade physica da mulher adaptam-se perfeitamente aos trabalhos de laboratorio; considerando que as opiniões de professores de chimica, chefes e directores de laboratorios officiaes estão todos de accordo quanto ao valor positivo da cooperaçào feminina;

Concluo que é de toda a vantagem promover os meios de educaçào chimica feminina no Brasil de modo a termos a collaboraçào directa da mulher brasileira nos estudos e trabalhos desta sciencia."

**QUE DESGRAÇADA SOU!
ESTA DOR ESTA' ME MATANDO!**



ESTA é uma exclamação que se ouve de infinidade de mulheres, porque sofrem horriavelmente de dores nas costas, e consideram-se desgraçadas por crerem que essas padecimentos são naturaes de seu sexo.

Este é um engano muito grande, pois não existem taes dores "propias do sexo". A dor nas costas, é um dos symptomas mais communs do mal dos rins, e é um dos primeiros indicios de debilidadade renal. Immediatamente ao apparecer essa dor, a senhora deve começar a ajudar os rins, porque se assim não fizer, seus soffrimentos serão maiores, día a día. A falta de filtração nos rins, fará que o sangue se encha de venenos uricos, e logo sentirão nas juntas, musculos, etc., aquellas dores que se dominam geralmente "rheumaticas".

As **Pilulas de Foster para os Rins**, têm salvo milhares de pessoas do mal renal. Todos os ingredientes que entram na sua composiçào, são de primeira qualidade; as pilulas têm sido usadas e recommendadas ha mais de 50 annos. Não contém drogas de especie alguma que prejudiquem o organismo. Si a senhora sente dores nas costas, dirija-se immediatamente á pharmacia mais proxima e compre um vidro de **Pilulas de Foster para os Rins**.

A venda em todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades renaes, que nós l'ho enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1062 — RIO DE JANEIRO



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo de sangue

PELA MULHER

Cem annos são passados desde o memoravel episodio que tornou o nosso paiz uma nação livre. Cem annos fazem que os brasileiros vimam surgir no horizonte da Patria o sol da liberdade!

Muito se tem feito, é verdade, no decorrer de um seculo, mas, muito se tem ainda a fazer.

O brasileiro é livre, goza de todos os direitos que lhe são concedidos pelas leis do paiz, chegando mesmo a fazer uso de poderes que lhe são absolutamente vedados.

Façamos porém esta pergunta: A mulher brasileira é livre? E' praticada pelas leis contra os desmandos do homem?

Acho que, de algum modo se poderá affirmar o contrario.

Ultimamente o homem tem-se arvorado ao mesmo tempo em juiz e carrasco da mulher.

Julgá e mata quando bem lhe parece, pois está certo de que ha de ser absolvido na primeira occasião.

E' preciso pois que surja para a mulher patriaia uma aurora de independência, um sol de liberdade. Faz-se necessario que nos, as mulheres, nos libertemos por nossos proprios esforços das garras dos abutres insaciáveis, sedentos de sangue, em que se tem transformado o homem, pretendendo moldar a sociedade moderna pela antiguidade, em que elle tinha sobre a mulher o direito de vida e de morte! Antiguamente, a mulher vivia nas trevas. Sua educação era quasi nulla, desconhecida as sciencias e as artes e a sua convivência com as escravas, pessoas de espirito ainda mais obscuro, fazia da mulher um ente sem aspirações e sem ideos.

Eis porque se explica até certo ponto a incapacidade da mulher em quasi todos os ramos da actividade humana não porque seja inferior ao homem que só a sobrepaja em força physica, mas porque a sua reclusão no lar, o pouco caso que se fazia da sua educação intellectual, collocavam-na em um plano inferior. Hoje porém, a mulher, desligando-se dos antigos preconceitos sociais, frequentando as escolas superiores, estuda, se intruce, tem aspirações e ideos e o seu espirito altamente educado rivaliza com o do homem e, quem sabe, talvez num futuro não muito remoto, chegue a sobrepajar a capacidade intellectual daquelle que nosceo amaramos na desconfiança das paixões politicas, na pratica de hediondos crimes, que, longe de lhe angariarem o desprezo, parecem conquistar-lhe reticentes cobias, embora manchadas de sangue, com que a sociedade se encarraga de cingir-lhe a fronte dentro dos proprios tribunales, donde saem caxos "heróicos" por entre acclamações ruidosas dos amigos insensatos que os felicitam por voltarem tão depressa ao seio da sociedade pouco escrupulosa.

E' urgente que nos, minhas carias patriaias, empunhando, não as armas que produzem o luto e o pranto, mas as que nos fornecem a nossa dignidade offendida, os nossos direitos outragados pelo despotismo, a nossa honra ultrajada, façamos surgir em nossa querida patria um novo sol, uma nova aurora de independência para a mulher patriaia!

Urge trabalharmos afim de que, na falta do esposo, do paiz e do irmão, possamos viver honestamente á custa do nosso trabalho e do nosso esforço! Eis porque a mulher procura instruir-se em todos os ramos da sciencia, procura exercer todos os cargos que lhe são mais convenientes afim de poder viver independente quando assim for preciso. Muito mais bella é sem duvida a acção da mulher no lar, fazeo carinhoso e bom, emprestando alegria á ternura, embalsamando o ambiente do lar com o perfume de suas virtudes! Sua missão é para mim que por signal aborreo as questões politicas e gosto mais de ficar em casa a ler uma revista do que de andar pelas ruas e avenidas, deveria ser somente governar o lar, educar os filhos e cuidar do esposo, sendo quando preciso, sua conselheira, exigindo-se para isto uma seria e cuidada educação.

Mas infelizmente o homem não o quer assim, e muitas vezes, a mãe de familia, deixando o lar e os filhos á mercê do destino, vai pela manhã bem cedo em procura do trabalho para manter-se; porque o esposo ou não trabalha, ou vaca gastar o seu salario nos cafés ou em lugares duvidosos.

Por isso a mulher dos nossos dias, procura igualar-se ao homem em todos os mysterios, exigindo até o direito do voto que lhe garante tomar parte na governação do seu paiz, intervir no julgamento de seus senelhanes e exercer cargos que até agora lhe têm sido recusados. Mas, a mulher precisa ainda de uma certa orientação, principalmente as que vivem affastadas das capitais. As que habitam nas pequenas cidades do interior dos sertões, desconhecem quasi por completo o movimento feminista. E' preciso portanto, que se instrua, que procurem ler o principal órgão que trabalha em favor da mulher, e esse órgão, esse arauto que não cessa de proclamar a igualdade de nossos direitos é a "Revista Feminina", desodado campo da nossa causa. Entristeço-me por vezes, quando, na qualidade de representante dessa revista, recomendo a sua leitura, vejo o pouco caso que fazem muitas das nossas patriaias, das boas leitoras, das leitoras sans que educam, que instruem e que nos elevam a um plano superior pela educação moral e intellectual que nos proporcionam. E' que, preocupadas com a moda e outras cousas vanas, esquecem que o espirito, mais do que o corpo, precisa de atavios e de joias que só a educação e o estudo podem dar.

Fallando em favor da mulher e deixando patentes os despotismos da maioria dos homens actuaes, não deixo entretanto de reconhecer também os muitos defeitos da mulher moderna.

Ha muitas cabeceinhas bellas e loucas que, desdenhando os seus deveres de esposas e de mães, levam a vida preocupadas em cousas futeis, deixando o lar entregue á desordens e, o que é mais lamentavel, arrastando o esposo ao desespero pelo seu luxo sem limites, pelo seu desejo irreferendo de brilhar na sociedade!

A estas insensatas, a nossa compaixão e a nossa piedade!

Quando porém, a mulher trocar as ruas e avenidas, os theatros e os lugares de prazerosas diversões pelo ambiente sereno e calmo do lar domestico, quando trocar esses futeis objectos que a transformam em bonecas falantes pelo pequeninos "nadaes" que concorrem para o bem estar, commodidade e alegria do lar, podendo contar tambem com a protecção e a estima do esposo, do paiz ou do irmão, a familia tornar-se-á o centro da verdadeira felicidade, o foco donde irradiará a força dos povos e a grandeza da Patria!

ROCEIRA.

S. Cruz, 16 de Setembro de 1922.

O REMEDIO DAS SENHORAS



REGULADOR FONTOURA

CURA
DOENÇAS DO UTERO

REGULARISA
A MENSTRUACÃO

SUPPRIME
AS DORES UTERINAS

CURA OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMININOS

O REGULADOR FONTOURA
É FABRICADO NOS
GRANDES LABORATORIOS DO



INSTITUTO MEDICAMENTA



Vida Feminina. ☆ ☆ Arte e Ciência e Letras

D. ISABEL, A REDEMPTORA, VAI TER UM MONUMENTO NA CAPITAL DA REPUBLICA

O Partido Republicano Feminino cogita nesta capital, erigir um monumento a d. Isabel, a Redemptora.

A 28 de setembro ultimo, foi assentada a pedra fundamental da estatua e, nessa occasião, foi explicado o motivo que levou as republicanas brasileiras a prestarem esta homenagem, não á princeza, mas á grande e gloriosa patriota, que em vida foi um espirito liberal e verdadeiramente democratico.

Para esse fim vão ser abertas, aqui, subscrições populares.

A professora Drolinda de F. Dalto offereceu 50 exemplares do seu livro "Catechese dos Indios no Brasil", cujo producto da venda revertirá em beneficio das obras do monumento.

OS DIREITOS DA MULHER

A "Liga Paulista Pelo Progresso Feminino", desta capital, telegraphou á mesa do Congresso Juridico Brasileiro, que se reuniu em outubro no Rio de Janeiro, nestes termos:

"Liga Paulista Pelo Progresso Feminino congratula-se com essa sabia assembléa pela justa interpretação constitucional quanto aos direitos politicos da mulher. (a) Maria X. da Silveira, secretaria."

ELEIÇÕES GERAES DOS GOVERNADORES DE ESTADO, NOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

A 14 de Novembro realizaram-se nos Estados Unidos as eleições para a renovação dos governos dos varios Estados. Entre os 31 candidatas a este posto, em Kansas, figurou a sra. Helma Pettigrew, que conta 22 annos e foi indicada pelo Partido Republicano.

Umas das credencias que apresenta é ter sido entusiasta presidente do partido contra a guerra.

Foi a primeira vez que uma senhora se apresenta candidata a tão alto posto. Como é sabido, o Estado de Kansas não é dos mais adelantados da Federação Norte-Americana. A candidata se propõe modernizá-lo, abolindo

habitios antiquados e costumes que alli impedam com força de lei.

A senhorita Alice Pettigrew, moça de vastos conhecimentos e tem sido incauavel na propaganda do nome de sua irman para a suprema magistratura do Estado.

A senhorita Alice é uma oradora fluente e possuidora de real belleza.

A MULHER NA POLITICA — UMA SENHORA NO SENADO NORTE-AMERICANO

A senhora Isetta Jewel Brown, viuva do congressista norte-americano Brown Junior, de Kingwood, apresentou-se candidata a uma cadeira do Senado americano nas eleições afim de realizar os seus desejos de entrar definitivamente na politica interna do seu pais como delegada do Partido Democra, do qual é uma das mais ardentes paladinas.

A senhora Brown tem um largo circulo de relações na politica dos Estados Unidos e graças aos seus bellos dotes oratorios, ao seu prestigio e á sua actividade, deve fazer no parlamento norte americano excellente figura.

Por occasião da reunião da convenção nacional em S. Francisco a senhora Brown destacou-se muito entre os convençoneas, pugando pela apresentação do sr. John W. Davis para candidato á presidencia da Republica.

A candidata a senadota americana é possuidora de uma fortuna avultada em alguns milhões de dollars.

ERNEST LAVISSE

Com o desaparecimento de Ernest Lavisse perde o feminismo francez um dos seus mais denodados defensores. Foi durante muito tempo director da "Revue de Paris".

UMA CONDENNAÇÃO INTERESSANTE...

Um tribunal americano condemnou a 10 dias de prisão a Thelma Crisler, de 19 annos de idade porque a mesma vestira trajos masculinos para obter um bom emprego.

CONDECORAÇÕES POSTHUMAS

O presidente da Republica Franceza condecorou, a titulo posthumo, um certo numero de victimas da grande guerra.

Dentre essas estão a Mme. Dubrigay, lavradora em Heric e Mme. Lebbon, rendeira em St. Martin. Riviviere, ambas localidades do Aiane. Essas duas senhoras morreram em consequencia de privações soffridas por partidos allemães, quando prisioneiras.

O FEMINISMO NA ITALIA

O senador Modigliani apresentou um projecto de lei pelo qual as mulheres são consideradas em igualdade de condições civis e politicas em todo o reino italiano.

Espera-se que esse projecto seja approved, visto contar o feminismo um grande numero de aliados no seio do parlamento italiano.

UM HABITO PERIGOSO

Quando as senhoras começaram a fumar de vez em quando ninguém ligou importancia. Pelo menos na Inglaterra ninguém ligava, pois a guerra mudara tudo, o cigarro não passava de uma distracção innocente, embora não conviesse muito ás senhoras. E, em qual quer caso, tal distracção em pouco tempo cahiria no desuso.

Mas, agora, deu-se o signal de alarma. A Inglaterra está ultrapassando a sua quota. O costume de fumar cigarros foi além do ponto de distracção, tornando-se um vicio.

Esta conclusão está sendo espalhada por toda parte pelos medicos londrinos, que informam sobre os males que talvez resultem do assustador augmento do numero de ingizezas que fumam.

Eis alguns dos indicios do perigo:

Dr. Bernard Hollander, perito medico em doenças mentaes, diz:

"As mulheres estão levando ao extremo o habito de fumar. Entretanto, ellas estão mais predispostas aos males da nicotina do que os homens. Além disso, a mulher não aproveita do mesmo modo que os homens o prazer do fumar. A maior parte das mulheres fuma por estar o vicio em moda e afim de atrahir attenção sobre si."

Diz a dra. Octavia Lewin, celebre perita em doenças de senhoras:

"A mulher em geral já tem bastantes abortecimentos para supportar. A tenção de cuidar devidamente de muitas creanças talvez forte-

TOLUOL

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIASE PHARMACIAS

Verifiquem os preços da enorme liquidação de joias, durante este mez na

"CASA HENRIQUE"

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 18

lacrará muito os seus nervos; porém ella não deveria fazer o seu systema nervoso arcar com o fardo adicional de grandes doses de nicotina, pois o habito de fumar affectará, forçosamente, até mesmo á maternidade. É rara a mulher que, realmente, gosta de fumar; a moda é que é tudo."

Diz o correspondente medico do "Times": "A absorção de nicotina produz uma conção de estado nervoso que causa pena aos observadores. A viclima soffre, depois, palpitações, exgotamento, tornando-se, ás vezes, hysterica, e talvez disso resultará a instabilidade das facultades mentaes."

O delicado systema nervoso da mulher nunca foi feito para arcar com grandes doses de "veneno-nicotina".

O SR. MAURICIO DE LACERDA E O FEMINISMO

A' assembléa fluminense foi apresentado no dia 29 de Outubro pelo deputado Mauricio de Lacerda, um projecto autorizando o alistamento eleitoral sem distincção de sexo de todos os brasileiros maiores de 21 annos, sabendo ler e escrever, e que não incidirem nas condições de incapacidade, previstas na Constituição Federal.

LIGA PELO PROGRESSO FEMININO

Com esse nome fundou-se recentemente, nesta capital, uma associação

filial á "Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino".

Os principaes fins da "Liga" são: promover a educação geral da mulher, elevando o nivel da instrução feminina; promover a egualdade dos direitos civis da mulher casada, bem como assegurar os direitos politicos á mulher, obter garantias legislativas necessarias ao trabalho feminino, etc.

Foi constituída a seguinte directoria: Presidente, sra. Evelina Arruda Pereira; 1.º vice-presidente, senhorita Vicentina Vicente de Carvalho; 2.º vice-presidente, senhorita Guiomar Novaes; 3.º vice-presidente, sra. Candida Ferraz Sampaio; 1.º secretaria, senhorita Maria Immaculada Xavier da Silveira; 2.º secretaria, senhorita Fanny Whately; 1.º thesourceira, sra. Anna Moraes Burchard; 2.º thesourceira, sra. Sylvia Callado; chefe da commissão de organização, senhorita Beatriz de Sousa Queiroz.

A séde provisoria é á rua Victorino Carmillo, 103.

O VOTO FEMININO

Foi approved em primeira discussão na Camara dos Deputados Federaes o

projecto de lei que concede o direito do voto á mulher brasileira.

Tudo leva a crer que neste anno tenhamos alcançado essa grande victoria.

ARMAZENS FEMININOS

Na Allemanha, onde a vida é carissima, as associações femininas resolveram crear diversas casas commercias, dirigidas por senhoras, para vender todos os artigos necessarios á economia domestica e medicinas, tirando dos mesmos uma commissão apenas necessaria para fazer frente ás despesas, sem visar lucros de qualidade alguma.

MAIS UMA SENHORA NORTE-AMERICANA VAE DISPUTAR UMA CADEIRA NO SENADO FEDERAL.

A sra. Isetta Jewell Brown, distincta dama, que dispõe de uma grande intelligencia e alto cultivo, apresentou-se candidata a uma cadeira no Senado Federal.

A sra. Isette é viuva do antigo congressista sr. Junior Brown, ex-representante de Kingwood.

As eleições devem realizar-se a 1.º de Agosto e essa senhora conta com grandes sympathias no eleitorado por ter sido sempre uma activa propagandista dos verdadeiros ideaes democraticos e ser uma oradora fluente e brilhante.

CONSELHO NACIONAL DE MULHERES DO URUGUAY

Realizou-se em Abril ultimo a eleição da directoria que preside os destinos dessa importante associação feminina uruguaya, ficando assim constituída:



ESPECIFICO da GRIPPE
EUCÉINA
WERNECK

FAZ ABORTAR a INFLUENZA, VENHA
OU NÃO ACOMPANHADA DE FEBRE.

Que é MAGIC ?



É um preparado líquido que suprime a transpiração das axilas, pés, mãos, etc., evitando as manchas dos vestidos e o uso dos horribes suadores de borracha, fazendo desaparecer até o mais pequeno odor que, as vezes, com o excessivo calor, pôde dar a transpiração. MAGIC é o unico garantido, inoffensivo á saúde, pelos Drs. Miguel Couto, Austregesilo, Aloysio de Castro e Werneck Machado. Será possível ter maior garantia que os nomes destes medicos? Assim pois não ha nenhum receio em usal-o. Experimente hoje mesmo.

Deixe secar senão não faz efeito
 Preço do vidro maior 8\$000 } Dá para 2
 Preço do vidro menor 5\$000 } ou 3 mezes.

Vende-se nas pharmacias e perfumarias do Brasil.

Peçam prospectos no Escriptorio Magic:

AVENIDA RIO BRANCO, 183 — RIO.

Em São Paulo — no Laboratorio MALHADO — Rua S. Bento, 24.

Presidente honoraria: Sra. Bernardina Muñoz de De-Maria; presidente, dra. Isabel Pinto de Vidal; 1.ª vice-presidente, sra. Cata Castro de Quinteja; 2.ª vice-presidente, sra. Adela Rodriguez de Morató; secretaria geral (provisoria), senhorita Ismaela Navarra; secretaria exterior, dra. Paulina Luisi (ausente na Europa); secretaria de actas, senhorita Maria Inés Navarra; prosecretaria de actas, sra. Carlota H. de Du Val; prosecretaria interior (vaga); thesoureira, senhorita Carmen Onetti; prothesoureira, sra. Carola Torres de Abellá y Escobar; conselheiras, cientesivas, sra. Emilia Echevarria de Gallardo, Fanny Carrío de Polleri, Elisa Villemur de Aranguren, Enriqueta Compte y Riqué, Laura Palumbo de Del Pino, Ingeniera Emilia Loedel Palumbo, Enriqueta Rodríguez Díez, Olivia Sierra de Perallo, Maria Luisa G. de Z. de González, Juana Pereyra, Angélica A. Pérez, Mathilde R. de Ledesma, Juana Scribe de Kadish e Agustina Altuna.

CONFERENCIA BRASILEIRA DE MULHERES

Afim de commemorar o Centenario da Independencia do Brasil e de deli-

berar sobre alguns dos problemas mais importantes para a população feminina do nosso paiz, resolveu a "Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino" e vice-presidencia para a America do Sul da "Associação Pan-Americana" convocar a primeira Conferencia Brasileira de Mulheres.

Nesta Conferencia, que se realizará de 21 a 26 de Dezembro, serão discutidas questões praticas referentes ao ensino, instrucção, methodos de evidenciar o desenvolvimento, progresso e organização feminina, oportunidades de acção, condições de trabalho e carreiras abertas á mulher, assistencia e protecção á mesma, bem como seu papel como factor do lar e na comunidade, suas funcções e responsabilidade na vida dos povos, na elevação dos ideaes do mundo civilisado, na aproximação das nações e na manutenção da paz.

Virá especialmente ao Brasil, para tomar parte na Conferencia, a sra. Carrie Chapman Catt, presidenta da "Associação Pan-Americana", oradora de renome mundial e "leader" do movimento internacional em prol do progresso feminino.

Virão tambem outras delegadas estrangeiras, entre ellas a sra. Van Len-

nup, dos Estados Unidos e senhorita Manus, da Hollanda.

Serão tambem acceptos trabalhos com orientação pratica, estudando condições de vida, de instrucção, de trabalho existente, ou evidenciando as iniciativas tomadas em favor da mulher, ou pela mulher em beneficio da comunidade, ou então lembrando medidas uteis e exequiveis referentes a qualquer parte do programma. Devem ter a forma de theses dando as conclusões a que chegaram as suas autoras ou a forma de indicação.

Quaesquer esclarecimentos poderão ser obtidos com a sra. Bertha Lutz, presidente da "Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino", á rua Uruguayana n. 22, 2.º andar, no Rio ou com a sra. Evelina Arruda Pereira, á rua Victorino Carmillo, n. 103, nesta capital.

IGUALDADE DE DIREITOS

O parlamento da Republica do Equador está discutindo um projecto de lei que concede ás mulheres casadas a livre administração dos seus bens e a igualdade de direitos na administração commercial.

KOLA SOEL

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

PHOTO-GRAVURA BRASIL

CLICHE'S EM ZINCO E COBRE. AUTOTYPYIA, TRICROMIA
E ZINCOGRAPHIA*Especialidade em traços finos. — Trabalhos para photo-lithographia. — Executa-se com perfeição e presteza qualquer trabalho concernente a este ramo de arte.*

ANGELO LASTRI

Officina e Escriptorio:

Teleph. Cidade 6606

AVENIDA TIRADENTES, 161 — S. PAULO

LIGA PAULISTA PELO PROGRESSO FEMININO

Realizou-se no dia 6 do mez p.p. uma sessão de directoria, sob a presidencia da sra. Evelina Pereira, secretariada pela senhorinha Maria X. da Silveira e com a presença das sras. Herminia Pereira de Queiroz, Vicentina de Carvalho, Carlota Pereira de Queiroz, Anna de Moraes Burchard, Branca Canto e Mello, Dra. Carmen Pires, Alda de A. Pereira, Maria L. Pereira de Queiroz, Maria Delphina Cardoso, Nayda P. de Queiroz Aranha, Julieta Rosa Pereira.

Foram lidas e approvadas as actas anteriores.

A "Liga" far-se-ha representar no "Congresso de Mulheres" a reunir-se brevemente no Rio, segundo resolução tomada nessa sessão; tendo já designado as delegadas, que deverão apresentar trabalhos ao referido congresso. A sra. presidente designou para estudar Protecção ás Mães, dra. Carmen Pires; Protecção á Infancia, Carlota Pereira de Queiroz; Educação e Instrução, Branca Couto e Mello; Opportunidades, Anesia Pinheiro Machado; Direitos politicos da mulher, Maria X. da Silveira.

Foram lidas e approvados os Estatutos sociais.

Foram propostas para socias: Leontina Garcia, Lydia P. Camargo, Teresa Garcia, Angelita S. de Oliveira, Alda de A. Pereira, Alfredina Pereira Barattina, viuva Ignacio Arruda.

A presidenta deu conhecimento á casa que no Congresso Juridico, reunido no Rio, para commemorar o centenário, agitou-se a questão da constitucionalidade do voto feminino. Depois de alguma discussão, votaram por grande maioria a interpretação favoravel ao voto.

Communicou ainda a presidente que na Assembléa Fluminense o deputado Mauricio de Lacerda apresentou um projecto favoravel ao suffragio feminino.

Foi lido um officio da "Federação Brasileira das Ligas pelo Progresso Feminino", communicando que a primeira conferencia brasileira de Mulheres, convocada para estudar os problemas e questões mais importantes, deverá reunir-se em dezembro do corrente anno, devendo a ella comparecer a presidente da "Associação Pan-Americana de Mulheres", sra. Carrie Catt.

Encerrou-se em seguida a sessão.

O INSTITUTO DE PROTECCAO E ASSISTENCIA A' INFANCIA — A ORGANIZACAO DA CRECHE — O NOVO EDIFICIO

O Instituto de Protecção e Assistencia Infancia, de Ribeirão Preto, como temos noticiado, está grandemente empenhado em levar avante a fundação de uma creche destinada ás crianças pobres.

Varias senhoras pertencentes á alta sociedade ribeirãopretense compreendendo o alto alcance desse notavel empreendimento, que virá, como se sabe, prestar os mais altos beneficos ás crianças, já fizeram doativos de leitões e roupas brancas.

Espera-se que a alma feminina, sempre prompta a proteger as crianças, corresponda de modo pleno ao apello que lhe é dirigido pela directoria dessa benemerita instituição, em feliz hora alli fundada pelo veneravel apostolo da infancia, sr. dr. Antonio Gouvêa, chamado com muito acerto "O Monarca de Ribeirão Preto".

A creche vai prestar ás crianças sem recursos os mais assignalados serviços, sendo, portanto, uma obra digna do auxilio, da sympathia e da protecção de todas as pessoas caritativas.

A sua direcção vai ser entregue á sra. d. Delminda Gouvêa, consorte do sr. dr. Gouvêa, que, num bellissimo gesto de generosidade, assumiu esse encargo, sem retribuição alguma, absolutamente.

A senhora do sr. dr. Gouvêa, nessa cruzada santa de protecção á infancia, tem sido um valioso sustentaculo do humanitario clinico e desde a sua fundação até hoje, tem prestado os mais relevantes serviços ao Instituto.

UMA BOA MEDIDA

O sr. presidente do Estado de Sergipe, afim de libertar as professoras publicas dos agiotes, determinou que o pagamento daas mesmas fosse feito, em seu proprio interesse, no segundo dia util de cada mez, por intermedio do collector estadual.

IGUALDADE DE DIREITOS

A lei que concede a igualdade de direitos civis e politicos ás mulheres nos Estados Unidos, foi finalmente approvada por 206 votos contra 9.

E' o caso de felicitar-mos vivamente as norte-americanas pela grande victoria obtida.

Regulador Sant'Anna

— REGULADOR SANT'ANNA — combate com successo incomparavel os corrimientos, as flores brancas, as suspensões, a falta de menstruação, as regras excessivas, as menstruações dolorosas, as dores do utero e dos ovarios, o reumatismo, a fraqueza, a anemia, as cores pallidas das senhoras, emfim todas as doenças do utero e dos ovarios.

EM TODAS AS DROGARIAS — VIDRO 7\$000

Esta estrella é a
NOSSA marca.



Esta marca é a
SUA garantia.

A popularidade dos productos da ANTARCTICA não vem da sua "réclame", — mas da sua SUPERIORIDADE.

Cervejas — Licóres — Vermouth — Cognacs — Xaropes para refrescos — Bebidas sem alcool — Aguas mineraes — Gelo — Acido carbonico, etc., etc.

"GUARANA' CHAMPAGNE", typo doce, o refrigerante da moda, — contendo, DE FACTO, o legitimo guaraná do Amazonas, de conhecidas virtudes therapeuticas.

Comp. Antarctica Paulista

CAIXA, 85 — S. PAULO

Representantes em todos os Estados do Brasil.

PASTILHAS AMERICANAS

do Dr. MALCOM

O MAIOR PRODIGIO DO ESPECIFICO MODERNO

Unicos depositarios
para o Brazil:

Empreza Feminina
Brazileira

Avenida São João, 87-altos
S. PAULO

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhe eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros productos que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto de medico, preparado com todo scrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de crianças, pernas tortas (das crianças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOM são extraordinarias, e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescencia das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como para a fraqueza de qualquer outro orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da criança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas 20\$000

DÓSE: — PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como o cansaço cerebral, fraqueza dos membros é bastante metade da dose acima.

PARA CRIANÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para crianças de menos de 4 annos, começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina
Avenida São João, 87 - altos

S. P. Mfg. Druggs Co.



O ESPECTRO DA DÔR

e das enfermidades se interpõe entre nós e a nossa felicidade como uma barreira funesta. Só quem conseguir vencer este obstaculo, terá aberto de ante de si o caminho que conduz ao bem estar e ao exito. O meio mais poderoso que existe para acalmar as dôres de cabeça, dentes, ouvido, etc., e para combater a Influenza, a Grippe, os resfriados e as indisposições causadas pela intemperança, é a

CAFIASPIRINA

(Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina). Reparem na **CRUZ BAYER** e nunca aceitem outros.



“O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPILOGENIO

**Sempre “O PILOGENIO”
“PILOGENIO” SEMPRE**

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarías e perfumarias

LYCETOL
GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
ACIDO URICO

CONTRA
GRIPEZES URICAS—COLICAS NEFRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

DE VENDA AS PHARMACIAS E DROGARIAS DE TODAS
REPARTIÇÕES GERAIS
DEPOSITO GERAL
PHARMACIA GIFFONI & C. — RUA 1.ª DE MARÇO 17.
RIO DE JANEIRO.

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' N.º 129
S. PAULO

POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição augmentada com os 98 sonetos do Livro “Tarde”, 1 vol. de 391 pag., br. 7\$000, enc. \$5\$00

CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Cora Dias, 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000

HISTORIAS E PAIZAGENS, por Afonso Arinos, 1 vol. br. 4\$000, encadernado \$5\$00

EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Austregalho, 1 vol. br. 4\$000, enc. \$5\$00

HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 3\$000

PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bonfim, 1 vol. cart. 4\$000

RESERVISTA PRÁTICO, ensaio pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1908 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. \$5\$000

GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Athletas, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatorios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pag., contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo 10\$000

VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)



Para os desconvalescentes, das prostradas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da “Vitalidade”, o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferivel nas convalescencias, nas moléstias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anémia, lymphatismo, dyspepsia, névralgia, coxalgia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituente indispensavel ás mulheres, durante a gravidez e após o parto, assim como ás mães de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogénico.

Receitudo diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarías. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.ª de Março, 17

Rio de Janeiro

Acaba de sair do prelo:

A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Tradução autorizada do francez

POR

Nykota Sampaio

Encadernado 5\$000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX.

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concorrem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

— — — S. PAULO — — —

Collecção

da

“Revista Feminina”

Já se acha á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, a collecção da nossa revista referente ao anno de 1921. E' um grosso volume, elegantissimo, encadernado em percaline, em diversas cores, e com dizeres dourados no lombo. As familias que, por descuido ou inadvertencia, deixaram de assignar a nossa revista, não devem perder a oportunidade de adquirir, encadernada, toda a collecção. E' uma obra preciosa, cheia da mais interessante materia e é, ao mesmo tempo, uma obra de luxo que servirá de ornato para uma sala de visitas ou gabinete.

Importante descoberta do chimico Wirth

RENY

Pote 4\$000 — Pelo correio reg. 5\$000

Formula usada em toda a Europa

UNICA QUE TIRA TODAS AS SARDAS, PANNOS,
RUGAS E MANGHAS DA PELLE.

DEPIL

E' o unico depilatorio liquido que tira em 5 minutos o cabelo de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle e com absoluta segurança. DEPIL é infallivel e permite ás senhoras usarem as mais finas e transparentes meias de seda e os mais alongados decotes, sem receio de que um só fio de cabelo lhes appareça.

Vidro pequeno 3\$000
PO' DE ARROZ RENY

e grande 10\$000. Pelo correio 6\$500 e 12\$000.
O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Caixa 2\$500. Pelo correio 3\$500.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

MAGALHÃES & LOBO — Rua Senador Furtado, 48 — Rio

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophul' sas,

Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellentre constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *peda reco tenho depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



É superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *todo vegetalisado* inthimamente combinado ao *tamino da noqueira* (*Juglans Regia*) e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vital e odor, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões, dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais illustres clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO DO FENOLICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C^o
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro.

MARMORARIA TOMAGNINI

Especialidade em tumulos de marmore e granito polido.

PIETRASANTA (Carrara) Italia.

Rua Paula Souza, 85

São Paulo — Telephone, 3378 — Central.

ARTE - CULINARIA

ADALIUS — 4.^a edição

Já está exposto á venda, na redacção da "REVISTA FEMININA", Avenida S. João, 87, 1.^o andar, o preciosissimo livro "Adalius", especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira, segunda e terceira edição, que continham poucas paginas, esgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta quarta edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



Livros sobre cosinha não faltam em portuquez; mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realizaveis, pelas difficuldades que apresenta á sua execução. Além disso, algumas receitas que esses livros apresentam, se são realizaveis, nem sempre obtem exito, porque não foram ex-

perimentadas. Ora, as receitas do "Adalius" são todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queira experimental-as, tal a clareza com que são escriptas.

"Adalius" contem mais de quatrocentas receitas.

O seu texto é constituído das melhores receitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, enfim, que pôde interessar uma dona de casa. É uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve ler constantemente, consultar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são compostos os livros de arte culinaria.

O "Adalius", ao contrario, não traz nenhuma receita que não fosse experimentada e cuja confecção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente aproveitavel e util. O seu texto é claro, simples e comprehensivel.

O seu preço é 2\$000 réis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modestas, sendo certo que a "REVISTA FEMININA", que o editou, não auferê nenhum lucro com a venda. O "Adalius", vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz ás suas leitoras e um meio de propaganda.

Envie, pois, seu endereço e a quantia de dois mil réis em selos do correio, á redacção da "REVISTA FEMININA"—São Paulo, Av. S. João, 87, 1.^o andar, e immediatamente receberéis pelo correio o precioso livro sobre cozinha "Adalius".

Pede-se verificar as vitrinas.

Fazendas
de Modas



Armarinho
Roupa branca

Rua Libero Badaró

São Paulo • Brazil

Casa Lemcke

SEDAS

Novos desenhos, Novas qualidades. Últimas Novidades em Tecidos leves para o Verão.
Bolsas, Carteiras, Cintos, Luvas, Lenços, Meias, Vãos, Guarda-chuvas,
Espartilhos, Sout-en-Gorges,
Trabalhos rápidos, e megalos e rasões.

Filial em Santos:

RUA DO COMMERCIO, 13. — TEL.: 298.

A dimensão é de desconto!

A Nortista
CASA DE RENDAS

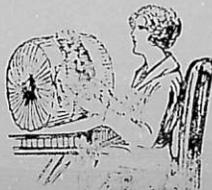
RUA LIBERDADE N. 72

Telephone: Central 2593.

Especialista em trabalhos do Ceará feitos a mão
Rendas e Aplicações de linho, fillet e crivo,
Lencinhos, Gollas, Centro de mesa, etc.

Irmãos Coelho & C.

Rico sortimento
em meias de se-
dã para Senho-
ras a preços de
reclame.



Comp. Paulista de Seguros

SÉDE

RUA SÃO BENTO, 35 — SOB.

Reservas 5.000:000\$000

AGENCIAS: Rio de Janeiro, Santos
e Campinas.

Liquidação prompta e sem descontos.

TAXAS MODICAS

NENHUMA QUESTÃO EM JUÍZO



A melhor tintura para cabellos

PETALINA

A BASE DE HENÉ

Não mancha - Completamente inoffensiva
Cada tubo acompanha um prospecto com
instrucções para sua applicação - Um tubo
===== dá para muitas vezes =====

Preço pelo correio registrado . . 10\$500

Pedidos á redacção da Revista Feminina

Av. São João, 87 - S. PAULO